LESLIE FLINT

FRAGMENTOS

Tradução: Amadeu António

IRMÃO BONIFÁCIO

A VERDADEIRA NATUREZA DE DEUS

"George Woodss pergunta ao irmão Bonifácio a razão por que os jovens não vão à igreja. O irmão Bonifácio responde que, nos últimos tempos, as pessoas recusaram o que a igreja lhes propõe. Os jovens tornaram-se mais analíticos, e reconsideraram as alegações apresentadas pela igreja. Eles estão cheios de dúvidas e de incerteza. Eles não aceitarão mais os ensinamentos da igreja que não apresentem um fundamento e uma realização que suscite convicção.

"Nos velhos tempos, as pessoas aceitavam cegamente, sem questionar, o que a igreja ensinava. Os homens no púlpito eram vistos como os porta-vozes de Deus. Hoje, os jovens encaram-nos a uma luz diferente. Eles os vêem como homens, como eles mesmos, muitas vezes carentes de inspiração. Hoje, os jovens estão a cavar mais fundo. Eles não estão mais a arranhar a superfície, e não se contentam em aceitar sem questionar. No entanto, é para os jovens que nos voltamos em busca da promoção da verdade para as gerações futuras.

"Aqueles que se encontram do outro lado estão à procura de médiuns que possam assumir o trabalho do espírito. Bonifácio explica que nisso eles se deparam com a maior decepção, porque muitas vezes os jovens estão desapontados, mesmo com o espiritualismo. Esta é a tragédia que lhes causa grande preocupação, que haja tão poucos médiuns que sejam capazes de expor essas coisas e de suscitar a convicção tão desejada e necessária. Os muito jovens estão decepcionados, porque a evidência nem sempre chega, e muitas vezes aqueles que são médiuns não cumprem as obrigações que são depositadas neles. Eles não aderem à verdade.

Neste momento, o Espiritualismo, desenvolve meios que em si mesmos são capazes de demonstrar a realidade destas coisas. Bonifácio diz que há muito poucos que sejam capazes e aqueles que são capazes sobrecarregam-se mental, física, psíquica e espiritualmente. Os espiritualistas têm de proteger os médiuns, mas muitos médiuns não se protegem. Em alguns casos, eles estão ansiosos para servir demasiado para o seu próprio bem e para o bem daqueles que procuram. Um médium, por mais sincero que seja, deve proteger-se a si mesmo e ao poder do espírito. Quando esse poder é manifesto e usado, tudo fica bem.

O irmão Bonifácio continua a explicar que há momentos, muitas vezes além do controle do médium, em que aqueles que se encontram no outro lado são incapazes de se manifestar. Muitos factores devem ser levados em consideração. Há tão poucos médiuns e, com demasiada frequência, os que servem tendem a sobrecarregar os poderes que têm. Os médiuns são por vezes fracos. Os médiuns devem ser espiritualmente propensos a ser bons médiuns.

Existe uma diferença entre o psiquismo e o espiritualismo, entre dons psíquicos e dons espirituais. Eles acham-se entrelaçados. O que precisamos são bons psíquicos e, acima de tudo, bons médiuns espirituais. Precisamos torná-lo assim para que somente o que é bom resulte daí. Muitas vezes, porém, isso não é controlável. Os que se encontram do outro lado só conseguem fazer o melhor que podem de acordo com o poder que for gerado, de acordo com a substância com que têm que trabalhar. Eles muitas vezes lidam com pessoas no plano terrestre que se sentem desapontadas e desiludidas. Ele explica que aqueles que estão do outro lado fazem o melhor que podem para elevar e inspirar, mas eles não podem forçar, e jamais tentariam levar os médiuns a fazer algo contra a sua vontade. Eles desejam o que é bom, mas ainda se acham sujeitos às condições que prevalecem em torno do médium. Eles no outro lado não são melhores do que o seu contato e do meio que usam. No entanto, eles muitas vezes obtêm sucesso.

Na sua mensagem, ele então se voltou para a questão dos jovens na igreja e na espiritualidade. Eles não são fáceis de convencer, diz ele. Eles muitas vezes esperam que tudo seja perfeito, na medida em que isso possa suportar o escrutínio e a análise. Às vezes pode, e outras vezes não. O que eles não percebem é que aqueles que se encontram do outro lado estão limitados pelas condições que prevalecem na altura. Às vezes, uma sessão pode flutuar, dependendo de diversos factores. Mas os jovens não percebem que eles próprios contribuem para as condições que tornam a comunicação possível. Às vezes, a atitude deles não é como deveria ser, apesar da sinceridade que têm. Eles precisam aprender a ser humildes.

A educação deles e as circunstâncias da vida moderna criam barreiras. Todos os que procuram compreender o espírito devem ser como uma criança pequena antes de poderem penetrar na compreensão do espírito. As pessoas devem entrar numa sessão ou numa reunião com uma mente aberta, sem restrições desencadeadas por noções e ideias preconcebidas. Eles devem estar abertos na abordagem que fazem e devem ter os corações cheios de amor para toda a humanidade e por toda a criação. Em muitos casos, eles entram neste "contracto" entre a vida após a morte e o reino terreno, e nesta fundação da bondade do amor e da paz, harmonia, da compreensão e realização espiritual, mas muitas vezes é uma jornada lenta e laboriosa. Quem quer que penetrar nessa verdade não a irá achar fácil.

Com isso, ele pretende dar a entender que ter os olhos bem abertos para as coisas do espírito é difícil, por estarem a sair do atoleiro. Precisam adoptar em si próprios um novo valor, uma nova compreensão, novas percepções, um novo propósito e penetrar numa consciência ou estado de afastamento das coisas materiais. Eles precisam aprender em consequência a ajustar-se e a dar a tudo o seu verdadeiro lugar.

Isso não é fácil para os jovens. Exige que eles sacrifiquem coisas que parecem materialmente importantes. Para uma pessoa na velhice, que tenha vivido

a sua vida, e cometido erros e avaliado valores, não é tão difícil descartar muitos desejos materiais da carne e coisas que antes pareciam importantes. É muito mais difícil para os jovens reavaliar valores, pôr de lado muitas coisas materiais que são importantes para eles na sua energia e juventude. Portanto, aqueles que se encontram do outro lado acharão os seus esforços insuficientes por os jovens não terem paciência para buscar fundo os valores mais significativos. Eles fazem juízos rápidos e ficam desiludidos com médiuns cuja qualidade não é das mais levadas. Eles não recebem a inspiração que desejavam, e assim eles se afastam.

Alguns estão ansiosos para servir e são espiritualmente conscientes, mas a vida do mundo os impede. As pessoas que muitas vezes se tornam amigáveis que pensam de forma diferente, levam-nos a deixar-se apanhar em condições materiais que por sua natureza fecham a porta ao espírito. Eles têm grande dificuldade em obter a convicção e a realização para trabalhar nos caminhos da verdade e obedecer às leis do espírito.

Alguns no plano terrestre presumem que os do outro lado se tenham distanciado para longe das coisas materiais da terra. Isso é verdade até certo ponto, mas ele enfatiza que nos encontramos todos no caminho do progresso gradual. Alguns manifestam-se num estado do ser muito distante do mundo material, onde a vida está tão distanciada que seria impossível descrevê-la por palavras que as pessoas na Terra pudessem entender. Há quem se encontre mais próximo que não se distinguem daqueles que se encontram na Terra, não na forma externa, mas na atitude, mente e plano espiritual.

Todos os homens, quaisquer que sejam os seus estratos do ser, carregam dentro de si mesmos desejos profundamente enraizados e latentes de realização espiritual, consciência espiritual, consciência espiritual e desejo de derrubar as obras do ego. Todos nós somos personagens Jekyll e Hyde. Ele diz que está sempre ciente do ensinamento simples que Cristo deu: "Dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Isto, explica ele, é um exemplo do que eles tentam imprimir sobre aqueles que se encontram na Terra, jovens e velhos.

As pessoas precisam entender o aspecto espiritual de si mesmas, com todo seu potencial e magnificência e beleza e poder, não necessariamente quando chegam do outro lado, mas enquanto ainda se encontram na Terra. Esta é a grande oportunidade que é tantas vezes perdida por todos, independentemente de credo ou cor. Eles não sugerem que as pessoas na Terra devam abandonar a vida material. Eles dizem que as pessoas deste lado devem aceitá-lo com as mãos abertas e ser felizes, apreciar o que a Terra tem de bom.

Eles compreendem as muitas tentações se colocam no caminho das pessoas. Não consideram que algumas das coisas que são consideradas tentação sejam tal coisa. Elas são muitas vezes oportunidades de reunir conhecimento e experiência.

É preciso cometer erros, mas é preciso aprender e a única maneira de aprender muitas vezes é pelo erro. O erro não é uma coisa boa, mas eles não

negam que muitas vezes o erro seja necessário. Uma criança, na sua ignorância e tolice, faz coisas tolas. Mas a criança aprenderá pelo erro, fazendo coisas que são tolas. Muitas das coisas que os homens chamam de males não são vistas por pessoas do outro lado como más.

A igreja está gradualmente a mudar. Embora as igrejas estejam vazias, os que servem a Igreja estão a mudar. O novo pastor está a mudar consideravelmente na atitude e na perspectiva, de há 100 anos para cá. E a esse respeito há esperança para a Igreja. Os jovens da Igreja verão mais claramente os erros do passado e tentarão corrigi-los. Eles demonstrarão as faculdades e os dons espirituais na Igreja e muitos retornarão em resultado. Aqueles que curam os doentes, aqueles que realizam os dons da profecia, aqueles que percebem que é possível voltar aos primórdios da Igreja quando era simples, como filhos em humildade e fé, participam do poder do espírito.

Ele diz que os primeiros cristãos viram e ouviram e souberam que a vida é contínua, e que a morte não é o fim. Foi aí que os primeiros mártires cristãos tiveram sua tremenda esperança e confiança, certeza, alegria nos seus corações. Eles receberam o poder do espírito manifestado por múltiplas maneiras. Eles estavam seguros. Eles não tinham medo da morte. Eles não receavam a libertação do espírito do corpo físico.

Um número incontável de pessoas tem medo da morte, hoje. Eles temem a enfermidade, a doença e a agonia. Outros temem as consequências e o castigo, especialmente aqueles de mentalidade religiosa dada pela igreja. Mas não há julgamento; Ninguém julga ninguém. Todos nós nos julgamos a nós próprios. Todos nos avaliamos. Quando um homem chega ao outro lado, é como se, de alguma maneira estranha, ele tivesse consciência de si mesmo pela primeira vez.

O homem é despojado de todas as coisas e já não pode usar uma máscara nem esconder-se atrás da falsa fachada construída ao longo de uma vida. Bonifácio explica que muitos que ele conheceu ficaram horrorizados quando perceberam que no mundo do espírito, não existe julgamento, nem qualquer condenação, qualquer necessidade de medo ou de apreensão. Cada homem encontra o seu próprio nível verdadeiro e realiza por si próprio para a sua própria salvação.

O que se pretende no estilo de vida cristão é que se siga o mestre, Jesus: modelar-se na medida do possível com base nele, tornar-se semelhante a ele, fazer aquelas coisas que são maiores do que nós próprios. O homem carrega dentro de si próprio o poder de se salvar a si próprio, de fazer as coisas de Deus, enquanto se encontra na terra. Ao homem é dado o poder interior de superar as numerosas fraquezas da carne, para perceber que tudo o que sucede, tudo o que acontece na Terra tem o seu lugar, significado e propósito. É preciso aprender o poder do espírito, a força vivificadora, a essência de toda bondade. Deus é poder, Deus é

amor, Deus é o aspecto criativo do eu, a energia e a vitalidade, a realização da unidade com toda a criação.

Se o homem pudesse se ver. Se ao menos os jovens pudessem perceber isso por ser na juventude que surgem as grandes oportunidades, e a força da vida para criar a fraternidade do homem, a salvação do mundo, para perceber que o mundo da Terra e a vida após a morte constituem um mundo, e não mundos separados. Os que se encontram do outro lado são desconhecidos, mas fazem parte do nosso espírito na Terra, assim como nós fazemos parte do seu espírito. Ele termina exortando-nos a abrir-nos a essas coisas, a ver e a conhecer o poder divino que se encontra por trás de toda a vida. A verdadeira realização disso, que eles nos dão, é a base sobre a qual se construirá uma compreensão do espírito para as gerações futuras. Nós na Terra vivemos em tempos difíceis. O homem criou estas condições sob as quais se encontra. Torna-se mais difícil e assustador, e pode ser horrível.

O irmão Bonifácio fala sobre a natureza de Deus. Ele descreve como a religião surgiu pela primeira vez. Ele sugere que, numa época precoce, o homem sentiu a necessidade de um grande líder, uma força ou poder supremo, que era chamado de "Deus" ou "Jeová" ou qualquer outra coisa. No entanto, não há nenhum Deus sentado a julgar ou a condenar. Deus encontra-se no homem. É a força vital, elementar, a própria essência ou âmago do homem. Isso é Deus, o poder, a força divina. Deus não julga nem condena.

A missão de Cristo foi mal interpretada. Ele disse: "Eu e o Pai somos um". O homem interpretou mal que significa que Deus é um homem sentado num trono numa forma material. Deus é o poder, a força indestrutível que dá vida. O poder de Deus ou luz de Deus é o que nos dá vida. Em diferentes estratos do ser, uma maior realização vem a ser do poder que está em si mesmo, o poder espiritual.

À medida que progredimos espiritualmente, os termos e expressões que usamos chegam a representar revelações parciais dependendo do crescimento da pessoa. À medida que nos conscientizamos mais do poder do Espírito Santo, tornamo-nos mais capazes de realizar a força potencial. Tornamo-nos cada vez mais capazes de nos tornar espiritualmente alerta e conscientes.

Esta é a descrição que Bonifácio faz de Deus:

Não existe qualquer Deus no sentido em que Deus é geralmente aceito e compreendido. Deus encontra-se dentro mas é uma força; É um poder. Não é uma pessoa; Não é uma forma; Não é um perfil. Deus é a realização do espírito de cada um, uma realização das possibilidades de si mesmo, na medida em que goze de poder e vitalidade, e de uma indestrutibilidade de natureza e género espiritual. E se tem forma, é por termos forma e contornos, na medida em que na terra temos um corpo físico, mas quando nos afastamos do corpo físico pela morte temos um corpo astral, e quando deixamos os planos astrais temos um corpo espiritual e, portanto, temos uma forma e contornos. Mas é o espírito que é Deus.

"Deus" é apenas uma palavra. É apenas um manto que reveste a realidade interior. Portanto, um termo como "Deus" é apenas um termo. Não explica nada nem é nada. É a força vital de toda a vida que é Deus. Mas não é forma. E se ele tem forma é porque nós mesmos lhe damos forma. Uma forma e contornos são necessárias, e enquanto temos forma e contornos, temos em nós mesmos o poder que nos ajuda a criar-nos à medida que evoluímos para uma forma de Deus. Mas não existe nenhum Deus no sentido em que Deus é compreendido e aceite. Isto num certo sentido constitui um mistério que tem existido ao longo dos muitos séculos do tempo.

O homem ora a Deus, mas ele realmente está orando para a força divina que é toda a vida que torna todas as coisas possíveis, seja no seu mundo ou nisso. E ele evoca esse poder ou força para o ajudar e lhe acudir, para guiá-lo e elevá-lo. Mas não é uma forma nem contornos; Não é uma pessoa que restringe as bênçãos. É um poder; é a força vital que se encontra em todas as coisas. Encontra-se nas mais humildes coisas ou formas do vosso mundo. Quer se trate de uma árvore ou folha em queda, um ser humano, ou uma nuvem no céu, tudo isso é vida, e isso é Deus. Deus é vida, não forma, nem contornos nem pessoa. Mas é a força que dá vida que se encontra por trás de todas as coisas. Ele emana e traz à existência e torna todas as coisas possíveis, todas as coisas que sejam boas e más. Pois todas as coisas se encontram em Deus e Deus se encontra em todas as coisas. Mas não é uma pessoa.

Essa força é indestrutível. Vocês podem aniquilar o corpo, mas não podem aniquilar o espírito. O próprio âmago do homem, que é invisível, é a coisa mais real de todas. Vemos a forma e os contornos exteriores, mas não vemos a consciência interior. Isso é Deus, quer se encontre na natureza ou nos seres humanos. Tudo isso é Deus. Percebam-no e sintam-no e conheçam-no na vossa alma e vocês irão ficar a saber o que é Deus.

O cérebro é uma estação receptora. A mente é Deus. É o veículo ou a expressão. Possibilita a realização de todas as coisas. Sem consciência, não poderia existir vida. Isso, num certo sentido, é Deus. Esse poder é a parte vital do homem. Temos que nos afastar da ideia pagã de que Deus seja uma pessoa. Deus não pode ser confinado a um espaço. Essa é uma pobre compreensão do poder do Espírito Santo, mas esse termo, como todas as expressões que o homem criou, serve o propósito de dar uma ideia, mas eles não podem dar uma plena expressão ou realização ao que se encontra por trás dessas ideias. À medida que o homem progride, ele consegue a capacidade de ver, de conhecer, de experimentar. Mas devemos primeiro quebrar a expressão estreita do que Deus seja. Deus não é um homem, forma ou contornos. Deus é o poder que está por trás de toda vida, o que torna possível toda a vida.

O homem deve perceber que ele é responsável pelo seu semelhante e por todas as formas de vida que existem. Todos os vários estágios da evolução fazem parte de seu reino, parte de si próprio. Somos todos compostos da mesma substância. Devemos aprender a viver em harmonia e em paz juntos. Devemos

apreciar o mais humilde antes que possamos apreciar o mais elevado. Até que conheçamos tudo quanto existe, não podemos nos elevar acima do mundano.

Quando pudermos ver o mundo dos sentidos e tornar-nos parte dele enquanto estivermos na Terra, devemos aprender a viver em paz, tranquilidade, harmonia e amor com todas as coisas. A mesma força vital flui através de todos. Encontramo-nos entrelaçados. É errado fazer guerra entre nós. Há muito que é bom que pode ser produzido e usado para enorme vantagem. Mas precisamos sacrificar-nos. Para nos aproximarmos do estágio superior do ser, precisamos aprender a colocar-nos cada vez mais atrás, harmonizar-se mais com os outros, especialmente com aqueles cujas necessidades são maiores. Devemos esquecer-nos de nós até certo ponto. Só então poderemos crescer mental e espiritualmente.

As pessoas não percebem como é necessário ser humilde. Todos os grandes profetas viram que o segredo está em ser-se humilde para se tornar grande, encontrar o Reino de Deus, encontrar a realização do poder do Espírito Santo. Eles devem tornar-se no mais baixo para se tornarem no mais elevado. Cristo percebeu isso muito mais do que os profetas do passado. Se alguém deve progredir espiritualmente, precisa tornar.se humilde. Somente na humildade podemos perceber a sabedoria que nos libertará dos grilhões do mundano. A maior força reside no que parece ser inútil.

A natureza de Deus é questão frequente, mas há tantas coisas que não podem ser reveladas ou compreendidas. Deus não é um indivíduo; É uma força e poder que se encontra em cada um. Em alguns acha-se mais emerso, mas pode ser evocado a partir do nosso interior para iluminar o nosso caminho para sempre. Tanto tem sido edificado com base no temor de Deus, mas essa é uma coisa cruel criada pelo homem que dá uma impressão errada, que opera contra a nossa natureza. Qualquer coisa que seja feita com base no medo não é boa. Tudo deve ser feito com base no amor. Nada é conseguido por meio do medo: o medo das consequências não é realização verdadeira. Todas as coisas devem ser feitas com sinceridade e fraternidade. Isso é bom. O que é feito por meio do medo é ruim.

Aqueles que não conseguem perceber ou que não vêem, aqueles que se apegam a uma imagem antiga e que aquiescem com um credo ou dogma em função da imagem, precisam aprender a encontrar progresso por si mesmos. Devemos lembrar acima de todas as coisas que a verdade será revelada se o indivíduo o possibilitar. As pessoas podem encontrar a revelação somente encontrando a realização dentro de si mesmos. A porta é destravada e nós podemos gradualmente ver as possibilidades que se encontram dentro de nós próprios. Temos dentro de nós o poder de conhecer muitas coisas. Podemos tornar muitas coisas possíveis. A fé move montanhas. Fé e amor andam de mãos dadas. Enquanto trabalhamos com base no amor e na fé, não devemos permitir que nada se intrometa no caminho do progresso espiritual.

Esse bem-estar é a paz que ultrapassa todo entendimento. Saibam que dentro de vós se encontra a resposta. Existe a possibilidade de grandeza, da verdadeira grandeza. Somos um em espírito e verdade. Grande é o poder do divino, e neste poder somos verdadeiramente irmãos, verdadeiramente eternos. Iremos superar e, assim como nós, a realização tornar-se-á cada vez mais clara. Entenderemos a sabedoria do mais alto.

MAHATMA GANDHI

Há muito preconceito criado pela tolice e ignorância do homem, por causa do orgulho nacional e da sua obstinação e desejo de posição pessoal. Até que o homem perceba que são todos de uma mesma família, que existe apenas uma religião, uma religião universal, que é a Verdade. O próprio homem criou barreiras com a sua ignorância e desejo de engrandecimento pessoal. Ele considera o seu conhecimento perfeito enquanto o conhecimento das outras pessoas é imperfeito; a sua religião é a única religião verdadeira, enquanto as outras religiões são falsas.

Existe apenas uma verdade que é o fundamento de todas as religiões. Em essência, o homem construiu em torno da religião muitas barreiras, falsidades, credos e dogmas, e consequentemente existem não apenas entre as religiões, mas entre as nações, grandes diferenças de opinião, grandes divergências e caminhos separados que causam grande infelicidade a muitos. Neste mundo reina uma enorme pobreza, e muitas vezes a pobreza não se deve apenas à ignorância, mas também ao orgulho pessoal, ao desejo pessoal do indivíduo que se encontra em condições de suprimir.

Muitas vezes a religião é a base de grande parte da infelicidade do mundo. As religiões fortalecem-se e grupos de indivíduos criam para si mesmos uma enorme massa de riqueza que não é usada em função dos pobres, nem dos subalternos, nem dos oprimidos, mas do engrandecimento pessoal de alguns, não apenas fora da religião, mas dentro dela. Onde houver uma grande força na religião, muitas vezes há uma fraqueza maior. Aquelas religiões que acumulam grande riqueza estão muitas vezes muito distantes da verdade. Eu vi isso por muitas formas diferentes.

Quando eu estive no vosso lado e desde que vim para aqui, eu tenho visto nos corações de muitas dessas pessoas que se encontram nos ditos lugares cimeiros e em posições de prestígio, e eles não se preocupam com o bem da humanidade. Eles estão preocupados com o seu orgulho pessoal e a ideia pessoal do que consideram ser a verdade, e muitas vezes estão longe da verdade. É nosso desejo, de todos quantos aqui vêm, que com o tempo, derrubemos essas barreiras que o homem criou na sua tolice. Estou interessado em que vós e outros como vós, sejam os propagadores desta grande revelação tão essencial para a felicidade e o bem-estar do mundo.

Hoje o vosso mundo encontra-se como que à beira da destruição. A qualquer altura a ponte em que o homem se encontra, que por si só é tão pouco fiável que é duvidoso que sustente o peso que lhe é colocado, por o próprio homem inconscientemente e de certa forma conscientemente ter suscitado essa condição de confusão, essa condição de ódio e de intolerância - há tanta intolerância depositada no mundo por meio da tolice do homem – mas a menos que algo seja feito muito em breve, eu posso constatar que pelo peso da tolice do homem e da ignorância combinada com a falta de espiritualidade de que padece, destruirá a própria ponte que lhe permite alcançar em segurança a margem de paz e da felicidade.

Nós, deste lado, há muito tempo nos esforçamos para construir entre o nosso mundo e o vosso uma ponte onde o homem possa subir às alturas e encontrar aquela paz que o vosso mundo não pode dar. Sabemos que só por esta verdade, somente por esta realização da comunicação entre os chamados mortos e os vivos, assenta a salvação do vosso mundo. Toda a história se repete. A própria história demonstra que o próprio fundamento da felicidade do homem assenta no conhecimento e na realização da vida que está para vir.

A vida terrena não é senão o campo de treino, a escola em que o homem deve aprender a lição que consequentemente lhe dará a oportunidade de herdar o reino do Pai vivo. Impera tanta ignorância no vosso mundo, são tão poucos os estudantes, tão poucos se encontram preparados para aprender, e são tantos os egoístas e voluntariosos, e tolos ao extremo. Vocês, meus filhos, estão preparados para se tornarem bons estudantes, estão preparados para aprender, mas muitas, muitas são as almas que não estão preparadas para aprender, não estão preparadas por qualquer forma para fazer qualquer sacrifício. Aqueles que quiserem servir a Deus devem estar preparados para sacrificar, se necessário for, mas há poucos que se encontrem preparados para sacrificar.

Em todas as organizações religiosas, conforme vocês as denominam, em todos os credos que vocês possuem e em todas as diferentes nacionalidades, há por aqui e por ali almas boas e sinceras. Mas, infelizmente, muitos só podem conceber a verdade do ponto de vista do seu próprio estreito aspecto limitado. Eles não estão preparados para ter uma mente aberta e para viver livres e receber inspiração. Eles aceitam apenas aquilo que têm aceitado e em que têm acreditado.

Para eles a revelação de Deus é como um livro fechado, o que eles sabem foi-lhes revelado a eles e isso apenas. Eles não percebem que ao longo do tempo existiram grandiosos profetas, grandiosos videntes, grandes mestres, grandes filósofos, grandes almas. E todas essas almas, em muitos casos, embora não em todos, se sacrificaram *voluntariamente* no altar do amor pelos seres humanos seus companheiros. E há poucos no mundo de hoje que estejam preparados para se sacrificar.

Para eles a sua religião é algo que lhes dá porventura num sentido exterior, uma espécie de paz, mas não a paz real. Não lhes dá a percepção de que nos esforçamos por lhes transmitir. Eles muitas vezes são falsos mesmo para si mesmos e até mesmo para aquilo que professam acreditar. Dói-nos quando vemos como no vosso mundo existe tanta malícia, tanto ódio, tanta intolerância, tanta infelicidade, tanto medo, tanta dúvida. O vosso mundo está repleto de medo: medo no seu aspecto religioso, medo na percepção da forma como sente as coisas que conhecem. [L] [L] [SEP] [SEP]

Não existe segurança nas mentes das massas de pessoas. Mesmo aqueles que professam a sua religião particular, muitos deles duvidam até do que aceitam ou professam acreditar. Há muito poucas pessoas no vosso mundo que detenham a verdade que possa torná-las livres, porque a primeira coisa que a verdade fará quando você gozarem dessa verdade é que dar-lhes liberdade de espírito. Serão capazes de receber mais e mais verdade, e o cúmulo de verdade traz-lhes uma segurança e uma paz de espírito que transcende todas as coisas. Não tem carregarão medo no coração e então serão capazes de lutar contra o mundo em que vocês precisam existir. Há muito de que queremos libertar o homem, mas acima de tudo do medo. A vida no vosso mundo está repleta de medo. As pessoas temem um imenso número de coisas.

Por há hoje tanto medo sobre o vosso mundo? Por o homem não ter aprendido o caminho. Existe apenas um caminho real. É o caminho do espírito, mas há poucos que sigam esse caminho. Existem alguns que professam isso, outros que se esforçam, mas há poucos que o consigam, por não conseguirem esquecer-se de si próprios. A primeira lição que se deve aprender é esquecer-se de si próprio. Dar em amor tudo o que for possível a partir de dentro de vós próprios, e isso lhes será devolvido. Essas coisas de que Cristo falou e todos os grandes mestres, bem como todos os grandes filósofos, ao longo dos séculos, foi que o próprio homem devia esquecer-se de si próprio e que, em troca, poderia se encontrar-se. [L] [L] [SEP] [SEP]

Quando vocês se perdem a si próprios num mar de amor então certamente vocês descobrem que amam as suas margens. É como se vocês se lançassem no poder de purificação do eterno mar de amor, e não se afogassem, mas se tornassem como que levantados, sustentados por ele, e carregados nele, e por consequência, o vosso trabalho tivesse então começo. E poderão ser lançados em muitas enseadas, que irão permitir que outros encontrem o que vocês tiverem encontrado. Acreditem em mim, meus amigos, por eu saber que só há uma maneira, que é uma maneira do amor. [L] [L] [SEP] [SEP]

Quando o homem se esquece de si próprio em amor e em serviço, então começa a viver, então começa a perceber Deus e propósito que Ele tem para ele. Então Ele mostrar-lhes-á o caminho, e como poderão vivê-lo e o que podem fazer

com ele, e como poderão permitir que outros também o encontrem. A primeira lei é amar o próximo *mais* do que a vós mesmos, que assim começarão a viver pela primeira vez. Vocês começam a respirar o ar da liberdade, e encontram a força que lhes é dada para combater todos os males do vosso mundo. Aqueles a quem foi dada a tarefa de fazer a vontade de Deus, sempre tiveram de aprender a esquecer-se de si mesmos, primeiro.

Eu, do mesmo modo que outros, não estava preocupado com a casa, com roupas, com a posição. Eu não estava preocupado com o dinheiro, e no entanto foi-me dado amor por parte dos outros que viram em mim como fizeram em outros discípulos em eras passadas. Eles viram um caminho para Deus, um caminho em que podem ajudar os outros a encontrar paz e felicidade. SEP SEP

Havia alguns no vosso mundo, como de fato ainda hoje há, que consideram que eu tinha o desejo de poder e ainda assim eu não tinha qualquer poder, somente o do amor pelas outras pessoas. Nada desejava para mim próprio, mas havia quem dissesse que interesse que eu tinha não era pelo bem dos outros, mas por mim mesmo. Havia alguns que diziam que os motivos que eu tinha eram políticos. Todas essas coisas não eram verdadeiras. Eu só estava preocupado com o bem da humanidade. Eu tentei trabalhar não só a favor do meu próprio povo.

Claro que eu tinha um dever, conforme eu o vi em erguer o meu próprio povo e levantá-los daquela condição em que se encontrava para tentar melhorá-lo num certo sentido, talvez materialmente, mas seja como for o interesse fundamental que tinha era por melhorá-los espiritualmente. Eu percebo as muitas diferenças existentes no vosso país entre os povos, especialmente no campo da religião. Foi uma grande barreira. Assim, novamente, algumas pessoas consideram que eu tenha vindo para fundar uma espécie de religião nova. Isso não foi verdade. SEP SEP

Foi somente através da meditação e da oração que fiz, e se me é permitido dizê-lo, da humildade, que eu fui capaz de receber a força e a inspiração para continuar, muitas vezes contra a doença, contra a saúde e as dificuldades de que vocês nada sabem. Mas eu disse-lhes, meus filhos, que se seguirem os passos que os grandes mestres e de mestres que o demostraram no passado, aqueles que sacrificaram muito por amor pelos seus semelhantes, vocês permitir-nos-ão a nós, através de vocês, fazer muito para aliviar o sofrimento nos corações de muitos. Não devemos esperar ver a face do vosso mundo mude por completo tão cedo. Isso eu percebo não ser possível. Ninguém deste lado pode antecipar uma coisa tão maravilhosa. Vai levar muito tempo, mas precisamos de uma cura - discípulos aqui e aí que se unam e se esforcem connosco para tornar isso uma possibilidade. São os poucos que salvarão os muitos, meus amigos. SEP SEP

Estamos muito preocupados com o seu mundo hoje. Ele não melhora, mas piora, e muito. Só é preciso de um toque que o vosso mundo entre em chamas.

Isso eu não acho que precise ser muito sublinhado; É óbvio que existe muito medo no mundo. Qual será a base desse medo? Será para o bem da raça humana? Será por certas pessoas temerem as outras nações? Não. É por eles temerem a falta ou a perda do seu próprio modo de vida, por elas temerem que possam perder o poder e a força que detêm no mundo.

Todas essas coisas se baseiam em motivos materiais, não espirituais. Eles dar-lhes-ão uma interpretação superficialmente espiritual, mas quando vocês chegam bem ao fundo da questão, vocês descobrem que as raízes estão enterradas profundamente, no material da escória da terra. Eles não se preocupam com os seres humanos enquanto tal. Eles estão preocupados com o poder. Eles estão preocupados com o dinheiro, com investimentos. Eles estão preocupados com a força do aspecto material, não o espiritual. SEP SEP

Se pudéssemos mudar a perspectiva e os pensamentos dessas pessoas colocadas em lugares cimeiros e fazê-los ver os verdadeiros valores. Mas para haver paz no vosso mundo, precisa haver harmonia, precisa haver equilíbrio. Não esperamos que vocês possam existir no vosso mundo sem coisas materiais. Mas o homem só se preocupa com as coisas materiais. Ele não considera o espiritual. Ninguém se preocupa com as coisas espirituais. É sempre a propriedade, a propriedade, as ações, o dinheiro e todas as coisas que consistem em matéria da Terra. Se é esta nação ou essa nação, eu não diferencio entre elas. Eu não defendo um credo nem, digamos, defendo uma convicção política particular sobre outra. Vejo o bem fundamental em tudo, mas vejo que, na chamada defesa desse credo político particular, milhões de pessoas podem ser conduzidas a uma morte precipitada, despreparadas para uma nova vida, cheias de erros nos seus corações e nos seus caracteres, e isso seria desastroso. SEP SEP

Ninguém poderia ganhar tal guerra, quer sejam aqueles que vivem na terra ou aqueles que venham a ela. Perspectivamos somente a destruição total, a desolação total, a infelicidade total para aqueles que aqui continuassem e para aqueles que aqui viessem, pois poucos haveria que aqui viessem preparados para a morte. A morte é algo que no vosso mundo é tabu. As pessoas têm medo de mencionar a palavra; não gostam de pensar nisso. Fogem dela.

É algo de que têm medo, por saberem bem lá no fundo dos seus corações que é uma realidade que eles eventualmente terão que enfrentar, e eles têm medo dela por saberem em si mesmos que não estão totalmente preparados para isso. Elas sabem muito pouco sobre isso e têm medo de descobrir. O medo domina os corações e as mentes dos homens, e sabemos que, a menos que algo seja feito sobre isso antes que seja tarde demais, as consequências desastrosas são tão tremendas, que quase não nos atrevemos a pensar nisso. SEP SEP

A vossa responsabilidade é grande. Quanto mais conhecimento recebem, mais compreensão têm dessas coisas, dessas verdades que lhe transmitimos, maior

é a vossa responsabilidade. Não é uma tarefa fácil que para vós próprios reservem. Asseguro-lhes, não será fácil fazer este trabalho. Na verdade, eu sei que vocês descobrem que implica muitos sacrifícios. Mas, uma vez mais, eu sei que não se importam, porque vocês gostarem de servir. É esse amor pelo servir, é esse desejo de servir que importa.

Neste serviço, vocês encontram a vossa própria salvação como aconteceu com milhares no passado. Mas no presente momento a coisa mais imperativa é como salvar o vosso mundo do desastre. Porque eu garanto que há duas grandes nações no vosso mundo que têm imenso medo, e que com esse mesmo medo, elas podem destruir não só a si mesmas, mas ao resto do mundo ou grande parte dele. SEP SEP

É esse medo terrível, esse sentimento de estarem na borda do precipício, e de que só é preciso o toque de um dedo para os empurrar. Isso é algo terrível; depois que terem tido guerras desastrosas e do homem ter sofrido tão intensamente, vocês terão pensado que tenham aprendido. Mas não, só se torna piores ainda; O homem cria para si um inferno vivo, por pensar o tempo todo exclusivamente em termos materiais. Ele não encara nada no sentido espiritual. Todas as organizações religiosas (nas suas diferentes denominações) pouco fazem para aliviar essa condição.

Às vezes falam sobre isso, sobre o "quão é terrível". Mas eles defendem o seu modo de vida conforme o encaram, ou a sua religião particular, a ponto de dizerem, "se vamos de mal a pior então estaremos justificados na defesa do nosso modo de vida", sabendo nos seus corações que o seu modo de vida contem muito mal, no entanto eles dizem: "ah, bom, é o menor dos males", e no entanto têm conhecimento da destruição que pode vir sobre o mundo que se torna terrível só de pensar. SEP SEP

Existe bem em todos; Isso eu não o nego. Em todos os corações há algum bem, e fundamentalmente, suponho eu, realmente existe bem no coração das massas: eles só desejam a paz. Mas estão tão manipulados por tantas formas distintas, que se assemelham a ovelhas que se deixam levar para o abate. É-lhes incutida a ideia de que estão sempre certos, mas frequentemente estão muitas vezes erradas. Esse medo terrível, a percepção que eventualmente deve vir ao homem de que não pode viver pelo medo, mas somente pelo amor. Esta é a nossa tarefa, a nossa responsabilidade: temos de dar ao mundo a percepção de que o amor vence tudo.

É o credo mais antigo, é a verdade mais antiga do mundo: que é pelo amor que conquistamos - não pelo ódio. O poder do amor é tremendo. Este poder de viver torna possível a nossa vinda aqui para conversarmos convosco. Este poder de amor dá-nos a força para combater os males do vosso mundo. Este poder de amor torna-lhes possível uma nova vida. Pois que, quando vocês se afastam dos

vossos, vocês entram no reino do amor, e então, se não estiverem prontos por não terem amor suficiente nos vossos corações, então vocês têm que aprender a ajustar-se e têm que trabalhar muito. É melhor saber destas coisas enquanto estão na Terra. Sejam, pois, de boa-fé, como Cristo disse: "A tua fé te salvará".

(Gandhi a esta altura fez uma pausa para responder a perguntas, não suficientemente claras, da parte do grupo.)

O passado é como aquilo que se lhes apresenta no espelho. É o reflexo da realidade. A realidade é o presente e o futuro que está para vir. Quando nos olhamos ao espelho não vemos o nosso verdadeiro eu no momento. As coisas estão invertidas. Muitas vezes não vemos a clareza do coração. O mundo está com grande necessidade de líderes - líderes espirituais. No momento presente está sendo conduzido não por líderes espirituais, mas por materiais. E mesmo alguns deles não se situam fora da igreja, mas dentro.

Não desejo ser mal interpretado como tendo no meu coração qualquer inimizade ou qualquer má vontade que presentemente não tem qualquer existência na minha natureza, mas eu digo-o por agora poder falar plenamente com base na verdade, e, portanto, não receio afirmar o que sinto, por saber que, até que muitas pessoas, particularmente aquelas colocadas nos lugares cimeiros da política e da igreja, até que eles mudem as suas índoles e a sua maneira de pensar, eles não poderão salvar o vosso mundo da destruição.

A igreja tem grande poder e pode fazer muitas coisas, mas deve lembrar-se que a igreja cristã não é a única igreja, nem é a única fé, não é o único caminho. Na verdade, a igreja cristã é pequena em comparação com o enorme número de pessoas que se situam fora dela. Lembrem-se que não é numa igreja, nem é num credo, num dogma, que a verdade é encontrada. A Verdade é encontrada apenas procurando dentro de si mesmos como Cristo disse, e a percepção de que vocês são parte de um plano divino, que vocês fazem parte do propósito de Deus e que devem esquecer-se de si próprios e que então poderão começar a servir.

Infelizmente, a maioria daqueles que proclamam ser líderes não se esqueceram de si próprios, mas apenas se lembram de que é por isso que se encontram na posição em que estão - não por causa dos méritos que tenham enquanto seres espirituais, mas por causa de mérito que têm enquanto seres materiais. E essa é a fraqueza de que o vosso mundo padece. É por isso que a força do vosso mundo é sofre uma diminuição. Não é de uma verdadeira força que vocês dispõem no vosso mundo por os vossos líderes serem quem são.

Os vossos líderes elevaram-se a um lugar cimeiro, não por motivos espirituais ou por amor espiritual pela massa da humanidade, mas apenas por estarem tão só preocupados com a posição material, o poder material e a substância. A força do amor, a força da felicidade, da alegria, a força do

conhecimento, da paz, todas as boas qualidades só existem quando vocês se esquecem de vós próprios. Essas pessoas não se esqueceram de si próprias. Elas fizeram-se apenas porque se esforçaram materialmente em função dos lugares cimeiros.

Elas não se negaram a si próprias. Muitas vezes elas aproximaram-se dos lugares cimeiros por meio da trapaça, como vocês dizem, assim como por métodos dissimulados, situações sem que superam o que eles pensam ser obstáculos não relacionados com as pessoas. Eles estão preocupados consigo próprios. Enquanto houver egoísmo e intolerância, enquanto houver ódio e malícia no íntimo dos homens, esses serão os homens que se alçarão aos lugares cimeiros e que trarão destruição ao vosso mundo.

Os verdadeiros líderes são os do espírito, os da mente. São esses que vocês devem buscar para salvação do vosso mundo e para a alegria e a felicidade que devem vir. Asseguro-lhes que a vossa salvação não reside na política, nem nos políticos, nem nas pessoas situadas em lugares elevados da igreja, nem nos credos e dogmas, mas em pessoas verdadeiras, sinceras e honestas que não procuram os lugares cimeiros do mundo, mas o reino de Deus e o amor que tem pelos seus filhos.

Estas são as pessoas em que vocês devem confiar. Aqueles que não possuem nada, que não lhes podem dar nada de material, mas que lhes dão muito espiritualmente. Aqueles que negarem o mundo salvarão o mundo. Aqueles que não têm, terão muito, porque seu é o reino de Deus, e onde eles acumulam é no céu, e isso é indestrutível.

Aqueles que acumulam grandes fortunas no vosso mundo, aqueles que acumulam grande poder para si e para os seus amigos trarão destruição e infelicidade ao mundo. Estas são as pessoas que perderão tudo. Não encontreis nada aqui, meus filhos, não vos considerais demasiado como coisas da Terra. Construam, como disse Cristo, os vossos tesouros nos céus pelo vosso coração e pelas boas obras que o vosso coração vos ordenar, e por amor servi aos seus filhos, e encontrareis a paz, e na humildade encontrareis a verdade e a verdade dar-lhes-á liberdade.

Sejam de boa-fé, meus amigos, sejam de boa-fé. Eu preciso ir, seja de paz para mas que a paz fique convosco. Estendo as minhas bênçãos a todos os povos do mundo.

RABINDRANATH TAGORE

Rabindranath Tagore: Estou muito feliz de vir aqui falar convosco. [Pausa]

Estou muito interessado em tudo o que está a acontecer com respeito a este trabalho. Estive um longo tempo a tentar ajudar deste lado. Muitas pessoas vêm... alguns de vocês, é claro, sabem muito bem, mas muitas pessoas não sabem quem vem, muitos que ajudam e prestam assistência. Claro que se for possível algumas das outras almas acabarão por se tornar conhecidas. Mas seria impossível todos falarem, porque se assim fosse, significaria que vocês teriam que vir às sessões todos os dias, e por muitos, muitos dias, por muitos anos por haver tantas pessoas muito interessadas. SEP SEP

Eu próprio estive interessado nesta matéria por muito tempo antes de eu vir para aqui. Quando eu estava na Índia, escutei muitas das almas que sentiam interesse pelas religiões, pela comunicação, etc. Oh, não era exatamente assim, é claro, mas na Índia há muitos, muitos profetas, muitos videntes, muitas pessoas maravilhosas que estão em contato com o infinito. Embora eu não estivesse tão bem inteirado quanto vocês com respeito exactamente ao como espiritualismo, eu interessava-me pelo ocultismo. Estou interessado em todos os aspectos desta matéria formidável, e oh, se era possível, e eu possuo a experiência possível para estabelecer comunicação, mas a ideia que tínhamos era bastante diferente, no entanto constitui todas a mesma verdade, diferentes aspectos da qual eram visíveis para diversas pessoas por modos diferentes, mas cada um tem o aspecto da verdade peculiar a si mesmo. Vocês têm sido muito afortunados por terem recebido tantos desses conhecimentos. SEP

Eu era um grande seguidor de Gandhi, mas não completamente. Eu tinha grande respeito e admiração por Gandhi. Mas havia outros por quem me interessava, em Benares, onde passei muito do meu tempo, e onde ouvi várias almas. Havia uma pessoa extraordinária lá a quem eu ia, que era um homem notável, mas completamente desconhecido fora da Índia. Apenas algumas pessoas tinham conhecimento dele, por entre o resto da Índia, mas fora da Índia ele não era do conhecimento do homem branco, dos europeus. SEP SEP

Eu próprio era um ocultista. Eu era capaz em mim próprio de me transportar por milhares de milhas. Nesse estado de transe, eu podia viajar no meu corpo astral e visitar lugares e pessoas, e eu aprendia a fazer uma enorme quantidade de viagens astrais. Também era capaz de usar o poder do pensamento para alcançar resultados que em si mesmos eram muitas vezes impressionantes. Eu não acho que o mundo ocidental conheça o suficiente, e na verdade sabe muito pouco sobre o poder do pensamento da alma interior, ou do poder que pode ser alcançado pela devoção, pela introspecção, sentando calma e placidamente por um período de tempo de contemplação, todos os dias, ser capaz, por assim dizer, de aprender a superar as limitações da carne.

O homem tem muito pouca percepção de como superar o eu, de como se libertar, libertar o verdadeiro eu do corpo físico. Pensa muito no corpo físico.

Concentra muito a ideia nas coisas materiais. Ao passo que, se o homem aprendesse a usar o poder do eu, do eu interior, e se concentrar nisso, ele aprenderia como superar, como fazer muitas das coisas que se acham registradas nos grandes livros das eras passadas.

Tanto o grande Buda como Jesus entendiam essas verdades do eu interior, que era como eles conseguiam realizar e fazer as coisas que ficaram registradas na história. Por outras palavras, eles conheciam o poder do eu interior, da alma interior, e sabiam como usar esse poder para superar todas as limitações do corpo. Deixa de haver limitações corporais quando vocês começam a perceber o poder que a alma interior possui. Para usar esse poder e manifestá-lo, e aprender a superar, demasiada restrição é imposta ao homem por ele só pensar materialmente e não pensar em ermos espirituais. Ele não pensa no poder interior da alma, na indestrutibilidade, como superar as limitações da carne.

Na verdade, seria uma grande coisa se as pessoas aprendessem essas verdades, porque elas mudariam não só a si mesmas individualmente, mas poderiam mudar, claro, o mundo inteiro e o pensamento do mundo inteiro e, consequentemente, o próprio mundo se tornaria num lugar realmente muito melhor. Mas existe tanta destruição no homem, há tanto pensamento ruim, pensamento errado. Tanto tempo e esforço são dados às coisas que são destituídas de importância, e nenhum tempo é dado às coisas que são coisas duradouras e vitais, as coisas da alma, as coisas indestrutíveis.

Vocês são espiritualistas conforme vocês se dizem, conhecedores de alguns aspectos da verdade, mas mesmo assim, mesmo entre os espiritualistas com os quais tenho estado em contato, em especial desde que aqui estou, estive em vários lugares onde os espiritualistas se reúnem mas muito raramente vejo qualquer realização da verdade no sentido mais elevado. É tudo num nível material muito baixo e, consequentemente, muitos deles atraem a si mesmos almas que fizeram muito pouco progresso. De facto, muitos deles são muito idênticos às próprias pessoas. De facto, eu diria que, no geral, o espiritualismo não é tanto espiritual, é bastante material, e é uma concepção muito material de algo que basicamente é espiritual. Quer dizer, é muito angustiante.

Estou muito satisfeito quando entro em contacto com algumas pessoas como vocês que estão sinceramente a esforçar-se para estabelecer contato no mais elevado sentido, para que vocês possam não só ser elevados, mas outros também. Mas eu gostaria que vocês fizessem, o que eu acho que seria muito importante para vocês, uma meditação uma vez por dia. Eu acho que se vocês pudessem ter uma meia hora de quietude onde vocês pudessem reunir-se em paz e permitir-se libertar-se das coisas materiais durante esse espaço de tempo. Passado um tempo vocês se tornariam muito mais conscientes não só do poder do espírito dentro de vós, mas daqueles que se encontram ao vosso redor que estão a ajudá-los e a tentar

pavimentar-lhes o caminho para que vocês possam continuar este trabalho de uma maneira melhor num sentido mais elevado. Vocês têm feito, eu entendo, muito bom trabalho, mas eu acho que não é nada do que podem conseguir com a cooperação do poder do espírito que se encontra dentro de si mesmos e estabelecer uma ligação mais elevada e mental e espiritual com essas almas que vêm a vós que os ajudam, muitos dos quais vocês conhecem. E como eu digo, há muitos que vocês não conhecem.

Estou muito ansioso por ajudá-los e por ajudá-los, e fazê-lo só me deixará muito feliz.

Pergunta F: "Por favor, amigo, poderemos conhecer o seu nome?"

Rabindranath Tagore: Oh, o meu nome: ele é irrelevante para vós. Eu era eu mesmo e, de facto, não tinha senão desejo de permanecer completamente desconhecido. Mas se quiserem, podem chamar-me Tagore.

Pergunta F: "Tagore?"

Rabindranath Tagore: Tagore.

Pergunta F: "Tagore poderei agora, perguntar-lhe outra coisa? Você está a falar sobre o poder do pensamento. Bom, é claro que lemos sobre isso, evidentemente, e foi-nos dito que o poder do pensamento é muito forte. Agora, no mundo espiritual… se quisermos pensar em algo, como uma xícara de chá e tomá-la, como é que esse poder do pensamento realmente funciona?"

Rabindranath Tagore: Bom, se por exemplo, vocês concentrarem a vossa mente ou os vossos pensamentos numa determinada coisa; vocês têm uma palavra para um objeto, que em si mesmo pode tornar-se uma realidade, por o pensamento ser uma realidade para nós. É algo que pode ser dirigido de tal maneira que a partir dos elementos das condições da vida em que nós existimos, existe uma substância que pelo processo do pensamento pode ser superada e usada mesmo numa fração do que vocês chamariam de segundo na aparência real desse artigo em que vocês se tenham concentrado. Mas, embora em todos os aspectos externos apresente uma qualidade física na medida em que vocês se concentrarem nela, caso seja uma xícara de chá, por exemplo, ela só terá substância para o indivíduo em questão, mas uma vez mais, só na medida em que esse poder permanece na posse do indivíduo o qual, evidentemente, obviamente depois de estar aqui por um tempo muito curto, deixa de desejar coisas mundanas como xícaras de chá.

Mas no caso de uma mulher de faxina, quem quer que ela seja, quem chegue aqui e deseje a proverbial taça de chá, pelo processo do desejo do vosso pensamento, ela assim o fará, e ela apresentar-se-á a ela, e não será como se fosse por magia. Por outras palavras, o que quero dizer é que a própria composição do

indivíduo fornece as condições e o ambiente sob o qual ele passará a existir e a viver e, consequentemente, as coisas que forem naturais e essenciais para ele achar-se-ão presentes.

Numa primeira instância, o que é mais natural do que uma pessoa que não tenha tido ambições particulares em nenhum sentido, digamos, na Terra, que tenha vivido uma vida muito ordinária, muito comum, que costumava varrer a casa ou fazer camas, ou cozinhar, o que quer que seja? Essa pessoa encontrará uma condição tão semelhante à sua perspectiva ou pensamento que essas coisas se apresentarão automaticamente; elas achar-se-ão presentes e assim a proverbial taça de chá será feita da proverbial maneira ou na maneira a que tenham sido acostumados.

Por outras palavras, essas coisas são, num certo sentido, materiais apenas para os indivíduos envolvidos, mas realmente não passam de ilusões. Estas coisas têm lugar numa vibração mundana (ou cerebral), na vibração mental do cérebro, embora eu não me refira ao cérebro físico no mesmo sentido. Vejam bem, uma pessoa não é mais do que aquilo que ela pensa ser. Se uma pessoa que vem aqui pensa que é necessário fazer todas as coisas rotineiras, mundanas, a que ela se tenha acostumado, se ela pensar que o seu corpo é o mesmo que tinha na Terra, então todas as funções do corpo e assim por diante serão os mesmos até que ela comece a perceber que se operou uma mudança que ela não entendera por completo. Ela não a terá aceitado totalmente, mas ela própria estará a limitar-se por meio das suas vibrações do pensamento e, por conseguinte, ela permanecerá nisso até que comece a pensar as condições que ela própria tenha criado de outra forma.

Por outras palavras, todos nós somos o produto, por assim dizer, do nosso próprio pensamento criativo - nem mais nem menos. Mas, é claro, uma alma mais evoluída… é por isso que eu lhes disse que, se você estiverem chateados e tiverem essa percepção do poder interior, a força vibracional interior da alma, que pode manifestar-se e, com isso, alterar mesmo as circunstâncias em que vocês existem, e em que vivem e trabalham. Assim é que isso se aplica no sentido material no seu lado. Por outras palavras, ele pode mudar mesmo as circunstâncias da vida. As pessoas não percebem: "Oh, isso não é bom para mim; por que essas coisas não mudam?" e assim por diante.

Ela não percebe que tem o poder dentro de si para alterar as circunstâncias e as condições da sua vida. Acha-se dentro de si o poder de mudar, mas até que ela perceba esse poder, não haverá mudança. Porque vocês podem mudar não só a vossa própria forma de pensamento e de vida, como também os próximos e os vossos entes queridos. É claro que eles também devem ter um desejo de mudança e eles também devem cooperar, mas o poder está lá. Dentro de toda a vida humana, existe o poder de mudar, de ser diferente, de alterar, de se tornarem

diferentes no sentido de que uma pessoa se torna espiritualmente mais consciente e conhecedora, e muitos dos inconvenientes e das complicações da existência material, consequentemente desvanecer-se-á. Tudo depende do processo de pensamento individual.

Pergunta F: "Quando você passou, com que foi que se deparou? Eu pensei que você...?"

Rabindranath Tagore: Felizmente para mim, eu tinha viajado muitas vezes do corpo da Terra para as esferas. Eu tinha entrado em certas taxas vibracionais do ser, e estava familiarizado com várias almas que estiveram aqui, algumas durante séculos. Não me foi difícil. Quando o meu tempo chegou, e eu me percebi de que estava aproximar-se a altura de deixar o corpo, foi-me simples libertar-me por completo do corpo. Não houve dor, nem sofrimento, não houve qualquer doença no meu caso, por eu finalmente saber como me libertar no final, sem nenhuma das condições que muitas vezes se dão no caso de tantas pessoas. A doença é uma força de pensamento que é tão prevalente no vosso mundo, porque o próprio homem possui uma mente enferma.

Quando o homem deixar de pensar de uma forma doentia, ele mudará, ele irá tornar-se saudável. Quando o homem tiver pensamentos saudáveis, quando ele pensar em coisas espirituais, tudo irá desaparecer dele: todas as doenças da Terra, todas as fraquezas da condição da Terra. Todas essas coisas de que vocês padecem, que o homem criou. O vosso mundo era um mundo perfeito. O homem tornou-o imperfeito com a sua loucura e ignorância e o desejo pessoal no sentido errado. O homem pensa no mal e, portanto, atrai sobre si coisas más. Tenham pensamentos puros e vocês terão um corpo são, e toda a vossa vida será transformada.

Desejo muito poder ajudá-los.

Pergunta M: "Você foi um iogue quando se encontrou na Terra?"

Isso poderá ser dito com respeito a alguns, mas é apenas um termo. Há iogas e iogas. Há de todos os tipos. Ah, na Índia, há tantas!

Pergunta M: "Com que se parecerá o seu mundo? Poderá descrever algo da condição em que se encontra?"

Rabindranath Tagore: Encontra-se tão distante do vosso mundo, que as palavras não podem descrevê-lo, e, portanto, você não pode concebê-lo nem imaginá-lo por os vossos pensamentos não poderem permitir que vocês entrem nessa condição de vida em que me encontro, por vocês não terem transformado o suficiente os vossos pensamentos ou a vossa perspectiva para poderem atingir qualquer coisa que eu possa transmitir-lhes nesse sentido.

Qualquer esforço que eu empreendesse no sentido de lhes transferir imagens ou pensamentos sobre o meu mundo, que é ao que isso equivaleria, não lhes iria dar qualquer indicação, neste momento. Receio que seja impossível. Tudo o que posso dizer-lhes é que o mundo em que eu tenho existência, é tão distante de concepção de vida que vocês têm, que não é possível, a não ser que eu posso dizer-lhes que, tanto quanto me é possível, que se puderem visualizar todas as belezas naturais do vosso mundo sem nenhuma das imperfeições, se puderem perceber todas as belezas que vocês conhecem além até mesmo do que são capazes de descrever, aquilo que vocês sentem na intensidade do ser dentro de vós, mesmo que vocês porventura num certo sentido não consigam vê-lo plenamente com os olhos da carne, se vocês puderem perceber a intensidade do amor e da beleza e da realidade da vida no sentido mais elevado possível, que é a única maneira de transmitir o que me é possível a mim ou qualquer outra pessoa para poder traçar-lhes um quadro de algo sobre a nossa vida. Existe toda a beleza, todo o amor perfeito, existe toda a oportunidade de serviço amoroso no sentido mais elevado, mas as condições em que vivemos, acham-se tão longe da descrição que só se pode sentir isso, mas não descrevê-lo; Eu não sei como seria possível.
SEP SEP

Mas isto eu digo-lhes, eu e outras almas aqui, eu, Tagore irei ajudá-los, e vou, se vocês nos derem oportunidade para tanto, reservando-se pelo menos um pouco de tempo a cada dia para se retirarem da Terra e das suas condições e transferirem os vossos pensamentos no para o mais elevado nível possível, que vocês forem capazes de alcançar, que nós e os outros, muitas almas virão e nós iremos ajudá-los. Vamos ajudá-los tremendamente no trabalho com que se comprometeram. Eu sei que vocês estão a fazer um grande trabalho, mas vocês não percebe a imensidão da tarefa que está diante de vós, especialmente se vocês a levarem para o plano elevado que eu e outros desejamos que você façam.

Vocês receberam muita instrução, vocês receberam muita orientação, vocês receberam muita ajuda. Muito conforto tem sido dado, mas há muito ainda que falta ser revelado. Tanto que só pode ser dado gradualmente, passo a passo, mas você irão subir às alturas. Mas quando tiverem atingido as alturas em que pesquisamos e desejamos para vós, vocês vão ver ao olhar para trás, como foram lento os caminhos para subir, mas como valeram a pena, porque vocês terão ganho tão grande e maravilhosa experiência e a visão do espírito que lhes tem sido dada será grande.

Estamos muito felizes e valeu a pena que tudo tenha sido como tem sido. E à medida que vocês iniciam o que vocês chamam de novo ano, que pode parecer tão importante para você e de facto é, mas que não passa da continuação, conforme sabemos, é o tempo todo dentro do tempo, ao mesmo tempo, e no entanto, eu e outros iremos ajudá-los e, você irão ver nos próximos meses, conforme os denominam, irão trazer-lhes uma grande alegria.

Ser-lhes-á dada uma grande força, e deverá apresentar-se uma grande oportunidade, mas iremos estar convosco, e não os iremos deixar ficar mal, porquanto aquilo que tanta vez lhes tem sido dito, aquilo que fazemos juntos é muito maior do que nós mesmos. Somos apenas os servos de outras almas superiores a nós. Nós fazemos o trabalho do Grande Espírito. É uma grande alegria vir a vós, meus filhos, e eu dou-lhes a minha bênção. Adeus!

Auditório: "Muito obrigado!"

"Os espíritos elevados que veem até à vossa Terra são influências ou emanações. Não são aquilo que descrevem como pessoas, mas emanações das esferas elevadas. Precisam aprender a reconhecer a impessoalidade das mensagens superiores. Quando pela primeira vez aparecemos a este médium ele insistiu em que nos identificássemos. Mas muitas são as influências que veem sob o nosso nome. Dois ou três estágios depois da nossa morte, os espíritos perdem aquilo que consideram individualidade, e tornam-se mais influências. Eu passei para a beira das esferas das quais se torna possível regressar a vós, e posso influenciar sem qualquer consideração de distância. Encontro-me bastante distanciado de vós actualmente."

William Stainton Moses

DR. CHARLES MARSHALL

(Charles Frederick Marshall 1864-1940)

DEUS E O AMOR - O MEDO –

O DOGMA E O MATERIALISMO MUTILAM A GRANDE AVENTURA DA VIDA

Dr. Charles Marshall: "É lamentável, é uma pena, quando vocês pensam de volta, sabem quando alguém, nesse sentido, volta a pensar, percebe-se particularmente o quão estúpido é que as pessoas se permitam tornar-se, por assim dizer, tão afectadas por coisas como os credos e o dogma em particular, por isso lhes estreitar a visão, lhes estreitecer o entendimento, e os deixar estáticos."

Rosie Creet: "É isso. É o que eu não consigo entender do todo." [Rosie Creet sobrepõe-se ao Dr. Marshall]

Dr. Charles Marshall: "Vejam bem, acho que a coisa mais terrível que pode acontecer a um indivíduo, mentalmente, num certo sentido, é ficar estático..."

Rosie Creet: "Pois."

Dr. Charles Marshall: "....e ter uma mente fechada, não ser receptivo, nem mesmo aceitar ou ouvir, e a mim parece-me extraordinário que uma pessoa pode permitir-se tornar-se estática. A vida é toda de tal modo vasta na multiplicidade de campos e de aspectos que envolve e a verdade é tão tremendamente ampla no conceito que engloba... Uma pessoa pode ter algum aspecto de verdade, mas é apenas uma partícula diminuta.

É como um grão de areia no deserto. Se ao menos as pessoas percebessem as tremendas possibilidades que se situa pela frente, se ao menos perceberem o que têm, que pode lhes trazer um enorme conforto - ninguém nega isso, mas é apenas uma partícula da realidade; não se tem vontae de ficar parado. Infelizmente muita gente fica tão parada por causa dos antecedentes e da educação que possam ter tido, e não querem aventurar-se adiante. A vida é uma grande aventura - muitas experiências que são necessárias e essenciais para a evolução e para o desenvolvimento, não só materialmente, mas mentalmente e espiritualmente."

Rosie Creet: "Sim, eu sei, eu fiquei surpreendida..."

Dr. Charles Marshall: "Uma das piores coisas que pode acontecer a uma pessoa é permitir-se tornar-se como que atada pelos dogmas e credos e todo o resto. A menos que pessoa tenha a mente livre, ela não poderá assimilar a verdade nem o conhecimento nem a experiência. Ela ver-se-á impedida e acorrentada a tal ponto, e eu uso este exemplo como uma das piores coisas, senão a pior mesmo que pode acontecer a uma alma, a uma pessoa. Precisamos libertar-nos, ter liberdade para expressar, liberdade para assimilar a verdade, o conhecimento, e a experiência."

Rosie Creet: "Ela tinha uma grande inteligência, sabe doutor querido, que isso deveria torná-la livre." (Referindo-se a alguém previamente mencionado antes que esta gravação começar)

Dr. Charles Marshall: "Essa é a tragédia, essa é a tragédia".

Rosie Creet: "Eu não consigo entender."

Dr. Charles Marshall: "Acho que muita gente sente medo, acho que o medo está

na base, eles receiam que, bom, possa ser uma coisa ruim para elas expandir-se ou abrir as asas. Gostam de ficar no ninho em vez de abrirem as asas."

Rosie Creet: "Sim, receio, é medo.

Dr. Charles Marshall: "É muito triste."

Rosie Creet: "Sim, do que lhes foi incutido desde a infância."

Dr. Charles Marshall: "Bem, essa é uma das coisas mais importantes que tem que se aprender a jogar borda fora quando para aqui vêm. Para algumas pessoas é muito difícil, e particularmente pessoas que tenham tido fortes convicções religiosas. Creio que sejam os que acham isso mais difícil. Por vezes chego a pensar que seja melhor para as pessoas não terem convicções religiosas. Pelo menos não terão as mentes não estão atravancadas ou fechadas.

Rosie Creet: "Ah, é isso."

Dr. Charles Marshall: "Eu acho que essa é a tragédia que eu já constatei tantas vezes com tantas almas por aqui. Elas não conseguem ajustar-se rapidamente. Estão tão cheias de barreiras que elas próprias criaram, que em certos casos lhes foram criadas provavelmente pela experiência ou conhecimento que tenham recebido. Têm dificuldade em livrar-se das velhas crenças. Elas percebem muito rapidamente, algumas pelo menos, que essas coisas não são assim.

Sabes que existem algumas pessoas, graças a Deus, provavelmente a maioria das pessoas na verdade, que em breve começa a se destrinçar. Veem que as coisas não se aplicam. A verdade fundamental que percorre todas as religiões, é como uma veia que todas as religiões têm. Tudo bem, mas lamento dizer que grande parte disso se perde por as pessoas não cavarem mais fundo, por elas não procurarem, por elas não procurarem. Eles sentem-se receosas.

Eu acho que os credos e os dogmas têm muito por que responder. E eles são, na sua maior parte, se não todos artificiais - que é o que de extraordinário têm. Não são coisas criadas no sentido espiritual pelo poder do espírito, pela manifestação do espírito. Não foram coisas decretadas por nenhuma entidade e, de facto, o extraordinário é que a maioria das religiões baseia as suas verdades na realização espiritual que lhes foi dada pelos chamados "mortos."

O extraordinário é que, não fosse, por exemplo, o retorno do Cristo após a sua morte, não poderia ter existido uma religião Cristã. Ele teve que retornar para provar a realidade da sua sobrevivência após a morte, e todas as religiões têm esse mesmo tema: a vida após a morte."

Rosie Creet: "Pois".

Dr. Charles Marshall: "E no entanto, quando vocês falam sobre essas coisas às pessoas, muitas delas esquivam-se delas como se fosse algo que não se deva discutir ou aprofundar. Semelhante ao medo e ainda assim a própria base das coisas que elas aceitam estão baseadas nessas verdades que são trazidas desde tempos imemoriais à Terra por entidades deste mundo."

Rosie Creet: "Mas toda a religião tem isso, a crença."

Dr. Charles Marshall: "Desejaria que pudéssemos falar mais do que fazemos. É realmente triste, por vezes, quando olhamos para baixo e vemos o estado de coisas em que o vosso mundo se encontra e o quanto poderia ter sido alterado se pelo menos as pessoas percebessem estas coisas de que falamos. O mal do mundo, a enfermidade mental e material de que o mundo padece foi o que o homem trouxe sobre si mesmo. E o que é extraordinário é que, um vasto número dessa gente bem intencionada, muitas vezes às quais vocês designam "religiosas" por inclinação, ou que aceitam a religião, pela experiência e pela educação que tiveram, deixa-se apanhar de tal modo pelo materialismo, que a realização espiritual que obtêm por via do pensamento simplesmente não funciona, não parece vir à tona, não lhes vale.

Sabem, muitas vezes, que as coisas que pensam e fazem são nocivas ou ruins, mas ainda assim não têm a coragem da sua convicção. A tragédia do vosso mundo está em que o homem não tenha percebido a realidade desta verdade de que falamos que lhes poderia mudar todo o ser ou o modo de vida. As pessoas falam de forma loquaz sobre coisas, sobre coisas espirituais, mas elas mantêm-nas tão separadas e distanciadas em vez de usarem esses pensamentos e de os colocar em acção nas suas vidas diárias, o que lhes mudaria não só as próprias circunstâncias e condições, mas também o mundo inteiro em consequência. Não importa se sejam católicos ou protestantes, que sejam cristãos ou budistas, sejam eles o que forem; a questão está em que a humanidade se acha circunscrita na mesma realização do objectivo final que é, naturalmente, a vida após a morte. Quer dizer, ninguém lhe escapa."

Rosie Creet: "Eu creio que a vida na Terra tem arruinado a realidade da espiritualidade. Nós nunca deveriamos ter nascido na Terra. Foi o facto de termos nascido na Terra que estragou a vida por completo..."

Dr. Charles Marshall: "Mas, minha menina, se têm que vir ao vosso mundo... por ser um campo de treino, uma sala da aulas, épor ser necessário para a evolução do indivíduo. Isso é da maior importância, e a razão porque muitas vezes numerosas

almas retornam uma e outra vez a fim de cumprir algo que é importante e essencial não só para a sua própria evolução e desenvolvimento, como para empreenderem um acto qualquer em prol dos outros, o que as ajuda na sua evolução e desenvolvimento.

O mundo da Terra é importante, mas é claro que a questão está em que o homem não goza de um verdadeiro equilíbrio. Essa é a tragédia, não se espera que todos venham a andar em torno vivenciando uma existência cem por cento espiritual no mundo material. Eu não sugeriria que assim fosse ou que fosse sequer possível. Embora nada seja impossível, mas a questão está em que deviam perceber que poderiam gozar de equilíbrio e viver num sentido espiritual ou deixar-se motivar espiritualmente."

Rosie Creet: "Mas as limitações da própria vida terrena levam-nos a perder o equilíbrio. Não se consegue evitá-lo."

Dr. Charles Marshall: "Bom, tu dizes isso, mas na minha opinião isso não é realmente assim. Parece que o homem goze desta percepção interior, desta consciência interior. Ele possui aquela faculdade espiritual ou capacidade espiritual, se preferires, que se encontra em estado inactivo, latente... O espírito encontra-se no corpo físico material, como que a rebentar pelas costuras, a tentar sair, a tentar expressar-se, a tentar fazer algo a partir do material. A substância do espírito é tal que ele poderia esmagar, poderia superar todos os aspectos menores e todos os aspectos mais grosseiros do materialismo. Mas o homem, infelizmente, na maioria dos casos, não se encontra verdadeiramente ciente disso em qualquer medida que seja, ou se estiver, receia isso, e também encara o mundo material como de vital importância num sentido material e encontra-se mais preocupado com o materialismo do que com qualquer outra coisa, e perde o equilíbrio. E eu acho que seja o equilíbrio entre os dois aspectos (que importa).

Se a motivação do espírito fosse tal que pudesse ser utilizada em todos os aspectos por intermédio do material, o vosso mundo inteiro seria mudado. Não há nada de errado com o mundo fundamental em si mesmo. Não há nada de errado com o aspecto materialista da vida na natureza e na beleza do mundo. É o que o homem está a fazer-lhe, foi o que o homem lhe fez no passado...

Você vê que a questão está em que o homem ainda não conseguiu a plena realização do poder que carrega dentro dele, que é claro que é o que todos os grandes profetas, mestres e videntes têm vindo a falar ao longo de séculos, gerações. O homem tem que chegar a saber o que é capaz de alcançar, o que ele pode operar a partir do seu próprio íntimo. Foi dito que o poder de Deus se encontra dentro de vós, o que é verdade; Deus encontra-se dentro. Quer dizer, quando usamos o termo "Deus," é claro, quando o empregamos, imediatamente

muita gente pensa em algum tipo de criatura estranha e peculiar na forma ou com os contornos do homem, mas altamente evoluído e distanciado do homem, em certo sentido, ou sentado num trono branco.

Quer dizer, Deus não é pessoa nenhuma nesse sentido. Deus não tem forma nem contornos. Deus é, por assim dizer - eu uso de novo esta expressão, esta palavra "Deus". Deus é infinito, Deus é um poder que está além da compreensão do homem. Mas é uma realidade ou força viva que anima toda a vida. A vida é animada pelo poder do espírito, pelo poder de Deus, se preferirem, eu não sei como se poderá traduzir isso por palavras, como alguém realmente o entenderá, mas essa é a parte do homem que deveria ser desenvolvida e habilitada, por assim dizer, a superar o material. Se alguém o tiver realizado, nada será realmente impossível.

Quer dizer, considera-te a ti própria, no teu próprio ser, tu tens dentro de ti, na tua consciência interior, noção destas coisas de que falamos. Consequentemente tens uma enorme fé, e consequentemente uma fé que em certa medida, te ajudou a tornar-te íntegra. Quero dizer, tens fé em mim, tens fé no Stephen, tens fé em inúmeras almas deste lado. E agora tens uma fé renovada no teu médico. Isso também te ajudou, estás a entender? Deu-te confiança.

Aprendeste a ter confiança em todos aqueles que se esforçam por servir e que se esforçam por ajudar. Isso é que é tão importante: o aspecto positivo do pensamento do qual falei no início. Tu tens essa atitude positiva de espírito com respeito a este poder do espírito. Claro que há momentos em que te deixas abater um pouco ou te sentes deprimida, por as circunstâncias serem penosas. Às vezes as coisas materiais parecem opressivas demais, mas ainda gozas da percepção fundamental destas coisas de que temos vindo a falar há tanto tempo, que te permitiram a continuar, que te permitiram, bom... qualquer que tenham sido as vicissitudes ou as dificuldades ou os problemas por que passaste tu sobreviveste-lhes.

Vê bem, se apenas as pessoas percebessem o poder que têm dentro de si mesmas que é de tal modo que muito pode ser superado, que muito de bom pode ser alcançado, que muito bem pode prosperar em circunstâncias muitas vezes onde vocês acham que seja quase impossível. Não há nada de impossível para o ser humano que tenha fé e percepção do poder do espírito, e tu gozas disso. O Stephen também, é claro. Agora, no início, quando ele veio pela primeira vez, ele encontrava-se deprimido, infeliz, apegado à Terra.

Ele sentia-se oprimido, bom, por todos os modos e tipos de pensamento e de sentimento que não eram lá muito inspiradores. Eles eram muito materiais. Mas ele perdeu tudo isso, e encontrou tanta alegria, tanta felicidade, tanta realização a

obter. Ele já conseguiu muito. Entende, isso é o que é importante: que as pessoas devem perceber que o poder que carregam dentro de si é tal que pode superar tudo.

Não há qualquer razão para que alguém não seja capaz de alcançar de alguma forma até mesmo coisas que talvez na superfície parecem ou pareceriam impossíveis de realizar. Mesmo quando, porventura - quer dizer, vocês podem constar no vosso mundo por várias formas como as pessoas superam grandes desvantagens. Quer dizer, há pessoas que talvez não consigam usar as mãos, especialmente se tiveram tido algum acidente ao nascer ou qualquer outra coisa assim, e que conseguem aprender a pintar com os pés, usando os pés como se fossem mãos.

Este é um simples... talvez não seja comparável, mas o que eu estou tentar dizer é: se vocês tiverem fé em vós próprios de que podem conseguir o que quer que pretendam conseguir, se você tiverem um pensamento positivo sobre isso e trabalharem para esse objetivo, para esse fim, vocês irão conseguir. Nada é impossível para aqueles que realmente depositam tudo o que têm nisso. E num sentido espiritual, essa é a parte mais importante, obviamente: a de que a realização que pode ser conduzida à existência pelo poder do espírito, a realização de que vocês podem alcançá-la, vocês podem conseguir, vocês podem superar. O poder do espírito transformará todo o mundo terrestre em algo que se encontra além da vossa imaginação.

O homem cria o caos, o homem cria a miséria ao redor e sobre si próprio, no seu mundo por meio da estupidez e da estupidez que plasma pelo pensamento e pela acção. Coisas estúpidas, coisas terríveis acontecem por o homem se deixar, ele próprio, infelizmente e na maioria dos casos, apanhar de tal modo pelas coisas materiais, ao colocá-las em primeiro lugar. Mas se ao menos todo ser humano tivesse equilíbrio entre o aspecto mental, o espiritual e o material, particularmente aqueles que se encontram em lugares cimeiros, que se encontram em posição de criar, se assim o quiserem, tanto bem para o mundo, quando muitas vezes criam destruição e miséria, mas eles perdem o equilíbrio.

Você vê equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio - hoje é a minha palavra de ordem, poder-se-ia dizer, com respeito a tudo. Nós não esperamos a perfeição das pessoas da Terra - por que deveríamos? Nós próprios não somos perfeitos. Estamos todos a lutar por um pouco mais, por uma sabedoria um pouco melhor, uma sabedoria um pouco maior, um pouco mais de compreensão da verdade. Todos estes passos - e são passos na direção certa - podem às vezes parecer lentos e rebuscados. Não conquistamos muita coisa com muita rapidez. Mas aprendemos lentamente, mas seguramente, e no percurso ganhamos confiança. Eu apenas sinto que a tragédia do vosso mundo esteja no facto de o homem não ter encontrado equilíbrio entre o espírito e os aspectos materiais.

A força motriz do espírito deve achar-se presente na matéria e em todos os aspectos da vida, quer seja na política, na religião, nas relações pessoais, no campo das amizades ou das relações - equilíbrio, equilíbrio, equilíbrio. Poderá não parecer que a realização do poder do amor, em particular, torna todas as coisas possíveis, e de que vence todas as coisas, poderá parecer a toda a hora. Mas no final, a longo prazo, isso é o que importa, e verão que o próprio amor superará todos os erros do homem. Mas têm que dar de si próprios, absolutamente, têm que dar de si próprios em amor e serviço.

Esqueçam-se de vós próprios no serviço e começarão a encontrar o vosso verdadeiro eu. Esta é outra coisa que as pessoas não percebem; Se vocês se perderem a vós próprios através do amor, do serviço, da ajuda, e pensarem nos outros, e derem de si mesmos o melhor que puderem, vocês poderão por vezes sair magoados no processo (sim, claro) e irão deparar-se com decepções e talvez com algumas desilusões, aqui e ali, em relação a indivíduos fracos, estúpidos e tolos. Mas a questão está em que o amor é a única coisa que realmente importa. É o amor que abre todas as portas do conhecimento e da experiência, e que torna todas as coisas possíveis.

Gostaria que às vezes as pessoas percebessem o que o poder do amor pode fazer, o que ele pode alcançar. É preciso que nos entreguemos por completo e em absoluto por meio do amor. Isto é o que fazemos, e encontramos grande alegria e felicidade no serviço e na ajuda que levamos aos menos afortunados, levando-lhes esclarecimento, fortalecendo-os quando se encontram deprimidos, ajudando-os a ver a realidade e a verdade e, assim, ajudando-os a sair da lama e a encontrar uma base sólida e sadia de modo que possam seguir em frente e encontrar a alegria e a felicidade como nós encontramos.

Sabes, Rosa, se as pessoas entendessem este espiritualismo, conforme o chamam, se só o compreendessem e praticassem, esse é o problema. Tão poucos compreendem e aqueles que o compreendem frequentemente não o praticam. Vê bem, isso irá mudar as pessoas, isso irá torná-las melhores. Se literalmente as pudermos elevar, tirá-las do lodo do materialismo, com isso podemos torná-las espiritualmente e mentalmente mais fortes, e então não teremos conseguido muito. Sabemos como é importante que as pessoas sejam consoladas e tentamos confortá-las.

Damos-lhes provas, damos-lhes convicção e, em muitos casos, talvez até as salvemos do suicídio. Mas a questão está em que muito poucas pessoas percebem do que trata tudo isto. Elas dão-se por muito felizes por arranhar a superfície, e por não cavarem fundo, contanto que elas sejam ajudadas com respeito ao seu estilo de vida que levam, de momento, e então elas lá vão velejar da mesma velha forma material. Queremos tanto levar as pessoas a perceber as implicações do que

estamos a referir, mas às vezes eu sinto que falhamos. Bom, eu disse: "falhamos." Elas próprias falham - as pessoas, quero dizer.

Sabe, Rose..."

Rosie Creet: "Sim."

Dr. Charles Marshall: "... embora não tenhamos muita oportunidade por estes dias de conversarmos juntos, fica sempre a saber que estou por perto de ti e que sempre que me enviares os teus pensamentos, às vezes ouço-te dizer mentalmente: "Onde está você, caro doutor?"

Rosie Creet: [Riso]

Dr. Charles Marshall: "Bom, eu encontro-me muitas vezes aqui."

Rosie Creet: [Mais riso] "Eu acho que consigo sentir isso."

Dr. Charles Marshall: "De qualquer forma, eu falei por muito mais tempo do que o pretendido e queria que o Stephen tivesse uma palavra contigo. Acho que por agora, talvez eu não saiba muito bem se o médium está a reorganizar-se ou o que ele está a fazer, ele parece estar um pouco numa bagunça. Mas ainda assim, espero que sejas capaz de voltar pelo menos uma vez por semana."

Rosie Creet: "Ah, eu também espero que sim, prezado doutor."

Dr. Charles Marshall: "Leva-o a arrumar-se. Estás a ouvir?"

Leslie Flint: "Sim!"

Dr. Charles Marshall: "Bom, então Bye-bye!"

Rosie Creet: "Bye-bye prezado doutor!"

Leslie Flint: [risos] "Bye-bye... Ah caramba....!"

Rosie Creet: "Obrigado pela palestra que deu!"

O DOUTOR MARSHALL FALA SOBRE A FUNÇÃO DA ALMA NA ESTRUTURA DA ALMA-GRUPO

Charles Marshall foi um médico que pesquisou o cancro, e foi autor e espiritualista. Em 1921 compareceu, junto com sua mulher, pela primeira vez, na Igreja Espiritualista. Subsequentemente juntaram-se a um círculo familiar onde ele recebeu pela primeira vez encorajamento para pesquisar a causa e o tratamento do cancro. Após se retirar do trabalho médico iniciou o trabalho e o livro que lhe fora pedido para escrever. Inicialmente, a escrita foi automática, mas ao estabelecer sintonia com os inspiradores, a escrita tornou-se mais inoperacional.

Os que com ele comunicavam foram John Hunter, Pasteur, assim como muitos outros que possuíam conhecimento especial sobre esse tema. O resultado foi "Uma Nova Teoria do Cancro e do Seu Tratamento." (Os elementos requeridos para a teoria do Dr. Marshall são agora usados na guerra atómica, são controlados pelo governo e não se acham disponíveis)

Marshall: Boa tarde...

Rose: Boa tarde.

Marshall: Aqui quem fala é Marshall.

Rose: Ah, é o doutor!

Marshall: Bom hoje, embora num certo sentido não seja propriamente hoje porque todos temos estado presentes, mas um dos novos amigos quis fazer uma tentativa de falar com outro amigo que não suporta isto, de modo a poder saltar e conversar contigo. Consegues ouvir-me?

Rose: Tudo bem, doutor Marshall. Sim, consigo ouvi-lo bem.

Marshall: Nunca tenho a certeza de como ouvem realmente, pois por vezes penso que estou a berrar quando provavelmente estou é a sussurrar. Torna-se difícil em termos do efeito, por nunca chegarmos a saber bem. Em certa medida torna-se muito difícil saber se somos escutado ou não. Consegues ouvir-me?

Rose: Sim, consigo ouvi-la na perfeição.

Marshall: Óptimo.

Rose: Surgiu alguém, mas não sei quem seria.

Marshall: Foi alguém que nunca tinha falado antes a quem chamamos Frances, embora não seja o seu nome real. Chama-se Francesco. É por isso que

ocasionalmente ele aqui vem. É alguém que nunca falara antes, mas que queria muito falar contigo em Italiano. Era um artista, ou foi um artista, para mim é isso que importa. Só precisa cultivar a maneira de falar por palavras, para o conseguir.

Bem, minha cara, que tal fazeres parte do grupo? E de um grupo bem vasto, não? Estás em unidade com o todo, não? Um grupo importante, se queres saber.

Rose: Ele faz parte do grupo?

Marshall: O Francesco faz, mas isso não tem importância por haver tantos mais. Esperamos acrescentar mais alguns, e já possui várias centenas. Deves interrogar-te da confusão que esta alma-grupo deve apresentar para os indivíduos na terra, quando preferem pensar que sejam algo completo em si mesmos. Penso que seja por isso que eu penso que as pessoas na sua maioria vivam em certa medida para si próprias e sejam egocêntricas e egoístas, e nem sempre percebam que pensam ser uma pessoa - coisa que até certo ponto são - por o seu corpo físico constituir expressão delas próprias e não percebam que o espírito não se confina a um corpo nem se poderem confinar a uma era nem a um século. O espírito é algo formidável em si mesmo, que se pode expressar em mais do que um corpo ao mesmo tempo.

Rose: Quando fala acerca do espírito... mas enquanto nos encontramos aqui vivos, por exemplo, enquanto nos movemos ao redor, etc., pode o espírito sair do corpo?

Marshall: Pode. Ah, se pode. Mas o que será porventura espantoso é o facto do espírito, digamos, daquilo a que chamas Rose Creet não se manifestar apenas num corpo físico mas presumível e possivelmente se manifestar noutra parte, possivelmente aqui, num outro âmbito do vosso sistema. A questão, entendes, está em que podes designar o teu corpo como Rose Creet, mas não podes nomear o teu espírito Rose Creet, essa parte de ti que é completa e que é parte do Todo, isso que em si mesmo se pode manifestar em diversos corpos ao mesmo tempo. Isto poderá obviamente soar-te terrivelmente confuso, mas a questão está em que a parte de ti que se expressa enquanto Rose Creet é algo que é de importância vital, para todos os envolvidos, em particular para ti. Tu vives num corpo chamado Rose Creet e por vezes tens inclinação para o abatimento, outras vezes tens inclinação para te irritares contigo própria por causa do que achas que não consegues nada, em particular na música, mas não percebes que essa parte mais vasta de ti própria se manifesta noutras partes e que tens diversos Eu a fazer coisas importantes que tu não te vês capacitada a empreender nesta tua presente encarnação na carne.

Percebes que não podes confinar o teu Eu real a esse corpo. Não percebes porque te irritas contigo própria e com o teu corpo e por que te agravas tanto por

não te poderes manifestar adequadamente por meio dele, nem percebes que a parte maior do teu ser se manifesta aqui e noutras partes e alcança coisas grandiosas? E essa é também a razão por que essa parte de ti que está associada com a parte de ti que ainda aqui se encontra no espírito é tão agravada, por perceberes que a limitação do corpo físico e que a irritação e os desapontamentos. Mas tu própria, a parte maior de ti própria não só se manifesta na Terra como se manifesta aqui e realiza coisas grandiosas.

Que achas tu que o Chopin num certo sentido significa para ti, ao te estares a sair de modo notável, e nos sentirmos muito satisfeitos com o tanto que tens realizado? Ele conta-te coisas sobre isso no teu estado do sono, o que num certo sentido é perfeitamente verdade, porque quando libertas essa parte do teu corpo físico entras na perfeição da tua alma aqui, que se manifesta no mais perfeito dos estados do ser. Claro que consegues todas as coisas que quiseres conseguir; mas só por não o conseguires na terra, do ponto de vista da limitação espacial do teu corpo, não quer dizer que não estejas a alcançar coisas grandiosas aqui.

É claro que fazes parte do Chopin e o Chopin faz parte de ti, e tu manifestas-te num pequeno sentido na terra e tu incluíste a tua alma perceberes que enquanto humano tens aquele tipo de desejo para terminares com a terra, por evidentemente quereres ser completa. Eventualmente serás completa mas precisas cumprir o teu destino, precisas cumprir esta existência terrena durante o resto do tempo terreno que te resta. Quando a deixarás para trás e não mais estiveres limitada ao corpo ver-te-ás completa e serás muito mais feliz e muito mais satisfeita do que enquanto estiveres confinada ao corpo, e manifestar-te-ás na unidade e na perfeição e descobrirás a perfeita alegria em que o teu coração reside no seu desejo e busca.

Certos aspectos físicos da tua existência, a parte confinada de ti, ao te sentires tão irritada e perturbada por causa dessas limitações te prenderem por não perceberes que tu te manifestas aqui o tempo todo. Não te encontras limitada. Porque te interessas tanto pela questão? Porque te esforças por descobrir? Porque estás sempre a pedir-me: “Conte-me, conte-me, conte-me”?

Eu sei que isso se deve às limitações do corpo, o desapontamento que sentes no sentido físico e a quereres libertar-te dele, pelo que te debates a toda a hora por te libertares desse corpo e conseguires e por voltares aqui e te enquadrares na vibração em que nós, que chegamos até ti, nos encontramos. Estamos todos a trabalhar mas tu tens que cumprir um destino; essa parte do teu corpo que ainda se manifesta, a parte de ti que opera através dele, que se debate no sentido desse objectivo. Não sei como colocar isto...

Rose: (Inaudível)

Marshall: Claro que o teu corpo constitui uma máquina e tu, em certa medida, tu expressas uma parte de ti através dessa máquina tentando desesperadamente, por vezes como se rebentando as cadeias que te prendem, e no entanto, não consegues, por precisares satisfazer o destino que te colocou nesse instrumento físico ou o teu corpo. Mas procuras a toda a hora libertar-te dele e estar aqui, para seres perfeita e para seres completa. De momento não és íntegra e percebes ser apenas uma parte. És a Rose Creet de momento, mas se te libertares do corpo eventualmente tornas-te numa alma perfeita.

Rose: Obrigado meu caro doutor.

Marshall: Assim, é muito difícil revelar-te estas coisas sem saber como colocá-las por palavras. Mas não penes que tu – e não me refiro à Rose Creet mas a ti, que és um espírito, uma essência... é apenas uma parte de ti que se encontra confinada. A parte maior de ti encontra-se aqui, ilimitada e irrestrita. Quando essa parte de ti a que chamas Rose Creet não mais se achar confinada, então serás a totalidade que desejas...

Rose: (Inaudível)... parte de mim aqui e parte de mim aí. É extraordinário!

Marshall: Sim, é claro. É extraordinário por o homem com base nas concepções tacanhas que cultiva se confinar a um corpo e a uma era, ao passo que na realidade o espírito num certo sentido não sabe como confinar-se a um espaço ou corpo. A parte íntima de ti nos últimos trinta ou quarenta anos começou a realizar a imensidão da alma e começou a pesquisar e a buscar e a esforçar-se por sair do corpo ao se dar conta do confinamento que implica. Tu esforçaste-te arduamente por descobrires a realidade, a parte mais vasta de ti ou realidade exterior ao teu corpo, e sentes a amargura de te descobrires confinada e em luta mas a Rose Creet está gradualmente a assimilar conhecimento e experiência, e quando se vir livre do corpo unir-se-á com o todo e será um ser perfeito, embora por "perfeito" não queira dizer que conheças tudo.

Mas ao mesmo tempo tornar-te-ás num ser mais perfeito e entrarás numa condição mais harmoniosa em que te verás mais completa em ti própria e dotada de um maior conhecimento e sabedoria e trabalharás em harmonia com a alma-grupo de que és parte, e a que pertences. Então, começarás a abrir-te e a expandir-te e a crescer gradualmente e aperfeiçoar-te-ás por formas que a tua imaginação possivelmente não poderá conceber.

Tu não te quererás preocupar até que esta tua existência, que é uma coisa temporária, embora seja restritivo, razão porque te sentes tão irritada contigo própria, devido às restrições desse corpo e desse espaço e tempo em que tens a tua existência. Porém é só uma fase, uma coisa passageira e tu fazes parte de uma formidável organização do espírito, és parte de um enorme grupo, não só tu como

também o médium Flint. Ele não é apenas o que parece ser superficialmente mas é exactamente como tu. Não percebes que vocês perfazem uma alma que num certo sentido é quase inquebrantável? Ele sente-se insatisfeito como tu te sentes insatisfeita com a vida e comporta-se na aparência como se não parecesse ter o desejo e os sentimentos que tu tens a atacar; talvez num certo sentido pareça ser um autómato, tal como num certo sentido tu és um autómato. Tu dizes não ser outra coisa senão um autómato e o mesmo faz ele. Não vês que ambos são veículos de expressão do espírito, e ambos têm consciência do Eu maior que reside sem o corpo físico, por outras palavras, no espaço exterior. Estão ambos a esforçar-se por algo que a terra não lhes pode dar, ao mesmo tempo têm existência no mundo em função de um trabalho.

Tu perguntas-me que trabalho será esse, quando não consegues tocar o piano nem ser a música que querias ser; não consegues fazer nada de natureza psíquica, mas eu já te disse que tu és tão psíquica quanto muitos dos presentes que se consideram psíquicos. Tu recebes intuições tais, como lhes chamas, e pressentimentos interiores e tens reacções emocionais a determinadas circunstâncias e pessoas, maiores do que concebes. A questão está em que recebes muito do teu Eu-próprio. E mais uma vez, durante o teu sono viajas para aqui, por assim dizer, e depois de estares um tempo aqui connosco, e não refiro dar sessões e ajudar as pessoas. Isso é um grandioso trabalho e foi em razão disso que voltaste à terra para cumprires esse trabalho, que em parte estava destinado.

Para que quando te libertares do corpo te tornes numa pessoa mais completa, quando te unires a outras almas, que aqui se encontram. Não vês que não és apenas uma mas muitas pessoas, embora a maioria das pessoas de que fazes parte se encontra aqui? Quando chamas a ti própria isto ou aquilo numa geração numa outra geração, tu não és isso nem aquilo. Tu tiveste corpos terrenos que te serviram para um propósito, corpos esses que há muito foram enterrados e reduzidos a pó, mas tu própria existes, tanto em temperamento como em carácter e personalidade, aqui. E quando te reunires num só organismo e te tornares numa grande alma, aí tornar-te-ás mais perfeita. Não entendes? Todas estas coisas têm um propósito, tu és parte de um plano formidável, és parte de um agrupamento da alma formidável!

Rose: Como é que o médium e eu somos tão parecidos? Qual será a razão disso?

Marshall: Por vocês terem passado por muitas fases na vossa existência conjunta, em muitas épocas diferentes e conheceram muita gente, todos familiares para um e para o outro. Vocês fazem parte de um grupo enorme que teve início no mesmo período.

Rose: E esta gente que vem ocasionalmente, suponho que façam parte do nosso grupo, não?

Marshall: Todos eles pertencem ao mesmo grupo. É por isso que eu tenho a intenção de te tentar transmitir, que há outras almas aqui que se esforçam por te transmitir pouco a pouco, à medida que o tempo passa. Mas há certas coisas que só te posso revelar na hora certa.

Rose: Estou a entender. O Oscar Wilde também faz parte do grupo?

Marshall: Certamente que sim.

Rose: Ai sim? Ah, eu adoro saber disso.

Marshall: O Chopin, o Oscar Wilde, o Valentino, o Mickey, como vocês lhe chamam...

Rose: O Mickey?

Marshall: É claro!

Rose: E a mãe, ela também fará parte?

Marshall: A tua mãe também. Mas depois, mais uma vez, torna-se difícil explicar, (...) mas a ideia de que a nossa mente, por o corpo físico constituir um mero habitáculo por um período de existência em que o espírito flui, e perceber que o espírito flui por muitos corpos, em diferentes épocas. Poderás chamar a cada corpo se o preferires, um nome diferente, já que têm diferentes experiências peculiares a si mesmos e à sua era e época particular em que vivem. Porém, é o mesmo espírito, e quando todas essas entidades, todas essas forças se unirem, então tornar-te-ás numa alma aperfeiçoada, e aí tornar-te-ás parte de um grupo perfeito. E quando atingires o estado de perfeição do ser, numa certa condição de desenvolvimento da alma e da consciência, então vais muito além da existência temporal terrena. Por outras palavras, progrides para uma certa iluminação e verdade e aí regressarás ou contactar-nos-ás de novo.

Rose: Diz que cada um de nós pertence a um grupo, e que fazemos parte do grupo, e que eventualmente nos tornaremos um. Mas certamente que cada um constitui um indivíduo separado...

Marshall: Sim, cada um constitui um indivíduo separado, mas o que estou a tentar explicar é que vós fazeis todos parte de uma alma-grupo, o que constitui algo que não pode ser explicado por palavras, por num certo sentido ser algo que

se situa fora do tempo e do espaço e não existirem palavras que o expliquem. Mas se conseguires perceber que todas as existências que tiveste enquanto condições de vida separadas, se unem num todo completo que constitui o desenvolvimento da perfeição da alma, e que essa alma particular que tu constituis e em que te tornaste ao longo de eras por intermédio de diversas experiências tidas em diversos corpos, essa alma agrupa-se com outras almas, embora vós próprios enquanto indivíduos se mantenham como unidades distintas dotadas de um plano completo ou uma coisa completa, não estareis completos até que vos encontreis todos unidos num todo e vivam como um só. Isso é o que é chamado perfeição ou corpo perfeito ou união perfeita. Unissonância, alma...

Rose: Estou a entender (...)

Marshall: Se não consegues aceitar o facto então peço-te que penses em ti como uma nota no piano. Sozinha, embora possas tocar o belo tom, serás inútil e careces das outras notas no piano para criares uma coisa bela, ou harmonia. E assim é que talvez muitas notas em diferentes escalas e em diferentes vibrações do desenvolvimento são tocadas em conjunto para formar uma harmonia completa. Se conseguires imaginar cada nota como uma alma, e cada alma num plano de desenvolvimento diferente, se quisermos, mas em todo o caso, quando são tocadas juntas numa vibração harmoniosa, terás uma unidade completa e a perfeição de tom e harmonia, que te darão uma ideia embora muito, muito vaga do que estou a tentar dizer.

Rose: Sim, creio que o entendo.

Marshall: Não sei como explicá-lo de outra forma, por num certo sentido sermos vibração; todas as almas constituem vibração, e se ao menos escutarem a sintonia que é a música ou o som de harmonia que provém da alma, entenderás (numa menor ou maior medida) como nós vivemos pela vibração musical. É por isso que a música tem a importância vital que tem para ti, e é muito mais importante e vital para nós. Gente como o Chopin, que criou harmonias espantosamente belas é uma alma tão desenvolvida que nem me atrevo a descrever o significado disso por palavras.

Mas tu fazes parte desse grupo, e é essa intensidade de desejo e de saudade que sentes na alma em relação à beleza da vibração e da música e da harmonia, que em si mesmo, poder-se-á dizer, constitui prova do facto de te teres desenvolvido ao longo de muitos períodos de tempo. Mas quando tiveres satisfeito as tuas presentes circunstâncias e condições, por saberes que fazes parte da grande alma-grupo aqui que está repleto de harmonia, beleza e amor... por aqui reinar tal glória e beleza e harmonia que se traduz pela perfeição do estado do ser... mas obviamente sentes-te irritada com o corpo físico e a condição física em que vives,

que ainda tens que satisfazer, nesse teu corpo parte do desenvolvimento da tua alma que é essencial ao bem-estar e perfeição e amor, e um instrumento na terapia no serviço realizado aqui.

Tu passas uma fase e quando essa fase terminar unir-te-ás e reunir-te-ás e serás perfeita com aqueles que também fazem parte de ti. É por isso que o Chopin e outros vêm até ti, por precisarem iluminar-te e abrir-te como que o caminho, de modo a eventualmente poderes sair desse corpo livre para sempre das coisas terrenas e materiais com perfeita sabedoria e conhecimento, com consciência de teres terminado para sempre e todas as coisas que fechadas, todas as coisas que sejam da terra, e não mais têm efeito sobre ti e para ti. Serás livre para te juntares à harmonia vibracional da alegria e do amor, numa condição de simpatia, harmonia, paz e tranquilidade aqui. Todas essas coisas ser-te-ão explicadas, passo a passo, mas precisas ser paciente.

Rose: Obrigado, prezado doutor.

Marshall: Ainda te serão dadas coisas grandiosas, coisas grandiosas. Asseguro-te de que dentro de pouco tempo uma grande iluminação te será dada. Adeus.

DR. CHARLES FREDERICK MARSHALL

SOBRE AS DIVERSAS ESFERAS DA EXISTÊNCIA

Creet: Do que vamos falar hoje?

Marshall: Eu acho que devíamos debater - ou melhor, falar sobre as esferas.

Creet: Certo.

Marshall: Por haver muito a ser dito com respeito às esferas. Há muitas condições.

Creet: Eu gostaria de as compreender a partir da mais baixa e que subíssemos gradualmente, doutor.

Marshall: Entendo! Bom, eu não me sinto particularmente inclinado a levar-te para as esferas mais baixas pela simples razão de não achar que nenhum bem possa ser alcançado com isso. E desde que eu sei muito bem que não terás qualquer contato que seja com elas quando para aqui vieres; e por ser tudo muito deprimente; e eu não quero que nada te deprima.

Creet: Mas eu acho que eu gostaria de ir até lá quando eu passar, para ver se eu posso ajudar alguém.

Marshall: Bem, minha querida, gozarás de livre arbítrio para escolheres por ti mesma, se assim desejares fazer esse tipo de trabalho, embora uma vez mais um treino especial seja necessário.

Creet: Que quer dizer com treino?

Marshall: Bem, por aqui temos universidades, conforme suponho que possam chamar-lhes, de ciência; Universidades onde as pessoas podem aprender todo o tipo de coisas essenciais para o seu desenvolvimento. E no que diz respeito a entrar nas esferas inferiores precisamos de uma certa instrução quanto ao método de abordagem, por exemplo. Não se pode simplesmente entrar, como um touro em uma loja de porcelana, numa das esferas inferiores. Acredita em mim, pode ser perigoso, mesmo para uma alma altamente evoluída, mesmo para alguém que tenha progredido até certo ponto. Penetrar nas esferas muito baixas, por si só, é uma tarefa e tanto. Eu não digo que esteja exatamente repleta de perigos, mas decerto que se pode incorrer em certa medida...

Creet: (Interrompendo) Podemos ficar contaminados se formos até lá?

Marshall: Bom, até certo ponto. Vê bem, a questão está em que as almas altamente evoluídas não se aventuram, ou muito raramente, a entrar nas esferas muito baixas. Mas existem muitos, muitos estágios de evolução e de desenvolvimento e certas pessoas, não necessariamente altamente desenvolvidas, mas ao mesmo tempo pessoas de óptima índole - espiritualmente evoluídas até certo ponto - que escolhem descer às esferas inferiores para empreenderem um trabalho de ajuda e isso revela-se uma tarefa e tanto. Vocês precisam perceber que nós, deste lado, nos encontramos mais sujeitos às situações do que qualquer coisa que conheçam no vosso mundo.

Vocês encontram-se sujeitos a situações, mas a questão está em que aqui nós nos encontramos muito mais sujeitos. Se uma pessoa escolher fazer o que chamamos de trabalho de resgate e ir até às esferas inferiores para prestar ajuda, elas tendem a ser afectadas por - de uma ou de outra maneira, em especial de acordo com o indivíduo, pelas condições com que se deparar. Não quero dizer com isto que a pessoa interessada em agir como ajudante ou líder ou que escolhe servir em alguma capacidade nas esferas inferiores, necessariamente seja necessariamente má ou inferior no seu padrão de espiritualidade para entrar nesse ambiente. Mas isso não altera o facto de poder ser, e frequentemente é afectado pelas condições mais baixas.

O mesmo, por exemplo, que ocorre convosco, num certo sentido. Supondo que tu, uma mulher detentora de uma certa educação e certamente muito nervosa; alguém que sente intensamente e que é muito musical e que está habituada a um certo padrão de vida, se fosses colocada, digamos, numa favela, ou num lugar deprimente, seria muito afectada por essas condições. Não te desenvolverias necessariamente numa pessoa como as que provavelmente irias encontrar ao teu redor, mas serias afectada mentalmente por essa atmosfera. Bom, o mesmo se aplica às almas que optam por ir às esferas inferiores para servir e para trabalhar. Elas são em certa medida afectadas pelo ambiente em que se encontram e, muitas vezes, quando retornam à sua morada normal, elas precisam de muita atenção. Por outras palavras, eles precisam ser como que revigoradas no sentido espiritual.

Creet: Como será isso feito, doutor?

Marshall: Bom, há certos locais por aqui que são, suponho que vocês os chamariam de clínicas ou hospitais ou lugares onde as pessoas podem se afastar do ambiente, das suas circunstâncias e assim por diante, ou condições, e elas são colocados nestas instituições ou... chama-lhes o que quiseres, onde elas recebem atenção; onde eles recebem um curso, se quisermos, sobre poder. Onde elas são ... Não sei como explicar isto, é muito difícil.

Vê bem, a emanação áurica que elas trazem de volta com elas da esfera inferior é tal que, logo que entram no ambiente a que realmente estão acostumadas, que é a sua condição natural, sofrem um choque. Há um período em que elas precisam gradualmente ser reabilitadas. Elas precisam ser reanimadas e ser colocadas numa posição tal em que possam ser revigoradas com as condições da esfera que elas normalmente habitam e elas precisam... Oh! Não sei como colocar isto - eles têm que livrar-se da contaminação, por assim dizer, que trouxeram consigo das outras esferas e das esferas inferiores.

Creet: Bom, essas... emanações áuricas devem assemelhar-se a tentáculos.

Marshall: Bom, eu não consigo explicar isso muito bem, é muito difícil. Se conseguires imaginar um ser humano, não tanto uma pessoa, mas a sua condição áurica, ela assemelha-se mais a uma esponja; por absorver tudo o que estiver ao seu redor, e elas têm que dispersar isso ou rejeitá-lo e reanimar-se. Elas precisam ser renovadas com as condições da sua própria esfera e certas pessoas aqui...

(Muda de assunto a meio da frase)

Vê bem, porventura não consegues avaliar o que digo, ou entendê-lo e eu não consigo explicá-lo muito bem. Mas sabemos muito mais cientificamente, e uso o termo "cientificamente" num sentido muito real, por o nosso mundo ser científico, tanto quanto é uma realidade. Ainda há muito a conhecer e a descobrir. Mesmo na

própria esfera em que vivemos, ainda há muito a constatar e a descobrir. Além disso precisas perceber que uma esfera - encara qualquer esfera como um lugar, embora na verdade faça parte de muitos - mas a questão está em que uma esfera é uma morada; é um local que foi habitado por incontáveis milhões de almas ao longo de muitas gerações, nas transições que fizeram do vosso mundo para este.

Não é uma coisa estática. Com isso eu quero dizer que os indivíduos em questão não ficam nelas. Eles não ficam estáticos nelas. Mas o local em si mesmo é estático, na medida em que as pessoas ficam nele por um período do que eles chamariam de tempo, até que tenham progredido além dessa fase, altura em que passam pela fase do que vocês chamam de "morte," embora não seja nada como a morte física como vocês conhecem...

Creet: (Interrompendo) Não, já explicou isso, obrigado.

Marshall: ...e outras pessoas ocupam-nas. Mas lembra-te de que o lugar em que uma pessoa pode encontrar-se é o que as gerações anteriores tornaram possível e vocês nunca podem reagir ou responder a qualquer coisa para além dessa fase da existência. Vocês podem naturalmente ir até às esferas inferiores ou condições mais baixas e experimentar muita coisa lá, mas se fizerem isso - embora possam fazê-lo no desejo de prestar assistência, ajudar, ao mesmo tempo, é uma missão que vocês assumem. Uma grande responsabilidade. Mas estão sujeitos por alguma forma a ser afectados por outras condições a que não estão acostumados, que não lhes são naturais ou normais, e, consequentemente, quando voltam para o vosso ambiente vocês precisam ser revigorados. Vocês precisam voltar a passar por uma purificação, se preferires. Precisam descartar da sua emanação áurica e do vosso aspecto áurico do ser todas as condições e pensamentos que tiverem captado.

Do mesmo modo que, quando atravessam a vossa vida física, ordinária, material; vocês acumulam e assimilam todo tipo de experiências - muitas das quais não são boas para vós do ponto de vista espiritual. Mas gradualmente, à medida que envelhecem e olham para trás e se tornam mais sábios, vocês percebem o quanto o sucedido foi destituído de importância, não foi essencial e, no entanto, até certo ponto vocês tiveram que o experimentar. Talvez por ser era essencial que conhecessem essas coisas, sem o que não poderiam crescer.

Vê bem, nós temos escolas aqui onde as pessoas aprendem muito sobre a natureza humana e como melhor abordar, por exemplo, um indivíduo num certo grau, ou falta de grau, de desenvolvimento e onde consequentemente se tem um conhecimento prático, se preferirmos, e se me for permitido colocá-lo assim, de uma pessoa e como trabalhar com essa pessoa para a ajudar. Como será, ou seria provavelmente melhor, ajudar essa pessoa a sair do seu ambiente actual. Mas mesmo apesar de tudo isso, não altera o facto de se poderem voltar contra uma

pessoa ou pessoas que estejam a tentar ajudar numa esfera inferior, que se revele extremamente difícil.

Talvez uma pessoa que, digamos, tenha tido ideias muito fortes e fixas, que não é necessariamente má. Mas, por exemplo, algumas das maiores dificuldades com que nos deparamos é com pessoas que possuem convicções religiosas muito fortes, fixas e firmes. Acho que já lhes dissemos antes que aqueles que são, por assim dizer, pressionados tremendamente pelo dogma e credo - não que se sintam infelizes, em particular no seu ambiente, e não pretendo dar a sugerir nem por um momento que eles se encontrem num ambiente mau ou mesmo num ambiente ruim.

Ao mesmo tempo, esses são muito mais difíceis de abordar, muito mais difíceis de trabalhar, muito mais difíceis de ajudar, do que talvez alguém que tenha sido - conforme o mundo o entende - um personagem muito ruim. No entanto, ao mesmo tempo uma pessoa podia possuir uma mente flexível. Não se encontrava de certa forma, digamos, presa ou firmemente sujeita a credos e a dogmas de forte vinculação. Sempre acho que as pessoas mais difíceis de ajudar sejam aquelas que, por muitos, muitos anos da sua vida terrena, tenham estado ligadas a credos e a dogmas.

Creet: Pois, sabe, há alguns anos atrás, creio bem, o meu irmão, quando eu costumava estar a dormir, ele costumava levar-me pelas esferas inferiores. Havia uma ou duas pessoas, mas uma em especial, de quem eu gostava muito, que era do tempo do reinado de Carlos II. E eu acredito que ele costumava vir conversar comigo e dizer-me o quanto a minha presença representava uma ajuda para ele, e eu acho que ele progrediu bastante depois disso.

Marshall: Posso crer que sim.

Creet: Já o viu?

Marshal: Eu não conheço essa pessoa em questão, mas posso crer. Quer dizer, eu sei que as pessoas na terra são frequentemente usadas para ajudar as pessoas menos afortunadas nas esferas inferiores. Por exemplo, uma coisa que ocorre invariavelmente: o mundo da terra encontra-se muito mais próximo e muito mais em harmonia, se é que o posso colocar assim, com as esferas inferiores porque, afinal, o mundo da terra é muito materialista e a maioria das pessoas que nele se encontram preocupam-se apenas com o materialismo. O que não quer dizer que elas sejam necessariamente más, embora prevaleçam muitas condições malignas no mundo. Mas é bem possível que se tu…

(Interrompe o assunto a meio da frase)

...eu sei que há um longo período de tempo tens sentido interesse nesta grande verdade, neste assunto, em relação ao que tens tido ajuda deste lado, e que foste levada a diversas esferas. E depois eu tenho a certeza absoluta de que já experimentaste muita coisa. E eu sei por causa do que chegaste a aprender e do conhecimento que assimilaste, que não haverá qualquer probabilidade de que venhas a ingressar em qualquer das esferas inferiores. Excepto, como eu digo, por tua própria vontade.

Creet: Pois.

Marshall: É bastante exequível e eu bem percebo que fizeste uma quantidade do que chamamos de trabalho de resgate enquanto ainda no corpo. E que, consequentemente, te ajudará a progredir, quando vieres para aqui, e que provavelmente não terás necessidade nem desejo de entrar em qualquer esfera ou ambiente inferior para fazeres tal serviço ou tal trabalho. A questão está em que muitas pessoas sentem a necessidade, o desejo, de fazer este tipo de trabalho. Mas seja como for, não acho que venhas a sentir esse desejo dentro de ti mesma para fazeres mais disso.

Eu acho que, com toda a franqueza, se bem te conheço, (não que eu esteja a sugerir que sejas egoísta por natureza), mas sei que te irás sentir tão feliz quando para aqui vieres para entre os teus amigos musicais e a tua música e a tua mãe, o teu pai e o teu irmão e assim por diante, que eu não penso nem por um segundo que venhas a ter qualquer desejo de descer às esferas inferiores, a menos que seja por pura curiosidade por ver que tipo de música eles têm por lá.

Creet. (Ri)

Marshall: Mas estou seguro de que se fizeres isso, não irás gostar, porque ser algo totalmente diferente de qualquer coisa que admires ou gostes.

Creet: Sim, mas seria interessante, sabe doutor; para perceber o grau de diferença.

Marshall: Bom, minha querida, posso-te garantir que não haveria muito a ganhar com isso, porque se quiseres uma boa ideia do aspecto da música das esferas inferiores, vai ao Albert Hall assistir a um concerto moderno. Não está muito longe.

Creet e Flint: (Riso)

Marshal: Se procuras discórdia e desarmonia; se procuras ruído e barulho; pois então vai ouvir um concerto de um compositor moderno.

Creet: (Riso) Não, eu não quero, muito obrigado.

Marshall: Se quiseres atravessar os infernos Wagnerianos, é inteiramente contigo.

Creet: (Riso) Bem, ele era um maravilhoso… ele era muito descritivo com relação aos infernos e assim por diante, não era?

Marshall: Sim, acho que ele deve ter tido um toque muito pessoal da sua parte.

Creet: Sim, acho que sim. É por isso que eu não gosto dele.

Marshall: Eu acho que ele é bastante típico da nação que o viu nascer, embora isso provavelmente pareça muito cruel, por haver muitos alemães amáveis. Mas o espírito guerreiro da raça alemã foi muito evidenciado na sua música. Mas isso não altera o facto, é claro, de que ele também escreveu melodias muito lindas. E eu sei que ele é uma alma muito avançada por aqui e que a sua música tem uma enorme profundidade e um enorme poder e não devo passar referências indecentes em relação ao seu trabalho, embora às vezes me sinta apenas um pouco em sintonia contigo quando ouço a tua conversa… "Eu nunca consegui suportar o Wagner custasse o que custasse…"

Creet: Não, não o consigo suportar.

Marshall: Mas sabes, tu fazes-me perguntas e eu quero respondê-las, mas eu acho esta escassez de palavras tão… oh minha querida. Como poderá alguém explicar-te algumas destas coisas? As palavras são tão inadequadas.

Creet: Sim, eu sei, mas você não precisa explicá-lo de forma absoluta e explícita, porque eu posso ler por entre as linhas. Tente como puder, embora eu não possa imaginar nada sobre o outro lado, sinceramente.

Marshall: Então, suponho que nunca te causou qualquer impressão... sei que o interesse que sentes pela música traz isto à tona... mas nunca te pareceu estranho que tenhamos músicos que se desenvolveram ou que tenham chegado a afirmar-se, por assim dizer, deste lado, que quando se encontravam na terra não apresentavam qualquer indicação musical em si. Eles talvez nunca tenham tido a oportunidade ou habilidade, mas aqui desenvolveram esses maravilhosos dons de música e são grandes músicos por direito próprio.

Creet: São?

Marshall: Ah, sim.

Creet: Como acontece isso se não tivermos o dom latente? Quer dizer, talvez eles...

Marshall: (Interrompendo) Bom, eu acho que isso acontece... O que quero dizer é que do vosso ponto de vista, já que você – refiro-me não só a ti, mas ao indivíduo comum - só podem conceber, por assim dizer, algo que tenham herdado ou nascido com o indivíduo ou que ele tenha desenvolvendo na vida material. Mas, claro, que essa é realmente apenas uma suposição tola, porque, no final de contas, uma pessoa não tem necessariamente que ser dotada em certos aspectos, do vosso lado, para ser dotada, deste.

Existe algo como uma lei da recompensa. Quero dizer, por exemplo, há muita gente no vosso mundo que tem que se virar e tornar-se limpa chaminés ou algo bastante deprimente, por não ter educação musical, antecedentes musicais, e na medida do que podemos avaliar, não sente apreço. Mas isso é falta, não em si mesmas, em certo sentido, mas falta de oportunidade, falta de ambiente - do ambiente certo - e assim por diante. A questão está em que, por uma pessoa não nascer com apreciação musical ou musicalmente desenvolvida na terra não quer necessariamente dizer que não a desenvolva de alguma forma aqui. Eu já escutei música escrita ou composta por músicos aqui que, quando na terra, não tinham o menor interesse ou conhecimento de música; que lhes dá uma enorme esperança, ao ver o que já sabes sobre isso.

Creet: Meu Deu, se dá. Esse é meu objetivo principal, quando eu chegar aí...

Marshall: (Interrompendo) Você vê, mais uma vez, as pessoas têm a essa impressão errada da sua primeira existência, de que a primeira percepção ou consciência que têm da vida seja na terra, o que naturalmente não é.

Creet: Hmm.

Marshal: Como saberão se não existiram antes de nascerem no mundo terreno? Eu iria a ponto de dizer que a vida sempre existiu, em uma forma ou de outra. Mas nem sempre constou propriamente num corpo material...

Creet: (Interrompendo) Então, não há nenhum começo nem fim, haverá?

Marshall: Bom, é um movimento perpétuo, a vida é perpétua. Eu não creio que... vê bem, só se pode aferir um começo quando podem constatar o seu começo, o que não quer dizer que não existisse antes que de teres consciência do seu começo. A questão é que tu tens consciência de uma Rose Creet, por a tua mãe te ter dito que nasceste num determinado dia, numa determinada hora ou numa certa era, num determinado lugar.

Creet: O que eu digo, doutor, que o que me intriga é o seguinte: agora nesta encarnação eu tenho uma mãe, mas na minha última encarnação devo ter tido outra mãe. O que aconteceu a todas essas outras mães?

Marshall: Ah, sê lá generosa, também deves ter tido um pai!

Creet e Flint: (Riso)

Marshall: Já por duas vezes em duas gerações que dizes que tens uma mãe; não te podias importar menos com o teu pai! Como... achas que foste produto de alguma concepção miraculosa ou algo assim?

Creet e Flint: (Riso)

Creet: Mas isso é o que me está a intrigar: mães e pais. Os pais, por exemplo...

Marshall: Os pais não têm qualquer importância, num certo sentido, e eu não o digo com indelicadeza nem de forma cruel ou hipócrita. Quero dizer, o mero acidente do nascimento é simplesmente um acidente. No final das contas, milhões de pessoas vão para a cama e as crianças nascem. Às vezes elas não são desejados. Às vezes, se fosse possível, não existiriam. A questão está em que muitas vezes o facto de nascer não é desejado.

Creet: Sim, mas se é um acidente, por que as crianças apresentam grande semelhança com os pais?

Marshall: Bom, eu acho que isso não é nada difícil de entender. Acho que nem importa.

Creet: Suponho que sim.

Marshall: Afinal, não é tanto o aspecto que tenham - vocês podiam parecer feios como o diabo - mas é o que vocês têm dentro que importa, o aspecto do vosso espírito.

Creet: É este negócio do interior que não consigo entender...

Marshall: (Interrompendo) Bem, devias entender.

Creet: Ah, bom, eu sinto diferentes coisas no meu íntimo, mas...

Marshall: (Interrompendo) Minha querida menina, há muita gente que anda pelo vosso mundo que externamente não apresenta qualquer mérito; que externamente parece tão embotado quanto água de valeta e tão desinteressante quanto... enfim. Mas por dentro, são uma alma maravilhosa, e possuem um temperamento maravilhoso, apresenta um desenvolvimento maravilhoso de caráter, formado, porventura, ao longo de gerações de tempo por tudo quanto conhecem. O que mostram por fora não tem qualquer consequência.

Creet: Mas, que aspecto teremos quando saímos da nossa concha?

Marshall: Bem, minha querida, muito bonito.

Creet: Temos?

Marshall: Sim.

Creet: O que quer dizer com isso? Teremos a mesma forma...?

Marshall: (Interrompendo) Oh, eu vejo-o. Ou seja, agora queres saber, se viveste várias gerações, por outras palavras, se tiveste várias encarnações ao longo de um período, digamos, de mil anos, qual desses aspectos terás, não?

Creet: Sim! Isso é o que me incomoda.

Marshall: Bem, a questão está em que provavelmente não te parecerás com nenhuma.

Creet: Oh Deus!

Marshal: Oh, não te preocupes, tu será reconhecida.

Creet: Bem... conte-me mais um pouco.

Marshall: Minha querida menina, eu quisera que fosse possível encontrar palavras para explicar essas coisas. Não percebes que temos - pelo menos aqueles de nós que se desenvolveram até certo ponto - algo mais importante para transmitir do que apenas a mera expressão ou forma externa. Temos a consciência e a capacidade de ver e de perceber a alma. E a alma, em si mesma, não é apenas uma forma, um rosto ou uma figura; que pode ser assumida, o que muitas vezes se destina especialmente a fins de reconhecimento quando essencial. Mas à medida que nos desenvolvemos espiritualmente e nos tornamos cada vez mais conscientes dos poderes e da grandeza do espírito, só nos preocupamos com o desenvolvimento do espírito. Somos apenas conscientes, por assim dizer, e só desejamos ser consciente e ter consciência da realidade - que é a alma interior do indivíduo. O espectáculo exterior ou cobertura é meramente uma máscara.

Creet; Eu sei, mas que aspecto terá a alma interior? Você sabe daqueles diversos instantâneos que temos de Chopin ao piano como ele próprio...

Marshall: (Interrompendo) Minha querida menina, se essas fotografias tivesse retractado uma reprodução física perfeita de Chopin, conforme vocês a entendem, vocês teriam ido para as delícias do sétimo céu. Mas a questão está em que, por vocês terem o que pensam que seja ou pareça ser uma figura informe,

resulta uma ligeira decepção, num certo sentido. Mas aquilo que quero que saibas é que o poder ardente de uma alma que só vos chega nessa forma como a que viram - sem forma - em si mesmo, em toda a sua verdadeira beleza e toda a sua grandeza, é mais importante e mais maravilhoso do que exterior físico. Tu viste, até certo ponto, e apenas vagamente, parte do homem interior.

Vê bem, no final de contas quando escutam uma grandiosa peça de música vocês não têm consciência da face nem da forma do artista que está executando essa música, embora você possam vê-lo ao piano. No entanto, dentro de vós mesmos, dentro da vossa mente, a vossa verdadeira consciência interior está muito longe do artista que está a tocar a música.

É o que a música significa para a vossa alma, a maneira como ela os eleva, por assim dizer, de vós próprios. A maneira como vocês sentem como se fossem transportados para o céu, o céu dos céus; isso é algo muito mais vital, mais importante. Vocês sentem. Você estão, por assim dizer, a tocar a própria alma do instrumentista ou do músico. Estão, num certo sentido, num contacto divino com ele.

Quisera que fosse possível explicar isso. Vês, só podem avaliar - e suponho que até certo ponto seja natural, enquanto se encontram num mundo material - que devam possuir uma forma. Precisam ter uma forma. Eu não digo que isso não exista aqui, porque existe.

Creet: (Interrompendo) Mas suponhamos, quando eu passar desta vida, por exemplo; Que aspecto irei ter?

Marshall: Por que estás tão preocupada com o aspecto que venhas a ter? Parecer-te-ás com a Rose Creet de 140 Westbourne Terrace, Londres, Inglaterra, Mundo; mas apenas por um tempo, e somente quando necessário. Entende, minha querida menina...

Creet: (Interrompendo) Então, os espíritos têm o poder de assumir formas diferentes?

Marshall: É claro.

Creet: (Interrompendo) Como será isso conseguido?

Marshall: Pela acção da mente; pelo poder do pensamento; pelos profundos sentimentos e emoções e desejos internos e a intensidade de propósito que vem de dentro.

Cret: O que deverá durar pouco tempo, enquanto o pensamento for forte o suficiente?

Marshall: Minha querida menina, se assim o quisesses - e suponho que não o faças nem um instante, mas estou só a presumir - presumindo que o desejasses tanto, quando viesses para aqui, podias sentir-te tão cheia da Rosa Creet, moradora em 140 etc... Londres, Inglaterra e tudo o mais, que quisesses parecer diferente, por estares tão chateada, como vocês dizem, com o teu velho corpo.

Creet: Certamente que sim.

Marshall: Bem, se você quiseres ser bonita e glamorosa, não há nada que to impeça. Mas, uma vez mais, não há nada a alcançar com isso, tanto quanto eu consigo constatar.

Creet: Claro que não... não.

Marshall: Afinal, o importante está, minha querida, em ti própria. Nós não os vemos como vocês se vêm ao espelho, ou muito raramente, a menos que naturalmente tenhamos uma razão especial para os querer ver como vocês são, nesse sentido, fisicamente. Vemos a verdadeira Rose Creet; a alma; a pessoa profunda, permanente, sincera que tu és, com todo o amor e a beleza que tens dentro de ti própria. Vê bem, aqui não nos preocupamos com conchas nem corpos físicos. Eles são materialmente emprestados por um tempo e para determinado propósito. Tu adoptarás o aspecto exterior da Rose Creet inicialmente quando para aqui vieres, é claro, por uma questão de reconhecimento. Mas, uma vez mais, não serás a Rose Creet de 65 anos de idade, ou o que quer que seja é. Serás a Rose Creet de 22 ou algo assim.

Creet: Logo de imediato?

Marshall: Claro que sim.

Creet: Ah!

Marshall: Não necessariamente… Em certos casos, seria assim porque, se a pessoa passasse com uma ideia fixa muito forte de si mesma, de como era quando estivesse a passar, ou quando estivesse a passar tivesse consciência de todas as suas dores e sofrimento (se ela os tivesse) e assim por diante, ela iria manter por um curto espaço de tempo essa forma de pensamento de si própria. Mas tu, com o conhecimento e a experiência que obtiveste, é muito improvável que venhas a trazer esse corpo velho para aqui de todo. Tu não vais pensar em ti mesma nesse sentido ou desse jeito. Espero que não.

Creet: Ah, espero que não. Podemos ver-nos aí?

Marshall: Claro que podem, se quiserem. E não precisam sequer de um espelho.

Creet: Não? Então como é que nos vemos?

Marshall: Reflexão na atmosfera astral, é tão simples quanto isso. Do mesmo modo que podemos ver tudo o que se passou nas nossas próprias vidas ou nas vidas daqueles que nos rodeiam. E assim, podemos atrasar o relógio séculos e séculos e mais séculos no tempo e ver o que se passou antes. Assim, podemos ver na atmosfera não só a nós mesmos, mas toda a gente. Nada é ocultado.

Creet: Isso acontece quando deixamos os nossos corpos, por exemplo, as nossas vidas inteiras serão colocadas à nossa frente?

Marshall: Sim, mas sabes... não sei se já ouviste alguma vez dizer, mas já foi referido que uma pessoa no momento de um afogamento pode passar as suas vidas em revista, já ouviste isso?

Creet: Ah, sim.

Marshall: Vê bem, o que precisas ter em mente, minha filha, é que a tua vida particular ou a minha vida particular ou a vida particular de uma alma, é gravada ao redor e nela, no seu próprio ambiente - e sempre que eu uso o termo ambiente eu não me refiro necessariamente, á habitação em que vivem, mas à sua própria emanação áurica; ao seu próprio ser. Sabes que a Bíblia tem coisas escritas de uma forma muito estranha, provavelmente escritas de uma maneira simples para as mentes simples da época. Mas, sabes, foi dito que tudo é registado…" e que “o livro da vida será aberto..." e assim por diante, "... e vocês serão julgados..."

Creet: Sim.

Marshall: Bom, a questão está em que ninguém te julga. Tu é que te julgas. E encontras-te, pela primeira vez, completamente aberta, por assim dizer, diante de todo mundo. É por isso que não podes vibrar, não podes habitar ou entrar numa condição, para a qual não te encontras preparada. Deve entrar automaticamente na condição de que fizeste parte, ou de que és parte, da própria condição.

Creet: Eu espero que passemos um certo tempo a dormir, não?

Marshall: Bem, isso depende. Você vê, não devemos juntar todas essas coisas. Quero dizer, algumas pessoas acharão essencial e necessário descansar ou relaxar ou dormir por um tempo e, gradualmente ser conduzido, por assim dizer, para o seu novo ambiente. Mas com outras não é necessário.

Creet: Ah.

Marshall: Eu não acho que venhas a dormir muito. Eu acho que contigo venha a ser tão perspicaz, tão desperta que irás andar a correr por aqui e por toda a parte: "Conte-me isto. Conte-me aquilo!"

Creet: (Ri)

Marshall: Além disso, tens tais amigos. O teu irmão, que está sempre ao teu redor, será o primeiro a estar ao teu lado e a guiar-te e a ajudar-te. E eu não estarei tão longe e sei que o meu amigo Chopin terá uma mão nisso, de alguma forma. Não, não, não. Eu sei que é natural que queiras saber tudo quanto possivelmente puderes e isso sempre me trás uma grande felicidade, em particular vir e responder às tuas perguntas. Mas a questão é, minha querida, que as perguntas - algumas delas - não podem ser respondidas no sentido material porque estarem tão distantes das coisas materiais que não há meios materiais, tanto quanto me é dado ver, por que eles possam ser respondidas. Só posso te posso dar um esboço.

Creet: Talvez mais tarde, quando tivermos coisas diferentes, as explicações podem ser mais fáceis... sem necessidade de fala, não?

Marshall: Sim, espero que sim, mas só podemos esperar para ver.

Creet: Seria maravilhoso.

Marshall: A questão está em que... a ciência, por exemplo, no vosso mundo desenvolveu-se de tal forma que, em certa medida, ajuda a provar o que estamos a tentar dizer ou a dar-te. O facto de poderes sentar-te num aposento e ver por ti própria, com os teus próprios olhos, coisas que estão a acontecer a uma centena de milhas ou mais, testemunhando no mesmo momento, em certa medida ajuda a provar, se a prova for necessária, o que estamos a tentar transmitir. Tudo fica registado na atmosfera. O que está a acontecer neste segundo está a ser registado. É como se todo o mundo etérico ou todo o éter ao redor e em torno de vós, em todo o mundo, fosse um instrumento de gravação. E vocês estão a registar os vossos pensamentos e as vossas emoções e as condições ao longo da vida.

Creet: Então não devia existir termo algum como "espaço" no Éter. Não existe espaço.

Marshall: Não, num certo sentido. Há espaço na medida em que vocês podem percorrer o espaço. Por exemplo, vocês podem entrar num avião, podem viajar pelo espaço, mas não é a coisa nebulosa que as pessoas pensam. Não é apenas ar e nuvens e assim por diante. É muito mais do que isso. A questão, entendes, é que se vocês se encontrarem numa vibração muito baixa vocês podem perfurar... (Ele faz uma pausa)

Creet: Hmm.

Marshall: ...dizia eu que, se vocês estiverem numa vibração muito baixa podem ser perfurados por uma muito elevada, sem que a vibração mais baixa tenha consciência disso sequer.

Creet: (Um pouco confusa) Eu... se eu estivesse numa vibração mais baixa eu poderia perfurar uma mais elevada, foi o que disse?

Marshall: Sim, pode funcionar dessa maneira inversa. Também pode funcionar no sentido oposto, mas hmm... oh, como poderei explicar isto? Por exemplo, eu posso atravessar uma porta.

Creet: Pois.

Marshall: Tu precisas abri-la.

Creet: Pois... Ah sim, estou a entender. Compreendo.

Marshall: É apenas uma questão de vibração.

Creet: Pois, pois. Ah, isso é tudo muito interessante.

Marshall: Os "operadores" estão muito calmos, não estão? (Referindo-se ao ajudantes do outro plano)

Creet: Sim, eles estão. Como pode? Alguém deve estar com eles... (Para Leslie Flint) É muito interessante tudo isso.

Flint: É, não é! Eu estava meio adormecido.

Creet: (Para Flint) Oh, santo Deus!

Marshall: Sabes, eu gostaria de poder ilustrar certas coisas. Lembro-me de que em muitas ocasiões, quando os pacientes tiveram uma perna ou um braço removido, muitas vezes eles diziam que podiam sentir os dedos das mãos ou dos pés e no entanto eles já não os tinham. Era apenas o corpo etérico que estavam a sentir. O corpo etérico é o que sente. Vê bem, o corpo físico propriamente dito não tem sensação, é o corpo etérico que é consciente.

Creet; Pois, porque uma vez que o corpo etérico parte, bem, não há nenhum sentimento, há?

Marshall: Quando a morte ocorre. Na verdade, as pessoas dão muita importância ao corpo físico. Percebo, é claro, que deve deva ser cuidado e é um dever muito essencial que se deva cuidar do corpo físico. Mas, na realidade, se as pessoas tivessem tanto interesse pelo corpo etérico e o desenvolvessem na mesma medida e cuidassem dele como cuidam do corpo físico, bem, eu tenho a certeza de

que as pessoas teriam um maior conhecimento e uma maior consciência e elas certamente desenvolver-se-iam numa linha muito mais altamente espiritual. Sabes, esta verdade - e trata-se de uma verdade muito grande e maravilhosa e vital para a raça humana - se ao menos fosse ensinada. Se ao menos fizesse parte do currículo, por assim dizer, desde a infância, muito poderia ser feito.

Bom, as religiões, é claro, há séculos têm sido usadas num sentido material. Quer dizer, eu não quero dizer que não haja uma base de verdade, porque há e não há dúvida de que existe uma grande dose de bem na maioria das religiões. Mas a questão está em que há séculos que elas são usadas pelos indivíduos para apoiar as suas próprias ideias, para apoiar a sua própria personalidade ou sustentar os seus próprios bolsos.

Creet: Sim. Para se sustentarem.

Marshall: A questão está em que a religião é um calmante para a raça humana. A questão está em que o homem deve perceber que ele é um ser espiritual que se encontra num processo de desenvolvimento, que ele possui poderes espirituais dentro de si mesmo. Ele não precisa ir a quem quer que seja para saber mais sobre eles ou para os desenvolver - pelo menos ele não deveria. Ele devia ter consciência deles. Ele deve saber sobre eles. Nenhum homem, nenhum sacerdote, nenhum clérigo tem o poder de os absolver, por exemplo, de qualquer pecado ou de qualquer coisa que tenham feito de errado. É algo por que vocês mesmos devem pagar por alguma forma que, acredita no que te digo, pagarão pela própria lei da natureza em si mesma.

O que quer que se faça na vida - e isso não se aplica só à vossa vida, mas a todas as vidas, a todas as fases de existência - o que quer que se faça, é um processo gradual de evolução. E se cometerem erros, então aprendem com esses erros e até certo ponto vocês sofrem-nos. Mas a questão está em que, eventualmente, vocês se desenvolvem e crescem além de todo o reconhecimento – lá voltamos novamente ao reconhecimento - além de todo o reconhecimento do aspecto material.

A questão está em que, a vida é assim. A vida é toda é progressiva pela simples razão de fundamentalmente constituir movimento. É movimento. Não fosse pelo atrito, por exemplo, e vocês não estariam no mundo em absoluto. A vida desenvolveu-se a partir de atrito. Toda a natureza é movimento, é atrito. Mas eu posso... oh, há tanta coisa que eu preciso dizer-te. E no devido tempo, eu irei fazê-lo.

Tudo o que eu quero é que percebas que estás a ser cuidada da melhor maneira que podemos. Nós fazemos o que está ao nosso alcance por ti, mas, em certa medida, obviamente, precisas fazer algo por ti mesma. É a sua vida que estás

a moldar e que em certa medida já moldaste. Mas não desanimes nem te dissuadas, porque até certo ponto poderes sentir que sejas um fracasso. Todos nós sentimos que somos uns fracassos. E acredita em mim, há muitas pessoas que vêm para aqui que sentem ter fracassado e que não conseguiram muito ou que não conseguiram nada.

Eu sei que tu, em particular, sentes que não conseguiste nada no sentido musical. Mas, uma vez mais, não te julgues com severidade. Tu não sabes o que podes ter alcançado num sentido espiritual. Tu não sabes o que podes ter feito, e eu certamente que conheço um pouco mais do que tu, e quando para aqui vieres irás ficar agradavelmente surpreendida, por muita coisa ter tido lugar de que não sabes nada do que, eventualmente, virás a saber alguma coisa. Mas tem boa-fé e bom coração. Há tanta coisa, minha filha, que temos que falar, tu e eu, mas iremos ter muitas oportunidades.

Creet: Oh, eu espero que sim.

Marshall: Eu preciso ir. Eles dizem-me que o poder está a diminuir, mas conseguimos manter aqueles operadores abençoados quietos por uma hora. De qualquer forma, Deus te abençoe, minha querida. Ver-te-emos novamente na quarta-feira à noite.

Creet: Sim, muito obrigado, doutor querido.

Marshall: Adeus

Creet e Flint: Adeus.

Flint: Esta foi uma longa conversa, não? Esse negócio de não ser reconhecido é um pouco intrigante, não é? Quer dizer, eles dizem que se fazem reconhecer uns aos outros e tudo o mais, mas perdemos a nossa forma física. Isso sim, preocupa-me.

Creet: ...pois, perdemos a nossa forma física, mas podemos assumir essa forma; extraordinário! Eu não sei, mas eu gostaria de saber como realmente parecemos sem qualquer suposição.

Flint. Bom, é claro, o tempo nada significa para eles, mas eu suponho que, quando passarmos para lá, obviamente, provavelmente manteremos a nossa aparência física externa, talvez por um longo tempo caso o tempo tenha existência.

Creet: De jovem, de cerca de 20 ou 22 anos de vida.

Flint: Mas eu acho que há algo de intuitivo em relação... Quer dizer, por exemplo, considera uma pessoa que seja completamente cega e que não consiga reconhecer ninguém. Bem, eles possuem um sentido fantástico não é?

Creet: Oh, sim.

Flint: Bom, talvez seja algo parecido. Não que as pessoas do outro lado sejam cegas, eu não quero dizer isso. Não sei. É muito interessante.

FLORENZ ZIEGFELD
UMA MENSAGEM DE ESPERANÇA E DE CORAGEM

Ziegfeld: "Muito bem, eu só apareci por alguns momentos para ganhar um pouco mais de experiência a falar convosco. Vocês conseguem ouvir o que eu estou a dizer?"

Pergunta: "Sim, você... [Ininteligível] Flo. Você sempre veio."

Ziegfeld: "Eu quero tornar o meu... [Ininteligível] vosso lado, se calhar..."

Pergunta: [Riso]

Ziegfeld: " De qualquer modo se vocês quiserem fazer alguma coisa, a perseverança é uma das coisas mais importantes. Se vocês quiserem comunicar, vocês têm que perseverar e continuar a tentar e a forçar. Se pudessem ver todas estas pessoas que estão por aqui, eu acho que vocês teriam muito do que falar."

Pergunta: "Hmm... Diga-nos... Uma vez que veio até nós e que aqui se encontra, bem que nos pode dizer... bom, algo acerca do seu grupo e assim por diante."

Ziegfeld: "Bem, eu não acho que errasse muito se não dissesse que tenho alguém, pelo menos uma pessoa de cada nação ou nacionalidade e de todas as gerações, sob o sol aqui. Quanto mais vemos da vida mais percebemos quanto precisamos aprender.

Mesmo neste lado, eu percebo que existem almas que estão aqui há séculos e séculos, que progrediram para além de toda a aparência externa do corpo físico, ainda que mantenham, poder-se-á dizer... hmm, personalidade, pois é a personalidade que vocês entendem e sentem, e num certo sentido vocês vêem, mas não vêem essa personalidade, vocês não vêem esse indivíduo, se quisermos, num esboço ou forma física, mas é algo de que vocês têm consciência, e são almas altamente evoluídas que deixaram para trás por completo e em absoluto todas as condições da Terra, todos os vestígios da vida material. São inteira e exclusivamente Espírito, e consequentemente, os seus órgãos físico externos... o organismo desapareceu por completo."

Pergunta: "Você quer dizer que simplesmente não os sentimos, não conseguimos ouvir nada?"

Ziegfeld: "Bom, poderá dar-se esse caso, por eu não os poder alcançar e eles não poderem manifestar-se no plano particular da minha existência. Sem dúvida, com o tempo, eventualmente eu elevar-me-ei o suficiente para que eles se me tornem visíveis como seres humanos, que é, digamos, o que diremos como que as almas dos espíritos ou das pessoas. Que eles tenham exactamente a mesma forma, eu duvido, não sei, mas há uma coisa que eu acho que se torna muito óbvia ao ouvido, quando estamos aqui há algum tempo, ou deverei dizer mais exatamente, quando tivermos conseguido qualquer tipo de progresso; gradualmente perdemos todos os aspectos materiais, e os aspectos físicos que diferenciam macho e fêmea desaparecem gradualmente, e temos no lugar disso um indivíduo sem sexo, um espírito destituído de sexo, sem nenhuma diferença física real. Não sei se estou a deixar isto suficientemente claro."

Pergunta: "Sim, Flo, eu acho..."

Ziegfeld: "Creio que quando chegamos às coisas básicas, percebemos que a forma física externa do corpo humano é meramente uma questão de... bom... quase se poderá dizer, fortuita. Se realmente será fortuito ou não, não sei, mas ser de um sexo ou do outro é, num certo sentido, destituído de importância. Simplesmente acontece à medida que crescemos, somos do sexo feminino ou masculino ou uma mistura dos dois.

Muito bem, então uma vez aqui, vocês começam a perceber que existe como que uma fusão, por assim dizer, muito mais do que alguma vez na Terra, entre homens e mulheres. Há uma espécie de rejuvenescimento, eu nem sei se é mesmo a palavra que deva usar, mas há uma consciência e um despertar para as realidades cósmicas e a consciência da vida, espiritual, que gradualmente retira todas as velhas ideias terrenas com respeito a homens e mulheres e muitas das coisas pertencentes ao sexo do vosso lado. Isso não acontece necessariamente de uma vez, estou certo disso, e certamente não ocorreu no meu caso e no de muitos dos meus amigos aqui, que eu sei que retêm exteriormente a mesma aparência idêntica que tinham na Terra ou possivelmente um pouco ou bastante mais jovem. Mas eu sei da parte de alguns daqueles com quem estive ligado, ou com quem estive em comunicação, que com respeito à aparência externa não existe sexo. Não sei se vou descrever isto tão bem, mas a questão é essa... perdemos..."

Pergunta: "Perdemos parte das emoções, suponho?"

Ziegfeld: "Sim, tudo se torna num estado altamente refinado, num estágio ou estado de evolução onde o amor se torna o factor dominante, mas é um amor completa e absolutamente espiritual onde os antigos desejos e as velhas condições físicas se perdem, o que pode não acontecer com alguns por muitos, muitos séculos do tempo, conforme o designam."

Pergunta: "Então os órgãos do corpo também retrocedem, os órgãos do nosso corpo, por exemplo, tudo isso deve gradualmente desaparecer?"

Ziegfeld: "Pois sim, mas entende, eu não sei, mas eu acho que alguém poderá ter-te dado essa ideia a conhecer antes, mas gradualmente todos os órgãos internos desaparecem. Por exemplo, quando para aqui vêm pela primeira vez, vocês sentem desejo de comer e de beber e vocês têm essas coisas, mas gradualmente o desejo de comer e o desejo beber deixa-os, de modo que ao longo do processo do tempo vocês descobrem sem qualquer tipo de, porventura, consciência interior, em primeiro lugar, que certos órgãos gradualmente começam a desaparecer, e eventualmente descobrem que perdem o desejo de comer e de beber; não usam do mesmo tipo de abordagem mental das coisas, de modo que certas partes, por assim dizer, do corpo desaparecem. Deixam de ter qualquer valor ou qualquer uso. Então o mesmo se aplica, por exemplo, aos órgãos físicos, e aos órgãos sexuais."

Pergunta: "Sim, mas em certas alturas deve existir forma, não?"

Ziegfeld: "Ah sim, sim, eu sei disso, mas o que estou a tentar dizer é que, enquanto processo gradual de mudança da mentalidade, mudança gradual da personalidade, mudança gradual da personagem da pessoa, o corpo espiritual começa a ser afectado pelo aspecto mental e pelo aspecto emocional, o eu interior, a alma, se quisermos, de modo que notam essas mudanças a ocorrer gradualmente, e chegam a um estado tal que vocês deixam de existir numa determinada esfera ou esferas, e entram num estágio muito mais elevado do ser, num estado muito mais elevado da vida em que as coisas são completamente diferentes, onde vocês perdem a forma exterior conforme a compreendem."

Pergunta: "Teremos que passar por uma certa forma de morte, digamos, como temos que passar aqui?"

Ziegfeld: Sim, sim, de certa forma, mas não é o mesmo tipo de morte, não sei como ta descrever.

Pergunta: "Não, eu..."

Ziegfeld: "Olha, podem usar o exemplo da crisálida e da borboleta, para ter uma ideia vaga do que quero dizer. À medida que progridem, vocês gradualmente descobrem que o corpo que tinham vindo a usar não tem mais uso ou valor para vós, e descartam-no. Vocês entram numa espécie de coma, se quisermos, e quando saírem desse estado de coma, descobrem que vocês estão sem corpo, que de qualquer modo era desde logo apenas uma réplica do corpo físico, e vocês descobrem que possuem uma forma muito mais purificada e rarefeita, embora não na forma que conheceram na Terra. Vê bem, o corpo etérico é um duplicado exacto do corpo físico, mas não é mais o vosso verdadeiro eu, do mesmo modo que o vosso corpo hoje não é o vosso verdadeiro eu. É apenas a cobertura, é apenas o veículo da alma."

Pergunta: "Pois."

Ziegfeld: "Mas é a alma que continua sempre, não o corpo etérico, que pode durar talvez séculos no tempo, conforme vocês entendem o tempo, talvez milhares de anos, por a vida ter muitas fases, muitas esferas de actividade. Vocês mantêm a vossa forma exterior, talvez por séculos. Eu sei que no meu caso, estou certo de ter um longo caminho a percorrer até chegar a tornar-me uma alma completa. De momento eu sou apenas um indivíduo que progrediu até um certo grau, mas sei que ainda conservo toda a minha aparência externa e forma como eu fui conhecido na Terra, e acho que continuarei assim por muito tempo, por eu saber que tenho muito que aprender! [Nota do editor: Na época desta gravação, Florenz tinha estado "morto" há quase 22 anos]

Por eu saber que, eventualmente, do mesmo modo que estas pessoas que não vemos, mas que sabemos que existem e que pressentimos, se quisermos... eu não sei como dizer isto, mas nós aqui temos médiuns, num certo sentido, do mesmo modo que vocês têm médiuns no vosso mundo, seres dotados de uma alta expansão e de uma enorme subtileza que se encontra numa posição, embora não vão lá sozinhos, quer dizer, às esferas elevadas do ser, mas que são capazes de receber uma certa quantidade de informações e de ajuda, que nos transmitem a nós que somos menos afortunados e não tão altamente evoluídos.

Cada fase, cada estágio da humanidade tem de ser alcançado e passado e temos que progredir para um novo reino ou um reino superior. Cada indivíduo passa por estágios; tu estás está a passar por um estágio agora, e quando para aqui vieres irás passar por um processo de mudança. Vais continuar e vais viver uma vida muito semelhante em alguns aspectos, ou seja, irás ter as mesmas reações mentais; irás conhecer isso por um bom tempo, com respeito ao amor e ao afecto. Terás porventura o mesmo, talvez até mesmo paixões. Deste lado existe o amor físico.

Não é algo que seja descartado de imediato. Não é algo que seja menosprezado. É algo bastante natural. Vocês ainda têm a mesma atitude mental em relação a certas coisas, e conquanto essas coisas sejam importantes, conquanto essas coisas sejam vitais, vocês ainda têm essa capacidade de continuar da mesma maneira. Não existe desgraça alguma nisso. Ninguém pode de repente tornar-se numa alma completa e aperfeiçoada. Vocês precisam passar por todas essas diferentes condições e estágios.

As crianças também nascem aqui em certas esferas, e essas crianças são muito belas por nascerem da mente, da alma e do espírito. Elas nascem como se fosse do amor, e embora o corpo físico e psíquico, se me for permitido usar tal palavra, sejam usados para procriar a criança numa união, sem que haja contaminação da essência, por assim dizer, ou parte material real. Há tanta coisa que temos a explicar, sabes, mas a questão está em que é muito difícil.

Se pudéssemos mesmo dividir, suponho, cada plano em várias secções, isso

poderia ajudar, mas é muito difícil o que uma pessoa lhes pode dizer, como o nosso amigo que acabou de falar sobre a casa nas brumas, conforme a experiência por que passou, mas isso ficou a dever-se ao facto de ele ter alcançado apenas um determinado desenvolvimento – um determinado estágio - de facto tu quase podes ver o mesmo no caso inicial dele, ele não tinha ido muito longe, em absoluto, mas precisou cruzar o abismo por si próprio; era algo que ele precisava fazer.

Mas a recepção que teve, assim que ele expressou o desejo de ajuda e de orientação e de elevação tornou mais fácil o facto dos seus amigos o ajudarem. Gradualmente ele foi conduzido. Mas há certas pessoas que, quando aqui vêem pela primeira vez que, por terem levado vidas exemplares do vosso lado, conseguem um progresso muito maior, e têm uma recepção muito diferente e uma experiência diferente.

Mas, como digo, todos quantos vêem só podem contar a sua própria história à sua maneira, e embora de certa forma possam apresentar diferenças, gradualmente vocês descobrem que tudo se enquadra, tudo se encaixa como num quebra-cabeça, em que cada peça é importante em relação ao todo."

Pergunta: "Sim, isso deve tornar todas as histórias e todas as variantes muito interessantes."

Ziegfeld: "Pois, elas sempre serão interessantes, eu sei disso, mas precisam ser muito pacientes, sabes, por não ser fácil vir falar convosco, gente. Não temos facilidade em moldar as palavras para descrever as coisas que queremos dar-lhes a conhecer, sabes... Tudo quanto lhes contarmos, quero que percebam que não passa de um vislumbre do que tentamos transmitir. Temos que o reduzir à linguagem material, e muito se perde com isso. Damos o melhor que podemos, sabes."

Pergunta: "Esses vislumbres ajudar-nos-ão muito."

Ziegfeld: "Bom, o que eu quero que vocês saibam, acima de qualquer outra coisa é que, seja como for que tiverem levado uma vida na Terra - quer tenha sido muito boa, ou muito ruim, ou não tão ruim quanto a da maioria das pessoas - existe uma oportunidade, há um lar, uma esperança, e acima de tudo há um amor que os sustentará, que os ajudará, que os guiará, que os elevará e os salvará. Há muitos amigos por aqui, de todos os graus, de todas condições, de todos os estágios de desenvolvimento, sempre prontos a estender uma mão aos recém-chegados. Ninguém precisa ter medo de morrer, não importa em que condição se encontre, por no final, eventualmente, existir um caminho.

Não importa que alguma pobre alma tenha cometido alguma coisa sombria, pode ainda apresentar alguma característica redentora em si mesma, talvez tenha tido algo no seu passado, na história dos seus pais, e talvez isso tenha plantado uma semente que, bom... a tenha levado a cometer certas coisas muito erradas - provavelmente muito erradas mesmo.

Existe sempre um amor, existe sempre um poder, há sempre um jeito para cada um dos filhos de Deus. A ninguém é negado clamar por ajuda, pois uma vez que houver um desejo redentor, poderemos dizer para nós próprios, então estaremos no caminho certo. Poderá não ser um caminho fácil, poderá ser um caminho difícil para alguns, mas vocês nunca estarão sozinhos, do mesmo modo que um amigo que foi mencionado, que esteve perdido por entre as brumas.

Essa condição de brumas foi criada pelos pensamentos, pelos maus pensamentos, pelos maus pensamentos de um número incalculável de almas que as criaram no vosso mundo. Onde quer que pelo vosso mundo houver uma terra de névoas. Elas pairam sobre a vossa Terra como uma poça negra. Quando algumas pessoas deixam o vosso mundo, passam por elas sem nem mesmo saberem que estão lá, por as suas mentes e as suas vidas terem sido elevadas a tal ponto que não poderiam ter consciência da sua existência.

Há muitos para quem esse nevoeiro é uma realidade e que ancoram nele, pairam nele por um tempo. Às vezes, enquanto ainda vêm ao nosso encontro, elas acham mais fácil chegar até vocês. E pairam em torno do vosso mundo ao invés de se fundirem nesta condição de depressão e de neblina em torno de vós e da Terra, e elas invadem as mentes e as mentalidades das pessoas fracas. É por isso que vocês precisam ser fortes no vosso mundo. Vocês têm que aprender a superar-vos a vós próprios. Vocês têm que aprender a superar as coisas em vós próprios que sabem que são ruins, que estão erradas. É por isso que é importante que vocês tenham coragem, fé, e que devem ter dentro de si mesmos suficiente amor por toda a humanidade; e por mais que o indivíduo possa ser pecaminoso, vocês devem ter alguma simpatia, devem tentar ter algum entendimento, porquanto na medida em que distribuírem pensamentos de amabilidade, se distribuírem amor e simpatia da alma vocês estão a ajudar não só os indivíduos interessados, mas a vós próprios, assim como àqueles que estão apegados à terra em torno do vosso mundo, e acredita que há muitos.

Se pudessem vê-los, e se pudessem ver o tipo de lugares que eles assombram, vocês não conseguiriam nem chegar perto de nenhum deles. Tomem o exemplo do homem que tenha sido um bêbado; por vezes ele assombra os lugares que tiverem representado uma fixação para ele, quando estava na terra. Ele vê os próprios amigos e companheiros de pé no bar a emborcar mais uma rodada, e muitas vezes retiram uma enorme satisfação e prazer disso. E descobrem que os vícios e as partes inferiores dele entram, por assim dizer, no organismo físico do amigo ou da pessoa, de quem quer que esteja na condição de Terra, e começam a ver influências definidas a trabalhar.

Vocês vêem nos vossos jornais, e lêem sobre isso, não é? Alguém foi atacado, talvez alguma jovem tenha sido atacada, e no dia seguinte você lêem sobre outro caso. Talvez no dia seguinte vocês leiam mais três ou quatro casos.

Bom, esse é o tipo de condição que surge por afectar as mentes dos outros. Isso invade a mentalidade fraca, e talvez alguém aqui, um homem, num momento de tolice, tenha cometido um assassinato. Ele pode pairar ao redor e impingir os seus pensamentos a alguém de mentalidade fraca e de natureza semelhante, e alguém comete a mesma ação.

Sempre verão no vosso mundo, que um acto desencadeia uma dúzia de outros actos subsequentes, ou mais. Do mesmo modo que numa guerra: ela cresce na intensidade e ferocidade. Uma vez que ponham a coisa em andamento, por assim dizer, ela ganha velocidade e aí reúne uma tremenda força e poder. Quanto maior a taxa for, maior a força por trás dela será. Vocês no vosso mundo simplesmente não conhecem o poder do pensamento. Assim, é importante que quando pensarem, tenham pensamentos correctos, para que vivam uma vida correcta e façam as coisas acertadas, e eu sei que se vocês se esforçarem sempre por dar o vosso melhor, vocês não poderão errar muito, por haver por aqui muito bons amigos, que vêem a vós para os guiar, ajudar, erguer, partilhar todos os vossos pequenos problemas e dificuldades, e orientá-los se puderem. A vida é para ser vivida, mas ao mesmo tempo, há um jeito de a vivermos!

> *"O nosso trabalho constitui um esforço missionário organizado que tem por objectivo disseminar a Verdade, sem o qual a vida espiritual do vosso mundo morreria. Da religião há poucos entre vós, e dos poucos que há, na maioria dos casos, perderam o seu poder de influenciar a vida e a acção. A vitalidade desvaneceu-se e só a aparência permanece. Conforme era no tempo do Cristo, assim é agora. Os homens andam ansiosamente à procura de algo que está para vir.*
>
> *"Todo o tecido da sociedade é como um favo de mel, e há minas que podem explodir a qualquer momento. O que vocês chamam de comunismo ou socialismo é um mal, cujo potencial nenhum dos vossos homens de estado actuais percebem. Nesta mesma cidade (...) pode revelar-se, e arruinar todo o vosso sistema social. Ele é responsável por todo o descontentamento que no futuro próximo irá irritar os legisladores do vosso país. Este vosso mundo, nos seus aspectos sociais e religiosos, chegou encontra-se no seu último estertor, e precisa de algum novo poder que lhe dê vitalidade. Nós consideramos o que vocês chamam de Espiritualismo como o único antídoto possível para essa massa putrefacta de corrupção, o único meio de purificar o vosso mundo. Nós dizemos-lhes claramente que a vossa era é oca, espalhafatosa e irreal. Como o ar abençoado do céu mantém as coisas naturais puras, também o ar espiritual do nosso*

mundo purifica e revigora a vossa vida espiritual. É necessária uma religião de algum tipo para todos. A Causa em que nós e vós estais interessados conseguiu um progresso muito grande. É com o desenvolvimento da verdade espiritual pura, o crescimento da tolerância, e o rompimento de duras e firmes barreiras, a expansão do espírito de Cristo, em vez da teologia, que o progresso tem sido conseguido.

"Enquanto têm sido confundidos e desanimados com as decepções e a fraude que abundam nas manifestações públicas, os fundamentos permanecem inabaláveis mas o ar fétido será afastado deixando a atmosfera espiritual limpa e purificada. A vossa era é uma era de investigação e indagação, e representa um período para semear as sementes da Verdade Divina.

"Há muito tempo dissemos que seriam feitos ataques às formas de personificação da ordem existentes em cada país; Espanha, Alemanha, Itália e mais ainda na Rússia. Esse tem sido o caso, mas uma manifestação de discórdia ainda mais terrível está por vir. Socialismo, comunismo, ateísmo, niilismo - nomes diferentes para a mesma doença insidiosa - estão a sofrer um incremento no vosso mundo. Possivelmente essas forças poderão ser usadas para o bem quando gastaram os seus poderes; mas presentemente são empunhados pelos adversários que animar os princípios da desordem, a fim de se oporem ao nosso trabalho.

(IMPERATOR, através de WILLIAM SAINTON MOSES)

DEÃO INGE

Deão William Ralph Inge foi teólogo e escritor Britânico, prelado Anglicano, professor de teologia no Colégio de Jesus, em Cambridge, e Deão na Catedral de St. Paulo, em Londres.

O Deão Inge explica que a Igreja interpretou mal muito do que Cristo ensinou. Ele admite que ele próprio propagou distorções do que Cristo ensinou embora tivesse algumas suspeitas do que lhe ensinaram não era a verdadeira

doutrina de Cristo conforme deveriam ter sido. Ele exorta a Igreja a voltar aos ensinamentos de Cristo e a abandoner muita da mitologia que se desenvolveu ao redor dele.

É chocante ver que os ensinamentos de Cristo, as verdades fundamentais que ele e outras grandes almas ensinaram, a revelação que foi dada, as obras que foram concretizadas nesta realização da vontade e propósito de Deus, que tanto infelizmente tenha sido obscurecido, tenha sido mal interpretado, tanto tenha sido produzido que nem sequer emanou dele nem de outros como ele. Que vocês tenham no vosso mundo tal caos por entre os homens que eles, infelizmente, não consigam pelo menos ver isso.

É como se eles próprios na sua tolice, quais crianças, tenham perdido o caminho. Isso constitui uma pena e uma enorme tristeza para nós. Quando eu examino a minha vida, percebo muito bem como, na minha própria ignorância, embora eu achasse que era um homem de saber e experiência, embora eu achasse que eu tinha a verdade, percebo que o que aquilo que eu tinha era apenas um aspecto, aspecto esse que infelizmente, foi circunscrito de tal maneira que na realidade veio ao mundo para salvar os pecadores.

Imaginem um mundo tantas vezes necessitado, por o próprio homem só poder alcançar grandeza espiritual pelos seus próprios esforços. Nenhum outro indivíduo pode fazer isso por vós. Cristo e outros apontaram o caminho e deram o exemplo, e cabe-nos a nós seguir os seus passos e tornar-nos como eles. Mas quando consideramos, como tantas vezes na Terra o fazemos, que somos salvos, no sentido de que estes nossos esforços, por mais débeis que sejam, têm algum efeito e, no entanto, em si mesmos são inúteis por outro ter sido enviado para conseguir isso, para tornar possível a salvação... Uma vez que percebamos que nos podemos lançar sobre outra alma para sermos salvos, então estou convencido de que cometemos um grave erro, um pecado na verdade.

Por eu estar convencido de que qualquer coisa, qualquer esforço que façamos, isso em si é o que tem importância. Por precisarmos empenhar-nos, esforçar-nos, precisarmos lutar, precisarmos ambicionar, precisarmos vencer dentro de nós mesmos. Ninguém pode fazer isso por nós; Precisamos fazê-lo nós próprios. Devemos seguir o caminho que foi estabelecido, e se o fizermos, então realmente encontraremos a salvação, mas somente através do nosso próprio esforço, não pelo esforço de outro.

Este Jesus, de que tanto se falou, esta grande alma que veio ao mundo de uma maneira tão humilde, e que viveu uma vida a dispensar amor, a disseminar a realização da vontade e do propósito de Deus. Em todas as coisas que ele disse e

fez, ele esforçou-se para mostrar o único caminho para o desenvolvimento da consciência espiritual. A única maneira de encontrar a salvação era através do serviço e através do amor, colocando-se cada vez mais em segundo plano. Por outras palavras, tornem-se num receptáculo para almas maiores, para ensinamentos superiores, para uma maior realização da vontade e do propósito de Deus.

Somos instrumentos, e quando percebermos isso, quando percebermos o quanto pode ser feito através de nós, o quanto podemos dar como tão poucos alguma vez o fazem... quando percebermos o verdadeiro significado e propósito das nossas vidas, então começaremos a ver, então começaremos a crescer e a expandir, então começaremos a tornar-nos pelo menos algo semelhante a Cristo. Mas pensar que uma pessoa, uma alma, embora enviada do Altíssimo, possa salvar-nos, isso constitui uma falácia.

[Aqui, os presentes perguntam quem ele é e ele responde que é Deão Inge]

Estou tão ansioso por que Cristo seja compreendido. Não no sentido estreito, em termos do credo ou místico, mas como uma pessoa viva real, vigorosa, como ele certamente o foi na Terra, e é. Um homem que teve a coragem das suas convicções, não um fraco, piegas, conforme alguns parecem visualizá-lo, mas como um homem de força e de coragem e de convicção. Um homem que, se fosse vivo hoje, provavelmente seria preso por causa das suas opiniões, por causa da sua força, por ele ter a coragem das suas convicções.

Este homem Cristo não é a pessoa que é retratada na mente de tantos cujo estreito conceito se encontra muito distanciado da realidade. Cristo foi um homem de acção. Na era actual Cristo haveria de ser chamado de revolucionário. Ele haveria de ser talvez até mesmo preso como no seu próprio tempo. Ele teria sido morto pela multidão que nada quereria com ele. Se ele estivesse entre vocês hoje, se Cristo surgisse entre vós, vocês não quereriam ter nada a ver com ele. Apesar de tudo o que a Igreja ensina, a própria Igreja provavelmente seria a primeira a crucificá-lo, se pudesse. Por eles não gostarem daqueles que vêm com uma mensagem como esta. E sentirem receio. Teriam medo... Eles duvidariam, do mesmo modo que duvidariam das minhas palavras.

Muitos que ouvem as minhas palavras não as aceitarão. Por quê? Por eles terem medo. Eles temem que se desistirem daquilo em que creem, do que consideram ser certo, que eu... o substituísse e ocupasse o seu lugar. Eles não gostam de abrir mão do que tão firmemente acalentam. Apesar do facto de que, se muitos deles falaram a verdade, eles sabem nos seus corações que há muito erro naquilo que ensinam e pregam.

Eu diria muitas coisas, mas vou me contentar dizendo o seguinte: que se Cristo voltasse ao vosso meio, seria condenado pelas mesmas pessoas que hoje o apoiam e sustentam. Cristo não veio para estabelecer um caminho fácil, por ele, e todos nós no fundo de nossos corações sabermos disso... que aquele que fizer a vontade de Deus sobre a Terra, não poderá encontrar um caminho fácil. Porquanto é um caminho muito distanciado da concepção que o homem faz das coisas. O homem, que se tornou tão tendente ao materialismo, o homem cuja ignorância e tolice traz sobre si todos os tipos de sofrimento e miséria. O homem que, por se garrar ao orgulho, considera essas coisas mais importantes que a humildade. Somente aqueles que são humildes de espírito podem ver a verdade. Não são as mentes brilhantes, os grandes cérebros, nem os altamente posicionados que preservam o seu aspecto tolo da verdade. Invariavelmente, eles vivem com grande verdade, mas fazem apenas uma pequena concepção que se adeque ao próprio modo de vida particular que levam.

Nós vimos isso de muitas maneiras. Muitas vezes, aqueles que detêm a verdade no início, à medida que progrediram materialmente e alcançam um maior poder e uma maior posição, perdem o caminho. Imergem na concepção material das coisas. E não podem suportar a verdade. É apenas uma fachada, não é a verdade real. É apenas um aspecto que os beneficia, mas que não os beneficiou espiritualmente nem materialmente. Na verdade, as suas visões são uma mortalha, pois que por dentro delas há apenas morte.

Eu sei, eu sei por experiência própria, muito para meu pesar, que muitas das coisas que preguei, muitas das coisas que emiti como verdades, e em que acreditei sinceramente por muito tempo como verdadeiras, muitas dessas coisas retiveram o homem e infelizmente ainda o fazem. A vida é eterna. Nenhum homem morre. Até o próprio Cristo disse ao ladrão na cruz: "Hoje estarás comigo no Paraíso." Ele não disse "amanhã" ou "no próximo ano," ou "daqui a mil anos", mas hoje. A questão está, meus amigos, em que a fé nos pode tornar íntegros, mas precisamos ter fé na realidade, não em algo que não tenha uma base ou um fundamento.

O próprio Cristo foi um grande vidente, um grande profeta, um grande mestre e, acima de tudo, foi um grande humanitário. Ele era mais... que os socialistas, do que qualquer socialista jamais poderia esperar ser. Cristo não se preocupava com a riqueza ou a posição material; Ele não se interessava por vestes e templos enquanto tal. Cristo era até mesmo suficientemente humano para perder a paciência, como quando ele expulsou os cambistas do templo. Devemos compreender o que Cristo é. E particularmente, no aspecto do que ele foi na Terra. Ele era um homem, não um mito. Ele era um homem da realidade, não uma criatura mística, como o mundo gostaria que vocês acreditem. Ele não era o próprio Deus, na Terra. Ele era, obviamente, o Cristo, um ser humano que veio ao mundo de maneira normal. Por a... religião estabelecida. Os que pertencem à

Igreja estabelecida, aqueles que se consideravam como os que se sentiam apreensivos, os indivíduos de posição, por perceberem que as coisas que ele pregava eram perigosas para a sua posição.

Embora seja provável que, hoje como então, se Cristo pudesse voltar, se ele voltasse num corpo material e praticasse as mesmas obras que praticou anteriormente, as primeiras pessoas a condená-lo fossem da Igreja. Ele seria muito melhor recebido fora dela do que jamais no seu seio. Pois que o povo convergiria para ele, aqueles cuja mente se acha aberta e apta a receber, e aqueles de mente fechada e entravada pelo credo e pelo dogma seriam os primeiros a recusá-lo.

Dessas coisas estou convencido. Que o próprio Cristo era um homem de grande simplicidade, um homem de grande piedade, um homem de grande fé no poder do amor, que não tinha qualquer consideração pelas coisas materiais. Quantos clérigos existem no vosso mundo de hoje que em boa verdade possam dizer que se conformam com esta concepção? Quantos há que procuram lugar e posição? Quantos não se deixam atraír pelas vestes, pelos serviços, por todas as posições que eles podem deter?

Digo-vos, que Cristo será encontrado nos corações de todos os homens de coração aberto e de sinceridade, ansiosos por entender e ver. Deixem vir a mim as crianças, como disse o próprio Cristo ao reuni-las ao seu redor: "Por delas ser o Reino dos Céus". O que ele realmente queria dizer com isso? Quando ao seu redor reunia adultos, homens crescidos em estatura, homens de experiência, no mundo da sabedoria. O que ele queria realmente dizer? Ele queria dizer que é a actitude da criança, a abordagem da criança, a simplicidade e a fé da criança que torna possível a revelação, o desenvolvimento espiritual e a evolução. Não a dos preconceituosos. Não a daquele de opiniões já formadas e de ideias definidas, e convencidos de si mesmos de que estão certos e de que os outros estejam errados. A actitude (característica) da criança é importante. Na verdade, eu diria que é mesmo vital. Até que o homem possa se despojar das suas idéias preconcebidas e sacudir de si as velhas crenças e as velhas lendas. Até que ele possa perceber que ele é, no seu íntimo, capaz de se harmonizar com o mais elevado, se ao menos o tornar possível pelo modo como vive. Se ao menos ele pensasse direito, e agisse correctamente, tornar-se-ia consequentemente correcto.

Eu digo-lhes que se o homem quiser tornar-se numa pessoa experiente à maneira e no sentido espiritual, se ele quiser tornar-se verdadeiramente espiritualizado, ele precisa libertar-se de todas essas concepções materiais. Deus existe, mas nenhum homem viu a Deus. Deus é uma força ou poder, a força motriz que dá vida a todas as coisas.

No vosso mundo, nada se acha perdido. O que possui o aspecto da morte não

passa de um sonho. Um homem vai de um lugar para outro. Seus pensamentos ainda têm existência. Ele próprio é libertado das coisas materiais que o atam e o confinam. No entanto, o vosso mundo deve ser um lugar de experiência, de uma experiência e de um desenvolvimento essenciais, e em preparação, por assim dizer, para uma vida ainda maior. Quando o homem deixa o vosso mundo, como tantas vezes o faz, com fortes convicções e ideias fixas e preconceituosas, sua tarefa torna-se difícil.

Ele precisa desaprender, como eu fiz, muitas coisas, e tem que se tornar como uma criança, com uma mente aberta, cheia de desejo de uma verdade real; cheia do desejo de progredir. E muitas vezes isso torna-se muito amargo, quando se percebe que durante toda uma vida na Terra se dispensou tantos ensinamentos que se provaram erróneos, falsos mesmo, quando se percebe que a fé fundamental que era a verdade, foi distorcida além de toda medida. Estou muito consciente de todas essas coisas. De facto, muitos são os que estão comigo que sentem como eu, que se pudéssemos voltar, com o conhecimento atual que temos, quão diferentemente não pensariam e agiriam, quão diferentemente não falariam!

Caso a Igreja queira sobreviver, deve livrar-se de muitas das antigas falácias. Ela deve unir-se com uma força fundada na verdade, e não deve ter medo de se erguer como Jesus se ergueu contra a multidão. Deve estar preparada em todos os momentos, não importa o quanto isso custe, para falar honestamente e agir em conformidade, e não ter medo da reacção dos diversos quadrantes. Quando a Igreja dissemina os ensinamentos de Cristo, na sua intensidade plena, então ela será rejuvenescida e começará a alçar-se acima. Quando observamos o vosso mundo, a miséria, a incerteza, quando vemos as possibilidades que poderiam ter, as coisas tão tremendas que poderiam sobrevir sobre a Terra e os seus povos... Quando vocês percebem que estão, num certo sentido, à beira do desastre de novo depois de duas guerras mundiais... No entanto, a Igreja abençoa as bandeiras, abençoa as armas, abençoa os homens nos seus uniformes, abençoa cada nação em conformidade, mas tudo isso é contrário a Cristo, os ensinamentos de Cristo...

O Príncipe da Paz. Como podem vocês ser súbditos do Príncipe da Paz se defendem essas coisas? Eu digo-lhes que o próprio homem na sua cegueira se separou de Deus e que Deus se está a estender por meio dos Seus ministros que no vosso mundo se esforçam por ajudar. Mas aqueles que ministram no vosso mundo, o seu ministério muitas vezes e de modo invariavel representa uma enorme falha. Eu não condeno, nem culpo, mas afirmo que eles devem examinar os próprios corações, devem encontrar novamente o Príncipe da Paz, devem enunciar as suas palavras entre os seus filhos, e devem ficar juntos como um feixe sólido, no seu serviço.

Enquanto eles estiverem separados, enquanto disputarem entre si a respeito

de quem está certo e de quem está errado: "A minha concepção está correcta e aquela está errada..." enquanto eles pensarem e agirem como fazem, então as igrejas esvaziar-se-ão gradualmente. Por aqui e por ali, entre estes povos, existem boas almas, almas bondosas, almas sinceras, que se esforçam, à sua maneira, por fazer o que é certo.

Sei que muita coisa boa veio da Igreja, mas penso muitas vezes na grandeza que poderia existir, no quanto mais poderia ser alcançado. Afirmo a todos aqueles que possam escutar as minhas palavras, quer eles creiam ou não no que eu afirmo, ou acreditem que sou eu quem falo com eles, afirmo que vocês têm dentro de vós grandes oportunidade de fazer a vontade de Deus, de seguir os ensinamentos do Mestre, do Cristo, de perceber a sua humildade, de modo que também possam ser assim.

E se vocês desistirem de muitas dessas coisas que sabem no vosso coração serem falsas e buscarem cada vez mais tornar-se como ele e ser como os filhos de quem ele mesmo gostava tanto, se vocês puderem ser como a criança, e ter um coração aberto e uma mente vulnerável, sem idéias preconcebidas nem fortes convicções, se vocês tiverem a fé e a confiança de uma criança, então vocês poderão ser guiados e orientados, e de todo esse mal poderá advir um grande bem, e o mundo poderá ser salvo de si mesmo, e vocês encontrarão o caminho da paz e do progresso.

Nós viremos até vós e nos uniremos de novo convosco para que o vosso mundo se torne verdadeiramente na comunhão dos santos. Mais uma vez vocês poderão tomar a comunhão no sentido mais verdadeiro, e tornar-se um connosco, e juntos poderemos vencer o mal, e juntos poderemos encontrar aquela paz que o mundo não pode encontrar. Mas, no nosso próprio tempo, com a vossa ajuda e orientação, e com a paz que ultrapassa todo o entendimento, isso, de facto, será tornado possível, a realização da vontade de Deus e o propósito para os seus filhos, agora e para sempre.

O meu amor e a minha bênção eu estendo a todos quantos escutarem a minha voz. Se eu disse algo que parece difícil, e ainda assim a alguns parecer impossível, e outros sentirem que o que eu disse esteja em desacordo, eu digo-lhes para pensarem nessas coisas, para as revolverem nas vossas mentes e nos vossos corações. Procurem a verdade e percebam que à vossa própria porta está o próprio Cristo a bater. Deixem-no entrar e façam dele um visitante bem-vindo e deixem-no tornar-se parte da vossa vida, para que vocês se tornem verdadeiramente parte do rebanho, um daqueles cuja tarefa é fazer a Sua vontade entre os seus filhos. A vossa é uma grande responsabilidade.

Lembrem-se que se vocês tiverem que fazer este trabalho, façam-no bem,

vocês devem tornar-se semelhantes a uma criança. Eu só desejo poder fazer mais do que posso. Muitas vezes desejaria poder voltar à Terra e fazer o meu trabalho de novo. Tanto seria o que faria diferentemente. E, no entanto, sei que, à minha maneira, fiz o que achava certo. Muitas vezes, infelizmente, é tarde demais, mas ainda assim, num certo sentido, não é tarde demais, pois sou capaz de voltar, sou capaz de falar. Eu digo-lhes para não se preocuparem com nomes e personalidades, mas para se preocupem com o texto e a mensagem, e para deixarem que se torne uma realidade nos vossos corações. Isso poderá mudar o vosso mundo e realmente torná-lo num lugar digno dos filhos de Deus.

COSMO LANG
Arcebispo da Cantuária
(1864-1945)

Lor Lang morreu em 1945 e um ano mais tarde falou com o Padre Sharp no círculo familiar por intermédio da mediunidade de Leslie Flint. Eis aquilo que disse:

"Se ao menos pudesse ter de volta a minha vida e o conhecimento que actualmente possuo, quão diferentemente não teria agido! Eu podia ter feito tanto, mas tinha receio."

Prosseguiu falando dos milhares de almas que se precipitaram no além vitimados pela guerra que ainda carregavam ressentimento por a Igreja não lhes ter ensinado que a morte não é o fim e que uma ponte pode ser estabelecida entre os dois mundos. Numa outra ocasião Cosmo Lang falou no salão de sessões de Flint quando George Woodss e Betty Greene se encontravam presentes como assistentes. Em 1959 ele referiu o seguinte:

"Eu senti profundamente que o Espiritualismo é de tal modo vital e importante que todos deveriam ter conhecimento disso, mas ao mesmo tempo sinto que pode ser perigoso, caso seja utilizado de forma errónea. Creio que seja importante que se organizem colégios ou sociedades onde os médiuns se possam ter abrigo e ser estimulados enquanto recebem treino de forma apropriada de modo a tornarem a mediunidade de que gozam numa vocação do mesmo mod que é feito com aqueles que vão para o sacerdócio, que renunciam a toda a sua vida para isso e se isolam aparte do mundo, sem que no entanto deixem de pertencer ao mundo, pelo serviço.

Se quiserem contactar as forças superiores, as forças benignas, aquelas que podem elevar a humanidade, precisarão ter médiuns ou instrumentos afins e caracterizados por uma vibração espiritual elevada, e parece-me a mim que alguns dos vossos médiuns infelizmente são de uma ordem muito baixa. Não quero que

pensem que o condeno, longe disso, por ter ânsia de ajudar. Mas acho que somente quando o Espiritualismo é utilizado de forma correcta com médiuns de nível mental e espiritual elevado que sejam abnegados em relação às coisas materiais em verdadeiro serviço a Deus, e que se considerem meros instrumentos do poder divino destinados a servir os filhos da Terra, chegará a resultar algum verdadeiro benefício para a humanidade.

"Parece-me a mim que enquanto estão apenas a arranhar a superfície dos mundos astrais, coisa que noventa por cento dos vossos instrumentos parecem estar a fazer, então o Espiritualismo é não só prejudicial, como pode chegar a ser perigoso, por o semelhante atrair o semelhante. Entidades inferiores que se agarram à vossa Terra podem utilizar os médiuns e por seu intermédio dizer às pessoas coisas que não são verdade e que podem ser causa de muita infelicidade e infortúnio. Mais perigoso ainda, o resultado de tais sessões podem resultar em obsesões por entidades inferiores que os deixarão desfigurados e que distorcerão a verdade.

"É importante que quando se reúnem escolham cuidadosamente o instrumento e se comportem de modo correcto. Que devam aproximar-se de Deus não só quando oram mas nas vossas vidas esforçamdo-se por as tornar numa oração viva tanto pelo pensamento como pela acção."

O ex-Primado continuou dizendo que a Igreja de hoje se afastou muito da doutrina original e da força de que gozava para o bem e como se desviara tanto do caminho simples que Jesus tinha delineado. Afirmou que grande parte da doutrina do Espiritualismo constituia a essência da Igreja Primitiva, daqueles Cristãos que se reuniam e se deixavam possuir pelo poder do Senhor e que superavam a carne e se desapegavam de tudo para seguir a Jesus. Concluiu dizendo:

"Se a grande verdade da sobrevivência fosse demonstrada e tornada manifesta no sentido verdadeiro e excelente, o mundo mudaria todo para melhor."

As observações de cunho crítico que Lang fez sobre a mediunidade de hoje não carecem de fundamento. Recentemente, o Espiritualismo tem vindo a depender cada vez mais da medinidade mental para se fazer provar, e embora no passado tenham surgido médiuns excelentes, clarividentes, médiuns clariaudientes e de transe, a mediunidade mental de hoje, com algumas excepções notáveis, não é de um nível elevado.

Em Agosto de 1967 Cosmo Lang voltou a falar, e disse:

"O estudo da raça humana desde eras imemoriais constitui em si mesmo uma lição para todos, no entanto não prestamos atenção às lições que aprendemos nem percebemos o presente no passado, mas que será o presente senão o resultado de eventos passados, de erros passados, de tolices passadas? O homem voltou durante séculos as costas à verdade e não percebe que dentro de si, no mais recôndito da sua alma está a verdade mais proeminente, a verdade indestrutível de que o homem é verdadeiramente Espírito e como tal, imortal.

"Muita vez reflicto nos meus primeiros anos devida e vejo com que entusiasmo entrei no caminho da instrução e da experiência religiosa. Com que frequência falei do púlpito aos muitos que se congregavam a fim de escutar a palavra de Deus, e me esforcei por enunciar a verdade conforme sentia entendê-la. Ao olhar para trás vejo que o que me faltava era simplicidade e conhecimento do poder do Espírito dentro de nós. Se ao menos pudesse ter visto o que existia subjacente aos ensinamentos não só de Jesus mas de muitos dos Profetas e grandes reformadores e mestres de eras anteriores! Se pudesse ter visto o fio dourado que corre desde os tempos mais antigos por meio de todas as grandes religiões e tivesse entendido que esse fio único cosntitui a base de toda a verdade, que todos os homens pertencem ao Espírito e fazem parte do grande plano, e que toda a matéria, independentemente da foram que adopte é indestructível e que até mesmo a criatura mais inferior tem o seu lugar e o seu propósito não só no vosso mundo como também no nosso!

"Frequentemente o homem pensa no Espírito comodotado de forma ou contornos, ou como uma glória que vem após a morte, mas o Espírito não é nada disso. É a força que anima todos quantos vivem na forma humana, tudo na natureza e todas as manifestações da vida no universo. É a força, o poder, a vibração da vida, e por toda a vida fazer parte do mesmo Espírito é indestructível.

"Enquanto vivem na Terra, encontram-se no memso comprimento de onda, vibração ou frequência, de tudo quanto os cerca, de omdo que os vossos sentidos físicos percebem o vosso ambiente como real e sólido. Porém a ciência disse-lhes que nada na Terra é real ou sólido, que os objectos lhes parecem sólidos mas na realidade constituem redes abertas dotadas de cargas eléctricas que rodopiam em torno de um núcleo central numa frequência idêntica à vossa. Quando morrerem, continuarão a viver no vosso duplo espiritual mais subtil, que geralmente é chamado de corpo astral, que vibra numa frequência mais elevada do que a do vosso corpo físico. Esse corpo astral situa-se no mesmo comprimento de onda do plano de existência que passarão a ahabitar após a morte, e em razão disso tudo nesse plano lhes parecerá igualmente real e sólido quanto o ambiente terreno lhes terá parecido certa vez."

O Dr. Lang explica que as pessoas no além, no espírito, não são deuses, mas apenas pessoas que progrediram no caminho da realização espiritual. Ele explica

que agora ele aceita as coisas que terá encarado como heresia na terra e diz que descobriu que algumas das coisas que ele pensava serem factuais não o são necessariamente e que descobriu que a ignorância de que padecia era terrível. Todas as formas de vida são indestrutíveis. O homem e toda a vida é espírito - todo espírito é a mesma força animadora - a vida material é apenas um pequeno episódio na grande cavalgada da progressão espiritual. Enquanto na terra, ele tinha uma ideia falsa da sua própria importância. Ele assegura aos seus ouvintes que ninguém assumirá a responsabilidade de salvá-los. É uma responsabilidade inteiramente nossa.

O Dr. Lang explica ainda o trabalho do espírito. Ele diz que é mais difícil para aqueles que se encontram nas esferas mais elevadas conduzirem a sua mensagem às esferas inferiores. Uma grande variedade de vibrações na atmosfera pode ser captada por instrumentos mediúnicos sensibilizados. Ele diz que o tempo constitui a maior ilusão de todas. Explica que é muito difícil encontrar canais por intermédio dos quais se possa comunicar com aqueles que se encontram na vida após a morte. As disposições dos que cercam o médium responde por uma contribuição muito importante. Ele explica que existe um grande poder que está subjacente a toda a vida, mas que está além até mesmo da sua compreensão. Entre aqueles na vida após a morte encontram-se aqueles que criam o seu próprio céu ilusório, mas tudo tem cabimento nas suas próprias concepções.

Explica que o poder do espírito pode manifestar-se em todo lugar. Ele diz que chegará o tempo em que toda a Igreja conseguirá ver através das suas trevas e conhecerá o poder do Espírito. Ele lamenta ter abafado os resultados da investigação da sua própria comissão sobre a comunicação espiritual.

ASPECTOS DO SI MESMO

"Há seres altamente evoluídos que tentam entrar em contacto com o vosso mundo..."

8 de Dezembro de 1973

Flint: Esta sessão é registrada no dia 8 de dezembro de 1973, Medium Leslie Flint.

Audiência: Olá Mickey...

Mickey: Encontram-se dois Howards aqui não?

Presente: Isso mesmo, Mickey.

Mickey: Há um Sr. Howard e, bem, ele é Howard, mas depois há um Christian Howard.

Presentes: Certo. [Riso]

Flint: Um Christian Howard?

Mickey: Bem, é o nome dele. O nome do outro homem é Howard, mas é o seu sobrenome, não é?

Presente: Isso mesmo, Mickey.

Mickey: E a Janet.

Janet: Olá Mickey.

Mickey: Como estás, Jan?

Janet: Tudo bem.

Mickey: E a Shirley.

Shirley: Olá Mickey.

Mickey: Como estás, Temple? [Riso geral]

Flint: Como estás Temple?

Mickey: Eu acho que lhe puseram o nome da Shirley Temple.

Shirley: Na verdade recebi. Tens razão.

Mickey: Eu sei que sim. A tua mãe achou que ela era doce...

Shirley: Isso mesmo.

Mickey: ...de modo ela te pôs o nome dela.

Shirley: Perfeitamente verdade.

Mickey: Umm... [Sussurros: sim, tudo bem, então...] E encontra-se aqui... aquele sujeito que é motorista de ónibus. [Riso geral]

Flint: Ah, não, "sujeito motorista de ónibus!"

Mickey: Como você estás, sujeito?

Presente: Estou bem, obrigado, Mickey... [Interferência com o microfone]

Mickey: Náo ficaste empolado, ficaste?

Presente: ...Tudo considerado... Empolado?

Flint: Ah, não...!

Presente: O queres dizer?

Mickey: Não importa.

Flint: Bem, quem mais está aqui, Mickey?

Presente: Não vás embora, Mickey.

Mickey: Eu não vou embora.

Presentes: murmúrio geral.

Presente: Óptimo.

Mickey: Como estás?

Presente: Tudo bem. Obrigado.

Mickey: Nigel. Doreen.

Nigel: Sim.

Mickey: Não estás preparada, estás?

Doreen: Uh-huh.

Nigel: Muito bem, obrigado Mickey.

Mickey: Graças a Deus.

Nigel/Doreen: Sim.

Mickey: Como está a Daphne?

Daphne: Estou bem, obrigado Mickey.

Mickey: Como está o teu joelho Daph?

Daphne: O meu joelho? Está bem.

Mickey: Bem, tiveste problemas com a perna você não, Daphne?

Daphne: Sim, sim. Divertiste-te, não foi?

Mickey: Bem, de uma maneira agradável.

Daphne: Pois sim.

Mickey: Mas, é claro, a Vivian está aqui.

Vivian: Olá, Mickey.

Mickey: Como temns passado Vivian?

Vivian: Estou bem agora.

Mickey: E esse é o teu companheiro, não é?

Vivian: Sim, este é o meu companheiro.

Mickey: Como está?

Presente: Estou bem, obrigado.

Mickey: Ficaste enfatuado?

Presente: Nem um bocadinho. Não.

Presente: Enfatuado?

Presente: Assustado...

Mickey: Não estás empolado, estás amor?

Presente: Nem um pouco.

Presente: Ah, certo. Entendo.

Mickey: Não deixei ninguém de fora, deixei?

Presente: Sim.

Mickey: Ah, tu não, foi sem querer. [Riso geral]

Mickey: Bem, tu estás... [sussurra algo]... Bem, eu vou ver o que posso fazer.

Bram: Eu faço parte da mobília e dos acessórios, não? E o Jim?

Mickey: Ah, bom, ah ah... [riso geral]

Jim: Para que é isso Mickey? Mickey...

Mickey: És o Jimmy Ellis, não?

Jim: Ontem quebrei o círculo? Peço desculpa se o fiz.

Mickey: Não. Claro que não.

Jim: Não? Está bem.

Mickey: O que é que te leva a achar que quebraste o círculo?

Jim: Bem, eu levantei-me justamente quando acabavas de falar e tu nesse mesmo instante paraste.

Mickey: Não me afectou, companheiro.

Jim: Ok. Contanto que eu saiba disso.

Flint: Esta manhã estás tão preocupado, Mickey, não?

Bram: Talvez ele esteja a tentar resolver algo.

Presente: Ah, é só depois das doze horas.

Mickey: Esta senhora nova... Gerda. É assim que te chamas?

Gerda: Isso mesmo.

Mickey: Conheces um jovem que tenha vindo até ti que tenha morrido de forma tragicamente? Não há muito tempo, algumas semanas ou meses atrás?

Gerda: Sim. Certamente.

Mickey: Conhece a esposa dele?
Gerda: Eu não - na verdade nem o conheci.

Mickey: O quê?

Gerda: Eu não o cheguei a conhecer.

Mickey: Mas sabes... sabes alguma coisa sobre a sua senhora?

Gerda: Eu não sei muito sobre ela.

Mickey: Ah caramba! Espera um momento.

Gerda: Exceto que eu acho que ela é Americana.

Mickey: Que diferença faz isso?

Gerda: Eu não sei... [Riso] [Som de cadeira a ranger]

Mickey: Senta-te quieto.

Flint: Shu! Está bem. [Riso]

Mickey: Que irrequieto que tu me saiste...

Flint: Shu!

Mickey: Contas as tuas contas?

Gerda: Não.

Mickey: Bem, que terá isto que ver com contas?

Gerda: Contas...

Mickey: Tens algum tipo de colar...

Gerda: Sim.

Mickey: Que tenha algum significado "importante" especial?

Gerda: Sim, tem.

Mickey: E... bem, eu não estou a entender. Alguém está a rir e a dizer que não usa mais contas.

Gerda: Ah, bem, estas são... essas são uma espécie de contas budistas zen, mas eu - tenho-as apenas penduradas no meu quarto, e não as uso...

Mickey: Bem, acho muito interessante. Há um sujeito - um tipo aqui que diz que ela tem algumas contas muito especiais e que elas... contas especiais e - e que andas por aí a brincar com elas e que te concentras ou pelo menos elas te ajudam a descontrair.

Gerda: É para isso que elas supostamente servem.

Mickey: E então por que é que não fazes isso, porque seria uma coisa boa. Eles querem que pegues nessas contas e que lhes dês uso, e não as tenhas apenas penduradas.

Gerda: Estou a entender. Sim.

Mickey: Por essas contas terem muito poder e elas te virem a ajudar.

Gerda: Ah. Obrigado.

Mickey: Hum, elas foram-te dadas por alguém especial?

Gerda: Não, eu comprei-as.

Mickey: Bem, há um grande poder a envolver essas contas - proveniente da pessoa a quem pertenceram.

Gerda: Ah.

Mickey: Essas contas - bom, não vou dizer que sejam um milagre - mas a questão está em que essas contas, se tu usasses essas contas, especialmente quando precisares ou estiveres com problemas...

Gerda: Sim?

Mickey: ...elas poderiam trazer-te uma grande - não só uma grande paz, mas elas poderiam trazer-te coisas boas para ti. Por outras palavras, eu não a estou dizer que sejam a lâmpada de Aladino, mas a questão está em que, se tivesses algo em mente que fosse necessário ou quisesses - ou seja que valha a pena isso ajudar-te-ia. Elas transmitem algo do poder dessas contas de quae nada conheces.

Gerda: Ah. Obrigado por me dizeres isso. [Tosse]

Mickey: Conheces alguém ligado a ti que cometeu suicídio.

Gerda: Hm... conheço. Sim. Não está directamente conectado comigo...

Mickey: Bem, sim - bem, não directamente ligado a ti, mas estavas meio ligada a esse indivíduo. E essa pessoa já não conseguia enfrentar mais a vida e tudo se lhe afigurava uma enorme tragédia. Parece que ele chegou a ponto em que ele simplesmente não podia continuar mais.

Gerda: Sim. Eu acho que tens razão.

Mickey: Tu própria és uma pessoa extremamente psíquica. Não sei por que não percebes mais isso.

Gerda: Bem, eu praticamente não tenho nenhuma necessidade nesse sentido. Eu acho que talvez seja por isso.

Mickey: Não. Podes não ter quaisquer necessidades, mas podes ser de grande benefício e bênção para outras pessoas. Tu tens um grande... o que chamariam de coisa muito intuitiva em ti, como que dentro de ti. E tu consegues coisas, coisas muito fortes. E pode ajudar as pessoas conversando com elas e muita vez recebes impressões quanto ao que dizer.

Gerda: Bem, em qualquer caso eu faço muito disso.

Mickey: Eu sei que sim. Mas não chamas a isso psíquico, mas vós sois companheiros. Tu és muito mais psíquica do que alguns médiuns que sobem na plataforma, companheira.
[Riso geral]

Gerda: Obrigado.

Mickey: Tu conseguiste isso, companheira. E possuis uma grande compreensão interna. E é como se tivesses o terceiro olho, como eles chamam a isso. E essas contas - pertenceram a alguém aqui que foi um medium muito poderoso e que possuia uma grande compreensão, uma pessoa que possuia valores espirituais.

Gerda: Achas que poderias descrever-me um pouco melhor essas contas, por existirem contas de várias formas na minha casa? Eu acho que - tenho algumas que - eu...
Mickey: Bem, elas são coloridos.

Gerda: Elas são coloridos, não são?

Mickey: Mas não são todas da mesma cor.

Gerda: Ah, então não devem ser as que eu pensei, porque essas são de madeira. Elas são todas vermelhas.

Mickey: Essas são pintadas.

Gerda: Ah, preciso procurá-las.

Mickey: Precisas fazer o quê amor?

Gerda: Preciso procurá-las.

Mickey: Não. Tu deves conhecê-las. Elas são velhas, não são novas. E são pintadas, como se estivessem sido mergulhadas em alguma coisa.

Gerda: Talvez, eu dei-as a um dos meus filhos ou algo que realmente não consigo...

Mickey: Certo, e agora queres recuperá-las rapidamente!

Gerda: Tudo bem. [Riso geral]

Gerda: Tudo bem.

Mickey: É um conjunto comprido. Não é curto.

Gerda: Bem, esse comprido - esses eram compridos, as que eu pensei que estavas a descrever. Elas são todas de madeira e têm um pequeno pendão azul na parte inferior.

Mickey: Sim, mas elas são coloridos?

Gerda: Não, não são, são apenas uma espécie de madeira lisa. Elas são de cor de madeira pálida.

Mickey: Espera um momento. [Sussurros: por que me estás a dizer isso, então? Disseste-me que elas são de várias cores. O quê?] Alguém parece estar muito interessado em ti. Hum, há uma senhora aqui que referem como Mary Ann.

Gerda: Ah.

Mickey: Mas, umm... o seu nome verdadeiro - dois nomes cristãos foram Mary e Ann mas ela foi frequentemente conhecida como Mary e às vezes como Polly. Estás inteirada disso?

Gerda: Bem, eu conheço uma Polly, mas não pensei que ela... eu pensei que ela ainda estava por perto...

Mickey: Oh, ela anda por perto, sim, mas está deste lado.

Gerda: [Ri] Ah, estou a entender. Eu pensei que ela ainda estivesse deste lado.

Mickey: Não, não aquela de que estamos a tratar o companheira. A senhora aqui que se chamou Polly - Mary Ann, mas frequentemente tratavam-na por Polly, e ela é da tua relação.

Gerda: Ah.

Mickey: Era uma senhora idosa, de cabelos grisalhos. Ela era uma tia.

Gerda: Ah.

Mickey: Talvez tenha sido uma grande tia avó tua.

Gerda: Bem, eu tive uma tia avó chamada Matilda, mas não uma tia avó Polly.

Mickey: Ah, mas tiveste, sim. Tiveste uma tia avó chamada Polly.

Gerda: Talvez eu não tivesse conhecimento dela.

Mickey: Pois. Mary Ann, Mary Ann e umm... [sussurros: sim, o que disseste?] [Pausa prolongada]

Mickey: Viste-te assombrada, não?

Flint: Huh!

Gerda: Bem mais ou menos, sim.

Mickey: Viste-te, sim. Esta última semana ou nas duas últimas, tiveste consciência da presença de alguém...

Gerda: Sim!

Mickey: ...e umm... aconteceram-te algumas coisas estranhas.

Gerda: Sim, é por isso que estou aqui, estás a ver?

Mickey: E também tiveste uns sonhos peculiares. Se não te lembrares deles talvez não seja possível apurar. Você chamas-lhes sonhos - mas são viagens astrais. Eu não me importo que não entendas isso, você és uma alma antiga. És uma médium, uma médium natural e recebes muito mais do que muitos dos chamados médiuns. Você deveria realmente entrar nisso.

Gerda: Mmm... pois. Bem, de certa forma, eu faço.

Mickey: Pois, só o fazes de uma maneira diferente. Não estou a dizer que estejas errada nisso, acho até que provavelmente para ti está certo. Mas és muito mais psíquica e mediúnica do que a maioria dos médiuns que conheço. E se tu pegasses num artigo pertencente a alguém, conseguirias todo tipo de impressões e percepções e poderias investigar o passado e poderias permitir-te entrar no passado e entrar na vida das pessoas.

Gerda: Mas de que - de que forma isso lhes poderia ser útil?

Mickey: Bem, as pessoas têm necessidade ou que estejam em dificuldades ou que se sintam desesperadamente infelizes, acho que receberias impressões com frequência no sentido de lhes dizeres o que fosse acertado e muitas vezes poderias dar-lhes uma orientação.

Gerda: Pois.

Mickey: Há muita influência chinesa ao teu redor, uma tremenda influência!

Gerda: Ah.

Mickey: Tens alguma - eu sei que isso parece de loucos - mas tens alguma coisa chinesa em tua casa?

Gerda: Sim, tenho.

Mickey: Não de grande valor, mas, umm... coisas que tenham... não sei como as conseguiste, mas há uma influência chinesa fantástica ao teu redor. Deves ter tido muito que ver com a China em encarnações anteriores.

Gerda: Ah. [Pausa prolongada]

Mickey: Estás a separ-te da tua casa?

Gerda: Hum... na verdade não, mas eu tenho... há outra família que praticamente está a viver na minha casa.

Mickey: Bem, é como se houvesse outras pessoas lá, que não têm nada que ver contigo num certo sentido, como se tivesses dividido a habitação.

Gerda: Bem, não. Na verdade, eles são todos família.

Mickey: Bem, é muito peculiar. É umm... não sei. Eu consigo perceber coisas relacionadas contigo... é extraordinário.

[Sussurros: O quê? Bem, está bem então. O quê? Eu disse a ela tudo acerca disso, mas ela realmente não... eu acho que ela é (?) de certa forma...] [Pausa prolongada]

Gerda: Mickey, posso perguntar-te uma coisa?

Mickey: O que?

Gerda: Umm... o tipo que tu disseste umm... que andou recentemente a perseguir-me, ele e ncontra-se aí contigo?

Mickey: Bem, é claro que sim, mas, você vê que há tanta coisa ao teu redor e pessoas mais as suas vibrações e as suas condições. Conheces um Graham?

Gerda: Conheço.

Mickey: Bem, umm...

Gerda: É meu genro.

Mickey: Ah, não, ah não. [Pausa prolongada] Eu não sei... quero dizer, há uma armação divertida que te foi montada, com toda a franqueza. Hum... acho que realmente és fortemente individualista, mas ainda assim... Ah, não, na realidade não sei como colocar isto. [Pausa prolongada] [sussurros: não sei, tenho certeza. Ela é um quebra-cabeças.]
[Riso geral]

Flint: Ah não, ah não!

Gerda: O quê, um quebra-cabeças?

Mickey: E Chinesa também. [Mais riso]

Bram: Uma chinesa...

Gerda: Bem, eles são os mais difíceis de todos.

Mickey: Não, a sério. Eu acho que és fascinante. Eu acho que simplesmente não percebes o quão és uma psíquica notável. E acho que, umm... é uma coisa triste, de verdade, que não possa ir mais fundo nisso.

Gerda: Bem, eu podia, claro, não podia?

Mickey: Bem, tu podias, mas eu não acho que conseguias - bem, a inclinação necessária - mas as circunstâncias ao teu redor realmente não to permitem, de momento, de qualquer maneira. E os assuntos materiais não te têm sido fáceis. Eles têm-se mostrado muito complicados.

Gerda: Têm sim, por vezes.

Mickey: E de alguma forma você precisaste descer a cortina, a determinada altura, não? E teve que te separar e, umm... fugir.

Gerda: Sim, sim.

Mickey: Estás a ver, esse é o teu problema. Tu constituis é uma estranha combinação. Encontras-te em guerra dentro de ti mesma.

Gerda: Bem, eu não diria tanto.

Mickey: Ah, pois. Podes dizer que estás em paz contigo mesma e em paz com o mundo. Em certo sentido, isso pode ser verdade, mas, hum, tu és dual e depois há aquela tremenda percepção e a consciência espiritual e aquela tremenda força psíquica que se existe ao teu redor, o que de alguma forma pareces não querer, ou pareces não apreciar plenamente o que tens - ou o que podes conseguir tanto com ela como através dela. E eu acho, estás a ver que é como... hum... não sei bem. É uma coisa complexa... Três níveis de consciência. Três níveis; o psíquico, o espiritual e o material. E eu suponho que de certo modo se acham em harmonia, mas certamente deves fazer mais uso do psíquico. Quero dizer, é óptimo relacionar-se com o espiritual, mas o psíquico é o que mantém o espiritual e o material em harmonia. Eu acho que deves desenvolver mais o psíquico em ti.

Gerda: Como sugeres que eu faça isso?

Mickey: Bem, eu gostaria de te ver sentar, uma vez por semana, de preferência com várias pessoas de mentalidade afim, a quem conheças e que estejam sinceramente interessadas em sentar-se simplesmente e esperar que o poder do espírito se manifeste por meio das forças psíquicas. Mas, é claro, se tiveres filhos, acho que vai ser difícil, não é?

Gerda: Bem, não seria muito fácil. Nós fazemos uma reunião uma vez por semana, só que é de natureza diferente. Nós...

Mickey: Bem, na medida do possível está tudo bem, mas tu estás a tentar caminhar num nível e, francamente, eu acho que precisas, umm... de apreciar - muita gente, entendes, está a esforçar-se pelo espiritual, o que é uma coisa maravilhosa, mas o nível psíquico constitui a alavanca. É o alinhamento e a apreciação e a realização do eu psíquico a abrir-se para com os níveis de consciência e de percepção espiritual.

Gente... vejam se entendem; não lhes estou a dizer a vocês, que só se interessem por coisas espirituais altamente evoluídas, mas percebam que é a porta

psíquica que concede acesso a essas coisas. E quando vocês entendem isso numa perspectiva ou nível correcto, vocês evoluem muito mais e envolvem-se e tornam-se muito mais psíquica e espiritualmente conscientes, e tudo alcança o equilíbrio. Sabem que é no âmbito disso que vocês encontram pessoas que ficam "malucas" por causa da religião. Elas adoptam aquele tipo de mania religiosa, (não estou a falar de ti) e conseguem esse tipo de "carta na manga" e isso não é bom. Elas não estabelecem harmonia, não se aproximaram do psíquico.

O psíquico é o que os mantém em harmonia - material, psíquica e espiritualmente. Isto é o que os grandes profetas e os mestres conheciam. É por isso que eles desempenharam, o que o mundo designa por milagres. Realizam actos espirituais ao nível psíquico por meio da manifestação material. Enfim, não posso... Gerda: Bem, eu realmente só me interesso pelas coisas espirituais mais simples. Nada de muito profundo nem complicado. Apenas do mais simples.

Mickey: Em que nível diria dirias encontrar-te, então?

Gerda: Na verdade, não me encontro em nível nenhum e na verdade não encontro ninguém...

Mickey: Estás somente a fazer meditação?

Gerda: Não - bem, de certa forma, mas isso é... eu não... não encontro ninguém aqui que se encontre num nível...

Mickey: Não encontras o quê?

Gerda: Não acho que ninguém aqui, nenhuma das pessoas aqui presentes esteja em qualquer nível. É apenas - simplesmente um vazio, que contém todo o resto.

Mickey: Eu não entendo muito bem isso. Quero dizer, enfrentêmo-lo, todas as pessoas se encontram em níveis diferentes de consciência e de percepção de acordo com o seu esforço individual ou busca ou... sabes, mas... eu acho, estás a ver, que se pode de certo modo estar em sintonia com muitas pessoas. Mas... eu não sei exactamente do que estás à procura.

Gerda: Eu realmente não estou à procura de nada. Existo apenas. Não tenho - eu não acho que tenha qualquer objetivo por que me esforce por - já o ter alcançado, por se encontrar bem aqui.

Mickey: Bom, também não entendo isso.

Gerda: Bem, não há nada a conseguir. Não encontro nada... nada que seja necessário alcançar, por tudo se encontrar neste momento - agora.

Mickey: Bem, decerto deves ter a sensação de te elevar além do mundano e do material e de alcançares a iluminação e a consciência e a percepção espirituais, e de te transformares, até certo ponto, para além do que é normal ou físico. Entendes... quero dizer...

Gerda: Bom, não, eu... não estou de acordo com isso. Não.

Mickey: Mas... isso é o que eu... tu és um personagem extraordinariamente interessante, entendes, por teres este enorme potencial de poder psíquico, e a percepção que devias obter disso e isso deveria elevar-te a um nível de realização mental e espiritual por meio do qual poderias ajudar muita gente. Eu não quero dizer apenas em relação a coisas materiais mundanas, mas no sentido de as elevares.

Quer queiras ou não, entendes, ou quer entendas ou não, é óbvio que te foi concedida uma faculdade com a qual poderias elevar e possibilitar um caminho a muita gente que anda à procura. Precisas ser uma mestra. Quer tu... entende que tu tens essa habilidade de dar, de distrubuir. Entende que todos precisam, num certo sentido, lutar – na realidade todos o fazem, ainda que porventura não o percebam. E eu acho que tu ainda estás por perceber isso.

Quero dizer, é genuíno dizer que dentro do homem exista um grande potencial, mas... ao vosso redor e no universo acha-se o conhecimento e a experiência, acha-se a realização e o fruto, por assim dizer, dos esforços que são feitos pela humanidade - a ser colhidos e ser partilhados. Quero dizer, está muito certo dizer que dentro de vocês exista o poder do espírito - o que sabemos ser um facto - mas o poder do espírito só se poderá concretizar ou atingir a plena floração quando o esforço tiver sido empreendido. Ninguém pode conseguir nada sem fazer um esforço.

Precisamos ter... deve-se ter o sentido de... de nos esforçarmos... de sermos.... de nos tornarmos e, então, quando tivermos atingido um certo padrão ou nível, perceberemos que existem outras vistas mais amplas e mais maravilhosas a ver e a entender e a conquistar. É disso que se trata. A vida é toda feita da assimilação de uma visão e experiência novas e mais amplas.

Quero dizer, fica-te muito bem dizer que - esteja tudo aí. Está tudo aí, mas não só dentro de ti - fora também. Todo o universo está cheio disso. As pessoas não percebem o que está a acontecer no universo. Elas não percebem que tudo existe para ser aproveitado. Tudo está à espera de ser percebido, ouvido,

experimentado. Não há apenas nada na atmosfera. Existe alguma coisa. Uma coisa tremenda.
Todo o conhecimento é segregado lá. Tudo se acha lá. Tudo pode ser encontrado e descoberto, se ao menos vocês empreenderem um esforço.

Entendam, tudo se traduz por uma sensação de realização e eu acho que isso é igualmente humano, na medida em que, se as coisas se encontram aí e se vocês tiverem consciência delas e não fizerem nenhum esforço, não obterão qualquer satisfação. Vocês precisam empreender esse esforço. Todos precisam - é como na escola. Todos estão a estudar. Eles talvez nem sempre percebam que estão realmente num certo sentido a estudar, mas a questão é que isso está patente.

Está tudo aí para ser extraído e - para ser descoberto e experimentado. E não há começo nem fim para essas coisas. É uma grande percepção que vem de acordo com a evolução do indivíduo. Vocês têm isso em vós - mas ao vosso redor e acima de vós existem mundos formidáveis... bem, tão vastos que nem podemos descrevê-los. Eu acho que deveriam procurá-los. Eu acho que ainda não percebeste isso. Eu acho que está tudo aí à espera de ser descoberto.

Gerda: Pois. Mas eu estou a tentar, creio bem, ajudar as pessoas à minha maneira, persuadindo-as a examinar a sua verdadeira natureza, o que não passa pela identificação com esta forma humana.

Mickey: Bem, acho que conseguiste captar a ideia, mas acho que esse negócio de... eu acho que todo mundo tem que... até certo ponto precisa identificar-se de alguma forma. Eles não sabem com o quê nem com quem, nem como. Algumas pessoas identificam-se com o Cristo, outras identificam-se com o Buda. Outras identificam-se com Confúcio e assimilam certas coisas que pertencem a esses indivíduos, a essas personalidades ou deuses, ou chamem-lhes o que quiserem. E isso ajuda-as, mas é apenas uma parte. Não é completo. Eu desejaria que as pessoas entendessem melhor.

Bram: Bem, com certeza, isso... acho que estamos a tentar entender.

Mickey: Estão a ver, não existe um caminho exclusivo. Existem inúmeros caminhos.

Gerda: Mas - existe esta unidade de todas as coisas e acho que isso é o que realmente é importante que percebamos, não? O tipo de não separação existente entre...

Mickey: Existem unidades básicas, sim. Quero dizer, penso que todas as verdades... as verdades, as verdades fundamentais são todas verdades básicas. Mas há inúmeras, milhares e milhares de outros caminhos e aspectos e formas e meios.

Gerda: Estou certa que sim. Mas não as podemos seguir a todos.

Mickey: Não, nem eu sugiro que vocês devam sequer pensar nisso, mas a questão é que a verdade fundamental subjacente a todas as religiões é a mesma.

Gerda: Sim.

Mickey: Seja qual for o caminho que adoptem, hão-de a um determinado ponto, e quando vocês chegarem a esse ponto, começarão a aprender. Então começarão a expandir. Então começarão a aprender. E começarão a expandir-se e começarão a crescer. E aí começarão a eliminar muitas das coisas que as várias religiões ou organizações - ou chamem-lhes o que quiserem - adoptaram e que muitas vezes obscureceu as simples verdades subjacentes.

Quero dizer, acho que isso é óbvio. Eu acho que todas as religiões do mundo obscureceram, em muitos casos, a verdade valiosa que foi proclamada ou transmitida pela primeira vez. E até que vocês se livrem de todas essas coisas que o homem criou ou que sobrepôs à doutrina original, até que vocês descartem isso, vocês realmente não conseguirão muito progresso.

Gerda: Isso é verdade.

Mickey: Eu acho que, numa primeira instância, o homem tem que descobrir dentro de si mesmo, sim. Mas ele também tem que procurá-lo mais longe. Ele deve procurá-lo fora de si próprio. Ele precisa procurá-lo nos reinos da mente e do espírito e do psíquico e perceber que o ser humano perfeito - acaso exista algum ser humano perfeito - é uma combinação. Não é só o que algumas pessoas parecem pensar - um indivíduo. De certo modo realmente não existe tal coisa. Essa é a maior ilusão de todas.

Eu acho que as pessoas admitem que são indivíduos e de certo modo, materialmente até são - só são o produto de um volume incalculável de experiências, das experiências de outras pessoas, dos pensamentos de outras pessoas, das ideias das outras pessoas. Vocês assimilaram todo tipo de coisas de todos os tipos de fontes e muitas vezes proclamam-nas como parte de vós próprios ou, em alguns casos, como vossas. Mas não existe nada novo. Tudo está aí. E, num certo sentido, num momento qualquer, foi descoberto ou talvez se tenha perdido.

A vida acha-se ao vosso redor, a força estimulante que lhes trará enormes realizações, se ao menos procurarem alcançá-las. Mas quando vocês estão na Terra, vocês precisam usar o físico, o psíquico e o espiritual em completa harmonia. Quando vocês reajustam, quando vocês se ajustam, então vocês começam a perceber essas coisas e começam a progredir rumo a um conhecimento e a uma experiência mais verdadeiros. E gradualmente, à medida que vocês evoluem, vocês descartarão muitas noções e ideias preconcebidas e muitas das coisas com as quais vocês estiveram imbuídos desde a infância.

Quero dizer, é uma infelicidade que, num certo sentido, tenham sido criadas de uma certa maneira e que muita vez essas coisas se prendam a elas e muita vez se tornem obstáculos. Se vocês nascerem numa família muito religiosa, então, se não forem cuidadosos, você ficam acorrentados para o resto da vida a noções e a idéias preconcebidas. Não será senão quando vocês estiverem livres e quebrarem as correntes e se virem sem restrições que vocês poderão esperar conseguir algum progresso real. A pessoa livre é a pessoa que irá progredir. Não a agrilhoada.

Gerda: Mas Mickey, se tudo - se tudo não passar de uma luta constante por algo em algum momento no futuro, não será que, num certo sentido, isso equivale a deixar que o presente passe um pouco desatendido, e o presente não será realmente tudo o que sempre temos a qualquer instante, agora? Estamos constantemente a lutar por alguma conquista futura, e este presente parece...

Mickey: Bom, não. Não quero dizer...

Gerda: ...passar despercebido.

Mickey: Eu sei, a sério, hum... Não, é claro que vocês precisam enfrentar o presente. É por isso que falamos sobre o físico, o psíquico e o espiritual. Uhm... o físico é, num certo sentido, o presente. O físico é a expressão, se quiserem, de muitos aspectos de si mesmos. E é claro que o corpo físico é o veículo da sua expressão e tem que enfrentar os problemas e as vicissitudes e todas as experiências das questões materiais. Mas se o ajuste se fizer através do psíquico, que é o veículo da expressão do espírito - e quando os três estiverem em harmonia, então vocês terão uma espécie de todo perfeito - essa é a verdadeira trindade.

E a questão está em que, umm... é claro que vocês têm que enfrentar os problemas, vocês precisam viver a vossa vida material. Mas depois, vocês também a podem viver com perfeita compreensão da faculdade do psíquico, o que os ajudará a subir de nível, e os ajudará no plano físico, e lhes dará uma maior percepção e compreensão da possibilidade do que pode ser alcançado pelo espiritual que se manifesta em harmonia com o psíquico e o físico.

Mas o presente é uma grande ilusão, do mesmo modo que o passado e o futuro. O tempo todo não é nada. O tempo não se detém. Por enquanto, vocês estão apenas a aspirar, num certo sentido. Mas o objectivo está em que, através de vós, o espírito eterno manifesta-se de uma forma ou de outra. E vocês amarram-se ao tempo dos relógios e do sol e da lua e das estrelas e da data em que o aluguer vence, e todo esse tipo de coisa, mas essas são coisas passageiras. O vosso corpo está a sofrer mudança a cada instante, por de alguma forma vocês saberem muito pouco ou nada e provavelmente nem sequer lhes isso lhes interessar. Mas a questão está em que, a maior ilusão de todas é essa ideia de que têm existência no tempo.

Na realidade, vocês só existem no tempo num certo sentido. É a maior ilusão de todas. Na verdade, vocês não têm existência no tempo. Na realidade vocês encontram-se fora do tempo e estão deslocados do tempo e o que está a acontecer agora já se encontra registado. O passado está convosco, o futuro está além. Vocês estão a entrar nele, embora realmente já se encontrem nele. Não existe linha alguma de demarcação. Não existe nascimento nem existe morte.

Gerda: Eu sei. Sim.

Mickey: Sabes, quero dizer... Vocês precisam tirar proveito de vós próprios, de certo modo. Vocês precisam enfrentar o negócio, vocês têm que confrontar o facto que têm que se levantar e apanhar o velho ónibus. Mas num sentido isso é uma ilusão. É uma coisa muito real enquanto vocês a estiverem a experimentar no mesmo nível de consciência do material. Mas por trás de tudo o que vocês estão a fazer e a pensar há outras facetas, há outras coisas a serem consideradas. Existem outros povos, sem que sequer tenham consciência da sua presença, que estão a imprimir ideias em vós. Muitas vezes eles dizem-lhes coisas, muitas vezes vocês registam coisas que não conseguem explicar. Vocês recebem impressões, pensamentos, ideias de todo o tipo de gente; em certos casos mesmo da chamada gente falecida. Mas a questão está em que existem outros planetas, existem outras esferas. Existem outros seres, altamente evoluídos - muito mais evoluídos do que as pessoas na Terra pensam ser.

A questão está em que, vocês não percebem que ao vosso redor existe um número incontável de mundos de vivacidade, mundos de experiência, mundos e povos, muito, muito, muito para além de qualquer coisa que vocês conhecem sobre o vosso próprio modo de vida...

Bram: Conta-nos um pouco mais sobre isso, Mickey...

Mickey: Por que deverão iludir-se pensando que são o único povo que existe? De certo modo consigo entender, por ter sido assim que vocês foram

criados. A certa altura o mundo era plano, de acordo com a crença que defendiam. Agora vocês sabem que é rodondo. Agora vocês estão a começar a descobrir que existem milhares de mundos. E em breve irão começar a perceber que existem seres altamente evoluídos - muito mais evoluídos do que os seres humanos no vosso planeta - que estão a tentar estabelecer contacto com o vosso mundo. Em certos aspectos, eles estão a tentar estabelecer contacto com o vosso mundo para tentar salvá-los, e ao vosso mundo, do desastre. O homem cria o seu próprio ambiente, cria os seus próprios problemas, cria os seus próprios distúrbios e isso nada tem que ver com a religião e - todo esse negócio da religião constitui a maior falácia de todas.

Bram: Mickey, todos esses outros planetas que são habitadas, terá essa gente em qualquer altura estado neste planeta ou terão...?

Mickey: Essa é uma outra falácia, estão a entender? As pessoas sempre parecem supor que os povos que habitam outros planetas ou outros mundos, provavelmente, quase de certeza deverão ter vivido na Terra. Como se a Terra fosse o único terreno fértil de... isso é... sabem... na verdade, a existência que o vosso mundo tem em si mesmo, no tempo, se é que precisamos considerar o tempo, é apenas a de um bebé. Há mundos que têm existido há incontáveis biliões e biliões de eras. E alguns deles compreendem estados de consciência altamente evoluídos onde os povos, não exatamente semelhantes a vós, assimilaram essa experiência, muito para além dos vossos sonhos.

E eles são alguns dos quais - sem que provavelmente lhes revelem isso - tentaram inspirar e ajudar o vosso mundo. Há pessoas que andam pelo vosso planeta que não são da Terra em absoluto, que vieram ao vosso mundo para tentar influenciar. Vocês reconhecem-nos como pessoas comuns por todas as suas aparências externas, mas eles não são.

De qualquer forma, eu não posso entrar em profundidade nisso de momento. Mas, quero dizer, este não é o tipo de círculo de que vocês estavam à espera, só que... hum... não consigo evitar.

Audiência: É maravilhoso Mickey – é muito excitante, obrigado. Muito obrigado.

Mickey: Vejam bem, eu sei que faz parte da natureza humana, quero dizer, é compreensível. Que todos, independentemente da crença religiosa particular que defendam ou qualquer que possa ser a persuasão ou o interesse que tenham na questão espiritual, por serem humanos... Para eles, provavelmente estará certo - que esse seja o caminho acertado. Eles descobriram que... ou foram conduzidos muito naturalmente a isso, porquanto isso os ajuda e traz-lhes paz e tranquilidade

de espírito - é bom para eles. Eu seria a última pessoa a tentar mudá-los ou a tirar-lhes seja o que for.

Mas não é até que vocês comecem a perceber, como eu tenho percebido e outras almas por aqui, a imensidão da vida, o quão estúpido é ajustar os limites da vossa mente às limitações de qualquer crença religiosa particular ou persuasão. Isso não passa tudo de pequenas gotas no oceano da experiência e não é senão até que aqui tenham estado, e tenham experimentado e testemunhado muitas coisas e tenham tido os vossos olhos abertos para as tremendas possibilidades que a vida estende em todos os seus diferentes graus e formas, que vocês começam a desejar que as pessoas na Terra possam ver mais claramente o quão necessário e essencial é para eles, acima de tudo, separar-se e desprender-se - ser livres para pensar e contemplar, abrir os corações e as mentes para com a sabedoria e a verdade, nos múltiplos aspectos que assumem.

É como um diamante que está em estado bruto, que apresenta muitas facetas, e que apresenta um enorme brilho. E se vocês pudessem perceber que é essa percepção de que toda a vida é uma só. Não importa se vocês estão neste ou naquele planeta ou nesta ou naquela esfera, se nasceram no vosso mundo em circunstâncias difíceis ou terríveis, ou se vocês nasceram numa família muito rica e num certo sentido virão a herdar a terra, conforme poderão dizer.

Todas as criaturas da criação, independentemente de quem sejam ou do que sejam, ou o aspecto da vida que adoptem, ou que forma ou contornos, são o mesmo espírito que anima toda a vida que lhes está a ocnceder o aspecto de si mesmos que apresentam. Vós próprios assemelhais-vos a um pedaço diminuto - bem, a um grão de areia nos desertos do tempo, mas ainda assim cada grão é importante para o resto. Cada grão ajuda a formar o deserto - e até mesmo grandes coisas podem crescer no deserto.

O que eu quero dizer, o que eu quero esclarecer, se conseguir, é que todo mundo é importante. Todo mundo possui aspectos da Divindade. Todo mundo tem dentro de si o poder de assimilar ainda mais este poder e este espírito e esta realização e este conhecimento, e pode tornar-se muito mais evoluído muito mais informado, muito mais consciente. Mas vocês não devem nunca, em momento algum permitir-se ser reduzidos ou ficar agrilhoados, ou pensar nem que por um só segundo, que o vosso tipo particular de religião ou de crença constitua o princípio e o fim. Ela nunca poderá representar isso.

Quer dizer, Cristo veio ao mundo para dar um exemplo, para mostrar um caminho, como todos os grandes mestres e os profetas. E eles perceberam o potencial que existe dentro do homem. Eles perceberam o poder do espírito que foi a força eterna de todo o bem, que é a força que concede vida que é eterna, que

nada pode destruir ou tirar. A morte não pode separar nem dividir e, toda a questão está em que, Cristo sabia dessas coisas. Ele expôs essas coisas. Ele demonstrou essas coisas, como, aliás, fizeram muitos dos grandes profetas, mas eles perceberam que o mundo, o mundo material, é apenas o berço. Não é tudo nem o fim de tudo. Vocês crescem a partir dele.

Mas se as pessoas pudessem ver a imensidão de tudo isso, elas não se teriam ajustado nem prejudicado. O amor delas seria um amor expansivo, que abrangeria todos os povos de todas as nacionalidades - e mesmo para além de mundos como o vosso. E elas veriam que cada parte na criação tem o seu lugar e a sua finalidade: a de que tudo o que vive é parte de vós. Vós destruís uma aranha - num certo sentido vocês estão a destruir, em parte, a vós próprios. As pessoas não entendem isso. Elas encaram, por exemplo, um mosquito ou uma pulga como algo que, bom, não tem o direito de existir. Eu não estou a dizer que seja importante, no mesmo sentido em que um ser humano é, ou digamos, um cão o seja, um cão de estimação ou qualquer coisa assim. Mas tudo o que é trazido à existência, possui vida. Tem um aspecto qualquer animador... de vós próprios. Não é o revestimento externo.

Estão a ver, é nisso que o homem comete o erro. Ele pensa em si mesmo apenas como físico. Mas não é o físico que é importante. Isso não passa de um revestimento. É uma cobertura, é uma casa, por meio da qual vocês expressam aspectos de Deus, aspectos do poder do Divino, aspectos do vosso ser como vocês conhecem em vós próprios - ou pensam que conhecem em vós próprios, ou que atingiram, em certa medida, pela experiência.

Mas a questão está em que vocês não podem destruir nada. O homem pensa que destrói e, muitas vezes deseja destruir. Mas quando ele destrói alguma coisa, num certo sentido, ou de um ou de outro modo, ele está a destruir a si mesmo. Até que vocês alcancem uma compreensão universal dessas coisas - que toda a vida é parte do plano Divino - de que vocês não conseguem escapar mais do que não conseguem escapar a vós próprios. Quando provocam dano a uma outra pessoa, vocês estão a prejudicar-se. Vocês estão muita vez a prejudicar-se mais do que estão a prejudicar a outra pessoa. As pessoas simplesmente não conseguem compreender estas coisas.
Quer dizer, se ao menos pudessem ver com a visão do espírito, e se pudessem viver em harmonia; na trindade do espírito, do psíquico e do material - quando se misturam em completo amor e harmonia, no ajuste, então vocês começam a perceber - então vocês começam a respirar e a viver e a ter uma compreensão do que tudo envolve.

As pessoas andam à procura, estão a esforçar-se, a lutar, e não sabem muito bem que caminho seguir. Alguns vão assim outros vão assado. Algumas encontram algo que as ajuda. Mas ninguém possui a verdade universal, é claro,

porque a verdade universal é demasiado imensa para que uma mente a capte num determinado período de tempo e dela tire proveito. Vocês podem apenas obter um pedaço diminuto dela. Mas um dia vocês vão entender melhor que isso engloba muita coisa. Tudo o que vocês podem ter a esperança de fazer, é claro, é seguir o que lhes foi dado, pelo melhor que forem capazes. Mas jamais deixem de entender que é apenas uma ínfima parte da grande totalidade.

Vimos até vós com amor; para os servir, para os ajudar, para os elevar, para os inspirar, para lhes trazer um sentido e um propósito. Vimos para os confortar, para os ajudar e vimos trazer-lhes a percepção das coisas conforme nós as vemos. Nós não podemos fazer todas as coisas que queremos fazer - nunca poderiamos esperar fazer tal coisa. Nós só podemos abrir um pouco a porta - e se vocês nos ajudarem a mantê-la entreaberta, então podemos dar-lhes um pouco mais. Mas, a questão toda está em que, muitas pessoas que dizem ser, por exemplo, espiritualistas, não fazem a menor ideia do que isso envolve. Para eles, o Espiritualismo está em receber uma mensagem qualquer ou receber alguns conselhos - geralmente de carácter material. Mas isso não é nada. Isso não passa de uma fracção.
Vocês podem até dizer que é – que seja a chave, se quiserem, que abre a porta, mas ninguém em tempo algum a desanda, ou muito poucos chegam a fazê-lo.

Parece-me a mim que a maioria das pessoas que dizem andar à procura, andam apenas à procura num nível muito material. Precisam perceber que por trás de tudo que estão a fazer, por trás de tudo o que vocês andam à procura, há uma maior importância e um maior poder e uma força maior e uma percepção maior a ser-lhes dada. Mas enquanto vocês se contentarem em falar com a tia Fanny, enquanto vocês se contentarem apenas em falar no nível material, sobre coisas materiais, ou em pedir conselho material a algum familiar que vocês tenham conhecido e amado, que ainda os ame, então, obviamente, vocês manter-se-ão e, em certa medida, a essa pessoa, nesse mesmo nível.

Não há razão nenhuma para que vocês não devam, é claro, estabelecer contacto com todos os tipos de pessoas que se encontrem deste lado, mas tentem perceber que estão só a estabelecer essa ligação numa base material. Ou estarão a tentar vincular-se numa base mental e espiritual, para o vosso próprio avanço, assim como do deles? Porque vocês podem ajudá-los assim como eles podem ajudá-los a vocês.

Se ao menos pudessem perceber a 'unidade' do espírito e o que isso pode alcançar, o que pode fazer. Mas isso depende de vocês. Vocês só receberão aquilo para que estiverem preparados e que provavelmente forem capazes de compreender. Mas se alargarem os vossos horizontes, se vocês aspirarem a uma ligação superior ou a uma visão superior, então nada lhes será impossível. Mas se

vocês se contentarem em ficar parados, então temporariamente vocês irão ficar parados. Se vocês disserem a vós próprios: 'Bem, eu estou contente com o que tenho,' então de certa forma irão contentar-se. Mas isso não é tudo nem o fim de tudo.

A percepção de que tudo está aí à espera que estendam a mão para que o colham; para ser aproveitado, para ser entendido, para ser experimentado - então todos os níveis de consciência do espírito estão aí. Nada é impossível para aquele ou aquela que se esforça. E é apenas através do esforço que o homem irá conseguir e sempre procurará chegar a cima, às alturas. Não se contentem com as profundezas. Não se contentem em ficar parados. Não se contentem em ficar estagnados, mas aspirem em todos os momentos a coisas que sejam eternas, a coisas que realmente sejam eternas, às coisas que são de Deus e às coisas que são vossas por herança. Por serem filhos do Deus vivo – e não de alguma figura vaga sentada num trono como algumas pessoas gostariam que vocês pensem.

Deus é a realidade viva da vida e é essa força que dá vida que os anima e os torna numa realidade. Vós sois deuses em estado embrionário, mesmo enquanto na Terra. Vocês fazem parte do plano Divino. Vocês são parte da força divina. Vocês fazem parte da realização de toda a verdade. Aspirem a isso. Lutem por isso. Lutem por ela e ela virá a vós - e assim fazendo, vocês irão mudar a vós próprios. Vocês vão mudar o mundo e vão trazer paz e compreensão da verdade ao vosso mundo. Mas até que o homem se erga do lamaçal e saia da escuridão, ele nunca irá encontrar a luz, nem a verdade.

Nós fazemos o que podemos, mas devemos deixar a vosso cargo lutar para tornar possíveis as coisas que lhes damos. De nada adianta que falemos, de nada serve que nos expressemos, a não ser que vocês empreendam um esforço. De nada servirá apenas ouvir para depois esquecer. Vocês precisam ouvir e, de seguida, colocar em acção as coisas que são do espírito - e aí vocês irão 'espiritualizar' o vosso mundo e ele virá realmente a ser um mundo em que os filhos de Deus possam viver em paz, em harmonia, no amor. Agora preciso ir. Mas o meu amor e bênção estendo a todos. Tchau.

Audiência: Adeus Mickey...

GUSTAVE GELEY

SOBRE O PREPARO OU DESPREPARO DE QUANTOS PROCURAM NEGAR A VERACIDADE DOS ESFORÇOS QUE DO OUTRO LADO EMPREENDEM POR NOS COMUNICAR A MENSAGEM MAGNÂNIMA DO ESPÍRITO

Nem sempre é possível dominar muito bem a fala. Suponho que seja de esperar que a atmosfera que por vezes condicione... Mas hoje esperava falar por um bocado convosco já que estou particularmente interessado neste grupo que esperam apresentar, e tenho trabalhado há muito tempo nisto, em segundo plano. Embora não tenha o hábito de vir e falar, encontro-me muito ocupado em insistir no trabalho científico que precisa ser posto em tudo para que torne possível a comunicação e a construção da caixa de voz. Tudo quanto é essencial à reprodução das mensagens que procedem das diversas fontes deste lado. O aparelho precisa ser construído a partir do ectoplasma e também a partir das condições atmosféricas que prevalecerem no momento de uma sessão como esta.

Tanta coisa permanece ainda obscurecido para as pessoas da Terra em relação a este princípio que possibilita a comunicação entre o nosso mundo e o vosso... Tão pouco é conhecido sobre isso. Tem havido vários indivíduos que se esforçam ou tentam descrever ou retractar o que acontece, como é colocado em prática, como é possível deixar que os chamados mortos possam manifestar-se para que as pessoas da Terra possam ouvir, mais uma vez, a reprodução da voz das pessoas próximas e queridas para elas e os indivíduos que possam vir, que possam não ser da sua relação mas que possam ter uma mensagem a transmitir, de alguma importância.

Não sabemos, é claro, muitas coisas, do ponto de vista da capacidade de as descrever. O que eu estou a tentar transmitir é o seguinte: que nós construímos a partir do ectoplasma uma réplica das cordas vocais necessárias para a fala no vosso mundo para que vocês possam entender os pensamentos uns dos outros. Ao fazermos isto artificialmente, temos de lidar com enormes dificuldades. A reprodução dos órgãos vocais em si mesma, é de uma enorme responsabilidade, em si mesma constitui uma grande façanha, não só por precisarmos reproduzi-los a partir do ectoplasma que é fornecido principalmente pelo médium, como

também temos que o renovar e estabilizar constantemente. Por outras palavras, temos de mantê-lo activo, precisamos mantê-lo numa forma suficientemente solidificada de forma que possa ser usado por qualquer período de tempo.

Esse reabastecimento do poder, reabastecimento do ectoplasma é feito a toda a hora e mantido numa condição em que possa ser usado para fazer vibrar a vossa atmosfera, para criar som. É tudo, como vocês sabem, reproduzido artificialmente, e o que as pessoas não conseguem entender é que ao reproduzirmos artificialmente o som - porque ele é reproduzido artificialmente - é impossível reproduzir sempre de forma idêntica a qualidade tonal de uma voz que não mais possui o mesmo corpo e que não mais usa as mesmas cordas vocais. É daí que porventura virá a maior dificuldade, do ponto de vista das pessoas do vosso mundo entenderem e compreenderem plenamente.

Muitas vezes, podemos reproduzir a personalidade, de acordo, é claro, uma vez mais, com o indivíduo que venha, caso se trate de uma personalidade forte. Se conseguir assimilar a recordação do eu passado que tiver sido - por não ser apenas uma questão de ser capaz de recordar e de reproduzir pensamentos pertencentes a incidentes por que há muito tempo tenham passado, que, por si só, ajudem a apresentar uma comprovação que sustentem uma alegação. Mas além disso, e ao mesmo tempo, para poder definir de tal modo a sua personalidade que se possa criar de novo, ou recriar, artificialmente, o que se recorda do seu antigo eu, mas não só a personalidade, como a sonoridade real do tom da voz que tiver usado.

É extraordinariamente difícil conseguir todas essas coisas. Entendam que não estamos apenas a fazer uma coisa quando comunicamos, por precisarmos fazer diversas coisas. Uma, é ter que apresentar algo que em si é uma coisa viva. Quero dizer, eu falo convosco; vocês ouvem a minha voz, que é o som que se propaga e chega até vós, e que vibra na vossa atmosfera. Eu defino e estabeleço e minha personalidade também vocês recebem, até certo ponto, uma reprodução do meu antigo eu terreno.

Mas não podemos garantir o quanto se poderá perder, nem podemos dizer o quanto possa ser reproduzido porque estamos fazendo isto, embora tenhamos consciência da vossa presença, naturalmente, e estejamos conscientes das condições em que trabalhamos, não podemos, ao mesmo tempo, perceber totalmente tudo o que está a ser alcançado, nem o quanto é plenamente tornado consciente, nesse período, enquanto nos concentramos em nós mesmos e nos concentramos na reprodução da nossa voz ou nos pensamentos que desejamos transmitir-lhes. Nem podemos esperar ter sempre consciência, o tempo todo, dos vossos pensamentos.

Quando não estamos, por assim dizer, a stressar ou a lutar para comunicarmos convosco, estamos mais conscientes, por assim dizer, dos vossos pensamentos e do que vocês pensam e tentam transmitir, mesmo que vocês não estejam a falar, por não ser necessário, é claro, do meu ponto de vista, que vocês enunciem palavras e façam vibrar a atmosfera com o som, criarem som para que possamos saber o que estão a pensar. Por os pensamentos, em si mesmos, embora não sejam registados na atmosfera, para nós podem ser coisas muito reais. Por outras palavras, nós temos mais consciência do que está a passar dentro de vós, do que vocês poderão alguma vez esperar ter do que se passa connosco, ou do que estamos a tentar transmitir, mesmo que estejamos a comunicar convosco. Todas estas coisas comportam uma enorme complicação, e vocês precisam recordar isso e aqueles em particular quem lerem o teu livro precisam levar isso em consideração.

Haverá quem, obviamente, que, embora devesse estar melhor esclarecido, venha a criticar e a dizer: “Ah bem, como é que haveremos de saber se terá sido essa pessoa em particular quem esteve a transmitir esta mensagem? Poderá ter sido outra pessoa. Poderia ter sido mais alguém, ou mesmo a mente subconsciente do médium, para não dizer que poderá não ter passado de uma fantasia ou um mero capricho do querer." Na verdade, vocês arranjam muitas desculpas e outras tantas explicações para isso. Muitas vezes, da parte de pessoas que, ou não querem acreditar, por lhes convir pensar de outra forma, ou mesmo daqueles que deviam aceitar e que se encontram em posição de entender, por vários motivos, por se conhecerem mais a eles próprios; eles criticarão a verdade que oferecemos.

Estás a entender, é no teu livro que me encontro muito interessado e em que, de certo modo, falo do ponto de vista da assistência que presto na construção e de ter possibilitado o uso da caixa de voz para isto. Estou plenamente consciente do facto da crítica, por haver quem venha a dizer que, embora as mensagens em si mesmas sejam interessantes e, em alguns casos úteis, para algumas pessoas, haverá quem diga que não têm qualquer valor de prova. Mas vocês entendem, não se pode colocar muito bem a prova num livro. A comprovação é algo que um indivíduo precisa receber pessoalmente, pela experiência directa e por meio desse contacto pessoal, por só isso e isso apenas poder fornecer-lhes a prova. A prova individual é algo que cada pessoa deve conseguir por si só.

Este livro que escrevemos, que foi escrito, é um livro que precisa ser aceite do ponto de vista de ser uma mensagem do espírito, uma palavra do espírito. É a filosofia e a realização da verdade por meio do espírito. Neste livro, não estamos tão preocupados com as questões da comprovação pessoal, porque, como poderemos fornecer evidências pessoais a indivíduos com quem não temos esperança nem a possibilidade nem mesmo de estabelecer um contacto pessoal? Aqueles que desejarem uma comprovação de contacto pessoal, pois, devem buscar

a oportunidade, e tratar de se sentar com "instrumentos" que, em si mesmos, possam fornecer provas a tal pessoa. O nosso livro não está preocupado com o aspecto pessoal. Está preocupado com o mundo, está interessado na humanidade, e em que ela possa receber a inspiração e a verdade do Espírito que se acha encerrada entre as suas capas.

Aqueles que criticarem - e sem dúvida que não faltarão - criticarão como já disse, por diversos motivos, por várias razões. No entanto, haverá muitas pessoas que ficarão aliviadas ao saber que, pelo menos, deste lado há alguém que está ansioso por trazer ao mundo a verdade espiritual, a visão espiritual, a consciência espiritual e a consciência das coisas importantes e vitais que influenciam toda a humanidade. É isso! O nosso livro é para todos os que estiverem prontos a receber. Para aqueles que argumentarem que contém pouca ou nenhuma evidência da sobrevivência, deixo-lhes algo que nem mesmo de certa forma professamos dar.

Talvez simplesmente as fitas ou as próprias gravações com a personalidade do indivíduo por trás, e as idiossincrasias que a reprodução possa trazer a essa voz, ou as peculiaridades que lhes são naturais, em certos casos, embora não em tudo, ou perderiam a comunicação; alguns podem não ser capazes de comunicar tão bem, mas o importante é a mensagem da verdade da sobrevivência, a mensagem do espírito, a realização do poder do espírito e do que vai conseguir, e a iluminação que se leva à escuridão do vosso mundo, às mentes que estão prontas para perceber e aceitar. Isso é o nosso livro, isso é o nosso trabalho.

Para aqueles que procuram a retórica, para aqueles que procuram o pessoal, para aqueles que procuram a prova individual e pessoal - que devem obter, mas que só podem receber por contacto pessoal - eles poderão não ser capazes de apreciar o nosso esforço ou o que estamos a tentar fazer ou o que conseguimos. Nós não estamos tão preocupados com esses, estamos preocupados, com certeza - mas tenham em mente que é com todas as pessoas. Mas o que estou a tentar transmitir é que não estamos tão preocupados com a possibilidade de alguém o descartar e não aceitar. Precisamos contar com isso. Se eles não estiverem preparados, se não estiverem abertos para receber a verdade, então percebemos que ainda precisarão passar por um certo nível, e que é essencial que obtenham a experiência introdutória, poder-se-á dizer, por que passamos há muito tempo.

Aqueles que procuram o individual e a pessoal eu sugiro que participem junto dos vários médiuns e que criem gradualmente mas com certeza as suas próprias provas, e então poderemos ser acolhidos, e então, elas estarão prontas para isto que lhes estamos a oferecer. Eu não quero que vocês fiquem angustiados, meus amigos, caso venham a receber alguns contratempos e alguns desapontamentos, por isso ser de esperar, vocês deverão contar com isso, é natural,

por vocês virem a lidar, em alguns casos, com gente de mente tão materialista, que não podem conceber ou perceber essa verdade.

Eles ainda não estão preparados e não a podem receber. Seria como tentar esperar que uma criança pequena fosse capaz de ler um ensaio escrito por um professor. Eles encontram-se apenas no estágio de aprender o ABC, a falar; não conseguem entender as palavras nem conseguem entender o significado. Não fiquem indevidamente angustiados se receberem, como virão a receber, até mesmo da parte de algumas pessoas que entendem e que sabem, mas que, por motivos pessoais ou preconceito pessoal, irão tentar desacreditar aquilo por que nos temos esforçado por fazer por vosso intermédio.

Estamos gratos por tudo o que vocês se esforçam e por tudo o que vocês fizeram, por ter sido um trabalho feito com base no amor, na paciência e tem exigido uma enorme energia mental e física necessária para transformar isto numa conquista, num facto. Estamos conscientes, mas o vosso amor, a vossa cooperação produziu este nosso trabalho. Eu gostaria de pensar que seja talvez o começo de coisas mais significativas; que a porta da iluminação possa ser aberta um pouco mais, e que aqueles que estão no limiar venham a ver um pouco mais do mundo glorioso do espírito que os espera. O passo que foi dado e a porta que foi deixada entreaberta possa logo ser aberta de par em par com amor, paciência e perseverança da parte de todos os interessados que estiverem abertos que muitos possam entrar e começar então a perceber e a ver e a conhecer e a compreender o verdadeiro significado do poder e do amor do espírito, e o que realmente significa e o que realmente pode alcançar.

O amor como muitas vezes foi dito por tantos de maneiras diferentes, é a chave que desbloqueia todas as portas. O vosso amor destranca a porta entre o vosso mundo e o nosso, e estamos gratos por toda essa paciência e todo esse amor que vocês nos demonstraram. Se os nossos esforços alcançarem o que esperamos que consigam alcançar, ficaremos satisfeitos, mas devem continuar com o vosso amor e a vossa cooperação a fazer outras coisas.

Este livro vai avançar, disso estou eu certo. Ele obterá muito, muito sucesso em certas áreas, mas não se preocupem se, noutras áreas, for alvo de pouco reconhecimento e tiver pouco efeito...

Pergunta: (Inaudível)

Minha cara senhora... isto será suficiente. O meu nome não tem importância, como muitos disseram quando lhos perguntaram. Às vezes eles poderão revelar relutantemente: "Chamo-me é assim ou assado," mas sempre lhes dissemos, e eu digo isto em nome de todos vós aqui, quem quer que lhes tenha falado, o que quer

que encerre a sua mensagem, embora tenham dado seu nome em certos casos, esse nome particular não importa, mas a mensagem, e o contexto em que a precisamos entregar ao mundo. É o amor que derramamos ao vosso mundo na esperança de que ele os eleve e o leve a mudar, faça com que vejam e percebam que em si mesmos está o poder de superar todas as coisas, e que lhes abra a porta para a iluminação e para a consciência espiritual e a consciência da verdade, e que traga a bênção do Grande Espírito para o seio dos seus filhos, e então partimos em paz e no amor. Essa é a nossa tarefa e o nosso trabalho e a nossa mensagem. Os nossos nomes em si mesmos não têm importância. Se os nossos nomes forem dados e se isso tiver algum peso, se tiver qualquer efeito que seja bom para o nosso trabalho, então ficaremos agradecido e encantados, mas em si mesmo o nome é de pouca importância.

Eu também fui estudante desta verdade, e estudei e encontrei as minhas próprias conclusões. A realização desta verdade tornou-se-me plenamente consciente enquanto vivi no corpo, embora muita coisa que me tenha deixado confuso, conforme sempre deverão confundir, pois não há nada disso a que chamam comunicação a cem por cento, possibilidade absoluta. Pois devemos nos lembrar que estamos sempre a lidar com o pensamento, o poder do pensamento, o poder de transmitir a mensagem que vem do nosso domínio do espírito e de utilizamos, conforme utilizamos, às vezes dificuldades e até mesmo discrepâncias. Não existe instrumento algum que funcione a cem por cento, embora haja quem no vosso mundo goste de pensar que sim. Mas nós sabemos que tanta coisa depende de condições tão diferentes, e que tanta coisa é tão complexa mesmo agora, mesmo para nós que comunicamos deste lado.

Estamos sempre plenamente conscientes de todas as complicações e dificuldades. Que consigamos os resultados que conseguimos, e que alcancemos o sucesso que alcançamos, considero que em si mesmo constitui uma coisa maravilhosa, mas eu afirmo isto e afirmo-o com todas as minhas forças. Onde estarão, no vosso mundo, aqueles que procuram com sinceridade e amor nos seus corações, dispensar esse tempo e fazer esse esforço para permitir que nos encontremos com eles, para que possamos comungar com eles, para podermos transmitir a nossa mensagem ao mundo, para que proporcione conforto e torne a realização da verdade mais compreendida e apreciada. E subsequentemente de a descobrirem, se esforçarem nas suas próprias vidas por demonstrarem isso, por realizar uma outra realização maior e renovada do amor e do propósito que Deus tem por entre os filhos da Terra. Para trazermos aquela paz que só pode vir da consciência espiritual e da consciência da verdade e da sua realidade.

Quando conseguimos e tivermos alcançado essas coisas, então, de facto, estaremos felizes e, na verdade, ficaremos satisfeitos e, na verdade teremos a certeza de que estamos a cumprir a missão que nos foi confiada. Estamos a fazer

tudo ao nosso alcance para ajudar, para guiar, para elevar a humanidade; para tirar de vós é o medo tão predominante no vosso mundo, e para colocar no seu lugar o conhecimento, e para colocar no seu lugar a percepção de que tudo está bem.

Para aqueles que entendem, para aqueles que se encontram plenamente conscientes da missão do Espírito, esses possuem enormes possibilidades até mesmo de fazer coisas mais significativas. Não pensem que esse livro seja o fim. É apenas o começo. E quem sabe se, caso lhes seja dado o tempo, e dispuserem do número de anos de vida na terra para mais dois, vocês não venham a consegui-lo, mas tenho certeza de que vocês vão conseguir e obter grandes coisas a partir disso. Ficamos à espera de um segundo livro. Seja como for, já não há muito tempo.

Pergunta: Tê-lo-ei conhecido na terra?

Não, senhor, não me conheceu em absoluto. Madames et mousieurs, continuem o vosso excelente trabalho. Saibam que estamos sempre convosco.

Auditório: Obrigado.

DR. CHARLES MARSHAL

UMA MENSAGEM DE ÂNIMO

8 Junho 60

Marshall: Porque deverás pensar que tudo tenha importância?

Rose: Porque penso o quê?

Marshall: Porque pensas que tudo tenha importância?

Rose: Ah, bom, está a vir luz por baixo, está a sair luz do gravador... Pensei que pudesse (...) Foi isso.

Marshall: Ah, luz por todo o lado!

Rose: Exacto! Consegue vê-la, doutor?

Marshall: Não! (Rose: Não consegue?) Se não me preocupa, não te deve preocupar a ti. Nem um bocadinho...

Rose: Ainda não consegui entender de onde a sua voz está a vir.

Marshall: Que queres dizer com isso “de onde está a sair”? (Rose: Eu não sei.) Que é que tu não sabes? Que queres dizer?

Rose: Encontra-se exactamente nesta sala ou está a ejectar a sua voz a partir de algum outro ponto que não aqui?

Marshall: Nós encontramo-nos na sala na medida em que temos consciência da sala e consciência da tua presença. Mas para nós a sala é puramente algo que é registado na medida dessa consciência que tendes de vós. Mas para mim a sala não existe como tal. Tenho consciência de se tratar de uma sala, de me encontrar na sala, principalmente por meio das condições que emanam de vós, mas não sei muito bem como explicar isto. Vejamos se o poderei colocar nos seguintes termos: Nós temos consciência do pensamento do vosso mundo, e a força do pensamento no vosso mundo consequentemente leva-nos a ter consciência de vós e do vosso mundo, bem como daquilo que comporta.

Por outras palavras, nós podemos entrar no aspecto físico da vossa vida por vosso intermédio, ou através da força do vosso pensamento. Para vós a sala existe, e isso é facto, e nós temos consciência da sala enquanto tal. Mas na realidade, nós próprios não estamos tão familiarizados quanto vós, no mesmo sentido que vós, com o que os cerca, por ser principalmente através do vosso pensamento que temos consciência dessas coisas. Para nós, num certo sentido, elas não existem, pela simples razão de estarmos a pensar, a vibrar num plano diferente, num comprimento de onda diferente. Aquilo que é sólido para vós não mais o é para nós, por termos consciência da sua solidez e realidade através da vossa mente. Sabemos que existe enquanto a vossa realidade, mas para nós só é real por intermédio da força do vosso pensamento.

Rose: Poderá ver em termos ópticos em algum compartimento...?

Marshall: Quando entramos na vossa condição e registamos em harmonia mental convosco, temos consciência das coisas que os rodeiam.

Rose: Estará por aqui em pé?

Marshall: Suponho que podemos dizer que estamos em pé, embora não tenhamos consciência de ter os pés no que chamais o vosso chão. Mas temos consciência dele por meio de ti própria e do médium em particular. Mas a sala em si mesma, que é sólida e real para vós, não o é necessariamente para nós. Se pudéssemos descer à vossa vibração e ficar em total acordo com ela, aí suponho que adoptaríamos solidez. Mas desde que não conseguimos penetrar por completo na vossa vida ou condição, nunca chega a ser sólida para nós. Mas estamos

conscientes dela. Bom, isto não chega efectiva e plenamente a ser uma resposta, mas é o que me ocorre de momento.

Rose: Quem dera que o conseguisse retratá-lo neste instante.

Marshall: Bem, não sei, mas não vejo razão para que o não faças. Provavelmente consegues imaginar-me muito bem. De facto por vezes creio que o fazes. E na verdade, que é toda esta comunicação? Que será todo este estabelecer de um contacto como o poderás chamar senão a percepção do contacto por meio do pensamento? A percepção da proximidade, da consciência do outro? No final de contas, nós somos bastante reais na nossa própria condição de vida, somos sólidos, possuímos uma solidez muito superior mesmo à vossa. Mas, ao mesmo tempo, quando penetramos na vossa vida, tentamos pelo melhor de que somos capazes entrar de uma tal forma que deviam ter consciência, mesmo que não estejam aqui sentados, por exemplo, com o instrumento.

Há alturas em que tenho a certeza de que deves estar a pensar na minha presença, e da presença de outros, embora possas não ser capaz de nos pôr a mão e de nos tocar, mas de uma forma mais importante, estás mentalmente em sintonia, conforme deverias estar. E eu creio que tens consciência da nossa presença. Poderás nem sempre ser capaz de descrever ou retractar aquilo que pressentes, mas mesmo assim estamos presentes. Afinal o pensamento é factor predominante; o pensamento é – sem o pensamento nada conseguiria existir. Tudo existe por o pensamento existir.

Rose: Pois... não sei (num suspiro abafado).

Que é que tu não sabes? Deixa que explique; se me deres uma ideia do que queres que te explique...

Rose: Não faz mal caro doutor, eu poderei descobri-lo quando eu... quando eu...

Marshall: Eu pensava que isso era bastante óbvio. Quer dizer, tu sabes, e toda a gente sabe disso, embora provavelmente não no vosso mundo, que nada é verdadeiramente sólido, mas que tudo não passa de uma ilusão. Depois de tudo, enfim, é uma condição da atmosfera, e o que essa atmosfera contiver será o que é possível por intermédio da condição da própria vida. Nada é sólido, está tudo em vibração e a manter-se junto o tempo todo até dar a aparência da solidez, mas até mesmo isso que parece ser sólido é uma mentira, e está a vibrar...

Rose: Bom, nesse caso, diz por exemplo que do seu lado é tudo bastante sólido. Mas na vossa esfera de vida também existem vibrações o tempo todo pelo

que não é em absoluto sólida. Vocês imaginam-na sólida, do mesmo modo que nós o fazemos na terra.

Marshall: É claro! Exactamente! Exactamente. Mas como vibramos em harmonia com ela, também nós somos sólidos. Assim que começamos a mover-nos para um plano superior do pensamento deixamos de existir naquilo que era comum e com que estávamos familiarizados e entramos numa nova e mais elevada vibração, que se torna sólida e real para nós. Nós criamos a nossa condição – conforme penso que muita gente deverá esperar que explique – nós criamos a nossa própria condição. É por isso que há tanta gente no vosso mundo que possivelmente não conseguirá entender como (...) o assunto. Por não estarem a vibrar em harmonia com a força do pensamento, nem estarem em sintonia, conforme poderiam dizer, por não terem consciência desta realidade – que para ti é uma realidade – e para eles nós não existe, por não nos verem, nem nos sentirem, nem nos conhecerem. E há muitas coisas que no vosso mundo não são do vosso conhecimento, do ponto de vista da solidez, e que nesse sentido não têm consciência, como teriam se efectivamente se encontrasse no vosso mundo, no sentido material.

Existem de longe mais coisas fora da vossa consciência habitual, mas assim que começarem a perceber isso e a sintonizar e a lutar por ir ao seu encontro e por o alcançarem, aí tornar-se-á numa realidade. Essas coisas são reais, tanto quanto a vossa consciência.

Rose: É unicamente aprendendo, do nosso lado, por exemplo, que poderemos tornar-nos conscientes e compreender as diferentes coisas. Mas suponho que do seu lado seja exactamente a mesma coisa, a despeito da aprendizagem. Como é que aprendem aí? Vocês precisam aprender, não?

Marshall: Como é que aprendemos aqui? Claro que precisamos aprender! Mas não te esqueças que temos muitas almas, muitos mestres, muitos indivíduos que vêm de diferentes esferas ou planos, que se nos fazem conhecer e que se tornam nossos tutores e que nos ensinam a captar as coisas e a entendê-las. Também temos aqui gente cujos estudos da natureza nos levam a compreender a natureza, na medida em que descobrem, conforme vocês diriam, cientificamente. A ciência, apropriadamente compreendida e adequadamente aplicada levar-nos-á a alinhar por questões espirituais da mais elevada ordem, por ser a maior de todas as religiões. Em que consiste a religião? A religião é, num certo sentido, um termo vago.

A religião, conforme vocês a entendem no vosso mundo, não tem nada que ver com Deus, e devia proporcionar-lhes uma compreensão das leis de Deus; isso num certo sentido é a ciência, por a mais elevada forma de ciência radicar no conhecimento, e o conhecimento só é conseguido por intermédio da descoberta e

da tentativa de descobrir, e por meio da experimentação. A ciência adequadamente compreendida é mais do que religião, ou do que podem designar por religião no vosso mundo, que é muita vez algo que nunca vai muito longe, mas que permanece num nível inferior.

Rose: Pois, exactamente.

À medida que a ciência o vosso mundo se desenvolve e entende mais acerca da natureza, e compreende mais o homem, e do que ele é capaz, e do que ele próprio tem da natureza, do que pode ser extraído dela, o que pode ser usado, a natureza no seu devido sentido, apropriadamente compreendida, fornece todas as respostas. O homem está gradualmente a colher algumas dessas respostas e está consequentemente a tornar-se mais sábio, e a avançar mais.

Mas depois também precisam lembrar que aqueles a quem chamam cientistas no vosso mundo, embora tenham muita vez alcançado mais e usado mais para o bem da humanidade, muita vez usam ulteriormente as coisas não pelo melhor dos motivos, mas antes por motivos errados, e em consequência acarretam o caos, entendes? Todo conhecimento é óptimo caso for usado de forma correcta e for aplicado no sentido acertado, mas muito conhecimento é mal empregue, e um conhecimento incompleto é prejudicial.

E depois, é claro que também no campo experimental, tende a aparecer quem descubra tanta coisa mas que não compreende o resto da resposta, e em consequência esse pequeno conhecimento por vezes torna-se perigoso. Vocês têm experimentado no vosso mundo circunstâncias em que a ciência tem descoberto determinadas coisas que depois descobrem que afectam o experimento, e que por vezes os efeitos que provoca são pavorosos.

Onde queremos chegar é a que estamos todos, ou seja, do meu ponto de vista, somos a resposta lógica para a vida; todos nos encontramos em diferentes estratos do ser, todos estamos em busca, todos estamos, num certo sentido, a experimentar connosco próprios a cada instante, na medida em que procuramos aprender a descobrir mais sobre o propósito de Deus, mais sobre o que Deus é, o que Ele é em Si mesmo. De facto, há tantas questões sem resposta que isso até a nós nos leva a tentar descobrir essas respostas.

Rose: Eu gostava de saber que não haverá um dado tempo para a descoberta de certas coisas; se não será um processo gradual e se o homem poderá ir mais longe até que o tempo chegue para poder ir mais longe.

Marshall: Eu não penso que seja bem assim. Creio que isso tenha uma certa lógica, mas... É claro que nos estamos a referir ao básico. O homem consegue assimilar tanto; bom, alguns conseguem assimilar mais do que outros, por haver

um maior progresso - como porventura no nosso caso, por sabermos que tivemos encarnações prévias e que descartamos muito e que aprendemos mais. Por outras palavras, penso que alguns que tenham descoberto coisas benéficas e de importância para a humanidade, essas não serão almas novas, e invariavelmente são almas antigas que estão a continuar desde uma existência prévia, e que também carregam desde o nosso mundo do espírito conhecimento adquirido que põem em prática e que descobrem por si sós o quanto pode ser usado com êxito para o bem do homem.

São todos os grandes seres que viveram no vosso mundo; eles foram todos almas antigas. Eles não se tornaram de repente seres formidáveis, mas ao longo de eras, tiveram muitas vidas e passaram por variadíssimas condições e alcançaram um elevado grau e em consequência tiveram que deixar para atrás um grande benefício para o homem.

Mas precisam recordar, e creio que seja de vital importância perceber que (nem) todo o avanço é de natureza mental. Não estou a sugerir que a progressão mental e espiritual não seja algo que seja posto num sentido prático, por todas as coisas serem lógicas, entendem, e todos têm que se cingir à lógica em todas as coisas, até mesmo neste mundo do espírito que para alguns ou não existe, ou se existe será algo muito de natureza Bíblica, por causa das interpretações da Bíblia que foram feitas ao longo de gerações do tempo, e esquecerem que essas interpretações são muita vez o mero resultado da mentalidade de gente que mesmo no que respeitava dela não era muito avançado.

O que queremos fazer valer é que conquanto alguém possa, por realização mental unicamente ou por mera realização mental alcançar muito progresso, ainda tem que passar por uma coisa prática e não é algo que seja coisa puramente da mente sem mais nem menos. É algo que é lógico, que possui uma base de lógica. E quando possuímos uma base lógica chegamos a algo de tangível, a algo de real. Isto não é algo puramente da mente e sem substância. O verdadeiro progresso é cheio de substância, e contém uma substância que lhe confere, poder-se-á dizer, vida e forma.

Afinal isso é exactamente o que acontece connosco; nós progredimos mental e espiritualmente, mas à medida que o fazemos também adoptamos forma e contorno e tudo quanto nos rodeia tem a sua existência nesta realidade e forma uma harmonia connosco e em consequência existimos e vivemos. Nós somos, em grande medida o produto do pensamento que temos, poder-se-á dizer, sem mais nem menos. E de acordo com a realização espiritual e avanço do homem e de acordo com o progresso que é conseguido também ele se encontra em certas condições da vida, em certos tipos diferentes de arquitectura, se quisermos, ou diferentes tipos de música, por a música se alterar e variar de acordo com o plano em que possam estar, da mesma forma que a arquitectura.

De facto, conforme poderão dizer, no vosso mundo em comparação, também assim encontram em cada geração têm mudanças, de acordo com a ideia predominante que o homem tenha. E se a era for uma boa era, se for uma era de consciência do espírito, vocês terão grandiosidade na música e na arquitectura e grandeza nas diversas formas de arte, e de facto terão grandeza na própria vida.

Mas claro que se deparam com a variação e a mudança, mas isso é uma coisa boa. Nada alguma vez permanece estático; não poderá haver vida em que alguma coisa seja estática, onde essa vida for estática; de facto deixam de ter uma existência de todo. A vida é mudança constante - o corpo sofre mudanças, dia sim e dia não, e ocorrem mudanças subtis. Até na própria morte, que constitui a maior das mudanças, vocês descobrem que são mais do que o corpo, que são algo que é invisível, algo que não pode ser liquidado, algo que constitui a própria essência da vida. Mas vocês descobrem que possuem um outro corpo.

Por outras palavras; por outras palavras, vocês criam, por meio do pensamento, quase inconscientemente, se quisermos, que ele existe exactamente na mesma. Mas então pensam, então percebem que são uma força, que são um poder, e que vocês formam; consciente ou praticamente inconscientemente, se quisermos, criam forma e criam algo que em certa medida é sólida e real, mas que passa por estágios. Nada permanece estático.

Rose: Na verdade deve resultar de uma combinação do pensamento, não? Por exemplo, não resulta de uma só ideia que essa pessoa particular tenha, certo?

Marshall: Ah, não! O pensamento é uma coisa fluída e não algo que seja comum a uma só pessoa. No final de contas toda a vida e todo indivíduo constitui um produto da mente dos outros; da ideia dos pais e da ideia dos avós, por ser isso que traduz o dito dos “Pecados dos pais que recaem nos filhos,” o que para alguns soa como uma coisa sem lógica e injusta. Primordialmente por ser o mesmo espírito que se acha presente, a mesma força vital que flui através das gerações de pessoas. E como tanta vez é dito, “Assim como semearem, assim colherão,” e embora gostemos de pensar – ou pelo menos houve altura em que a maioria das vidas das pessoas, e de muitos que se encontram actualmente na terra, é claro.

Mas pensam que a vida tenha início seja quando nascem. Mas é claro que não é o início da sua vida em absoluto. Por um período muito longo de tempo, provavelmente é somente uma outra experiência de vida, é somente uma outra forma de vida, ou outro capítulo se quisermos, no livro da vida. Por não sermos simplesmente nós próprios; o que nós próprios criamos é o que tivermos criado através da mente e as ideias de gerações de pessoas. Nos anos de formação da infância adoptamos um monte de ideias falsas da parte de pais e amigos e parentes e professores, e até que, com toda a franqueza, formem algo da personalidade ou carácter individual, realmente não há nada de personalidade ou carácter individual.

Há algo que vocês aceitam como a personalidade, algo que aceitam como carácter, algo que aceitam sob a designação deste ou daquele, de fulano ou beltrano, mas a questão está em que o indivíduo é o produto de inúmeros ideias, ideias de outros, ideias que em nós próprias são trazidas à existência. Somos o produto da vida, e a vida não é nada que seja individual, mas uma coisa colectiva. E é essa coisa que tem existência para além da morte, e conquanto tenhamos forma e estrutura, e em certa medida personalidade, nós somos ainda conscientes, poder-se-á dizer, por causa da consciência dos outros. Somos todos parte de um Todo formidável, e quando um sofre, também o outro sofre por alguma forma. E assim, quando fazem com que isso prevaleça nos outros, e eles afectam outros, é como algo que tem continuidade sem parar, que não tem começo nem fim.

É o desenvolvimento, e a tremenda realização que eventualmente atingiremos de como nos achamos todos ligados, e de como de facto a própria coisa fundamental que é comum a todos é a própria essência, que é de Deus, de modo que gradualmente evoluímos cada vez mais para Deus, ou nos tornamos como Ele. Não me refiro a forma nem estrutura, mas refiro-me ao Espírito Infinito, que constitui a própria vida, poder-se-á dizer, de toda a humanidade. Quando nos perdemos uns nos outros e descobrimos que existimos todos numa unidade, e numa harmonia. E quando alcançamos essa unidade e harmonia atingimos um estado da evolução espiritual em que poderá ser considerado que vivemos numa forma, se quisermos, de paraíso, por sermos conscientes de tudo quanto nos rodeia e nos compõe, e não sermos apenas nós mas tudo. Perdemos tanto e ganhamos tanto em consequência.

E quando – como muita vez é dito - quando nos desenvolvemos, quando crescemos para além da estática, por haver uma forma de estática, em particular na terra, entre muita gente... Embora num certo sentido não possamos estar estáticos, há uma forma que parece ser estática em que por exemplo encontram pessoas que dizem: “Eu não sei, eu não vou conseguir mudar; eu sou o mesmo que era há tantos ou tantos anos atrás; eu nunca devia fazer nada agora, por estar demasiado velho; tenho a mente feita em determinadas ideias, etc.,” o que num certo sentido não é verdade. Isso deve-se a que pensem de forma errada, por pensarem em vós como sendo aquilo que dista do berço à morte; até mesmo as pessoas que compreendem esta verdade, até tu própria, em certa medida, pensas assim, o que não deixa de ser humano e natural.

Com respeito à música em particular, o que claro é o que mais conta para ti... sentas-te ao piano e tocas os teus Bachs, e ficas irritada exasperada e dizes: "Ah, eu nunca chegarei a tocar," ou "não agora; estou acabada; poderia tê-lo conseguido há trinta anos atrás, se..." etc., etc., até ficares irritada. Mas na verdade isso não passa de uma falácia, por no teu espírito se achar a compreensão de seres uma com a música. Mas quando falamos de música falamos de algo que constitui uma

variação do espírito e uma harmonia que combina todas as forças que sejam boas. É algo que é posto em termos realistas e que se torna algo tangível; a música é uma coisa muito tangível, embora para alguns não signifique nada.

Quando uma pessoa diz: "Eu não aprecio música," ou "eu não entendo a música," alguma coisa está errada. Creio que se conhecerem alguém que seja uma alma nova, ou alguém que não tenha progredido em absoluto. De facto, a pessoa que não aprecia a boa música, e que não entra na beleza, harmonia e no encanto dela, não percebe, não sente e ela não sente por forma nenhuma, então terão aí alguém que não progrediu muito.

O nosso problema está em que, conforme eu refiro tanta vez, em que ainda não sabemos como poderemos, em termos de linguagem - quer seja Inglês, Chinês, Francês, Alemão, como haveremos de traduzir por palavras algo que é puramente do domínio do espírito, algo que essencialmente constitui a essência. Não há forma, eu não conheço forma nenhuma. Nós tentamos desesperadamente formar ideias por palavras - conforme isso realmente traduz - tentamos implantar na mente da pessoa as ideias; mas na realidade não existem palavras que consiga isso de uma forma realmente bem-sucedida.

Por conseguinte, há muita coisa que precisa ser percebido a partir de dentro de cada um, pela detecção, se quisermos, pelo sentimento, pela emoção, razão porque o Frédéric diz -- que eu não sei se ele to disse a ti - mas consegue-se sempre expressar sempre mais em música do que se consegue por meio das palavras. Eu creio que seja por isso que ele procura explicar-te que muitas das respostas para os problemas são descobertas na música, muito mais do que pela tentativa da explicação nos termos dos sentidos e das palavras.

E no final, que é que sucede? Sentes-te em baixo, infeliz, desesperada, pões um disco a tocar, ou talvez te sentes ao piano, o que de algum modo te fala, te ajuda. Alguns, é claro, no vosso mundo, se tiverem tendência para a religião e se sentirem infelizes, podem recorrer à Igreja, e à oração. Mas, que é a oração? A oração significa entrar num estado de unidade com o infinito; é como que a abertura do vosso espírito para com as ideias daqueles que os rodeiam, que existem mas que nem sempre percebem que existem à vossa volta, e que são conduzidos ao vosso encontro por aqueles que auxiliam. Afinal a Igreja prega a existência dos diversos anjos e arcanjos e dos anjos auxiliares, aqueles a cujo encargo são entregues, etc., etc...

A Igreja fala sobre essas coisas, em que muito poucos de vós acreditam... Mas a questão está em que existem, e toda alma que se encontrar necessitada e aflita ou ansiosa por receber orientação, eles aí estarão. Há aquelas entidades que amam as gentes da terra, em particular aquelas próximas e queridos em relação à pessoa, que chegam perto e que se esforçam por orientar e por erguer, e que se

necessário for podem inspirar por uma forma qualquer a alterar o curso da vida, para de algum modo o tornar melhor e mais afortunado.

Não podemos trazer iluminação a todos, no sentido material, não nos cabe fazê-lo a todos e nem porventura isso seja sensato, por precisarem estar assim tão vivos. Mas a questão está em que aqueles que compreendem - conforme tu compreendes - são os que se encontram numa posição afortunada, por poderem receber inspiração, poderem receber aquele conforto que pode acudir, e que acode tanta vez da nossa parte.

Podemos não o conseguir colocar por palavras, podemos nem sempre ser capazes de lhes dizer exactamente o que devem fazer no sentido material, mas podemos suscitar dentro de vós uma mudança de ideias, uma mudança de atitude. Não lhes podemos retirar o peso mas trazer-lhes uma leveza e uma percepção de que eventualmente tudo está bem. Poderá não estar no momento mas o tempo passará e dar-se-ão mudanças, a vida prosseguirá, e no fim tudo será posto de parte, e um conhecimento superior e uma sabedoria e uma compreensão maiores ser-lhes-á ministrada.

E à medida que progredirem mentalmente, à medida que sintonizarem mentalmente por assim dizer, à medida que se tornarem parte do mundo do espírito, ou mais do que aquilo que são, também descobrirão uma paz maior e uma maior compreensão, um serviço maior. Nada se perde. Muita vez as pessoas olham ao redor e sentem que tudo está contra elas e que o mundo corre no sentido contrário ao que desejariam, e que nada parece mais tangível e que nada parece valer mais a pena, somente os sentimentos e as emoções, que com toda a razão e compreensivelmente as pessoas sentem. Isso num certo sentido mostra - por sentirem que estão a progredir, que estão, por assim dizer, a clamar por ajuda, a clamar por alguém que lhes traga algum conforto e compreensão.

Nada se perde. Nós não sentimos desanimados, embora seja verdade que por vezes nos possamos sentir desanimados, colhemos isso da vossa parte e não é nada que seja nosso; colhemo-lo das pessoas do vosso mundo enquanto sentimento que têm. Por sermos um, por estarmos em sintonia com aquilo que sentem, sentimo-lo de forma temporária, mas isso passa, e nós sabemos que o peso será retirado, sabemos que a luz voltará a brilhar e que as trevas se desvanecerão.

A vida é toda feita de mudança constante, é um constante tomar de consciência gradual daquilo que é mais real, mais perfeito. Mesmo onde uma perfeição se perde, a perfeição sucede que toma o seu lugar. E a vida está repleta de perfeições. O vosso mundo está repleto de imperfeições, com uma imperfeição aqui e outra ali, ou assim não pareça. Mas toda a questão está em que a vida toda constitui uma combinação; e só quando atingem as esferas superiores é que perdem as imperfeições. De modo que à medida que progridem percebem, e à

medida que percebem também vêm a ser, e à medida que vêm a ser, mais e mais conscientes se tornam da unidade com o resto da humanidade, e progridem a um ponto em que poderão olhar para trás e poderão obter a compreensão de todas as coisas. Vocês não perdem nada, vocês ganham. Se não recearem nem duvidarem ser-lhes-á garantido que serão reconfortados.

Porém, quando se encontram no vosso mundo, por vezes sentem-se perdidos, sentem que tudo ao vosso redor está contra vós, ou contra todas as coisas que vocês esperam e desejam. Mas isso é só uma medida temporária, por tudo se dever às forças do pensamento que os rodeiam, a forças que não são necessariamente do mal mas somente as forças das pessoas que inconscientemente fazem o "mal." Não porque queiram praticar o mal mas por ainda não terem descoberto como agir melhor. Mas quando elas perceberem que se pode fazer melhor, que se pode alcançar mais e que se podem transformar em mais; só que se deparam com essa forma de vida que deixa os indivíduos e as colectividades desconcertadas e condicionadas.

Nós percebemos os males, mas também podemos ver o bem até mesmo no mal, por em todas as coisas existir igualmente o bem, e quando percebemos nem que seja um vislumbre, ajudamos a desenvolvê-lo, não só em nós próprios como nos outros. Estamos todos a começar a formar, a partir das trevas, algum bruxulear da luz que eventualmente ilumine a trilha de outros que nos seguirem.

Eu não me sinto desanimado com respeito às presentes condições do vosso mundo, da mesma forma que não sinto desânimo com respeito às pessoas que se encontram nele, e do mesmo modo que não sinto desânimo com respeito a ti enquanto indivíduo, nem ao médium nem a ninguém que me seja próximo ou querido, por perceber que cada um de vós está gradualmente a tornar-se um pouco mais sábio, está a compreender um pouco mais, e que cada um de vós está a perceber um pouco mais de iluminação, que cada um está a dar um passo um pouco mais longe, um passo mais firme na direcção daquela via que conduz ao objectivo por que todos estamos a esforçar-nos.

Todos estamos a lutar, todos estamos a esforçar-nos, em certa medida; alguns poderão ser mais fracos que outros, mas todos estamos ligados à corrente da compreensão e do progresso humano.

Não há necessidade de medo, nem há necessidade de dúvida; há apenas necessidade de percebermos que estamos gradual mas seguramente a evoluir para um estado mental mais elevado. E à medida que progredirmos para esse estado mental elevado também passamos a compreender mais, a ser mais pacientes, mais tolerantes, mais sensatos, mais atenciosos, e que mais produziremos em nós mudanças súbitas que nos iluminarão a mente, e em consequência tornar-nos-emos mais e mais perfeitos. Mas só poderemos aperfeiçoar-nos lenta mas seguramente;

não podemos avançar mais longe até que estejamos preparados para avançar, até que as circunstâncias o possibilitem, por sermos em certa medida os controladores do nosso destino.

Podemos culpar outros, e em certa medida somos o que os outros de nós fazem, mas a questão está em que possuímos dentro de nós a centelha divina, que dada uma oportunidade, se não mais fizermos que permitir que o faça, tornar-nos-emos efectivamente mais do que numa centelha mas numa chama, numa chama viva, numa realidade viva de poder e de força que se revelará de tal modo dinâmica que alcançaremos a grandeza, não só para nós próprios como para outros que sejam menos afortunados e menos avançados.

Eu não desanimo nem quero que desanimes. Há uma excelente causa de alegria, Rose, no que a ti diz respeito e a muitos outros que nos são próximos e queridos. Sinto-me feliz com o que estamos agora a fazer e feliz com aquilo que tu estás a fazer. Essas coisas hão-de passar, gradual mas seguramente. Sê paciente contigo própria e com aqueles que te rodeiam, por cada um em certa medida estar a fazer progresso.

Rose: Obrigado caríssimo doutor.

Marshall: Recebam bênçãos da parte de todos nós, e não desanimes. Bye bye.

ELLEN TERRY

AS ESFERAS

O meu nome é Terry. Passou muito tempo desde a última vez que vim falar convosco. A minha vida sofreu mudanças conforme todas as vidas sofrem, e à medida que nos expandimos no conhecimento e na experiência entramos numa nova vida, noutras esferas. Embora não usemos, conforme entendem, a expressão morte, dá-se uma forma de morte que se traduz por uma passagem de uma esfera de consciência para outra de uma consciência maior e a percepção de novas condições e ideais. Mas tudo isso é progressão, uma assimilação gradual de conhecimento e de experiência. Para nós não existe tempo, claro está, conforme vocês o entendem, no entanto, há uma forma maior de compreensão do tempo, só que é tão diferente que não se pode esperar expressá-lo por palavras nem explicá-lo.

Na esfera em que actualmente tenho a minha existência há uma tal riqueza de oportunidades e existem almas grandiosas que com efeito progrediram de esfera em esfera e de experiência em experiência. Temos a forma de existência mais maravilhosa que se pode experimentar e esperar ter quando se experimenta a vida nesta existência. Temos constante percepção das possibilidades daquilo que ainda está muito para a frente.

É impossível, creio bem, qualquer alma descrever as esferas mais avançadas. As esferas que se encontram mais próximo da terra podem ser retractadas e descritas - e sem dúvida já o foram muitas vezes. Mas as almas que tiverem ido para um ambiente e condição muito afastados da terra, jamais conseguirão recapturar por palavras e expressar-lhes aquilo que habitam; mas eu posso ver que aquilo que constitui a minha vida é repleto de beleza, repleto de cor, repleto efectivamente de todos os aspectos do encanto que toda a palavra ou experiência não poderiam experimentar.

Há tanta coisa, há edifícios enormes encantadores ao olhar, cidades enormes em que se encontra de tudo quanto é bom para a vida do indivíduo. Existem enormes teatros, claro, onde são realizadas grandes peças, e até mesmo grandiosas óperas, onde grandiosos músicos compõem grandes obras que as orquestras podem tocar, com cuja música muitos podem ser abençoados, assim como com a cor que se derrama sobre todo o auditório durante a sua execução. Se eu ao menos conseguisse retractar o colorido deste mundo, deste lugar em que me encontro agora, bastante distantes da vossa compreensão. Correntes em constante mudança para além da descrição na sua subtileza são constantemente emitidas como que uma luminosidade e uma beleza tão afastada das ideias materiais, que não se pode esperar recapturar.

Pensando, como se pensa, em comparação com o arco-íris da terra, pode-se ver aqui que o colorido forma como que inúmeros arco-íris com inúmeras coberturas de longe muito mais vastos em abrangência. Por vezes denota-se uma

subtileza difusa de luz, mas nunca chegamos a deparar-nos com a escuridão. Há um tipo do que poderão chamar porventura crepúsculo, porém, é algo que em si mesmo difere muito do vosso. Há um tempo para a quietude e o repouso, no entanto jamais temos necessidade de qualquer descanso ou de sono mas sim de paz, que sobrevém sobre nós quando sentimos a necessidade, e então as nossas energias, que nunca parecem esmorecer, fazem-se sempre presentes, sempre a incitar-nos a experimentar mais, a empenharmo-nos mais.

Existe toda a beleza e magnificência do campo e os coloridos da natureza, só que ainda mais glorificados e embelezados do que alguma coisa que conheçam. Existem todas as condições que poderiam esperar da vossa vida, só que muito mais rarefeitas e mais belas, muito mais vastas nesta compreensão e experiência.

Temos, é claro, todos os animais que fazem parte da natureza, mas aí uma vez mais, num estado de existência e de desenvolvimento mais elevado. Existem todos os animais domésticos que amamos, mas até no caso deles há a compreensão daquela unidade com o reino do homem. O mundo animal tem a faculdade de se fazer entender e nós podemos entendê-los. Eles não precisam transmitir por palavras por possivelmente não ser necessário nem possível, mas a questão está em que nós sabemos aquilo que pensam, sabemos aquilo que sentem, e eles sabem o que lhes dizemos, por nos lerem os pensamentos e serem capazes de compreender tudo quanto sentimos. Isso, creio eu, é uma das coisas mais grandiosas desta vida, a de se ser absoluta e totalmente compreendido, não só pela raça humana em si, mas pelo chamado reino inferior animal. Mas os pássaros, a liberdade... não se pode experimentar essas coisas sem sentimento. Esforçámo-nos por o retractar e por o descrever, mas falhamos na debilidade que caracterizam as tentativas por o transmitir, mas ainda assim tentámo-lo.

Só lhes posso dizer, bem como a todos quantos possam escutar-nos, o seguinte: Não é necessidade de terem medo da passagem do vosso lado para este. É a maior aventura, o maior despertar para um mundo maior de encanto e beleza, e de liberdade de pensar. Na verdade, este é um mundo espiritual, mas não como o homem o retracta. Na verdade, é tão diferente e tão completamente repleto de vida, tão vigoroso, tão afastado das concepções que os homens têm das coisas, que não pode ser descrito nem retractado. Só se pode senti-lo e conhecê-lo e experimentá-lo. Mas é tão vasto e tão belo!

Não receiem a passagem do vosso mundo para este porque, seja qual for a condição da vida em que possam entrar, independentemente do quão solitária possa vir a revelar-se, será um reflexo do vosso mundo, só que de acordo com a sua condição, de acordo com a condição em que se encontrarem por altura da passagem, e não particularmente de acordo com o desenvolvimento que tiverem, ou falta dele, porque assim também hão-de encontrar uma condição que se lhes

aplicará e que melhor se lhes ajustará, e embora possa parecer, porventura a alguns, sombria ou real de acordo com a sua luz, ainda assim terão liberdade para se expressar e para se desenvolver e evoluir.

Claro que temos consciência das esferas inferiores, das esferas pouco desenvolvidas para onde as almas subdesenvolvidas vão, mas mesmo assim não é o inferno retractado por muitos que o imaginam como tal. Não existe inferno algum, apenas aquele que o próprio homem cria pelo próprio pensar e viver. Aqui, o que o homem tiver criado mudará de acordo com ele, de acordo com o seu empenho por se elevar e por abandonar a escuridão. Muitas vezes o homem permanece nas trevas da sua própria criação. Assim que ele começar a sentir desejo pela centelha da vida eterna, tão logo ele trate de se esforçar para se alçar da esfera inferior em que estiver, assim também ele receberá ajuda e orientação e instrução e se lhe mostrará o caminho.

Ninguém precisa recear por este ser um mundo de amor e de verdadeira fraternidade, e a todos quantos vierem será mostrado o caminho. Não há necessidade de temor por na realidade Deus ser amor, e este ser o Seu mundo, um mundo de amor, em que todos quantos o habitam buscam elevar-se de etapa em etapa de evolução rumo a um maior sentido de realidade do poder do amor dos espíritos.

Tudo será bom se ao menos o homem o buscar e encontrar. O homem progredirá das profundezas para as alturas. Todos quantos aqui se encontram estão destinados a experimentar a alegria. É verdadeiramente a vida do espírito, só que é uma vida espiritual muito afastada das ideias que o homem tem, das concepções que o homem tem das coisas, por este ser um mundo criado pelo pensamento e pela beleza da expressão da vida, pelo que se encontra muito afastado das ideias e ideais materiais.

Sejam pacientes mas acima de tudo esforcem-se por superar o pior em vós próprios. Esforcem-se por alcançar a clareza de visão, tudo quanto é verdadeiramente de Deus, e por pôr de lado tudo quanto os retiver atrás. Não receiem porquanto ter medo é uma coisa verdadeiramente má. Talvez ter resistência e fé e coragem e erguer os olhos para a beleza das esferas - talvez isso os liberte. Haverão de encontrar o caminho de verdade. Não há necessidade do homem recear as consequências da morte, por a morte não passar da grandiosa porta através da qual descobrimos o mundo da realidade, o mundo do espírito, o mundo do eterno.

Não existe morte, mas apenas o que possui a sua aparência. Por o homem a ter criado a morte na sua ignorância e na sua tolice. Um dia haverão de descobrir,

conforme eu descobri, o caminho da verdade, o caminho da vida, o caminho da liberdade, o caminho que conduz a Deus.

Bênçãos deixo a todos. Adeus.

LÚCIO LUCÍLIO

(Eventualmente, trata-se do Dr. Marshall)

ATLANTIDA E LEMURIA

Lúcio Lucílio: "Saudações minha filha."

Rosie Creet: "Saudações a si, Lucílio."

Lucius Lucílio: "Acredito que não terás esperado muito tempo."

Rosie Creet: "Não. Eu só estava com receio de que, talvez, você não aparecesse."

Lucius Lucílio: "Da última vez que nos encontramos, eu prometi contar-te, se possível, um pouco sobre aqueles países a que hoje chamais Atlântida."

Rose Creta: "Oh sim, de facto."

Lucius Lucílio: Eu presumo que o nome que lhe foi dado, "Atlântida" terá brotado de algum tempo longínquo em que, por um motivo ou outro, o oceano Atlântico foi assim designado e, em algum tempo anterior muito distanciado na história do homem em que a terra juntava o continente da Europa e o das Américas, quando não existia mar, mas apenas rios e pântanos por aqui e ali, em que existiu esse país a que o homem, desde então, chamou "Atlântida."

Não era assim chamado nesses tempos. Na verdade, foi há muito tanto tempo na história, que muito pouco é agora recordado, por ter tido lugar no que representou os próprios começos do que então quase começou quase como homem, quando existiu um grande continente que foi invadido por muitas tribos que, como se poderia imaginar, muitas vezes estavam em guerra umas com as outras.

Havia vastos espaços onde não havia qualquer habitação, e grandes florestas, e grandes montanhas, grandes desertos, onde, depois de percorrer talvez centenas de milhas, chegávamos a uma forma de civilização. Mas nem todas as tribos, nem todos os povos ainda se encontravam próximo do reino animal. Havia um grupo chamado "Lemurianos" que na verdade tinha avançado muito, antes do seu tempo, ou pelo menos assim parece, em comparação com o resto das tribos nómadas e

seres humanos tais como eles eram, que faziam parte dessa época.

E por causa de sua grande superioridade, não só numérica, mas de conhecimento e progresso mental e espiritual, essas almas detinham um grande poder. Mas nesse grupo de Lemurianos, havia alguns que se sentiam descontentes, alguns que eram ambiciosos e alguns que investigavam o que vocês chamariam de hoje "magia negra." Eles eram de uma ordem muito baixa e, no entanto, eles detinham um enorme poder. SEP SEP

A Lemúria e os Lemurianos eram uma grande raça, conforme já disse, muito à frente do seu tempo, grande em sabedoria, conhecimento e experiência, e aprendeu a tirar proveito dos elementos, e a utilizar as forças da natureza, que ainda hoje estão apenas a começar a ser descobertas de novo. Na verdade, séculos depois da Atlântida se ter ficado inundada e tornado mar, os antigos chineses redescobriram muitas das coisas que eram do conhecimento comum dos Lemurianos.

Houve uma fação, entre os Lemurianos, um grupo de indivíduos que mergulhou na investigação do ocultismo e que o utilizou para fins básicos, e eventualmente eles assumiram uma forma de poder, e em conjunto com muitas das tribos nómadas, reuniram uma grande força que atacou a capital ou a cidadela da Lemúria e, em consequência, ela foi saqueada, foi queimada, e um número incontável de pessoas foram mortas, e os elementos mais baixos desse grupo assumiram o comando e o domínio por muitos anos, e depois por gerações sucessivas, até que uma grande catástrofe se abateu sobre o mundo na forma de um meteorito ou pelo menos algo proveniente do espaço exterior, algo proveniente do céu cintilou e caiu e abateu-se sobre a Lemúria, o que a levou a afundar, a desintegrar-se, e a transformar-se num enorme mar. SEP SEP

Eu estou-te a contar esta vasta história numa parcela muito pequena, e a tentar, se me for possível, traçar-te um esboço de modo que possas colher pelo menos alguma imagem, pela qual possas perceber uma vida há muito extinta, de um povo há muito extinto e, em particular, desejo, por assim dizer, preencher certos detalhes, gradualmente, em especial em relação a ti própria, no que diz respeito ao médium, e em relação a determinadas outras pessoas. Porque, conforme acho que te disse anteriormente, que eu saiba, a tua primeira encarnação foi no que vocês chamam, "Atlântida" assim como, aliás, foi onde tive a minha primeira encarnação, e a encarnação de outros ligados a nós. SEP SEP

Tínhamos tido assento nessa Lemúria em que progredimos muito para além das pessoas do nosso tempo e da nossa era. Tínhamos descoberto muitas coisas que beneficiariam os povos do nosso tempo, e como eu disse, as nossas cidades eram vastas e construídas com grande dignidade. Tivemos grandes arquitectos, tivemos grandes artistas, tivemos grandes indivíduos que trouxeram todos os recursos e os dons e as artes que tinham para a criação, e tínhamos construído uma

grande sociedade, um grande grupo de gente detentora de um tremendo conhecimento.

E com a submersão da Lemúria, a Terra caiu consequentemente para trás milhares de anos, e existiam aquelas facções, essas enormes quantidades de gente que era composta por analfabetos, que se encontravam, em termos de evolução, próximo dos animais. Muitas dessas tribos que viviam em terrenos baldios, em cabanas, em cavernas, nas terras, eram os elementais menores que não tinham progredido. Eles tinham muito pouco poder cerebral, muito pouco poder de qualquer grau que fosse. O único talento que detinham, se é que era um talento, era imitar as bestas dos campos, a vida selvagem, e eles viviam muito à semelhante da vida selvagem.

Aqueles de entre nós que se ressentiam da bondade e do poder da bondade, e da sabedoria, e da percepção ou visão de que esses povos gozavam na comunhão com espíritos de elevado grau, esses tomaram a seu cargo arruiná-los. Nós não tínhamos reis nem rainhas nem imperadores, por nos termos distanciado bastante dessa ideia. Nós vivíamos num estado harmonioso de ser que era automático. Certas almas, devido à sua natureza, devido à evidente evolução que tinham obtido em termos espirituais, automaticamente poder-se-ia dizer, tornavam-se, num certo sentido, os chefes de Estado. Havia dez casas, ou dez grupos, se quisermos, de povos que num indistinto passado distante haviam sido dez tribos, e ao longo de séculos de esforços desenvolvidos se tornaram num povo sábio e maravilhoso, e as tribos ou grupos cruzaram-se, e passamos a gozar do que vocês chamariam de governo formal, em que um de cada grupo seria escolhido por causa dos seus méritos, e em que gozávamos de condições de igualdade de circunstância.

Uma dessas tribos ou um desses grupos é o grupo ao qual tu e muitas outras pessoas pertencem. Estou a dizer isto por querer, se me for possível, nas nossas conversas, desenvolver a nossa história, desenvolver as vidas que tivemos e as obras que fizemos através dessas eras. É claro que, quando falamos dos Atlantes ou Lemurianos, estamos a falar de possivelmente 50.000 anos atrás, no mínimo. Em certas partes do vosso mundo de hoje, por vezes foram encontrados ossos fossilizados. Vastos animais percorriam os desertos e as florestas e eles, evidentemente, representavam um enorme perigo, especialmente para os povos nómadas, não tanto, talvez, um perigo tão grande para os Lemurianos, e aqueles de nós que se tinham civilizado ao longo de gerações do tempo. Nós construímos enormes cidades cercadas por grandes muralhas que eram inexpugnáveis.

O início da queda da Lemúria teve lugar com uns quantos que, dentro das nossas cidades se ressentiam em si mesmos do poder das tribos, conforme eles o interpretaram. Eles eram, conforme vocês diriam porventura, as "ovelhas negras" das famílias. Eram indivíduos que não se desenvolveram por forma nenhuma efectiva, mas que seguiram na esteira dos mais sábios, e que assomavam, quando

muito, uma aparência de sabedoria, porque, vivendo com eles não podiam esperar participar dessa sabedoria, mas que no seu íntimo eram de uma ordem baixa, e eles uniram-se, e, eventualmente, em resultado da conivência que formaram, derrubaram muitas das cidades.

Havia muitas almas nesse tempo a que me refiro, que ficaram conhecidas por vós sob nomes diferentes em diferentes épocas. Tu eras, à época, uma filha de um chamado Piloninus. Piloninus foi alguém que em si mesmo foi um líder, um homem de grande sabedoria e conhecimento, alguém detentor de um grande respeito, que comandou com grande respeito e carinho. Tu eras sua filha, e eu era seu filho, o que consequentemente fazia de nós irmão e irmã nessa encarnação inicial. Todos nascemos numa casa onde tudo o que se poderia desejar era possível. Foram-nos ensinadas as sabedorias antigas e as artes, e nesse tempo de que falo, a música desempenhava uma parte muito importante nas nossas vidas. A música era uma forma de criação, mesmo nessa época de que falo: mais civilizada do que passou a ser desde então, possivelmente. Isso pode ter acontecido (...)

Eu já disse no passado que seria difícil compreender algumas das coisas que eu te iria contar por serem difíceis de perceber, mas eu estou a par do grande grande amor e interesse que sentes pela música, pelo que é importante, pois, que eu to revele, porque nesses dias e nessa era, a música desempenhava um papel importante na vida dos Lemurianos. Cada casa, cada grupo produzia indivíduos dotados de grandes talentos, alguns dotados de sentido musical compunham, outros tocavam instrumentos (instrumentos há muito tempo esquecidos), mas cujo alcance tonal era muito superior a qualquer coisa que vocês conheçam hoje. O mais próximo que se pode dizer dessa era no que diz respeito à música, é claro, seria a música das esferas, das nossas esferas.

Nós temos e tínhamos, então, grandes orquestras, grandes músicos, muitos instrumentos, não, porventura, apenas instrumentos de cordas como vocês poderão supor, mas instrumentos de uma tal natureza, que dificilmente se poderia descrever por não haver, num certo sentido, maneira nenhuma de os descrevermos. Mas tu e eu fomos levados para as artes desde a infância no campo da música, especialmente no teu e no meu caso. Eu interessava-me mais pelo que chamariam pintura: a arte da decoração. O instrumento por intermédio de quem falo e que uso, ele próprio era um iniciado nos templos, e nós adorávamos o Deus único, a força única, a vida una, o criativo, e o dador da vida, e nos nossos templos usávamos a música e a cor de uma forma que nunca mais foi usada desde então na Terra.

Os Lemurianos eram pessoas que se mantinha com magnificência, não no sentido que alguns poderão considerar usar, da intenção forçada, mas por puro amor pela beleza. Os Lemurianos eram uma raça de gente que adoravam no santuário da beleza. Eles viam a beleza em todas as coisas, mesmo na fealdade, e na verdade eles esforçaram-se, eles esforçaram-se desesperadamente, para ajudar

os povos menos afortunados e as tribos; era difícil por a sabedoria desses seres ser falha, na verdade a sua capacidade mental era diminuta. Eles eram muito parecidos com os animais selvagens.

Era difícil perfurar-lhes as mentes, era difícil instilar neles sequer um desejo de progresso. Por eles serem semelhantes, na aparência, aos seres humanos, e nós os reconhecermos como nossos irmãos e irmãs, tentamos auxilia-los e ajudá-los, e consequentemente muitos milhares de Lemurianos perderam a vida nessas expedições e nessas tentativas para ajudar essas almas inferiores.

Todas estas coisas que estou a tentar contar-te são difíceis por diversas razões, por haver muito do que eu te quero dizer para cuja descrição não consigo encontrar método nenhum, ou por que to consiga retractar. Mas o que te estou a tentar transmitir é que, quando o mal venceu o bem, quando os Lemurianos o tentaram derrotar por intermédio da maioria dos seres humanos semelhantes a animais, quer tenha sido um acto do divino ou não, eu não estou preparado para o afirmar nem posso dizer.

Mas tudo o que sei é que houve uma grande agitação nos céus, clarões e relâmpagos, e sobreveio um enorme ruído dos céus, o que parecia ser uma estrela cadente, que quando se aproximou da Terra, tornou-se enorme em tamanho, semelhante a uma bola de fogo, que perfurou o centro da Atlântida, e criou como que uma erupção vulcânica em consequência do que, a terra tornou-se lava em ebulição, e passados muitos anos deixou de existir como terra e afundou-se de forma gradual e foi superada pelas águas do que hoje chamam o Oceano Atlântico. SEP SEP

Algum dia virá a ser possível que alguns espíritos aventureiros, possam ir até ao fundo dos mares do Atlântico e descobrir alguns dos tesouros do que já foi outrora uma grande raça. Mas foram forças do mal que foram soltas na Atlântida, por eles terem liquidado todos os Lemurianos, toda as pessoas de sabedoria, aqueles por cuja bondade e espiritualidade se tinham tornado imensamente sábios, muito desenvolvidos, mas muitas vezes é assim que a vida - seja na antiga Atlântida, ou nos tempos modernos em que agora habitam, muitas vezes o mal vence o bem durante um tempo, por a bondade não buscar o poder, por a bondade não buscar as coisas da Terra por elas próprias, a bondade não retalia, a bondade dá amor. SEP SEP

Em todos os grandes ensinamentos dos grandes filósofos essas coisas foram referidas, e todos os que em consequência sofreram, mas embora por vezes a bondade pareça diminuir ou ser deixada de lado, volta a erguer-se, por a bondade ser espiritual, e as coisas espirituais não morrem. O mal da Terra, o mal das mentes dos homens, essas coisas durante um tempo mantêm a influência. Mas quando chega a hora, a bondade vence, por a própria bondade precisar constituir a sua própria recompensa, e é sempre do tipo espiritual e não material. SEP

A Atlântida, que existiu há tanto tempo, ficou muito mal registada e é muito pouco lembrada, mesmo pelas almas deste lado; não obstante, as tribos de que eu falo, de que fizemos parte, uma tribo em particular, passamos por eternidades e por muitas experiências juntos, e realizamos e apresentamos, em consequência, muito conhecimento e sabedoria para outros. Esta geração em que hoje existimos, e em que o médium existe, e outras almas que tu, por exemplo, conheces, cada um de vocês está a cumprir um plano, vocês estão a abrir as portas para que outros possam entrar, e eles irão ver através de vós a sabedoria que vocês encontraram e que vós próprios deixareis para trás para aqueles que a vierem a receber. [SEP][SEP]

Este é um momento de grande recompensa para vós. Não deveis permitir-vos deixar-vos ficar mal. Não podeis deixar de ter fé na consciência de que a vossa vida tem sido uma vida de serviço, talvez não como alguns poderiam usar o termo "serviço" mas tendes servido, à vossa própria maneira e no vosso próprio jeito. Apesar da tua própria vida poder não ter sido de acordo com o próprio desejo que tinhas, em certo sentido foi, por teres escolhido voltar à Terra para poderes cumprir, de algum modo, algum plano que tinha sido concebido no teu próprio espírito em aliança e em a cooperação com outros. Estás agora a terminar aquele trabalho que foi iniciado há muito tempo. Não me perguntes a mim, por nem eu poder explicar-te exatamente como isso está a ser conseguido, por não te caber a ti, mesmo agora, compreendê-lo inteiramente. [SEP][SEP]

Os da tribo chamada "Lar" que teve início há tanto tempo, ainda estão a trabalhar conforme fizeram na antiguidade em prol da elevação das almas inferiores, dos não iniciados, dos pouco desenvolvidos, dos maus e dos tolos e imprudentes, e tu estás a desempenhar uma parte que está a permitir que outros de entre vós e muitas outras almas produzam o cumprimento de um plano. Embora possas sentir que a tua parte seja insignificante ou pequena, não importa, embora nós não a consideremos como tal. Existem outros ao teu redor que tu conheces e outros que tu ainda virás a conhecer que estão a desempenhar um papel mais significativo, uma parte mais importante conforme tu o vês.

Mas é por cada um de vocês ser muito importante para o cumprimento do plano do Lar, da tribo, que tu optaste por voltar uma e outra vez em diferentes eras e épocas para levar a iluminação a um certo número de pessoas, para lhes dar coragem e lhes dar inspiração, para pesquisar, buscar e encontrar, e, por sua vez, para eles se tornaram os portadores de boas novas e, consequentemente, elevarem os homens de modo que eles possam dar abertamente aquilo que tens visto e a que te tens dado a ti própria. [SEP][SEP]

O instrumento que uso é um desses; há outros também, alguns que tu conheces e outros que tu não conheces, mas todos foram reunidos, alguns do teu lado e outros no meu, e nós somos todos um povo, um grupo, que começou há muitos, muitos, muitos séculos atrás no tempo, na antiga Atlântida. A tribo, ou

uma das tribos da Lemúria. Tu, minha filha, e eu, e outras almas estamos a prosseguir o nosso trabalho para trazer sabedoria, para trazer iluminação, a grande verdade à escuridão do vosso mundo. Embora o teu mundo tenha mudado muito ao longo dos séculos, independentemente das mudanças que puderem ter sucedido, os corações e as mentes das pessoas permanecem praticamente os mesmos. Há aqueles que habitam na escuridão e não vêm a luz. Há aqueles que recebem luz e aspiram, em consequência, a dar luz.

Estamos todos a servir e a trabalhar e a cooperar juntos, e o trabalho do instrumento que uso foi iniciado há muito tempo, embora agora esteja gradualmente a passar por mudanças ao fazer, de facto, aquilo que nós esperávamos que ele fizesse. Essas coisas estão a começar a tomar forma e tu deverás ver nos próximos meses, conforme te prometi, mudanças, mudanças surpreendentes. E com respeito àquilo que vocês designam por ilusão ou psiquismo isso trazer-lhes-á provas extraordinárias, mas mais importante do que provas, revelações do espírito que irão responder pela tua felicidade, para que venhas a ter a plena satisfação de saber que quando o teu tempo for devido de te libertares do corpo da Terra, tu o deixes com plena compreensão do teu trabalho ter sido cumprido, e do trabalho do espírito prosseguir através de outros.

Os elos que nos unem são tão fortes, tão grandes, que não se pode nem por um instante retratá-los nem descrevê-los, por termos estado ligados por muitas, muitas, muitas experiências. Temos sido muito uns para os outros, de muitas formas diferentes, e fazemos parte de uma grande quadro de que somos apenas uma pequena porção do todo. Aquele que o criou numa primeira instância e nos deu vida, deu-nos a capacidade de procurarmos e de nos esforçarmos e de nos elevarmos, de modo que muito do que tem cabimento no quadro foi criado como uma enorme beleza.

Por aqui e por acolá há aqueles que complementam esse quadro. Pela escuridão e o cinzentismo, conforme de facto possa bem ser, mas mesmo os que ainda permanecem e ainda têm muito a aprender, são nossos irmãos e irmãs. E por isso vamos dar-lhes aquilo que encontramos, de modo que a sua luz também brilhe para diante, e em consequência vamos realizar muito. Quando tudo estiver acabado e o nosso trabalho estiver feito, o que tivermos criado deverá ser bonito de se ver.

Tu, minha filha, no final dos anos desta tua vida terrena, foi-te dada uma oportunidade que poucos recebem, por tu própria em conjunto com outras pessoas que possam ter tido, terem tornado possível cumprirem a tarefa que lhes foi confiada, e vocês terão a alegria de ver a tarefa terminada em alguma parte, pelo menos, antes de se juntarem a nós, e de eventualmente vires para este lado. Alegra-te com o que foi alcançado e devias estar grata por todas as encarnações e experiências que tiveste e pela sabedoria que em consequência encontraste, e

quando tu desfrutares disso aqui, com certas almas em particular, que representaram tanto para ti ao longo de eras passadas, na verdade deverás encontrar aquela paz e aquela felicidade que o teu coração procura.

Essas coisas de que te falo são realidades. Há aqueles que no vosso mundo não compreendem. Há aqueles que não desejam conhecer nem compreender. Há aqueles que são pressionados por todos os tipos de coisas, principalmente, das coisas dentro de si próprios, por estarem presos à terra, mas nós iremos libertá-los, esperamos nós, pelo menos alguns, das suas cadeias. Vamos abrir-lhes os olhos, até certo ponto, para a verdade, e teremos a satisfação de saber, pelo menos, que outros virão a tomar o nosso lugar e a fazer o nosso trabalho, e iremos trabalhar com eles e por intermédio deles nos anos que estão ainda por vir, por a nossa tarefa ser a de salvar a humanidade, a de trazer a paz, a verdadeira paz, e de suscitar conhecimento, de trazer a verdade para que a humanidade possa encontrar o caminho para a verdadeira felicidade do espírito. Temos grandes coisas ainda a fazer, e quando chegar a hora, essas coisas ser-vos-ão dadas a conhecer, a ti e aos outros.

Ainda te restam alguns anos. Aqueles poucos anos que te restam devem ser anos de grande alegria e de uma grande sabedoria para ti. Vamos apoiar-te de todas as maneiras, não só nas coisas da mente e do espírito, mas vamos apoiar-te no sentido material em relação ao teu corpo físico, de modo que possa continuar a suportar o estresse e a tensão das coisas materiais um pouco mais para que venhas a ter a alegria do cumprimento do espírito, enquanto ainda na Terra.

Todas aquelas coisas que eu prometi, e todas as que outros te prometeram, serão, no seu devido tempo, reveladas, com paciência e amor. Vamos trabalhar juntos e vamos encontrar juntos o caminho da iluminação e da verdade, que, por sua vez irá ajudar outros a trilhar esse caminho, por termos a sabedoria, mesmo a certeza do caminho, o caminho do espírito e da iluminação.

As minhas bênçãos para o teu filho. Eu virei novamente quando na próxima reunião. Seja quando for que escolhas, às três na hora, ou quatro de manhã ou da tarde, ou nove ou dez, ou onze ou à própria meia-noite, eu virei. A minha paz e o meu amor estejam contigo. Adeus!

Rosie Creet: " Adeus, Lucílio."

Mickey: "Tchau tchau, tia Rose, em breve vejo-te de novo."

Rosie Creet: "Sim, querido."

DAMA ELLEN TERRY

Segunda-feira, 27 de Janeiro de 1964

RESUMO: A voz elegante da atriz do teatro de Shakespeare diz-nos que a verdadeira vida é a vida espiritual. A vida material é um pálido reflexo da nossa verdadeira expressão no espírito. Fala-nos dos passos que podemos dar para nos tornarmos verdadeiramente espirituais no nosso mundo. Não há necessidade de ninguém temer a travessia do nosso mundo para o deles - o homem criou a morte por ignorância e insensatez - um lugar para todos de acordo com a sua condição. É impossível descrever as esferas avançados - cores além descrição só podem ser comparadas com o nosso arco-íris terrestre. Fala brevemente sobre a vida que levou na Terra e da importância que as condições têm na comunicação.

Terry: Eu estou tão contente de estar aqui mais uma vez.

Woods: Sim. Estamos muito satisfeitos por ter vindo.

Greene: Sim, seja bem-vinda amiga.

Terry: Eu nunca estou certa de saber se vocês conseguem ouvir corretamente.

Woods: Conseguimos ouvi-la muito bem.

Greene: Sim, você com muita clareza.

Woods: Bastante clareza.

Terry: Eu tenho certeza que nunca, nunca me irei acostumar a isto.

Greene: *(riso)*

Woods: Bom, está a sair-se muito bem.

Terry: Cada vez que eu tento falar convosco eu tenho consciência da imensa dificuldade. Eu não acho que seja possível que alguém do vosso lado da vida perceba o quão difícil é esforçar-nos por conversar; esforçar-nos por transmitir com alguma clareza os pensamentos; esforçar-se por enunciar palavras em condições tão difíceis e tensas. Tenho a certeza, é claro, de que ninguém deste lado poderá alguma vez esperar explicar-lhes isso satisfatoriamente e nesse sentido tenho a certeza de que ninguém deste lado poderia ter a esperança de o conseguir. As dificuldades são enormes. Mas a coisa mais extraordinária, suponho eu, é sermos capazes de falar em absoluto, transmitir o que quer que seja.

À medida que falo convosco, ao redor encontram-se inúmeras almas:

algumas que eu não conheço; outras que eu conheço bem. No entanto, todas vieram com um desejo, se não o de comunicarem pessoalmente, o de transmitirem o poder do amor que sentem pela Terra e por vós em particular, por causa do trabalho que vocês estão a esforçar-se por fazer para iluminar a humanidade.

Na verdade, faz algum tempo desde a última vez que lhes falei, mas, no entanto, num país, por assim dizer, como o meu, onde não existe tempo e só temos consciência do tempo quando nos esforçamos por estabelecer um contacto ou uma ligação com a vossa Terra e por intermédio dos vossos pensamentos.

É extraordinariamente difícil agarrar-se às memórias da Terra depois daqui termos estado, como eu estou agora, há mais de 40 anos. É extremamente difícil recapturar com clareza algumas memórias, certos eventos do passado para tudo parecer ter acontecido há tempo atrás.

E, é claro, ajustamo-nos à nossa nova vida tão cheia de interesse, cheia de acontecimentos que mesmo que desejássemos transmitir por palavras estou ciente de que nos seria praticamente impossível, porque muito do que transparece deste lado da vida não vos pode ser retractado por palavras. Na verdade, de cada vez que venho sinto cada vez mais a dificuldade em transmitir muito do que faria sentido para vós ou talvez fosse de algum valor maior para vós. Tudo precisa ser reduzido ao nível de compreensão terrena. E por isso é que estou certo de que outros que vêm dizem a mesma coisa e se referem a eventos e incidentes semelhantes aos meus próprios a um nível que só pode ser descrito, de certa forma, como uma concepção material de coisas espirituais.

E eu acho que, num certo sentido, muito disparate tem sido referido sobre a espiritualidade e as condições espirituais. Possivelmente, principalmente devido às inúmeras referências dadas ao longo de incontáveis anos da repetição de acontecimentos bíblicos e possivelmente ao aspecto da mente da Igreja e do clero cuja compreensão das coisas espirituais, num certo sentido, às vezes para dizer o mínimo, são muito mal interpretados, muito coloridos por coisas que em si mesmas estão longe da realidade como nós entendemos o termo e a expressão "espiritual."

Espiritual não quer necessariamente dizer religioso. E sempre que eu penso de volta nas concepções terrenas das coisas espirituais é, invariavelmente, de uma forma ligada ou influenciada ou colorido pela interpretação dada pela Igreja. A espiritualidade não é necessariamente o que pode parecer ou o que pode ter sido transmitido pelas pessoas na Terra. Espiritualidade, num certo sentido, não tem necessariamente... e de facto, muito raramente tem alguma coisa que ver com a religião enquanto tal. Na verdade, eu atrever-me-ia a dizer que a verdadeira espiritualidade é uma fuga, ao invés, do pensamento religioso e da experiência

religiosa.

Fala-se muito falado sobre a vida espiritual e tão pouca gente sabe o que é a vida espiritual ou o que realmente significa e até que se ultrapasse o que é considerado ser espiritual, dificilmente se poderá esperar compreender e entender o que isso implica. Certamente, aqui, para sermos espirituais precisamos descartar muitas das ideias, muitas das concepções teológicas de uma vida e existência espiritual. Eu diria que esta é a vida natural e que a vossa é a artificial e que a verdadeiramente natural é, num certo sentido, uma vida espiritual. Penso que é São Paulo quem diz que temos um corpo físico e um corpo natural. Temos um corpo natural que é muitas vezes confundido com o corpo espiritual. Esta é a existência natural: aquela vida que é designada por espiritual. E a vida material é um reflexo pálido da realidade.

Ninguém necessita, quem quer que seja, num certo sentido, temer a morte, não importa o quão pouco desenvolvido se encontre, não importa quão baixo a pessoa possa ter afundado, por aqui existirem diversos graus de existência, vários planos de desenvolvimento, de um desenvolvimento em que cada indivíduo encontra o seu lugar. E há crescimento. Não há paragem. Há evolução que passa por fases e condições. E a alma certamente cresce no seu conhecimento e experiência.

Eu diria que a pessoa verdadeiramente espiritual é a pessoa que perdeu muito do material e que compreendeu e que se tornou verdadeiramente numa parte desta vida, que é tão vasta na sua concepção e na sua experiência que, à medida que nos tornamos cada vez mais conscientes dela e mais nos desenvolvemos nela e com ela, o indivíduo torna-se cresce verdadeiramente mais espiritualmente, mais consciente espiritualmente, mas não num sentido estrito, conforme a Terra entende o termo ou expressão. Mas sem medo, sem nenhum dos inconvenientes que prendem o homem tão firmemente à Terra quando vive no corpo. Aqui não há qualquer restrição à expansão e à expressão. Aqui vocês assimilam conhecimento e experiência e aqui você arremessam de mais e mais do velho eu e tornam-se verdadeiramente livres. E eu acho que a liberdade de expressão, a liberdade de compreensão, a liberdade de pensamento constitui verdadeiramente a lição espiritual que nos calha a todos nós de forma gradual e que nos dá aquela consciência e conhecimento espiritual que verdadeiramente possibilita uma vida espiritual.

Mas são os estreitos limites da terra que impedem as pessoas de se tornarem seres espirituais. É preciso gozar de liberdade total e absoluta de expressão no mais alto sentido para se ser capaz de descartar tudo o que é material, tudo aquilo que nos mantém em baixo, tudo o que nos impede de nos expressarmos e de nos expandirmos. Qualquer coisa que se incline a evitar que a vida humana se

desenvolva e cresça e se expresse na Terra deve ser e com efeito é prejudicial. Tudo quanto embruteça, tudo quanto por qualquer forma faça com que seja impossível o ser humano gozar de liberdade de expressão e de pensamento deve ser e é danoso.

Há tanta coisa que é ensinada que é errada e falsa. Há tanta suposição. Há tanta coisa que é pura conjetura. E às vezes isso é, sem dúvida, dado ao povo da Terra com um desejo distinto de conter o crescimento e o progresso. Certamente que há muito nas doutrinas religiosas que remonta a indivíduos de tempos passados que usaram o seu poder para si próprios e para o que eles sentiram ser o bem e que ainda assim frequentemente se provou ser o contrário.

Qualquer coisa que embruteça, qualquer coisa que retenha a liberdade de pensamento e de expressão tem que ser ruim. E eu acho que muitas pessoas vêm aqui com ideias fixas: ideias que lhes foram implantadas em toda a sua existência, muitas vezes por meio do medo. Elas têm tido medo de expressar os seus verdadeiros sentimentos e emoções. Elas têm tido medo de buscar novas linhas de raciocínio. Elas têm tido medo até mesmo de ler livros que possivelmente as teriam ajudado tremendamente, mas que lhes tinha foram proibidos.

Aqui uma vida espiritual é uma vida de total e absoluta liberdade em que vocês sejam capazes de assimilar toda a experiência e conhecimento. Grandes mestres de outras esferas penetram nas esferas inferiores a fim de aconselhar, orientar e elevar. Aqui há completa unidade, harmonia e amor. Aqui há a verdadeira fraternidade. Aqui existe a sabedoria de todos os tempos expressa por todas as maneiras e por todos os tipos dos povos, independentemente de qualquer ideia terrena de classe, credo ou cor.

Eu diria que o que mantém a humanidade no vosso mundo é esse infeliz apego às velhas ideias e ideais; o facto de se agarrarem a crenças e religiões ultrapassadas; de se agarrarem às barreiras erguidas de classe, de se agarrarem à ignorância e as pessoas que são afastados de um país para outro por causa do patriotismo e todos os falsos ideais. Queremos romper todas as barreiras que mantiveram os homens separados. Queremos suscitar uma nova compreensão do amor e propósito de Deus e dar-lhes um vislumbre do que realmente a vida espiritual é.

Eu gostaria que fosse possível que todos quantos se acham presentes viessem e falassem, mas, é claro, isso realmente está fora de questão. Inúmeras almas se reúnem ao redor; não necessariamente apenas as pessoas cuja volta vocês possam antecipar. São atraídas todos os tipos e géneros de pessoas, que estejam interessadas e, que em alguns casos se sintam muito ansiosas por estabelecer contato ou por comunicar. Mas, é claro, precisamos ter alguma organização. Nem

sempre resulta, porventura, a maneira que pretendíamos ou a maneira que esperávamos. No entanto fazemos o melhor que podemos numa condição predominante e circunstância em que se reúnem, como esta.

De qualquer forma, todos quantos se encontram aqui, conhecidos e desconhecidos enviam amor e bênçãos, e nós esperamos habilitar-nos a reunir-nos de novo muito em breve.

E se me for possível, gostaria apenas de terminar dizendo que hoje ficamos muito agradecidos pelas condições que vocês criaram. Essas condições são excepcionalmente favoráveis ao nosso trabalho. Há uma atmosfera e uma harmonia e uma sensação e condição que corresponde muito à maneira em que nós gostamos de trabalhar. Assim, se puderem repetir esta sessão em alguma data posterior ficaríamos muito gratos e eu acho que vocês também.

É tudo uma questão de tempo e de experiência, o que torna os nossos entes queridos "de facto" mais capazes de se fazer ouvir e compreender e capazes de esclarecer muitas das coisas que eles têm nos seus corações e no seu pensamento e desejam dar-lhes. Claro que, às vezes, eles nem sempre superam propriamente aquilo que desejam transmitir, e outras vezes eles saem-se muito bem. Mas eu sinto que... olha o teu filho, David: um menino tão bom e por isso entusiasticamente animado com a possibilidade de ser capaz de vir, estou certa de que, dada a oportunidade ele terá muito a transmitir-te.

O mesmo se aplica, naturalmente, a outros contactos e amigos aqui, a todos os vossos amigos, dada a oportunidade. É uma questão de adaptação e de se acostumarem ao método e de serem mais livres, por assim dizer, no manuseio do mecanismo, se assim o posso chamar (que num sentido não é), mas a transmissão dos seus pensamentos em som; na superação dos assuntos de interesse e na transmissão dos aspectos de prova necessários, é claro.

Tudo é uma questão de experiência e eu acho que se vocês puderem reunir-se de novo conforme vocês estão agora constituídos: num excelente pequeno grupo. Claro, eu sei que há outros amigos vossos que por vezes vêm e não há qualquer razão, é claro, para que eles não devam juntar-se. Mas devo dizer que hoje, do meu ponto de vista e, estou certa, do ponto de vista da maioria das pessoas que aqui se encontram, tem sido uma experiência interessante da qual todos nós partilhamos.

De qualquer forma, só podemos esperar e rezar para que o tempo não esteja muito distante, em que todos possamos ficar juntos de novo.

Seja como for, eu tenho que ir e vou deixá-los com todas as minhas bênçãos. Adeus.

Bernard: Quem é que fala?

Presentes: Adeus e obrigado por falar connosco.

Bernard: Quem é a senhora?

Terry: O meu nome é Terry.

Bernard: Ah, Ellen Terry.

Senhora: Quanto privilégio...

Terry: Eu costumava vir a esta casa, você sabe, há muitos anos atrás. Claro que na altura eu era uma senhora muito velha, sabem. Mas um amigo muito querido meu, alguém por quem eu tinha uma enorme consideração e respeito costumava viver nesta casa. Decerto que terão ouvido falar de George, George Arlis.

Senhora: George Arlis!

Bernard: Ele viveu aqui?

Terry: Ele viveu nesta casa há uma data de anos. Mas estava a ficar velho. Claro, eu estava envelhecida demais: eu era mais velha do que ele, mas eu conhecia-o muito bem, sabem. Eu costumava ter um apartamento, sabem, logo à saída da Charing Cross Road nessa época. Estou a recuar no tempo alguns 60 ou 70 anos, suponho. Durante um curto período de tempo eu tive um apartamento, sabem, mesmo à saída... quase em frente ao... hmm ... oh, como se chamava aquele encantador teatro puxaram que agora deitaram abaixo... esqueci o nome.

LÚCIO LUCILO
O MILAGRE DA VIDA

26 Novembro 1962

Lucilo: Saudações, minha filha.

Rose Creet: Saudações para si, Lucilo.

Lucilo: Nas tentativas que empreendemos por te trazer a realidade da consciência, precisas sempre lembrar-te que o espírito, que é a força motora que se encontra por trás de toda a vida, encontra-se a toda a hora consciente de tudo quanto sucedeu e de tudo quanto sucede nesse momento em que se manifeste por alguma forma, até mesmo, por exemplo, num corpo terreno. O espírito, ao se manifestar, acha-se consciente de tudo quanto sucede nesse instante físico chamado Terra. Acha-se consciente de tudo quanto tenha sucedido no passado; mesmo enquanto está à espera da expressão da experiência do que chamais "futuro."

Quando o corpo está em repouso durante o que chamam sono, a consciência do espírito ainda se manifesta por várias formas, e no momento de acordar no retorno à Terra do chamado estado do sono, o cérebro do indivíduo tem uma lembrança nebulosa de experiências muita vez desajeitadas, misturadas e muita vez confusas. Em ocasiões raras, quando o espírito se encontrou temporariamente afastado do corpo mas ainda se encontra ligado a ele, é capaz de entrar em dimensões que se encontram para além da normal compreensão do homem. O espírito é capaz de voltar para trás no tempo, e por vezes em frente, no tempo. E é claro, é capaz de entrar numa outra dimensão, cuja realidade e sentido o homem ainda não consegue inteiramente compreender.

Estou esta noite a falar desta forma de modo a ser capaz de te dar a chave para certas coisas que mistificam, porque sem a chave não poderás esperar poder compreender em pleno o milagre da vida. Frequentemente no vosso mundo as pessoas referem-se à vida, não só no plano físico mas também no espiritual, e há quem, em função da educação ou persuasão religiosa ou das experiências que tenha tido, sem conhecimento referem como Vida Futura, ou vida no Além (ou vida no espírito) falam da vida futura. Mas se tivermos que falar da vida futura enquanto ainda na vida presente, precisamos também obviamente referir um começo, o que sugere uma vida anterior.

O que é importante é não pensar no corpo como o indivíduo, nem sequer pensar no corpo como a expressão do indivíduo no verdadeiro sentido, por ser um veículo de expressão momentaneamente dado. Quando o homem se conseguir livrar das limitações do tempo e em consequência das limitações que a religião e as religiões incutiram nele; quando alargar a compreensão que tem da verdade e compreender que a expressão do espírito se acha em grande medida limitada por si próprio, do ponto de vista terreno.

Assim que se conseguir livrar das ideias profundamente enraizadas e das noções preconceituosas. Assim que se conseguir livrar dos grilhões das variadas religiões que sobrecarregam a humanidade há séculos. Assim que conseguir romper as cadeias que o amarram encadeado a uma interpretação terrena do desejo e do propósito da vida.

Quando conseguir perceber a imensidão do espírito que não pode ser confinado ao tempo mas que existe para além da vossa expressão, conforme vocês entendem o significado da expressão no vosso limitado modo terreno. Quando puderem aceitar a realidade não só do momento e não só a realidade da vida que está por vir numa forma diferente, e da ampla oportunidade da expressão, e puderem então aceitar o passado, que a maioria das pessoas não recorda ou não percebe, devido aos factores limitativos que o homem criou por meio da sua ignorância e insensatez - por se sobrecarregar com credos e dogmas e fechar a mente à verdade.

Quando começar a perceber a natureza do seu espírito. Quando perceberem que o veículo do corpo não passa da habitação temporânea da sua expressão, expressão do espírito divino. Quando perceberem que podem recuar e avançar e que podem subir e descer. Se puderem compreender que o corpo num certo sentido é um ponto de convergência enquanto habitem nele ou o utilizam, e que ao vosso redor naquilo a que vocês chamam de éter, nessa grande vastidão, nesse enorme espaço, se encontram todo o conhecimento e ideais, todas as experiências, todas as oportunidades do homem e da sua inteligência, só isso os poderá levar a compreender a imensidão do poder do espírito, e tentar trazê-lo através desse veículo - e não é o único veículo o que vocês têm - de expressão e de sentido, e de sensação e de conhecimento e de compreensão.

Essa habitação temporária que habitais sobre o globo móvel da matéria que gira num tal ritmo, e que ainda assim, para aqueles de nós que se encontram no espaço exterior, na vida exterior, parece que estarem a mover-se tão devagar, que em consequência mal se mechem, na percepção que temos. Por nos acharmos desinibidos e não sermos afectados, somos capazes de expressar toda intensidade do nosso conhecimento, percepção e ser.

No entanto, não gostaria de te levar a pensar que, por causa de nos encontrarmos neste formidável mundo de luz que não tem princípio nem fim, que em si mesmo é tão extraordinário e imenso que ainda não quero que penses que o corpo terreno e o seu uso e propósito seja inútil e não tenha objectivo.

Falei, no passado, sobre as encarnações e, em certa medida no sentido que têm e o seu propósito, parte do que está a ser objecto de compreensão, e parte do que não; parte do que parecerá confuso, como de facto possivelmente o será, se se

considerar o quão difícil é pôr no vosso mundo grandes verdades com a limitação (...)

Não gostaria que ninguém pensasse que as vidas terrenas que vós assumis não tenham importância. Precisam procurar compreender que o mundo terreno é apenas uma pequena parte de todas as oportunidades. Precisam tentar perceber que o mundo terreno, devido à importância que tem - e é importante - devem procurar entender que todas essas encarnações, que muita vez gosto de encadear numa corrente, são importantes. Podem recuar aos tempos antigos da história conhecida e rastrear o que poderá ter sido os primeiros tempos, pelo menos, do começo da expressão; no entanto ao pensarmos ou falarmos disto temos consciência, de que não terá sido porventura o verdadeiro começo. Mas estou convencido de que a vida e a força que dá vida que anima todas as formas existentes terá sido anterior, pelo que posso dizer, mas não existem quaisquer palavras conhecidas nem formas de expressão porque possam ser traduzidas, de forma a convencer que há muito tempo atrás, como referi, houve uma Lemúria. Mas antes disso houve uma vida, só que poderá não ter sido uma forma de existência consciente. Se pudesses ao menos compreender isto!

Eu disse que queria, se pudesse, dar-te a chave; porque ao ta dar, num certo sentido estou consciente do facto de abrir a fechadura, por a porta ter sido fechada há tanto tempo com relação a estas verdades. E a questão está em que a fechadura enferrujou com a insensatez e ignorância do homem, pelo que não irá ser fácil abrir a porta. Mas ainda assim é minha tarefa, se puder, tornar possível que todos compreendam o quão insensato é limitar a existência do homem, as capacidades espirituais e as possibilidades do homem, a natureza espiritual do homem, a infinita variedade da forma, expressão, sentido e propósito da própria vida a uma pequena existência na Terra.

Haverá quem dirá que compreendem a importância da vida terrena. Nela precisamos colher as lições que nos são essenciais, razão porque sofremos; é por isso que por vezes a vida parecerá porventura árdua e difícil. O tempo todo o homem precisa aprender pelo sofrimento. Isso é verdade e muitas vezes é ferido mas não passa de uma parte diminuta da verdade. O homem não se encontra confinado num corpo nem em diversos corpos, nem em várias encarnações. O homem poderá ser chamado por muitos nomes e por muitas experiências e muitas existências.

Ele não é homem - aquilo que é chamado homem - ele não é homem, por isso ser apenas um nome por que é conhecido. Isso não passa de forma e contornos, uma parte da realidade. A infinita variedade que que constitui a vida vivida e apreciada e compreendida e expressada para além da nossa curta existência, ou mesmo muitos tempos terrenos. Só posso esclarecer que quando se

fala da vossa vida e à medida que porventura (...) esperar no sentido material pareça longa (...) por vezes parece que o tempo se encontra muita vez suspenso, e por vezes parece fugaz, mas muita vez o homem duvida da realidade do seu ser. O propósito da sua vida parece remoto. Quanta vez não ouvimos as pessoas dizer: "Se existe um Deus, como é que Ele permite isto?" (...) Em tempos de sofrimento, de tribulação e de mágoa, muitas vezes o homem começa a procurar, começa a procurar atingir a iluminação, a luz... e por vezes encontra-a, porventura de forma vaga mas percebe-a.

Quando vêm na existência terrena o toldar da verdade, muitas vezes a imensidão da vida parece assustadora e muita vez parece que o futuro, tal como é visto do ponto de vista terreno, parece demais para se enfrentar. E há quem, em momentos de fraqueza se livre a si mesmo da terra, de forma prematura, pensando encontrar liberdade das ansiedades e mágoas e carências. Por vezes também no desejo não só de escapar dos encargos da Terra, mas na esperança de encontrar, uma vez mais, algo que fora certa vez prezado e importante. O que importa nisto lembrar e compreender é que, em nenhuma forma de existência, e por forma nenhuma se poderá escapar a nós próprios, ou ao nosso próprio caminho, ao caminho da evolução por ser isso que a vida é, evoluir, evoluir, evoluir através de muitíssimas condições da existência. Não resta dúvida. Se tiverem, será por terem medo de enfrentar aquilo que se torna até mesmo para o materialista mais empedernido. Tentamos evitar os problemas óbvios. Nós jamais escapamos à vida, porque a vida é indestrutível; o espírito é indestrutível.

E aqueles que por uma razão ou outra antecipam esse escape, em breve perceberão que só fecham uma porta apenas para abrir outra, e que farão face, uma vez mais aos problemas, porventura de diferente natureza e de diferente tipo... Por precisarmos todos passar por estas vidas, por estas oportunidades de expressão e de experiência para o desenvolvimento da nossa verdadeira natureza ou ser. É como se nos fosse dada a oportunidade, como de facto nos é dada, de um breve momento de iluminação... de iluminar o caminho, como que os passos de tropeço na escuridão que outros também vejam, nem que por momentos.

Precisas ter em mente que todas essas experiências e vidas não são desperdiçadas nem são inúteis nem destituídas de sentido, mas são essenciais, porque onde o poder do espírito estiver há vida em alguma forma. E não devemos ver o tempo, ou os séculos no mesmo sentido material que a vasta maioria das pessoas vêm. Devemos vê-los, não numa linha, como parece, e tantos vêm. Podem recuar nessa linha mil ou dois mil anos e atingir um dado ponto, de uma maneira ou de outra, e não ires mais longe. Mas não se trata de uma linha, de uma linha directa de tempo.

Mas não é linha nenhuma directa de tempo. Toda a vida na sua expressão, se é que o posso colocar nestes termos, é circular e não directa, e nunca vai numa direcção. É abrangente, não é ponto nenhum que se possa apontar, não comporta começo nem fim algum, mas está sempre junto à curva da estrada, de modo que consigam ver um pouco de caminho e possam ver porventura mais longe. Não conseguem ver tão bem à medida que a estrada dá a curva, mas o caminho está lá exactamente à mesma, e prossegue sem parar.

É tão vasto que não chegamos a ter percepção do seu início ou fim. Se o pudéssemos descrever, se o mundo da matéria desaparecesse e pudéssemos descrever o poder do espírito e o que isso realmente significa, precisaríamos ser capazes de falar numa língua muito afastada das ideias limitativas da terra. Não devemos pensar em nós próprios como fomos ou como somos, ou como nos conhecemos pelo que fomos ou somos no presente. Vemo-nos além do tempo e do espaço em toda a plenitude da vida e das compreensões; todos os acúmulos de experiência e conhecimento, e se pudermos reunir isso em nós e de seguida perceber que somos com (...) começaremos a perceber a imensidão do todo.

Somos seres de tal forma formidáveis - e uso o termo “seres” por querer que percebas que, não obstante o quão possamos ter progredido, ainda somos, num sentido, seres. Não gostaria que pensasses que perdemos noção de nós na forma e contornos, mas devemos pensar em nós não mais como corpos, nem como certa vez fomos ou somos agora, devemos perceber que somos a imensidão da vontade e propósito de Deus. E precisas ter em mente quando pensares nisso que nos encontramos além do tempo e do espaço e que manifestamos a força divina em todas as coisas, e que esta coisa que designam por Deus, esse nome que dão a esta força vital ou poder, ou seja lá como for que o designem, na imensidão do espaço habita muita vez muitas formas em diferentes "tempos," só que ao mesmo tempo.

Mas nós podemos ser e somos, e viremos a ser, por não termos em nós factores de limitação. Os únicos factores de limitação são aquelas condições que nós próprios fazemos recair sobre nós próprios. Na terra os factores limitadores abundam, mas a despeito dos factores limitativos da terra vemos que o espírito do homem apertar as amarras; vemos o homem a debater-se com o enorme problema e a deslindar e a resolver algo que acreditam ser verdade (...) O homem está apenas a começar a perceber a imensidão do espaço, está a começar a aproximar-se, está a começar a procura-lo e gradualmente está a começar a começar a encontra-lo. E em breve - quão cedo não podemos dizer nessa forma de tempo que vós tendes - começareis a perceber as verdades espirituais, começareis a ver a imensidão do poder do espírito que anima toda a vida.

Há quem no vosso mundo tenha tentado resolver o enigma do homem, não só em termos metafísicos mas igualmente com respeito ao corpo físico. E têm vindo à

terra almas grandiosas e grandes inteligências que têm feito muito, e que conhecem muito, e que muito têm contribuído para o bem e para o enriquecimento da raça humana. Mas não há homem nenhum que até agora tenha conseguido criar vida, por isso ser uma força indestrutível que se encontra por trás de toda a humanidade.

E quando a humanidade perceber a formidável realidade do facto de que a vida é o homem, a vida é o poder, e a própria vida é indestrutível, e o corpo não passa do veículo. Todo esse espaço exterior, afastado da Terra é vida ilimitada. Armazena todas as lembranças do passado, tudo quanto o homem realizou, e tudo quanto pode realizar se acha lá, para ser descoberto; tudo quanto há para ser vem dessa fonte que é ainda vida. Contudo essa vida, o espírito do homem, é indestrutível. Isso é o que tem importância.

E isso assume forma e contornos quer seja quando nascemos num corpo terreno, ou quando assumimos forma através da recordação ou reconhecimento dos eus passados que fomos, ou quando decidimos ter algum propósito para reentrar no corpo material e tornar-nos homem conforme o homem é compreendido na terra, uma vez mais propositadamente. Isso em si mesmo é tão importante quanto é, e é porventura vital pela antiguidade do tempo. Mas isso em si mesmo não passa da parte mais reduzida da imensidão da realização que o homem tenha da verdade.

A verdade, que é todo-poderosa, que é toda luz, e que é indestrutível e está para além do tempo e do espaço, além da vida passada, presente e futura, vida essa que é Deus. Deus é vida e nós somos Isso. E tu, minha filha, bem como outros que te são conhecidos, sois todos parte desta vida indestrutível. E essa vida é habitada por muitos amigos, e concede a si mesma muitos nomes, fez muitas coisas, e realizou outro tanto. Sofre enormemente e rejubila ocasionalmente. Mas em todas as suas expressões, em todas as suas realizações chegou mais longe nas verdades do infinito, porque nós somos o infinito.

Eu muita vez digo que somos todos Um Espírito, um Espírito indestrutível que é a vida. Lembranças passadas, vidas passadas, associações passadas, realizações, promessas de realização, um monte de coisas que procuramos trazer-te, que têm o seu lugar e propósito. Mas somente quando eventualmente o corpo terreno deixar de funcionar no presente ambiente e estiverem libertos dos tempos que delimitam, se poderá esperar alcançar e compreender, todas as várias coisas que desejam e deviam compreender.

Mas isto eu lhes prometo, e isto eu devia cumprir, que lhes serão dadas mais verdades, que se tornarão mais e mais conscientes da realidade da vida, e que serão capazes em alguma medida, de trazer esclarecimento a outros, e que o

instrumento que usamos representará a sua parte no cumprimento do trabalho que vós escolhestes e para que fostes enviados no corpo terreno para realizar. Como vós filhos vos reunistes, e vos associastes uma vez mais, num pequeno círculo, embora assim pareça de momento. Mas ainda assim, diversos quanto possais parecer por vezes, nos pensamentos materiais, assim também estais compelidos na unidade do amor e do espírito que é indestrutível, por ser o mesmo poder e o mesmo espírito que os enviou aí, uma vez mais a trabalhar em condições terrenas.

Quanta vez tem sido dito, tem paciência. Quanta vez tem sido dito por causa das limitações do corpo e do próprio tempo, das irritações e das frustrações; quanta vez temos dito isso (...) irritados com os sentimentos terrenos; e no entanto aqui está a oportunidade que procuravam, aqui está o caminho que foi feito, e aqui está o caminho que é percorrido e que outros poderão seguir. As revelações do espírito são muitas, e muito está ainda por vir. Se tem sido permitido por umas semanas tem sido por causa das dificuldades da (...) material. A paciência trará as suas recompensas. E muitas são. Sejam de boa-fé.

Rose: Obrigado, Lucilo.

MICHAEL FEARON

1955

"Até que nos livremos dos grilhões da Igreja, não poderá haver verdadeiro progresso para a humanidade."

Em 1954 surgiu uma voz alegando ser Michael Fearon, que disse ter sido um mestre em biologia na Escola Taunton, mesmo antes da guerra, e que fora morto na Normandia em 1944, três semanas após o dia D. Isso foi fácil verificar. Woods rastreou a mãe de Fearon e levou-a consigo até ao Flint. A voz surgiu de novo, e a Srª Fearon anunciou que era o filho dela. Fearon tinha tirado o mestrado na universidade pública e fora Capitão do 1º Batalhão de Norfolk.

"O homem imediatamente após a morte não é diferente do que fora cinco minutos antes, com respeito ao seu aspecto, ao seu carácter e à sua personalidade. Por conseguinte, uma pessoa de fortes convicções religiosas ainda se atém a elas quando para aqui vem. Mas começa a perceber que se assemelha a um peixe fora de água, e que muitas das velhas ideias que tinha e das doutrinas e credos que abraçava simplesmente não se aplicam.

"A primeira coisa que ele percebe é que aqui tudo é normal, tudo é natural. As pessoas em si mesmas são muito aquilo que eram na terra, só que sem todo o

peso da vida material. Começa a perceber que muitas das velhas ideias que tinha eram puras concepções materiais de Céu e de Deus. Começa a perceber que a vida aqui é coisa normal e natural, e que ele próprio é exactamente como era. Mas muito daquilo a que se apegava e que ele acharia que deveria, digamos, traduzir-se para si próprio por um Céu, por causa das suas crenças, ele descobre não ser necessariamente assim, de modo que precisa ajustar-se à condição em que se encontra."

Michael: Olá mãe.

Srª. Fearon: Olá querido. Parece ter passado muito tempo desde a última vez que falamos, não?

Michael: É, suponho que sim.

Srª. Fearon: Tenho passado um mau bocado Mike…

Michael: Mas, eu tenho estado constantemente contigo. Quer dizer, venho praticamente todos os dias...

Srª. Fearon: Ah, eu consigo pressentir-te por perto.

Michael: ...Eu nunca chego verdadeiramente a estar fora de alcance. Provavelmente sentes-te fora de alcance, na medida em que não tens oportunidade de falar comigo com frequência. Mas eu nunca estou fora do alcance porque...

Srª. Fearon: É melhor falarmos em voz alta, não é?

Michael: Ah, bom, é muito mais satisfatório, obviamente. Quer dizer, adoro vir conversar contigo, é uma excelente oportunidade, que para mi significa muito - tal como na verdade significa para todos quantos têm a oportunidade de vir e de falar com aqueles que amaram na Terra.

Srª. Fearon: Eu sei…

Michael: Podia fazer toda a diferença para as pessoas caso elas compreendessem isso e percebessem que a morte não é aquilo que pensam. Não é o corte do contacto entre nós.

Srª. Fearon: A morte não existe….

Michael: É apenas uma ilusão.

Srª. Fearon: Mmm…

Michael: O homem criou a morte na sua ideia. Ela realmente não tem existência, apenas na sua mente...

Srª. Fearon: Gostava de saber por que será assim.

Michael: Bom, suponho que seja por ser tão materialista, na medida em que vive única e completamente para o materialismo. Mas quando alguém que tenham conhecido e amado os deixa, conforme eles acham - ou seja, no sentido físico - então na medida em que estão em causa, é o fim. Claro que sempre houve quem acreditasse em algo depois da morte, mas nunca chegaram verdadeiramente a saber o quê...

Srª. Fearon: Não, eles acreditam na ressurreição e...

Michael: Bom, a questão está em que o homem sempre pareceu olhar para a sua vida como algo puramente materialista. Mas quando começou a criar, nas suas próprias mentes, uma ideia da nova vida ou de um novo céu ou de uma nova existência, chamem-lhe o que quiserem, presumem que seja num corpo físico. Nunca conseguem, mesmo então, afastar-se da velha concepção materialista.

Mesmo hoje, quer dizer, no final das contas, um número incontável de pessoas que creem na vida após a morte, a concepção que têm é extraordinariamente materialista. E muitos de quantos, suponho, o mundo chamaria religiosos, ou num certo sentido bons, por se conformarem a certas crenças e dogmas, e assim... Elas pensam que vêm de novo à terra na forma material como que no grande dia final. E realmente, quando chegamos a pensar nisso, as coisas que certas pessoas creem são verdadeiramente fantásticas.

Srª. Fearon: Absolutamente.

Michael: E no entanto é tudo criado pelo homem. Não resta uma migalha de evidência que apoie as teorias deles. E no entanto a Igreja, para a considerar num todo, ainda prega essa ideia ridícula do céu e do inferno. O céu caso tenham sido muito bons e seguido os princípios e assim - ou o inferno caso não tenham seguido aquilo que pensam ser correcto. Mas na verdade, quando chegamos a analisar isso, a coisa não pega.

Srª. Fearon: Não. Mike eu…

Michael: Na realidade, eu sempre senti que o homem se limitou com a atitude e a

perspectiva que adopta.

Srª. Fearon: Bom, não é só no campo da religião que ele se limita, é?

Michael: Não, não é só nisso exactamente. A questão está em que o homem limita Deus em grande medida por causa da sua própria limitação. Quero dizer, quando o homem conseguir livrar-se do materialismo, com respeito às coisas que dizem respeito ao espírito - o que poderá porventura parecer um tanto complicado - mas é extraordinário como o homem chega a presumir que as coisas espirituais tenham uma base materialista.

Srª. Fearon: Bom, eles não conseguem afastar-se do materialismo em que se encontram, podem?

Michael: Não, a questão está em que eles já só conseguem pensar e ver e compreender algo que para eles seja tangível. E quando uma coisa excede isso, deixam de a entender em absoluto.

Srª. Fearon: Da última vez que aqui estive, disseste: "Pelo amor de Deus, se trouxeres alguém, não tragas nenhum pastor."

Michael: Bom, não quero parecer preconceituoso, mas receio que não tenha muito tempo a perder com a Igreja e com os muitos que a ela aderem. Por terem uma mente tão estreita, tão incrivelmente estreita que não conseguem exceder um determinado limite. Só conseguem aceitar aquilo que se enquadra numa certa medida, na sua própria experiência ou crença. Encontram-se tão limitados no conhecimento que têm, se é que se pode chamar-lhe conhecimento.

Srª. Fearon: Sim. Falta de conhecimento…

Michael: Pois. Bom, provavelmente será mais verdade dizer isso, mas eu dou-lhes o benefício da dúvida. A questão está em que eles como que tentaram de tal modo...

Srª. Fearon: …às coisas.

Michael: Sim. Pois, bom a questão está em que reduziram tudo a umas palavras, se é que se pode fazer isso. Depois pensam ser senhores do conhecimento todo que se acha encerrado nessas poucas palavras. Ao passo que naturalmente é claro que é... o conhecimento é algo tão vasto, tão formidável que até mesmo o mais evoluído só pode captar uma pequena percentagem dele. Mas parecem pensar que o que está contido, digamos, na Bíblia de uma ponta à outra, seja tudo quanto há a saber e não contam que exista mais nada. Mas mesmo assim, embora digam que

aceitam tudo quanto leiam na Bíblia, muito poucas pessoas, caso forem honestas, o conseguem.

Srª. Fearon: Então, não a interpretam correctamente, interpretam?

Michael: Bom, é o seguinte: a Bíblia na verdade encerra muita verdade, muita bondade. Quer dizer, os simples ensinamentos de Jesus, se seguissem o exemplo que deu, então o homem não erraria muito na sua vida material, nas coisas que ele faz. E a sua perspectiva e desenvolvimento seria consequentemente grande. Mas o problema está em que eles tentam restringir as coisas até certo ponto, tentam fazer das simples verdades de Jesus tanto de complexo e de enredado. Tentaram abordar tanto ao longo dos séculos que já nada tem que ver com Jesus. Quero dizer, a imaculada concepção, por exemplo, é tão velha quanto o mundo e constituiu a base de praticamente toda a religião da antiguidade. Isso naturalmente arrastou-se por séculos após a morte de Jesus. Mas não teve qualquer fundação em factos, em absoluto. Há tanta...

Srª. Fearon: Mas … não é verdade.

Michael: Há tanta coisa que é de natureza mística que eles alinhavaram e tornaram tudo tão misterioso e tão, difícil que para a pessoa inteligente se torna difícil de acreditar. Que consequentemente tanta gente, obviamente ao longo dos anos - à medida que se tornam mais educados e mais inteligentes e pensam mais a fundo consigo mesmas - evidentemente não podem aceitar. E em consequência as igrejas perderam terreno; constantemente, cada vez mais, ao longo dos anos. A igreja agarra-se a tanta coisa que não tem qualquer fundação no facto.

Srª. Fearon: Pois, e eles também criaram muita coisa, não foi, que não resiste de todo. Quero dizer, todo aquele dogma e todo aquele tipo de coisa...

Michael: Bom, a que se reduz o serviço da Igreja, uma vez analisado? Á repetição, desde o começo até ao fim. E isso prolonga-se há anos e anos a fio. Quem conseguirá continuar a cantar os mesmos velhos hinos com as mesmas malditas palavras e tem alguma fé ou crença em relação a elas?

Srª. Fearon: Assim, deixa-se de ir à Igreja por completo.

Michael: E depois, a maneira peculiar e considerável com que o clérigo muita vez dirige a palavra, quer dizer, num tom mísero, medonho, monótono... É suficiente para afastar uma pessoa da Igreja.

Srª. Fearon: Pois, mas Mike, precisas lembrar-te do seguinte; isso é esperado da sua parte a cada dia que passa, e eles não recebem praticamente nada.

Michael: Bom, eu diria que são pagos por mais do que valem, mas ainda talvez...

Srª. Fearon: Não, não concordo contigo…

Michael: Lamento-o, mãe…

Srª. Fearon: … eles despendem imenso tempo e fazem um certo bom trabalho para os pobres de espírito.

Michael: Mãe…

Woods: Mas estou de acordo contigo, Mike!

Michael: Mas onde queremos chegar é ao seguinte – embora haja boa gente, pelo menos Segundo a forma como o mundo designa isso, na Igreja – quer dizer, trabalhar na Igreja e servir a Igreja, assim como os seus adeptos. A questão que se põe é: que sentido fará andar em torno num círculo sem princípio nem fim, onde que não se consegue coisa nenhuma? Quer dizer, sinto preconceito contra a Igreja por muito boas razões – e quando digo isto falo por um incontável número de pessoas aqui. A Igreja jamais ergueu o seu dedo contra a guerra.

Srª. Fearon: Não, estou de acordo contigo.

Michael: Senão vê a última guerra e a que a antecedeu. Que terá a Igreja feito para a deter? Terá proclamado os simples ensinamentos de Jesus, que foi o Príncipe da Paz, e ter-se-á posicionado contra a guerra? Não, não o fez.

Srª. Fearon: Não, foi onde perderam a hipótese que tinham…

Michael: Que foi que o Papa fez durante a Guerra? Terá ele dito que excomungaria todo Católico Romano que tomasse parte na guerra? É claro que não. Mas tivesse ele feito isso, e não resta dúvida de que a Itália não entraria em guerra. Porque, sendo um país fortemente Católico Romano eles não se teriam atrevido a ir contra o seu Papa. Quer dizer, a questão está em que a Igreja prega o "Príncipe da Paz" e no entanto não segue o seu exemplo... em tempos de necessidade. Não há nada mais importante do que seguir os simples ensinamentos que Jesus deu. Eu sou todo a favor de Jesus, mas estou muito, muito mais afastado da Igreja, e sinto todo o orgulho e alegria em proclamar isso.

Srª. Fearon: Pois…

Michael: E é por isso que acha que a investigação que a Igreja faz deste assunto –

embora eu saiba que há gente boa e sincera nela – não dará em nada. Por o preconceito que a Igreja tem é tão grande e por lá bem no fundo desaprovarem toda a pessoa, ou grupos de pessoas, que arme qualquer coisa que lhes possa tirar o poder. A Igreja sempre prosperou em duas coisas: no medo e no poder – e se lhe tirarem essas duas coisas e não lhe restará nada.

Srª. Fearon: Ah, bem, eu acho que estás a ser difícil com eles, Mike.

Michael: Sou muito duro com eles. Faço intenção disso porque até que nos livremos dos grilhões da Igreja não poderá haver progresso espiritual para a humanidade. A Igreja fez algum bem, em certos aspectos, não o nego. Mas provocou um dano incalculável ao longo dos séculos. Inúmeras pessoas morreram de forma terrível, trágica, mortes antes do tempo às mãos da Igreja, por as pessoas não acreditarem nos seus credos e dogmas particulares. A Igreja na verdade sempre esteve contra o verdadeiro progresso humano e jamais avançou com a humanidade passo-a-passo. Sempre se manteve no seu lado. Para valer, acredita no que te digo.

Srª. Fearon: Bem…

Michael: E se não se tiverem curvado à Igreja, Deus os ajude.

Srª. Fearon: Escuta, como levarias essa religião de Jesus às massas? Onde é que te encontras?

Michael: Todo homem pode encontrar Jesus dentro de si mesmo, no entanto...

Srª. Fearon: Pois, mas se o faz…

Michael: … se ele ler a Bíblia e usar da sabedoria e da discrição, conseguirá a verdade aí. Mas precisa aprender a descartar todas as coisas que lhe têm sido acrescentadas - muita vez pelos homens da Igreja, ao longo dos séculos, em prol dos seus próprios interesses.

Srª. Fearon: Pois. Para mim os Quacres são os que mais se aproximam dela.

Michael: Estou de acordo contigo. Os Quacres, na minha opinião, estarão possivelmente mais próximo dos verdadeiros Cristãos. Mais do que o corpo religioso ortodoxo.

Srª. Fearon: Pois, concordo.

Michael: Afinal, eles esperam que o Espírito os mova. Não têm qualquer credo,

nem forma ou cerimónia. Reúnem-se humildemente na adoração a Deus e para pedir a divina orientação e esperam que o Espírito os mova. Na realidade são quase Espiritualistas. E quando uso o termo Espiritualistas, quero dizer verdadeiros Espiritualistas.

Srª. Fearon: Pois.

Michael: Infelizmente não há muitos Espiritualistas verdadeiros, na verdadeira acepção da palavra. Eu sei que por vezes te posso dar a impressão de ser muito duro com a Igreja Ortodoxa... Mas penso que a sua história fala por si. A sua história constitui a sua própria condenação. Eu não os condeno mais do que quem quer que seja. Deixo isso à consideração da consciência do indivíduo ou do grupo de indivíduos. Mas acho que o registo da história da Igreja é bastante sombrio.

Srª. Fearon: Pois.

Woods: Estou de acordo contigo nisso, Mike.

Michael: Não tenho o menor interesse nesta investigação da Igreja, por não achar que chegue a algum lado. Porque eles ater-se-ão às suas pequenas ideias estreitas e aos seus credos e dogmas. E eles procurarão atolar essa verdade - que é tão livre quanto o ar - com elas. Procurarão atolar essa verdade maravilhosa, gloriosa com os seus próprios credos e dogmas e confiná-la à Igreja. Farão mais mal do que bem, a longo prazo.

Srª. Fearon: Sim. Mas supondo que tinhas que regressar à terra. Que linha adoptarias aqui?

Michael: A que termos te referes exactamente?

Srª. Fearon: Bem, quero dizer…

Srª. Fearon: …de que modo levarias a religião, a verdadeira religião às massas. Metade delas - mais do que metade - não lêem a Bíblia. Mas mesmo que o façam elas não a praticam na sua vida ed todos os dias. De que modo a levarias a eles, Michael?

Michael: Eu sei que é…

Srª. Fearon: Não tem importância distrair-se, querido.

Michael: Eu sei que é um problema enorme, mas diria que uma das formas mais significativas de levar a religião - e uso isso num certo sentido - na verdade o

termo religião...

Srª. Fearon: Pois, usa o tempo de que precisares.

Michael: Posto nesses termos... Se tivéssemos que levar a religião de Cristo às massas precisaríamos esforçar-nos por digamos, fazer o que Cristo fez. Ou seja, dar o exemplo.
Porque, a menos que demos o exemplo, não podemos esperar que as pessoas nos sigam. Quer dizer, muitos Cristãos, por exemplo, são tão fluentes no uso da palavra e assistem regularmente à Igreja, por exemplo. Porém, estão longe de dar o exemplo.

Srª. Fearon: Concordo.

Michael: E afinal de contas, Cristo fez as coisas que fez por compreende a sua divindade interior e a união que tinha, digamos, com Deus. Quero dizer, por exemplo, muito do que Cristo fez - a que chamam milagres. Chamam milagres a isso por o não entenderem. Mas um milagre só é um milagre por não compreenderem como é feito. Mas a questão está em que Cristo conhecia, o que hoje os seus seguidores não conhecem. Ele conhecia o poder presente dentro dele. Do nosso íntimo vem a oportunidade e o poder para fazermos grandes coisas. Cristo era capaz de curar os enfermos; era até capaz de ressuscitar os mortos, assim como muitas outras coisas que se ouve dizer. Contudo a Igreja fará isso? Os clérigos farão isso?

Srª. Fearon: Eles estão a chegar um pouco ao entendimento disso, não?

Michael: Sim, muito devagar. Mas virá isso alguma vez do seio da Igreja? Ah, não. Isso veio de fora da Igreja. E agora a Igreja está a começar a compreender que pode haver alguma coisa nisso e que em consequência eles poderão ser capazes de fazer um bom uso disso ou de conduzir as pessoas de volta à Igreja. Só que os motivos que têm são inconfessados, e na minha opinião, não são bons.

Eles querem levar as pessoas de volta às igrejas, querem tornar a Igreja poderosa de novo. E assim percebem que, aquilo que se tem passado fora da Igreja - o facto de as pessoas encontrarem a verdade fora da Igreja - eles poderão ser capazes de trazer isso à Igreja. Mas, e aqueles que ainda estão de fora, e que, devido à liberdade de pensamento e da vontade de que gozam têm sido capazes de obter progresso com essa verdade. Isso deve-se ao facto das pessoas fora da Igreja terem sido livres dos grilhões da Igreja, de terem conseguido progresso espiritual. E em consequência, as Igrejas perderam muito.

Mas agora a Igreja está a ficar assustada e quer arrastá-las de volta, mas hão de descobrir que não tarda muito, se forem levadas para a Igreja, até certo ponto, procurarão julgá-las e sufocá-las e tornarão impossível a permanência fora da Igreja. A igreja sempre quis sufocar as pessoas de fora, sempre quis manter as coisas para si própria. E eu não tenho tempo, paciência nem interesse na Igreja.

Srª. Fearon: Não? É difícil. É uma questão terrivelmente difícil aqui em baixo Mike. Tu tens como que uma perspectiva justa da coisa, sabes, daí de cima...

Michael: Lamento que pareça tão veemente em relação a isso.

Srª. Fearon: Não, eu não - Não estou…

Michael: Mas num certo sentido não lamento, por saber que a liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, a liberdade de muitas formas diferentes, existe muito mais fora da Igreja do que dentro dela. A Igreja quer que sigam a sua via, as suas pequenas margens estreitas. E se vocês aceitarem e acreditarem como a Igreja quer que façam, quando aqui chegarem não terá importância - mas acreditem em mim - não deixa de ser muito contrassenso! Temos por aqui muita gente que possui concepções estreitas dessas, sobre a vida e a religião, se quiserem usar o termo, provenientes da Igreja, e que descobriram que as coisas são amplamente diferentes ao chegarem aqui. De facto, viram o seu progresso embaraçado, por causa das crenças estreitas que lhes impingiram. Na realidade, algumas pessoas ao aqui chegarem, acreditando que eram os verdadeiros eleitos de Deus e os escolhidos, ainda existem por aqui numa certa esfera, acreditando ser os únicos que ainda existem neste mundo. Permanecem cegas para toda e qualquer outra forma de vida e de avanço. Têm perspectivas tão estreitas que chegam sincera e realmente a pensar são os "renascidos" - conforme eles designam isso - e aguardam mesmo voltar à terra na forma física.

Srª. Fearon: A sério?

Michael: …Aguardam pela ressurreição do corpo. Todas essas falsas doutrinas que a Igreja tem promulgado ao longo dos tempos causou um enorme dano a milhões e milhões de pessoas e separou famílias e indivíduos. Acredita no que te digo, a Igreja tem muito por que dar contas, e eu tenho pouco ou nenhum interesse nela. E toda essa investigação que tem estado a correr sobre essa verdade, embora saiba que tem gente sincera no seu seio, mas ao mesmo tempo acho que o resultado não irá ser bom.

Srª. Fearon: Mike…

Michael: Enquanto o Espiritualismo for livre, terá uma hipótese de respirar e de

fazer progressos e as pessoas podem sentir e penar e aceitar o que podem aceitar por meio do desenvolvimento da sua mente e espírito livremente e fazer progressos. Mas assim que for inserido nos limites da Igreja, com toda a sua ladainha e toda a sua superstição, com toda a sua insensatez será de novo sufocado.

Srª. Fearon: Mike, quando inicialmente passaste desta vida, que foi que sentiste? Isso não te veio ao encontro de imediato, veio?

Michael: Não veio ao meu encontro logo de repente, não. Mas afortunadamente, eu não estava inflexível nem atado a crenças nem amarrado nos padres, como muitos outros estavam. Eu era capaz de pensar com clareza e de fazer progressos, devido à liberdade de pensamento de que gozava. E fui capaz de contactar muitas almas que tinham feito um avanço espiritual e elas foram capazes de me ajudar por muitas formas, e posteriormente consegui regressar a ti muito em breve. E notei que quando necessitaste de auxílio não foi a Igreja que to deu.

Srª. Fearon: Meu querido, é muito difícil obter auxílio, não é? Em especial num mundo como este no estado em que se encontra.

Michael: Nós vimos para derrubar as barreiras que jazem entre os homens. E para romper essas barreiras que o homem criou por meio da intolerância racial e do ódio, do credo e do dogma. Nós vimos aqui abaixo para ver se em alguma medida podemos reunir os povos – como uma família sob um Deus. Temos um propósito e uma missão. Não estamos interessados em potências e principados. Não nos interessamos por igrejas, credos nem dogmas. Não temos interesse por todas as coisas que mantêm o homem na Terra, mas pelas coisas que o tornam livre, que o deixam bem e feliz no espírito, na mente e no corpo.

Nós vimos para que possamos, em alguma medida, tornar o vosso mundo um local melhor para viver para aqueles que vierem depois de vós – para que nasçam livres na sua mente para viver e para amar e para aprender as coisas que são de Deus. Temos um enorme propósito em aqui vir, Mãe… Não estamos interessados na Igreja, nem nas instituições enquanto tais. Interessamo-nos apenas por indivíduos; colectiva e individualmente. Vimos para derrubar todas as barreiras que o tempo e o homem, na sua ignorância, criaram.

Sabemos que podemos fazer coisas grandiosas, mas sabemos que só o faremos quando a mente do homem se encontrar livre dos grilhões que o amarram à terra. E na minha opinião, o credo e o dogma são duas das coisas mais difíceis de se livrar. E é uma das nossas maldições que temos que aceitar – derrubar a fortaleza da Igreja. Mas as fundações da Igreja são vigorosas, muito embora estejam a desabar. Sabemos que não existe vigor na Igreja, por nunca ter existido

uma verdadeira Espiritualidade nela.

Srª. Fearon: Concordo contigo Mike. Obtenho mais ajuda da tua parte do que da parte de quem quer que seja. Sabes, pensei que talvez fosse culpa minha, sabes?

Michael: Não. Eu sei que só há um caminho para a salvação, que é pelo desejo que o homem tem pelo bem no seu íntimo se manifeste na terra. Por o próprio homem, no seu íntimo, possuir uma enorme força – uma enorme força de carácter, uma grande força do espírito. E que se ele olhasse para si próprio e se exteriorizar aquilo que descobrir, conforme Jesus fez, nada será impossível. E a Igreja não fará isso por vós. Uma pessoa precisa fazê-lo por si própria, mas nós podemos mostrar o caminho e podemos dar uma grande ajuda e auxílio àqueles que buscam e que se esforçam. Assim que um homem começar a procurar e a esforçar-se no seu íntimo por coisas grandiosas, então poderemos ajudá-lo enormemente.

Eu sei que há muito que temos a fazer. Por vezes parece quase impossível nós faze-lo, mas podemos e havemos de o fazer. Porque aquilo que estamos a fazer não é só o nosso trabalho, é maior do que nós próprios, por não passarmos de instrumentos de Deus. Fazemos o trabalho de Deus e fazemo-lo gratuitamente, sem segundas intenções. Fazemo-lo por amarmos a humanidade, e por querermos impedir que a humanidade cometa erros como cometeu ao longo de muitos anos do passado. Queremos que a verdade resplandeça e torne os homens livres.

Srª. Fearon: Tu ajudaste-me muito.

Michael: Nós temos um grande propósito ao virmos aqui, acredita em mim.

Srª. Fearon: Estou certo que sim. É uma pena que mais gente não o consiga ouvir.

Woods: Mike, que é que acontece às pessoas que está tão agarrada às crenças e aos dogmas quando elas passam para o outro lado? Numa primeira instância – quando elas chegam?

Michael: Bem, acho que é bastante óbvio. Quero dizer, o homem, imediatamente após a morte, não é diferente do que era cinco minutos antes. Ou seja, com respeito ao seu aspecto e ao seu carácter e à sua personalidade, etc. Por conseguinte, uma pessoa que tenha fortes convicções religiosas ainda as manterá, muito vigorosas, quando para aqui vem. Mas ela começa a perceber que se assemelha a um "peixe fora de água", e começa a perceber que muitas das suas velhas ideias e doutrinas e credos etc., simplesmente não se aplicam, não se enquadram. Elas simplesmente não são, digamos, naturais aqui. Porque a primeira coisa que percebe é que aqui tudo é normal, tudo é natural. Em si mesmas as pessoas são praticamente as mesmas que eram na terra, só que sem todo o peso, se

é que posso usar tal expressão, da vida material, sem as velhas ideias que as mantinham no seu progresso mental e espiritual.

Elas começam a perceber que muitas das velhas ideias que tinham eram puras concepções materiais de um céu e de um Deus. Começam a perceber que a vida aqui é coisa normal e natural, que tudo quanto os cerca é uma enorme beleza – em muitas, muitas formas – e que elas próprias são como eram. Mas muito daquilo a que se agarravam e que pensavam que se reduziria por um céu para si, digamos, devido às suas crenças, descobrem não ser necessariamente assim. Que existem muitas fases da vida, e que elas próprias têm que se ajustar à condição em que descobrem encontrar-se – e é claro que sempre há quem venha ao seu encontro; amigos e parentes, pessoas que terão conhecido e amado e que ainda as amam. E conversarão com elas e esforçar-se-ão por as fazer entender que têm que se livrar de muito do que achavam ser verdade quando se encontravam na terra, e a libertar-se mentalmente, para serem capazes de se ajustar à sua nova forma de existência.

Quer dizer, muita gente tem uma ideia nebulosa do que a vida seja, ou poderia ser, deste lado. E aqueles que têm fortes perspectivas ortodoxas – Cristãos se quisermos – eles realmente acreditam ser como que os eleitos, por uma fase da vida que é de longe superior a qualquer outra. O que evidentemente, não é assim. Por o homem ser uma criatura complexa, em muitos aspectos, e de muitas formas, e não há quem seja tão bom nem quem seja tão mau – por todos terem características redentoras. Mas o facto de acreditarem em certos princípios não faz de vós uma pessoa melhor. Aquilo que torna uma pessoa melhor é: as coisas que tiver feito, as acções e os pensamentos e as coias que tiverem ajudado a tornar essa pessoa um carácter ou um indivíduo. Só por que acreditam numa determinada coisa isso não os salvará, nem os transformará num ser supremo, nem os tornará merecedores, digamos, ou um dos eleitos de Deus.

Todo homem precisa encontrar por si só o próprio caminho e progresso e, claro está, passa por muitas fases e muitos estados de existência que exigem gerações. A vida terrena é uma mera fase curta na nossa existência e importa que se deva atravessá-la e se aprenda tudo quanto se puder. Mas a razão por que vêm à terra não é pelo que podem colher dela, mas pelo que podem depositar nela. Dentro de vós o espírito que aí se encontra, que pode guiar e que lhes pode dar força e um caminho, a iluminação, acha-se muita vez oculto. De facto cerca de 99 casos em 100 ou mais acha-se oculto. Por o homem aprender, enquanto na terra, a desenvolver os seus poderes, o seu cérebro, como ganhar a vida por diferentes modos e as muitas coisas que ele aprende. Mas nunca lhe ensinam as coisas do Espírito.

Ele pode ir à Catequese, entendem, e a seguir ser ordenado e ir para uma paróquia, mas que será que isso lhe ensina? Ensina-lhe a mais estreita de todas

concepções do espírito. Não lhe traz liberdade espiritual, nem um caminho a seguir que realmente lhe ilumine o caminho e faça dele um caminho útil, conforme eu o vejo. A menos que uma religião seja completamente livre, uma crença seja completamente livre no nosso íntimo, onde possamos expandir-nos e crescer sem sermos pressionados, algemados pelo credo ou pelo dogma que não tenha qualquer peso no tempo nem na verdade, então não terá qualquer uso, entendem?

A vida fica inteiramente a cargo do indivíduo. Bem sei que até certo ponto, a vida de uma pessoa é afectada pelas condições que o rodeiam, pelos parentes e amigos e os negócios e muitas outras coisas que influenciam o homem, e que por vezes tornam impossível fazer as coisas que gostaria de fazer. Mas mesmo assim, o homem tem, em grande medida, livre-arbítrio, por que pode fazer as coisas que tenhas na consciência. E todo homem tem uma consciência, e a questão está em que a nossa consciência pode ser o nosso guia. Não direi que possa sempre ser um guia seguro, porque mesmo aí, as consciências diferem de acordo com as pessoas – e o que é um mal para uns pode não ser necessariamente um mal para outros. Mas a questão está em que há um caminho que todos podem trilhar, dentro do qual se pode fazer tanto que ajudará não só a si mesmo a progredir espiritualmente e mentalmente, mas aos que nos rodeiam e os que lhes são próximos. Conforme Jesus disse: "Amem o próximo como a vós mesmos" – quantos farão isso, mesmo por entre os chamados Cristãos profissionais?

A questão está em que não há grandeza no poder, não há grandeza nem mesmo na tradição – embora alguns queiram que penseis que sim. O poder vem da humildade, da gentileza, da simpatia, do amor, da partilha de tudo quanto têm com os demais. Não o refiro apenas com base em meios materiais e mercenários (pago). Aquilo que ajuda o homem a crescer são as coisas que são do foro pura e totalmente do espírito. Todo homem tem dentro de si o espírito de Deus. Para o conseguirmos Jesus disse que devíamos voltar-nos para dentro. E é verdade, dentro de nós encontramos tudo quanto necessitamos. Porque na medida em que começarmos a compreender que temos dentro de nós o poder de Deus, também começamos a crescer e a expandir-nos e a tornar-nos como que mais repletos de Deus.

Não há limites que sejam impostos ao homem, se ele seguir o caminho correcto e procurar desenvolver o espírito que traz dentro. A Igreja – eu sei que voltamos à Igreja com uma regularidade infalível – mas a questão está em que a Igreja não encoraja o homem a desenvolver os poderes do espírito. De facto, desencoraja-o, porque se fossem a uma Igreja e declarassem que tivessem visto isto e experimentado aquilo, a primeira coisa que pensaria é que seríeis um tanto peculiares da cabeça, no mínimo. Mas os clérigos, que deviam saber mais, sabem muito pouco. A sua função é a de curar os enfermos, confortar aqueles que pranteiam, com conhecimento e não apenas com trivialidades tipo: "Bom, pode ser

assim ou pode ser assado," conquanto ela ou ele creiam nos princípios na Igreja, isso será tudo quanto importa.

Quero dizer, a Igreja é cega – e tem-no sido há um incontável número de séculos. Ela simplesmente não expressa as coisas que são – conforme o vejo – de Deus, no sentido real em que deviam. Possuem uma pequena verdade que atolaram com tanta coisa que se tornou de concepção materialista.

E em grande medida a vida, de ambos os lados, aquilo que dela tivermos feito, e o homem é nada mais, nada menos, aquilo em que se tiver tornado pela sua própria experiência. E o homem pode ser grandioso e pode ser muito, muito baixo, na escala das coisas. A Igreja podia ser um líder desses nessas coisas – pois bem, não é, o que representa uma tragédia. Bem sei que devo parecer – e preciso admitir que o sou – muito preconceituoso, por ter visto em primeira mão o resultado de duas guerras. E embora na primeira eu nada tenha feito, vi os resultados, na medida em que encontrei muitos aqui que passaram na primeira Guerra e depois, evidentemente, muitos dos meus colegas da segunda guerra. E eu sei muito bem que a Igreja podia ter feito tanto, mas nada fez, por só estar interessada no seu poder material e no seu engrandecimento.

E esta nova pesquisa dessa verdade que a Igreja anda a fazer, embora haja gente boa nela e sincera, mesmo assim acho – e sei que tenho razão para o dizer – não levará a coisa nenhuma. Certo é que a Igreja sufocará se puder, com tem estrangulado tudo o que for verdadeiramente avançado.

Woods: Pois, concordo contigo, Mike.

Srª. Fearon: Mmm…

Michael: Conseguem imaginar um bispo ou um arcebispo pôr-se no lugar de um médio que tem o poder de canalizar alguma alma grandiosa deste lado, que fizesse alguma alocução que deixasse o bispo envergonhado? Acham que um arcebispo poderia, por exemplo, rebaixar-se na consideração que de si faz, pôr-se de lado e deixar que o homem comum que não pertença à Igreja, por mais inculto que possa ser, apresentar-se no púlpito e fazer uma oratória (oração) que deixasse o arcebispo envergonhado?

Os arcebispos e todos aqueles que exercem influência interessam-se mais pelos seus negócios pessoais. Além disso, há tanto que poderíamos abordar, mas que provavelmente de momento não faz sentido fazer. Mas tenho muito pouca ou nenhuma fé na Igreja; ela fracassou durante gerações, gerações sem conta de almas, e continuará a falhar, até gradualmente desaparecer.

Srª. Fearon: E aí que acontecerá?

Michael: Então, por essa altura, essa verdade terá feito tal progresso, que as mente serão livres dos dogmas e dos credos e o homem conhecerá por si só – por várias maneiras e formas e modos. E embora num certo sentido eu também muita vez tenha muito pouca paciência com a... com a ciência, as coisas que a ciência produzem destinam-se à destruição em vez de para a construção – contudo, ainda assim, até os cientistas se voltarão mais e mais para esta verdade. E dela serão capazes de aprender muito e serão ajudados e guiados. E se encontrarmos – como penso que venhamos a encontrar – os indivíduos de quem estamos a falar, aperfeiçoaremos um instrumento em anos futuros, que tornará a comunicação possível entre o nosso mundo e o vosso – de tal modo que não poderá resultar cepticismo algum. E que em si mesmo será coisa de tal modo revolucionária que para sempre romperá com o poder da Igreja.

Srª. Fearon: Mmm…

Michael: Sigam a doutrina de Jesus, sigam o seu exemplo. É o maior e o mais glorioso exemplo em toda a história do homem... e ao mesmo tempo, não permitam que a Igreja os force a aceitar a interpretação que faz do Jesus mítico embrulhada em mistério. Jesus foi humilde, mas a Igreja fê-lo tão grandioso que se lhes tornou inacessível. Jesus não quis fundar qualquer religião, nem veio com esse propósito. Jesus veio para mostrar o caminho para que o homem o pudesse seguir. Mas a Igreja, em grande medida, ocultou esse caminho dos olhos... e da mente...das pessoas.

Srª. Fearon: Sim, estou certo de que tens razão.

Woods: Tenho, sim.

Michael: Preciso ir.

Srª. Fearon: Bem, meu querido…

Michael: Mas não disse um décimo daquilo que queria dizer…

Srª. Fearon: Bom, dar-te-emos uma outra oportunidade.

Michael: …e aquilo que disse, não o terei dito porventura tão bem quanto devia. E se tiver dado a impressão de ser um pouco, bem, preconceituoso suponho, na realidade não é preconceito.

Srª. Fearon: Não.

Michael: É somente que eu e um incontável número de almas aqui que sofreram, durante os últimos anos por meio da guerra – que podia ter sido impedida – caso a Igreja, em certa medida, tivesse feito qualquer tentativa de desempenhar a sua parte. Se em vez de louvar, tivesse condenado, muito poderia ter sido evitado. Eu não confio na Igreja, por sempre ter deixado a humanidade ficar mal na hora da necessidade.

Woods: Mike. Gostava de te perguntar uma coisa antes de ires, Mike.

Michael: Sim, Sr. Woods.

Woods: Nós estamos de volt ana próxima Segunda-feira…

Michael: Sim.

Woods: …às onze da manhã.

Michael: Sim.

Woods: E gostava de saber se poderias (ininteligível)... as coisas que gostarias de lhe perguntar...caso por gentileza voltes?

Michael: Gostaria que eu viesse, não?

Woods: Gostaria sim…

Michael: Pois bem, prometo-lhe que regressarei. Darei o máximo de mim para estar presente e qualquer coisa que possa fazer para ajudar, farei, já sabem.

Woods: Muito obrigado.

Michael: Bom, mãezinha, preciso ir, mas remeto-lhe todo o meu amor, e as bênçãos de Deus

Srª. Fearon: Deus te abençoe, meu querido.

Michael: E a si um adeus, Sr. Woods e obrigado por toda a sua…

Srª. Fearon: Tem toda a razão. Eu sei.

Michael: Pois, mas acho que precisamos ser um pouco mais tolerantes para com a Igreja, só que acho isso muito difícil, acredita. Por ver tanta infelicidade, tanta miséria poderia ter sido evitada, caso a Igreja tivesse usado o seu poder – que ela

possui, até certo ponto, ainda tem – de impedir a guerra.

Srª. Fearon: Estou totalmente de acordo, Mike.

Michael: Mas, quando abençoam os soldados e as bandeiras e os navios e as armas – e quando pedem auxílio a Deus nas suas guerras – como poderemos respeitá-los?

Srª Fearon: Eu nunca entraria numa Igreja Michael. Não conseguiria.

Michael: Bem, preciso ir. Adeus.

Srª. Fearon: Adeus e Deus te abençoe.

Mickey: Adeus!

Woods: Adeus, Mickey.

Mickey: Bom, Mike, ela não suporta as Igrejas. Adeuzinho!

Woods: Adeus Mickey.

Srª. Fearon: Adeus Mickey.

Flint: Ele sempre teve uma forte aversão à Igreja, não?

Woods: Bem, não o posso censurar. Eu tenho um cunhado que é Bispo em Bury St Edmunds.

Flint: Mmm…

Woods: [Ininteligível]

Srª. Fearon: Então, ele é o bispo de Bury St Edmunds?

Woods: É.

MIKE FEARON
1959

TRABALHO DE RESGATE
AS PESSOAS NÃO PERCEBEM QUE SE ENCONTRAM "MORTAS"
ESTA SOCIEDADE “PERMISSIVA”
ENCAMINHA-SE PARA O DESASTRE

Fearon: Passou-se muito tempo desde a última vez que conversei convosco

Greene: É.

Flint: Quem fala?

Fearon: Não estou muito certo se me conseguirão escutar.

Greene: Sim, conseguimos executá-lo na perfeição, agora, sim.

Woods: Muito bem mesmo.

(Silêncio)

Greene: Venha daí, amigo.

Fearon: Pensei que estivessem interessados em saber como tenho passado.

Woods: Ah?

Greene: Estaremos.

Fearon: Parece ter passado tanto tempo desde a última vez que lhes falei, mas pensei em aparecer e ter uma conversa durante um bocado. Sou o Mike. É o Mike Fearon.

Woods: Ah, olá, Mike.

Greene: Ah, olá querido.

Woods: E como é que tens passado, Mike?

Fearon: Muito bem, obrigado.

Woods: Fico imensamente satisfeito por teres aparecido.

Fearon: Por vezes apareço e vejo-os.

Greene: Ai sim?

Fearon: Por saber que estão a fazer um bom trabalho, sabem.

Greene: Yes.

Fearon: A mãe está comigo.

Greene: Oh?

Fearon: E o meu irmão.

Woods: Estará o Roger aí?

Fearon: O Roger está aqui e a mãe está comigo me.

Greene: Ah, óptimo.

Woods: Óptimo. Como está a Srª Fearon?

Fearon: Ah, ela está bem, muito bem. Bom, obviamente muito mais feliz e, é claro, vocês dificilmente a reconheceriam. Ela voltou ao... seu melhor, sabem.

Presentes: Sim.

Fearon: Ela tem um aspecto muito diferente, Encontra-se mais descontraída e feliz e... claro que sabem que ela aturou tanta coisa de uma forma ou de outra. Ela nunca ultrapassou a minha perda, sabem. E depois, claro está, o que sucedeu com o meu irmão e tudo isso. Podem imaginar. E claro, ela ficou mais difícil por volta do fim, como em sabem. Era impossível. Pobre mãe: certamente teve muito que carregar. Seja como for, ela encontra-se muito bem agora, eu sei que ela gostaria que eu... lhes esse lembranças dela.

Greene: Faz favor de lhe entregar lembranças da nossa parte.

Woods: Iremos conseguir conversar com ela, algum dia?

Fearon: É possível. Não creio que ela esteja muito interessada em vir e falar, com toda a franqueza. Sabem como foi a mãe. Quero dizer, ela fez um vasto progresso, claro está. Agora encontra-se aqui connosco e está mais ou menos... bom, de certo modo, perdeu mais ou menos o interesse pela Terra. Ela veio comigo hoje, é verdade, mas não se sente muito interessada em vir e comunicar. Eu creio... de facto, sei que o interesse da Terra diminuiu em tal medida que, se não fosse o facto de aqui virmos, ela não se importaria nem um pouco, sabem. Mas encontra-se bem e feliz e deseja ser recordada e envia-lhes toda a sorte de pensamentos.

Greene: Muito obrigado.

Fearon: Mas eu pensei em dar um pulo aqui em honra dos velhos tempos, sabem.

Greene: Pois.

Woods: Bem, é muita gentileza da tua parte, aqui vires, Michael.

Fearon: Creio que estejam a pensar fazer um filme.

Greene: Sim.

Fearon: Deus do céu!

Woods: Bem, nós (Ininteligível) isso, esperamos nós.

Fearon: Bem, sem dúvida que o farão, caso seja isso que realmente querem, por todos os vossos amigos os ajudarem. Estou certo de que encontrarão um óptimo lugar. Penso que venha a ser a última jogada.

Presentes: (Riso)

Woods: Bem, não estou preocupado com isso, Michael; enquanto puder continuar por uns anos.

Fearon: Ah, não sei. Suponho que por um tempo, sim. Estás destinado a... eventualmente, terá que passar para aqui.

Presentes: Pois.

Fearon: Depois a Betty terá que continuar o trabalho sozinha.

Greene: Sim, vou precisar sim, Michael.

Woods: Mas, seja como for, estamos a enviar montes de fitas gravadas actualmente. Já enviamos cerca de um milhar. E enviamos a tua...

Greene: (Interrompendo) As tuas fitas foram enviadas um pouco para toda a parte, Michael.

Fearon: Um monte de fitas: um milhar. Deus me valha!

Presentes: É.

Fearon: Mas claro que me recordo dos primeiros anos em que regressei e conversei com a mãe... tempos ditosos.

Woods: Ah, sim. Alguma vez terás encontrado o Rev. Dray-Thomas?

Fearon: Ah, sim. Encontrei-me com toda a sorte de gente, claro está, que costumava conhecer. Quero dizer, pessoas com quem costumava conversar do vosso lado, que agora aqui se encontram. Ah, sim, o Rev Drayton Thomas: é um homem muito bom; uma personalidade estupenda. Surpreende-me que não procure fazer mais tentativas de comunicar. Sei que no início quando para aqui veio ele o fez, mas ultimamente creio que se terá concentrado tanto na sua nova vida, possivelmente a conseguir todo o conhecimento e experiência que pode com o objectivo ulterior de comunicar. Não acho que venha a criar o hábito de vir, decerto não por ora. Ele de momento não está connosco.

Presentes: Não.

Fearon: Ah, é claro, conhecemos tanta gente que se juntou a nós agora.

Greene: Pois.

Fearon: Suponho que com frequência se admirem do porquê de não aparecerem, mas quer dizer, esse cavalheiro que passou recentemente, o Shaw.

Presentes: Sim.

Fearon: Ele está aqui, sabem. Por acaso penso que se sente ansioso por estabelecer

contacto com a sua esposa. Já se ela será capaz de vir a Londres e falar com ele, isso eu já não sei. Ela própria já não está lá muito bem, é claro.

Greene: Poderás dar-nos alguma mensagem que lhe estreguemos a ela?

Fearon: Para além do facto de ele lhe enviar todo o seu amor e bênçãos, e de lhe dizer que se encontra agora plenamente desperto para a sua nova vida e se encnotra muito feliz, é claro, e de habitualmente estar em contacto mental com ela. Creio que de vez em quando ela tem consciência da sua presença e sem dúvida mais tarde, daad uma oportunidade, ele estabelecerá contacto com ela, entendem? Quer dizer, em termos audíveis. Quer dizer, ele está ansioso por falar com ela. De facto creio que ele já está a começar a achar que... bem, há tanto que quer transmitir mas isso precisará esperar, é claro, até ao momento certo.

Greene: Sim.

Woods: Acha mesmo que ele venha a falar connosco?

Fearon: Possivelmente, porque não? Estou certo de que terá prazer nisso. Duvido que seja capaz de falar por enquanto, mas talvez mais tarde, sabem.

Woods: Sim.

Fearon: Sempre que vim a vós, sempre tive consciência do... bem, do tremendo entusiasmo que têm e, claro, vocês atraem uma enorme quantidade de gente. Quer dizer, poderão de tempos a tempos ver esta ou aquela pessoa, mas acreditem que se pudessem ver as centenas de pessoas que por vezes, se congregam ao vosso redor; não somente quando vocês aqui vêm com o objectivo de falar com alguém mas na vossa própria casa. Na verdade, já lá estive algumas vezes.

Greene: Estiveste?

Fearon: Na realidade, embora não devesse dize-lo, vou dize-lo à mesma e esperar que entendas a razão por que o digo, mas acho que se poderá arrepender de deixar o sítio em que se encontra, sabe.

Woods: A sério?

Fearon: Bem, não sei. Creio que já se acomodou ao sítio e tem tudo tão organizado que parecerá uma tarefa e tanto separar-se e começar de novo, não acha?

Woods: Pois. (Ininteligível)

Fearon: Não o quero dissuadir. Quer dizer, se for isso o que quer fazer, é consigo. Mas o que quero dizer é que, por exemplo, tem que levar o trabalho das fitas e tudo o mais consigo, quer dizer, tem isso tão bem ordenado, não tem?

Greene: Temos um grupo grande aí, não?

Fearon: Sim, bem, é o que queria dizer. Agora, evidentemente, têm tudo isso a organizar de novo. Suponho, naturalmente, que isso possa ser feito mas muita vez pergunto-me quando as pessoas ficam agitadas como o George o fez - se mo é permitido dizer - eles querem... têm uma inquietação, sabem, para, como que levantar-se e dar no duro, só que isso nem sempre resulta conforme vocês pensam. Não estou a dizer que não o consiga se se mudar mas... não sei. Eu só acho que está demasiado acomodado num certo sentido ao sítio. Quero dizer, talvez, de certo modo não esteja mas... assim que fechar a porta da frente passará a estar.

Woods: Pois.

Fearon: Sabe como é. Mas fora não é tão mau assim, nem a quantidade de vezes que tenha que sair, George, eu teria pensado que podia acomodar-se conforme está. Talvez não devesse dizer tudo isto, não me cabe...

Woods: (Interrompendo) Bem, é lá contigo.

Fearon: Mas tenho um forte pressentimento de que você... Embora viesse a ser ajudado a encontrar um lugar adequado, iria ser um pandemónio e levar-lhe pelo menos um ano a conseguir sentir-se separado. E é um grande pedaço da sua vida quando quer prosseguir com o trabalho. Seja como for, não me permita que o dissuada.

Woods: Creio que tem razão, toda a razão, Mike.

Greene: (Ininteligível)... mas concordo contigo, com o que disseste.

Woods: Bom, tenho pensado seriamente se deveria... certamente dar um passo em absoluto ou se se não devemos ficar onde estamos por termos tanto... trabalho.

Fearon: (Interrompendo) Bom, penso que fez tanto pelo lugar em que se encontra, e de certo modo está tão acomodado a ele, com respeito ao trabalho, embora possa não gostar da cidade actual. Mas, de certa forma, do que se vê de tudo isso - do pouco tempo que se despende na cidade - não creio que realmente tenha importância.

Woods: Não.

Fearon: E depois toda a gente sabe onde está actualmente, e tem um endereço. Não sei, creio que há sempre essa espécie de... como no caso da mãe, sabem, ela não se conformou. Ela era como uma abelha, sabem, sempre a andar de flor em flor, e nenhuma jamais lhe agradava, de qualquer modo. Pobre mãe, não o conseguiu evitar, suponho. Mas muita vez ao olhar para trás para a vida que ela levou penso que ela deveria acomodar-se e ajustar-se mais, só que ela não conseguiu. Era irrequieta, e creio que a inquietação de certo modo é uma coisa má.

Em certos sentidos pode ser uma coisa boa, mas quando se está a entrar numa idade avançada, creio que seja bom que nos acomodemos e permaneçamos onde estamos até que o tempo venha para passarmos para aqui. E eu creio que conforme está actualmente será capaz de lidar na perfeição e que tem tudo organizado. E acho que de certo modo se venha a arrepender... talvez eu esteja enganado... não me cabe a mim só que eu acho, mais pelo George do que por si, penso que seria melhor aconselhado a permanecer onde está; embora esteja certo de que se quiser mudar-se venha a ser ajudado.

Woods: Pois.

Greene: Michael, que é que andas a fazer actualmente? Da última vez que apareceste deste-nos uma palestra muito interessante.

Fearon: Bom, tenho vindo a fazer um tremendo de um serviço de resgate. Isso agrada-me por achar que haja uma necessidade tão grande de ajudar as pessoas, em especial aquelas que vêm súbita e inesperadamente, o que sempre constitui um choque terrível.

Quero dizer, quando uma pessoa está a ficar velha e doente e enferma e gradualmente, poder-se-á dizer, se liberta da terra e para aqui vem, de certo modo não é tão mau como uma pessoa que morre subitamente na guerra ou num acidente ou algo assim, porque aí é como... bom, equivale a saltar de uma vida para a outra num instante. É, entendem. E de uma forma estranha muita gente vive em dois mundos ao mesmo tempo. É como se tivéssemos consciência do novo mundo que nos rodeia e ainda temos muita consciência de todos os problemas do mundo material e das suas condições. E é como se estivéssemos a viver, temporariamente, de qualquer modo, em dois mundos ao mesmo tempo. Não digo que isso se aplique a toda a gente que morra repentinamente de forma nenhuma, mas acontece a muita gente; em particular talvez aos jovens mais do que aos velhos.

Vejam bem, quer o percebamos ou não, à medida que formos envelhecendo muito embora possamos passar de repente, dá-se um ajustamento. É de tal modo subtil que não se pode identificá-lo em absoluto, mas creio que temos uma certa consciência de nós ou da consciência, uma percepção de estarmos a chegar-nos mais perto do outro mundo; ou seja, caso acreditemos nesse outro mundo, não é? Quero dizer, muita gente não crê. Mas temos esse tipo de impressão, em especial com os jovens a quem a vida foi negada; eles foram separados de forma tão pouco voluntária, que sem saber porventura ressentem-se disso.

Por vezes deparamo-nos com pessoas que se encontram numa posição singular; que se agarra a eventos passados, lembranças do passado, às famílias, a laços, interesses, passatempos, a todo tipo de coisa. E ao mesmo tempo têm consciência, uma consciência gradual, de que algo de terrível lhes tenha acontecido e ao seu tipo de viver que têm num tipo de mundo que faz sentido para eles, e que no entanto, não apresenta solidez, realidade. É como se estivessem a tentar - sem nem mesmo o perceberem - a tentar afastar-se. No entanto é como se a Terra exerça uma atracção sobre eles, mais quando uma pessoa morre jovem e de súbito.

É por isso que a tragédia da guerra é tão medonha. Quero dizer, se pudessem constatar, por exemplo, alguns locais como o Biafra e o Vietname. As condições, a apavorante nuvem de... bom, a sensação espantosa de milhares de almas que foram arremessadas dos seus corpos de súbito e inesperadamente. Elas agarram-se à Terra. Em alguns casos, é claro, encontramos mesmo pessoas que nem sequer percebem que se encontram mortas e que prosseguem mais ou menos como se estivessem vivas. E é só quando começam a perceber que as pessoas na Terra com que estiveram associadas não compreendem que se encontram presentes e não as notam, que começam a perceber que algo esteja a acontecer. e então passam por esse tipo estranho de reacção e por vezes - ressentimento. E por vezes tentam fazer coisas que despertem a atenção, e por vezes são bem-sucedidos. E depois, é claro, encontramos gente que é tão intensa em relação a tudo que com toda a franqueza fazem mais dano do que bem sem nem mesmo o perceberem.

Por vezes encontramos almas presas à Terra que não são necessariamente más por natureza nas acções e pensamentos que têm, mas cujo estado mental é tal que chega a fazer efeito, sem nem mesmo o perceberem, porventura sobre alguma pessoa na Terra e a leve a fazer alguma coisa que seja gravosa. E provavelmente as reacções que tenham em relação ao que estejam a fazer ou a pensar podem chegara ser muito más.

Com efeito há muitas almas que, por exemplo, Na Terra sem o perceberem foram possuídas por indivíduos que possivelmente nem se encontrarão há tanto tempo assim fora do vosso mundo, e que agem contrariamente à sua verdadeira

natureza. Em especial se forem fracos de espírito e alguns dos casos que possam mesmo ter nos hospícios ou casos de obsessão.

Nós, deste lado, que conseguimos algum progresso, empreendemos um enorme trabalho não só junto de almas que se encontram presas à Terra nesse sentido, mas que procuram livrar-se de influências que, pela sua própria razão e natureza têm muito má acção sobre os seres humanos em toda a parte. Claro que há grupos de almas deste lado cujo trabalho é exercido nos hospitais mentais. Também há grupos de seres altamente evoluídos e grupos de pessoas que fizeram estudos sobre a natureza humana nas suas variadíssimas facetas e que operam sobre líderes políticos - sem muito resultado, poder-se-á dizer, e poderá ser, mas mesmo assim estamos constantemente a esforçar-nos por alterar o curso das ideias. Concordo que não estejamos a conseguir o efeito que esperávamos mas conseguimos alguns êxitos aqui e ali com as pessoas.

Mas estamos chocados com o estado em que o vosso mundo se encontra. Estamos chocados com a forma como os jovens em muitos aspectos estão a agir. Essa nova sociedade – se é que lhe podemos chamar isso - que vocês têm é certamente simbólica, muito simbólica da era em que vivem e com toda a franqueza, isso por si só choca-nos para além de toda a possiblidade de crença; por acharmos que tudo aponte para um estado de coisas que mais cedo ou mais tarde irá explodir; Não necessariamente numa guerra mas noutros sentidos, de outras formas.

Por outras palavras achamos que esta sociedade permissiva, conforme vocês lhe chamam, se encaminha para o desastre e mais cedo ou mais tarde irá verificar-se uma tremenda agitação política, moral, mental e espiritual; a toda a linha, na realidade. Penso que se venha a dar um tipo de revolução mundial. Não quero dizer que seja no sentido das revoluções do passado, mas acho que se vai verificar mu tremendo volume de agitação e de atrito. Penso que se venha a dar uma tremenda mudança, se quisermos – e espero que não se dê muito tarde – para a sanidade. Por o mundo estar a ficar cada vez mais enfermo mentalmente, doente mentalmente. E isto não é apenas uma coisa individual, mas está a tornar-se uma coisa colectiva.

Toda a emanação áurica não só de um país mas de muitos na Europa e na América, em particular, é tal que francamente, só podemos ver o resultado como tremendo... Torna-se difícil traduzir isto por palavras por me parecer que tem que chegar. E verificar-se-á um enorme volume de luta interna em vários países. E até mesmo na Rússia, creio que venha a dar-me uma enorme agitação por lá.

Na América irá verificar-se… bem, um estado de coisas para além da crença. Não creio nem por um instante que venha a dar-se uma Guerra Mundial enquanto

tal mas acho que nas nações – e todos os indicadores o sugerem – que deve dar-se e que virá a dar-se uma tremenda agitação em vários países que responderá por uma forma de revolução, só que não como as revoluções do passado. Virá a dar-se um tipo de revolução na forma de pensar e de agir mas não acho que venha a dar-se tanto derramamento de sangue quanto isso, embora possa verificar-se em determinadas áreas e distritos.

Parece-me a mim que todo o mundo venha a ficar dividido; possivelmente mais do que alguma outra vez, mas não só dividido entre nações como dividido em nações, em países. Creio que... por duvidar que vós... podereis ver justamente o começo disso, não estou a falar do futuro imediato. Estou a falar daqui a alguns anos.

Mas é claro que também se vai verificar um tremendo progresso no espaço e acho que antes de muito tempo surgirão reacções nessa direcção também que não serão tão benéficas para o mundo quanto possivelmente aqueles situados nos lugares cimeiros possam pensar.

Eu acho, com toda a franqueza, que obviamente o homem irá sofrer por causa dos seus erros. Ele vai aprender a sua lição e ela só pode ser aprendida pela forma errada que é, se fizerem alguma coisa prejudicial à natureza, que será danoso para a raça humana, o qu será pernicioso para a a raça humana e para a vida, conforme o Homem conhece a vida ao long de séculos de experiência e tempo, não podereis perturbar, despedaçar nem lutar, como o Homem tem lutado em vários sentidos e de diferentes modos há muito tempo, a natureza e o naturalismo sem encontrar uma reacção dela.

Vão suceder alguns acontecimentos extraordinários. Digo isto antecipadamente por todos os indicadores apontarem claramente para isso; que o homem vai aprender pela experiência bem, ruim e indiferente e que certamente irá ter que reajustar o seu pensar. Ele precisa reajustar a sua maneira de viver e irão dar-se situações muito complicadas e penosas que, conhecendo o Homem, ele eventualmente virá a superar, mas receio que para a futura geração a vir, em particular a jovem geração de crianças, quando alcançarem a maturidade irá ser uma era que, com franqueza, eu pessoalmente eu não quereria viver. Claro que num certo sentido eu o farei a partir deste lado mas...como de facto milhares de nós, milhões de nós que procuram ajudar. Mas o homem tem que aprender que só pode ir até determinado ponto e não pode ir além com respeito à perturbação dos elementos naturais.

MIKE FEARON

Fearon: ... Srª Greene, como está? É o Mike.

Greene: Ah, olá Michael, quanta gentilesa a tua.

Fearon: Espero que o Sr. Woods esteja bem.

Greene: Ele está bem. A esposa dele é que não se encontra bem.

Fearon: Ah, estou a ver.

Greene: Pois. Foi por isso que ele hoje não veio.

Fearon: Pensei em aparecer para lhe dizer olá. Desde a última vez que consigo conversei passaram-se eternidades.

Greene: Muito obrigado. Como estás?

Fearon: Muito bem, obrigado.

Greene: Da última vez deixáste-nos uma fita interessante, Michael sobre o trabalho de resgate que fazesm sabes.

Fearon: Ah, sim.

Greene: Foi um diálogo muito interessante.

Fearon: Isso deve ter sido... há quanto tempo? Nove meses?

Greene: Oh, há cerca de dois meses.

Fearon: Dois meses! Foi assim há tão pouco tempo? Está a ver, perde-se a noção do tempo.

Greene: Pois.

Fearon: Podia ter sido há um ano; talvez mais. Não sei. É a característica mais intrigante desta coisa, o tempo. É...

Greene: Ah, Sim. Assim como a pontualidade.

Fearon: Não, nada, a sério. De facto, a única maneira que temos de aferir o tempo

é pelos vossos pensamentos. Sintonizando convosco nós colhemos uma certa ideia do tempo. É tão difícil todo este negócio de aferir ou medir o tempo. Creio que perdemos noção do tempo rapidamente assim que deixamos o mundo da Terra.

Greene: Pois.

Fearon: Bom, certas coisas têm estado a ocorrer, não, com todo esse negócio da lua e assim.

Greene: É.

Fearon: Quisera saber qual virá a ser o resultado disso.

Greene: Bom, de acordo com alguns relatórios que colhemos do teu lado não parece ser muito bom a long prazo.

Fearon: Ah, eu sei que há um ripo de atmosfera de… não depressão exactamente, mas, sabe, creio que a maioria das pessoas sinta apreensão em relação a isso. Creio que a razão para isso não seja a ideia de ir à luz nem de conseguir o objectivo que definiram, mas o facto é – que é que vão fazer com ele no futuro? Irão usá-lo para coisas boas, para o benefício da raça humana – presumivelmente poderá ser usado dessa forma – ou para o derradeiro desastre da guerra e sabe Deus que mais?

Greene: Bem, parece que a ideia principal do teu…

Fearon: Creio que o objectivo principal não seja um bom. Poderei estar errado, mas pessoalmente tenho uma mente aberta em relação a isso. A maioria das pessoas que conheço deste lado sentem-se muito deprimidas em relação à coisa toda. Eu não o encaro bem assim mas percebo, claro está, que todas essas coisas têm um objectivo, e invariavelmente não é o que parece pela rama. Creio que poderiam usar isso, sem dúvida alguma, para um derradeiro... sabe, tipo... bom, não para o derradeiro bem em todo o caso. Não sei. De qualquer modo, não quero falar em particular acerca disso. Queria saber se haverá alguma coisa em particular que eu pudesse fazer para o ajudar em algo que queira saber.

Greene: Bem, Michael poderás dar-nos...

Fearon: (Interrompendo) Sabe, eu costumava vir com frequência e conversar com a mãe e aqui eu... com a vinda aqui da mãe e do meu irmão e tudo isso; não perdi contacto com a Terra, mas já não sinto tanto a atracção e, bom, por vezes questiono-me por vezes se poderei ser de alguma real serventia vindo ocasionalmente. Gostaria de sentir que ainda posso ajudar.

Greene: Michael, quando falavas acerca do trabalho de resgate contaste-nos um muito interessante sobre um homem a quem ajudaste que… creio que se tenha divorciado da mulher ou ela dele, mas e qualquer maneira eles auxiliavam-se, não? Lembras-te de nos contares isso?

Fearon: Sim, lembro, sim.

Greene: Pois bem, terás mais alguma interessante que nos pudesses contar; sobre o teu trabalho de resgate?

Fearon: Bem, tenho, suponho que na realidade há muitos, evidentemente. Até soa um tanto estúpido hesitar mas saber qual há de ser... penso que possivelmente um dos casos mais interessantes com que topei foi o que um jovem que morreu muito novo num mosteiro.

Greene: Ah!

Fearon: Ah sim, é bastante extraordinário por ser dotado de ânimo muito religioso e numa idade muito precoce ele foi para o mosteiro. Presumivelmente, do que consegui apurar, encontrava-se lá apenas há nove meses, perto de um ano, antes de contrair um tipo de doença gástrica e morrer. Durante séculos ele esteve mais ou menos preso à terra, meio a assombrar este mundo, a assombrar o local onde esperava e tencionava ficar toda a vida e – conforme ele pensou – ter uma vida religiosa e provavelmente a seu modo conseguir ser prestável.

Penso que um dos casos mais interessantes com que eu tenha topado seja o desse camarada, por ele dever ter… bem, ele ficou lá durante gerações na realidade, até o mosteiro ser deitado abaixo Durante o período da dissolução dos mosteiros. No tempo de Henrique VIII, sabem, eles forçaram um monte de monges a sair e deitaram os locais abaixo ou alteraram-nos e fizeram deles habitações. Aconteceu todo o tio de coisa. E o local onde ele se encontrava – eu ia dizer confinado – mas o local onde tinha passado tanto tempo, mais ou menos a assombrar o local onde entrara para a vida religiosa e de que fez um lar permanente, poder-se-ia dizer; quando os monges forram todos expulsos ele agarrou-se ao local durante eras até ultimamente se tornar como que no fantasma do local. Quer dizer, várias foram as vezes que as pessoas viram uma aparição, o que naturalmente as deixava assustadas. Elas... a pessoa comum, claro está, claro que tem medo… De facto nem sequer acreditam mas se passarem por uma experiência ficam verdadeiramente assustadas.

Mas ele parece ter feito disso um hábito, assombrar este local e deixar as pessoas mais ou menos assustadas e ao criar uma atmosfera generalizada que,

durante muito tempo, estou certo, deverá ter sido muito desagradável. Ele foi uma pessoa jovem e, suponho eu, muito viril e com franqueza creio que ele estivesse em conflito consigo próprio durante a sua vida terrena. Ele queria seguir a vida religiosa mas havia um aspecto físico relativo à sua composição. Era um conflito permanente consigo próprio durante o curto espaço de tempo em que esteve que por lá esteve e creio que isso deve ter durado eras e eras e eras.

Os outros irmãos da ordem que, evidentemente, há muito tinham passado e tinham prosseguido deste lado, de tempos a tempos se esforçavam por o ajudar. Mas, por alguma forma estranha (Não sei bem porquê) ele ressentia-se da sua presença, estranhamente, apesar de durante a sua vida ter querido ficar com eles.

Mas parece que tomou posse do local e que o terá encarado como seu dever protege-lo e guardá-lo e por altura da dissolução da ordem, quando eles foram expulsos, é claro, ele estava morto nessa altura, mas foi o único que permaneceu. Claro que de qualquer modo não podiam fazer nada em relação a ele, e ele ficou agarrado a esse local. Diversas almas deste lado tentaram ajudá-lo, da sua própria ordem, que há muito tinham progredido e há muito tinham perdido os limites estreitos da sua fé religiosa. Eles não desistiram propriamente da tarefa como uma coisa má – não gostaria de dizer isso – mas penso que chegaram à conclusão que havia pouco que pudessem fazer.

Eu soube disso e achei terrivelmente interessante e quisera saber se haveria alguma coisa que pudesse fazer. Assim, em consequência, fiz questão de ir até lá e inicialmente ele nada sentiu ter que ver comigo, em absoluto. Mas quer fosse por ele ser… não sei, talvez de certa forma eu tenha tido alguma empatia por ele que os outros não tivessem. Quer dizer, não o abordei em absoluto do ponto de vista religioso como os outros sem dúvida tinham feito na medida em que perceberam a situação dele e o aspecto da sua mente, e o fizeram nessa linha, suponho. Mas eu não o abordei com base no aspecto religioso de todo. Eu simplesmente – bem sei que isto irá parecer ridículo – mas fiz simplesmente de mim próprio um incómodo. É a única forma em que posso colocar a coisa.

Ele procurou ver-se livre de mim; na realidade é terrivelmente engraçado. Sei que isto soará a disparate mas só o posso dizer que é verdade. Quer dizer, quando ele costumava ver-me a aproximar-me costumava ter a reacção mais peculiar mas o que era extraordinário, se considerarmos que ele era fundamentalmente boa pessoa, de uma forma estranha ele… o pior aspecto deles próprio, suponho, veio à tona e ele lançou uma aura ou uma emanação de... bem, de ódio. Não me agrada ter que usar esse termo, mas foi um tipo de atmosfera que eu invade, mas ele queria-me for a do caminho e não deixava que me aproximasse dele. Foi extraordinario.

Houve uma ocasião em que ele se mostrou de tal modo furioso comigo que não consegui fazer nada com ele, claro, mas ele exasperou-se – suponho que seja o que lhe chamariam. Ele tirou com toda a sorte de insultos, suponho. Detesto admitir que tenha sido isso, mas é verídico afirmar que, com aquele estranho e esquisito tipo de veemente viés religioso ele presumivelmente tenha pensado que eu fosse o mal. Sabem, isso de facto, quem quer que viesse até el do nosso lado da vida seria visto como um mal por toda a sua predisposição mental ser a de que toda entidade ou espírito que adoptasse uma aparência – o mero facto de poder fazer tal coisa – precisaria forçosamente ser... em especial se tentasse argumentar com ele e tentasse tirá-lo dali daquele meio; ele presumia que fosse obra do diabo; que apesar de adoptar, como os seus irmãos tinham adoptado, um aspecto religioso e um hábito que lhe era familiar, ele presumia que essa gente era... ou que não poderia ter sido o que tinham simulado ser. Que eles estariam a representar. Foi uma coisa estranha. Eu acho que el e pensara que todos quantos viessem a ele deste lado da vida estavam a representar; que eram espíritos do mal disfarçados que estavam a tentar afastá-lo do solo sagrado. Ele realmente achava-se o protector do local; que para ele o solo estava santificado e que todo o seu ser se achava envolvido naquilo.

Tive um trabalho dos diabos. Assim que me perseguiu, o que olhando para trás, vejo o lado caricato da coisa. Mas toda aquela atitude era a de que quem quer que se aproximasse dele devia ser o diabo, e que ele tentaria à sua maneira – ou seja pela força do pensamento – podemos transmitir as palavras pelo pensamento e elas poderão caso seja necessário tornar-se audíveis – mas usou de argumento atrás de argumento contra mim enquanto eu sempre permanecia na minha, mas um dia ficou tão furioso que me perseguiu. Eu deliberadamente, é claro, não precisava dar a volta e deitar a correr mas achei que se se o fizesse ele pudesse esquecer-se e abandonar o local. Evidentemente nunca ninguém tinha tentado isso antes, mas de súbito veio-me a ideia que ficar ali a discutir com ele num certo sentido não levava a nada e que no fim, claro está, percebeu-se que isso seria fútil.

Só que um dia ele ficou tão furioso que eu pensei, bem… e ele veio na minha direcção e eu pensei se seria possível dar meia volta e correr – bem sei que isto soa a maluquice – ele poderia correr daquele ambiente para for a e foi exactamente o que aconteceu. Ele tinha acumulado uma força de pensamento terrível sua. Não tinha nada que ver com os irmãos monges que ali tinham vivido durante séculos, antes ou depois a sua morte, mas tratava-se de algo peculiar a ele próprio.

Com o passar de séculos de tempo ele tinha criado uma força de pensamento própria muito peculiar e eu percebi que se o pudesse afastar daquele ambiente das próprias ideias, se o pudesse levar além dos limites tais como se apresentavam, que tinham sido deixados em ruínas, eu poderia por alguma forma estranha poderia apanhá-lo desprotegido; como apanhá-lo num momento de fraqueza por

alguma forma estranha. Não sei porque terei pensado aquilo mas veio-me à ideia, de qualquer modo.

E assim voltei-me e fartei-me de corer e esquivei-me e escapei-lhe e foi uma coisa extraordinária de me seconder atrás dos pilares que tinham sido deixados tais como se encontravam e de correr mais longe até que o "apanhei" no que tinha sido o claustro e de seguida no jardim; ele perseguiu-me e eu corri e atrapalhei-me, sabem, quer dizer, foi fantástico… realmente foi estúpido, quando se chega a pensar naquilo. Depois houve um pequeno muro baixo que ainda existia que provavelmente tinha sido muito alto, e eu saltei-o e inadvertidamente… sem pensar, suponho, ele também o fez. Corri encosta abaixo e ele perseguiu-me.

E isto poderá soar tolice mas cheguei ao que era um rio e fiquei parado e ele correu na minha direcção mas por esta altura, claro, encontrava-se deslocado do ambiente da forçado pensamento do próprio local, e este rio era onde presumivelmente os monges a certa altura terão ido pescar. Eu sentei-me simplesmente na borda do rio e ele veio até mim, mas pude notar uma ligeira mudança. O que tinha sido raiva e uma atmosfera de intenso desagrado tinha-se, em certa medida, desvanecido. Foi peculiar. Tornara-se óbvio que o tinha tirado do seu ambiente de força de pensamento que tinha sido tão robusto e que ele se encontrava mais calmo.

De qualquer forma, como dizia, sentei-me e fiz-lhe um aceno para se sentar a meu lado. Ele começou ainda a discutir acerca da religião, acerca da ordem e da fé, e de uma coisa e de outra, mas eu não argumentei por forma nenhuma. Fiquei a escutá-lo e acho que ele tenha sentido que estava a impressionar-me, o que de uma forma estranha ele estava, ´so que não da forma que pensava. Então comecei a falar para ele sobre a ordem e a história do passado e certos irmãos que tinha encontrado que tinham discutido comigo sobre ele e um em particular que tinha sido um abade que obviamente ele admirara e respeitara muito.

E eu perguntei-lhe por ele. Falei-lhe nele e disse-lhe que o iria encontrar mas ele simplesmente não conseguiu acreditar naquilo. E eu disse: "Bem, estaria interessado em encontrar-se com ele e em falar com ele?" E ele como que… bom, pude constatar que lhe tinha causado impacto mas ele ficou com medo. Mas o facto de o ter tirado daquele forte pensamento e ambiente decerto fez toda a diferença. Assim, perguntei se gostaria de ir e falar com ele e durante muito tempo ele vacilou. Mas pude constatar que ele não queria perder a oportunidade de falar com alguém que tinha conhecido e ao mesmo tempo era óbvio que estava com receio, estava inseguro, incerto. Creio que ele ainda achava que haveria algo de duvidoso em mim.

Mas… mas uma outra coisa que me veio à ideia e que nós discutimos, que ele… só lhe provocara uma certa apreensão antes mas que no seu próprio

ambiente não tivera o mesmo efeito nele, foi o facto da forma como eu me encontrava vestido. Ele apontou para as minhas roupas e na verdade eu estava a usar roupas modernas; quer dizer, roupas deste século, mas ele não conseguiu entender isso. Eu na realidade usava um blazer, um casaco desportivo e um par de calças, e tinha adoptado isso deliberadamente.

E ele perguntou-me com respeito… da razão porque eu usava roupas tão estranhas e apontou para o crachá que tanto o deixara fascinado por ser óbvio que haveria alguma similitude entre o embrema e uma ordem qualquer, não uma ordem religiosa tanto quanto podia apurar, mas uma insignia qualquer que teria que ver com o seu período de tempo, alguma casa real, creio eu.

JOHN ELLIS

"Calhou-me a desagradável tarefa de tirar a vida pela lei."

Entre 1907 e 1924 John Ellis foi o
Carrasco Executivo da Grã-Bretanha

Ele supervisionou o enforcamento de mais de 200 prisioneiros; incluindo o Dr. Crippen, Frederick Seddon e Roger Casement.

Aqui, Ellis descreve alguns dos casos proeminentes, os sentimentos que tinha em relação à pena de morte, o poder que o jornalismo detém sobre a opinião pública e a forma como o seu trabalho exerceu impacto na sua vida.

Ellis: … pelo facto de ser capaz de comunicar com as pessoas do vosso lado da vida, os amigos que me rogarem que viesse acharam que a minha mensagem particular teria algum interesse para as pessoas do vosso lado. Na realidade, há um velho ditado que diz que o passado é o passado – e encontra-se morto e enterrado,

mas nós deste lado sabemos muito bem que nada está mais longe da verdade – por o passado se encontrar sempre presente - e não fora pelo passado, não poderia existir nenhum presente nem qualquer futuro. E num certo sentido, o passado é como um espelho em que podemos ver o reflex de nós próprios. Sem ele, não me resta dúvida, não poderia existir mesmo.

Muita gente está inclinada a pensar, quando uma coisa está morta e acabada, é o seu fim. As lembranças poderão permanecer, mas com o tempo tornam-se difusas e por vezes obscuras e gradualmente… (Ininteligível) … na terra e sem importância.

Mas eu quero falar convosco sobre algo que acho ser de importância vital, por afectar todo ser humano, quer directa queer indirectamente, que é o seguinte: que não podemos escapar a nós próprios nem às nossas responsabilidades. Não só aos outros, mas às responsabilidades que temos para com o nosso ser individual.

No passado, tudo o que acontecia com respeito aos seres humanos era importante. Olho de volta para a vida que vivi e tomo consciência do facto de que, tivesse eu sabido, o que sei agora, e teria agido de forma muito, muito diferente. Muito diferente, mesmo.

Tive a desagradável tarefa de tirar a vida ao abrigo da lei. Bom, poderão haver desculpas, e de facto existem muito boas desculpas para se tirar a vida sob determinadas circunstâncias e condições. Contudo, compreendo que tirar a vida em qualquer circunstância é moralmente errado. E no entanto, por vezes há circunstâncias que suavizam, quando uma pessoa comete alguma coisa, quando perde todo o controlo e as suas paixões são incitadas e elas ficam em si mesmas por completo totalmente fora de controlo dos seus sentidos – e cometem coisas de que podem arrepender-se. E num certo sentido, quando elas... (Ininteligível) sentem-se desesperadamente arrependidas quando o tempo delas chega de pagar o "débito" à sociedade. Mas é claro que há outros que arranjam e organizam o assassínio premeditado. Isso, claro, situa-se numa categoria completamente diferente.

Mas mesmo assim, após uma grande reflexão, após muita discussão e argumentação, no mais íntimmo do meu ser – mas é claro que há muitas almas grandiosas aqui – algumas das quais foram para aqui enviadas pela lei e pela, em certos casos, minha mão.

Eu regressei em particular para apelar à humanidade para se abster de tirar a vida. Um caso que me vem à ideia com veemência neste instante em que lhes falo, é o caso de Edith Thompson. Foi à tanto tempo que vós já o podereis ter esquecido por completo. Mas, quer o tenham ou não, quer a sociedade o tenha esquecido,

como frequentemente o faz - por vezes mesmo de forma conivente a tal ponto, que nada consegue alumiar o caminho... (Ininteligível)... uma tragédia terrível, em que mua mulher, insensatamente, uma mulher enamorada, se permitiu deixar apanhar na teia das circunstâncias. Se alguma vez uma mulher se viu acabada, foi ela.

Contudo, a sua vida foi-lhe tirada, por a sociedade, em grande parte, o público a exigir. O público quis tirar-lha. O público - e por estranho que pareça - e garanto-lhes que não tive qualquer animosidade ou hostilidade ou sentimento contra ninguém, fosse de que sexo fosse. As mulheres do campo dessa época, se a memória não me falha, estavam mais inclinadas a sentir que ela tinha desencaminhado um homem mais novo e que fora, em grande parte, pela tragédia... (Ininteligível)... e que seria justificado que ela fosse enforcada.

Não. Os seres humanos são muito estranhos e não há nada pior - e garanto-lhes que assim é - não há nada pior do que uma forma de histeria de massas. E muita vez quando os jornais agitam a opinião pública, e agitam e fazem sensacionalismo, como certamente fizeram no caso de Thompson e de Bywaters... sabem, não resta dúvida em relação a isso, a própria mulher não teve qualquer conhecimento de que o assassinato ia ter lugar naquela noite. Ela estava tão inocente quanto um recém-nascido do facto, de que o seu amante iria cometer assassinato, quer nessa noite ou em qualquer outra noite, para ser franco. Ela foi muito insensata em muitos aspectos.

E no entanto, como de facto muitos outros sofreram pela sua insensatez... (Ininteligível)... não o facto de que muitos que vão para a forca sejam inocentes dos crimes que lhes sejam imputados.

O meu nome foi Ellis e posso garantir-lhes, que num certo sentido esse agora não é um nome de que tenha orgulho. Houve uma altura nos meus primeiros anos, em que me orgulhava de ser o carrasco público. Não via qualquer mal nisso em absoluto. Achava que seria dever de cada um apoiar a lei e quando o assassinato ocorria... (Iininteligível)... que a retribuição deveria seguir-se. Eu acreditava nisso, e muita gente ainda acredita nisso ainda, nisso de "olho por olho, dente por dente - a velha lei de Moisés. Mas como isso parece estranho num país Cristão que a velha lei de Moisés deva ser a que deva ser acatada como a palavra sagrada, em vez da doutrina do Cristo.

Woods: Você foi aquele que, hmm…

(Falam todos ao mesmo tempo)

Por favor deixem que prossiga. Eu lamento, não quero parecer rude, mas torna-se-me muito difícil concentrar-me e... mas eu - estava a contar-lhes que me

foi pedido que aqui chegasse, por várias almas deste lado, que estiveram ligadas de um ou de outro modo à lei e ao cumprimento da justiça, conforme vocês a encaram.

Mas precisam recordar, e creio que isso seja o mais importante a recordar - que não existiria Imprensa, ou não teria existido Imprensa para gente como eu, caso não fose pelo público e da opinião pública. É claro que, desde os meus dias, as pessoas mudaram muito na atitude que adoptam para com esses assuntos importantes. Há agora uma percepção maior do que em qualquer outra altura possivelmente, de que isso não é solução para o propblema. O assassinato é um crime terrível, e qu não gostaria que considerásseis ou pensásseis nem por um momento, que tenha simpatia pela pessoa que comete o assassinato.

Estou ansioso, como de facto toda a gente que pensa correctamente, por ver que se faça justiça. Na realidade iria a ponto de dizer que isso aumenta o problema, que o agrava. Conduz a outros crimes, muita vez por pessoas que são possuídas, não só pelos pensamentos que tenham sido animados em relação a um assassinato particular, e a tremenda poblicidade que é dada ao caso de assassinato, em especial um como o de Thompson e Bywaters. Não só isso, em si mesmo, possui um tremendo efeito na mente das massas, como aqui e ali, na consciência das pessoas.

Por vezes as pessoas tendem a ser como os carneiros. Quanta vez não foi isso provado acertado, que têm o que suponho poderíamos chamar assassínios cópia de carbono? É cometido um assassínio, é-lhe dado enorme publicidade, ele é lido – o caso é lido por inúmeros milhares de pessoas e em pouco tempo vocês têm, vários por ventura, uma série e assassínios quase idênticos. Eu entendo que devam dar publicidade a tais casos, evidentemente. Não estou a sugerir que devam por forma nenhuma esforçar-se por suprimir o trabalho da imprensa nem o espírito da notícia.

Não sou contra a imprensa, mas sugeria uma coisa importante, que no que vocês encontram muita vez... (Ininteligível) assassinato, obtêm repetição, obtêm cópias – cópias de carbono idênticas do assassinato. Além disso, um outro factor importante, é que muita vez a pessoa que foi enforcada, agarrar-se-á à Terra durante muito tempo.

Eu tirei a vida a mim próprio. Percebo agora que foi a coisa errada de fazer, mas eu encontrava-me num terrível estado de depressão. Testemunhei algo que me deixou da tal modo alterado, que me afectou a perspectiva e as opiniões que tinha. De um dia para o outro, estava um homem alterado que não conseguia enfrentar o futuro, e que nem conseguia enfrentar algo, de que muita gente no vosso mundo parece não ter conhecimento – não conseguia enfrentar as coisas que vira.

Não conseguia dormir nem conseguia concentrar-me nem encontrar paz. Sentia-me obcecado pelas coisas que tinha testemunhado e pelas coisas que tinha feito mas acima de tudo, pelas pessoas a quem tivera a infeliz tarefa de enviar para o outro mundo. Um mundo em que eu agora habito em segurança e no qual, graças a Deus, posso dizer que me encontro feliz.

Mas somente uma pessao como eu lhes poderá dar conta da enorme infelicidade que tem lugar neste lado, em especial nas primeiras fases da chegada aqui, naqueles que são enviados para o patíbulo e naqueles que cometem a tarefa que têm a cometer... (Ininteligível)...

A lei justifica - uma retribuição justa. Crime e castigo, crime e castigo. Suponho que haja muitas formas de crime e que haja muitos tipos de castigo a cumprir, mas muito raramente a punição se adequa ao crime. Não podem trazer de volta a vida que foi tirada, e eu sugeria que que aqueles que tenham cometido o crime de tirar a vida de outra pessoa pelo assassinato, que cada caso - e compreendo que hoje muito seja tirado dos seus méritos ou deméritos - que cada caso seja considerado.

Mas mesmo quando é provado ser um caso premeditado de assassinato, jamais encontrarão algum bem no enforcamento da pessoa. Sugeria que a submetessem a um trabalho qualquer útil, separada do resto da sociedade e lhe dessem uma hipótese de tratar, em certa medida, da própria salvação. E num certo sentido essa é uma punição muito mais terrível, mas é uma pena sã e sensível... (Ininteligível)... mudar e até certo ponto, faça algum bem por esse instante de loucura.

O Marshall Hall, Birkenhead e outras almas grandiosas ligadas à lei, todos… (Ininteligível)… e é devido a que tenham pedido que eu em particular, vim, que eu quis… (Ininteligível)… e percebi que, se no trabalho que vos estais a esforçar por empreender, puderem produzir – ajudarem a produzir estas mudanças que estão tão atrasadas. Há uns anos atrás a ei foi alterada, e desde então, é claro, foi alterada de novo, de modo que para certos tipos de crime, a forca ainda prevalence.

Mas o que acho que deviam ter em mente, nos piores casos de crime, ou seja, nos premeditados ou nos de assassinato planeado, se deparam com um indivíduo frio, insensível, obstinado, perturbado que nada deterá de alcançar os seus objectivos, uma pessoa que obviamente não terá progredido em absoluto. Trata-se de uma pessoa que se encontra no estrato mais baixo da vida humana, uma pessoa que mais necessita de se desenvolver e de se expandir no seu conhecimento e consequentemente tornar-se uma pessoa melhor.

Vendo tal pessoa aqui, embora para todas as aparências externas no lado material da vida essa pessoa não mais esteja "em existência," essa pessoa esteja morta, nada está mais longe da verdade, por esssa pessoa se encontrar bem viva… (Ininteligível)… consequentemente agarradad à Terra e que invariavelmente busca vingar-se da sociedade, capturando uma pessoa alguma pessoa no voss mundo, possivelmente algum ser altamente sensível, porventura muito fraca – mas seja como for, não necessariamente uma má pessoa – e se puder levará essa pessoa simples e não sofisticada para os domínios das trevas (desespero e negativismo).

Muitos desses crimes, desses crimes repetitivos, desses crimes a que poderão chamar cópias de carbon são muita vez cometidos por gente, que em circunstâncias normais, jamais cometeria qualquer forma de crime. Nem sequer tratariam mal um animal ou tirariam as asas a uma borboleta. Muita vez são indivíduos bastante fracos, altamente sensíveis e muita vez são muito psíquicos e muita vez bons sujeitos em quem essas almas presas à Terra – esses assassinos de ocasião se impingem.

Eu podia contar-lhes, caso dispusesse de tempo, inúmeras histórias – histórias que estou certo interessariam a toda a gente. Histórias verdadeiras sobre crimes cometidos, sobre gente que pagou o castigo e que em certos casos, foram inocentes de qualquer crime e que evidentemente em muitos exemplos foram criminosos e obviamene terão cometido o crime, só que sob circunstâncias estranhas, pelas quais não foram completamente responsáveis.

Existem certos casos clássicos grandiosos – que se tornaram casos clássicos da história do crime, que são muita vez suscitados e discutidos. Mas eu compreendo que se deu uma grande mudança por entre certos povos, com respeito a certos crimes cometidos há muito tempo. Vejam o caso do Dr. Crippen. Bom, o Dr. Crippen era um homem que era inteira e abosolutamente livre de toda malícia. Se a astúcia se desenvolveu na sua natureza, ela desenvolveu-se nos últimos meses da sua vida. Ele era um pobre homem espezinhado, que falava bem, e razoavelmente bem-educado.

Um homem que, obviamente não teria feit mal a uma mosca em circunstâncias normais. Mas possuia uma mulher que era uma grande personalidade feminina mas dominadora que tinha estado no Music Hall, na tunica de Terceira classificação do Music Hall, que não tinha qualquer amor nem afecto pelo marido. Questionar-se-ão do porquê de ela ter casado com ele, excepto porventura ter visto que isso lhe trouxesse uma certa respeitabilidade e lhe desse uma oportunidade para se entreter de forma bastante pródiga. Mas ele sempre entreteve, sempre teve aquela gente do tipo de voz alta de Terceira categoria do Music Hall, que lhe invadia a casa.

E todo o se user era contrário ao dela. Questionamo-nos da razão para se terem reunido desde logo, mas é o que as pessoas em sociedade fazem e as coisas estranhas que acontecem. Os bichos raros (excêntricos), poder-se-á dizer, juntam-se aos pares. Provavelmente sem rima nem razão. Pela aparência, não teriam qualquer razão que possivelmente os tornasse felizes. Mas sem dúvida que ele se enamorara dela, nos estágios iniciais. Mas resumindo, eu conheci os factos desse caso. E Crippen não tinha mais intenção de matar a mulher do que qualquer um de vós gente, de matar alguém. É verdade que eles tinham discussões, e que os temperamentos sempre se mostravam agudizados. Mas ele era um pequeno homem franzino e se quisesse matar a mulher tinha todas as oportunidades para o faze de modo razoável. Pelo menos digo razoável – razoável do ponto de vista de poder passer sem ser descoberto. Se ela tivesse estado doente, por exemplo, para todas as aparências externas, e tivesse morrido e sido enterrada de forma normal, ele provavelmente teria escapade disso.

Mas tudo aponta para o facto dele não ter deliberadamente morto a mulher. O que realmente aconteceu foi que certa noite tiveram uma briga séria entre eles e ele perdeu control de si próprio – e lembrem-se de que ele era um homem pequeno, enquanto ela era uma mulher grande e forte. E ela era uma labrega, bêbeda, e ia atingi-lo, e ele pegou – dificilmente percebendo o que estava a fazer – num atiçador de brasas e deu-lhe com ele. E ela saiu a voar e foi bater com a cabeça contra contra o guarda-fogo pesado de bronze e foi, consequentemente, morta. O pobre homem ficou em pânico, e não soube o que fazer. Percebeu, ou pensou, que se chamasse a polícia seria acusado de a ter morto – coisa que suponho, se poderá dizer que, em certo sentido, ele o fez. No calor do momento ele perdeu as estribeiras – e concentrou o génio nela - ele pegou no ferro e deu-lhe com ele num acto de defesa pessoal. Ela caiu, jovem como era, e feriu a cabeça.

Na realidade não for a bem o ferro que a matara, mas o facto de ter batido com a cabeça no guarda-fogo pesado. Ele entrou em pânico – que havia de fazer? Enterrou-a e então, fugiu – que foi o pior que podia ter feito. Ele podia-se ter mantido firme, e chamado a polícia e explicado o que tinha sucedido, e poderia ter sido absolvido ou culpado de homicídio qualificado.

Eu conto isto por ser de interesse. Por sempre ter existido alguma dúvida em relação ao Crippen – a esse homem tãpo pequeno. Ele contou-nos que for a verdade ele ter uma amante, mas que ia até ela me busca da paz e sossego que não conseguia ter. Podiamos prosseguir narrando toda a sorte de casos de diversos assassinatos – tanto pró como contra – mas aquilo que quero dizer é o seguinte: se vocês os dois conseguirdes por alguma forma ajudar a produzir uma perspectiva diferente – e eventualmente espero, tornar possível encontrar um modo porque as pessoas que ficam pelo caminho e que cometem coisas que são contrárias aos melhores instintos – deviam ter uma oportunidade de trabalhar a sua salvação e

não serem para aqui enviadas antes do tempo, despreparadas, sem se encontrarem prontas. E muita vez só opersistindo na Terra para procurarem vingança na sociedade.

Não posso continuar, mas gostaria de voltar e de conversar convosco em algum futuro próximo.

Woods: Muito obrigado por ter vindo.

Greene: Obrigado.

Woods: POderemos ouvir o seu nome de novo? Não o percebi muito bem.

Ellis: O meu nome é Ellis.

MICHAEL FEARON

1966

"Somos muito mais do que corpos físicos..."

Greene: Sim?

Michael: Chamo-me Fearon.

Greene: Olá Michael.

Woods: Olá Michael.

Sim, é o Mike Fearon quem fala.

Woods: Ah, pois.

Greene: É o Mike.

Faz muito tempo que vim dirigir-lhes a palavra, e por pensei que...

Greene: Sim.

...sabem, devesse aparecer por aqui após tanto tempo e dar-lhes a saber que a Mãe, é claro, se encontra muito satisfeita agora que está connosco.

Woods: Ela está consigo agora? Bom, ela está consigo, mas como é que passa, Mike?

Ah, ela encontra-se muito bem, está muito mais satisfeita, obviamente. Muito mais determinada e claro que tem um aspecto muito diferente.

Woods: Pois.

Sabem, ela tornou-se muito irritável e difícil, e passou por muitos problemas. Teve um monte de aborrecimentos e de preocupações e as pessoas não compreenderam a pobre da minha mãe. Ela teve uma passagem um pouco difícil, de uma forma e de outra. Mas agora encontra-se bem, abençoada seja. Ela sente-se feliz e deseja que ambos a recordem.

Greene: Muito obrigado.

Woods: Mike poderá fazer-nos uma palestra conforme costumava fazer?

Nós deparamo-nos aqui com experiências estupendas e é claro, há locais magníficos a visitar. Existem muitíssimas esferas e muitas "condições de existência" por assim dizer - de acordo com o ajustamento e com... bem, a percepção que tivermos das coisas, com efeito. De facto suponho que seja realmente verdade que se diga que não podemos entrar num ambiente ou sequer num edifício até que nos tenhamos, no nosso íntimo, preparado e tornado possível nos sintonizarmos, como penso que o termo deva ser, com esse ambiente ou condição.

Mas claro que, quando aqui chegamos por uma primeira vez, nos encontramos num certo nível de cosnciência. Tudo ao nosso redor e em relação a nós, poderíamos dizer, se acha mais ou menos em harmonia connosco e nós com isso. Mas passado algum tempo, é claro, gera-se uma percepção, de que existem muitos aspectos na vida em que parece que tocamos, mas de que não temos conhecimento. É como se nos tornássemos um tanto mais cientes, mas ao mesmo tempo não somos capazes de penetrar no ambiente ou condição - ou sequer, se preferirmos usar ao invés outro termo, na mentalidade de uma pessoa, se o quisermos pôr nesses termos.

Por exemplo, pode chegar alguém junto de nós proveniente de uma diferente esfera ou situação de vida, muito afastada da nossa. E nos temos percepção ou consciência da sua presença, mas na verdade não estamos em harmonia ou em sintonia com ela. Embora ela, em certa medida esteja a reduzir a sua vibração ou a harmonizar-se connosco, e de certo modo aceitemos algo desse indivíduo ou personalidade. Mas gradualmente isso, em si mesmo assemelha-se a uma influência que gradualmente nos ajudará a "elevar os nossos níveis," conforme suponho que o termo deva ser, da experiência e do desejo de conhecimento aumenta e gradualmente chegamos a estabelecer rapport os dois.

E então sintonizamo-nos bastante, mentalmente, e então somos capazes de comuncar. De certo modo é como quando tentamos vir até vós. Mas isso aqui sucede a muitos níveis por aqui. Assim que começar e nós começarmos a entrar em sintonia e a fazer parte, num certo sentido, da influência da outra pessoa ou tornamos-nos conscientes dela, então podemos alargar os horizontes da nossa consciência para podermos entrar em diferentes edifícios ou locais com essa pessoa, que age, por assim dizer, como guia.

Greene: Pois…

Isso tenho eu feito muito com a Mãe, é claro. Embora, na realidade, eu deliberadamente reduza a minha vibração consideravelmente para entrar em sintonia com a Mãe, nos estágios iniciais, quando ela para aqui veio, de modo a poder ajudá-la mais. Consequentemente, desde que me tenho encontrado igualmente muito apegado à Terra por meio da ideia do serviço e da ajuda, não foi tão difícil para mim como poderia ter sido para alguns.

Em qualquer dos casos, não quero aqui dar a impressão errada, por ter estado preocupado com a Mãe por tanto tempo, por ela ter esatdo tão ansiosa por se manter em contacto comigo. Ao mesmo tempo ela encontrava-se de tal modo necessitada que eu deliberadamente contive o meu próprio avanço em benefício dela, ou seja, de modo a poder ajudá-la mais – o que poderá porventura soar egoísta, mas não foi assim tão egoísta. Mas depois, é claro, o tempo nada significa

para nós. Assim, realmente não interessa que nos retenhamos por um tempo. Mas habitualmente as pessoas fazem isso por uma questão de amor, por meio do desejo de ajudarem alguém a quem amem na Terra. Tentam, em certa medida, reter a própria evolução e desenvolvimento.

Mas aí novamente, o que poderá parecer muito tempo para vós – pode ser 20 ou 30 anos – num certo sentido é como nada. E a longo prazo, ganhamos com isso, porque muita vez, se tivermos passado jovens do vosso mundo, ainda precisaremos de certas experiências, que poderemos obter por uma ligação com a Terra, por... por intermédio das pessoas que conhecemos e amamos, coisas interessantes e úteis. Por vezes aprendemos pelo sofrimento dos outros. Mas é claro, de uma maneira estranha, sofremos com elas, mas mesmo nessas situações não é bem o que parece.

Não me arrependo de nada, quando olho para trás para os muitos anos que passei próximo à Terra – não só junto à Mãe mas às outras pessoas. Foi esclarecedor e educativo e na realidade ajudou-me tremendamente a progredir. Para que quando a altura da renúncia realmente tivesse chegado, se é que posso usar tal palavra, por completo à Terra – quando a Mãe veio e o meu irmão* eu pudesse mais ou menos dizer a mim próprio: "Bom, agra qui vamos," sabem, e cortar todos os contactos.

É claro que regressar deste modo é coisa que sempre quis fazer, de certo modo, mas não da forma que fiz do velho modo. No velho modo eu encontrava-me, até certo ponto, limitado – em parte pela minha Mãe. Mas agora posso voltar e posso sentir-me mais livre. Antes não me sentia tão livre, de uma forma un tanto estranha. Agora posso vir aidna que ocasionalmente, e talvez deixar-lhes algumas ideias interessantes e reportar-lhes algumas experiências interessantes, que porventura venham a ser benéficas às outras pessoas que estão à procura, entendem.

Greene: Bem, Michael, pode revelar-nos algumas das experiências por que passou? Isso seria útil.

Com certeza. Bem, suponho que tenha entrado recentemente numa nova – como hei de dizê-lo? – numa nova fase da experiência. Na medida em que estou a aprender a utilizar o poder. Mas não me refiro ao poder conforme vocês o imaginam, mas refiro-me a um poder espiritual. Mas mesmo isso não descreve auilo a que me refiro, e de facto é bastante vago. Mas é uma força – que me capacita a utilizar forças em mim próprio, sobre as quais anteriormente nada sabia. Tornamo-nos, num certo sentido, quase automáticos por aqui, do mesmo modo que na Terra quando percebemos as possibilidades que temos dentro de nós. E, até certo ponto utilizamos as oportunidades que s enos apresentam na Terra e

esforçamo-nos, consequentemente, por nos "tornarmos" ou algo assim, em certos sentidos materiais, com essas forças ou poderes ou talentos, chamem-lhes o que quiserem. É uma mistura de muitas coisas.

Mas aqui percebemos que possuímos poder e uma força que é, num certo sentido, tão espectacular, que por seu intermédio conseguimos coisas fantásticas. Podemos, num certo sentido criativo por exemplo, podemos aprender a criar com a força do pensamento, algo que é vital e muito real, muito, até certo ponto – detesto usaro termo permanente – mas decerto permanente na medida nos ativermos à ideia disso. Os edifícios, por exemplo, são aqui criados por variadas formas, e nas esferas mais baixas são criados com recurso a substâncias. As pessoas são empregadas para fazer diversas coisas necessárias ao resultado ou esforço – construção de materiais e assim. São utilizadas toda a sorte de substâncias, mas isso, num certo sentido, é numa esfera mais baixa. Não é... é um tipo de trabalho criativo, obviamente, só que o é num sentido diferente.

Estou a aprender agora a usar o poder criativo a partir de dentro, sem recorrer às substâncias que serão encontradas em certas esferas mas que podem ser usadas de tal forma que podemos através da força do ser, através da ideia do pensamento, construir e criar. Não só edifícios mas trabalhos de arte e toda a sorte de coisas que constitum um deleite e uma alegria de experimentar e imprimir – com respeito aos edifícios, à habitação, etc.

Isso são realidades da mente que foram criadas pelo poder que deriva de dentro de nós, e não de substâncias reais enquanto tais. Mas ainda assim os edifícios e os locais de que falo são tão reais para aqueles que os habitam e vivem entre eles, quanto qualquer coisa que conheçam na Terra – mais ainda. Enquanto os edifícios do vosso lado possam durar séculos, aqui podem durar, bem, não podemos definir um tempo, mas muito tempo. Devido a que os habitentes, sem dúvida, venham a habitar essa esfera por, o que para vós representaria milhares de anos, suponho, embora, é claro não, possamos medir o tempo. Mas há toda uma panóplia de factores que pesam nisso.

Também há como que funções que são realizadas que carecem de descrição. Quero dizer, funções espantosas, em que milhares e milhares de pessoas se juntam e em que têm lugar toda a sorte de entretenimentos, conforme suponho que lhes chamariam – embora encerrem mais do que isso – e milhares de animadores. E há gente que dá de si e que pelo próprio poder do seu pensamento é capaz de imprimir e impregnar a sua personalidade e aquilo que têm a transmitir *aos* edifícios e *nos* edifícios e nas pessoas envolvidas.

Greene: Pois…

Temos, conforme suponho que lhe chamem, concursos. Mas essa é uma palavra pobre porquanto tudo quanto temos a descrever-lhes tem que chegar a um certo nível e consequentemente, precisamos usar termos que lhes possibilitem um esboço vago ou uma descrição. O resto precisam preencher as entrelinhas por vós próprios. Mas isso, é claro, é importante, na medida em que vós próprios precisais... não limitar-se demasiado, mas devem procurar completar a partir do vosso íntimo, essa parte que não lhes conseguimos descrever inteiramente – mas vocês têm um poder, da mesma forma que nós temos. Mas aí, uma vez mais, esse é um poder funcional inerente a todos os níveis, mas evidentemente, essas coisas só podem ser experimentadas pelo próprio quando ele ou ela se encontrar num estado de espírito que o habilite a isso.

Quero dizer, conseguem imaginar, se quisermos, mas em que consiste a imaginação? Quero dizer, podem criar num sentido imaginativo e isso pode não ter função nem solidez, mas apenas no mais recôndito do vosso ser. Porém, a sua realidade pode ser sentida, e na realidade, existem coisas tais como as que as pessoas criarm enquanto na Terra, que funcionam aqui.

A sério. Sabem que os pensamentos das pessoas são muito mais do que elas percebem. E deste lado nós temos vastas quantidades de almas cujas ideias concertadas, cujos esforços concertados, reunidas em total harmonia e unidade, tornam possível um mundo criativo. O que está tão longe de tudo quanto conhecem ou experimentam que – bom, de nada serve nem tentar explica-lo.

Greene: Michael, diz que está a aprender isso... a manipular esse poder – posso coloca-lo assim? Será, ou será mesmo?

É o que isso realmente significa, mas como explica-lo eu não sei....

Greene: Bem, na realidade – digamos que queremos criar algumas coisas, temos que nos concentrar – na nossa imaginação – nessa coisa particular que queremos criar...?

Greene: …tem uma forma – podemos vê-lo a formar-se ou…?

Aquilo que estou a tentar evitar é dar-lhes a impressão de que aqui tudo seja isento de esforço, entendem? De uma forma estranha, isso encerra uma certa verdade, contudo, ao mesmo tempo, seria bastante errado alguém deste lado procurar dar-lhes a impressão de que tudo quanto tenham que fazer seja pensar em algo e eis a coisa diante de nós. Isso é demasiado fácil e não comportaria qualquer alegria nem deleite em si. Inicialmente poderá ser algo de estupendo e algo que dê uma enorme satisfação, mas em breve saturamo-nos dessa habilidade de criar pelo mero desejo ou ideia em si, e em consequência isso diminui.

As únicas coisas que realmente importam, as únicas coisas que realmente dão gozo e alegria e felicidade são as coisas que, até certo ponto, precisamos exercer um esforço por fazer surgir, entendem, ou por que nos esforçamos. Assim, quando menciono esse poder, o poder criativo de que gozamos, que temos dentro de nós de expressar algo na nossa individualidade e na nossa personalidade – e quando assume a dimensão colectiva, de um grupo de pessoas – isso é coisa que não sucede necessariamente facilmente, mas é algo a que temos que dar de nós. Mas essa é uma outra experiência que é muito difícil de explicar, quando referimos esse "dar de nós próprios" ou expressarmos da nossa parte. Por ser passível de ser acolhido de variados modos e consequentemente mal interpretado.

A questão está em que existe uma ampla quantidadde de coisas que podemos fazer e realizar pelo poder do ser mais recôndito, mas há entraves, suponho, que se nos colocam. Não sei se existem... suponho que existam algumas leis de que não temos conhecimento. Tudo parece enquadrar-se no lugar, tud parece possuir um sentido e um propósito e tudo quanto fazemos, percebemos ser algo que tem que existir e que nos é necessário e útil. Mas tudo quanto criamos, num certo sentido não é puramente em função de nós próprios.

Por exemplo, se formos a uma grande congregação de pessoas que se reúna numa esfera diferente em busca de um certo sohecimento ou experiência, então vamos num esforço concertado. E pelo nosso próprio poder da vontade e do nosso pensamento somos capazes de trazer à existência apenas no seu plano temporariamente – uma certa aparência de realidade, que para eles é visual e audível. E em que podem ouvir, por exemplo, gloriosos cantos ou uma música gloriosa ou consigam ver uma espécie de imagens, que tenhamos criado mentalmente que se lhes tornem visíveis, de uma vida num campo mais elevado da experiência e do sentido. E em consequência têm percepção do que possa ser e pode ser conseguido por eles, assim que fizerem um esforço por se elevar ou atualizar. Por outras palavras, entrar numa harmonia mental connosco, muito embora unicamente temporária, dá-lhes uma ideia. E tudo isso é feito pelo poder que temos dentro de nós.

Tudo na vida brota do nosso íntimo. Nisso reside a beleza e a alegria do viver. Isso representa o poder criativo real que tem lugar dentro de todo homem. Funciona no vosso mundo, até certo ponto. Encontram-no em particular por entre grandes figuras que tenham criado músicas grandiosas ou talvez uma arte grandiosa, de uma forma ou de outra. Esses são os poderes criativos que o homem tem na Terra que raramente são usados, e que aqui funcionam naturalmente.

Greene: Pois.

Mas encontram-se em diferentes níveis e esse é que é o nosso problema, evidentemente, que não lhes podemos descrever. Por exemplo, podemos ver-nos como fomos numa encarnação prévia, não só na Terra, mas numa vida anterior – ou deverei dizer, numa *forma* anterior de vida – num estrato precedente do ser. Por outras palavras, assim que conseguirmos aceitar o facto de que a vida toda consiste numa continuidade, numa progressão passo a passo, e numa esfera ou plano diferente daquele em que nos tenhamos encontrado, temos uma percepção de nós a viver nessa condição, muito embora possa ter sido por um período muito curto ou mesmo prolongado, podemos ver como foi que progredimos.

Não quer dizer que sejamos, de certo modo, mais do que uma pessoa. Aquilo que estou a tentar explicar é que conquanto o carácter ou a personalidade de uma pessoa tenha mais facetas, se quisermos, passamos de estágio em estágio ou de condição para condição – mas é pela capacidade de entrarmos em sintonia, se quisermos, com o passado. Não só o nosso próprio passado, deixem que lhes diga, mas o passado do mundo – e refiro-me aqui ao mundo material em particular. Mas podemos ver o mundo em todos os seus variados graus e estágios se o desejarmos e entrar em sintonia com um período particular da história.

Talvez seja um período da história em que nós próprios tenhamos tido alguma parte. E podemos ver-nos e ver em retrospecto as vidas que vivemos conforme outrora foram. E tudo isso é muito esclarecedor e interessante, mas também nos dá uma ideia da evolução e do desenvolvimento – não só nosso, nem da raça humana – e obtemos uma sabedoria e dela conseguimos uma força que nos capacit aa visualizar, não só o presente, conforme o conhecemos, com uma maior clareza, mas o futuro ainda por acontecer.

Não existe começo nem fim, entendem, e penso que isso seja o que é importante e vital que as pessoas percebam, que a vida – ou o próprio facto por que a vida se traduz – ainda permanece e deverá permanecer uma coisa real e permanente. Não existe começo nem fim e é por isso que a vida eterna se torna numa realidade compreensível para nós, por sabermos que passamos por fases de conhecimento e de experiência e de existência, e que ao passarmos de uns para os outros, mais temos a ganhar e a experiência que obtemos prepara-nos para um novo passo ou uma nova aventura, mais à frente. Mas a percepção que passamos a ter da eternidade não parece ser – comohabitualmente poderá parecer na Terra – uma coisa impossível em si mesma.

Ninguém consegue visualizer – nem sequer finjo que o consigamos compreender – mas vejo que enquanto temos esta realidade de vida, existe a possibilidade de mais experência. Na realidade temos a visão disso, e essa visão, como a que temos habitualmente, isso cria como que os trampolins para despertar a nossa atenção para aquilo que ainda se acha oculto.

É uma coisa extraordinária, mas não sei como se poderá ter a esperança de o descrever. Mas é como se por vezes pudéssemos não só ver para trás, como também para a frente. Mas aqui, uma vez mais, isso é muito vago, por falarmos de andar para a frente e para trás e de experiências de vidas passadas e da visualização de coisas porvir, mas isso, uma vez mais, não é uma coisa que tenha que ver com o para a frente e para trás, mas num certo sentido é circular.

Greene: Se me for permitido de certa forma perguntar, Michael…

Matemática. Não sou lá muito bom nisso e não creio que possamos descrever em termos matemáticos tudo isto que estou a tentar transmitir. Mas o objectivo está em que nos devemos afastar desta ideia do passado, do futuro e do presente por ser muito mais profundo do que isso, muito mais vasto que isso. Vemos que o mundo é redondo e que flutua no espaço, de modo que existem milhões e milhões de outros mundos no espaço – que é de tal modo vasto que não se lhe pode atribuir qualquer etiqueta.- Há outros mundos habitados por pessoas que neles se expressam e que aí conseguem a sua realização de vida e por vezes povos em determinados mundos que antes viveram na Terra, e que depois entraram numa nova condição. Entendem, as pessoas sempre pensam – por tudo se dever a esta velha forma de pensar dos ensinamentos Bíblicos e mais não sei o quê, do passado longíncuo e da religião etc. – na diferença do céu e do inferno e do limbo e tudo isso. Isso não passa de nomes, entendem, mas a questão está em que existem milhões e milhões de estratos da existência, ou mundos a flutuar no espaço.

E é por isso que penso que o homem pode ainda, no future, vir a formar um tipo qualquer de método – ou criar algum tipo de método – de comunicação entre certos mundos, que se traduzirá pelo menos por mais algum conhecimento e que virá a conceder ao homem uma visão real quanto à realidade do que é geralmente designado e vagamente denominado – e num certo sentido erroneamente designado – o Mundo do Espírito.

Quer dizer, isto é um termo tão vago que quase é motivo de riso. As pessoas falam do Mundo Espiritual, mas a questão está em que esses mundos têm sido evidentemente... são e têm existido há gerações – há séculos e séculos – há milhões de anos. E o "Espírito", que em todo o caso é um termo vago, que ninguém realmente consegue definir – quer dizer, estou a viver no que vós designais num mundo espiritual, num mundo do espírito, mas não vemos espírito nem temos consciência de espírito nenhum no sentido em que o entendem.

Quero dizer, este negócio do corpo físico e do corpo espiritual, isso é tudo vago, são termos indefinidos. Nós somos muito mais do que corpos físicos e muito mais do que é designado por corpos espirituais. Entendam, a própria vida de que

gozamos acha-se por todo o lado e ao redor do vosso mundo. Em incontáveis milhões de locais e na atmosfera existem seres – que vivem e respiram e que experimentam – a quem suponho que chamam seres espirituais. Mas esses termos "espiritual" e "espírito," isso são termos muito vagos, e quando se fala de seres espirituais ou de mundos espirituais as pessoas ficam com a ideia de que isso descreva algum estado religioso do ser, ou pessoas religiosas dotadas de uma perspectiva religiosa agarradas às velhas crenças gastas, etc. Mas tudo isso está errado, entendem. Nós encontramo-nos num estado de existência, o de designam por "espírito" se preferirem, podem associá-lo a isso, ou à "espiritualidade".

Só que nós estamos a viver vidas que são reais em mundos reais, e fazemos coisas reais, e experimentamos acontecimentos notáveis. Estamos agora a entrar em novos campos da experiência em que temos muitos, aquiklo a que chamariam, suponho eu, formas científicas de vida – no entanto quando as compreendemos, o "científico" cai por terra e perde, num certo sentido, o significado. Coisas que não compreendemos e a que chamamos milagres, quando não existe tal coisa, de qualquer modo. Apenas quer dizer que é algo que acontece mas não compreendemos como funcionam e em razão disso chamamos a isso milagres, por não se enquadrar nas velhas ideias e teorias e assim.

Os cientistas do vosso lado que recebem inspiração muitas vezes... inspiração com base na qual trabalham e criam coisas. Por vezes usam essas invenções para o mal, o que é desafortunado – e não têm a intenção ao ser inspiradas a partir deste lado. Aqueles que auxiliam os cientistas procuram passar-lhes conhecimento a fim de ser utilizado em auxílio da humanidade, mas habitualmente essas coisas são utilizadas para os governos cujas descobertas são empregues no campo do mal em vez do bem.

Toda a sorte de coisas estranhas e maravilhosas que estão a acontecer – até mesmo no vosso mundo neste momento – vocês não as vêem por não estarem a vibrar, por assim dizer, me harmonia com essas condições, junto daqueles que estão a trabalhar convosco.

Quando eu costumava regressar à Terra e costumava comunicar ocasionalmente e costumava tentar e ajudar, conforme fiz, em vários locais, às pessoas e assim – por vezes eu tinha consciência das pessoas, a quem procurava auxiliar, mas muito raramente e particularmente quando abandonavam os seus corpos para passar pela morte e algo assim.

Entendem, a questão está em que todos fazemos parte uns dos outros, e até que percebamos isso, até que compreendamos inteiramente que não existe coisa alguma – embora falemos acerca da individualidade – mas é verdade que estamos a edificar a nossa própria individualidade, até certo ponto isso precisa ser feito –

embora permaneçamos separados de uma forma estranha, e possuímos a nossa própria forma que difere da de mais alguém, no entanto ao mesmo tempo perfazemos todos o mesmo espírito.

É tudo a mesmoa força operacional e poder que emana e ao mesmo tempo cria, a partir de dentro de nós próprios e faz o possível por aquilo que deve ser para nós mesmos e para aqueles que nos rodeiam. Partilhamos todos da mesma força vital, do mesmo espírito vital. Podemos reagir diferentemente e tecer a nossa própria interpretação e expressão das coisas, mas ainda se trata do mesmo poder e do mesmo espírito. Essa é a vida que existe, e que nada pode destruir. Fazemos todos parte da vida una e da força una e do poder uno.

De qualquer modo, espero poder vir com mais frequência por querer conversar convosco sobre toda a sorte de coisas...

Woods: Mike gostava de perguntar…Tenho a ideia (entendimento) de que há uma altura (momento) em que perdemos a forma…

Bom, isso bem que pode acontecer, mas a mim ainda não aconteceu.

Woods: Não.

Com toda a franqueza, embora posssa visualizer tal possibilidade, espero que não me aconteça. Mas aí uma vez mais, não creio que seja bem verdade. Creio que seja verdade num sentido, mas não creio que percamos a consciência da forma. Podemos perder a forma, mas poderemos criar ou recriar ou trazer à existência a nossa forma à vontade, se assim o desejarmos, se pensarmos ser necessário. OU se nos encontrarmos numa certa esfera ou vibração, provavelmente, pela própria natureza das coisas, automaticamente seremos levados à forma. Mas imagino que sej aplausível ir além de um certo estado de existência em que a forma em si mesma, enquanto tal, não seja importante. Mas é claro, é uma coisa sobre a qual não professo ter conhecimento ainda, mas consigo visualizá-lo como uma realidade.

Seja como for, quero falar convosco, durante um bocado – não hoje, mas noutra altura – sobre too o tipo de factores que serão de interesse... por ter aprendido muito recentemente e gostaria de auxiliar se for possível, pois costumava adorar voltar para falar, sabem.

Woods: Mike, quer vir da próxima vez…

Se for possível, quero…

Woods: Seria muito interessante…

Yes, Eu venho. Em todo o caso, a Mãe remete-lhes todo o seu afecto…

Greene: Faz favor de lhe remeter…de lhe dar conta do nosso afecto?

…e obrigado por me terem escutado. Gostaria de os ajudar em tudo que puder, e estou inteirado do maravilhoso trabalho que estão a afazer com as vossas gravações. De qualquer modo preciso ir por o poder estar a enfraquecer, mas desejo-lhes tudo de bom e que Deus os abençoe. Adeus.

Greene/Woods: Obrigado Michael.

Adeuzinho. Adeus!

Woods: Adeus Mickey.

SIR WINSTON CHURCHILL

O AVISO AOS LÍDERES

CUIDADO COM OS QUE QUEREM ABOLIR AS BARREIRAS E ALARGAR OS HORIZONTES

LÍDERES EGOÍSTAS QUE SÓ SERVEM A ELES PRÓPRIOS E UMA CIÊNCIA DESCONTROLADA PODEM EMPURRÁ-LOS PARA A BEIRA DA DESTRUIÇÃO.

Finais da década de 1960

"Líderes egoístas, que se servem a si próprios, e uma Ciência sem controlo poderão empurrar-nos para além do abismo da destruição!"

Notas do Transcritor:

Por favor, note-se que esta gravação apresenta uma qualidade tão precária que, em várias partes da transcrição, foi necessário deduzir algumas das palavras. Para compreender melhor o conteúdo, recomenda-se que ouça a gravação enquanto lê o texto em simultâneo. O sotaque britânico único de Churchill e a sua escolha de palavras, por vezes bastante invulgar, tornaram a elaboração desta transcrição um desafio ainda maior. As palavras que o orador provavelmente pretendia proferir, mas que omitiu, foram adicionadas entre [parênteses retos] sempre que necessário.

Embora em algumas notas se afirme que a gravação poderá datar da década de 1980 (em data exata desconhecida), após o trabalho de transcrição desta fita, deparei-me com declarações que indicam que terá sido gravada pouco antes da primeira alunagem, ocorrida a 20 de julho de 1969. Em certos momentos, é também possível ouvir ao fundo uma voz que parece ser a de George Woods, que acompanhou Leslie Flint durante as décadas de 1960 e 1970, mas que já tinha falecido na década de 1980.

O meu ponto de vista com respeito a voltar a falar aqui, a transmitir as nossas ideias, impressões, a esclarecer situações e a esforçar-me da melhor forma possível, por lhes traçar um quadro tão claro quanto possível de um mundo a de uma luz tão remota de tudo quanto possam conceber.

No vosso mundo de hoje, possivelmente mais do que em qualquer outra época da história, vós atravessais uma condição ou fase que pela sua própria natureza significa que estão a caminho da destruição. O homem no presente encontra-se verdadeiramente a pairar à beira da autodestruição. Um passo dado em falso poderia implicar uma enorme perda de vida, uma confusão catastrófica, e ao mesmo tempo grande parte do mundo pode ser tornado inabitável. Aparte de uns quantos cientistas que deviam pensar duas vezes, não creio que o homem de hoje perceba a que triste farsa o mundo chegou com a interferência que o homem tem exercido sobre a lei natural. Mas será bom, porventura, que ele saiba tão pouco.

Nós, deste lado estamos preparados a tal ponto que andamos constantemente em torno da vossa Terra num esforço por influenciar almas posicionadas em elevados cargos, em particular nos níveis mais baixos, para o bem da raça humana, que em muitos aspectos devem ser pela sua própria natureza insignificantes. Contudo, não temos o poder de mudar o pensamento do homem quando ele está determinado a todos os custos a seguir cursos perigosos.

Durante séculos e séculos o mundo do espírito, pela força do pensamento esforçou-se por influenciar, por impressionar, procurou esforçar-se por alterar o pensamento dos homens com muito poucos resultados. O dom que o homem possui do livre-arbítrio capacita-o, como à criança rebelde, a fazer as coisas mais infantis e estúpidas. Neste momento actual o homem permanece à beira da destruição produzida por umas quantas chamadas mentes brilhantes. Há quem no vosso mundo suporte essa gente que é tida na conta de extraordinariamente talentosa, inteligente e sábia. Bem sei que o homem possui o instinto natural da curiosidade. Em verdade poder-se-á dizer que não tivesse sido pela curiosidade que o homem tem evidenciado durante séculos, e o homem em certa medida ainda estaria ao nível do animal. Mas talvez ainda venha um tempo em que deseje poder ter ficado nesse nível.

Mas eu não venho necessariamente (...) assim apesar da nota extraordinária; eu não venho deliberadamente com a intenção de os deprimir, mas com uma mensagem sincera, com uma sincera esperança, com o desejo de que por uma maneira milagrosa qualquer (terá que ser miraculosa) possamos ser capazes de advertir o que parece iminente: a devastação de diversas partes do mundo que pode ser despoletada pelo erro.

O mundo precisa recordar que toda a ciência tem existência na Terra para o alcance do conhecimento. Isso estaria tudo muito bem há uns trinta, quarenta, cinquenta, cem anos atrás, mas não hoje. Foi alcançado um certo culminar em que se torna extremamente perigoso, e eles não conhecem os resultados que podem advir. Ao indivíduo comum deve parecer uma coisa notável: o homem na lua, o homem em comunicação com outros planetas, as viagens espaciais; tudo isso parecerá ao homem da rua as conquistas mais miraculosas e estupendas da história da humanidade, mas não são.

Poderão pensar que eu esteja a disseminar a depressão, que eu esteja a instalar o medo nos corações e nas mentes das pessoas da terra com tais declarações, ou que eu defendo que os cientistas de mente brilhante e tudo quanto têm feito e conquistado e o conhecimento que os ilumina possam equivaler a crianças, à margem como se encontram das coisas que ainda não conhecem. Bem sei que em certos ouvidos isto poderá cair como coisa que não deva ser dita. Mas, se o homem puder ser salvo, então posso dizer que espero e oro por que esse pouso na lua se possa provar um completo desastre (...) porque assim que suceder, quando novos desenvolvimentos tiverem lugar, não haverá segurança para ser humano nenhum pelo resto da história do mundo. O homem não se deterá com a chegada à lua, nação nenhuma se deterá com o pouso do homem ou de homens na lua. Isso será usado, conforme foi usado no passado, em detrimento da raça humana, para supervisionar, para observar, prontos a atacar. Por outras palavras, não consigo ver que nenhuma nação, caso viermos a ser bem-sucedidos, venha a usar essa chamada conquista em benefício da humanidade, mas para benefício pessoal em vez de um benefício nacional.

Mas, aparte de tudo isso, o que perturba a atmosfera, que coisas poderão ser trazidas de volta à Terra sem querer, sem saber, substâncias (...) coisas que são invisíveis. O homem com o seu conhecimento científico não sabe como descobrir ainda, mas parece ter atingido o impossível. Certamente que eu estou muito em dúvida, na verdade mais do que em dúvida, quanto ao benefício que isso possa possivelmente trazer! Mesmo que represente o alcance de um só esforço, que benefício poderia representar para a raça humana, aparte um provável colossal desperdício de dinheiro, uma incontável quantidade de milhões de libras ou de dólares, que poderiam ser usados com justiça, correcção e honra em benefício da raça humana e das vidas que envolve.

Parece-me a mim que o homem esteja a ir demasiado rápido. Claro que, dito por mim, isto teria de facto ofendido as pessoas que o escutassem como uma completa mentira, e levá-las-ia a dizer: “Ah, tolices! O homem deve ir em frente, o homem precisa ser o primeiro, o homem precisa experimentar, a ciência tem que experimentar e descobrir e desenvolver um mundo vasto de descoberta, todas essas coisas que se encontram ocultas na atmosfera, todas essas coisas que podem ser transformadas num benefício para o homem.”

É claro que se fizeram muitas descobertas no passado que foram benéficas para o homem. Ninguém o nega. Mas precisamos recordar que, subjacente a tudo isso, que negócio poderá existir? Temos duas grandiosas nações: A Rússia e a América. Para que serve o talento esboçado no caminho, na corrida uma contra a outra? Um último (...) Não nos iludamos. Não nos deixemos enganar por aqueles que aparentemente se encontram posicionados nos lugares cimeiros que são enganados pelo mundo científico. Já constatamos isso no passado, mas lamento dizer que estou absolutamente seguro de que o poderão voltar a constatar no futuro: como a ciência é usada pelas nações para a destruição das outras contrárias na ideologia, na política e mesmo na religião.

Por toda a história o homem usou o seu avanço, o chamado avanço material, em função do ganho, do melhoramento, conforme tem sido dito (...) em vez disso, por vezes de qualquer jeito (...) desses povos. Até que as duas nações deixem de lutar uma contra a outra, e a competição para se tornarem a melhor, a competição pelo alcance do poder, mais do que outra coisa, quer seja o poder das armas, o poder da corrida por chegar à lua, todas essas coisas são superficiais na medida em que não têm um verdadeiro valor nas profundezas da alma humana, nem se prestam à melhoria do homem, das relações do homem, à evolução do homem e ao desenvolvimento rumo às coisas do espírito e do divino.

Os homens e mulheres verdadeiramente grandiosos do passado foram aqueles que contribuíram para a mente e para o espírito. Aqueles que criaram e deram algo do espírito ao mundo, algo de vasto e de verdadeiro que não pode desaparecer com o tempo. A ciência conseguiu algumas contribuições para esse efeito, mas devemos ter em mente que esta ciência geralmente só se interessa com uma coisa - o mundo material; não se interessa pelo mundo espiritual; não se interessa de verdade com a melhoria da raça humana, e de cada vez pode ser puramente num nível físico e material.

Mas muitas vezes os seus desejos individuais são os de uma melhoria da raça humana. Nas ciências do campo directo desviam-se do caminho, para aquilo que terá parecido o mesmo curso, e eventualmente voltam, chegam a uma encruzilhada e aí não sabem para onde se virar. Muitas das chamadas descobertas só

estabeleceram outros problemas de natureza diferente que podem atentar contra a mente e o corpo humanos, e vós ouvis falar da prática de cortes cardíacos. Da próxima vez farão transplantes de um tipo diferente. Ouvem falar em congelar o corpo para o voltar a trazer à vida. Desta vez não é sobre coisas distantes. Em conformidade, outras pessoas já foram postas à prova. Os mais terríveis experimentos estão a ser aplicados a animais! E tempo virá em que sentirão ânsia de tentá-los no ser humano.

O homem tem esta ideia ridícula, idiota, de que a única coisa que importa seja o corpo material e o mundo material! Até que o homem recobre a razão e perceba que o mundo e o corpo físico, por mais importantes que sejam, são preliminares, são apenas o começo, não passam do abrigo ou revestimento externo, uma escola preparatória (chamemos-lhe o que quisermos) e não para tentar viver uma vida longa por tempo indefinido. É estúpido tentar, conforme alguns parecem pensar que devam, fazer experimentos que vão contra a natureza, contra o ensino teórico, contra a verdade espiritual, a verdade eterna, até que o homem perceba que é óptimo experimentar somente até determinada medida. Mas eles apelam: "Bem, como chegará o homem, de outro modo, a conhecer? Que profundidade terá isso? Até onde deverá ele ir?"

Quanto ao que ele deveria fazer, respondo eu com esta observação: A de que quando certas coisas se desenvolvem e certas mentes científicas indicarem que perderam todo o contacto com a humanidade; quando se tiverem tornado de tal modo obcecados com o seu trabalho que percam a noção da proporção e deixem de estabelecer um laço com as verdades eternas e espirituais, e estabeleçam as suas mentes em coisas puramente materiais e físicas em detrimento de tudo o mais em que permaneçam seguros.

Esses homens que vierem a suceder-vos por todo o mundo em consequência desses poucos, poderão sofrer em consequência. Já vimos isso por tantas formas no passado - como os erros de uns quantos situados em lugares cimeiros cujo poder os obcecava ficaram algemados. Em consequência o mundo tem vindo a banhar-se no sangue de incontável quantidade de seres inocentes que são enviados para aqui antes do seu tempo, despreparados, sem oportunidade de desenvolver uma vida normal pela aprendizagem num mundo material tão necessário e essencial à conquista espiritual e ao avanço espiritual. Nós vimos os pecados assassinos em homens e ambiciosos dos lugares cimeiros, todos destituídos de reflexão e consideração por alguém que não eles próprios e os seus experimentos, quer sejam políticos (como foram tanta vez no passado) religiosos, ou, agora mais do que nunca, científicos.

Uma vez mais é claro que a mensagem deprimente não seria sincera, nem seria correcta, como a verdade, poderiam vocês dizer, a mensagem daqueles que

deste lado se esforçam tanto por os ajudar, se não viesse desta forma. Emprega-se muito contrassenso nas sessões, demasiada tolice, demasiado materialismo. Toca-se demais no material, por invariavelmente as entidades que aqui vêm falar se encontrarem tão próximo à terra, e por vezes terão instruído as pequenas mentes que lhes dão atenção. Eu estou somente interessado na verdade, na realidade do poder do Espírito Santo, e porque que toda a raça perceba o enorme potencial que tem enquanto ainda na terra (...) Sem pensarem nem agirem de acordo com a vontade do Espírito, o homem pode rejuvenescer-se, o homem pode ser a concepção de um resultado de seres do futuro e de gerações que ainda estão por vir.

NO ENTANTO VEMOS COMO AS MASSAS DOS SERES HUMANOS ESTÃO GRADUAL, LENTA E TORTUOSAMENTE A SER CONDUZIDAS COMO CARNEIROS PARA O MATADOURO PELOS POUCOS QUE SE DEIXARAM OBCECAR TANTO PELO PODER QUE DETÊM, PELO INTERESSE QUE TÊM NAS CHAMADAS DESCOBERTAS DA CIÊNCIA. ELES QUEREM ROMPER AS BARREIRAS, QUEREM ALARGAR NOVOS HORIZONTES, NOVOS MUNDOS, QUEREM FAZER TANTO DO QUE LHES DIZEM QUE VENHA A BENEFICIAR O MUNDO, MAS ISSO NÃO PASSA DE UMA MENTIRA! NÃO SERÁ BENÉFICO PARA O MUNDO MAS REPRESENTARÁ A DESTRUIÇÃO DO MUNDO, POR CONDUZIR CADA VEZ MAIS AO PARTIDO, AO JOGO DOS COLEGAS, AO JOGO DO DOMÍNIO DE UMA NAÇÃO PELA OUTRA, AO JOGO DA CONQUISTA DO QUE O OUTRO NÃO PODIA FAZER, NÃO PODIA ALCANÇAR, E A UMA PERDA DE TEMPO.

Tudo quanto o homem pode dar de si mesmo é usado de forma errada e malévola - coisas sensatas e boas. O mundo encontra-se em tais dores de parto, em tal necessidade, a própria atmosfera está a tornar-se cada vez mais envenenada a cada dia que passa; morrem lentamente. Muitas das coisas que bebem não são mais puras ou naturais. Os vossos corpos gradualmente e no período de tempo das próximas gerações sofrerão; os seus filhos nascerão sem fígado ou sem pernas, por causa da ciência! A ciência, que devia ser vossa amiga, é vossa inimiga! Não parece possível que o homem tenha perdido para o inimigo e não o perceba. Toda a gente fala de grandes conquistas, e do quão maravilhosas e notáveis são, mas suponho que de certa forma podemos olhar para isso. Esse aspecto do homem (...) Não pode ser bom. Não pode trazer paz. Só trará uma maior ameaça de guerra e de destruição. Um enorme medo descerá sobre o mundo acima de nós.

Aqueles que fazem isso estão a aproximar-se do final das vossas vidas materiais serão contados entre os abençoados (...) abençoados se não nascerem justamente agora, por o mundo, a menos que se dê um milagre, só pode esperar jogar numa grande jogada. Explodir a terra, o mundo, num enorme clarão, que esse falo condensará o monte esquelético de ouro líquido e destruirá (...) o homem na sua ignorância desencadeará certos aspectos que evidentemente em muitos aspectos destruirão certos anos insuperáveis, decerto virão a tornar-se inabitáveis,

crescerá muito pouca comida, assim como luz e os vegetais mal conseguirão brotar e a atmosfera mudará e mudará e mudará (...) Penso nisso como a morte, a morte do futuro.

Estou pelo menos a dizer-lhes que estou a estudar esta verdade publicada em textos antigos em velhos volumes e revistas publicados. Espero vir a falar do poder do espírito e do que pode fazer e realizar. Concordo com isso, por poder significar muito, contudo ao mesmo tempo, não somos capazes de fazer muitas dessas coisas que gostaríamos de fazer a menos que tenhamos mentes que cooperem, a menos que possamos chegar a gente que se encontre colocada em altos cargos cujas mentes felizmente não se encontrem propriamente barradas. Elas são aquelas que eles preferem como convidados por conta própria. São aqueles que esperam acreditar que o homem se encontre preso num círculo vicioso de acontecimentos. Os vossos cientistas tornaram-se no rei não coroado do universo. Quão estranho: o homem sempre sofreu com os homens orgulhosos quando colocados em altas posições. As nações mudaram de mãos, incontáveis milhões derrubaram todos aqueles que professavam ser líderes do seu povo.

Todos eles foram conduzidos segura mas firmemente à destruição pelos poucos que governaram com tal acção (...) Esse medo é o pecado da ciência que governa a terra. Mas muitos na sua ignorância, como os antigos, elevam as suas vozes em louvores. E assim é hoje, um número incalculável de povos fizeram com que a sua voz proclamasse as maravilhas da ciência, as maravilhosas realizações da ciência. Mas, à semelhança de todos os reis, eles morrem, verão o seu dia passar e as pessoas olharão em retrospecto e verão como as velhas gerações foram trazidas para os reis terrenos durante os dias da ciência.

Existe apenas uma verdade agora, uma verdade espiritual. A única maneira do homem alcançar a liderança é pela verdade. Há muitos que estão contra a verdade e o poder do Espírito Santo universal, que é verdadeiramente poder, e luz eterna. O homem pode destruir o corpo, o homem poderá destruir as coisas da terra que são boas. Ele poderá desfigurar as coisas nobres da natureza, as verdades eternas da vida na terra, mas jamais destruirá o Espírito eterno.

Ele deve deverá sentir-se contente com a escravidão material, que o homem pode ver no mundo da carne, a sua verdadeira perspectiva, e ver o quão boa é e como ele próprio mudou a ponto de a tornar irreconhecível. Não há quietude, não há paz. A beleza natural foi conspurcada. O homem rompe os seus laços de uma forma tresloucada. O homem está a vender a sua alma pelo esforço. O homem está a entregar-se pelas coisas que no seu íntimo sabe que não podem durar nem ser verdadeiras. O instinto natural do homem é muito acentuado, pelo melhor que ele pode. O instinto natural do homem é de olhar para dentro para o espírito: as coisas duradouras, as coisas que têm um valor inestimável. O homem está a perder o

rumo. O homem procurou por muitas formas, pisou muitos caminhos e ainda busca, e ainda assim mais tempo se esgotou.

Por vezes deixa-se deslumbrar pelo que é material a tal ponto que não consegue ver as coisas do espírito, coisas novas, coisas duradouras, coisas verdadeiras, contudo coisas que se encontram na alma dentro de nós. Não desesperem. Esforçar-nos-emos por exercer o poder que influencie. Acima de tudo fiquem cientes do seguinte: Que de todo o caos, de todo o pessimismo e poeira há uma luz que não falha, uma luz que conduz à melhoria que desejam em prol do objectivo que foi fixado muito para lá dos confins da terra e das coisas materiais, que é verdadeira, abençoada e sólida. Tanto mais são abençoados por não se contentarem com arranhar a superfície dessa matéria a que chamam de espiritualismo.

Há um número incontável de gente no vosso mundo que se interessa pelo assunto, que pode obter provas do tipo mais baixo, e que estão convencidos da sobrevivência e que ainda assim permanecem numa base muito material. As pessoas reivindicam, a visão emerge, contentam-se por ver que essa verdade ultrapassa a escuridão, sabendo evidentemente que um dia verão uma paz imensa. Mas vocês que estão a tentar buscar e descobrir e ver directamente sem falhas, foram muito além dos confins do aspecto materialista do espiritualismo. Felizmente, tornaram possível que alguns de nós pelo menos pudéssemos vir até vós, falar-lhes e isso deve dar-lhes uma grande alegria. A mensagem do Espírito deverá prosseguir e quebrar as portadas da ignorância de modo que possam tombar com os golpes do Espírito, e as portadas da ignorância possam ser abertas para que a humanidade possa atravessar para a luz, mas é difícil por a ignorância assumir muitas formas, muitos contornos, muitos aspectos.

Muitas vezes o sábio detém-se e oferece a sua sabedoria à sagacidade do materialismo. Há quem pare para dizer, devido às suas convicções religiosas, que não podem nem devem nem aceitam as verdades do espiritualismo conforme o conhecemos, mas esses encontram-se cegos pelo dogma e pelo credo. Encontram-se de joelhos e acorrentados, prosternados pelo credo e abatidos pela frequência da Igreja, pelas falsas doutrinas, pelos grupos poderosos, pelos bispos dos elevados cargos cujas concepções se acham muito afastadas das verdades espirituais, e que na sua ignorância são como o cego que conduz outro cego. Revogaram as suas almas, que não voltarão a falar, e no entanto a base ou a fundação de todas as verdadeiras religiões assenta no facto da vida eterna.

O homem é tolo. O homem é, por natureza, céptico, mesmo aqueles que deviam saber que estas coisas constituem uma grande verdade e as demonstram. De facto, deviam ser instrumentos do fogo vivo e do espírito vivo. Deviam falar com a língua. Deviam estar a transmitir a mensagem do espírito, deviam estar a

curar os doentes e a confortar aqueles que pranteiam. Em verdade deviam liderar o trabalho do espírito. Mas não o fazem, e são cegos e tolos, e muita vez não o conseguem proferir nem pôr em prática a verdade aqui. Ninguém. O poder do espírito manifesta-se por tantas formas para tantos povos, e em tantos locais, não só no espiritualismo mas em toda a gente. Em verdade pode-se dizer que em muitos casos o poder do espírito não é capaz de se manifestar muito bem num espiritualista. O que constitui uma tragédia, essa verdade, na mediunidade. A mediunidade, se quiser salvar o mundo, precisa ser de uma ordem muito mais elevada do que actualmente.

O instrumento deveria perceber a responsabilidade com que arca mais aqueles que buscam a verdade no mundo. E a responsabilidade que devem assumir por aqueles deste lado por reunir tantos no amor, no trabalho, na assistência pelo mundo; porém, não quero que pensem que não seja meritório ou que estejamos desapontados em qualquer sentido. Seria errado sugerir que estamos satisfeitos. Claro que não estamos satisfeitos, com todos os instrumentos que usamos, que desenvolvemos, usamos da melhor forma possível. Estamos a dar ao instrumento uma presença viva, uma força viva, uma vida na responsabilidade e na segurança a cada instante, e quem quer que chame a si próprio instrumento por conta própria precisará de dedicação.

Não é fácil, não exigimos perfeição, nem tampouco nós somos perfeitos, mas precisamos de instrumentos no vosso mundo que tornem possível às almas das esferas mais elevadas usá-los, e que não se contentem em contactar o astral, as almas que muito embora se revelem amáveis, não se encontram particularmente bem informadas nem particularmente evoluídas.

Vocês vêem, tantos no vosso mundo põem de parte o médium enquanto fazem passar mensagens mundanas e materiais. Isso perfaz noventa e nove por cento do que o movimento espiritualista parece querer. É por isso que não parece ser capaz de progredir espiritualmente como pode ser feito ou devia ser feito; é por isso que não se está a tornar num grande poder para o bem no mundo. Existem muitas sociedades e igrejas espiritualistas, há muitos espiritualistas pelo mundo que não conseguem exercer o impacto que poderiam exercer se se tivessem esforçado mais por contactar o verdadeiro poder do espírito, por intermédio das ‘vozes’ que tanto revolucionaram o pensar e a acção do homem que o vosso mundo pode ser realmente mudado de forma a ser salvo de si próprio.

Você, meu amigo, de um modo significativo, está a prestar um serviço, ao nos trazer a oportunidade de virmos (...) para a tarefa: de sair pelas vias e pelos caminhos e, num certo sentido, defender verdadeiramente o mais elevado espalhar da verdade e de uma nova luz sobre o mundo com cada exemplo que encontro em si. Mas não desespere, por uma centena de males eventualmente poderem ser

bons, e em verdade virá a ver o caminho, a precipitação do riacho, quando herdar o reino dos céus.

A minha bênção lhe dirijo hoje e sempre. Adeus.

MATEUS FALA SOBRE JESUS

3 SET 1974

Cristo foi um homem a quem conheci bem. Podereis pensar que esta seja uma afirmação que não seja passível de ser verificada. Não vou nem procurar comprovar esta afirmação, porquanto do vosso ponto de vista e do nível material é impossível. E se for de todo possível de ser provado só o poderá ser ao nível da consciência espiritual desta verdade de que falo.

Jesus de Nazaré foi um homem de uma grande simplicidade; um homem tal como vós em muitos aspectos. Seria erróneo dizer que ele também não tenha estado sujeito à tentação, só que não da forma que é descrita na vossa Bíblia, por isso responder pela interpretação que fazem de um conceito material. Jesus era o Espírito e gozava da faculdade de superar a carne. Era capaz de alcançar o que nenhum outro homem antes, tanto quanto eu sei, alguma vez terá alcançado devido à harmonia ou sintonia que tinha com o poder divino que torna a vida possível. Nós somos todos o mesmo Espírito. Não estamos separados. Apenas o nosso aspecto físico, o corpo nos distinguem.

A força motora por detrás de toda a vida é o Espírito, e ninguém sabe como tirar proveito desse poder. Quando aprendemos a utilize-lo para o bem, não só para nós, porque essa devia ser sempre a última ideia, mas para os outros. Mas Jesus não veio ao vosso mundo para fundar uma religião. O homem foi quem criou o aspecto religioso e ergueu em torno dele um edifício que obscureceu a beleza e a harmonia e o amor da realidade do espírito que animou Jesus. Jesus foi

o que designais por “instrumento,” mas tinha compreensão destas coisas de que falo e que desejo transmitir-lhes de modo a poderem ter dentro de vós com clareza e certeza e realidade que não percebam num nível da realidade muito afastado daquilo a que chamais “Espiritualismo!”

Se parecer que foi duro é porque houve momentos que com Jesus tinha que parecer duro. Jesus não foi o que vocês designam por piegas ou “sentimental.” Jesus foi um homem de uma enorme força, grande coragem, grande virilidade. Foi um homem que, a despeito das suas realizações espirituais, sempre esteve em guerra consigo próprio. Isso poderá impressioná-los com muito estranho, porém, quando o poder do espírito anima, precisam aprender a superar. Tem que vencer o lado mais fraco, material, físico. Tem que se subjugar muitas coisas no lado ou natureza física, material. E houve muita batalha que foi travada, e eu sei que Jesus triunfou por ele ter uma missão divina a desempenhar.

Jesus foi uma vítima, se quisermos, das circunstâncias, uma vítima do seu tempo, das leis, do fundo, de aspectos religiosos tacanhos no seu jeito confinado; ele sofreu com o sofrimento dos homens; mas também se alegrava com a alegria dos homens. Mas não foi, como alguns parecem ter suposto, Deus encarnado! Ele jamais alegou tal coisa, mas os homens sempre o alegaram, por sermos todos deuses. Esta é uma outra afirmação que alguns poderão não ser capazes de aceitar: que todo ser humano é um deus em embrião, por fazer parte do Espírito Universal, e depende do indivíduo quanto desse Espírito será capaz de utilizar e de demonstrar, e de o trazer a um aspecto material e à condição de vida em que se encontre.

A morte de um homem (morte material) num certo sentido não é importante quanto ao método empregue. É humano e natural, quando a altura acorre, na Terra, que se seja libertado calmamente do corpo físico, em silêncio e em paz, e na verdade isso é conforte é entendido ou devia ser esperado. Mas o homem criou ao longo de gerações condições de tempo que afectarão, que se aplicarão a vidas pessoais. O homem cria circunstâncias pelas quais ele se depara com a eclosão das doenças por diversas formas.

Os homens geram as divisões em que tem lugar a Guerra, em que incontáveis números de pessoas, algumas inocentes, na medida em que nunca terão desempenhado papel activo algum na produção disso, sofrem. Os inocentes sofrem junto com os culpados. Isto poderá soar ilógico, desagradável, injusto, mau, pouco espiritual, mas ainda assim, se quiserem ver isso conforme eu quero que vejam, o homem cria as condições, lança as sementes, não numa geração mas em muitas.

Têm repetido que os pecados dos pais recaem sobre os filhos! Isso, para certas pessoas, soa ilógico, injusto, no entanto não o é, por vós hoje fazeis tanto

parte de há dois mil anos atrás e aqueles que certa vez habitaram a vossa Terra como aqueles que os rodeiam e se encontram perto de vós, sempre presentes nos vossos lares na vossa vida diária. Quando o homem consegue perceber a magnificência da vida, então consegue perceber as realidades a que me refiro, e a vida é toda uma. Se na realidade estiverem separados, estais separados pelos vossos desejos materiais, estais separados pela vossa estupidez, pelo vosso egoísmo, pela vossa impaciência, pela vossa intolerância, pela vossa malícia, pelo vosso ódio.

As nações passaram a existir e consequentemente passou a existir o orgulho. Elas trouxeram o espírito do patriotismo nacional, as bandeiras a tremeluzir, e as igrejas a apoiar e a encorajar a morte, o desastre, a tragédia. Eu não tenho tempo para as religiões. Só disponho de tempo para as pessoas. Só tenho tempo para o Espírito, que deve ser livre de correr e que deve derrubar as barreiras que separam o homem dos homens, de povos dos povos, de nações das nações, até que o homem veja o verdadeiro espírito que o anima enquanto parte do mundo do Espírito independentemente da classe, da cor, do credo, da nação, do espírito ou atitude mental, individual ou colectiva.

Vós reunis-vos em busca da verdade, e a verdade conforme nos é dada a conhecer nós lhes transmitimos. Precisais despojar-vos gradualmente das coisas que alguns possam ainda acalentar. Porém, nunca pedimos a ninguém para fazer alguma coisa que vá contra a sua natural – conforme vocês o encaram – inclinação. Nós vimos de modo a podermos dar-lhes paz interior. Uma vez mais, não terá Cristo dito que a paz tem lugar dentro? Não terá Ele igualmente dito que Deus se encontra dentro de nós? Vós sois deuses. A paz encontra-se bem no fundo de vós. O que não quer dizer que devam fechar os olhos e os ouvidos para o mundo da carne.

Sabemos que precisais trilhar o percurso normal, natural, conforme o entendem, do materialismo. Mas se o puderem trilhar sob uma orientação da parte do poder do espírito, então as suas armadilhas não os afectarão. Quando aprenderem a aceder a vós próprios, quando aprenderem a compreender-se e a realizar-se, quando puderem ver-se como uma família do Espírito, quando conseguirem ver o homem que porventura seja um estranho para vós, que porventura anteriormente não tenham apresentado qualquer gosto ou interesse real, devido à cor da sua pele ou às circunstâncias do seu berço, ou aos seus antecedentes, talvez para vós ele seja ignorante, estúpido e idiota. Talvez para vós não haja razão para deverem ter inclinação para o afecto ou a consideração, ou o amor. Quando conseguirem perceber as criaturas de Deus como uma família de cada um e todos, talvez de um nível de consciência e de percepção diferente, com cada um, como vital e importante para com o todo; quando puderem estimular esses menos afortunados do que vós, os caminhos da desolação com afecto e

compreensão; quando puderem dizer “Este é-me tão querido quanto os mais chegados” então começareis a abrir-vos e a florescer.

Há muitos no vosso mundo para quem gostaríamos que a nossa mensagem do Espírito fosse. Sabemos que não seria fácil, e mesmo que acolhessem a mensagem, haveria muitos que tapariam os ouvidos sem desejar dar atenção por terem as suas próprias razões para não gostarem de mudar. Estão presos no hábito; estão presos em todos os feudos, nas crenças religiosas que se lhes ajustam quais armaduras de que não conseguem despojar-se. E alguns deles dão realmente uma impressão de alguém que vai para a batalha, para a Guerra, por não conseguirem despojar-se dessa fachada construída ao seu redor, por vezes como protecção, conforme pensam, contra os outros, e talvez sem que o percebam, contra eles próprios.

Vós, acho eu, sois livres, pelo menos encontrais-vos a caminho dessa Liberdade de que falo, por poderem descartar os credos gastos e os dogmas, os feudos e a estupidez e coisas dessas que são criadas há séculos. Cristo e outros grandes mestres foram homens de uma grande simplicidade fundamental. O Espírito é simples, a verdade fundamental do Espírito é simples, embora difícil talvez, de compreender enquanto se encontram envoltos na carne, por causa das restrições talvez produzidas em certa medida envolvidas, mas de qualquer maneira, todos os grandes mestres, e eu tomo Jesus como o mais elevado exemplo, conhecem essas verdades, os assim chamados milagres que Ele desempenhou assim como outros de que não tendes conhecimento, representaram leis simples em operação pelo poder do Espírito.

Quando perceberdes que o vosso mundo é uma ilusão, podeis dizer-nos que seja bastante sólido e um mundo real; é claro que o é enquanto se expressam nele, enquanto tomam parte nele, mas seja como for é um mundo que num certo sentido é ilusório, por ser criação do homem. O homem produziu, ao longo de séculos do tempo, aquilo de que padeceis. Eu uso o termo “padeceis.” Há bênçãos, é claro, muitas bênçãos, mas vós criastes um mundo repleto de caos, de incerteza e de medo. Vocês iludiram-se ao longo de séculos ao pensarem que o mundo material fosse tudo e um fim em si mesmo dotado de grandes possibilidades a vir após a chamada morte física.

Com muito pouca compreensão, vários grupos de pessoas com a passagem do tempo criaram essas religiões com base na ideia de existir alguma coisa após a morte, desde que, é claro, na maioria dos casos, senão todos, sigam o caminho traçado por essa organização ou grupo particular por uma adesão a certos princípios, alguns bons. Eu não condeno nesse sentido por a verdade fundamental que subjaz a todas as religiões ser a mesma. Só que é frustrada pelo homem na sua estupidez, na sua tolice e na sua ignorância. Eles ergueram, ao longo dos séculos, é

claro, grandes edifícios, um enorme poder, uma grande riqueza – tudo quanto é material e nada tem que ver com a realidade do Espírito, nem com o grande Jesus, que foi um homem de uma grande simplicidade e humildade mas ainda assim de uma grande resistência e um homem que foi e é como vós.

Vejam-se conforme na verdade são. Não se deixem enganar. É tão fácil enganar-se. "É com boa intenção," quanta vez não terão ouvido dizer? As pessoas dizem: "É com boa intenção, eu faço o melhor que posso, eu esforço-me." Pelo menos isso é uma admissão em que, em certa medida vocês fracassam obviamente, mas isso não é suficiente. Nós não lhes pedimos, como eu já disse, que sejais perfeitos, porque nós não somos perfeitos. Mas pedimos-lhes, já que têm os olhos abertos para a verdade do espírito, que o sigma pelo melhor que forem capazes, e que busquem somente aquilo que for verdadeiramente do espírito, e que não vos contenteis, como muitos fazem, com as coisas que são infantis.

Os sinais e os prodígios são importantes e têm o seu lugar, e havemos de os mostrar num certo sentido, aqui, pelo melhor que conseguirmos, de vez em quando. Mas essas não são as coisas vitais. Jesus fez uso delas, todos os grandes profetas, todos os grandes videntes, todos os grandes mestres, de tempos a tempos empregaram os poderes do Espírito a fim de revelarem de forma que a convicção pudesse ser transmitida a outros e inspirá-los e a encorajá-los. Mas essas são apenas coisas que são dadas para os ajudar a superar as circunstâncias em que se vêem, quer sejam de privação (pela perda, falecimento) etc.

Quando venho junto do vosso mundo, constato a infelicidade e a tristeza, em particular daqueles que pensam ter perdido alguém querido e próximo, alguém que tenham criado, alguém cujo amor tenha significado tudo para eles, e se encontram de luto e sós, tristes, na incerteza, deprimidos, por vezes contemplando mesmo uma via por que se possam juntar àquele que as tenha precedido.

Nós temos sempre consciência dessas necessidades, sempre temos consciência dos desejos dos seres humanos por onde quer que se encontrem ou quem quer que sejam. Mas tentamos percebê-lo sempre de uma forma clara. Nas vossas vidas materiais vós criastes uma outra vida e trouxeste-la à vida. Educaste-la, fizestes tudo quanto podiam para ajudar esse espírito cuja vida é de repente ceifada e vós, ninguém sente nada. Mas vós não podeis eliminar o espírito – o corpo, sim, a concha, o revestimento exterior, o veículo da expressão, a habitação – chamem-lhe o que quiserem. Mas aquilo por que se esforçaram por trazer à existência com carinho, ainda possui vitalidade, mais ânimo, mais beleza do que qualquer coisa que possam ter esperado ou sonhado, perto de vós, e esforça-se por chegar a vós, por os inspirar, confortar.

De tempos a tempos as almas regressam a vós para conversar convosco. Por vezes narram acontecimentos mundanos e procuram provar a realidade da sua existência para vós. Por vezes fracassam, outras vezes são bem-sucedidos. Cada um precisa do seu próprio nível, suponho, do que para si constitui uma prova de sobrevivência. Mas procurem ver as coisas a uma luz diferente. Procurem ver que estão a estimular o amor; não só que o estão a trazê-lo à existência mas estão a estimular o amor de toda a humanidade, que toda a humanidade faz parte de vós, e que todas as criaturas de Deus (assim chamadas) partilham da mesma força de ânimo que lhes deu vida. Tudo quanto é existe; a casca exterior pode fenecer, desaparecer. Podeis abrir a terra e sepultar nela aquilo que certa vez lhes foi querido e próximo e cobra-lo. Podeis erigir uma lápide e chorar sobre ela, e colocar-lhe as vossas flores em lembrança; porém, o espírito não se encontra aí.

O espírito encontra-se dentro de vós e ao vosso redor, e é esse amor divino que torna toda a vida possível e cria tudo quanto existe. E acreditem-me, meus amigos que aqui se reúnem hoje, num começo eu espero e oro, e no recôndito do meu ser, eu sei que é a abertura que representa a porta entre o mundo e o espírito e vós. Sejam pacientes e não esperem demasiado tão cedo, e quando eu tiver terminado aquilo que tinha a dizer, tirem as vossas fotografias e depois digam adeus.

Possa a paz e o amor do Espírito estar sempre convosco já que sei que anima todas as acções e pensamentos. Possa a força e a realidade destas coisas possam abrir mais claramente o caminho, de uma forma mais segura para aqueles que buscam verdadeiramente as coisas eternas.

Adeus, meus filhos.

Presentes: "Adeus! Sentimo-nos bastante humildes. Poderemos ter o privilégio de saber to o nome que porventura tenha tido na sua última encarnação?"

Os nomes, minha amiga, nada significam. Á semelhança dos corpos, também eles desaparecem. Com a passagem do tempo o espírito permanece. Mas poderão chamar-me se preferirem, Mateus.

Presente: "Obrigado."

Isso é suficiente. Em si mesmo, os nomes são inúteis; é o espírito que conta, que tem importância.

Presente: "Obrigado, Mateus. Deus o abençoe."

Mickey: "Peço desculpa mas preciso ir. Adeus!"

Presentes: "Adeuzinho Mateus e Mickey! Que preleção formidável. Muito obrigado, Leslie!"

Leslie: "Ah, de nada."

Presentes: "Ah, foi formidável!"

19 SET 1977

A paz esteja convosco.

Voz feminina: Obrigado, meu caro.

Palavras, palavras, palavras. Quão inadequadas as palavras podem ser! Quantas vezes não nos chegamos a vós, queridos filhos que vos encontrais na Terra, numa tentativa de imprimir em vós e de os inspirar e elevar, e as vezes em que não nos esforçamos por lhes transmitir as nossas ideias plasmando-as na vossa língua feita de palavras. Quanto não sentimos com essa intensidade de ser, quanto não desejamos transmitir-lhes as sensações do vosso próprio espírito e quão pobres, com efeito, são as palavras, para retratar e descrever estas coisas, que para nós são as nossas realidades e as nossas vidas.

Mas sempre com consciência do vosso amor, sempre com consciência do desejo que têm das coisas do Espírito, e sempre com consciência de facto da infinita paciência que desenvolvem, que torna possível por intermédio do vosso amor e poder, um caminho para vós e para aqueles que os rodeiam que dão ouvidos à voz do Espírito. Porquanto vós num certo sentido sois portadores do facho num mundo de escuridão. Não deveis sentir, como talvez ocasionalmente possam muito bem sentir, que muito pouco tem sido feito ou conseguido. Percebam que grande parte está a ser feito, do que não têm a menor percepção, por trás dos bastidores, conforme vocês diriam.

Cada um de vós, meus filhos, é importante, e na verdade é de vital importância para nós, e para o trabalho que esperamos e por que nos esforçamos por fazer, por intermédio do vosso amor e do vosso poder. Cada um de vós é vital, cada um é importante. Poderá haver alturas em que porventura podereis sentir que pouco seja efectuado, no entanto muito foi o que já aconteceu. Muita coisa já sucedeu, de valor; não somente para vós, mas estou certo que, pelo menos em parte, tem valor para outros que com efeito possam escutar as gravações das sessões que fizeram quando se conseguiram vir e juntar-se em círculo, o que representa uma grande alegria para nós, uma grande oportunidade, pela qual poderemos ser temporariamente capazes de derrubar as barreiras existentes entre os dois mundos - o vosso e o nosso. Quão delgado é o véu que nos separa! Em

verdade, alturas há em que podem ver claramente o poder e o trabalho do Espírito. Claro que há muitas coisas que não podemos fazer, no entanto esforçámo-nos da mesma forma.

Não antecipamos, e estou certo de que vós não esperarão que tudo suceda de súbito. A paciência e na verdade a perseverança da vossa parte, assim como de facto da nossa, é essencial, mas penso que possamos dizer, de forma justificada, que não (...) no período em que muito foi conseguido, com respeito tão só às fotografias, mas que grandiosas coisas virão relativas a essas no futuro. Além disso a parte visível gerada que sabemos que no devido curso nos faculta uma ligação convosco, desse modo. Mas isso requer paciência e perseverança da vossa parte, mas eu sei que possuem uma grande educação e um enorme sentido de lealdade.

Claro que sabem que podemos (...) e que podemos recordar outros que suportaram até tarde e que por vezes se terão porventura interrogado da razão de isso ter que ser. Mas precisam lembrar-se que nós reunimos as pessoas durante um tempo a ver a possibilidade que têm de desfrutarem do caminho e do entusiasmo.

Percebemos que por vezes as pessoas que vieram para o grupo, não necessariamente do vosso grupo apenas mas de outros como o vosso, mas depois percebemos que não vieram a ser de grande ajuda nem para o círculo, como de facto por vezes – lamento dize-lo – para elas próprias. Não, nós jamais condenamos nenhuma alma humana, mas podemos chegar às nossas próprias conclusões assim como vós chegais às vossas. E se a ocasião, passado um curto espaço de tempo (ou mais longo) acharem que determinada pessoa ou pessoas deixem a desejar ou que não combinem ou não sejam capazes de se ajustarem às condições que antecipamos como uma necessidade, para os resultados por que nos esforçamos por conseguir, então nós próprios por vezes influenciámo-las a partir.

Conforme vos achais agora em posição, apenas vós os seis, quando tiverem (...) e corrigido, eu preferia que deixassem (o grupo) como está, e que não encorajem nem tragam mais nenhuma outra pessoa para o grupo. Permaneçam conforme estão, já que estão numa combinação uns com os outros de amor e harmonia e de verdadeira compreensão; isso é conforme deve ser e como deveria ser, em função do trabalho que temos que fazer.

Voz feminina: Obrigado. Quem é que fala?

Não se preocupem mais com nenhuma outra pessoa ou pessoas que possam esforçar-se, por mera curiosidade, por se juntar.

Voz feminina: Pois, eu agradeço a nota.

Só se for uma pessoa que revele algum tipo de interesse. Não farei mais nenhuma observação com respeito às pessoas para além do facto que seja melhor que permaneçam conforme estão.

Voz feminina: Pois, também penso o mesmo.

Há muito que os conheço e que estou associado convosco, mas vocês também precisam lembrar-se do seguinte: há determinadas almas que estais a começar a conhecer, sobre as quais lhes passaram determinados factos e informação, e há aquelas que de facto vós usais como vossos auxiliares ou amigos ou guias (chamem-lhes o que quiserem). E depois há outros que, por razões diversificadas não se dão a conhecer. O seu trabalho encontra-se em contacto estreito convosco, só que mais no que podereis designar nos bastidores na medida em que não se apresentam, mas que são aqueles que ficam a dirigir nos bastidores. Há muitas almas associadas, algumas que são do vosso conhecimento e outras de quem nada conheceis. Mas todos formamos um grupo de irmãos empenhado em servir a humanidade, por intermédio da vossa mediunidade e poder.

Há muitos séculos do vosso tempo, eu pisei o chão do vosso mundo e estive familiarizado com muita gente de quem vocês ouviram falar e sobre a qual leram. Há muitos séculos do vosso tempo atrás eu escutei a sabedoria do próprio Grande. Não estava nesse período da minha vida completamente seguro ou convencido, por se tratar, num certo sentido de um conhecimento novo, e era para mim algo que não conseguia entender por completo. Mas dei-lhe atenção, e foi essa ideia que tinha na altura que me terá impedido de compreender por completo. Fui criado de uma forma bastante material, e num sentido completamente material. Eu pertencia à fé Judia nesse tempo, e fui por causa do meu parentesco, como actualmente designais, mas eu abrigava uma inquietação na mente com relação a muitas coisas que sucediam. E então surgiu Aquele que chamou a Si mesmo de Messias, que apareceu em cena com uma mensagem do Espírito, e desse modo senti-me atraído para Ele.

Não consegui valorizar ou entender em pleno esse período da minha vida. Suponho que o nosso povo esperara durante um tempo por um salvador que seria de natureza material em vez de espiritual, mas não consegui ver qualquer robustez nesse grupo. E embora não tenha sido responsável pela sua queda material, não fiquei surpreendido quando se deu o que se deu, mas não foi senão até depois da Sua morte, que comecei a pesquisar na minha alma por uma resposta para toda aquela questão.

Ouvi certos rumores, mas não pude acreditar na realidade dessas coisas. Não conseguia pensar que fosse encontrada qualquer verdade nas afirmações que eram feitas de que Ele retornara dos mortos. Suponho que de uma forma estranha, por essa altura da minha existência, eu acreditasse na vida por vir, só que era uma vida

por vir no sentido material. Suponho que tenha sido em comum com muitos do meu tempo e local; nós sempre supuséramos e pensáramos, muito embora tivéssemos esses pensamentos no sentido espiritual, que esse fosse o aspecto material que a vida depois da morte assumiria – um tipo material de existência. Que eu viria a ter um corpo material, e que se eu obedecesse as instruções que sempre tinham existido que tinham, durante gerações do meu povo, existido e formado a base, eu eventualmente voltaria numa forma material.

Eu encontrava-me confuso, e não foi senão até o final da minha existência material que eu aceitei mais em pleno essas coisas que tinha ouvido. Eu ouvira falar de milagres mas nunca testemunhei um. Talvez da parte de um convidando uma testemunha desses milagres que alegasse terem sido feitos por esse homem que se intitulava o Salvador ou o Messias ou Rei dos Judeus. No entanto, a despeito de todas essas coisas, nos últimos dias da minha existência na Terra eu convencera-me de existir grandeza nesse homem e sabedoria nos seus ensinamentos, e comecei a pesquisar na minha alma pela verdade.

De facto, eu fui sempre um buscador da verdade, e achei tê-la encontrado a certa altura, mas então percebi que não era assim, mas esse pensar tardio veio-me a compreensão de que se ascendêssemos aos céus, teríamos que perceber que o nosso reino não tinha lugar na terra, que as nossas posses materiais ou a posição que tínhamos na vida não é importante.

Eu tinha que ver que o poder do próprio Espírito constituía o factor redentor em todas as coisas, e comecei a ver, pela primeira vez, em retrospecto, a magnificência e a simplicidade dessa pessoa grandiosa. Eu achava-me ainda intrigado com respeito a certos aspectos dessas coisas, mas foi uma grande alegria quando chegou a minha vez de descobrir que as instruções que Ele tinha dado eram a simples verdade, e a base de todas as religiões, quer fosse a Judia ou outras, a verdade simples achava-se presente – nós somos seres espirituais enquanto nos encontramos envoltos na matéria - que a morte não podia destruir o espírito, por ele ser eterno. Somente aquilo que é material se pode desvanecer, desaparecer e voltar à Mãe Terra.

Vocês foram abençoados. Eu tinha-me interrogado se o tinham percebido o quão profundamente abençoados vós sois, filhos, para lhes ser dada uma visão do espírito, uma compreensão do poder do Espírito; do que Ele pode realizar, do que pode fazer, de como pode trazer ao vosso mundo se for demonstrado, se for utilizado da forma que está destinado, por poder trazer a salvação ao mundo, e poder unir as pessoas independentemente da classe, cor ou credo.

Vocês têm no vosso poder, ao vosso alcance, uma grande oportunidade. Podeis sentir que sois como um copo de água em meio ao oceano mas isso não importa. É o pouco que vocês fazem que pode crescer. É como uma vela num

compartimento grande; por vezes a vela tremeluz e a chama parece que se vai apagar. Mas a força do vosso amor, e o poder da compreensão que têm da verdade e da fé que têm e do conhecimento, pode manter essa chama a luzir, para que outros a possam ver. Aqueles que crescem em meio às trevas do materialismo vêem essa cintilação da esperança que vocês emitem. Esse é o nosso trabalho; esse é o nosso trabalho, filhos. Tenham boa-fé tenham bom coração. Não pensem nem por um minuto que seja um desperdício de tempo reunir-vos. O poder do Espírito envolve-os; o poder do Espírito manifesta-se ao vosso redor e torna todas as coisas possíveis. Nada é impossível, filhos.

Voz feminina: Obrigado meu caro. Quem é, se faz favor? Quer-nos dar o seu nome?

O meu nome é tal que não lhes diz nada, filha. É um nome tão velho, quase se poderá dizer, como o próprio tempo. Eu fui alguém, no meu próprio tempo, que deteve um lugar e uma posição cimeira. Fui porventura, num certo sentido, uma pessoa cética, mas era como se estivesse a lutar com o meu ser mais recôndito numa busca da verdade. Eu estava como que suspenso em pleno ar, os meus pés mal tocavam o chão e andava de mãos estendidas numa busca de luz, à procura, à procura, à procura. Chamem-me Mateus se preferirem.

Voz feminina: Aaah!

Contudo não está no meu nome mas nas palavras que profiro. Eu sei que vocês não julgam mais do que nós. Nós nunca julgamos um ser humano. Podemos esforçar-nos por aconselhar, por orientar, por instruir, por sugerir e por ajudar por qualquer forma concebível por que possamos auxiliar aquele a quem seja suposto ajudarmos. Mas todo ser humano possui a sua própria liberdade para escolher o próprio caminho, por mais que esse caminho possa ser influenciado por outros. Seja como for, se o espírito for forte no homem, ele poderá triunfar. Tal como de facto eu gradualmente aprendo a triunfar.

Eu fui alguém que ocupou um elevado cargo no meu próprio tempo na medida em que os meus pais foram autorizados a manter essa riqueza e em certa medida a posição, pelos Romanos, por na aparência obedecerem ao poder de Roma. Mas em mim próprio eu era rebelde, só que exteriormente eu parecia aceitar e obedecer aos seus ditames. Morri alguns anos após a passagem desse Grande personagem, morri na minha própria cama, sem sofrer, mas ainda assim, num certo sentido, padeci muito no recôndito do meu próprio ser. Digo-lhes porventura em certa medida, que embora eu próprio não tenha aceitado e tenha, como muitos outros, rejeitado a verdade, mas percebi com muita clareza, quando vim para o mundo que vós designais “do espírito,” que eu fora sujeito a isso com um propósito, como efectivamente por detrás de muitas outras coisas há uma razão, há um propósito.

E precisamos recordar acima de tudo que aprendemos porventura mais através dos nossos erros. Jamais receiem cometer uma asneira, filhos. Por vezes uma asneira pode provocar uma grande comoção e outras vezes desassossego na mente e no corpo. E têm alturas em que acharão ter agido de forma insensata e outras em que... é claro que isso é verdade, mas precisamos recordar que a vida é como aquilo que chamais no vosso mundo um "puzzle". Cada um de vós possui uma parte, e se descobrirem o resto das peças e as juntarem ocasionalmente verão uma peça aqui e outra acolá, e gradualmente começarão a ver a formação da imagem. E gradualmente começam a perceber que cada parte é importante para todas as outras.

Por vezes impõem-se a escuridão, outras vezes faz-se luz, e gradualmente a imagem vai surgindo por entre a luz e a sombra. E embora possam não ver, na terra, o quadro completo, obtêm permissão para ver um pouco, um fragmento por meio dos vossos esforços, e começam a interrogar-se sobre como virá a ser o retrato completo. E talvez só disponham desta fracção do todo e encontrem um grande deleite e se sintam ansiosos por ver o resto, mas parte dele não pode ser, evidentemente, percebido no sentido material. Precisam respeitar o tempo até se encontrarem livres dos aspectos materiais do pensamento e da acção... As mudanças que precisam eclodir, meus filhos, precisam eclodir de forma natural – toda a Vida. Precisam eclodir para que percebam que tudo é lei e ordem, embora a vós pareça caos, no vosso mundo – e de caos se trata, com efeito, por o homem o ter deixado nesse estado.

Mas nas coisas do Espírito não há caos algum. A cada um é dado de acordo com a sua luz, a percepção que tenha tido de determinados aspectos da verdade. Mas a Verdade, meus amigos, é de tal modo vasta, vai tão além da vossa compreensão, que à semelhança de um pequeno diamante, vocês vêem um bocado aqui e um bocado ali, uma pequena cintilação de luz e de esperança. E assim é que gradualmente cada um de vós começa a evoluir e começa a ver o quadro a tornar-se um pouco mais claro, um pouco mais brilhante, a começar a revelar-se um pouco mais ao seu redor, e a verdade começa a dominar nos vossos corações e nas vossas mentes.

Não duvidem nem temam, não abriguem arrependimentos devido a erros cometidos. Claro que haverá alturas em que outros sofrerão talvez inconscientemente por coisas que vocês tenham feito, e vocês sintam arrependimento. Ninguém é perfeito. Toda a humanidade, pela sua própria natureza, a qualquer momento poderá ter cometido asneiras, mas coisa nenhuma está acima de tudo o mais, por cada um de vós ser dependente uns dos outros.

Não existe tal coisa, a despeito da vossa liberdade do livre-arbítrio, e o facto de individualmente vocês serem pessoas dotadas de personalidade e de carácter peculiares a vós próprios, mesmo assim ninguém pode viver para si só. Toda a

gente é parte integrante da outra, independentemente dos antecedentes, do lugar ou da posição que tenha na vida, ou da cor da pele. Vós sois todos o Espírito Universal, e é nessa condição que eventualmente se hão de reunir num todo completo, e o quadro tornar-se-á claro e revelar-se-lhes-á.

Eu, que há tanto tempo tenho estado, o que vocês designam por "morto," venho dizer-lhes que a morte é a entrada para a vida eterna e a iluminação, e que lhes responderá a todas as perguntas que o homem tem colocado a si próprio há tanto tempo. Não existe morte, mas apenas a morte da mente, quando o homem permite à sua alma que assim permaneça – morta. Se mantiverem a vossa mente livre e aberta para acolher o conhecimento e a inspiração, a verdade; se fizerem de vós próprios recipientes voluntariosos do Espírito, sereis enchidos e muitos rejubilarão por vós; muitos beberão dessa "ânfora" que lhes tiver sido dada.

Acreditem em mim, meus filhos, esse vaso do Espírito que agora habitam temporariamente sobre a Terra é um vaso que lhes foi emprestado para que possam perceber as coisas do Espírito enquanto ainda se encontram nesse receptáculo do corpo, e para que possam servir de acordo com o facto da luz lhes tiver sido revelada; que essa luz por conseguinte vá à vossa frente a iluminar-lhes o caminho, o caminho de todos os que vierem ao vosso alcance, ao vosso viver, ao vosso trabalho; por onde quer que seja, deixai que o espírito de toda a verdade resplandeça, que muitos serão abençoados em conformidade.

O meu amor e a minha bênção possam ficar convosco. Adeus.

Grupo: Obrigado, muito obrigado.

SÃO FRANCISCO

**NÃO DUVIDEIS DA NOSSA PRESENÇA,
A TODA A HORA, EM QUALQUER ALTURA.
CHAMEM-NOS SEMPRE QUE PRECISAREM,
E VIREMOS A VÓS. PEÇAM AQUILO QUE QUISEREM DE NÓS E NÓS RESPONDEREMOS AOS VOSSOS PEDIDOS.**

Segunda-feira, 18 de Fevereiro de 1963

Rose Creet: Creio que seja o Francisco de novo.

Flint: É possível.

Francisco: Sou eu, Francisco.

Creet: Ah, sim, Francisco, maravilha.

Francisco: Sem dúvida, minha filha...

Creet: Pois.

Francisco: ...Estás a interrogar-te da razão de eu vir com tanta frequência até ti.

Creet: Estou.

Flint: [Tosse] Caramba. Peço desculpa.

Creet: Eu fico a pensar. Francisco, por me ter sido dito que não vem com tanta frequência à Terra.

Francisco: Eu raramente me manifesto no sentido pessoal. Durante séculos do tempo terreno, é verdade, manifestei o meu amor e o meu poder em benefício da humanidade por todas as formas possíveis. Mas ultimamente, conforme designais no vosso tempo terreno, tenho estado mais próximo da Terra, por sentir que as necessidades da Terra sejam muitas. Possivelmente por esta altura seja maior a necessidade e em consequência, maior é o desejo que tenho de servir. Poderás interrogar-te da razão porque deveria ser atraído em particular aqui...

Creet: Pois.

Francisco: …e talvez te interrogues disso em ti própria em particular. Gostaria, se me for possível, de esclarecer essa situação que surgiu.

Creet: Sim, por favor.

Francisco: Porque na tua mente, não tenho dúvida de que estejas senão perturbada, confusa...

Creet: Sim.

Francisco: ...e cheia de vontade de encontrar uma explicação.

Creet: Sim, se faz favor.

Francisco: Não venho meramente a fim de te transmitir o meu amor, o meu poder e a cura. Eu venho por saber que por intermédio da manifestação dos poderes deste instrumento, posso ser capaz de chegar a muita gente, senão já, daqui a algum tempo.

Eu venho por saber que tens uma fé tal, e uma confiança, e um tal desejo de veres o poder do instrumento que eu uso, ou usei de tal forma que o trabalho do espírito possa ser, consequentemente, fomentado.

Por outras palavras, filha, embora seja inclinação natural minha e o desejo de te ser vir e ajudar, por teu intermédio poderei alcançar muita gente. Porque, através do teu amor e paciência e compreensão, ajudaste a criar uma atmosfera e condição que conduz, não só ao meu retorno por intermédio deste instrumento, mas conduz de tal forma que eu seja capaz de dirigir a palavra a muita gente.

Eu não te tenho que dizer estas coisas que, de certo modo, devem ser evidentes; que tudo por quanto nós, deste lado da vida progredimos, progredimos não só pelos nossos próprios esforços e sacrifícios, progredimos não só por meio de todas as nossas experiências, possivelmente em muitas vidas para além dessa – mas que nos enobrecemos, tornámo-nos espiritualmente sábios, expandimo-nos espiritualmente pelo ministério e os esforços e sacrifícios de outros.

Pois não viveremos todos uns para os outros? Não aprenderemos por meio da partilha das nossas tristezas e experiências? Por essas coisas não aprenderemos e não cresceremos? E quando nos tivermos esquecido de nós pelo verdadeiro serviço, quando nos tivermos, como que tornado um com os outros, então ter-nos-emos verdadeiramente iniciado no caminho da progressão espiritual e não teremos começado, consequentemente, a encontrar-nos?

O instrumento por intermédio de que meu agora falo durante muitos anos serviu a humanidade. Mas existe um campo mais vasto de actividade e uma maior

instigação da parte do espírito no sentido de se soltar a si próprio pelo mundo por meio do instrumento que agora utilizo. Claro que estou bem ciente de que haverão muitos no vosso mundo que, tendo escutado estas coisas, não ficarão convencidos. Como poderia ser de outro modo?

Porque aqueles que se encontram imersos nas condições materiais do vosso mundo, que não conseguem perceber a verdade do espírito que se esforça por irromper através da obscuridade das suas mentes, não conseguem compreender nem apreciar. Hão de apresentar toda a sorte de argumentos como na verdade ao longo da história o homem lançou argumentos contra a verdade e no entanto, a despeito de tudo isso, a verdade prevalece.

Olho para trás para a minha própria existência, que melhor ficou conhecida para a humanidade como Francisco. Lembro-me muito bem de como a minha própria gente se voltou contra mim, porque da primeira vez que alcancei um vislumbre da verdade e permaneci firme na sua defesa, em consequência do que renunciei ao mundo. Mas aqueles a quem eu amara mais, foram os que me compreenderam menos.

Mas sempre foi assim, aqueles que servirem a verdade sofrerão mais. Possivelmente perderão tudo, quanto o mundo pareça poder oferecer. E mesmo na sua busca por um conhecimento e uma verdade superior, e do caminho da sabedoria de Deus, ainda sofrerão enormemente. Porque todos quantos estiverem preparados para seguir em busca da sabedoria de Deus e da vontade e propósito de Deus encontrarão, não amigos mas inimigos.

Encontrarão por entre os povos da Terra grande aflição e grande infelicidade. E grandes serão os fardos que serão chamados a carregar. E quanto maior a iluminação e o conhecimento que possam possuir, mais difícil se deverá tornar ser compreendido e reconhecido. Toda a sorte de argumentos poderão ser erigidos, pelas pessoas do vosso mundo, contra aquilo de que eu falo.

No entanto digo-lhes que todos aqueles que puderem escutar a minha voz, num certo sentido não importa se me aceitem conforme sou pelo nome, mas que aceitem de preferência o espírito em que venho. Que aceitem a mensagem que trago. Que esperem somente que eu lhes traga uma iluminação tal ao coração e pensamento quanta a que me permitirem que lhes dê.

Porque se me fecharem a janela, talvez uma fenda da minha luz perfure as cortinas do vosso aposento e iluminem em parte a escuridão que aí reine. Àqueles de vós que não acreditam diria que se puderem, percebam o propósito da vida, percebam que não são o que parecem superficialmente.

Vós que vos conheceis, ou que pensais conhecer-vos, percebei que sois verdadeiramente um ser espiritual, mesmo que lhes pareça que não sejam, pelas vossas acções e ideias e pelas próprias condições em que vivem e existis. Se me disserem: "Eu não consigo ver," será por vocês só verem aquela parte de vós que é da Terra.

Mas aquilo que vê fundo dentro de vós, aquele cintilar de luz que é do espírito, que se encontra tão reduzido mas que ainda assim cintila; essa parte de vós pode ser levada a iluminar toda a vossa natureza em consequência do que podereis ser assim mudados, para virem verdadeiramente a renascer de novo. Cristo disse: "Para entrarem no reino dos Céus, precisais renascer."

Renascimento: Com que frequência renasce o espírito num novo corpo, lhe é dada a expressão de uma nova vida; homem durante um breve período de tempo. Até que ele aprenda, por intermináveis períodos e incontáveis condições de vida a tornar-se espiritualmente consciente e conhecedor de ter renascido de verdade – não de novo no mundo material da carne, mas renascer num corpo espiritual de graça e beleza, bastante afastado da concepção que o homem terreno tem.

Quando nós que vimos a vós a fim de descrever as coisas do espírito, nos esforçamos apesar de o podemos e fazermos, é difícil. Como poderemos pintar com as cores artificiais do vosso mundo a raridade e beleza e a pureza das cores do mundo espiritual? Não podeis transformar em formas terrenas as coisas que verdadeiramente são do espírito. Mas seja como for esforçámo-nos.

Não vimos apenas para os elevar das trevas por um instante, para os voltarmos a ver lançados de novo nessas trevas. Esforçamo-nos convosco e trabalhamos convosco e jamais cessamos nos nossos trabalhos carinhosos em vosso benefício.

Há aqueles que se iniciaram no caminho da progressão espiritual, e que por uma ou outra razão, voltaram as costas à verdade. Desanimaram e tornaram-se insatisfeitos por alguma razão do seu conhecimento, e muita vez uma razão egoísta. Alguns acham que para chegarem a ter verdadeira consciência da graça espiritual, isso equivalha a demasiado sacrifício, e que muito seja esperado, pelo que se contentam em estar, por assim dizer, apenas pela superfície.

Não têm o vigor, porventura, no seu íntimo para cavar fundo e para descobrirem aquele ouro que se acha profundamente oculto. Tantos de quantos professam estas verdades, conforme vocês sabem, têm apenas um pequeno aspecto dela. Apenas viram uma fracção e não se acham preparados para seguir adiante.

Quando venho ao vosso mundo e vejo os muitos que professam seguir o mestre Jesus, fico triste, por perceber que O não viram, que não chegaram a ver o seu verdadeiro valor – não chegaram a perceber que amá-lo e seguir as suas peugadas coloca neles uma enorme responsabilidade.

E se esperarem a redenção e esperarem em consequência o que vós chamais salvação, não podem esperar encontra-las enquanto permanecerem, conforme tanta vez fazem, materialistas. Cristãos Materialistas há muitos. Cristãos Espirituais há poucos. E ao vir junto a vós falar-vos destas coisas, gostaria que percebessem que no estado iluminado em que me encontro, percebo que todos os profetas e os grandes que carregaram a tocha da iluminação espiritual no seu tempo no vosso mundo, foram todos Cristos – na medida em que serviam a Deus e expressavam, ao seu jeito e modo, o aspecto particular da sua sabedoria.

Pois não é dado a um só homem possuir o conhecimento todo, nem conhecer todas as coisas. Não é dado a um só homem possuir todo o poder e toda a glória. Porque estas coisas de que falamos, as glórias do espírito...

[Ruído de um estrondo alto]

…são em si mesmas de tal modo tremendas, ponderosas, que não há possibilidade na Terra de algum ser humano, independentemente do quão evoluído seja, de ser suficientemente capaz de expressar a milionésima parte da sabedoria e do propósito de Deus.

E assim é que eu e outros como eu, vimos a vós e à nossa pequena maneira nos esforçamos por transpor e por lhes dar e a outros como vós, um vislumbre da verdade. É com se atirássemos um seixo no mar, e logo a partir do centro se formam ondulações que gradualmente se expandem e se propagam ao exterior até se perderem. Vimos transmitir-lhes tanto quanto formos capazes.

Estamos conscientes da imensidão da nossa tarefa, mas se conseguirmos atrair o suficiente a vossa atenção; despertá-los a ponto em que possam ficar verdadeiramente iluminados e tornar-vos num servo de verdade no mais elevado sentido da palavra, então de facto teremos conseguido muito.

O instrumento que uso, conheci eu por muitos nos do vosso tempo terreno, não só nesta presente encarnação mas noutras – como de facto também os conheci a vós, e a muitos outros.

Há quem no vosso mundo não consiga entender a imensidão desta tremenda verdade na qual nós, enquanto irmãos e irmãs seguimos, senão sempre de mão dada, ao longo de muitas existências. Todavia, se as nossas mãos não se

encontram unidas nesta encarnação ou naquela, eventualmente estaremos tão juntos que nos apertamos uns aos outros com cordialidade e amor para connosco.

Poderão haver momentos em que possamos parecer estar afastados. Poderão haver momentos em que pareçamos juntar-nos e depois afastar-nos. Mas eventualmente, quando todas as nossas jornadas estiverem feitas, e todas as experiências que a Terra nos pode dar estiverem ganhas, quando nos tivermos adequado a nós próprios em amor e pelo amor e através do amor, com tal força que fiquemos verdadeiramente juntos enquanto irmãos, quando tivermos arremessado fora os grilhões pela última vez, as prisões terrenas, quando nos virmos pela primeira vez como verdadeiramente somos, então saberemos que as nossas tarefas terrenas estarão terminadas e o nosso trabalho espiritual num plano espiritual terá começado.

Mas em todas estas existências, por vezes sem o percebermos, teremos manifestado a vontade de Deus. Teremos manifestado o poder do Espírito. Teremos crescido uns apoiados nos outros e por meio uns dos outros e, consequentemente, ter-nos-emos tornado parte do completo. Aqueles que conhecerem e a quem amarem, aqueles que tiverem significado muito para vós e ainda o sejam, eles haurem comigo bem perto de vós.

Eles olham por vós e guiam-nos. Trazem-lhes o sopro de vida, eterno, e transmitem-lhes a força que não pode desvanecer-se. Dão-lhes a beleza das esferas e a alegria da eterna juventude e aquilo que é jovem para sempre; a beleza que excede toda a compreensão conhecida – por ser a beleza das esferas, a beleza da vida eterna.

Não há velhice, nada com que se inquietar ou frustrar nos reinos da consciência do espírito – porquanto aqui tudo é perfeito. Mas nesta perfeição do espírito todas as coisas se tornam reais e possíveis. Todas as tristezas do passado são esquecidas e todas as esperanças são realizadas e os sonhos cumpridos. Nos domínios da vida eterna, em verdade habitamos nós em paz, em harmonia e no amor.

E aqueles que tiverem terminado as suas tarefas na Terra, veem pela primeira vez, as realidades da verdadeira vida. E aqueles que sofreram muito, não sofrerão mais, mas alegrar-se-ão com saúde de tipo espiritual, jamais sonhada por aqueles que trilham os caminhos da Terra.

Podia dizer-lhes a vós que escutais a minha voz, muitas coisas. E no devido tempo, sem dúvida, serei capaz de o fazer. Mas não fiquem angustiados se, no vosso presente estado, não conseguirem compreender ou não conseguirem aceitar aquilo que eu dou. Porque pode muito bem suceder que não estejam preparados.

Pode muito bem acontecer, que por razões por que não possam ser culpados, nem sequer desejem saber. Mas escutem e aprendam, se puderem. Mantenham os vossos corações abertos e as vossas mentes. Livrem-se dos grilhões, se puderem, que os prendem e percebam que essas coisas vieram a vós dos reinos do espírito.

Nós que chegamos a essas verdades, não mais nos curvamos aos poderes nem aos principados, a credos nem a dogmas. Nós que vimos a vós encontramo-nos livres de todas as coisas que os prendem. E se, gradualmente, pudermos soltar as cadeias que os prendem, isso será motivo da nossa alegria. Não fiquem angustiados, se ainda não conseguirem aceitar ou acreditar. Eu percebo o dilema e a dificuldade em que se devem encontrar.

Mas digo-lhes a todos; o tempo deve chegar em que começarão a ver a grande verdade a grande realização do amor de Deus, quando começareis a perceber as possibilidades de liberdade, muito além do que conseguem sonhar de momento, em que percebereis que o poder do Espírito, que a determinada altura não achavam ser possível, se tornará consequentemente numa realidade.

Pois que onde existir tal amor como o que é derramado sobre vós dos domínios do Espírito, nada é impossível. Todos os grilhões e cadeias que os prendem poderão ser quebradas. Não se angustiem. Seja em que estado for que possais ver-vos, seja qual for a opressão que os faça baixar a cabeça, seja qual for a carga que carreguem que os torne fracos; saibam que com amor todas as coisas se tornam possíveis.

Se pudermos retirar-lhes, se no-lo permitirem fazer, todos os fardos que carregais, poderemos trazer-lhes uma força renovada, não só de corpo e mente, como de espírito. Podemos dar-lhes o cajado da vida que significa que poderão seguir livres no caminho do progresso rumo à luz. Não duvideis da nossa presença, a toda a hora, em qualquer altura.

Chamem-nos sempre que precisarem, e viremos a vós. Peçam aquilo que quiserem de nós e nós responderemos aos vossos pedidos. Mas lembrem-se sempre, seja o que for que digamos, seja o que for que façamos, é por intermédio do amor e do poder do Espírito Santo que nos concede a capacidade de fazer a vontade do Mais Alto.

Não passamos de servos, tal como vós. Lembrem-se que servir é viver, e que viver é aprender, e aprender é ser livre, e ser livre significa que em verdade o vosso espírito esvoaçará para fora da escuridão, qual ave em voo para o novo mundo, onde tudo é luz. Então descobrirão aquela paz que vem àqueles que buscam a liberdade, que buscam o amor, que buscam a paz.

Tudo quanto damos é com amor e em paz. Possam as bênçãos do Espírito Todo-Poderoso repousar sobre vós. Possam elas descer de tal modo sobre vós que vos sintais revigorados de corpo, mente e espírito a fim de proceder ao seu trabalho por entre os seus com quem vocês são chamados a estar. Servir e ajudar e orientar, fazer a vontade do Mestre, é o seu desejo. Eu assim faço conforme a sua ordem pelos seus filhos. A minha paz e o meu amor fiquem convosco, agora e sempre. Adeus.

Creet: Adeus Francisco. Muitíssimo obrigado. Espero que me venha a ensinar, a todos nós, muito mais, mais tarde.

Flint: [Suspira] Não sei que estrondo foi aquele, sabe?

Creet: Eu não sei o que foi.

Flint: Até me fez dar um santo. Foi um estrondo terrível, não foi?

Creet: Foi. Espero que...o que lhe chama seja correcto.

Flint: O microfone está em ordem e o gravador também.

Creet: Ainda não vou acender a luz.

Flint: Não, não. Pelo amor de Deus, não.

Mickey: Deves contar com algumas coisas extraordinárias em breve Rosie, por aquilo que posso apurar.

Creet: A sério?

Mickey: As coisas estão bem encaminhadas, amor.

Creet: O quê? A sério?

Mickey: Sim.

Creet: O que foi aquilo?

Mickey: O Francisco hoje foi adorável, não foi?

Creet: Ah, se foi. Uma maravilha. Uh, mas Mickey, que estrondo foi aquele?

Mickey: Ah, é o poder a ser usado. Ah! Quem dera que o não fizessem quando estão a falar, mas acho que não perceberam. Mas eles têm que proceder a certas experiências, pelo que não fiquem surpreendidos se virem coisas.

Creet: Ah, não.

Mickey: Creio que até seja uma boa ideia, não sei o que os demais pensarão, se começarmos de novo com a vossa câmara, caso consigam obter alguma coisa na vossa câmara.

Creet: Ah.

Mickey: Por isso, será melhor perguntar aos outros. O melhor é que não me levem a cério, porque aah... Eu tenho cá ideias muito próprias. Mas seja como for, foi maravilhoso esta noite; o poder e as condições. Foi tudo esmagador. De qualquer forma... e a cura que vocês os dois conseguiram, foi… caramba! Só podem sentir-vos como catraios por aí aos saltos.

[Riso]

Mickey: Bom adeuzinho.

Flint: Adeuzinho.

Creet: Adeu querido.

Flint: [Ri]

Creet: Ah, que maravilha! [A rir]

Flint: Queria saber que estrondo foi aquele. Bom, mas ele não se descaiu propriamente, disse?

HARRY ESTEVE PRESO À TERRA

Sessão de Leslie Flint, gravada em 1957

"Você pode estar ligado à terra e ser bastante feliz"

Harry não foi para o mundo do espírito quando faleceu. Ele não acreditava no céu, razão porque ficou na Terra. Harry esteve interessado em divertir-se. Ele observou os amigos, foi a bares e até viajou pelo mundo. Mas ninguém podia

ouvi-lo e ninguém podia vê-lo. Então foi uma existência solitária de espírito preso à Terra. A mãe de Harry começou a aparecer no seu encalce. Eles fizeram uma jornada ousada para o mundo seguinte, e Harry reuniu-se com a sua mãe - e um animal de estimação da família esquecido!

Presentes: George Woods, Betty Greene, Leslie Flint.
Comunicadores: Dr. Charles Marshall, Harry, Mickey.

Marshall: Aqui quem fala é Marshall...

Woods: Ah, doutor... Doutor Marshall. Absolutamente maravilhoso.

Marshall: Boa tarde.

Greene: Boa tarde.

Marshall: Que bom voltar aqui para falar convosco de novo. Muitas almas se encontram aqui, algumas que são obviamente novas em comunicação. Portanto, preciso pedir-lhes que sejam pacientes - mas tenho a certeza de que irão ser com eles, porque eles provavelmente vão achar isto bastante difícil. Mas tenho a certeza de que, quando se ajustarem à comunicação, provarão ser contactos muito interessantes e úteis.

Marshall: Nós sabemos - e quero garanti-lo - que estamos muito conscientes do que vocês desejam e do que precisam, para o trabalho que têm em mente e em mãos. E faremos tudo o que estiver ao nosso alcance nas sessões seguintes para trazer até vós entidades e para as ajudar da melhor maneira possível, a - a - a proporcionar o tipo de coisas que sabemos que são tão importantes e essenciais e que serão úteis e esclarecedoras para aqueles que ouvem as gravações. Assim, faremos o máximo possível. Mas é claro que pode levar algum tempo a que algumas almas se familiarizem com o método de contacto, mas assim que forem bem-sucedidas, tenho certeza de que vocês as acharão mais úteis para todos os envolvidos.

Bom, eu próprio não vou ocupar muito tempo esta manhã, não vou desperdiçar energia. Se houver uma pequena pausa, quero que vocês percebam que é por estarmos a construir e a tornar possível o caminho para estas novas entidades. Mas, seja como for, que Deus os abençoe em tudo que vocês estão a tentar fazer e que fiquem seguros do nosso contínuo interesse por tudo o que vocês estão a tentar fazer pela humanidade...

Harry: Bom dia.

Woods/Greene: Bom dia.

Harry: Esta é uma experiência nova.

Woods: Ah sim?

Harry: Sim. Eu entendo como vocês estiveram bastante ansiosos para conversar com alguns de nós. Mas eu não sou muito bom nisto. Se alguém me tivesse dito que poderia vir falar convosco assim, eu não teria acreditado.

Harry: Estou aqui há alguns anos, sabem. Chamo-me Harry.

Greene: Harry quê?

Harry: Ah, vocês não me conheceriam, meus queridos. Eu não sou uma pessoa famosa, sabem. Nada disso com respeito a mim. Mas eles estavam a pedir-nos se alguns de nós gostariam de vir falar convosco sobre as nossas experiências. Bem, suponho que seja de certa forma natural que vocês gostem de conversar com pessoas que, vocês sabem, como que ‘passaram para o além'.

Harry: Mas, eu também me diverti bastante, de qualquer modo.

Eu fui... eu fui, suponho que vocês chamassem a isso de "estar preso à Terra," sabem, e toda essa coisa, mas eu não fui propriamente infeliz quando estive preso à Terra. Algumas pessoas parecem ter a ideia de que, se uma pessoa está presa à Terra, é infeliz. Isso é muito insensato. Porque podemos estar presos à Terra e ser bastante felizes, caso contrário, não gostaríamos de estar ligados à Terra se nos sentíssemos infelizes, e gostariam de deixar essa condição.

Enfim, eu estive preso à terra. Ah, mas agora não estou, claro, estou a falar há algum tempo. Logo após ter falecido, sabem, que eu...! Eu não conseguia manter-me afastado dos bares. Eu não conseguia afastar-me... bem, de todo tipo de coisa, sabem.

Harry: Mas, passado um tempo, comecei a ver isso como um monte de besteira, andar por aí. Uma perda de tempo, poderiam dizer, sabem. Eu costumava gostar de tomar uma bebida, estão a entender. Suponho que algumas pessoas diriam que foi essa a minha desgraça, mas...

Receio que a ideia de um bocado bem passado fosse no velho pub, e ficar por lá até que eles o jogassem fora! Quando faleci, não conseguia livrar-me do desejo

de ir a bares e tomar uma boa bebida, sabem, e um bate-papo. É claro que o que mais me incomodou foi, quando desfaleci, não conseguia beber nem conversar, em certo sentido. Com os meus velhos companheiros e amigos, e todo o resto. Mas de qualquer modo eu costumava conseguir uma certa satisfação ao andar pelos bares e ver os meus velhos amigos e outras pessoas, escutar as conversas deles e ficar a saber o que estava a acontecer no mundo. Eu costumava obter uma certa satisfação do facto dos outros tomarem uma bebida. Na verdade, hum, de certa forma eu gostava muito - excepto certas noites; eu sentia-me tão estranhamente esquisito que não podia participar da conversa.

Ah, eu costumava dar algumas boas risadas. Por outro lado, quando eu estive na Terra, nunca tive muito dinheiro. Quero dizer, o que eu tinha ia para o pub, mas nunca viajei nem nada parecido. E de repente dei-me conta... bem, se eu posso estar no Rose and Crown [pub] ou eu posso estar onde quiser estar - bem, eu poderia estar em Timbuktu, pensei eu, ou poderia estar na China ou alguma coisa assim. E assim decidi fazer uma viagem ao redor do mundo! Ir a vários lugares e ver diferentes pontos turísticos. E achei isso muito interessante, com toda a franqueza. Eu aprendi um pouco com isso.

Não me fez mal nenhum. Excepto que, passado um tempo, fiquei um pouco... solitário. Andar por aí, inteiramente por nossa conta. Ninguém com quem conversar e observar apenas as outras pessoas a divertir-se ou o que quer que estivessem a fazer. Às vezes eu achava que não era muito satisfatório e pensei como seria bom se eu pudesse, como que afastar-me da Terra. Mas então eu não sabia mais para onde ir. Engraçado.

Quando chego a pensar nisso, quando era criança, costumava ser mandado para a catequese. Costumávamos aprender muitas coisas, sabem, sobre ir para o céu e tudo mais. Eu pensei; bem, tudo isso é um monte de besteira, sabem, e tudo isso - mesmo que eu estivesse, conforme que se diz, ‘morto’!

Quero dizer, eu não me sentia infeliz por estar morto, mas também não me sentia feliz. E eu não conseguia visualizar nenhum tipo de lugar onde houvesse gente a tocar harpa e tudo isso. Quero dizer, isso para mim não servia, caso essa fosse a ideia do céu, se sequer existisse. Então eu pensei que seria melhor ater-me à velha Terra!

Mas no fundo, no meu íntimo, acho que tinha um tipo de desejo de saber mais. Eventualmente, comecei a ter consciência de que alguém me seguia. Aquilo irritou-me deveras, durante um tempo. E eu pensei; quem diabo será?

Eu olhei em volta - não vi ninguém. Eu costumava frequentar bares, conforme lhes disse, e certos lugares. E eu ficava sentado ali a ouvir o que estava a acontecer, a divertir-me muito, de certa forma. De repente, eu tive uma sensação engraçada e irritadiça e pensei; bem, lá está aquilo de novo. Não que eu já tivesse

visto alguém ou tenha tido consciência de alguém, mas sempre senti que estava alguém presente, entendem.

Então um dia eu pensei; bem, eu não sei, vou tentar chegar ao fundo disto. De qualquer forma, eu estava a ficar um pouco insatisfeito de uma maneira e de outra. Então tive a súbita percepção de que talvez fosse verdade. Sabem, que gente de outros... outros espíritos pudessem conseguir estar a entrar em contacto comigo. Tal como eu estava, de certa forma, capaz de entrar em contacto, poder-se-ia dizer, com as pessoas na Terra; não que eles tivessem consciência de mim, mas eu era capaz de as ver e tudo mais.

E então um dia de repente ocorreu-me. Talvez se eu me afastasse daquelas velhas condições e me acalmasse, aquietasse e mentalmente enviasse pensamentos no sentido de alguém vir e ajudar - eu pudesse obter alguma ajuda. Então pensei; bem, eu não iria fazer isso numa taverna, será melhor ir a algum lugar nos campos. Então, eu fui até um pequeno lugar em que eu estivera em criança, um lugar em Suffolk.

Greene: Continue. É muito interessante.

Harry: Eu não os estou a deixar irritados, estou?

Woods/Greene: Ah, não...

Greene: Isso é muito interessante. Continue...

Harry: Enfim, encontrei um lugar onde, quando criança, eu... E de facto, vamos esclarecer isto; quando eu... costumava viver em Londres, entendem, mas quando eu era catraio - ou seja, quando eu estava na Terra, às vezes eu costumava ir visitar uma tia velha da minha mãe que, entendem.

E ela costumava, tipo - durante as férias - animava-me, tipo, sabem, dava-me umas semanas de férias da cidade, entendem? Bem, eu costumava andar por lá e gostava da região e gostava de sentar debaixo das árvores, observar os animais, os pássaros e tudo mais. E havia um lugar favorito que eu tinha quando criança, debaixo de uma árvore. Havia um pequeno rio a correr lá no fundo. Em criança gostava de me sentar lá, como que a sonhar acordado; ah, os montes de coisas em que as crianças pensam, sabem.

Enfim, pensei que seria uma boa ideia, pensei comigo mesmo; se eu voltar àquele lugar em que eu fui criança, quando eu costumava sentar-me debaixo daquela árvore; talvez se esse negócio possibilitar algum ‘contacto,’ algumas dessas almas, se houver pessoas em esferas mais elevadas - ou como quiserem chamar - talvez elas possam entrar em contacto comigo e estender-me uma mão amiga.

Enfim, pensei; não há mal em tentar. E então lé fui àquele lugar e encontrei-o. Exactamente o mesmo local, a mesma árvore. Estava um belo o dia de primavera, lindo e não havia uma alma à vista - isto é, sabem, do vosso lado, tipo - eu estava completamente só. E eu sentei-me lá e fechei os olhos e pensei; bem, aqui vai!

Então eu disse: 'se houver alguém ao meu redor,' como eu acredito como existe - tem havido ultimamente de qualquer maneira, embora eu não o tenha visto, sabem - 'se estiverem a tentar entrar em contacto comigo' disse eu: podem dar-se a conhecer,' porque eu gostaria de ser ajudado, se possível, por me sentir insatisfeito com o modo como estou a seguir a velha rotina e sinto que algo deve ser feito sobre isso, entendem?

Não que eu seja digno de ser salvo, pensei eu. Bem, eu não era, tanto quanto eu podia ver. Eu era um tanto assim e assado, de um jeito ou de outro, mas isso é outra história que eu lhes hei de contar um dia destes.

Seja como for... caramba, é extraordinário como eu estava lá sentado, concentrado, meio que apenas à espera que algo acontecesse - caso pudesse acontecer - e então, de repente, precisamente bem à minha frente, vi um belo espírito.

Claro, pensei comigo próprio inicialmente; isto é apenas imaginação, sabem. Eu pensei; Bem, isso não pode ser, sabem. De qualquer forma, a sério, lá estava bem à minha frente, a figura de um sujeito - eu acho que ele teria uns vinte ou três ou vinte e quatro anos, cabelo loiro, encaracolado, com um belo aspecto a envergar um traje. Bem, era como vocês os veem nos livros de figuras, como George e o dragão, e toda esse contrassenso...

E lá estava aquele tipo parado ali à minha frente, naquele lindo tipo de traje, estão a entender, e ele olha para mim e eu para ele sem que nenhum de nós dissesse uma só palavra, sabem! Eu pensei; bem, isso é uma alucinação, sabem. Eu pensei; não, não pode ser.

De qualquer forma, se houver algo em 'contacto,' como as pessoas que prosseguiram,' elas não voltariam vestidas assim, tão aprumadas. É claro que as pessoas não têm se aprumam assim há séculos, sabem. Eu vi-os em livros ilustrados, livros de história e tudo mais.

De qualquer forma, nunca jamais proferi palavra e ele também não. E, no entanto, de repente, era como se a mente dele tivesse entrado na minha mente - não sei como aconteceu, a sério. Mesmo agora eu não sei. De qualquer forma, eu podia ouvi-lo, de certa forma, dentro de mim, meio que a dizer: 'depende de você

amigo, entende?' Mas ele não colocou as coisas assim, sabem, mas disse: depende de você, amigo. Eu pensei; 'Ah, sim? Depende de mim, o quê?

Então, eu até que senti como se estivesse a ser hipnotizado ou algo assim. Enfim, tudo que eu pude apurar foi que me levantei e que ele gradualmente se afastou. Engraçado isso. Ele gradualmente, como que recuou e fiquei a pensar comigo mesmo, no meu tipo de pensamento; 'idiota. Se ele for muito mais longe, cairás naquela água, vês. Porque havia essa corrente de água ao fundo, como eu lhes disse, entendem. Mas não, ele não fez. Ele desceu ao fundo e lá estava eu, mais ou menos a segui-lo gradualmente, entendem.

Enfim, ele chegou à beira da água e eu pensei; 'aqui vai ele, agora vais-te ver com isso.' Mas não, ele não fez. Foi como se ele atravessasse a água.

Foi engraçado. Não sei por quê, mas naquele mesmo momento, quando estava a acontecer, pensei comigo próprio; bem, lembro-me deles na catequese falarem de Jesus atravessar a água. Mas este tipo não pode ser Jesus, porque Jesus não vestia de armadura. Eu estava um bocado ansioso, digo-lhes, de um jeito e de outro. Eu não sabia se estava a ir ou a voltar, estão a entender.

Enfim, aqui estava ele a ir para trás, estão a ver, e aqui estava eu a segui-lo, tipo, numa espécie de transe. Na verdade eu senti-me um idiota, mas ainda assim... Enfim, pensei; bem, quem não arrisca não petisca. De qualquer forma, não consegui resistir. Eu não poderia voltar atrás... Eu tive que o seguir. É uma sensação engraçada.

De repente: Caramba! Com um raio! Realmente, bem, conseguiu deixar-me assustado, por um minuto. De repente, foi como se alguém me tivesse içado ou algo assim. Aqui estava eu a subir em pleno ar! É claro que ele estava no ar, e tudo o mais. Eu pensei; Ah Cristo, vou fechar os olhos por um bocado. Eu estava num estado de pânico. Enfim, é engraçado, sabem, de repente, parecia que estávamos a pairar a quilómetros de altura.

Tudo parecia ficar cada vez mais distanciado - as chaminés, as casas e as copas das árvores. E de repente parecia que estávamos no céu, e eu pude ver um avião a aproximar-se. Caramba! E era como se estivesse vindo directo de encontro a mim. Eu pensei; com os diabos, espero poder viajar mais rápido que aquilo, sabem. E, no entanto, pensei para comigo próprio, ao mesmo tempo - é engraçado como pensamos em três ou quatro coisas ao mesmo tempo neste negócio, sabem - mas eu pensei; bem, não pode... não pode me tocar de qualquer maneira, por ser suposto que eu esteja morto!

É claro que isso é uma piada dos diabos, por eu não estar morto. Eu sei disso. Apenas as pessoas na Terra acham que estamos mortos. Porque eu ando por aí há meses, a rir e a fazer piada, ao ouvir as conversas - embora eles não tenham consciência da minha presença.

Enfim, voltando à minha história: ali estava eu com aquele camarada, entendem. Era como se... como se estivéssemos a pairar juntos. De alguma forma, de uma forma peculiar, à medida que subíamos, parecia que estávamos a aproximar-nos. Eu não posso explicar isso, mas...

De repente, foi como se... bem, como se... eu não sei como dizer isto... foi como se houvesse um tinido no meu ouvido e eu perdi a consciência. Passei a não se lembrar de nada. Suponho que tenha sido pela grande altitude.

Lembro que, como estava a sentir-me meio a ficar inconsciente, a dizer para mim próprio; é da altitude. Eu tinha ouvido falar do que as pessoas experimentavam em aviões; eles voam muito alto e desmaiam, entendem.

Enfim, tudo isso está me passou pela mente e de repente perdi essa consciência. E então foi... engraçado aquilo. Suponho que era como se eu tivesse voltado de um sono e de repente desse por mim, ao chegar a tomar conhecimento de uma sala muito agradável. Foi muito bom foi. Não é exactamente chique, mas limpo e confortável. Cama agradável, lençóis impecáveis, tudo limpo e impecável, e móveis, muito agradáveis, polidos, limpos e claridade a entrar pela janela. E havia pássaros - quero dizer, eles estavam a cantar lá fora o que me levou a pensar com os meus botões: Onde estou? Eu não consigo entender isto. Eu não conseguia entender nada, e pensei, bem, é o seguinte; deita-te e descontrai. Não adianta entrar em pânico. De repente, abriu-se uma porta.

Caramba! Caramba que eu poderia ser derrubado com uma pena. E essa porta abriu-se e surgiu a minha mãe! Caramba! Não como ela era quando era uma mulher idosa, mas como era quando... quando eu era bem jovem, sabem. Era uma mulher bonita, a minha mãe. Bem, ela aproximou-se e tratou-me pelo nome, e eu simplesmente não conseguia falar, fiquei meio que estarrecido. De qualquer forma, para resumir a história, ela veio e sentou-se ao meu lado e disse-me que estava à minha espera e que há muito tempo que tinha tudo pronto. Mas eu não vinha, entendem. Eu estava meio que obstinado e ela ficou muito preocupada e chateada comigo durante muito tempo.

Ela tinha-me procurado e tentando ajudar-me quando eu estava na Terra. Mas disse que tivera muita dificuldade em aproximar-se de mim, porque eu estar sempre na velha taverna e sair com os rapazes. Eu era um pouco degenerado, de

um jeito ou de outro, francamente, mas no fundo eu não era do tipo ruim, era a bebida, entendem. De qualquer forma, ela disse que tinha estado à minha espera e, finalmente, eu apareci, entendem.

Então eu disse: 'Bem, mãe'... quem é aquele camarada que me trouxe?' Eu disse 'quem é ele?'

E então ela disse-me: 'Bem, chamamos-lhe de George.'

E aí eu disse: 'George? Não te referes àquele a quem eles chamam de 'São Jorge,' não é?

Ela disse, 'Não, não há santos aqui meu rapaz. É o que as pessoas da Terra chamam às pessoas, entendes. Mas para nós ele é apenas George. Ele é uma alma muito boa, uma alma mesmo muito boa, e é muito avançado e muito espiritual. E ele é um homem que desce à Terra, de vez em quando, para ajudar a humanidade por diferentes maneiras.

Claro que ela me contou outras coisas, mas não me recordo de tudo agora. De qualquer forma, ela estava a contar-me coisas sobre... bem, sobre mim próprio. Claro, isso fez-me sentir horrível quando percebi que ela tinha conhecimento do que tinha andado a fazer nesses anos. E senti-me horrível.

Mas ela disse: 'Não te vais querer preocupar com isso, rapaz. Eu sempre soube de tudo. Afinal, aprendemos a compreender e a perceber a fraqueza da natureza humana e, afinal, você não foi um menino muito mau, apenas foste muito tolo. E eu estive à espera que virasses uma nova página, para ver as coisas diferentes, entendes. Aqui estava eu, aqui pacientemente à tua espera. Eu sabia que um dia virias. Mas, eu precisei encontrar alguém capaz de te ajudar. Mas antes que pudessem ajudar-te, tu precisavas ajudar-te a ti próprio. Precisaste andar por diferentes sítios, como fizeste - até que te cansares, entendes... e sentires que querias algo melhor, que querias saber algo mais, entendes?

Então, quando chegou a hora, fomos capazes de te ajudar. E acho que em breve,' disse ela, 'quando tiveres descansado e te acostumado à tua nova casa aqui comigo, serás capaz de ver as coisas de maneira diferente e começar a restabelecer-te e pegar em alguma coisa. que te interesse, estás a entender?'

E então eu disse à minha mãe: 'Ah, a propósito, onde está o pai?'
'Ah', disse ela, 'eu não estou com o pai, entendes.'

Claro que aquilo me deixou abalado! Não que eles sempre tivessem sido um casal ideal nem nada disso. Mas, afinal, eles eram casados, e tudo mais.

E aí eu perguntei: 'Bem, é engraçado, mãe, por que não estás com o pai?'

E então ela respondeu: 'Bem, não vais querer preocupar-te com isso, filho,' disse ela. 'O pai e eu, sabes, seguimos à nossa maneira. Éramos bons amigos, mas não éramos realmente adequados um ao outro. Não éramos, como vocês chamam, um casal ideal, na verdade. Provavelmente, até certo ponto, demos a impressão disso, mas não éramos realmente adequados. Eu não estou com o pai.'

Claro que aquilo me abalou um pouco. Eu pensei; bem, se há algo nesta brincadeira sobre a vida após a morte, e 'de continuar' e tudo o mais, pensei; estamos fadados a ficar com o marido, esse tipo de coisa. Mas ela disse: 'Ah, não, estamos apenas com as pessoas por quem realmente sentimos afinidade,' foi o que ela disse, sabem; com aqueles com quem realmente estamos bem, entendem.

Claro que tudo aquilo soou um tanto intrigante. E então, surpresa das surpresas, eu tive um bom abalo, a sério. Bem, de repente, algo caiu na cama, veja. Então olhei para baixo e havia ali um gato - e lembrei-me daquele gato, essa foi a parte engraçada da coisa. Porque quando eu era catraio, costumava puxar o rabo do bicho, sabem. Eu costumava brincar com aquele gato, entendem, mas a mãe sempre me repreendia, em catraio. Ela disse: precisas deixar esse gato em paz e ser gentil com os animais, entendes?'

Bem, eu nunca me considerei cruel, mas costumava pregar uma partida, entendem.

E lá estava aquele gato sentado no fundo da cama. O velho Sammie conforme costumávamos chamar-lhe.

'Caramba!' Disse eu: 'Mãe, como é que tens o Sam aqui?'

'Oh,' disse ela, 'bem, eu gostava muito do Sammie, quando estava na Terra. E sabes, costumavas ser travesso e costumavas provocar aquele gato e chatear-me.'

E aí eu disse: 'Bem, eu não quero provocá-lo nem nada disso, mas é engraçado que ele salte para a minha cama. Porque quando eu estava na Terra, ele sempre corria como o diabo quando eu entrava na sala, estás a ver.'

'Ah', disse ela, 'bem, o gato tem intuição, veja - bem, chamas a isso de intuição - e percebe que tu mudaste. É por isso que estás aqui. Caso contrário, se não tivesses mudado, não estarias aqui e, nesse caso, tenho certeza de que o gato

não pularia para a cama nem viria na tua direcção, se não tivesses mudado. O gato sabe que mudaste, eu sei que mudaste e acho que também estás a começar a perceber - disse ela - que mudaste.

E aí eu pensei; Ah, céus. Eu não sei, eles parecem saber tudo por aqui. Leva-nos a sentir engraçados saber que as pessoas sabem tudo o que pensamos e fazemos, e assim por diante.

Enfim, fiquei muito feliz e não fazia intenção de puxar o rabo do velho gato. Por que deveria eu fazer isso? Eles disseram-me que eu tinha mudado, pelo que presumi que tinha mudado. Engraçado, quando mudamos, de certa forma sabe que mudou, sabem. As pessoas notam uma mudança em nós mas a princípio nem sempre temos consciência disso. Suponho que essas coisas acontecem tão lentamente, mas leva tempo a familiarizar-nos.

Bem, eu tenho todo o tipo de coisas que preciso contar-te. Eu não os estou a deixar entediandos, estou?

Woods: Não, é muito interessante.

Seja como for, hum, a minha mãe me disse-me: ‘Tens fome, filho?'
Aquilo pareceu-me um pouco estranho. Eu pensei; bem, aqui estou eu, deveria estar no céu, e ela pergunta-me se estou com fome, entendem.

E pensei com os meus botões; bem, estou com fome ou não? E pensei; bem, não sei. Eu não acho que esteja com muita fome, e ainda assim a ideia de comer não é má.

Então ela disse: 'Bem, se quiseres comer algo, podes comer.'

Então eu disse: 'Bem, mãe, eu não sei, vocês comem por aqui?'

Ela disse: 'Sim, se quiseres, estás a entender...'

Harry: Que isso? O que é isso?

Greene: É no gravador...

Harry: Ah.

Greene: É o seu gravador, George, ou o meu?

Woods: É o meu.

Vamos lá, Harry...

Mickey: Eu acho que a perturbação rompeu o contacto.

Greene: Sinto muito, Mickey.

Greene: É adorável, não é?

Woods: É.

Woods: Muito interessante. [Ininteligível]... Vamos lá Harry.

Marshall: O Harry há de continuar, da próxima. Acho que a mudança na vibração, o efeito do gravador a esgotar a fita, o ruído e a perturbação parecem ter rompido o contacto.

Woods: Que pena... [Ininteligível]

Marshall: Acho que descobrirão que o Harry lhes poderá contar muita coisa.

Woods: Pois.

Marshall: Ele não está, de certo modo, muito avançado. Por isso, não quero dizer que ele seja uma alma má...

Greene: Não.

Marshall: ...mas ele está apenas a começar a estabelecer-se de modo a encontrar o seu caminho.

Woods: Pois.

Marshall: Mas nós pensamos que a história dele pudesse ser interessante...

Woods/Greene: Sim...

Marshall: ...e ele é cá um personagem; até certo ponto, não se afastou da Terra. Por outras palavras, ele pode, até certo ponto, penetrar nas condições da Terra e transferir os seus pensamentos para vós provavelmente muito bem, à sua maneira. E nós pensamos que pudesse ter interesse para as pessoas, ouvir alguém como o Harry, iluminá-las e ajudá-las a perceber que no nosso mundo existe todo o tipo de gente, obviamente. E existem muitas esferas e planos e algumas almas

que estão ligadas à Terra podem contar-lhes uma história muito interessante.

E eu sei que Harry o fará, por a dele ser uma história interessante. Ele contou-lhes apenas um pouco, mas se você o encorajarem, ele dir-lhes-á bastante sobre as experiências por que passou nas esferas mais baixas. Eu acho que vocês acharão isso útil, acho que será do vosso interesse.

Woods: Pois...

Marshall: Mas receio que o distúrbio tenha quebrado o contacto.

Woods: Sinto muito por isso.

Marshall: Não se preocupe. Foi lamentável. Se fosse a vocês, deviam concentrar-se num gravador, não em dois.

Woods: Pois. Passaremos a ter apenas um...

Marshall: Receio ter que me ir...

Woods: Pois.

Marshall: Adeus

Greene: Bye-bye Dr. Marshall.

Woods: Muito obrigado...

Mickey: Tchau.

Greene: Adeus, Mickey.

Woods: Adeus Mickey.

Greene: Muito obrigado.

Mickey: Eu gosto do Harry, ele é um bom tipo.

MR BIGGS

Gravado: 1966

"Se eu vou ter um funeral, eu deveria estar lá!"

Depois que ele morreu, o Sr. Biggs ficou de pé sobre o próprio corpo, espantado. Ele tentou confortá-lo, mas ela não podia vê-lo. Então ele viu seu corpo ser levado embora. Biggs não sabia o que fazer e ext. Então sua mãe apareceu e ela o guiou para um mundo totalmente novo de experiências ... onde ele conheceu velhos amigos e familiares que haviam morrido e onde ele ainda poderia tomar um bule de chá, se quisesse. Mas Biggs insistiu em voltar a assistir ao seu próprio funeral - e ele não escondeu seus sentimentos quando não era o que ele pagava!

Comunicadores: Sr. Biggs, Mickey.

Presente: Betty Greene, George Woods, Leslie Flint.

Biggs: Sra. Greene ...

Greene: Sim.

Biggs: Sim, está certo. Ouvi muito sobre você, de um jeito e de outro.

Greene: Ah sim?

Biggs: Sim ... sobre o trabalho que você faz, tudo, você sabe. É muito interessante.

Woods: Sim, muito gentil da sua parte por ter vindo, amigo. Você está aí, amigo?

Flint: Você está gravando isso?

Greene: [ininteligível]

Flint: Perdão? Eu disse, você está gravando?

Greene: Sim.

Flint: [cheirando]

Greene: [ininteligível]

Biggs: [ininteligível]

Woods: Sim?

Greene: Obrigado amigo…

Biggs: Sim, está certo ...

Woods: Sim?

Biggs: Ah, sim, ouvi várias pessoas sobre você aqui ...

Greene: Sério?

Biggs: ... e a sra. Greene também.

Greene: Sim?

Biggs: Você faz o que chama isso, hum, gravação de fita, não é? Greene: Sim.

Woods: Isso mesmo.

Biggs: Você toca para ... é para as pessoas ouvirem, para que eles saibam algo sobre o que acontece.

Woods: Sim, está certo.

Greene: Você pode nos falar, amigo?

Biggs: Eu? Oh querida, oh querida. Eu não sou o tipo de pessoa que poderia lhe dar uma espécie de conversa como algumas pessoas aqui. Quero dizer, não estou conversando, conversando com esse tipo de coisa, você sabe. Greene: Não pode ... você não pode nos dizer por que faleceu, sabe e por que se sentiu ...

Biggs: Ah, eu morri. Greene: Ah, eu sei .. [risos]

Flint: [risos]

Greene: Mas você pode nos contar como se encontrou, suas reações ao se encontrar ...

Biggs: Oh, eu estava ... eu estava sentado na minha cadeira, eu estava sentado na minha cadeira, você sabe, e eu estava lendo o jornal, que acabara de chegar, você sabe ... Greene: Mmm ...

Biggs: ... e eu me senti meio estranho, tipo, você sabe. E eu pensei; bem, isso é engraçado. Tirei minhas especificações *, você as colocou na mesa e tudo mais. Vou ficar quieto por um minuto, vai passar, você sabe.

** óculos = óculos / óculos*

Mas a próxima coisa que eu sabia era que estava sentado lá, mas não estava lá. Eu não estava. Eu estava meio que de pé - assim me pareceu - de pé ao lado da cadeira, olhando para mim mesma. Havia o jornal sobre a mesa e meus óculos e pensei; isso é estranho, muito estranho, você sabe. Eu não conseguia entender nada disso.

** faça cabeça nem rabo = faça algum sentido*

E então eu estava consciente do fato de que havia alguém batendo na porta. Não sei como, mas foi engraçado. Eu estava lá, meio que, olhando para mim mesma sentada na cadeira e, no entanto, era como se eu pudesse ouvir isso batendo na porta. E ao mesmo tempo, quase ao minuto segundo, pude ver quem estava batendo na porta, mas eu ainda estava de pé na sala. E foi minha irmã. E ela morou algumas portas na estrada, você sabe.

Eu pensei: oh querido, o que eu vou fazer? Não consigo abrir a porta. Eu acho que, de qualquer forma, é ... você sabe que eu estava em pânico. De qualquer forma, essa batida continuou e eu estava meio que ficando todo perturbado, tipo, você sabe; pensando que eu estava, tipo, sonhando ou algo assim. E eu esperava acordar e abrir a porta da minha irmã, mas nada aconteceu.

E então, eu podia vê-la, desceu o caminho. Ela estava parecendo chateada e agitada, e eu pensei; bem, eu não sei, o que eu faço, você sabe? E, de qualquer forma, o que deve ter sido apenas alguns minutos, ela voltou com um policial. - Oh, querida, por que ela queria chamar um policial?

E de repente me ocorreu; é claro, ela não conseguiu entrar, talvez estivesse chateada ou preocupada comigo. E, no entanto, pensei: não há nada que eu possa fazer sobre isso. Então, eu meio que fiquei parado ao meu lado - parece bobo quando você diz isso - e pensei; bem, eu não sei, se ela entrar e me ver caído naquela cadeira assim, provavelmente ficará assustada. Eu devo tentar me acordar, você vê.

Então, eu me sacodei como um louco, veja, mas nada aconteceu e eu pude ver que eu estava em muito bom estado, você sabe. E eu pensei; bem, eu não sei, o que eu vou fazer? Isso é muito peculiar. De qualquer forma, eventualmente, o policial entrou na janela e ele entrou na sala - e eu o reconheci . Eu já o tinha visto muitas vezes na batida * você sabe.

** na batida = patrulhando um distrito.*

Houve ... bem, um tempo antes ... eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Enfim, ele me sacudiu. Ele pensou que eu estava dormindo, o mesmo que eu. Nada. Nada aconteceu. Ele nem percebeu que eu estava morta. E ele abriu a porta, é claro, e minha irmã entrou. Ela estava em um estado adequado, eu lhe digo. É claro que só restava minha irmã naquela época; Maio...

Enfim, eles procuraram o médico, é claro, o velho doutor Foskett *. Ele veio, você sabe, mas ele não era bom de qualquer maneira. Quero dizer, ele não poderia fazer nada por mim. Quero dizer, era óbvio então. Eu percebi -me que eu tinha *.

** Eu tinha = era tarde demais.*

Mas eu estava tentando, mais ou menos, acalmar minha irmã, ela não me notou. E eu me levantei e coloquei minha mão no ombro dela e tentei lhe dizer que eu estava bem, não era eu que estava lá, que estava de pé ao lado dela. Mas ela obviamente não parecia gostar de nada *, o fato de que era eu mesmo, você sabe. Ela apenas ficou sentada lá e ... em um estado adequado em que estava.

** algodão = realizar*

De qualquer forma, então, uh, th . .. th. .. th. ..o médico, ele foi, e então eles vieram e eles levaram meu corpo, você vê. Eles me derrubaram como um velho saco de batatas. Eu pensei; bem, não vou depois disso, vou ficar aqui em minha casa. Eu poderia muito bem sentar na minha cadeira agora que está vazia. Então eu sentei lá e tentei pensar em tudo. Enfim, minha irmã, a essa altura, ela tinha saído e eu estava sozinha em casa novamente.

De repente, foi como se a lareira desaparecesse - é a única maneira de colocá-la - e ali, onde estava a lareira, era como se a parede tivesse desaparecido e eu pudesse ver belos campos e árvores verdes e um pouco, mais ou menos ... bem, eu não diria que era um rio, era mais como um pequeno riacho.

Greene: Sim ...

Biggs: E eu pude ver algo ... algo - no começo eu não sabia o que era - vindo na minha direção à distância. E eu entendi, era uma figura. Foi minha mãe.

Querido, oh querido. E ela olhou, ooh, como eu a tinha visto na foto - que eu ainda estava na sala pendurada na parede - na verdade - minha mãe quando ela se casou. Ela veio direto para o que era, a lareira, na minha direção e ela estava sorrindo por todo o rosto e estava feliz como um garoto de areia *.

** feliz como um garoto de areia = feliz / satisfeito.*

Ela diz: 'Vamos lá', ela diz, 'você não quer ficar aqui. Não é bom você estar aqui. Ninguém vai te dar atenção. Pode não perceber , você sabe. Você terá que vir e ficar comigo, entende? Então eu digo: 'Bem, eu não sei, eu não entendo ... Ela diz:' Você sabe, está tudo acabado agora, você já teve, você sabe. Você está morto, você vê. Você não quer parar por aqui, afundado naquela velha cadeira nesta sala ', diz ela. Ela diz: ' Que velha picada certa * você viveu ...' você sabe.

** um pickle velho certo = situação conturbada*

Ela começou a me contar sobre o jeito que eu me deixei ir e ... embora eu suponha que, ao longo dos anos, eu tenha vivido sozinha. Meu cachorro velho havia morrido em algum momento anterior, e eu não tinha coragem de comprar outro, porque sabia muito bem que não viveria o suficiente para vê-lo e não seria justo com os pobres. animal, como.

Então ela diz: 'Você pode vir comigo, eu tenho Mick'. Então eu digo: 'Mick?' Esse era meu outro cachorro, você vê. Ela diz: 'Mick, sim', ela diz. - Estamos cuidando do velho Mick por você. Então eu disse: 'Ah, eu adoraria ver o velho Mick', eu disse: 'Muitas são as vezes que me sentei aqui', eu disse, 'e vi que o velho Mick esteve lá'. Ele costumava vir até mim, você sabe, e colocar a cabeça no meu joelho, tanto quanto dizer: 'vamos lá, é hora de sairmos mestre'.

Oh, ele era um velho querido e meu único companheiro. Minha irmã, ela apareceu e foi boa em seu caminho, mas ... oh, eu não sei. Enfim, eu nunca me dei bem * com ela, sempre tivemos brigas. Às vezes eu gostaria que ela não viesse. Suponho que ela estava certa de certa forma, eu me deixei ir.

** acerte = se dê bem*

Enfim, eu fui com minha mãe, e foi engraçado, passar por isso, o que tinha sido, minha lareira, hein, e para esse adorável tipo de campo. E de qualquer maneira, enquanto estávamos andando, e minha mãe, bem, ela estava se afastando * para mim.

** falando longe = falando muito*

Me dizendo todo o tipo de coisa que ela era, oh meu Deus, sobre meu pai, oh, então eu disse a ela, eu disse, bem, eu disse: 'como está o pai?'

Então ela disse: 'oh, eu o vejo, mas', ela diz, 'eu não estou com ele, você sabe. Claro, você sabe que estávamos separados. Claro que eu sabia tudo sobre isso. Eu sabia que eles nunca se davam muito bem.
Então ela diz: 'Bem, eu o vejo, mas não estamos juntos'. Ela diz: 'Eu moro com meu próprio povo ...'

Essa é a mãe dela, você vê. Essa foi minha avó, você vê. '... e também Florrie'

Bem, Florrie era sua irmã favorita que morreu muitos anos atrás, oh, quando eu era garoto.

Ela diz: 'Florrie e eu', ela diz, 'nós éramos, como, ervilhas em uma vagem, você sabe - o mesmo em todos os sentidos, você sabe. Você sabe como fiquei chateada quando ela morreu.

Eu disse: 'Oh, eu me lembro vagamente disso, quando você estava ... eu era apenas uma pinça * naquela época'.

** uma pinça = uma criança*

Então ela diz: 'Oh, bem, eu conheci Florrie e nos damos, e fazemos trabalho no hospital'.

Eu digo: 'O que?'

Então ela diz: 'Trabalhamos no hospital'.

Eu digo: 'Hospitais? Não tenha hospitais se estiver morto. Você não precisa ir ... sem dores, sem dores e você está morto. Para que você quer hospitais?

'Oh', ela diz, 'bem, eles não são hospitais da mesma maneira que você conhece os hospitais, mas são necessários para certos tipos de pessoas que são mentalmente, meio desestabilizadas e precisam de orientação e ajuda.' Ela diz: 'É um trabalho interessante e estou feliz por fazê-lo. Enfim, ela diz, também tenho muito a ver com os jovens. Porque você conhece seu irmão Art? Eu frequentemente o vejo. Estamos muito perto.

'Arte?' Eu digo: 'Não me lembro de ter um irmão Art.' Ela diz: 'Oh não', ela diz, 'você não se lembraria. É claro que ele morreu, oh, na infância antes de você nascer. 'Oh', eu disse, 'eu me lembro vagamente de algo sobre isso, mas ...' 'Oh sim', ela diz, 'ele morreu quando bebê, mas cresceu.'

Eu disse: 'Não sei, não faz sentido para mim'.

Então ela diz: 'Ah, muitas coisas não farão sentido para você', diz ela, 'até que você esteja aqui por um tempo. E então você terá o hábito de entender ', diz ela. 'Essas coisas de repente não acontecem com você. Você tem que ser paciente.'

Então eu digo: 'Bem, e as minhas coisas em casa?' Eu disse: 'O que vai acontecer sobre isso?' Ela disse: 'Olha', ela diz, 'não comece a se preocupar com isso'. Ela diz: "De qualquer forma, muito disso", diz ela, "não foi muito bom, foi?" Então eu disse: 'Eu não sei; pode não ser bom para você - falei -, mas foi para mim. Afinal ... ' Então ela diz:' Olha ', ela diz,' não pense nessas coisas. ' E ela diz: 'tente tirar sua mente disso'.

Então eu digo: 'Bem, se eu vou ter um funeral, eu deveria estar lá'. Ela riu. Ela diz: 'Você sempre foi de brincadeira'. Então eu digo: 'Bem, eu gostaria de dar uma olhada e ver o que está acontecendo'. Então ela diz: 'Oh, bem, nós ... não falamos sobre isso agora'. Ela diz: 'Veremos'.

Então eu disse ... Eu disse 'eu gostaria de ver quem aparece'. Eu disse: 'Não que existam muitos, suponho. B ut há meu velho amigo Alfie ...' Então ela disse, 'Oh esquecê-lo', você sabe. Ela estava falando comigo. O engraçado é que eu digo que ela estava falando, era como se estivesse falando, mas não estava abrindo a boca. E de repente me ocorreu que eu podia ouvi-la falando comigo, mas ela não estava dizendo nada; isto é, como ela não estava falando.

Então eu parei ainda, e ela estava, 'vamos lá ...' Então eu digo: 'Mas eu não entendo. Você está falando comigo e ainda assim sua boca não está se mexendo. É como um tipo de coisa ventríloquo - eu digo. "Engraçado, não é?" Então ela diz: 'Oh, você logo aprenderá aqui a falar com seus pensamentos. E, 'ela diz', afinal, ela diz, 'você está recebendo o que estou dizendo, você está ouvindo, não está?' Então

eu digo: 'Sim', eu digo, 'mas você não está realmente falando. Pelo menos, não parece que você é. Então ela diz: 'Oh, você vai conseguir isso eventualmente. Vamos.' Ela diz: 'Vamos lá, não deixe isso te preocupar', ela diz. "Você entenderá muitas coisas em breve *", você sabe. Eu pensei, eu não sei ... realmente intrigado, você sabe que eu estava.

** logo = eventualmente*

Então chegamos a uma ponte. Engraçado sobre esta ponte. E quando estávamos atravessando essa ponte, digo para mim mesma (e não sabia que ela podia me ouvir quando eu dizia isso para mim mesma, mas ela obviamente podia, porque eu não falava em voz alta); 'Oh, esta ponte ... eu conheço esta ponte. Esta é a ponte que costumava estar em um pequeno lugar onde nós ... quando eu ... éramos beliscões, você sabe - quando éramos crianças. Ela diz: 'Está certo'. Eu digo: 'Bem, isso é engraçado', eu digo. "Como é que isso acontece aqui?" Eu digo: 'Se eu estou morto, como é isso? O lugar que eu lembro costumava ficar perto da antiga vila, onde estávamos. Então ela diz: 'Oh, bem', ela diz, 'você entenderá'. Ela diz, 'aqui', ela diz, 'nós temos uma espécie de ...' um ... uh 'réplica', ela chamou 'de tudo, praticamente, você sabe.'

E ela diz: 'Estou levando você aqui', diz ela, 'porque traz de volta lembranças felizes e ajuda. E você se lembra da pequena vila e das pessoas, e tudo isso? Eu digo 'sim'. Então ela diz: 'Bem, está aqui'. Então eu digo: 'Bem, como pode estar aqui?' Eu digo. - Foi em Buckinghamshire anos atrás. Faz 60, 70 anos atrás. Então ela diz: 'Está certo', ela diz, 'mas isso é ... é o mesmo, mas não é o mesmo de certa forma', ela diz, 'mas será tão real para você quanto aquele lugar era quando você era um beliscão. Então eu disse: 'Eu não entendo isso. Eu desisto 'você sabe, eu digo' bem ... '. Ela diz: ' Você vai, você vai menino. Não se preocupe.' Então ela diz: 'Vamos para casa de maio'. Eu digo: 'Quem?' Ela diz: 'Maio'. Eu disse: 'Ela morreu anos atrás'. Ela disse: 'Claro que sim! Eu também, você esqueceu? Então eu disse: 'Oh, caramba, não. Não sabia o que estava dizendo metade do tempo maldito . [Ela diz:] 'Vamos ver maio.'

'[Mas] não faz sentido.' Ela diz: 'Nada fará sentido para você no início', ela diz, 'até você começar a aprender um pouco. Mas May sempre foi feliz na vila. Ela sempre gostou da casinha que ela tinha. Você sabe, aquela casinha que ela tinha no fim da fila? Eu disse: 'Ah, eu lembro disso'. Então ela diz: 'Oh, bem, você verá por si mesmo'.

E era como se eu estivesse voltando ao passado. Havia aquela mesma casinha, uma das quatro, no final. A pequena e pequena parede de tijolos na frente, o pequeno jardim em que meu tio costumava se orgulhar, você sabe. Oh, foi legal. Todos os hollyhocks e as flores, tudo como ele sempre gostou. E lá estava ele ... e

minha tia, parada na porta ... e quando nós meio que chegamos perto, eles desceram até o portão; o mesmo portão que eu sempre lembro. Lembro-me de uma vez que me escondi bem naquele maldito portão, porque eu o girei e puxei as dobradiças!

Enfim, lá estava ele. Mas, oh, ele parecia diferente. Em vez de ... ele sempre foi um homem alto, mas ficou muito velho e inclinado. Mas lá estava ele, alto e reto como uma flecha, jovem e de aparência nova. Oh, ele parecia maravilhoso demais. Assim fez ela . E lá estavam eles. Bem, eles me fizeram tanto barulho, me levaram para dentro e me sentaram. E tudo estava em boas condições *, limpo e fresco.

** spick and span = limpo e arrumado*

E era como se fosse um dia de verão - e isso de repente me lembrou ... pensei; bem, eu não sei, não sinto o calor de um dia de verão e, no entanto, é como um dia de verão. E não vejo sol, ainda há essa luz adorável. E eu conversei sobre isso e eles disseram: 'Oh, bem', eles disseram: 'Bem, é claro, não temos excesso de calor ou frio e é sempre suave e agradável e a luz é sempre, você sabe, muito agradável.'

Então eles disseram: 'Gostaria de uma xícara de chá?'

É claro que isso me surpreendeu *.

** me chocou = me esmagou*

Eu disse: 'Não venha com essa brincadeira', eu disse: ' Se eu estiver morto, não comece a me dizer que você pode começar a fazer bules de chá!' Então minha tia diz ... ela riu, ela disse: 'Olha, você vai entender', ela disse, 'como sua mãe, sem dúvida, tentou lhe dizer, que quando você vem aqui pela primeira vez, tudo fica muito parecido, então que você será feliz e familiar e, se quiser algo assim, poderá obtê-lo. [Mas] você logo perceberá que essas coisas não são necessárias, mas se você quiser uma xícara de chá, ainda pode tomar uma xícara de chá. '

Então eu digo: 'Bem, eu nunca tomei chá ... você sabe, mais ou menos ... Eu nunca pensei que fosse possível você tomar chá quando estivesse morto.
Então ela diz: 'Oh, bem, eu vou buscá-lo'.

Então ela saiu pelas costas segurando este bule de chá. E o engraçado ...

Rir? Eu tive que rir quando penso nisso.

Era o mesmo bule de chá que eu sempre lembro; uma coisa velha e marrom que ela tivera há anos, com a bica quebrada e então ela usava a mesma capa velha de que sempre gostava; uma que ela havia tricotado anos atrás.

Engraçado que eu deveria me lembrar desse bule de chá, porque há tantas outras coisas que devemos lembrar, suponho, mas de alguma forma esse bule sempre ficava na minha mente. E aquela coisa de boneca que ela tinha em cima!

Então eu ri, eu disse: 'Não me diga que você conseguiu, você não trouxe isso com você quando ficou fora?'

Ela diz: 'Não', ela diz, 'mas fiquei tão surpreso quanto você ao descobrir que estava aqui'. Ela diz: 'Evidentemente, qualquer coisa que realmente signifique muito para você, se vale a pena ter, se é importante para você, você pode ter - pelo menos enquanto pensa sobre isso. E se você parar de pensar sobre isso e parar de pensar que é necessário, ele não existe mais para você. Mas isso só existe hoje porque você veio e porque estava pensando no passado, e talvez pensando no passado quando costumava vir às vezes nos ver e costumávamos fazer uma xícara de chá. Lembre-se de que a bandeja ... de que a bandeja de lata velha que tinha-lhes fotos deles flores on?'

... E lá estava, da mesma forma.

Eu disse: 'mas você quer dizer que tem todas essas coisas?'
Então ela diz: 'Somente enquanto pensamos sobre isso. E desde que você veio, pensamos nisso e pensamos em deixá-lo confortável e em casa, então conseguimos. Mas, assim que pararmos de pensar que é importante ... não será ... não precisamos mais disso .
Então eu disse: 'Eu não sei, eu simplesmente não entendo isso'.

Então, depois de um tempo, ela disse: 'vamos dar uma volta?' Eu disse tudo bem. Onde nós devemos ir?' E meu tio diz: 'Bem, vamos ver a velha ... velha Mabel.'

Agora isso me fez rir porque a velha Mabel estava ... bem, eles costumavam dizer que ela estava brava, você sabe, ela não estava lá. Então eu disse: 'Não me diga que ela está aqui também?' Então eu disse: 'Ela ainda é tão idiota?' Ele diz: 'Você não deveria dizer isso. O engraçado é que ela era a mais sensata da vila. Eu disse não. Afaste-se - eu disse -, todo mundo sabia que ela estava um pouco na curva *. Então ele disse: 'Você vai ver por si mesmo'.

** em volta da curva = louco*

Então saímos e fomos ver essa mulher, você sabe, Mabel. Oh meu Deus, ela era um caso, ela era ...

Greene: Vá amigo, é muito interessante.

Woods: Continue, é muito interessante.

Biggs: Bem, ela viveu ... viveu por anos, você sabe, sozinha. Sua mãe havia morrido, oh, muitos anos antes. E, hum, todo mundo fez um pouco de bunda * da velha Mabel, você sabe. Ela estava um pouco na curva.

*uma bunda * = vítima de uma piada*

E ela tinha um tipo de atitude engraçada sobre religião, ela tinha. Ela costumava ir à igreja religiosamente. Mas você sabe, o engraçado é que, embora eles não pudessem impedi-la de ir à igreja, naturalmente e, de fato, o velho pároco de lá; ele era um bom sujeito velho, você sabe; muito compreensiva, mas a velha Mabel, costumava se incomodar naquela igreja. E ela era, hum, sempre, hum ... bem, você nunca sabia o que ela ia fazer.

Como em uma ocasião em que o pastor estava no púlpito, de repente ela se levantou, você sabe, e gritou: 'Eu posso te ver', ela diz, 'eu posso te ver'. Claro, bem, você pode imaginar como era a congregação e tudo isso. Então, eu não sei bem o que aconteceu; Ouvi isso da minha mãe anos ... anos depois.

Evidentemente, ela costumava ver coisas, sabe, e, evidentemente, viu alguém em pé atrás do pároco no púlpito - e era o clérigo que estava lá antes dele.

E é claro, eles a tiraram, você sabe, [eu acredito] e a pacificaram, e ela diz: 'oh, eu o vi. Eu o vi ', ela diz. "Ele estava em pé atrás do pároco no púlpito e estava me dizendo o que dizer."

Bem, é claro, todos nós pensamos que ela era louca, você sabe. Quero dizer, foi uma piada na vila. De fato, ela costumava fazer muito naquela igreja; ela fazia muita limpeza, polimento e latão, e tudo isso ...

De qualquer forma, acho que todos ficaram muito felizes quando ela chutou o balde * você sabe, porque ela ficou um pouco demais ... você sabe.

** chutou o balde = morreu*

Ela estava sempre vendo coisas e dizendo coisas às pessoas, e aquilo. Muitas das coisas que ela contou às pessoas também aconteceram. Claro, lembro que ela disse a eles ... bem, minha mãe diz que disse que haveria um muito ... mau incêndio na mansão. Bem, na verdade, alguns dias depois, havia metade disso queimada. Enfim, acho que eles devem ter ficado felizes, porque eles achavam que ela era uma bruxa, eu acho.

De qualquer forma, ela ... me recebeu, você sabe. Lá estava ela - é claro, parecendo mais jovem do que eu me lembrava dela -, mas, tão brilhante quanto um botão, ela estava feliz, e ela estava conversando lá fora, ela disse: 'Sabe, o engraçado era aquele velho Parson, ele não era um mau bastão velho * você sabe. Ele costumava ficar lá em pé e falar, mas não tinha idéia do que estava falando.

** pau velho = pessoa*

Ela disse: 'Eu costumava sentar lá algumas vezes e via o pároco anterior ali de pé e costumava ver pessoas que eu conhecia quando eu era menina na vila, sentada nos bancos e andando de um lado para o outro. E ', ela diz,' uma vez, eu me sentei lá ', ela disse,' e ninguém parecia perceber , apenas eu, mas havia uma mulher que entrou e ela foi até o altar e se ajoelhou e, hum, ela colocou um grande ramo de flores no altar. Ela diz: 'Eu a conhecia, ela estava lá há anos *.

** anos de burro = muito tempo*

"É claro que ninguém mais viu nada", diz ela. 'Eu sempre fui assim, você sabe. Todos eles achavam que eu era louco ', diz ela. 'Lá estavam eles pregando e falando às pessoas sobre as coisas, eu era o único que tinha algum sentido quando você pensa sobre isso. Eles pensaram que eu estava brava, você vê. Ainda assim, isso só mostra, não é?

Eu digo: 'bem, eu não sei. Quanto mais vejo as coisas, mais fico perplexo - eu digo.

Então ela diz: 'Oh, você não quer se preocupar', ela diz. "Eles contam todo tipo de coisa lá em baixo", diz ela. 'Mas nenhum deles sabe muito sobre isso. E aqueles que deveriam saber mais sabem menos. E eles estão assustados, de qualquer forma. Na verdade, todos têm tanto medo do diabo que têm medo de fazer qualquer coisa e descobrir qualquer coisa, caso se envolvam de alguma maneira.

E ela diz: 'O diabo?' ela diz: 'eles nem sabem do que estão falando. Há não é nenhuma pessoa como o diabo. Há coisas boas e ruins ', diz ela,' e eu sempre

soube disso e não precisei de nenhum pastor para me dizer ', disse ela,' e eu sempre soube que havia espíritos, porque eu vi muitos deles ", diz ela. . '

E eu sabia que havia bons espíritos e há espíritos que não são tão bons', diz ela, '... um pouco travessos, tipo. Costumávamos ter um filho na aldeia ', ela diz,' ela era uma coisinha travessa, ela era e se afogou. Você provavelmente não se lembraria disso tudo. Então ela diz: 'Ela está aqui, mas é uma coisinha legal. Ela também cresceu. Ela diz: "Na verdade, eu a vejo frequentemente". Então eu digo: 'Ah, lembro de algo sobre isso'. Oh, as coisas que ouvi e as que experimentei, de um jeito e de outro; foi maravilhoso quando você pensa sobre isso, você sabe. Greene: Mmm ...

Biggs: E todo esse tempo, você sabe, havia minha irmã na Terra, berrando. Lágrimas de crocodilo * realmente, eu acho.

** Lágrimas de crocodilo = lágrimas falsas*

Ela não tinha muito tempo para mim, realmente, apenas sentia que era seu dever. O engraçado é que, as pessoas fazem coisas porque acham que é seu dever, deveriam fazê-lo. Mas então, o tempo todo, eles estão xingando, xingando e dizendo que farão isso e aquilo.

Você sabe, é engraçado sobre as pessoas. Minha irmã, ela não era do tipo ruim, mas ficou um pouco cansada, de um jeito ... veja bem, ela tinha uma bacia cheia *, vou dizer isso. Ela teve um marido e tanto.

** uma bacia cheia = muito para suportar*

*** tão e tão = pessoa cruel*

Enfim, eh ... pensei: 'E o funeral? Suponho que deveria estar lá? Já que estou morto, devo aparecer.

Minha mãe, ela riu, e disse: 'Oh, bem, por que você quer ir para lá?' Ela diz: 'Você terminou esse lote. Você não quer ir e não assistir a funerais.

Então eu disse: 'Não sei, parece loucura, mas gostaria de ver meu próprio funeral'.

'Oh', ela diz, 'se é isso que você quer fazer', ela diz, 'nós iremos com você'.

De qualquer forma, ela diz: "Enquanto isso", ela diz, "você deve descansar". Então ela diz: 'Você gostaria de ir para a cama?'

Eu disse: 'Oh. Cama? Você vai dormir aqui então?

Então ela diz: 'Bem', ela diz, 'não é necessário, mas no seu caso, pode ser uma coisa boa'.

Enfim, para encurtar a história, fui para a cama!

A próxima coisa que soube, quando acordei, estava no cemitério local e ... isso foi o que me incomodou, digo - realmente me incomodou porque mantive meu seguro e todo o resto - lá Eu estava sendo enterrado no túmulo, e era o túmulo de um pobre *.

** sepultura do pobre = sepultura pública, para os pobres*

Agora isso realmente me chateou, algo terrível, porque eu tinha certeza de que havia dinheiro suficiente para me enterrar decentemente. Essa é uma das razões pelas quais, suponho, eu queria ir ver meu próprio funeral.

E havia minha irmã e mais duas pessoas; um que eu reconheci , o outro que não. Um deles era um sujeito velho que eu conhecia, oh estávamos na escola juntos. Enfim ... e lá estava eu sendo colocado ali embaixo, a chuva estava caindo como louca, o velho pastor estava correndo pelo serviço como se tivesse um trem para pegar!

E eu pensei, bem, eu não sei. E eu percebi que ... que ela não se incomodou, você sabe. Ela apenas me levou para lá, o funeral mais barato que ela poderia me dar. De certa forma, isso não importava, mas era o princípio da coisa - porque eu mantive minhas políticas e isso, e deixei uma quantia bastante agradável, você sabe, e ela fez isso comigo.

Eu pensei, bem, 'você espera, sua vadia ...' eu disse para mim mesma '... até você vir aqui. Vou te dar para que. Gosta de fazer isso comigo ', você sabe.

De qualquer forma, minha mãe diz: 'Olha, quando ela vier, você pensará diferente'.

"Afinal, que desperdício de dinheiro", eu disse.
Ela diz: 'Agora veja', ela diz, 'o que importa onde você está enterrado? É onde você está que importa, não onde você está enterrado. E esse pouco de dinheiro vai ajudá-la. Mas eu sei ', ela diz,' o princípio está errado ... '

Eu digo:' Você está me dizendo que o princípio está errado! ' Então, eu disse: 'Presumi que estava fazendo isso para ter um funeral decente'.

Então ela disse: ' O que importa se você tem um funeral decente ou não? Ou se aquele homem está em cima de você e tagarelar, o serviço, como um trem expresso? Ela diz: 'Não faz diferença. Você está aqui, não está? E você está bem, não está?

Eu digo: 'Sim, estou aqui e estou bem.'

Então ela diz: 'Bem, então. Pare de se preocupar com isso. Afinal, quando eles vêm aqui - seja o pastor ou a sua irmã - eles encaram a vida, encaram a verdade, olham para trás e se arrependem. Mas você não pode culpá-los por completo, ambos são ignorantes. Sua irmã é ignorante - ela é minha filha, mas é tão ignorante quanto eles vêm ', ela diz', de certa forma. Mas ela vai aprender. O pastor também aprenderá. Ele aprenderá que ... bem, não é o corpo na sepultura que importa, e o serviço e o ... terminá-lo o mais rápido possível e desenhar os 7 e 6 * ou o que quer que seja você. ..é o que você é por dentro, o que você foi. Não é o que você finge ser ou o que você pensa que deveria ser, ou é, ou o que você acredita ou o que não acredita. É o que você realmente é que conta ', diz ela. "E isso é tudo o que importa."

** 7 e 6 = Sete xelins e seis centavos pela taxa do pastor.*

"Olhando para trás", disse ela, "agora, em sua vida, você nunca fez mal a ninguém. E suas intenções são boas. Você não era exatamente um cara educado - ela diz. - Você não era exatamente um sujeito que freqüenta igrejas, mas não era um cara ruim. Você fez o seu melhor e isso é tudo o que realmente importa - que você se esforçou para fazer o seu melhor ', diz ela. "Você aprenderá menino", ela diz, "você aprenderá".

** Cara = Companheiro (homem)*

De qualquer forma, em algum momento talvez eu seja capaz de falar mais sobre isso. Não posso mais ficar ..

Greene: Você pode nos dar seu nome amigo, por favor? Woods: Você pode nos dar a vila em que viveu, em Buckinghamshire?

Greene / Woods: [conversando juntos]

Flint: [farejando] Greene: Conversa adorável ...

Flint: Ele era um personagem e não era?

Woods: Sim, eu me perguntei se ele nos daria onde ele morava.

Greene: [ininteligível]
[Pausa]

Mickey: O poder acabou.

Woods: Mickey ...

Greene: O poder se foi.

Woods: Você poderia dar o nome dele, onde ele morava Mickey?

Mickey: Bigsy .

Greene: Biggs?

Mickey: Sim. Não aguento mais. Woods: Biggs? Ah, eu sei ... e em que vila ele morava? Mickey: Não sei. Não sei. Eu não aguento mais. Tchau tchau.

Woods: O que ele disse? Greene: Não pode esperar.

Mickey: Tchau.

OSCAR WILDE

UMA CONVERSA COM OSCAR WILDE

20 de Agosto de 1962.

Wilde: Encontro-me muito feliz por estar aqui.

George Woods: Fico satisfeito.

Wilde: Não tenho certeza se vocês me conseguem ouvir.

Betty Greene: Venha daí amigo. Você está a sair-se muito bem.

Wilde: Já que não estou a fazer exactamente nada de momento, não vejo como pode pensar que me estou a sair muito bem.

Greene: Nós pensamos que você estava a dizer alguma coisa e que tenha pensado que não o tínhamos ouvido.

Wilde: Jamais fiquei conhecido por não dizer nada.

Greene: Por favor, podemos saber como se chama?

Wilde: Se eu não pudesse dizer algo de valor, preferia não dizer nada.

Greene: Quem está a falar, por favor?

Wilde: Isto é extraordinário! Mas depois, estar morto é um negócio extraordinário, especialmente quando falamos com pessoas na Terra que deveriam estar vivas e são muito maçantes e ofuscadas em conseqüência! Que negócio extraordinário este!

Woods: Pois.

Wilde: Parece ter havido muito interesse pelos meus trabalhos ultimamente...

Greene: "Amigo, podemos conhecer o seu nome, por favor?"

Wilde: O meu nome me causou muitos problemas quando eu estive do vosso lado.

Woods: "Quando reproduzimos estas fitas para outras pessoas, elas perguntam quem é."

Wilde: Você pode-lhes dizer que é o coronel Bogey!

Woods: Não acho que eles gostem disso. De qualquer forma, amigo, estamos muito contentes o termos aqui.

Wilde: Tenho a certeza de que vocês estão muito mais felizes por me receber aqui do que eu por vir. Pelo menos, talvez fosse mais correcto dizer que estou muito feliz por vir, mas certamente gostaria que fosse muito mais simpático tentar conversar, transmitir-lhes os meus pensamentos por meio deste método particular de comunicação. É como usar um actor do vosso lado.

Greene: Ah, você escreveu peças de teatro.

Wilde: Ah, vocês podem muito bem-estar a par. O meu nome é Wilde

Woods: Ah, eu li os seus livros.

Wilde: Que sorte! Eu suponho que devia semtir-me muito lisonjeado. Não que eu esteja a recebendo quaisquer direitos de autor. Sem dúvida, você deve fazer parte de uma biblioteca muito boa.

Greene: Senhor Wilde, pode-nos contar um pouco da sua vida desse lado? O que está você a fazer?

Wilde: Bem, preciso admitir que é um alívio que nos peçam que discutamos aqui a nossa vida em vez da própria vida que vivemos Terra. Porque, em qualquer caso, a vida que levei na Terra é bem conhecida dos fofoqueiros. Se eu lhes dissesse que minha vida aqui não é diferente da minha vida na Terra, vocês provavelmente ficariam horrorizados. Mas acontece que é perfeitamente verdade. E eu não me arrependo de nada! Estou perfeitamente feliz e perfeitamente contente, e vivo uma vida de um delicioso pecado. Mas somente como o mundo encara o pecado. Aqui não é mais pecado ser humano e ser natural. Mas na Terra, ser natural é ser pecador. Por aqui pode-se pecar porque é natural. O mundo tem estranhas idéias acerca do pecado. Eu vivo uma existência natural aqui e estou perfeitamente feliz. Tenho as minhas amizades e os meus amigos, por não podermos ter amizades sem amigos, obviamente. Mas, que par extraordinário vocês me saíram!

Greene: Porquê?

Wilde: Bem, eu tinha ouvido falar de vós, como se esforçam por chegar às pessoas do vosso lado, e por as esclarecer e elevar. Mas, acham que se irão sentir mais felizes por isso? Tendo visto tanta gente, eu acho que se sentirão mais feizes nas suas angústias e na sua ignorância, do que alguma vez se sentirão na luz. Revelamos a luz a uma pessoa, e ela começa a berrar como um doido e correrá a fugir dessa luz.

Greene. Bom, eu não subscreveria isso em todos os casos, Sr. Wilde.

Wilde: Eu sei. Estou a ser sarcástico. Mas depois, é claro, percebo que há muita gente no voss mundo que poderia ser ajuda por esta verdade. Por ser a verdade. Mas ao mesmo tempo, há alguns para quem até poderá ser uma coisa má. Vejam quão satisfeitos alguns se sentem com os seus santos. Que pena não é afastá-los dos seus santos. Eles sentir-se-iam tão perdidos como crianças no deserto.

Greene: Quer dizer que realmente são dignos de compaixão?

Wilde: Ah, eu não diria isso. Isso tráz-lhes uma grande felicidade. Porqê tirar à criança algo que a diverte e a mantém sossegada? Afinal de contas, quererão que a criança chore e berre por não ter o seu brinquedo? O conhecimento vem com a

idade adulta, conforme nos é dito. É por isso que tantos adultos se assemelham a crianças. Não cresceram de verdade, creçeram? Que par extraordinário me saíram.

Há tantos do vosso lado que professam, evidentemente, ter um conhecimento destes, conhecer esta verdade, sobre a comunicação, sobre a vida após a morte - tantos de quantos a mim me parecem crianças crescidas que nada terão beneficiado do conhecimento que têm. Parece-me a mim que alguns passaria melhor sem ele.

Woods: Sim, nisso tem razão, por alguns passariam melhor sem ele, pela forma como o usam.

Wilde. Sabem, não quererão atacar esta matéria como se fossem missionários que vão para as regiões mais obscuras da África, por poderem acabar no pote, sabiam? Mas, do meu ponto de vista é das coisas mais irritantes. Aqui estou a tentar falar-lhes de forma inteligente e acho que esta coisa que paira por aqui, que preciso usar, o torna quase impossível.

Quando escrevemos, embopra tenhamos a caneta, não temos nada que nos impeça de anotar com clareza os nossos pensamentos no papel. Mas quando precisamos usar um outro ser humano para demonstrara quilo que sentimos intensamente no nosso íntimo, acho isso extremamente irritante. Pois, como poderá outra pessoa ser responsável por aquilo que quero transmitir-lhes com clareza e inteligência? Ninguém poderá alguma vez agir como um instrumento no verdadeiro sentido da palavra.

Lembro-me de há muito tempo - agora deve ter sido há séculos, senão para vós, foi para mim - em que eu costumava tentar levar as pessoas a retractar os personagens que eu criava e a dizer as deixas que lhes tinha dado. E isso costumava soar tão estranho. Era como se não fossem as minhas deixas, e no entanto eram. Mas as pessoas muito raramente pareciam adoptar a entoação apropriada, muito raramente pareciam ser capazes de depositar uma certa carga por trás da palavra certa de forma a transmitir o sentido que estava por trás da frase, de modo a conferir-lhe sentido e tom e colorido.

Invariavelmente as pessoas eram, com o devido respeito, veículos muito pobres. E o mesmo se aplica à utilização de um médium para comunicar convosco a partir deste lado da vida. É com usar um actor no vosso lado e tentar usar a pessoa a fim de personificar o papel, como que através de si próprio - ou aquilo que tivermos escrito, no caso das minhas peças. É tudo muito confuso.

Woods: O que está você a fazer?

Wilde: Por que deveria eu dizer-lhe o que estou a fazer?

Greene: Ah, bem, por estarmos interessados.

Wilde: Na verdade, ainda estou a escrever, e ainda estou fazer as minhas representações, e muitas vezes sou chamado às esferas mais baixas para ajudar. Estranho, sem dúvida, poderão pensar, que eu devesse ser chamado a auxiliar nas esferas inferiores!

Woods: Para mim não é estranho.

Wilde: Possivelmente você pode até interpretar isso como - bem - provavelmente que eu seja mais indicado para ajudar pessoas nas esferas inferiores porque eu próprio não ter progredido muito! Mas na verdade estou muito em contacto com todos os povos. A minha mente, acho eu, dá-me o acesso mesmo que a minha reputação não o faça!

Woods: Ah, não sei, os seus livros foram...

Wilde: A minha reputação não me preocupa, mas parece que interessa a muita gente do vosso lado! Já ganharam mais dinheiro à custa da minha reputação desde a minha morte do que alguma vez fui capaz de ganhar com minhas peças, o que vale dizer que o pecado é muito bem-sucedido.

Greene: Você sempre teve uma mente muito franca, não é?

Wilde: Eu sempre tive uma mente muito franca, como vós dizeis, acima da média. Poderão dizer-me qual será a média e quão averta deveria ser a mente? Estive sempre pronto para receber inspiração. De facto, posso dizer que os meus trabalhos de maior sucesso se deveram ao facto de que eu tivesse tido uma mente aberta e, em consequência, muito tenha sido derramado através dela em termos de inspiração - o que foi altamente bem-sucedido.

Tenho certeza de que, se não fosse pelo facto de que eu ser teimoso, vocês não teriam, talvez alguns dos trabalhos de sucesso que eu fui capaz de realizar. Mas é claro que tudo isso é uma questão de disputa entre muitas pessoas. O veneno de rato de um homem é a refeição de outro.

Greene: Ah, não. Eu acho que todo escritor é inspirado em algum lugar, até certo ponto.

Wilde: Oh, não menospreze a nossa personalidade e a nossa originalidade, minha querida, por favor. Mas estou bem preparado para admitir que fui inspirado. Eu sempre fui uma figura inspiradora. Na verdade, agora eu tornei-me quase imponente! Possivelmente por estar morto.

Greene: Sr. Wilde...

Wilde: Deseja que eu deixe cair o desembaraço e me ponha sério? Ser sério é muitas vezes equivale a ser fastidioso.

Woods: Não não! Isso não seria você. Não deixe cair...

Wilde: Tantas pessoas na Terra eram tão sérias que não podiam deixar de ser completamente fastidiosas. Eu recuso-me a participar dessa coleta. Isso, eu faço deliberadamente porque sempre haverá pessoas que dirão: "Como saberemos se este foi Oscar Wilde?" Assim, espera-se que eu deva voltar do mesmo jeito - com o tipo de coisas que seria esperada da minha parte. Eu faço isso por vós, pobrezinhos, por saber que vocês se estão a esforçar desesperadamente por convencer. E se eu puder ajudá-lo a convencer, por isso farei um bom trabalho, e isso pode acabar com algumas das manchas que tenho!

Greene: Senhor Wilde, desde que foi para esse lado, aprendeu alguma coisa?

Wilde: Eu seria uma pessoa estranha se não tivesse aprendido algo depois de estar aqui há tanto tempo. Todos nós aprendemos quer gostemos quer não. Quer sejamos alunos aptos ou não, todos aprendemos, não importa o quão ruim seja o professor.

Greene: Sentiu-se surpreendido quando se viu do outro lado?

Wilde: Nada alguma vez me surpreendeu. E certamente nada me poderia surpreender com relação a Deus, porque ELE ser alguém que sempre fez coisas surpreendentes, se acreditarmos em tudo o que lemos na Bíblia.

Greene: Pois, mas como se deu por si quando passou para esse lado? Pode descrever a passagem?

Wilde: Oh, eu morri como todo mundo.

Greene: Pois, mas você deve ter-se visto em algum lugar. Num jardim, ou num quarto, ou...

Wilde: Por que deveria eu necessariamente dar por mim num jardim? Ou por que, já agora, devia necessariamente dar por mim numa sala? Quão constrangedor não seria, por exemplo, acordar e descobrir que estava no destiário de Lady Cynthia num momento tão inconveniente! (Riso)

Greene: Não. Mas, quero dizer, as pessoas vieram acolhê-lo, não? Alguém deve te-lo acolhido e ajudado, não?

Wilde: Bem, é natural supor que, se formos fazer uma longa viagem de comboio a algum lugar, os nossos amigos do outro lado estarão na estação à nossa espera.

Mas lembro-me de fazer viagens extraordinariamente longas e de ter feito uma viagem cansativa,e de chegar a meio da noite e não ter ninguém lá à espera, ninguém com um..., com qualquer coisa. E de ficar preso lá com a bagagem, a imaginar se deveria ir para o hotel mais próximo ou pegar o comboio e ir directo para trás. Mas, é claro, infelizmente não se pode pegar o comboio e voltar para o vosso lado da vida ou, felizmente, da maneira que vocês o quiserem encarar.

Na verdade, a sério, fui recebido pela minha mãe.

Woods: E como foi que achou as coisas por aí? Encontrou mais do mesmo, como as coisas na Terra, ou achou as cosas muito diferentes?

Wilde: Bem, naturalmente; não podemos ir a um país estranho sem o acharmos muito diferente. Mas o extraordinário e interessante é que as pessoas eram as mesmas. As situações podem ser diferentes; o país pode ser diferente: os hábitos podem ser diferentes; a atitude de alguém em relação à vida e tudo isso pode ser diferente. Mas as pessoas, graças a Deus, eram as mesmas. Elas ainda pareciam as mesmas. Elas ainda são as mesmas. E, em consequência, senti-me em casa.

Encontrei-me com muitas pessoas que admirei e muitas que não admirei e que desde então aprendi a admirar por diferentes razões. E tenho viajado muito - fui até muitos lugares, muitas esferas, muitos países se preferirem chamar-lhes assim, porque de certo modo eles são... Não há barreiras, apenas barreiras de nós próprios temos dentro de nós próprios, e da própria mente. As barreiras entre os relacionamentos humanos e os povos têm lugar dentro de nós próprios. Elas são criadas pelo homem. Aprende-se a descartá-las. Aprende-se gradualmente a evitar muitas das armadilhas, mas quando alguém se encontra aqui ainda que há pouco tempo, percebe-se bem como somos todos parte uns dos outros. Todos os filhos de Deus eventualmente começam a fundir-se, embora eles mantenham a sua individualidade e personalidade separadas. Percebe-se o quanto somos todos parte uns dos outros.

Encontramo-nos todos interligados e em harmonia. Embora às vezes a princípio pareça que estamos muito fora de sintonia. Estamos todos muito em harmonia e muito de uma mente e de um espírito, e começamos a fundir-nos até que sejamos harmoniosos e, em consequência, vivamos numa condição de paz, de quietude e de harmonia, onde todos e cada um possam ter o seu interesse, por assim dizer. Alguns sentem ânsia e desejo por trabalhar de várias maneiras. Outros não. Prefiro continuar a escrever, porque a escrita ter sido, em grande medida, a

minha vida. E além disso estou à espera de encontrar um instrumento adequado no vosso lado - se puder - cujo espírito esteja suficientemente aberto para eu poder transmitir novas peças, novas obras, novas coisas de interesse, que ajudem a humanidade e iluminem a humanidade.

Mas lembrem-se sempre, de que a melhor maneira de alcançar o coração de um homem não é... não é através do seu estômago. Mas alcançar-lhe o coração é perceber que alguém deve dar-lhe algo que esteja muito distante das coisas materiais; algo da mente e do espírito, que perdure através do próprio tempo. Sinto que poderia fazer muito, mas ainda não encontrei um instrumento adequado para esse trabalho.

Tudo é muito intrigante, porque todos os filhos de Deus começam a se fundir. Embora eles mantenham sua individualidade e personalidade separada, todos nós começamos a nos fundir até que sejamos harmoniosos. E, em conseqüência, vivemos em uma condição de paz e quietude e harmonia, onde todos e cada um podem ter seus interesses, por assim dizer.

Wilde: Eu não vou envergonhar você perguntando o nome de um deles.

Woods: Mas, esperamos que encontre um, por os seus livros, eu aprecio-os muito.

Wilde: Não o quero deixar embaraçado perguntando-lhe o título de um...

Woods: E eu também li sobre o... o seu... julgamento também, sabe... e pensei que você não teve um julgamento muito justo.

Wilde: Muito obrigado.

Woods: Eu achei muito injusto e injusto.

Greene: O seu julgamento foi encenado diversas vezes.

Wilde: Sim, sim, eu sei. Foi a parte mais bem-sucedida da minha carreira.

Greene: Sr. Wilde, você tem algum... Bem, suponho que todos terão...

Wilde: Eu estou a achar muito complicado falar convosco. E irritante, de certa forma. É como se eu não conseguisse ter a mente clara com diversos bloqueios e obstáculos que me impõe a toda a hora. Mas sem dúvida que hei de melhorar. Continue. O que queria perguntar-me?

Greene: Todos têm remorços quando passam, acho eu. Você teve alguns remorços, talvez com relação a algo que você não tenha feito enquanto estave na Terra?

Wilde: O meu primeiro pesar foi por eu não ter ficado mais do vosso lado!"

Greene: Ah, foi?

Wilde: Bem, claro. Eu ainda tinha desejos. Eu ainda queria escrever mais. Eu ainda queria reintegrar-me, por estranho que pareça, na sociedade humana. Não que eu alguma vez me tenha sentido completamente fora dela. Mas eu fui suficientemente vaidoso para poder supor que pudesse reconsquistar o antigo lugar que tivera no mundo. Mas isso foi há muito tempo. Desde então eu mudei.

Greene: Mmm... pois. Haverá alguém a quem você gostasse de enviar uma mensagem? Vai fciar registado na fit, entende?

Wilde: Eu não acho que tenha sobrado ninguém do vosso lado a quem eu tenha o desejo particular de enviar qualquer mensagem.

Greene: Você encontrou Bernard Shaw desse lado?

Wilde: Oh, encontrei o Shaw. Claro que encontrei o Shaw. Que homem! Carácter extraordinário. Brilhante, se bem que - bem, talvez fosse melhor eu não dizer estas coisas. É suposto que eu deva estar, até certo ponto, desenvolvido!

Greene: Como é do seu lado? O plano em que você se encontra? Você poderia dizer-nos algo sobre isso?

Wilde: Quer dizer, em termos pictóricos?

Greene: Sim - os vossos teatros e coisas assim. Vocês têm teatros, não? Você ainda escreve peças desse lado, não?

Wilde: Ah, ainda escrevemos. Ainda continuamos. O nosso mundo, em certos sentidos, como sem dúvida ouviram, é muito semelhante à vossa Terra. Temos todo tipo de cenários a que estamos acostumados - mais bonitos ainda. Como sabem, por aqui existe natureza, mas os aspectos mais irritantes da natureza são inexistentes para nós. Por exemplo, não temos pragas como moscas e todas as coisas irritantes que a natureza inventa para irritar o homem. Felizmente, aqui essas coisas parecem ter desaparecido. Nós parecemos ter toda a beleza e a beleza da natureza sem todos esses pequenos aspectos irritantes. Não temos mais mordeduras de mosca! Eu costumava conhecer uma mulher que uma vez... que

costumava adorar ficar sentada toda a tarde na uma cadeira com um mata-moscas! E ela tinha uma tarde sufocante...

Muitas vezes me pergunto o que ela deve estar aqui a fazer sem o seu mata-moscas, sem que suas moscas a ferrarem-na. Ah, foi há muito tempo atrás. As coisas mudaram. Eu olho para Londres e dificilmente a reconheço. Graças a Deus por ter vivido antes do meu tempo!

Woods: Sim, isso mudou.

Greene: Não mais reconhecemos todos os terríveis edifícios altos que subem semparar.

Wilde: Eu dificilmente reconheço alguma coisa em Londres. E estou tão feliz que vim como fiz e parti como acabei por o fazer. Eu não quereria morar na vossa Londres de hoje.

Woods: Como são os edifícios como do seu lado?

Wilde: Existe todo o tipo de edifícios, mas na esfera que eu habito eles são todos elegantes, de uma grande beleza.

Greene: Haverá aldeias ou cidades e...?

Wilde: Sim, poderíamos chamar-lhes cidades. São cidades em que incontáveis milhares de pessoas vivem e têm o seu habitat, mas são tão diferentes, e ainda assim, em alguns aspectos, assim são como as antigas.

Woods: Mas vocês não tem automóveis nem nada disso, não é?"

Wilde: Não. Graças a Deus não temos máquinas dessas. Cavalos ainda temos. Animais, animais de estimação que tanto significado tiveram para a humanidade, e aos quais a humanidade, em certa medida, retribuia, como o cachorro de estimação, o cavalo de estimação.

Os animais são muito próximos dos homens. E infelizmente os seres humanos são frequentemente muito semelhantes aos animais! Às vezes penso que os animais são mais avançados que os seres humanos. Pelo menos eles seguem os seus instintos naturais e consequentemente, não se considera que façam nada de errado. Os seres humanos estão sempre em apuros por tentando desesperadamente descobrir o seu verdadeiro eu. O homem deve ter permissão para ser verdadeiramente aquilo que é, porque somente assim ele poderá esperar desenvolver-se.

Não quero com isso dizer que o crime, enquanto tal, deva ser reconhecido ou encorajado de alguma forma. Mas precisa haver restrições, é verdade, pela lei. Mas a lei em si tem formas tão estranhas de trabalhar. Não consigo entender as fragilidades, ou se (ela) consegue entender as fragilidades do ser humano, porque muitas vezes pune desnecessariamente. Devemos ajudar uns aos outros, devemos aprender a ser mais gentis, mais tolerantes. Devemos tentar sempre colocar-nos no lugar da outra pessoa. Tentar perceber que temos um dever para com os outros e que a única coisa onde podemos esperar encontrar nossa salvação é na misericórdia e na atenção, no amor.

Woods: Você tem uma casa onde possa escrever?"

Wilde: Tenho, sim. Uma casa muito bonita. Uma casa como eu queria. Mas, uma vez mais, de certa forma, suponho que seja por eu a ter criado. Mesmo sem perceber, eu estava a criá-la antes mesmo de vir para aqui, pelos pensamentos - pelos melhores pensamentos que nutria.

Woods: Tem algum jardim?

Wilde: Tenho um jardim. Não muito grande, mas suficiente. Eu nunca fui talhado para a vida ao ar livre. Apreciei a natureza, mas preferia observar a natureza à distância, em vez de estar sempre sob a sua luz ofuscante. Percebemo-la com frequência com uma maior clareza, e de uma forma mais distinta à distância. Eu preciso ir. Virei de novo falar convosco, se puder.

Woods: Foi muito bom ter aparecido.

Betty Greene: Obrigado, senhor Wilde.

Wilde: Foi muito bom falar convosco. E se às vezes eu tiver parecido um pouco ácido, eu fi-lo para vosso benefício, já que poderia de alguma forma ser de ajuda para outros, porque se eu não me mostrar, de certa forma, no meu antigo eu, as pessoas vão dizer que não pode ser. Assim, faço isso por vossa causa. Mas poderei, e hei de falar sobre as coisas que vocês desejam que eu fale - eh - no devido tempo. Que Deus vos abençoe. Essa é a coisa comum que se diz, creio bem, quando se despedem nas sessões espíritas. Que Deus os abençoe meus amigos. Direi com a melhor (das intenções); sejam um deles. Adeus.

HARRY PRICE FALA SOBRE FANTASMAS

Quinta-feira, 19 de Dezembro de 1963

Esta é a voz de Harry Price, o renomado pesquisador psíquico e autor Britânico, que faleceu em 1948. Ele é mais conhecido pelas investigações que fez sobre a assombração da Reitoria de Borley, em Essex. Aqui, Price fala inicialmente muito devagar, mas discute a diferença que existe entre fantasmas e espíritos.

Presentes: Leslie Flint, George Woods e Betty Greene, Espírito Comunicadores: Harry Price e Mickey

Greene: [Obrigado] amigo.

Woods: Encantado por você ter vindo.

Price: Não estou muito certo se vocês me conseguem ouvir ou não.

Green: Conseguimos.

Woods: Podemos ouvi-lo muito bem.

Greene: Muito bem, obrigado.

Price: Bom. Antes de começar a falar convosco sobre o que considero ser um assunto de grande interesse -- e tenho a certeza de que vocês irão achar o que tenho a dizer sobre alguma valia e de grande utilidade -- queria ter certeza de que vocês pudessem ouvir claramente por ser um problema saber exactamente o quanto está a ser registado. Eu não preciso, presumivelmente, entrar em muitos detalhes sobre a comunicação e como ela funciona nem quais as dificuldades que temos que enfrentar. Esses aspectos, tenho a certeza, vocês conhecem muito bem. Mas ultimamente tenho pensado muito em como seria interessante poder vir e falar convosco sobre fantasmas...

Green: Ah, sim.

Woods: Sim, muito interessante.

Price: Porque tenho a certeza de que no trabalho que vocês estão a tentar fazer -- e acredito que estão a fazê-lo com muito sucesso -- vocês deve- ter muitas perguntas que lhes são dirigidas pelas pessoas, e em particular perguntas sobre fantasmas... e como eu próprio, quando eu estava do vosso lado, estudei o assunto... e como vocês provavelmente sabem eu escrevi bastante sobre isso -- sobre o... esforço que fiz por descobrir a verdade do assunto, particularmente no que diz respeito à Reitoria de Borley. A propósito, o meu nome é Price, Harry Price.

Woods: Ah.

Greene: Oh, viva, Sr. Price.

Woods: Viva. Estou encantado por você ter aparecido...

Price: (interrompendo)... e gostaria de dizer, antes de mais nada, que tenho muita consciência do facto, agora que estou deste lado, do quão tão difícil é -- eu diria quase impossível que é -- provar qualquer coisa referente a questões psíquicas de forma puramente material ou científica. Acho que devemos aceitar o facto de que a prova científica -- esse é o tipo de prova que atrairia e seria aceite, estritamente em bases científicas ou em bases científicas por mentes científicas -- que é praticamente impossível provar a 100%. E vocês sabem que a ciência só se preocupa com 100% de prova. Não está preocupado com 50 nem 75%. Pode até certo ponto aceitar com reservas, mas a ciência tem muita ânsia, acho eu, de 100% de prova numa base científica de algo que, de certa forma, sinto que não possa ser aceite cientificamente ou provado cientificamente.

Mas a razão da minha vinda deve-se a que tenha pensado que uma discussão, uma conversa sobre fantasmas seria interessante, e talvez também responder, como espero que certamente esta minha conversa convosco faça -- a certos problemas com relação a eles. Muitas vezes se ouve falar de fantasmas e entidades que assombram um determinado lugar, muitas vezes durante séculos. E por vezes eles são, de acordo com a mentalidade dos fantasmas em questão, um incómodo. E outras vezes eles são bastante indesejáveis do ponto de vista de perturbarem e assustarem os indivíduos que vivem no local. Mas acho que antes de tudo devemos diferenciar, porque existem diversos tipos de fantasmas.

Primeiro temos o fantasma de um indivíduo, talvez morto há muito tempo, que não tem conexão nenhuma com o espírito real da pessoa em questão. O que estou a tentar transmitir com isto é que vocês podem ter uma força de pensamento muito poderosa que pode, pelo seu próprio poder, dar a impressão de que a pessoa ou a personalidade individual esteja presente na ocasião da assombração. E muita gente, quando vê o que chamam de fantasma, tem a impressão de que está a ver a aparição na forma externa do indivíduo que há muito morreu. O que realmente acontece ali é que o indivíduo em questão não se acha necessariamente presente. Essa é uma projeção astral sobre a atmosfera que em certas ocasiões (geralmente por a atmosfera lhe ser propícia) se manifesta na forma ou aparência.

Mas essa aparição não tem poder algum, porque a mentalidade ou a mente do indivíduo -- o fantasma -- não se encontra lá, não está presente. Por outras palavras, é uma espécie de concha que é formada a partir do éter sob certas condições, muitas vezes em determinados momentos, e que possui um poder

limitado. Ele só pode mover-se em certas áreas e sob determinadas condições, e com bastante frequência só pode ser visto por pessoas que são (sem que o percebam) mediúnicas ou sensíveis na medida em que podem ver aquela vibração que se encontra a toda a volta da Terra -- que é muito utilizada, muitas vezes por médiuns espíritas, para se relacionar e sintonizar com espíritos de outras esferas.

Com isto, o que estou a tentar transmitir é que um fantasma é uma coisa inteiramente diferente de um espírito. Vocês podem dizer que um fantasma -- que não tem substância real e nenhum poder real -- é uma vibração de pensamento muito forte que se impregnou na atmosfera num determinado lugar, invariavelmente porque no momento da morte do indivíduo, os seus pensamentos se revelarem tão fortes e poderosos que deixaram para trás uma condição de memória que pode ser até certo ponto tangível, embora o indivíduo em questão, conforme eu disse recentemente, partiu recentemente ou há muito partiu... desde que partiu.

Muitas dessas assombrações... o poltergeist não tem relação com o indivíduo. É uma condição do passado que se registou, se registou muito fortemente na atmosfera, podendo assim recriar uma dada forma, contornos e substância de um tipo que não tem poder físico efectivo -- poder material -- mas é apenas uma condição etérica, e não pode, em nenhuma circunstância, causar qualquer dano a qualquer pessoa viva; não pode de forma alguma fazer nada nem dizer nada ou ter qualquer poder sobre qualquer indivíduo que possa ter consciência da sua presença.

Vocês verão que em casas muito antigas, castelos e assim por diante, essas aparições surgem e não necessariamente isso somente. Por exemplo, há lugares onde grandes batalhas foram travadas, onde a morte súbita ocorreu em massa e a força do pensamento foi tão poderosa, e ao redor do que tanto foi registado, que definitivamente há ocasiões em que visualmente essa batalha pode ser vista de novo.

De facto, uma vez que as pessoas no vosso mundo possam perceber que o mundo astral ou etérico que se mistura com o seu é em certo sentido um espelho... Ele regista e é capaz de espelhar toda a sorte de incidentes que dizem respeito à vida do homem, em particular por altura da morte. O mundo da Terra está cercado, completa e absolutamente, por essa condição etérica de vida ou substância, tal como ela é, que contém reflexos de eventos passados.

De facto, pode-se dizer que tudo o que aconteceu de alguma consequência, individual e colectivamente ao Homem, ainda se acha registado na atmosfera. Mesmo a pessoa mais comum pode ir a uma casa com a intenção de a comprar ou de vir a habitá-la futuramente e ainda assim não ser necessariamente psíquica

como é geralmente entendido no termo 'Mediunidade,' e ao abrir a porta pressentirá e sentirá uma atmosfera. Por vezes é tão forte que não importa o quão agradável a casa possa parecer e ser em muitos aspectos, porque vocês não a comprarão; nem a quereriam de presente, porque naquela casa há um poder de um tipo tão forte, tão intenso, que nenhum indivíduo se sentiria feliz. As paredes acham-se impregnadas com as forças do pensamento de indivíduos ou de um indivíduo que viveu naquele local.

Vocês sabem, é perfeitamente verdade que nós próprios criamos a nossa própria atmosfera. Somos todos indivíduos, e alguns muito mais poderosos que outros; e em relação às posses que temos, quando na Terra -- as nossas casas, os nossos locais de culto e assim por diante, vocês encontram múltiplas condições. Normalmente, é claro, felizmente, elas são bastante agradáveis e habitáveis. Mas há esses lugares onde aconteceram actos, coisas que aconteceram a indivíduos que impregnaram tanto as próprias paredes e a atmosfera que isso foi deixado para trás -- mesmo que o espírito tenha prosseguido rumo às esferas -- foi deixado para trás, registado a tal ponto que ninguém se sente disposto a viver nessas vibrações e condições.

Infelizmente nós deste lado -- e eu esforcei-me por algo algo dessa verdade no vosso, sem muito sucesso -- sabemos tão pouco sobre vibrações. As vibrações estão sempre a ser citadas em relação às sessões espíritas, e de facto eu creio que a ciência hoje no vosso mundo está gradualmente a descobrir muito mais sobre a vibração: o que ela pode conseguir, o que ela pode fazer, o que ela é. Mas mesmo assim há um limite, eu acho, para o que a ciência pode descobrir em relação às forças psíquicas; por as forças psíquicas não serem, em si mesmas, científicas do ponto de vista material. Eles são igualmente tão potentes e não podem necessariamente ser aproveitados num sentido material.

Uma casa que retém poderosas vibrações das forças do pensamento não é facilmente alterada ou modificada. Muitas vezes é uma coisa comum uma casa ter fama de estar assombrada a ponto de terem que chamar, porventura, um clérigo ou cónego local ou um reitor ou alguém para a exorcizar. Agora, não existe possibilidade de se exorcizar um poder que se manifesta em condições etéricas, a menos que o espírito individual esteja presente. O que pode, é claro, acontecer é... a única maneira que me parece que uma mudança possa ser realizada não é por meio do exorcismo, mas pelo poder dos indivíduos envolvidos, que possam habitar esse espaço, de concentrar os seus pensamentos de tal forma que esses pensamentos venham a neutralizar as vibrações dentro e ao redor do espaço; que eles possam libertar, por assim dizer, essas forças da memória, essas forças que em si mesmas, como eu disse, não têm substância, mas são condições puramente mentais deixadas para trás pela entidade que seguiu adiante.

Por outras palavras, pelo poder do pensamento vocês podem alterar as vibrações dessa habitação e limpá-la da sua força que pode não ser necessariamente má. De fato, tanta coisa é dita sobre as más influências ou espíritos malignos onde, francamente, é muito raro que vocês encontrem um lugar que seja mau (caso aceitem o mal no sentido em que é geralmente aceite). Forças individuais provenientes de mentes individuais criam certas condições que nem sempre são fáceis de mudar, fáceis de alterar, mas isso pode ser feito quando vocês entenderem mais sobre essa questão da assombração. O etérico, a substância -- e de uma substância se trata -- na qual se acha registado todo tipo de coisas pertencentes ao passado, não pode necessariamente ser alterada por si própria, mas pode ser afectada pelas forças do pensamento do vosso lado, do vosso mundo, pelo pensamento correcto, pelas forças do bem, de modo a contrariar e dispersar algo que, em si mesmo, é desagradável e eu chegaria a dizer desnecessário.

Existe uma grande diferença entre essas forças de pensamento que muitas vezes aparecem na forma etérica como réplicas de indivíduos, mas seja como for, existe uma grande diferença entre essas chamadas aparições que não têm poder real, e por exemplo, uma assombração que é de um espírito individual. E quando vocês têm o espírito individual a assombrar um lugar ou a permanecer ao redor de um lugar ou a aparecer em certos momentos num lugar, isso -- por ter substância real por trás dele: a força do pensamento e o poder desse pensamento do indivíduo -- aí fazem frente a uma questão completamente diferente. E é possível comunicar-se com esse espírito através da mente e pedir a esse espírito que saia, e ajudar esse espírito; porque invariavelmente eles precisam de ajuda: eles estão presos à Terra e vocês podem ajudá-los.

Na Reitoria de Borley foi facto bem conhecido -- a reitoria que estava... e na própria igreja -- a manifestação que era muito real, não era provocada por uma pessoa, mas por duas. Uma era de uma freira que durante muitos anos se apegou ao local. Ela foi muito maltratada e seduzida e seu filho foi destruído na infância e para a manter calada ela foi assassinada; mas havia igualmente a manifestação de um monge que era o responsável. Isso aconteceu há muitos séculos atrás e vocês teriam pensado que uma alma teria, ao fim de muitos séculos, partido há muito tempo. Mas, vocês sabem, essa freira aparecia de vez em quando e estava ansiosa -- depois de tanto tempo pensar-se-ia que seria inútil -- no entanto, ela estava ansiosa por que o esqueleto, o corpo, fosse descoberto assim como o da criança.

O próprio monge cometeu suicídio numa data posterior que foi encoberta. Isso remonta a muitos séculos atrás -- quase 400 anos. Mas uma vez mais lá não existia mal algum; não havia nada lá que pudesse ser considerado desagradável. Era simplesmente que, de tempos a tempos, ela era atraída de volta à Terra por forças do pensamento e memórias de eventos passados e pelo desejo de que justiça fosse feita, assim como aquela estranha ideia do corpo precisar ser enterrado em

solo sagrado, coisa que então era considerada muito importante. Como ela própria não foi enterrada em solo sagrado, isso manteve-a num certo sentido mais próximo da Terra. Ela queria ver isso acontecer, essa justiça ser feita; mas esse é apenas um caso isolado.

Existem milhares de casos autenticados de indivíduos que viram manifestações, por vezes do indivíduo em questão que está perturbado na sua mente e quer que algum assunto seja resolvido que não tenha sido resolvido ou alguém levado à justiça por algum acto que tenha sido feito contra ele, como um assassinato. A maioria desses casos de que estou agora a falar, que estão bem autenticados, foram definitivamente de indivíduos que estavam perturbados nas suas mentes e não conseguiam encontrar paz e descanso e definitivamente assombravam certos lugares com a esperança de ver justiça feita com relação a si próprios, ou talvez para mostrar onde o dinheiro tinha sido escondido que lhes predava a mente após a morte ou por algum motivo como esse.

Mas há uma grande diferença entre essas assombrações individuais feitas por espíritos individuais e aquelas outras aparições que não têm substância como tal, que são apenas manifestações etéricas no éter das forças do pensamento que têm muito tempo, no que diz respeito ao indivíduo, que há muito tempo partiu.

E vocês encontram isso particularmente em locais como a Torre de Londres onde existem essas forças etéricas a pairar ao redor do edifício. E isso foi tão bem autenticado em casos de soldados individuais, por exemplo, que quando estavam de serviço viram sem sombra de dúvida aparições -- só que eles não são necessariamente os indivíduos: são criações de força de pensamento no éter que em determinados momentos, sob determinadas condições dadas, podem ser vistas, e às quais podem até mesmo falar. É muito raro, claro, que um fantasma fale. Eles não possuem o poder da fala. Mas onde vocês tem o caso de um indivíduo -- uma entidade -- que retorna à Terra, eles às vezes são capazes de registar ondas sonoras ou vibrar ondas sonoras e fazer-se ouvir. Eles tornam-se audíveis.

Depois, é claro, vocês têm os poltergeists que são invariavelmente indivíduos ligados à Terra que, pelo poder que podem ter sob as condições em que existem no local específico, são capazes de usar várias coisas para atrair a atenção. Mas geralmente vocês descobrirão que há alguém nessa habitação -- muitas vezes um jovem ou uma jovem -- cheia de vitalidade, poder e força psíquica, que torna possível que eles se tornem mais materiais na medida em que possam ou não ser vistos, eles podem usar o poder extraído do indivíduo da casa para mover móveis ou jogar coisas pelo ar. Essa é uma tentativa deliberada de comunicação; invariavelmente não rancorosos, muito raramente rancorosos, geralmente em condição de exasperação para atrair atenção para si próprios, invariavelmente por desejarem que algo nessa habitação seja descoberto. Pode ser dinheiro que esteja

escondido assim como pode ser até mesmo um corpo que tenha sido enterrado, porventura sob as tábuas do assoalho. Na verdade, há muitas razões e muito boas razões pelas quais alguns espíritos retornam e assombram os locais, por eles quererem algo corrigido que os está a perturbar.

Eles não podem, por assim dizer, descansar ou estabelecer-se no seu novo ambiente; eles estão preocupados com coisas materiais por terem essas coisas materiais muito presentes na mente. Eles percebem que há algo que eles querem ver corrigido e até que isso seja corrigido eles não sentem que possam deixar o mundo da Terra -- eles não podem partir sem que esse assunto seja resolvido. Muitas vezes uma pessoa morre e deixa dinheiro escondido porventura sob tábuas de assoalho ou algo assim e isso preocupa-os. Eles acham que deveriam ter deixado um testamento ou indicado onde esse dinheiro em particular estava escondido e assim por diante.

Há todo tipo de coisas que fazem com que as pessoas fiquem presas à Terra mas isso não é necessariamente uma coisa duradoura. Normalmente uma pessoa não está presa à Terra por muito tempo porque após um tempo, se ela não conseguir entrar em contacto, eventualmente ela começará a perceber a futilidade de tentar fazer algo no sentido material (o que muitas vezes ela percebe ser impossível) para atrair a atenção o suficiente e possibilitar que o que eles desejam transmitir seja entendido, e eles vão embora. Mas vocês encontram os tipos persistentes que se agarram e se agarram e, consequentemente, farão tudo o que estiver ao seu alcance, principalmente se sentirem dentro de si que é absolutamente essencial que isso seja atendido ou feito.

Claro, tantas coisas diferentes podem ser discutidas acerca desse tópico. Por exemplo, as aparições de cavalos, de cães, de gatos e até de pássaros: bom, essas aparições não são necessariamente reais... do ponto de vista da alma estar presente. Invariavelmente, elas enquadram-se na categoria de manifestações etéricas que se traduzem pela força do pensamento no éter, que em certos momentos se torna visível. Aquelas carruagens puxadas a cavalos fantasmagóricas: elas não têm substância real. Mas existe um tipo de realidade na medida em que elas são definitivamente vistas e testemunhadas por pessoas do vosso lado, mas não possuem substância real. Na verdade, são reproduções etéricas de eventos que ocorreram, porventura há centenas de anos atrás, demasiado intensas e poderosas e que continuam a ser registadas, muitas vezes durante muitos anos.

Mas tanta tolice tem sido foi dita acerca dos fantasmas. Tanta diversão foi provocada por eles e, de facto, pode-se dizer que, em certos casos, há todas as razões para que encerre um lado divertido. Claro que existem alguns fantasmas muito divertidos: fantasmas com um grande senso de humor. Por vezes, vocês encontram pessoas que têm um maravilhoso senso de humor e que se esforçam

desse lado por fazer coisas que talvez causem alguma irritação ou aborrecimento, mas há uma sensação de diversão; porque nós deste lado, como vocês sabem, não nos transformamos necessariamente de imediato pela morte. Somos praticamente os mesmos que fomos -- isso é uma coisa que descobri desde que para aqui vim, que este é um mundo de realidade.

Para nós, é claro que o vosso mundo é um mundo de ilusão na medida em que tanto que acontece, que vocês aceitam como factual e real, para nós é muito irreal além de ser factual. Este é o mundo da realidade e nós temos muitas vezes os atributos e defeitos que podemos ter tido na Terra. Não nos tornamos anjos de repente e por vezes vemos o lado engraçado dos acontecimentos no vosso mundo, particularmente com indivíduos de quem gostamos. E vocês descobrem que, em certos momentos, as pessoas deste lado regressam e entram na vossa vida, interessam-se pelo que vocês fazem e, é claro, conseguem ver mais fundo do que as pessoas do vosso lado podem ver nos corações e mentes dos outros.

E eles vêem coisas que possivelmente o indivíduo em questão se esforça por esconder muito cuidadosamente dos outros, com muito sucesso, mas nós vemos a pessoa completa. Não vemos apenas uma fachada. Não vemos o que as pessoas gostariam que os outros vissem e ignoramos o resto. Vemos tudo e divertimo-nos. E às vezes os indivíduos deste lado que não são de modo algum más almas fazem coisas para tentar tirar as pessoas do seu mundo de si próprias, de modo a levá-las a conscientizar-se de coisas que são mais importantes, assim como levá-las a pensar e a agir de maneira diferente nas suas próprias vidas pessoais.

A maioria das coisas que acontecem ao redor e pelo vosso mundo, o que vocês chamam de assombrações, têm uma razão e um propósito. E por vezes até nos parece engraçado quando um clérigo começa a tentar exorcizar porque, francamente, ninguém tem o poder de exorcizar. Mas, em todo caso, estou bastante certo de que a média dos clérigos não faz a menor ideia de todo essa matéria. De facto, muitos clérigos têm as mais vagas noções sobre comunicação, e sobre espíritos. De facto, como vocês bem sabem, o homem comum da Igreja é muito ignorante no campo das verdades da vida após a morte.

Ele tem uma crença vaga que pode representar para ele uma realidade, mas que não tem substância por trás que lhe prove as suas declarações. Vimos muitas vezes dar um abanão nessas mesmas pessoas que nos exorcizariam. Na verdade, por vezes, uma assombração que pode ocorrer é deliberada na medida em que pode atrair o clérigo e levá-lo a tentar fazer algo a respeito; mas muito mais importante levá-lo a pensar mais seriamente sobre isso -- fazer com que pense mais seriamente sobre as possibilidades de vida após a morte e a comunicação; para tentar levá-lo a saber que há algo na verdade da sobrevivência.

Muitas coisas que ocorrem que por vezes parecem um pouco desconcertantes, são feitas deliberadamente do nosso lado. As aparições que vemos ocasionalmente, como já disse, podem ser lembranças etéricas de coisas passadas registadas na atmosfera desprovidas de substância profunda ou realidade da vida individual. Mas muitas das assombrações individuais provocadas pelos espíritos -- aparte aqueles que vêm por quererem que algo seja acertado -- muitas delas são feitas por almas deste lado com a intenção deliberada de despertar interesse em certos momentos e em certos lugares e levar todos os tipos de pessoas para a percepção de que há algo fora da sua dita existência normal. E se pudermos trazer a Igreja para a questão, que prega tanto sobre a vida após a morte, e levá-los a pensar mais seriamente sobre a questão e sobre a possibilidade de comunicação, então estaremos a fazer um óptimo trabalho.

Vocês sabem que usamos todos os tipos de métodos, todos os tipos de procedimentos, para tentar trazer a realização e a verdade da sobrevivência ao mundo e as assombrações são muitas vezes algo que para nós é um método e uma maneira de despertar interesse. E se conseguirmos conduzir o clérigo local ou o cónego ou quem quer que seja à casa ou ao local e conseguir muita publicidade nos jornais sobre isso, então estaremos a fazer as pessoas pensarem e questionar-se, e também o próprio pároco (se é que é possível levá-lo a perceber que também está a ser usado como médium), levá-lo a pensar na sobrevivência e comunhão com os espíritos, estaremos no caminho certo de infiltrar a verdade em todas as direções. Assim, há muitas razões para isso.

Greene: Sr. Price, posso perguntar-lhe uma coisa?

Price: Pode.

Greene: Não será certo que alguns desses espíritos presos à Terra na verdade estejam presos à Terra por pura ignorância; por meio de ensinamentos errados da Igreja? Eles não sabem nada sobre a vida após a morte e não percebem que já faleceram.

Price: Bem, é claro, existem esses casos de indivíduos que estão presos à Terra por causa da ignorância e por no seu íntimo serem muito reprimidos por pensamentos materiais. Quero dizer, eles são tão materialistas em vida que não podem deixar de ser -- embora em certo sentido estejam apartados da Terra -- materialistas ainda e apegar-se às coisas que conhecem e às condições de que gostam e por um tempo vivem numa espécie do mundo ilusório. Eles parecem ter prazer, diversão e felicidade em levar as outras pessoas a fazer o tipo de coisas que eles gostam de fazer. Por outras palavras, é claro, por vezes eles acometem indivíduos no vosso mundo e usam-nos frequentemente para os seus próprios fins e isso, é claro, é ruim e pode, em alguns casos, ser perigoso.

Veja, como tentei explicar, existe toda a sorte de modos, formas e condições respeitantes a assombrações, aparições e espíritos. Queremos muito, se pudermos, passar uma imagem muito mais clara disso por ser uma coisa muito importante para as pessoas do vosso lado saber.

Greene: Por que é quando há um espírito ao redor -- quero dizer, não uma dessas formas etéricas, mas um verdadeiro -- por que motivo fica a atmosfera gelada?

Price: Eu realmente não sei por que deveria necessariamente ficar gelada.

Greene: Pois.

Price: Eu não sei se no processo de extrair energia e poder das pessoas do vosso lado de modo a possibilitar a manifestação eles poderão estar a tirar algo... algo da atmosfera que confere calor. Não sei. Eu realmente não posso dizer, mas é uma solução viável. Mas a questão é que sempre sucede isso, creio eu... e eu experimentei isso quando estive do vosso lado... a frieza e a sensação de que há algo não normal ou natural. Mas isso pode ficar a dever-se mais a uma coisa mental do que física -- pode ser um processo mental que tenha uma reação física e a frieza ser a reação que vocês sentem. Pode suceder que a temperatura não mude; pode ser uma coisa ilusória a mudança de temperatura. Embora tenha sido verificado, acredito, por... por meio científico -- por um dito método científico -- notar que a atmosfera tenha baixado... a temperatura tenha caído.

Mas deveria, se me permitem, discutir isso muito mais convosco em algum momento posterior, porque há muito nisso que seria de ajuda e interesse para muitos e também ajudaria certas almas deste lado que muitas vezes precisam de ajuda. Como você já disse, existem essas almas presas à Terra que se apegam a indivíduos e usam esses indivíduos e muitas vezes de forma prejudicial. De qualquer forma, espero não tê-los entediado.

Woods: Não, de jeito nenhum, Sr. Price. Estou muito satisfeito por você ter falado sobre esse assunto. Mas há uma coisa que gostaria de lhe perguntar, Sr. Price, antes de se ir, se me permite...

Price: O que é?

Woods: Bem, Sir William Crookes -- você sabe, houve algo não muito bom escrito sobre ele. Você poderia apenas esclarecer-nos sobre a questão? Porque ele foi um cientista famoso, não era, e um bom cientista?

Price: Bem, eu realmente não sei muito sobre isso, mas ouvi dizer certas coisas ditas e acho que a melhor coisa a fazer, embora eu suponha que nem sempre seja fácil de fazer... não eram lá muito elogiosas. Mas sempre haverá quem o faça, se puder, de um jeito ou de outro... de um jeito ou de outro... usar meios sujos para manchar o nome de uma pessoa que fez tanto pelo progresso da ciência e da verdade. Suponho que se possa dizer que o melhor é ignorar essas coisas por virem a ser aceites pelo tipo de mentalidade que se dispõe a aceitá-las e a descartar por aqueles que não são da mesma mentalidade. É um problema, mas...

Woods: (interrompendo) Porque ele foi um homem famoso, não foi? Ele foi um homem estupendo.

Price: Bem, você sabe, há um velho provérbio chinês - acho que é chinês -- "as árvores altas levam com mais vento." Acho que é perfeitamente verdade. Quanto mais alto você se torna ou mais famoso você é, mais você se torna uma 'tia Sally.' Eu não acho que deva preocupar-me muito com isso porque a verdade acabará por vir ao de cima. E em relação a qualquer crítica de natureza moral que creio ter sido sugerida em relação a Crookes, bem, acho que se pode ignorá-la; e que ele faça parte de algo que tenha sido, bem, fraudulento, ridículo.

Woods: Sim, claro que é.

Price: Ele não arriscaria nem apostaria a sua reputação em algo dessa natureza.

Woods: Pois.

Price: Um homem com tanto a perder -- um bom nome, não faria parte de nada a menos que fosse completamente honesto e franco. Eu acho isso tão estúpido -- qualquer pessoa inteligente haveria de refutar e discordar de uma coisa tão medonha.

Woods: Pois. Muito obrigado.

Price: De qualquer forma, devo ir. Posso aproveitar esta oportunidade para lhe desejar um feliz Natal?

Greene: Obrigado, Sr. Price, muito mesmo.

Woods: Sim. Bem, muito, muito obrigado mesmo.

Price: Adeus.

Todos: Adeus.

Mickey: Um feliz Natal e um pos... próspero Ano Novo!

Greene: Espero que sim, Mickey.

Mickey: É.

Woods: Pois. Obrigada. E espero que tu também.

Mickey: Tchau, tchau.

Greene: Adeus, Mickey.

Mickey: E espero que o espírito do Natal esteja convosco...

Greene: Obrigado, Mickey.

Woods: Obrigado, Mickey, muito obrigado.

Greene: Deus te abençoe.

Mickey: ...e espero que o fantasma de Marley não lhes apareça! Adeus.

Woods: E um feliz Natal para ti, Mickey.

Greene: Adeus Mickey. Obrigada.

Mickey: Tchau tchau.

Greene: Cheerio querida.

Woods: Cheerio Mickey.

Flint: O que foi que ele disse sobre o fantasma de Marley?

Greene: O fantasma de Marley. É o 'Scrooge'.

Flint: Ah, pois.

Greene: Sim, 'Scrooge.'

Flint: Hã!

MICKEY

SOBRE O CÉU, O INFERNO, O HOMEM E O MUNDO ESPIRITUAL

Não importa quem sois; vós criais o vosso próprio ambiente e ninguém pode escapar, ninguém vos pode salvar. Todo este negócio religioso sobre ser salvo e tudo o mais... é algo que reside nos recessos da mente, uma criação do pensamento que pode existir temporariamente para vós. É por isso que existem algumas pessoas que vão para esse tipo de ambiente e de grupos, por causa das suas forças de pensamento no que diz respeito às suas informações religiosamente fortes; e nelas permanecem temporariamente, antes que esses pensamentos se dissipem com o tempo;

(Embora o tempo não exista da mesma forma que o vosso), e vivem juntos como uma comunidade. Existem esses grupos de pessoas que acreditam piamente que vão ser ressuscitadas, sabeis, e que não voltarão à Terra num corpo físico; e enquanto se agarrarem a essa ideia vasta, manterão esse pensamento e poderão perfeitamente viver na sua própria comunidade muito felizes. Há outra coisa: aquilo em que a vossa felicidade consiste está de acordo com a vossa visão e os vossos pensamentos. Aqui, toda a vida é criativa; no vosso mundo, também o é, até certo ponto.

Por que razão tendes guerras? O homem cria-as. As pessoas dizem sempre: "Por que é que Deus permite isto?". Ele permite que sigais em frente. Vede, Deus não tem nada a ver com isso; o homem cria a sua própria felicidade ou infelicidade. Pode ser que a infelicidade que entra na vossa vida seja criada por pessoas ao vosso redor. Não é necessariamente obra vossa, mas cada um é um indivíduo e as vibrações que começais a sentir podem, por vezes, ser perturbadoras.

Sofreis por vós mesmos, por causa das vossas atitudes e da vossa maneira de pensar. Vós criais toda a infelicidade e a miséria que entra no vosso mundo, até mesmo a doença. Eu poderia aprofundar este tema: todas as coisas terríveis que acontecem no vosso mundo, de alguma forma, são invariavelmente provocadas pelo homem. Claro que existem fenómenos naturais, como sismos e outras coisas, que não são criação do homem, mas, mais uma vez, ele continua a perturbar a natureza. Olhai para todo o lixo que colocastes nos céus, no firmamento, na terra e no mar.

É claro que a equipa continuará a colher um futuro muito infeliz por tudo isto. Não compreendo por que é que as pessoas não percebem que são elas próprias que criam o caos, a infelicidade e as misérias. Também é claro que deveríeis pensar na felicidade e na alegria se fizesseis as coisas da maneira certa; o homem faz o seu próprio céu e o seu próprio inferno.

Ele avança, percorre um longo caminho. Vede, o que não percebeis é que nada é estático, tudo é mudança, tudo é movimento. Ninguém permanece imóvel mental, espiritual ou fisicamente, quanto a isso. Quando estais na Terra, é o mesmo: a vida é toda mudança, tem de ser, não existe tal coisa como ser estático. Vede, toda a vida é contínua. O vosso corpo, por exemplo, quando estais na Terra, muda a cada segundo de certa forma. Se pudésseis apenas perceber isso: a vida é movimento, é emoção, é mudança.

Oh, gostaria de poder explicar. Quando cheguei aqui, não conseguia entender nada disto (risos). Não conseguia mesmo (ainda a rir), pensei: "bem, isto é extremamente engraçado", sabeis. "O que é que aquele rapaz está ali a fazer em baixo?". Bem, era eu mesmo, eu não tinha percebido o que acontecera. O choque atingiu-me, e de repente pensei: "isto é engraçado, é tão estranho". Suponho que seja assim para algumas pessoas quando se veem pela primeira vez fora do corpo. Depois percebi que as pessoas estavam a fazer um barulho enorme, sabeis. Então, claro, a minha mãe e o meu pai entraram em cena — a mãe sim, ela dava sempre um bom espetáculo. Não se pode evitar rir quando olhamos para trás.

Sabeis, estar morto é o negócio mais maravilhoso e emocionante. Desde o momento em que começais, percebeis que as pessoas vêm cuidar de vós, ajudar-vos e incentivar-vos. E, claro, vós retribuís. Encontrareis alguém que se aproxima e que, francamente, está tão confuso que às vezes pensa que está num sonho e não quer acordar. Nem sequer percebem que "esticaram o pernil". Oh! É sempre tão bom, ninguém precisa de temer, sabeis; é algo pelo qual ansiar, ninguém precisa de se preocupar com a morte. É uma coisa linda, linda.

Por causa da experiência de estar num hospital e de todas as operações desagradáveis, as pessoas temem essa parte, obviamente. Mas assim que estais fora do corpo, Ohhhh — vou aborrecer-vos — sois tão leves como uma pluma e podeis ir aqui e ali. Podeis ver as pessoas e o que elas fazem; apanhareis alguns choques, claro. Pessoas que julgáveis serem agradáveis à superfície, percebeis que são horríveis por baixo, sabeis.

Qualquer pessoa que esteja profundamente interessada nas coisas do espírito, e que tenha perdido alguém fisicamente — alguém que adore e ame e que tenha sido a sua própria vida — e pense: "Oh, quem me dera poder acreditar realmente que há vida após a morte e que vou encontrar o meu querido fulano". Talvez

estejam sentadas, mórbidas, sozinhas e deprimidas e, de repente, o aquário flutua no ar e os peixes ficam loucos. Vede, isso fá-las pensar: "Oh, o que é isto?". Isso dá-lhes um pouco de força, não é? "Deve haver algo para que isto aconteça". Vede, nós não tentamos fazer coisas tolas, mas ficaríeis surpreendidos.

Quero dizer que fazemos todo o tipo de coisas estranhas. Movemos objetos nas prateleiras, por vezes, ou tiramos flores dos vasos, para lhes dar a ideia de que estivemos lá. Se for possível fazer algo simples assim, fazemo-lo. Muito depende das circunstâncias, mas vedes que a busca é de todos; não necessariamente todos buscam da mesma forma, mas todos querem algo. Invariavelmente querem convicção, querem conforto, querem elevação; querem saber que a morte não é o fim e que, eventualmente, estarão com os seus entes queridos novamente. E isso é o mais importante de tudo. Não é até perderdes alguém próximo que começais a apreciar plenamente.

Mas isto é algo típico das pessoas: vós dais os outros como garantidos, amais-os da mesma forma e apreciais tudo o que dizem e fazem. Às vezes tendes uma pequena zanga ou um mal-entendido, e depois tendes arrependimentos. Mas, olhando para trás, as pessoas deveriam perceber que há tanto que poderiam ter feito e não fizeram. Quando chegais aqui pela primeira vez, pensais: "Oh, eu poderia ter dito isto e aquilo, ou poderia ter feito isto e aquilo, por que agi assim?". As pessoas arrependem-se. Se pudésseis perceber: não há nada mais fácil do que ser agradável, gentil, atencioso, prestativo e edificante para as pessoas enquanto as tendes convosco, em vez de apenas vos aproveitardes delas.

Não se pode deixar de rir, mas a natureza humana é uma coisa completamente engraçada. Muitas vezes, a pessoa que mais amais é a que mais feris. Nem sempre o fazeis intencionalmente, obviamente, e quando vindes para aqui, olhais para trás e é como se toda a vossa vida passasse diante de vós. É o que dizem sobre as pessoas que se estão a afogar: que têm esta visão do que foi a sua vida. Bem, não digo que seja exatamente assim, mas a questão é que aqui tendes uma oportunidade de ouro enquanto estais no vosso mundo: fazer as coisas do espírito enquanto ainda estais na carne. Podeis tornar-vos pessoas muito mais calorosas, amáveis e compreensivas do que realmente sois ou fostes.

Tendes uma oportunidade de ouro. Se acreditais — como esperamos que acrediteis — nas coisas que vos dizemos e com as quais tentamos ajudar-vos, e se isso não vos tornar pessoas mais agradáveis, amáveis, calorosas e atenciosas, então não fizemos o nosso trabalho. Mas vedes, noventa por cento das pessoas — não deveria dizê-lo, mas é verdade, o velho Les tem razão — muitas pessoas que vão às igrejas espiritualistas não mudaram realmente o seu interior, mesmo estando convencidas da vida após a morte. Ainda são mal-intencionadas. Quero dizer, entrais em qualquer igreja espiritualista — e eu já estive em algumas, acreditai —

e eu estou ali de pé, a acenar as mãos, a tentar atrair a atenção dos médiuns, sendo completamente ignorado, e penso: "Bem, ela diz-se clarividente e não consegue ver nada", sabeis, e fico farto.

O ponto é: tendes tudo isto nas igrejas; tendes pessoas que se atacam umas às outras em comités e direções. Sei que não deveria dizer isto, mas é verdade. Estamos todos juntos neste trabalho, a fazer a obra de Deus, a fazer a obra do Espírito, e todos deveríamos estar a tentar desesperadamente ser mais gentis, calorosos e atenciosos. Não é a coisa mais fácil; às vezes alguém vos irrita ou aborrece e sentis "Oh Deus", sabeis, mas a questão é que tendes de deixar isso para trás.

Sabeis, muita gente não consegue fazer isso. Querem ser o centro das atenções, ou querem estar no palanque, e dizem para si mesmas: "Oh, eu consigo fazer melhor do que aquele que ali está". Provavelmente até conseguiriam, mas o ponto é que tendes de fazer concessões. Ninguém é perfeito e todos estamos a lutar por algo, mesmo sem saber bem por quê.

Em qualquer caso, todos se sentiriam desconfortáveis num mundo perfeito. Eu não estou num mundo perfeito e nunca conheci ninguém aqui que dissesse estar num mundo perfeito. Estamos em diferentes estados de ser, de acordo com a nossa evolução e o nosso desenvolvimento, e estamos felizes nesse ambiente, pois é o ambiente que alcançámos ao longo de um período daquilo que vós chamais tempo — embora nós não vejamos o tempo como vós o entendeis. Tudo é uma questão de estado de espírito. Às vezes desço, olho para o vosso mundo e penso: "Oh, não sei...".

Fazemos o melhor possível, tentamos ajudar as pessoas, tentamos confortá-las, tentamos dar-lhes uma visão sobre as coisas que realmente importam. E muitas dessas pessoas fazem o melhor que podem — talvez eu não devesse dizê-lo, mas poderiam fazer muito melhor. Sabeis, é engraçado, eu poderia dizer que têm uma verdade maravilhosa, e preocupa-me que, por vezes, não a apreciem; simplesmente dão-na como garantida.

Quer dizer, elas vão, recebem as bênçãos e os elogios, isso dá-lhes algum conforto por um dia ou dois e, depois, algo corre mal algures — talvez a persiana encrave — e ficam logo fartas e irritadas. Não se pode evitar rir, perante toda essa fraqueza e as coisas que acontecem. Eu solto uma gargalhada, às vezes, quando venho aqui e vejo o que se passa através das pessoas que conheço.

Visito as pessoas de vez em quando e elas ficam excitadas e tensas; às vezes é tão tonto. Sei que provavelmente não o podem evitar. Se ao menos percebessem que, embora as coisas com que estão preocupadas sejam importantes por ainda

estarem no mundo material, elas não são o princípio e o fim de tudo. Quando vierdes para aqui e olhardes para trás, e vos virdes como realmente éreis — todas as estupidezes e todas as coisas que causaram irritação e frustração, e que por vezes vos levaram a comportar-vos mal com alguém que amais — é tudo muito triste nesse aspeto.

Mas todos têm uma espécie de... bem, não sei. Se pudésseis ver as coisas como nós as vemos: se cada dia tentásseis tornar-vos um pouco melhores, tentásseis fazer as coisas melhor do que no dia anterior, com um pouco mais de reflexão e preocupação com os outros em vez de convosco. Vede, muita gente está apaixonada por si mesma, e isso é uma coisa terrível. Todos deveriam estar ansiosos por se superarem, por melhorarem no sentido material, espiritual e psíquico; mas se estiverdes apaixonados por vós mesmos — e muita gente está, embora nunca o admita ou realize — a vossa principal preocupação será sempre: "o que é que eu ganho com isto?" ou "valerá isto o meu tempo?".

Essa não é a atitude a ter na vida. O que importa é o que podeis fazer e o que podeis alcançar, não apenas para vós, mas para os outros; dar-vos em serviço de amor aos outros e esquecer-vos de vós mesmos. É aí que começais a crescer mental e espiritualmente.

Aqui termina!!! Não é engraçado? Até a casinha mais ínfima pode ter tudo, enquanto numa mansão se pode não ter nada. Encontrei mais amor, mais harmonia, mais beleza e mais conforto com pessoas que habitam num pequeno lugar miserável. Isso brilha de dentro delas. Já estive em sítios que custaram milhões e onde as pessoas são tão miseráveis que nem sei explicar — mas também há gente boa nesses locais. Há muito para aprender!

Andar por aí a tocar harpa e a cantar hinos... as pessoas não percebem que somos pessoas reais. Progredimos, desenvolvemo-nos, abrimos a nossa consciência, evoluímos e tornámo-nos mais conscientes espiritualmente. Eu, por exemplo, vim para aqui quando tinha cerca de onze anos. Cresci aqui. Quando volto para vós, reverto mentalmente — bem, espero não o fazer totalmente — mas volto ao meu antigo eu, mais ou menos como me veríeis se pudésseis.

Mas aprendi imenso. Posso falar de forma comum, mas também posso falar de forma fina. Sinto que é melhor ser como sou e como esperais que eu seja. Sabeis, as pessoas não têm ideia; pensam que chegam ao outro lado e de repente se tornam "mais santas do que os santos", e que andam por aí com uma harpa a cantar hinos. Quem haveria de querer passar a eternidade a cantar hinos e a tocar harpa? Preferia estar morto e não saber nada.

É tudo uma loucura. Na verdade, quando analisais todas estas diferentes religiões e crenças, fundamentalmente a mesma verdade está lá, porque não se pode erradicar a Realidade. Mas o homem criou este aspeto religioso das coisas que tem pouco ou nada a ver com a verdade. Se não há vida após a morte, qual é o sentido da religião? Depois encontrais aquelas pessoas tontas e intolerantes que acham que todos vão para o inferno e que só elas serão salvas, que serão levadas para as nuvens... Valha-me Deus!

A velhice é algo puramente material. Quando vos livrais da velha crisálida, a borboleta sai. Ficaríeis surpreendidos: vedes algumas dessas pobres velhinhas do vosso lado, em cadeiras de rodas, com dores e a gemer, e estão mortas de medo de "esticar o pernil". Agarram-se a qualquer pessoa, empurrando-as como loucas. Em alguns casos, não se deixam libertar. Se ao menos percebessem como seria muito melhor! Compreendo que haja pessoas com um medo terrível de morrer. Acho que é por causa desses filmes de terror que tendes; isso dá às pessoas ideias erradas. Realmente, se não fosse triste, às vezes seria engraçado.

Existem pessoas que foram "alguém" do vosso lado, tal como o mundo vê, e estavam cheias de si, convencidas da sua importância. Algumas até pensavam que o mundo não avançaria sem elas. Bolas! Devíeis vê-las aqui! Tiveram de aprender a mudar, garanto-vos.

Sabeis que as pessoas me fazem rir; vão a reuniões espiritualistas e acham que tudo tem de ser muito religioso. Cantam os seus hinos e tentam superar-se uns aos outros no tom de voz, e acham que um médium (não se pode evitar rir) deve estar sempre num nível espiritual elevadíssimo. Ninguém diz que não deva ser assim, mas o que não percebem é que, se quereis fazer o trabalho do espírito, deveis fazê-lo o melhor possível nas circunstâncias existentes. São as pessoas presentes que fornecem a atmosfera, as condições e, até certo ponto, a energia.

Mas vedes, não deveis ter a ideia de que o nosso mundo é composto apenas por pessoas que estão muito evoluídas mental e espiritualmente. Claro que elas estão nos níveis mais elevados, nos planos superiores. Mas não tendes de estar necessariamente num plano muito baixo para serdes normais, como o vosso mundo entende — para serdes como éreis quando na Terra. Quer dizer, quando descemos ao vosso ambiente, assumimos temporariamente, até certo ponto, as vossas condições e a vossa visão das coisas. Consequentemente, por vezes — e por vezes por razões de prova — revertemos para o nosso antigo eu. Já ouvi pessoas dizerem: "ele às vezes usa uma linguagem um bocado má". O que é que isso tem de mal? Se lerdes a Bíblia, há lá mais sujidade do que em qualquer outro livro escrito.

Bem, se vos cortardes, sangrais; mas alguém disse uma vez: "Oh, esse rapaz usa palavras como 'sangrento'". O que é que isso tem de mal? Deveis preocupar-vos é quando não sangrais. Encontrais algumas dessas pessoas que têm boas intenções, são bondosas e tudo o mais, mas pensam que o mundo espiritual deve ser muito, muito sagrado, que devemos falar uns com os outros numa linguagem muito espiritual e que devemos estar a cada momento a cantar hinos. Seria uma seca.

Somos todos pessoas de diferentes níveis e todos procuramos uma maior realização e aspiração. Entramos em ambientes diferentes de acordo com a nossa evolução ou desenvolvimento. Alguns de nós, que estamos perto da Terra, temos de trabalhar convosco de qualquer maneira e acabamos por absorver coisas de vós. Já me disseram: "tu falas de coisas que não existiam no teu tempo quando estavas na Terra". Pois claro, eu absorvo-as de vós! Se nos apegamos a alguém, como o velho Les, eu absorvo muito dele e ele absorve muito de mim; é nisso que consiste a boa mediunidade.

É outra coisa que as pessoas não percebem: a mediunidade é estar em sintonia e em contacto com o instrumento que se usa. Obviamente, se estais tão próximos num encontro, ireis absorver certas coisas do médium ou das pessoas que se sentam com ele. O meu vocabulário — bom, mau ou indiferente — está em níveis diferentes de acordo com as pessoas com quem estou.

Quanto a vós, quero dizer: se alguém aparece e pragueja como um soldado, não significa que eu tenha de praguejar como um soldado, mas isso fica registado na atmosfera. As pessoas têm ideias engraçadas; pensam que, porque "esticam o pernil", se tornam subitamente angelicais. Bem, que seca seríamos todos se fôssemos assim tão angelicais!

Não gostaríamos de estar aqui, quereríamos estar noutro lugar. O ponto é que existem diferentes níveis de acordo com a vossa evolução e consciência. As pessoas têm ideias engraçadas sobre nós: somos pessoas reais, não somos conjurados nem feitos de coisas imaginárias.

"Devemos tentar libertar-nos dos pensamentos e desejos materiais e perceber o poder do espírito interior..."

“Vós estais a viver nas sombras. Nós estamos a tentar trazer a luz — a iluminação da mente e do espírito.”

Mickey

"Cada um de vós está aqui por um propósito... fundamentalmente estais aqui para a elevação espiritual... mas o sentimento profundo que as pessoas devem ter... é o desejo de um contacto pessoal com alguém [no Mundo Espiritual] que tenha significado a própria vida para vós..."

Ao longo de todos os cinquenta e tal anos que trabalhei com o velho Flint, o meu trabalho tem sido dar-lhe provas e ajudá-lo — o que tem sido maravilhoso e estou feliz por tê-lo feito — mas ele não está a ficar mais novo (na verdade, está a ficar antigo!)

Gostaria de sentir que, nos próximos anos que lhe restam, o nosso trabalho possa estar no nível que sentimos ser necessário para a massa da humanidade.

Essas gravações podem ser feitas, podem ser utilizadas e reproduzidas, dando às pessoas a oportunidade de receberem algo de valor real. Gostaríamos de usar a mediunidade de Flint no nível que sentimos ser necessário e que nos sentimos justificados em realizar. Após termos feito cerca de cinquenta anos de serviço num determinado nível, agora gostaríamos que o nosso trabalho se fundisse com algo de natureza mental e espiritual, que confortará toda a humanidade.

Não queremos formar uma organização, não queremos formar um grupo religioso. Não queremos colocar um indivíduo numa posição superior — qualquer grupo que reivindique superioridade ou diga que está certo e os outros errados, tem algo de radicalmente errado — seja com o expoente ou com o chefe da organização...

Somos universalmente 'filhos' de Deus em busca, para que se unam em verdadeira harmonia, em verdadeira paz e amor, para que vejam que todos fazem parte do plano Divino e todos fazem parte do mesmo Espírito.

Queremos quebrar barreiras, queremos trabalhar juntos. Estamos ansiosos por encontrar canais. Tivemos de desenvolver este Médio (Flint) há anos, para que ele pudesse ser usado na capacidade de ajudar os outros — e nesse sentido penso que fizemos um bom trabalho. Mas nunca sentimos que alcançámos o que poderíamos ter feito porque, até certo ponto, tivemos de nos curvar à vontade e às exigências das pessoas — a maioria do vosso lado, em vez do nosso..."

AMY JOHNSON, PIONEIRA DA AVIAÇÃO

(1903-1941)

Amy Johnson foi a primeira britânica a obter uma licença de engenharia de terra para trabalhar com aviões. Em 1930, tornou-se a primeira mulher a voar da Inglaterra para a Austrália, um voo de 11.000 milhas. Continuou a estabelecer novos recordes de voo. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se ao Air Transport Auxiliary, pilotando aviões da Royal Air Force por todo o país. Morreu num acidente relacionado com um voo em 1941.

Amy Johnson comunicou numa sessão em 1970. Após os ensaios normais da caixa de voz, fala sobre as pessoas que entram no espaço, um novo fenómeno em 1970. Diz que não conhece ninguém que tenha tido contacto com alguém noutro planeta. Betty Greene menciona que George Woods tem gripe e Amy diz estar espantada com o facto de ainda não se ter encontrado uma cura para a gripe.

Diz que tem pouco contacto com a Terra agora. Está a aprender gradualmente sobre as leis universais. Mas diz que as pessoas na Terra precisam de aprender sobre a morte e a vida após a morte. Afirma ser terrível que as pessoas não compreendam.

Há uma forma de tempo na vida após a morte, mas não é medida pelo sol, pela lua, pelas estrelas ou pelo calendário. Continua a interessar-se por voar. No entanto, lá, não precisam de meios mecânicos para voar. O seu marido está interessado em desenvolver-se mentalmente. Também se interessa por música e arte, e tornou-se muito mais sensibilizado desde que fez a passagem.

Diz que costumava voltar à Terra, mas que já não lhe desperta interesse. As pessoas podem fazer coisas do seu lado da vida sem qualquer esforço. Não precisam de comunicar da mesma maneira; é totalmente diferente. As coisas que pareciam importantes na Terra já não o são. As pessoas não têm as mesmas necessidades.

Está a tentar aprender a expressar-se melhor, avançando para outro estrato e abrindo a mente a outros horizontes. Não está interessada em coisas materiais na Terra. Diz que, se as pessoas entendessem a verdade da vida após a morte, isso ajudaria tremendamente, mas a maioria está completamente cega. Muitas vezes, as pessoas que deveriam saber, não sabem. Diz não acreditar que estejam interessadas; estão mais materialistas do que nunca. Todos têm de morrer, mas ninguém quer pensar, falar ou saber sobre isso. Das coisas mais importantes da vida, as pessoas afastam-se.

Descreve o seu sentido espiritual ao voar. Quando voava, estava sozinha "lá no alto". Criou um enorme pensamento, diz ela. Estava muito mais próxima do espiritualismo do que a pessoa média quando voava. Mentalmente, foi altamente

sensibilizada pelo seu trabalho. Afastou-se das pessoas e das coisas materiais, mentalmente. De uma maneira estranha, sentiu que estava "em contacto".

Foi extraordinário o que lhe passou pela mente. A morte não parecia importar. Acha que muitos aviadores são assim; afastaram-se das coisas materiais. Especula que os astronautas devem sentir o mesmo, percebendo a imensidão da vida e que esta não é puramente física e material. Nesses momentos, achou que era mais do que parecia. O corpo permite que as pessoas na Terra experimentem, mas é algo que, por si só, é um meio para um fim, não o princípio e o fim de tudo.

Olho para trás, para a minha vida; não tive medo. Tive os meus momentos em que desfrutei das coisas, mas sempre fui mais feliz quando estava longe da terra, num avião. Percebo agora que era uma experiência psíquica. Estava a tornar-me mais sintonizada. Estava fora da terra e da contaminação das coisas materiais. Estava mental e espiritualmente sintonizada.

Diz que acredita ter sido ajudada do outro lado até certo ponto, mas ajudar as pessoas na Terra é algo muito difícil; depende do indivíduo. Afirma que é difícil para eles fazerem muito. Só quando as próprias pessoas desejam ser ajudadas é que se torna possível ajudá-las. Muitas vezes, as pessoas em dificuldade pedem ajuda ou rezam e, às vezes, são ajudadas, mas até abrirem a porta, aqueles do outro lado não podem entrar. "Eles fecham a porta, correm o ferrolho e a barra", diz ela. Para receber ajuda, a pessoa tem de ter fé. "Abri a porta de par em par", diz ela, "não espreiteis apenas". Algumas pessoas são duvidosas e temerosas, mas, a menos que façam algum esforço, não há nada que o outro lado possa fazer. Depende do indivíduo. Tem de haver reciprocidade.

Continua explicando que, em cada etapa da vida, a menos que a pessoa se arrisque e se esforce por descobrir e experimentar, não consegue nada. O problema é que a grande maioria das pessoas tem medo.

Diz então que gostaria de educar as crianças. As crianças irritavam-na em vida, mas agora interessa-se por almas jovens, ensinando e ajudando. Há crianças muito pequenas que precisam de ajuda e orientação. Acha estimulante, e o que se aplica a uma pode não se aplicar a outra. Adverte prontamente que, quando falamos de crianças, nem sempre são crianças jovens na Terra. Às vezes, são adultos imaturos. Os deficientes mentais na Terra são como crianças. Diz ser incrível como as pessoas que julgamos não nos poderem ensinar muito, podem ensinar imenso. Às vezes, conhecem pessoas de planos superiores. Há sempre algo novo, fresco e emocionante.

Aqueles que sofrem de trissomia 21 não permanecem limitados quando fazem a passagem. O lado físico já não se aplica, pelo que não estão sob a mesma

desvantagem, mas a sua condição mental é retardada e precisam de trabalhar nisso. Muitas vezes, são bastante brilhantes em si mesmos, mas o seu cérebro físico não funcionava corretamente. Têm a capacidade de evoluir e, quando não estão no corpo, são diferentes; são capazes de assimilar o conhecimento e aprender. A possibilidade de realização está lá. Na verdade, são muito mais fáceis de ensinar porque não têm os mesmos problemas que tinham na Terra. No futuro, têm um "corpo rarefeito", um corpo perfeito. Na Terra, o corpo era imperfeito, mas na vida após a morte é perfeito. Isso traz imediatamente certas mudanças, e depois apenas precisam de um ajuste de mente e espírito, em sintonia com o corpo etérico e em harmonia.

O reino da Terra está cheio de desarmonia, não só com crianças deformadas, mas com todas as pessoas. As pessoas precisam de criar harmonia, tornando-se sintonizadas. É muito mais difícil para pessoas com ideias fortemente fixas, que criam obstáculos, do que para as crianças, mesmo que fossem imperfeitas e não pudessem pensar com clareza. É mais fácil para elas tornarem-se pessoas diferentes, até brilhantes e avançadas. É muito mais difícil para aqueles com opiniões fortes aprenderem e avançarem do que para o "tolo da aldeia".

O problema com as deficiências mentais é físico, mas nunca foi intenção que alguém nascesse física ou mentalmente imperfeito. O homem fez isso. Os pecados dos pais recaem sobre os filhos. Somos o produto de outras pessoas em todos os sentidos, mental e fisicamente. Todas as pessoas na Terra partilham o mesmo espírito. Todos estão ligados. Se gerações de pessoas pensam erradamente, criam erradamente; criam imperfeições. As condições físicas do passado alcançam o presente e o futuro. O homem criou a situação e é responsável pelo que acontece na Terra. Se tendes filhos imperfeitos, o homem é o culpado.

Os pais podem ser perfeitos fisicamente, mas podem não o ser mentalmente, e os problemas remontam a gerações. Não há indivíduo isolado; todos são um produto. Todo o universo é parte integrante das outras pessoas, e todos somos parte integrante do mesmo espírito, manifestado na carne, tudo ligado à raça humana. Se tratamos mal os animais, isso reflete-se na raça humana. As pessoas não conseguem escapar à lei natural. As coisas que nos afligem na Terra estão lá porque o homem as tornou possíveis.

A questão de saber se uma alma escolhe um pai é estranha. Isso sugere que a consciência do indivíduo existe antes de nascer, apenas esperando por um progenitor. A Terra e o mundo espiritual, todos os mundos diferentes, são apenas aspetos diferentes da evolução do homem. Pode haver vida noutros planetas no mundo espiritual. Aqueles do outro lado não olham para isso da mesma maneira. O homem na Terra olha para a Terra e para a Lua e vê a Lua como um mundo

morto, mas existe uma forma de vida nela. E há outros seres separados por séculos de tempo e quilómetros de distância.

Diz que todas as pessoas que conhece tiveram existência na Terra num momento anterior e evoluíram. O significado da vida é a evolução. Não há começo nem fim. Nada é novo; tudo foi descoberto. Algumas coisas foram perdidas na Terra, depois encontradas novamente séculos depois. Há muito lá à espera de ser descoberto.

Johnson: Extraordinário...
Greene: Extraordinário?
Johnson: Tentei comunicar há muito tempo.

Greene: Tentou?

Johnson: Estou aqui com o Jim...

Greene: Perdão? Por favor, poderia dar-me o seu nome?

Johnson: Amy.

Greene: Amy quê?

Johnson: Johnson.

Greene: Ah!

Johnson: Johnson.

Greene: Pensei... pensei que fosse. Vós já nos visitastes antes, não foi, Menina Johnson?

Johnson: Há muito tempo.

Greene: Ah sim, adorável.

Johnson: Há muito, muito tempo.

Greene: Bem, estais a sair-vos muito bem.

Johnson: Ainda... acho isto extremamente... estranho...

Greene: Sim?

Johnson: ...tentar falar. Conseguis ouvir-me?

Greene: Sim, consigo ouvir-vos claramente agora, obrigada.
Conseguis conversar connosco esta manhã? Falai sobre o que quiserdes.

Johnson: É absolutamente fantástico o que está a acontecer — este negócio do espaço.

Greene: Sim, estais interessada nisso?

Johnson: Oh, assustadoramente, sim! Muito interessada. Bem, todos nós estamos.

Greene: Sim? Encontrastes... sobre qualquer coisa que talvez... os astronautas ainda não tenham encontrado nada?

Johnson: Não sei. No que me diz respeito, nunca consegui... bem, entendo que ninguém realmente fez contacto com outros planetas — não deste lado. É possível fazer contacto com a Terra...

Greene: Sim.

Johnson: ...ocasionalmente, de qualquer forma, com a necessidade de meios e tudo isso. Mas não conheço ninguém que tenha estado em contacto com alguém noutros planetas. Claro que pode ser, mas eu nunca conheci ninguém.

Greene: Não conhecestes?

Johnson: Conseguis ouvir-me?

Greene: Sim, muito claramente, Menina...

Johnson: Chamai-me Amy, por amor de Deus!

Greene: Amy... (risos)

Johnson: Onde está o outro cavalheiro? Mais alguém veio convosco.

Greene: Sim, o Sr. Woods. Ele está bem, mas tem havido esta horrível epidemia de gripe e ele não tem saído.

Johnson: Quereis dizer que ainda não encontraram uma cura para a gripe?

Greene: Não.

Johnson: Valha-me Deus, pensaria que, com todas as coisas que andam a fazer, certamente encontrariam uma cura para isso — um preventivo.

Greene: Bem, há todo o tipo de coisas, Amy, que realmente não são... deveríamos dizer...

Johnson: Não estou muito em contacto com o vosso mundo agora.

Greene: Não, bem, vós não tendes...

Johnson: Ocasionalmente, de vez em quando, oiço de várias pessoas coisas que estão a acontecer, e certamente o mundo não parece melhorar em alguns aspetos, pois não?

Greene: Não. Estávamos precisamente a dizer antes, quando alguém passou, que o homem não sabe nada sobre leis universais e vós estais a aprender sobre isso agora, não estais?

Johnson: Ah, gradualmente, sim. Se as pessoas entendessem mais sobre este negócio de morrer e da vida após a morte, e o tipo de mundo que, até certo ponto, encontrarão de qualquer maneira. Quero dizer, eu só acho que é terrível. Acho horrível pensar que as pessoas não entendem isto. Quando cheguei aqui, foi um grande choque.

Greene: Sim, eu sei, dissestes-nos isso quando viestes pela primeira vez.

Johnson: Deve ter passado um longo período de tempo desde que falei convosco, alguns anos, suponho.

Greene: Há alguns anos.

Johnson: Já passou tanto tempo?

Greene: Mmm...

Johnson: O tempo é muito peculiar para nós, já não estamos sujeitos a ele. Tempo, espaço, distância — tantas coisas que se aplicam na Terra não parecem ter o mesmo significado aqui. Há uma forma de tempo, suponho, mas não é medida pelo sol e pela lua, pelas estrelas e pelo calendário.

Greene: Não, sim. Erm... Amy, o que fazeis, o que fazeis agora mesmo?

Johnson: Ah, tenho todo o tipo de interesses. Perdi o interesse em voar, o que suponho que para algumas pessoas deve parecer muito estranho, mas é claro que não é necessário (risos). De qualquer forma, não precisamos de coisas mecânicas aqui, já não é necessário.

Greene: O que faz o Jim?

Johnson: Ah, bem, temos muitos interesses. Ele estava tremendamente interessado em desenvolver-se mentalmente num estrato inteiramente diferente de tudo o que fez na Terra. Está muito interessado na música e na arte. Tornou-se muito mais... não sei... muito mais sensibilizado, creio.

Greene: Vós não vos interessais em voar, não vos interessais por...

Johnson: Nada, agora. Não.

Greene: ...ou algo assim?

Johnson: Interessei-me no início, mas não agora. Eu costumava voltar — não que pudesse comunicar — mas costumava voltar e interessar-me pelo que estava a acontecer. Mas agora acho que isso já não me interessa nem me atrai. Suponho que é por aqui ser possível fazer tantas coisas.

Somos capazes de fazer coisas sem, em certo sentido, qualquer esforço, e não é necessário, em geral, percorrer distâncias vastas — e não é necessário comunicar, mesmo assim, da mesma maneira. Na verdade, a vida é tão totalmente diferente que muitas das coisas que pareciam importantes, obviamente, já não o são, por isso não despertam interesse. Quero dizer, não se sente o desejo nem a necessidade.

Greene: O que considerais agora ser o mais importante?

Johnson: Oh meu Deus, quereis dizer na Terra?

Greene: Não exatamente... a coisa mais importante que vos afeta agora; o que pensais ser o mais importante?

Flint: [funga]

Johnson: Suponho que seja tentar aprender mais e expressar-me melhor de várias formas. Penso que o objetivo é saber mais sobre a evolução e evoluir para

um estrato diferente e, de certo modo, abrir a experiência a horizontes mais amplos.

Quero dizer (risos), certamente não acho que tenha algo a ver com coisas materiais. Como já disse, na verdade não estou interessada em coisas materiais. Uma pessoa sente-se triste e lamenta a maneira como o mundo está, e gostaríamos de ajudar se pudéssemos. Mas parece-me que os seres humanos continuarão a cometer e a sofrer o mesmo tipo de erros; apenas espero que, em algum momento, comecem a aprender algo com eles e mudem em conformidade.

Creio que a única coisa é que, [se] as pessoas entendessem esta verdade, se percebessem as realidades, isso poderia ajudar tremendamente. Mas acho que a grande maioria das pessoas está completamente cega, não está interessada. Não querem saber.

Greene: Exatamente. É isso que enfrentamos.

Johnson: Sinto que, apesar das religiões, parece-me que, muitas vezes, as pessoas que deveriam saber, não sabem. Parece frequentemente o cego a guiar o cego. Não acho que as pessoas estejam interessadas. Creio que estão cada vez mais materialistas.

Greene: E, no entanto, quando se chega ao ponto crítico, elas — talvez sejam informadas de que podem morrer ou algo assim — então ficam todas...

Johnson: Mas todos sabem que têm de morrer!

Greene: ...então querem saber mais sobre o assunto.

Johnson: E ninguém parece querer saber nada sobre isso, ou muito poucos. Toda a gente adia a questão, sabeis — não querem pensar nisso, falar nisso ou saber sobre isso. Quero dizer, parece-me que são os fatores mais importantes, as coisas mais importantes da vida, de que as pessoas se afastam. Suponho que eu o fiz — a maioria de nós fá-lo, mesmo quando na Terra. Não achais?

Greene: Acho que sim. Espero que, naqueles dias em que voáveis, não vos preocupásseis...

Johnson: Bem, é isso; acho que, quando voava, estava inteiramente por minha conta "lá no alto", como se poderia dizer. Tive muitas oportunidades e tempo para pensar, e refleti imenso.

Creio que, de uma maneira estranha, eu estava muito mais perto do que chamais Espiritismo, ou da perceção das coisas, do que a pessoa média. Eu não sabia praticamente nada, isto de um ponto de vista prático, entenda-se. Mas agora, claro, olhando para trás, percebo que mentalmente eu estava, em certo sentido, muito em sintonia. Fiquei altamente sensibilizada pelo facto de... suponho, pelo meu trabalho. Pode parecer estranho, mas é verdade.

Greene: Não, creio que, quando estáveis sozinha no alto, tínheis tempo para pensar, não era assim?

Johnson: Mas é isso mesmo; uma pessoa afastava-se das pessoas, escapava das coisas materiais — estava-se inteiramente por conta própria. E penso que mentalmente, de uma maneira muito peculiar, estávamos em contacto — coloquemos as coisas assim. Eu não teria dito isto na altura, não o teria pensado, mas é extraordinário o que nos passa pela mente, sabeis. E, de alguma forma, a morte não parecia importar. Também não se sentia... era uma sensação extraordinária. Creio que muitos aviadores são assim. Acho que perdem o peso, em certo sentido; o peso material e os problemas parecem afastar-se deles.

Greene: Quando vêem o vasto espaço à sua frente, pensam nisso, não é?

Johnson: Bem, creio que sim. Quando estais lá e vedes — deve ser ainda mais intenso com estes astronautas. Creio que é isso que torna possível que façam o que fazem. Uma pessoa percebe a imensidão da vida... e que esta não é puramente física ou material. Acho que, de uma forma estranha, percebeis que sois muito mais do que pareceis e o corpo é meramente algo que vos permite experienciar. Mas é obviamente um meio para um fim — e não o princípio e o fim de tudo. Sente-se isso quando se está, por assim dizer, longe da Terra.

Greene: Mmm. Sim.

Johnson: Olho agora para trás, para a minha vida, e vejo as coisas de forma tão diferente. Creio que não tinha realmente medo. Em certo sentido, acho que me sentia mais feliz longe da Terra do que nela. Claro que tive os meus momentos em que desfrutei das coisas, mas não sei, sempre fui mais feliz quando estava longe da Terra, num avião. Sentia-me mais "eu" e isso era porque, de uma maneira estranha, estava fora de mim mesma. Percebo agora que essa era uma experiência psíquica.

Greene: Tivestes uma perceção interior?

Johnson: Sim; bem, eu não lhe teria chamado isso na altura, não saberia o que era, mas estava realmente a tornar-me mais sintonizada. Estava fora do

ambiente e da condição da Terra, longe da contaminação das coisas materiais e, de alguma maneira estranha, estava a ser mental e espiritualmente sintonizada. Sei que parece estranho, mas é verdade.

Greene: De qualquer modo, olhando agora para trás para a vossa carreira na aviação, pensais que... agora que o percebeis, credes que houve momentos em que fostes ajudada por alguém — talvez por um aviador do outro lado que tivesse sido aviador na Terra?

Johnson: Creio que isso é verdade até certo ponto.

Greene: Como o Campbell ajudou o Donald Campbell.

Johnson: Sim, até certo ponto; mas, novamente, julgando pela minha própria experiência, tentar ajudar as pessoas na Terra é algo muito difícil. Podemos influenciá-las mentalmente até certo ponto, mas depende do indivíduo. E o estado e a condição do mundo sendo o que são, é muito difícil para nós fazermos muito. Gostaríamos de o fazer, mas só quando as próprias pessoas fazem o esforço mental de querer ser ajudadas é que o tornam possível.

Todo este negócio de ser ajudado... muitas vezes, quando as pessoas estão em dificuldades, pedem mentalmente ajuda ou talvez até rezem. E às vezes têm sorte e são ajudadas. Mas muitas vezes é inútil porque, até que abrais a porta, não podeis esperar que alguém entre. E tantas pessoas, sem sequer o perceberem, não só fecham a porta, como correm o ferrolho e a barra.

Greene: Hmm. Eu sei. Experimentamos isso muitas vezes.

Johnson: Vedes, o ponto central é que, se uma pessoa quer descobrir e conhecer, precisa, até certo ponto, de abrir a porta. É preciso ter uma certa fé. Precisam de atender à porta quando alguém bate e não apenas ficar a espreitar pelo canto. Têm de ter fé e abrir a porta para que a pessoa possa entrar.

Não serve de nada ficar ali parado com medo e apreensão sobre se deveis ou não puxar a barra ou o ferrolho e abrir só uma fresta. Percebo que, até certo ponto, seja compreensível que as pessoas tenham dúvidas e receios, mas, a menos que façam algum esforço, não há muito que possamos fazer para as ajudar.

Greene: Por muito que tenteis empurrar a barra...

Johnson: Depende do indivíduo em larga medida. Deve haver reciprocidade, deve haver esforço... Quero dizer, por exemplo, em qualquer campo de atividade — além de poder comunicar, ou querer fazê-lo e conhecer esta verdade — o ponto

é que, em cada etapa da vida, a menos que arrisqueis, a menos que estejais preparados para fazer o esforço de descobrir e experienciar e, em certo sentido, de vos lançardes, não conseguireis nada. O problema é que a grande maioria das pessoas tem medo; estão cheias de medo, esse é o problema do mundo.

Greene: Amy, vós... [inaudível] no nosso trabalho? Sabeis — claro que sabeis o que estamos a fazer, não é?

Johnson: Sim, claro, mas não posso dizer honestamente que acompanhe tudo. Não é que não esteja interessada, mas não senti o desejo de voltar com frequência.

Greene: Que tipo de trabalho gostaríeis de fazer agora que estais do vosso lado?

Johnson: Sei que isto vai parecer loucura, mas gostaria de educar crianças.

Greene: Gostaríeis de educar crianças?

Johnson: Bem, sim, estou muito interessada em crianças — não estava muito interessada na Terra e, de facto, as crianças perturbavam-me. Mas, possivelmente, essa é a razão pela qual me interesso agora. Interessam-me as almas jovens, tentar ajudá-las e ensiná-las. Na verdade, já faço bastante trabalho nesse sentido agora.

Greene: Quando elas chegam aí?

Johnson: Sim. E há muitas crianças pequenas que realmente precisam de ajuda e orientação. Acho isso estimulante e sou capaz de ajudar bastante.

Greene: E como lidais com isso, Amy?

Johnson: Bem, depende da criança. O que se aplica a uma não se aplicaria necessariamente a outra — a forma como ajudais um filho não seria necessariamente a correta para outro, e esse é outro aspeto interessante... e, de certo modo, quando falamos sobre crianças, nem sempre são crianças propriamente ditas; às vezes são pessoas muito imaturas.

Greene: Ah, sim.

Johnson: ...e temos pessoas que vieram para aqui que eram muito retardadas na Terra e mentalmente — bem, não estavam compos mentis. Sabeis, pessoas que realmente são como crianças. Temos vastos lugares aqui, como salas de aula e locais onde as pessoas podem ir e ser ajudadas. Suponho que lhes chamaríeis

clínicas, ou hotéis, ou escolas, ou faculdades. São lugares vastos, tão vastos, e há tanto que se pode fazer e aprender, mesmo quando se está a ajudar os outros.

É incrível como, às vezes, as pessoas que não julgaríamos capazes de nos ensinar muito, nos podem ensinar imenso. Aprende-se sobre a vida o tempo todo através das pessoas. Às vezes, as pessoas estão num plano ou estado de ser muito mais elevado e, outras vezes, aprendemos com pessoas que, francamente, em alguns aspetos não progrediram. Vedes, essa é a alegria e a beleza disto: poder encontrar todo o tipo de pessoas de todos os estratos de ser, e aprender o tempo todo e ensinar o tempo todo... é uma sensação de que há sempre algo fresco, novo e excitante, a cada segundo, se soubermos usar o tempo.

Greene: Ah, focastes um ponto muito interessante, Amy. Falais sobre pessoas mentalmente retardadas que chegam aí como crianças. Agora, uma pessoa com trissomia 21 — conheceis alguém com essa condição — chega tal como era?

Johnson: Sim, sim — bem, não, de certa forma. Quero dizer, não se tornam subitamente brilhantes, mas... são mais, como direi...?

Greene: Não tanto como estavam deste lado?

Johnson: Bem, não é muito difícil explicar porque... o lado físico é puramente físico e já não se aplica; portanto, já não estão na mesma condição nem com a mesma desvantagem. Mas, claro, houve uma condição retardada... uma condição mental, e é esse aspeto mental que precisam de trabalhar.

Mas geralmente, claro, elas são bastante brilhantes em si mesmas, mesmo quando estavam na Terra; o que acontece é que não se conseguem exprimir ou o seu cérebro não funciona corretamente. Mas isso não altera o facto de que a habilidade está lá, a possibilidade existe e, claro, aqui tudo é habilidade e possibilidade de realização... e sob as diferentes condições, elas são diferentes e muito mais capazes de assimilar conhecimento e experiência; são muito mais fáceis de ensinar, sabeis.

E não temos o mesmo tipo de problemas que teríeis na Terra, obviamente, porque este não é o mesmo corpo físico e material. É um corpo rarefeito e é um corpo perfeito. E embora a pessoa possa ter tido um corpo imperfeito fisicamente, aqui tem um corpo perfeito, o que traz imediatamente certas mudanças.

E depois, claro, é uma questão de ajuste da mente e do espírito, por assim dizer, como um todo, em sintonia com o corpo etérico, como lhe chamais. É uma combinação de harmonia, percebeis? Enquanto que há desarmonia no vosso mundo — não só com crianças deficientes e por aí fora, mas com quase todos os

seres humanos há desarmonia. Portanto, é isso que precisais de fazer: deveis começar a criar harmonia. Deveis tornar-vos sintonizados, e essa é a parte mais difícil para a maioria das pessoas quando chegam aqui. E muito mais difícil, por vezes, para as pessoas que têm opiniões e pontos de vista muito firmes e rígidos, porque criam obstáculos.

Às vezes é mais fácil para uma criança, mesmo que seja imperfeita e não tenha tido a capacidade de pensar com clareza. Às vezes é até mais fácil para elas assimilarem e tornarem-se pessoas diferentes e almas avançadas do que para as pessoas que na Terra eram consideradas muito brilhantes e avançadas, mas que estão cheias de falsos valores, falsas ideias e opiniões fortes. É muito mais difícil para estas mudarem e avançarem do que talvez para alguém que fosse, por exemplo, o "tolo da aldeia".

Greene: Podeis dizer-nos por que razão são mentalmente retardados? O que causou isso? Existe algum motivo?

Johnson: Bem, geralmente é físico.

Greene: Geralmente físico?

Johnson: Creio que é invariavelmente físico.

Greene: Não será um espírito subdesenvolvido a vir para este lado cedo demais?

Johnson: Pode haver circunstâncias excecionais ou casos em que assim seja, mas não creio. Não creio que tenha sido concebido que alguém nasça de forma imperfeita, mental ou fisicamente. Creio que foi o próprio homem que criou isso ao longo de eras e, embora não se goste do velho ditado sobre os pecados dos pais caírem sobre os filhos — porque parece tão injusto — se virmos as coisas mais claramente, percebemos que somos o produto de outras pessoas em todos os sentidos. Quero dizer mentalmente, fisicamente e em todos os aspetos — e não apenas dos nossos pais.

Porque quando percebeis que todos partilham o mesmo espírito e que todos vós sois trazidos ao sentido material da mesma maneira, compreendeis que estais todos ligados e que, afinal de contas, não creio que possa ser de outra forma. Se gerações de pessoas pensam erradamente, então estão destinadas a recriar e a criar de forma errada, sabeis; e estão sujeitas a que existam imperfeições, porque não se pode pensar mal sem agir mal — e as condições físicas do passado acabam por alcançar o presente e o futuro.

Creio que tudo o que acontece é lógico, na medida em que o homem estabeleceu as condições, criou a situação e tornou possível o que sucedeu. Tudo, na verdade, pode ser rastreado até ao próprio homem. Penso que, se tendes filhos imperfeitos, a culpa é do homem. Podeis dizer que os pais são perfeitos fisicamente, mas podem mentalmente não estar nem perto da perfeição, ou podem existir imperfeições remotas em cada lado da família, ou em ambos, que acabarão por se manifestar.

Vedes, o ponto é este: não existe tal coisa, em certo sentido, como um indivíduo isolado ou, deveríamos dizer, puramente por conta própria. Gostamos de pensar assim, mas todos somos um produto dos pensamentos e das mentes de outras pessoas e, também, dos corpos físicos. Uma vez que percebeis que todo o universo é parte integrante um do outro... Quero dizer, cada indivíduo é parte de outra pessoa e vós sois todos parte do mesmo espírito, até da mesma manifestação de carne — quero dizer, esta assume formas diferentes, tendes o reino animal, mas eles continuam ligados à raça humana.

Greene: Olhos verdes.

Johnson: E se tratais mal os animais, então, de maneira estranha — não me pergunteis como — mas eventualmente isso refletir-se-á neles, nos indivíduos; refletir-se-á na raça humana.

Greene: Tendes de experienciar o que criais.

Johnson: Claro que sim. Quero dizer, isso é a lei, a lei natural. Por outras palavras, não podeis escapar à lei natural e estais sujeitos a que todas estas coisas aconteçam, o que nos aflige tanto, porque o homem as tornou possíveis.

Greene: A lei da atração também entra aqui, Amy; quero dizer, uma criança é atraída pelos seus pais — a alma, o espírito é atraído por esse tipo de pais?

Johnson: Bem... Acho essa uma pergunta estranha, de certa forma, porque sugere que há consciência do indivíduo antes de nascer, esperando ou procurando um progenitor adequado.

Greene: Percebeis...

Johnson: Ou os pais, sim.

Greene: Certamente este não é o único mundo, há muitos milhões e milhões de outros mundos e...

Johnson: Bem, eu só conheço um mundo material e físico — a Terra — e os mundos espirituais, dos quais já tive alguma experiência.

Greene: Então, na verdade, não há real...

Johnson: Mas, novamente, vedes, todos estes mundos diferentes são aspetos diferentes da evolução do homem.

Greene: Certo.

Johnson: E... se me perguntais se há vida em vários planetas, bem, pode muito bem ser que parte do mundo espiritual esteja ligada... ou que alguns dos planetas façam parte deste mundo real, sim. Mas, sabeis, nós não chegamos a pensar da mesma forma. Suponho que o homem olhe para a Terra como o seu mundo e olhe para a Lua. E agora que o homem chegou à Lua, olha para ela como um outro mundo, o que em certo sentido é, mas é um mundo mais ou menos morto, embora exista uma forma de vida...

Greene: Há uma forma de vida na Lua.

Johnson: Sim, mas não é o mesmo que conheceis; quero dizer que não é vida como vós a entendeis.

Greene: Não.

Johnson: E, portanto, para o homem, em certo sentido, é um mundo morto, sob o ponto de vista da inteligência humana. Mas há outros mundos e há seres, mas eles são, tanto quanto sei, seres que fazem parte do homem; que fazem parte da Terra num sentido, embora estejam separados por... bem, suponho que séculos e séculos de tempo e milhas sobre milhas de distância. Mas é tudo parte do mesmo mundo. É muito estranho, mas não o consigo explicar melhor.

Greene: Vedes, existem almas no vosso mundo que nunca estiveram na Terra, que passaram ao lado através da sua evolução.

Johnson: Ah, talvez, não sei... mas, tanto quanto sei, todas as pessoas que conheço e que contactei tiveram existência na Terra num momento anterior e evoluíram. É tudo, tanto quanto consigo ver, o sentido da vida — a evolução. É na Terra e é aqui, e é apenas uma questão de continuidade. É por isso que agora, claro, compreendo que não há começo nem fim; isso costumava intrigar-me quando pensava no assunto, sabeis.

Não creio que haja algo que seja novo, num certo sentido. Creio que tudo já foi descoberto; por vezes na Terra perdeu-se e às vezes é encontrado de novo, o que leva séculos, sem dúvida. Parece-me que há tanto lá à espera de ser descoberto... e sempre lá esteve, não sei.

Greene: Mas a evolução assume todas as formas diferentes — não tendes de a manter apenas como uma única forma de evolução. Porque, como digo, podem ignorá-la e a sua evolução pode vir de caminhos completamente diferentes.

Johnson: Poderia muito bem ser, quero dizer...

Greene: Esferas completamente diferentes... eles ignoram [a sua própria?].

Johnson: Eu só sei que cada um evolui pessoalmente...

Greene: Sim, sem dúvida.

Johnson: ...como um ser humano para um estrato mais elevado de realização e pode haver todo o tipo de outras experiências.

Greene: Mas não tendes de passar por esta Terra para evoluir na verdade, nem sempre [inaudível].

Johnson: Talvez seja assim, não sei. Sempre entendi que a Terra era... ia dizer o berçário, não sei.

Greene: Bem, esse poderá ser outro ponto de conversa, de qualquer forma...

Johnson: Parece lógico. De qualquer maneira, devo ir. Mas voltarei noutro momento e espero que o vosso amigo esteja bem.

Greene: Bem, ele está bem, mas disse que virá a Londres...

Johnson: Bem, talvez ele consiga voltar em breve.

Greene: Oh sim, oh sim.

Johnson: De qualquer forma, da próxima vez, talvez o Jim venha...

Greene: Oh, isso será muito bom.

Johnson: ...e falará convosco. De qualquer modo, adeus.

Greene: Adeus, Amy, muito obrigada.

Johnson: Adeus.

Mickey: Adeus...

Greene: Adeus, Mickey...

Mickey: Adeus.

Greene: Tudo de bom.

ANDRE

A DIVERSIDADE DOS PLANOS ESPIRITUAIS

Um homem entrou numa sessão chamando-se André. Aparentemente, um dos assistentes acabara de perguntar: "Como é isso?" Essa era uma das perguntas favoritas de George Woods. Andre responde:

Há tantos planos diferentes de experiência da vida que descrever um plano é apenas descrever uma parte infinitesimalmente pequena do todo. Todo o indivíduo vindo da Terra cria para si próprio a sua própria vibração ou condição. O que pode ser familiar e feliz para uma pessoa pode não o ser para outra. Toda a gente vibra numa condição para a qual é adequada e está com outros que estão vibrando no mesmo plano. Se uma pessoa precisasse de viver de forma completamente diferente na vida após a morte, sentir-se-ia perdida.

A vida após a morte é tão vasta que não a podemos descrever. Existem milhões e milhões de almas. Não é apenas para cristãos ou alguém com uma crença específica. É tão grande que não se pode descrevê-la. Há muitas estratificações. Existe uma fusão geral, mas uma separação. Um homem encontrará o seu próprio paraíso, Nirvana, céu ou o seu próprio inferno, dependendo da sua visão e caráter de pensamento. Quando perguntais: "Como é aqui", ele diz que pode dar um esboço vago, mas o que descreve será apenas um aspeto.

A Natureza e as Habitações no Além

Na vida após a morte, explica ele, vós tendes todas as belezas da natureza: pássaros, flores, árvores, pastagens verdes, rios, lagos, montanhas, desertos e todas

as outras condições da terra. A natureza está presente em todas as suas formas e belezas. No entanto, tudo está numa escala vasta e maior. As casas em que vivem são construídas pelas mentes dos indivíduos. Se uma pessoa sente que será feliz numa pequena cabana, uma lhe é fornecida. Ele só pode receber o que merece por ter vivido a sua vida. Algumas pessoas lá vivem em casas de campo porque as suas mentes foram tão encolhidas e estreitas; os seus carateres e temperamentos quando na terra eram tão maus que não merecem nada melhor, então encontram-se numa condição que é muito pobre. Ele disse:

O homem recebe exatamente o que merece. É dito na Bíblia sobre o Livro da Vida que todos são julgados. Ninguém julga ninguém aqui. Um homem julga-se a si próprio. Tudo aqui é feito para si mesmo; ele não recebe nada mais e nada menos. Então, alguns têm lugares bonitos para viver, roupas bonitas para vestir, e uma beleza maravilhosa ao redor deles e a luz do sol (se eu puder usar a expressão "luz do sol", embora não tenhamos sol como vós o entendeis, embora haja uma grande luz). Para alguns, há iluminação, grande luz e grande beleza. Para outros, não há uma grande luz, mas talvez até a escuridão. Pois há esferas inferiores, mesmo que a Terra, onde as pessoas estão degeneradas. Onde não houve progresso, mas apenas degeneração.

A Oportunidade de Autorredenção

Mas há sempre a oportunidade, deveríamos dizer, para a salvação. Ou seja, a pessoa ou indivíduo pode salvar-se a si próprio. Ninguém pode fazer isso por ele. Outros podem mostrar o caminho e tentar levá-lo para fora da escuridão para a luz. Mas até que exista um desejo dentro de si de ganhar conhecimento e experiência e desenvolver-se num sentido espiritual, nada pode ser feito. A pessoa deve fazê-lo sozinha. Outros podem ajudar, mas não podem fazê-lo por vós. Todos devem encontrar, por si mesmos, a sua própria salvação. Há muitas esferas, de acordo com as mentes dos homens. Pois este mundo é um mundo criado pelo pensamento.

Ele explica que esse pensamento é posto em ação. Uma pessoa que gosta de música pode aprender a jogar piano, guitarra, violino ou mesmo instrumentos não conhecidos na Terra. A amplitude de vibrações torna a música muito diferente, porque na Terra não conseguis ouvir as amplas amplitudes de vibrações que eles podem produzir no futuro. O uso de palavras terrestres torna difícil descrever as esferas mais altas. "A vida pode ser muito bonita e muito maravilhosa, mas depende de vós", diz ele. Um padre não pode ajudar uma pessoa. Uma pessoa não pode ser salva por outrem. Tudo está na mente. Uma pessoa não pode alterar fundamentalmente as coisas que já aconteceram, mas todos podem fazer coisas que ajudarão os outros e, consequentemente, ajudarão a própria pessoa. Tudo o que uma pessoa faz é importante.

Registos Atmosféricos e o Divino Interior

Ao redor da Terra, na sua atmosfera, ele explica, tudo o que acontece na Terra é gravado. Pessoas sensíveis são capazes de conhecer ou sentir as coisas armazenadas nesta atmosfera. As casas assombradas registaram condições na atmosfera para que os indivíduos possam ser vistos em certos casos. É o pensamento mental registado na atmosfera, mas o indivíduo não está lá.

Andre continua:

Mas o que quero impressionar-vos é que vós mesmos tendes muito dentro de vós que podeis expressar. Dentro de vós é o Espírito de Deus; dentro de vós é a essência do Divino. É para vós expressardes isso de fora, para consciencializardes as pessoas sobre a mudança dentro de si, para que também possam ver e procurar.

Vós tendes grandes e maravilhosas oportunidades. Nós ajudamos-vos no melhor das nossas habilidades. Precisamos do vosso amor e da vossa cooperação. Pois o que devemos fazer não é apenas para nós mesmos; não somos pessoas egoístas. Estamos aqui para trabalhar na vontade e caminho de Deus para os Seus filhos, mostrar-lhes o caminho, quebrar as barreiras de castas e credo e cor, e todas as hipocrisias que se acumulam ao longo dos séculos. Queremos tornar as pessoas conscientes da sua fraternidade, uma com a outra, de que somos realmente crianças do mais Alto, todos filhos da luz, e não precisa de haver trevas nos corações e mentes dos homens.

Se eles apenas vissem dentro de si mesmos como Jesus fez. Ele entendeu estas verdades simples. Ele era o grande mestre, o grande líder, o grande messias. Mas ele não veio para um reino terrestre. Como ele disse: "O meu reino não é deste mundo. Eu vou para o meu pai para preparar um lugar para vós, que, onde eu estou, vós também possais estar lá". Ele sabia sobre as muitas mansões, as muitas esferas, as muitas casas em que as pessoas se encontrariam de acordo com o seu avanço espiritual.

O Serviço e a Paz Verdadeira

Andre explica que esta verdade, o círculo mediúnico, encontrou os homens livres. No serviço, encontrarão grande alegria e felicidade. O serviço é a chave. Aqueles na vida após a morte podem trazer tal paz que o mundo não conhecerá, a paz que Jesus descreve, a paz que vem de estar em harmonia com o Divino. "Confiai nas coisas do espírito e sabei que nós, que vimos até vós, vimos porque nos encanta servir, orientar e elevar-vos e à humanidade".

O Poder do Pensamento e da Oração

[Andre responde a uma pergunta sobre a oração.] A oração é muito importante, ele explica, mas para entender a oração, deveis perceber que os vossos pensamentos são muito grávidos, muito reais, muito vitais. Quando enviais os vossos pensamentos, se eles têm sentimento e significado real por trás deles, eles podem fazer um excelente trabalho. Ele explica que não está a sugerir que eles possam salvar o mundo contra si próprio. Se alguém pensa sobre uma pessoa ou grupo de pessoas, isso pode ter um efeito.

Não podemos mudar uma pessoa. A mudança deve vir sempre do indivíduo. Não podemos fazer a pessoa entender ou apreciar. Eles devem ter uma resposta em si mesmos. Se eles não respondem, não há nada que alguém possa fazer. Aqueles do outro lado, ele explica, tentam inspirar. Nós, nesse lado, pegamos e dizemos: "Eu sinto-me assim e assim". Vós, na Terra, reagis ao que vos foi dado. É uma forma de hipnose, ele explica. A pessoa está apenas sentada para o desenvolvimento. Ele abre o seu coração e a sua mente para as coisas do espírito. Ele vem sob a influência de uma entidade desse lado que vem inspirar a pessoa. Toda a comunicação é um processo mental. Nós, no plano terrestre, pensamos em algo, falamos, criamos vibrações no ar e outra pessoa conhece os nossos pensamentos. Andre explica que eles fazem o mesmo.

Toda a comunicação, explica ele, é mental. Toda a vida é vibração e condição mental. Vibramos a atmosfera. O nosso corpo físico vibra. A cadeira está na mesma velocidade de vibração de que somos, para que possamos sentar-nos nela. Aqueles do outro lado, como André, diminuíram as suas vibrações para nos falar. Eles pedem-nos para elevar as nossas vibrações para se comunicar com elas. Eles têm que aprender a fazer essas coisas.

Onde as pessoas nos colocam em segundo plano para servir os outros, eles encontram uma grande paz. Aqueles do outro lado estão felizes em servir. Ele diz que o círculo Leslie Flint está feliz em se reunir e servir. "O propósito que temos é fazer é a vontade de Deus na terra", diz ele.

A Oração como Serviço Altruísta

A oração deve ser um serviço. Se ouvirdes pessoas a rezar, é "Dá-me isto" ou "Dá-me aquilo". Quando uma pessoa reza pelo bem dos outros ou mesmo por um pequeno e sofredor animal, é uma verdadeira oração; é serviço, é dar, não pretendendo receber para nós mesmos. Quando alguém reza dessa maneira, faz algo tangível entre o mundo da vida após a morte e a Terra.

A oração deve ser sincera. Quando um clérigo na igreja reza automaticamente, com pouco sentimento ou emoção, não tem poder ou efeito. A simples oração do coração para uma pessoa que sofre, pela paz no mundo, é

ouvida. A oração não é o que colocais em palavras, mas o que sentis no vosso coração. Podeis rezar sem dizer uma palavra.

Sobre o Arrependimento e a Justiça Espiritual

[André fala sobre pessoas que foram assassinas no plano terrestre.] Pessoas que fazem algo no impulso do momento, com paixão, recebem grande ajuda. Elas estão arrependidas. O pior assassinato é o assassinato de Estado: frio, calculador, deliberado, sem piedade. Muitas vezes, há uma desculpa para alguém que mata no calor da paixão, num "momento louco", mas matar de forma fria e calculada é muito pior.

Há magia negra. Há aqueles no plano da Terra que não são iluminados e são usados e controlados por forças do mal. Quando vêm para a vida após a morte, são presos pela escravidão por influências malignas. São atraídos para essas condições. Andre adverte o círculo que, quando realizarem uma sessão, devem ter os motivos mais elevados. Caso contrário, as entidades irão desviar o círculo. Isso será mau para eles em todos os sentidos. Ele repete: "Ide sempre pelo mais alto e melhor".

Responsabilidade Coletiva e a Ilusão das Raças

[Uma assistente pergunta sobre um problema na África e se os brancos devem ser responsáveis pelos negros. Andre responde.] Todos são responsáveis por todos. Os brancos são responsáveis pelos negros; os negros pelos brancos. Isso pode não parecer prático porque, no plano terrestre, as coisas podem não ser práticas. Mas somos filhos de um só Deus. Devemos ser responsáveis pelos outros. Se a pele de alguém é escurecida pelo sol ao longo do tempo, isso não faz diferença, porque somos seres espirituais viajando pela vida para desenvolver o nosso caráter e personalidade. A Terra é apenas uma escola na qual as pessoas aprendem lições. Uma pessoa pode ter de vir uma e outra vez para aprender as lições.

O Caminho para o Fim das Guerras

Onde há países que acumulam grandes armas, sempre haverá guerra. Os países temem-se e fabricam armas. Até que os homens tenham a coragem de se livrar das armas de guerra, não haverá fim para as guerras. Se uma nação como a América ou a Inglaterra dissesse: "Não iremos à guerra a qualquer preço. Estamos a desarmar-nos de todas as munições", o exemplo seria tão grande que não haveria qualquer glória para uma nação que tentasse dominá-las. Não haveria guerra.

Porque cada nação tem medo de dar esse passo, milhões de dólares ou libras são gastos, verbas que poderiam ser usadas para o bem da humanidade. O único bem que poderia vir de bombas atómicas é que uma nação teria tanto medo de ir à

guerra porque os resultados poderiam ser devastadores. Ninguém ganhou a última guerra. À medida que as guerras se tornam mais intensas, menos resta por que lutar. Eu acredito que, num futuro não muito distante, a guerra desaparecerá para sempre. Quero ver as pessoas juntas em felicidade e paz, sem que se sintam insignificantes. "Vós ficaríeis surpreendidos com o que podeis fazer. Os vossos pensamentos e orações são muito importantes. O serviço é a chave. Isso trará ao vosso coração alegria e paz".

CHARLOTTE BRONTË

(1816-1855)

Dificuldades Iniciais e o Reencontro com o Além

Charlotte Brontë foi uma autora reconhecida durante o século XIX. A sua obra mais famosa é *Jane Eyre*, publicada em 1847. No início, teve alguma dificuldade ao utilizar o mecanismo da caixa de voz, explicando quão difícil é familiarizar-se com tal dispositivo. Após um período inicial, a sua fala torna-se muito clara e flui suavemente.

Diz que Emily Brontë, sua irmã, está com ela. Observa que muito é irreconhecível na Terra quando a ela regressa. Afirma ter conhecido muitas pessoas que não conseguiu encontrar na Terra, incluindo Jane Austen. Diz estar muito ansiosa por continuar a escrever e deseja inspirar autores na Terra. Muitos pensamentos escritos na Terra, explica ela, foram inspirados do outro lado. A humanidade atrai aqueles do outro lado para perto da Terra. Quando veem tragédia e dificuldade, sentem a necessidade e a urgência de ajudar, elevar, orientar e consolar, mantendo-se em segundo plano. A sua influência é trazida aqui e ali, diz ela.

O Papel das Almas no Grupo Leslie Flint

Afirma que esteve nas reuniões de sessão de Leslie Flint e que as assistiu com grande interesse. Muitas almas permanecem discretamente no fundo, "como nos bastidores, esperando que a cortina se levante para fazerem a sua entrada". Diz que, quando os assistentes estão lá com o médium, as almas podem entrar para dar auxílio e encorajamento. Mesmo quando as coisas não parecem estar a acontecer, "muito está a ser feito", diz ela. Aqueles do outro lado são como "cenógrafos", cujo papel é importante para a produção.

Diz que todos do outro lado trabalham como uma companhia, em conjunto. Muitas almas são atraídas pela luz do grupo de Leslie Flint porque desejam ajudar as pessoas a sair da escuridão para a luz. Aqueles do outro lado vêm de forma altruísta para servir. Diz aos assistentes que Caruso, por quem os assistentes musicais têm muito carinho, está frequentemente ao seu redor, assim como outros grandes videntes. Muitos vieram por se sentirem atraídos pelo grupo.

A Inspiração e a Assistência Espiritual

Há muitas almas do outro lado que desempenham papéis espirituais nas vidas das pessoas na terra, explica ela. "É dito, no Bom Livro, que Ele dará ordens aos Seus anjos sobre ti, e muitos são os que têm anjos, almas, seres de alta ordem, que na Terra foram famosos, que continuam do outro lado a servir e a aperfeiçoar a sua arte. Eles retornam para ajudar uma alma nos seus esforços para alcançar algo, para desenvolver os seus talentos". Às vezes, sem o seu conhecimento, estas pessoas na Terra são ajudadas. No estado de sono, deixam o corpo físico e entram nas esferas do mundo espiritual, onde recebem assistência. Mantêm algumas dessas memórias no seu subconsciente quando despertam, e estas são recuperadas quando necessário.

Muitas vezes, quando uma pessoa está totalmente inconsciente, chega-lhe inspiração que lhe é dada. Ela diz: "Nós nunca deixamos de ajudar, seja na nossa própria vida e condição deste lado ou do vosso. Às vezes, num certo sentido, vivemos em dois mundos ao mesmo tempo, participando no vosso mundo até certa medida, pois isso é bom. Temos o nosso próprio ambiente e condição, aprendendo cada vez mais e tentando transmiti-lo a vós". Explica que, especialmente os artistas, são inspirados. As pessoas também podem ser sugestionadas sobre um caminho que devem tomar, o qual mudará as suas vidas. Quando alguém está deprimido, sem saber para onde se virar, aqueles do outro lado estão lá para os confortar, para que vejam, como um raio de luz, o que fazer e continuem.

Reflexões sobre a Pobreza e a Arte Indestrutível

Ela diz: "Onde há fé no poder do Espírito Santo, todas as coisas são possíveis. Nada é impossível". Explica que, na sua existência física, alguns dias pareciam escuros e aborrecidos. Estava ciente dos muitos cujas vidas estavam a ser estragadas, às vezes pela sua própria tolice, mas outras vezes pelas pressões daqueles em lugares mais altos. Tinham pouco apoio de qualquer lado. Diz lembrar-se tão bem de pessoas cujas vidas eram monótonas, sem benfeitores e sem forma de mudar de rumo. Ninguém hoje poderia imaginar a pobreza que existia no seu tempo. O mundo de hoje mudou para melhor.

Diz que continua a escrever e tem livros que não estão publicados. Pergunta-se se virão a sê-lo. Os melhores livros continuam, diz ela. As grandes obras de arte não morrem, seja na música, na poesia, na escrita, ou em qualquer dom que seja do espírito — é indestrutível. Muito se escreve que não tem qualquer consequência, é claro. Às vezes, as pessoas têm de fazer o trabalho mais rotineiro, mas recebem prazer, iluminação e elevação do outro lado, que as retira temporariamente da depressão.

Às vezes, o medicamento pode não ser muito bom, mas tem um poder curativo. Às vezes, as coisas são levadas ao coração e à cabeça para servirem a um propósito. Diz que aqueles que estão a sofrer não chegaram ao degrau mais alto da escada, mas, qualquer que seja o nível alcançado, enquanto sobem, aprendem.

A Escada da Profissão Espiritual

Alguns que parecem ter atingido o primeiro degrau da escada mundial são empurrados de cima para baixo. Mas para a pessoa que aproveita a oportunidade de subir a escada da profissão espiritual, não há necessidade de temer, pois cada degrau foi construído por atos de sinceridade e propósito, para sempre, e nunca fraquejará. E cada degrau é um apoio para que outros possam subir, porque essa pessoa o colocou firmemente no lugar através desta profissão espiritual. Diz ao grupo que estão a progredir lenta mas seguramente para as alturas, e a escada que estavam a construir entre dois mundos era uma escada de grande força.

Acredita que os assistentes escreverão um grande livro que será uma obra eterna, como um livro de texto do espírito. O tempo não está muito distante quando se sentirão compelidos a fazê-lo, diz ela. Será um livro que atrairá todos os homens, independentemente da classe, cor ou credo. Muitos serão iluminados por ele. Aqueles do outro lado acompanhar-vos-ão na jornada. Explica que não é possível que ninguém no plano terrestre perceba o número de almas que nos rodeiam. Mesmo quando estais num avião, elas estão lá.

Todos no outro lado cometeram erros no plano terrestre. Ninguém na Terra deve sentir vergonha por as pessoas do outro lado cuidarem delas. Eles também têm sentido de humor e, embora não consigam impedir que uma pessoa faça algo que possa levar ao desastre, conhecem e compreendem as fragilidades da vida humana.

A Vida Própria dos Personagens Literários

Fala então sobre livros e personagens. Os autores escrevem sobre muitas pessoas que conheceram. Colocam-nas em diferentes circunstâncias ou ambientes,

mas são pessoas nesse reino ou atividade do espírito. As pessoas podem ver-se no que foi escrito e podem mudar as suas vidas com base num livro.

Muitos escreveram livros com personagens que possuem grandes subtilezas e caráter. Muitas vezes, por causa do amor e da maneira como o autor criou o personagem, aproveitando o seu conhecimento da natureza humana e a experiência com pessoas que conhece, cria um novo personagem que tem vida própria. São capazes de criar uma realidade que tem temporariamente uma forma de vida que só se pode mover no raio da obra do autor. No entanto, é possível que certas esferas entrem num estado de ser onde se pode visualizar a atuação de personagens criados pelo autor.

Milhares e milhares de pessoas podem ler um romance ou um livro. O personagem pode ter proporções tão surpreendentes que se torna uma realidade para os leitores. O autor cria essa pessoa e dá-lhe uma forma de vida. É possível entrar numa esfera de atividade onde se pode entrar num livro, não em páginas entre capas, mas num estado visual. Mas quando um livro deixa de ser lido, os personagens deixam de ser pensados e tornam-se "desinsuflados". Enquanto o personagem é lido e muitas pessoas são estimuladas, as suas forças de pensamento dão ao personagem uma existência visual que não possui alma. Quando o romance deixa de ser popular, a força do pensamento diminui tanto que esses personagens se tornam cada vez menos importantes e deixam de ter impacto.

O Poder Criativo do Pensamento

Todos estes livros criados e tudo o que é obra humana é uma forma de vida própria que pode não ter alma, nenhum aspeto espiritual, mas pode ter um aspeto visual. O pensamento é criativo. Se um personagem é criado num romance ou num livro e o livro é lido por milhões de pessoas, estas dão-lhe vida e sustentam-no. Muitas pessoas não percebem o poder do pensamento. A capacidade dentro de vós pode remover obstáculos. Cristo disse: "A tua fé te salvou", e pela fé pode-se vencer e alcançar.

Pode-se fazer coisas tremendas se se perceber o poder do pensamento. O pensamento possibilita todas as coisas; sem pensamento, não poderia haver existência. O poder do pensamento torna-nos o que somos e possibilita aquilo que estais a tentar tornar-vos. Quando alguém cria, as forças do pensamento emanam e dão uma forma de substância, e as forças do pensamento possibilitam o visual. Poucas pessoas têm perceção ou consciência do que isto se trata. Pensam em si mesmas como seres físicos e mentais, mas não conhecem o poder do pensamento que faz toda a realidade viva.

Explica que inúmeras almas estão atrás dela para transmitir os seus pensamentos através dela. As pessoas não percebem que os pensamentos não se perdem. Estão lá, na atmosfera. Os pensamentos são pungentes e são lidos por inúmeras pessoas de todas as nações. Nada é desperdiçado, nada está perdido. As pessoas têm um grande potencial dentro de si mesmas. Poderiam fazer muito pela fé se percebessem estas verdades. Dirige-se aos assistentes: "Sabei que estais cercados por inúmeras almas cujo amor é o poder que vos permitirá vencer. Isso dar-vos-á o poder de servir e de serdes amados por pessoas de ambos os lados".

CONFÚCIO

(Kongzi, c. 551-479 a.C.)

A Essência Além das Aparências

Confúcio, mais frequentemente referido como Kongzi, viveu c. 551-479 a.C. Foi um famoso pensador chinês e filósofo social cujos ensinamentos e filosofia influenciaram profundamente a vida e o pensamento do Leste Asiático. A sua filosofia enfatizou a moral pessoal e governamental, a correção das relações sociais, a justiça e a sinceridade. Nesta sessão, explica que não podemos julgar o interior de uma pessoa com base em aparências externas.

A gravação da sessão é fraca e a voz é difícil de entender.

THOMAS JEFFERSON ADVERTE

ATÉ QUE O HOMEM APLIQUE LEIS ESPIRITUAIS, NÃO HÁ ESPERANÇA PARA O FUTURO!

Thomas Jefferson: "Sinto-me muito satisfeito por poder falar e conversar convosco."

George Woods: "É um enorme prazer recebê-lo."

Betty Greene: "Obrigada. Poderia dizer-nos o seu nome?" [Pausa longa]

Leslie Flint: "Isto cria sempre um problema. [Risos]"

Mickey: "Esperem..."

Betty Greene: "Está bem, Mickey."

George Woods: "Com certeza, Mickey."

Betty Greene: "Ouve-se-te muito bem, Mickey."

Thomas Jefferson: "Fui sempre considerado um homem muito simples, um homem de palavra franca..."

George Woods: "Ah, isso é muito bom."

Thomas Jefferson: "... e, de facto, um homem muito simples... em todos os aspetos."

George Woods: "Sim."

Thomas Jefferson: "Não tenho a certeza se conseguem ouvir o que estou a dizer. É muito difícil para qualquer pessoa na minha posição manifestar-se desta forma, falar com pessoas na Terra e, ao mesmo tempo, manter o equilíbrio — se é que se pode usar este termo — ao apresentar-se como espírito. Devem saber que, quando alguém regressa e se esforça por falar desta maneira, tudo é muito conflituoso e complicado. Alinhar a vibração, sintonizar, recordar o que se deseja dizer, a transmissão do pensamento em som... Palavras, palavras... muitas vezes palavras que nada indicam claramente sobre o que se sente; considero-o de uma dificuldade extrema."

Thomas Jefferson: "O meu nome, já agora, é Jefferson."

George Woods: "Jefferson. Ah, sim... creio que já passou por aqui anteriormente, não foi?"

Thomas Jefferson: "Oh, há algum tempo. Depois disso, pensei que nunca mais me daria ao trabalho de voltar. Estava tão farto e tão dececionado; senti que não tinha conseguido provar o meu ponto de vista, que não tinha transmitido os meus pensamentos de forma clara ou correta, mas, no entanto, aqui estou."

Betty Greene: "Obrigada."

George Woods: "Obrigado por ter vindo."

Thomas Jefferson: "Sei que se estão a esforçar por fazer um excelente trabalho. Sei que tentam entrar em contacto com pessoas de todas as raças e credos, utilizando estas máquinas falantes, máquinas de gravação. Quando puderem reproduzir estas gravações para as pessoas, tenham apenas a certeza de lhes dar algum conhecimento e experiência; poderá ser difícil para alguns aceitarem, mas, no entanto, fá-los-á pensar. Se nada mais restar, pensar que um homem está no caminho do progresso já é um ganho."

George Woods: "Concordo." [Ininteligível]

Betty Greene: "Poderia falar-nos um pouco sobre si e sobre o que tem feito?"

Thomas Jefferson: "Oh... compreendo, mas... bem... tenho algo a dizer."

Betty Greene: "Com certeza, continue."

Thomas Jefferson: "Interesso-me muito pela política. Poderão pensar que é algo estranho para o interesse de um espírito. Mas não me interesso pela política num sentido material, embora, claro, ela o seja na medida em que afeta as condições da Terra. Contudo, há muito mais gente deste lado perturbada com o que está a acontecer no vosso mundo. E, naturalmente, estou particularmente preocupado com o meu próprio país, ou pelo menos com o que foi o meu país. Sinto-me muito perturbado, pois creio que, a menos que algo seja feito muito em breve, o mundo poderá ser facilmente mergulhado numa terceira guerra mundial, que seria mais horrível e terrível do que qualquer coisa que se possa imaginar.

Ainda há esperança. Enquanto houver esperança, devem envidar todos os esforços para tentar reunir as pessoas. Sinto que há esperança e que há razões para acreditar que o pior pode ser evitado.

As pessoas de hoje não são cegas, num certo sentido. Às vezes fingem ser cegas, ou talvez usem palas nos olhos. A política é um jogo muito estranho e bizarro, como bem sei, mas é muito pior nesta geração moderna do que no meu tempo. Hoje, todos têm medo de todos. O medo é o sentimento predominante no vosso mundo. Todos são governados pelo medo e, no entanto, ao olhar deste lado para as mentes e corações dos estadistas em toda a parte, sinto que não há desejo de guerra. Cada nação, cada político percebe que a guerra seria devastadora.

Ninguém poderia ganhar uma guerra: todos sofreriam e ninguém venceria. E o mais extraordinário é que todos percebem isso; todos compreendem a inutilidade absoluta da guerra. Não traria nada a ninguém, a nenhuma nação ou povo. No entanto, existe este medo — o medo de que o outro possa ser um pouco mais forte do que nós — e é por isso que temos esta insensata corrida ao armamento. Toda essa ideia é uma ilusão: a ilusão de que precisamos de ser mais fortes do que o próximo. Há cinquenta anos, isso poderia ter sido considerado uma perspetiva razoável e compreensível. Mas hoje, creio que chegaram ao ponto em que, a menos que se sentem e resolvam os vossos problemas de forma sensata, e a menos que cheguem a conclusões corretas, algum louco — por não perceber a gravidade — poderá incendiar o mundo.

Creio que precisam de confiar na Rússia, quer gostem da ideia ou não. Não podem fugir ao facto de que, eventualmente, deverão começar a abraçar o 'grande

urso'. Não é bom continuar o caminho que os estadistas têm trilhado na Terra nos últimos dez anos. Devem perceber que têm de viver juntos, trabalhar juntos, negociar juntos e ser amigos."

Betty Greene: "Posso dizer algo? Aquelas pessoas que não compreendem as leis universais da verdade têm a sua própria ideia sobre a lei, a guerra ou as diferenças de pensamento e de experiência."

Thomas Jefferson: "Creio que, até certo ponto, isso é verdade, mas o que deduzo que me tenta transmitir... é que a Rússia não compreende as leis universais. Penso que o que devemos questionar é: quem acredita que o meu grande país, os Estados Unidos, compreende as leis universais? Indivíduos aqui e ali, sim. Mas, no geral, não. O que quero dizer é que temos de encarar os factos. Não estou a defender nenhum país acima de outro; estou apenas preocupado com a palavra *paz*.

As pessoas devem unir-se e ser amigas, apesar das diferenças que fatalmente existirão, e que podem ser atenuadas através de uma maior compreensão mútua. O ponto central é que o homem deve perceber que já não pode continuar da mesma forma. Ele deve curar-se; deve perceber que os velhos tempos morreram. Não se pode liderar no século XX da mesma forma que se fez no XIX. Não podem agir da mesma forma, nem sequer podem pensar da mesma maneira. Estão a viver numa era e num mundo onde precisam de se ajustar.

Isto não significa que devam tornar-se mais materialistas. Até que o homem aplique regras espirituais, não haverá esperança para o futuro. Podem dizer-me: 'bem, nós aceitamos isso, acreditamos nisso', mas, sabendo isso, como se pode aceitar um país como a Rússia, que consideram ser um país ateu e sem tolerância religiosa?

Bem, creio que há muitas formas diferentes de olhar para esta questão. Poder-se-ia dizer: 'olhem para alguns dos países que são cristãos'. Podem realmente apontar para eles como sendo exemplares ou progressistas nos seus pensamentos e ações, politicamente falando?"

Betty Greene: "Definitivamente não."

Thomas Jefferson: "Pois bem, o que defendo é a fraternidade entre os homens. Não me preocupa se um homem é budista, judeu ou cristão. Preocupa-me o facto de ele ser um ser humano que percebe que faz parte de um propósito espiritual, que faz parte do poder e do amor de Deus, e que está ligado ao seu irmão, independentemente da cor, classe ou credo; que somos todos Seus filhos. Temos de trabalhar um dia de cada vez, juntos, em paz e em harmonia. E digo-vos

que o russo é tão importante e tão sincero quanto um americano, um hindu ou um britânico.

Não devemos julgar uma nação e o seu povo pelos seus líderes pois, se o fizéssemos, receio que teríamos uma opinião muito pobre sobre eles. Eu sei, poderão dizer: 'mas nós votamos neles'. Com certeza que votam, mas não são responsáveis pelo que eles fazem quando lá chegam, pois muitas vezes conseguem os votos à sua maneira, que dista muito do que pretendem fazer ou acabam por fazer quando as circunstâncias surgem."

George Woods: "Não lhe parece que as igrejas estão a causar um grande dano ao pensarem na Rússia sistematicamente dessa forma?"

Thomas Jefferson: "Bem, em toda a franqueza, creio que não são apenas as igrejas; creio que os jornais e toda a estrutura atual são, se não ridículos, pelo menos muito patéticos. Quero dizer, como se pode espalhar boa vontade se se está constantemente a atacar um indivíduo ou uma nação? Para começar, dever-se-ia ser mais diplomático. Além de tudo o resto, deve haver uma certa diplomacia. Parece-me que, no que diz respeito à Rússia, quase nenhuma nação — particularmente as chamadas grandes nações — tem sido minimamente imparcial, atenciosa ou sequer gentil, generosa e verdadeira. Sei que a Rússia cometeu um grande erro.

Ninguém o nega, todos o sabemos; mas, por outro lado, poderia dizer-me que qualquer outro país não cometeu erros? Muitos erros. Podemos pensar na história inglesa e recordar episódios terríveis, tão maus quanto muitas das coisas de que os russos estão a ser acusados."

George Woods: "E, no entanto, muitas pessoas que estiveram no interior da Rússia foram muito bem tratadas."

Thomas Jefferson: "Não estou de acordo com nenhuma nação em particular; o que me preocupa é a paz mundial e a boa vontade entre os homens. E digo-lhe: enquanto não houver uma abordagem diferente em relação à Rússia, e enquanto não se perceber que a Rússia quer a paz e a amizade com o mundo, não farão qualquer progresso. Têm de aceitar isto; é preciso confiar em alguém em determinado momento, caso contrário nunca chegarão a lado nenhum."

Betty Greene: "Eu também já tinha pensado nisso."

Thomas Jefferson: "Sei que existem grandes diferenças."

George Woods: "Poderia sugerir e aceitar... [?] Recordo-me perfeitamente do seu nome de há anos. O senhor esteve em... em Washington?"

Thomas Jefferson: "Estive, por algum tempo..."

Betty Greene: "O senhor foi Presidente, não foi?"

Thomas Jefferson: "... uma vez, há muito tempo."

George Woods: "Foi Presidente?"

Thomas Jefferson: "Sim."

Betty Greene: "Esteve na Casa Branca?"

Thomas Jefferson: "Bem, não me sinto inclinado a falar sobre isso."

Betty Greene: "Não, não, com certeza."

Betty Greene: "Sr. Jefferson, gostaria que nos falasse sobre as suas reações quando fez a transição, como foi o seu encontro com o outro lado..."

Thomas Jefferson: "Bem, as minhas reações quando parti foram simplesmente muito diferentes de tudo o que poderia ter antecipado. Supostamente, de certa forma, eu tinha aquela ideia que a maioria de vós tem: que, ao morrer, se iria para um lugar chamado Céu ou, se houvesse azar, para o 'outro lugar'. Bem, encontrei-me aqui num ambiente que era tão semelhante à vida material que conheci no campo, que me senti como se estivesse de volta à minha juventude; estava numa atmosfera de beleza, numa paisagem magnífica. Lembro-me de ver vários familiares e amigos que pareciam todos genuinamente entusiasmados por me ver, rodeando-me, dando-me as boas-vindas e mostrando-me o lugar.

Foi como um maravilhoso regresso a um mundo novo e, no entanto, vagamente familiar. Era como se o mundo que conheci na juventude tivesse sido transportado para este novo mundo; sentia-me acolhido numa atmosfera natural e bastante reconfortante. O que me surpreendeu inicialmente, claro, foi o facto de tudo parecer tão natural. Não sei por que razão pensamos que o que o espírito transmite não deve ser natural, pois, em certo sentido, é a coisa mais natural que acontece a todos.

Mas aqui estava um mundo tão real e natural que poderia ter sido um sonho de juventude entre amigos e camponeses. Suponho que se poderia dizer que era uma espécie de sonho, mas sonhos muito reais. Percebo agora que, várias vezes enquanto estive na Terra, tive sonhos que eram, de facto, realidades. Compreendi que as coisas que eu julgava serem sonhos não o eram. O meu espírito tinha sido libertado do corpo e eu viajara por aqui, encontrando várias almas conhecidas num ambiente familiar e amigável. Portanto, quando morri — como vós dizeis — entrei

nesse ambiente ou condição de vida que costumava ver no meu estado de sonho. Por outras palavras, cheguei a casa, a um lugar que se tornara familiar por ter, como referi, sonhado com ele tão frequentemente."

Betty Greene: "Sim."

George Woods: "Tem conseguido voltar à Terra e visitá-la agora que...?"

Thomas Jefferson: "Ah, sim, voltei com bastante frequência nos primeiros anos — permitam-me usar a palavra 'tempo' — para ver como as coisas corriam e visitar velhos amigos. Passado algum tempo, fiquei um pouco aborrecido com isso. Sentia que estava ali a tentar entrar em contacto e a interessar-me pela vida antiga, mas ninguém parecia interessado em mim ou consciente da minha presença. Tudo parecia um pouco inútil; acabei por me cansar e, por um bom período, afastei-me da Terra. Mas, mais recentemente, senti o apelo para voltar e ser útil e, consequentemente, interessei-me ativamente pela política, pois percebi, como muitos aqui, que é essencial que ocorram mudanças no vosso mundo."

George Woods: "Consegue ver ambos os lados... como as coisas estão a reagir na América?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Bem, vi o bem e o mal de ambos os lados. Por isso, sou bastante imparcial. Não tenho qualquer preconceito a favor de uma nação ou de outra. Percebo que os seres humanos que constituem as nações são indivíduos e que a maioria — 999 em cada 1000 — são, por natureza, pessoas sinceras e comuns. Não querem a guerra. Não têm nada a ganhar com ela."

George Woods: "Oh, não creio que a maioria das pessoas queira a guerra; acho que as pessoas receiam demasiado a guerra."

Thomas Jefferson: "Bem, é preciso afastarmo-nos do falso prestígio."

George Woods: "Sim."

Thomas Jefferson: "O prestígio e todas essas coisas que pareciam tão importantes são coisas do passado. É preciso ultrapassar os limites do país, da nacionalidade e a adoração de uma bandeira. É preciso perceber que sois cidadãos do mundo, que sois filhos de Deus, que fazeis todos parte uns dos outros e que, se fizerem o mal, ele recairá sobre outra pessoa e acabará por voltar para vós. Ninguém pode escapar de si mesmo."

George Woods: "É muito difícil repetir tudo isto..." [Ininteligível]

Betty Greene: "Infelizmente para estes estadistas, eles não conhecem as coisas que sugerimos." [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Eu sei. A tragédia é que alguns estadistas podem mergulhar o mundo numa catástrofe e, no entanto, todos querem evitá-la; contudo, caminham para ela por medo, porque não confiam em ninguém e porque, muitas vezes, os seus princípios estão todos errados. Na verdade, diria que em muitos casos estão definitivamente errados. Devem afastar-se dessa ideia tola de uma nação ser superior a outra."

George Woods: "Eles não concordam muito entre si, esse é o problema." [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Infelizmente, o mundo adora as coisas materiais: atribui-lhes um valor falso. O homem tem de perceber que as únicas coisas que importam são as espirituais. São as coisas que não ganham ferrugem nem se deterioram. Coisas como a riqueza e a posição na Terra são infinitesimais em si mesmas. Dever-se-ia perceber que o objetivo é progredir mental e espiritualmente; e, se formos abençoados com bens mundanos, devemos entender que eles servem apenas para serem usados e partilhados com os menos afortunados. Mas fazer o que a maioria faz — lutar desde o nascimento até à sepultura por dinheiro e posição, para depois ter de deixar tudo sem ter alcançado nada de real — parece-me ser uma atitude inútil e tola perante a vida."

George Woods: "Acha que a Rússia chegará à Lua e viverá lá?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Bem, sim. Não diria que irão viver para lá, mas provavelmente conseguirão chegar lá antes de regressarem; não gostaria de afirmar com certeza."

George Woods: "Ainda há pessoas a viver na Lua?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Não... pessoas, por assim dizer... suponho que lhes chamariam pessoas, mas há entidades..."

George Woods: "Na Lua?"

Thomas Jefferson: "... na Lua e noutros planetas também. Vejam, o mundo terrestre considerou-se, durante séculos, o único mundo. Sempre sustentou que a vida terrestre é a única forma de vida; mas, claro, gradualmente a ciência começa a evoluir e a possibilitar contactos de várias formas. Creio que chegará o tempo em que a Terra perceberá que todos devem tornar-se um só povo — não nações, nem indivíduos separados."

Betty Greene: "De facto, o mundo terreno tem ainda muito que aprender, não tem?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Bem, receio que haja muita verdade nisso, mas sinto fundamentalmente que as pessoas da Terra são boas.

Acredito no bem. Sei que o oposto do bem é o mal, mas percebo que o que é mau é, muitas vezes, o bem que correu mal. Sei que o bem no homem pode superar a sua parte pior, e que a pessoa comum apenas quer fazer o que é bom e correto. Todos temos pecados. Todos cometemos erros. Ninguém é perfeito. Ninguém espera que o sejais. Nós não somos perfeitos, mas sabemos muito bem que a raça humana pode e deve unir-se, trabalhando em uníssono pela paz, pela tranquilidade do espírito, pelo seu desenvolvimento e pelo bem de todos."

George Woods: "Já esteve noutros lugares além da Terra?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Estive em muitas esferas."

George Woods: "Muitas esferas... e esferas superiores?"

Thomas Jefferson: "Bem, tive o privilégio de visitar uma esfera mais alta por uma única vez."

George Woods: "E... o que poderia dizer sobre o que viu nesse plano superior?"

Thomas Jefferson: "Bem, é muito difícil, porque me pede para descrever uma esfera que está muito distante de mim e muito, muito longe da Terra. Para descrever algo em linguagem material, não encontro palavras que realmente a possam definir, exceto dizer que estava repleta de luz, e que possuía tanta harmonia e beleza que as palavras falham. Eu estava constantemente consciente de uma beleza multifacetada; senti-me tão elevado que parecia ser possível transcender tudo o que alguma vez conhecera ou esperara. Havia ali perfeição, se é que a perfeição existe; de certa forma, era tão maravilhoso que nos sentíamos como uma criança que abre os olhos para algo tão glorioso que mal consegue acreditar ou aceitar, tamanha é a surpresa. O coração parecia parar e pensávamos: 'Isto é maravilhoso, será que vai durar?'. Na verdade, há coisas que não se podem descrever.

Há muitas coisas no vosso mundo que testemunham. Embora, por vezes, os seres humanos estejam tão habituados a vê-las que as aceitam sem lhes dar importância ou sem as verem realmente. Há muitas belezas: a glória do pôr-do-sol, as estrelas no céu... todas as belezas da natureza que conheceis."

Betty Greene: "Eu vejo isso nas flores." [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Acreditem que também as vemos aqui, mas mil vezes mais lindas. As flores aqui crescem com quase dois metros de altura, com pétalas magníficas; emitem um som, uma nota musical, e o seu perfume é maravilhoso."

George Woods: "Recebi uma imagem imensa. Tenho estado a escrever o que recebo... vejo um mundo muito belo e escrevi o que disse... 'vi flores com cerca de dois metros de altura'." [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "É muito comum aqui. As flores crescem até alturas enormes."

George Woods: "E árvores coloridas." [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Sim, é verdade. Reparai que temos muitas cores de que vós não tendes conhecimento. Temos cores aqui que não vos conseguimos descrever. Os matizes são variados e inúmeros, tal como os pássaros, por exemplo: temos pássaros maravilhosos, muitos dos quais vos pareceriam familiares, claro, mas outros não; no entanto, temos uma comunicação mental. Vede o reino animal no vosso mundo: tendes um animal de estimação, um cão ou um gato, e conseguis conhecê-lo e ele conhece-vos; embora não possa falar, ele transmite-vos coisas de alguma forma, e vós podeis fazer o mesmo. O mesmo se aplica aqui, mas como aqui a mente é tão dominante, a realidade é tal que o animal pode falar, não apenas no sentido vocal, mas num sentido mental. Aqui, o animal é mais sensível do que na Terra. Aqui, estamos conscientes dos pensamentos uns dos outros.

Não precisamos de enunciar palavras ou de fazer vibrar a atmosfera para criar som e darmo-nos a conhecer. Conhecemo-nos automaticamente. Isso é algo maravilhoso e, ao mesmo tempo, assustador. O ponto é que, quando conhecemos outra pessoa pela primeira vez, no vosso plano podemos usar uma espécie de camuflagem; podemos criar uma fachada e parecer, de várias formas, aquilo que não somos. Aqui, tal não é possível. Aqui somos realmente conhecidos como somos, pela primeira vez. No início é um pouco assustador, mas gradualmente começamos a progredir e perdemos muitas características que antes eram comuns à nossa natureza; expandimo-nos, crescemos e essas coisas deixam de nos preocupar. Mas devo avisar: aqui não se pode usar qualquer fachada, porque somos reconhecidos imediatamente. Sabe-se exatamente o que uma pessoa é."

George Woods: "Sim, sim. Quando chegam pela primeira vez, eles mostram uma imagem de si mesmos?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Sim."

George Woods: "Tal como realmente são?" [Ininteligível]

Thomas Jefferson: "Sim... Falarei convosco novamente um dia destes. Sei que estão a fazer um trabalho maravilhoso, mas quero que saibam — e que qualquer pessoa que ouça esta gravação saiba — o seguinte: eu, tal como cada alma deste lado, estou apenas preocupado com o bem-estar da raça humana. Estamos apenas preocupados com o desenvolvimento espiritual e a progressão do ser humano. Não nos preocupamos de forma alguma com as coisas materiais enquanto tais, mas sim com o progresso espiritual. Não temos nada a esconder; podemos dizer o que sentimos com todo o nosso coração. Não precisamos de usar camuflagem nem fachadas. Não temos de nos esconder atrás de algo que não somos.

Dizemos a verdade e dizemos-vos: quem quer que sejais ou onde quer que estejais a trabalhar em cooperação amorosa com os domínios do Espírito, nós ajudar-vos-emos, guiar-vos-emos e elevar-vos-emos. Dai-nos a oportunidade, abri os vossos corações e as vossas mentes para nós; deixai-nos entrar e faremos todo o possível para vos ajudar, individual e coletivamente, em paz e em harmonia. Tentai ver o ponto de vista do outro; tentai, por vezes, descer do vosso pedestal para o encontrar a meio caminho. Esse é o único meio para a paz. Não imagineis que sois superiores, pois aqueles que são mais humildes são frequentemente os que mais progridem. O amor abre a porta e sabemos que, se abrirdem essa porta apenas um pouco, ela poderá ser gradualmente aberta de forma a que todos possam entrar e estar em harmonia.

Tudo está bem, meus amigos, enquanto se esforçarem com sinceridade e verdade para fazer o que é justo e honesto. Saibai que não vos falharemos, pois o que empreendemos em vosso favor é para o mundo, para o bem da humanidade, para que cada irmão possa realmente viver em paz e crescer em conhecimento e experiência, e para que o mundo encontre um caminho para a liberdade espiritual."

Betty Greene: "Obrigada, Sr. Jefferson."

Thomas Jefferson: "Deus vos abençoe. Adeus."

Betty Greene: "Adeus!"

Thomas Jefferson: "Voltarei noutra altura. Adeus."

Betty Greene: "Adeus. Até à próxima!"

George Woods: "Muito obrigado."

Leslie Flint: "Ele é bom, não era?"

DAVID

SOBRE O MECANISMO DA "LARINGE ARTIFICIAL"

4 de abril de 1960

D: De que serve vir falar com alguém se não se abrir a boca para falar? Muitas pessoas vêm a este tipo de sessões e, quando têm a oportunidade de falar, não têm nada a dizer. Para mim, é um desperdício de esforço. Creio que, para alguns, é muito mais difícil. No início também senti essa dificuldade, mas agora estou bem; limito-me a seguir o meu caminho. Já não me importo minimamente. Limito-me a abrir e a fechar a boca.

B: Tu és um caso sério.

D: Na verdade, tecnicamente, não é bem assim, mas soa bem. Não é preciso abrir e fechar a boca para se conseguir falar.

B: David, devagar, devagar... Por favor, explica-me como o estás a fazer. Como é que consegues...?

D: Bem, creio que a resposta reside no facto de a comunicação ser feita por pensamentos; é a transmissão do pensamento e da personalidade combinados, através de um mecanismo que, afinal de contas, é apenas uma réplica artificialmente reproduzida de uma laringe, essencial para a fala.

B: Estás absolutamente presente nesta sala, a falar...?

D: Com certeza que estou na sala. Estou aqui, ao teu lado, mas é a concentração do pensamento que produz o som: o som é reproduzido artificialmente e o que ouves é apenas um pensamento transmitido através da laringe artificial. E é aqui, creio eu, que reside grande parte do problema que impede certas pessoas de o fazerem. Parece que nunca conseguem dominar a técnica.

B: Referes-te ao ectoplasma?

D: Sim, à laringe de ectoplasma... os órgãos vocais de ectoplasma que são construídos. Eles mantêm-se apenas enquanto a energia o permite e, como é óbvio, de certa forma, é algo flutuante e mutável; é por isso que surgem as falhas. Por vezes, continuamos a transmitir pensamentos e tu não os recebes porque, por momentos, nem sequer temos consciência de que a laringe deixou de funcionar.

Portanto, deves ter em mente que, se o pensamento é a base da comunicação, não conta apenas o pensamento da influência predominante — que posso ser eu —, mas também o pensamento de outra pessoa que esteja por perto pode, de forma estranha, interferir e obstruir o caminho. A menos que tenhas um canal limpo, não podes esperar uma receção clara. Não se consegue uma nitidez de 100% naquilo que é transmitido pelo comunicador em questão. É por isso que trabalhamos em harmonia, como um grupo. Temos de o fazer, e naturalmente queremos fazê-lo, mas a questão é que, fundamentalmente, muito do que é dito por um é o que é pensado ou falado por outro.

Por outras palavras, estamos todos no mesmo comprimento de onda ou vibração. Trabalhamos todos em harmonia e em estreita cooperação; por isso, se eu estiver a tentar transmitir-te algo e houver dificuldades na transmissão, alguém me auxilia, por assim dizer, com pensamentos que nem sempre surgem facilmente quando nos tentamos concentrar no funcionamento deste mecanismo ou na comunicação. Verificas que as coisas que muitas vezes preparaste para dizer não surgem com facilidade no momento da transmissão, e as outras pessoas presentes agem de forma a transmitirem-te esse pensamento, que tu transferes automaticamente. É por isso que, por vezes, a comunicação é "em segunda mão". Alguém pode tencionar falar na primeira pessoa, mas outra pessoa pode estar a fazer a transmissão no mesmo comprimento de onda.

Por exemplo, se uma alma oriunda de uma esfera superior não consegue manipular o mecanismo — pois não consegue sintonizar a onda de vibração mais baixa que é essencial para este tipo de trabalho —, transmite a mensagem a alguém que já esteja habituado a comunicar. Mais uma vez, a transmissão da personalidade depende da qualidade do comunicador que está a manipular a laringe ou a transmitir para a outra pessoa. Podes captar o assunto e o que pretendem transmitir, mas podes não receber a personalidade; é por isso que algumas pessoas dizem: "Não sei... o que foi dito era muito bom, foi uma prova excelente, mas não era ele", no sentido em que não reconheceram a sua personalidade.

B: Essa foi uma excelente explicação, que me será muito útil quando as pessoas vierem perguntar o motivo disto ou daquilo. Foi por isso que te perguntei deliberadamente.

D: Acho muito importante que as pessoas no teu mundo percebam que, devido às inúmeras complicações e dificuldades da comunicação, o pensamento em si é o elemento predominante. É o pensamento que te é transmitido artificialmente; e, nessa transmissão, pode haver discrepâncias que não se ajustam perfeitamente à tua forma de pensar ou de aceitar as coisas. Por exemplo, podes ter uma ideia preconcebida muito forte sobre alguém, baseada na tua experiência.

Quero dizer, se conheces alguém há 40 ou 50 anos, conheces a sua personalidade, a sua forma de falar e as suas pequenas idiossincrasias que contribuíram para a imagem que tinhas dessa pessoa na Terra; naturalmente, se alguém aparece e te dá uma mensagem, por muito excelente que seja o contexto, se a voz e a personalidade não corresponderem, dirás: "Bem, não sei se era realmente aquela pessoa ou alguém a personificá-la". É aí que surge esse dilema entre os espiritualistas e as pessoas em geral, porque ficam intrigadas e querem saber até que ponto a comunicação é fidedigna e quanto é apenas representação.

Há muitas coisas que devem ser analisadas, aceites e compreendidas; deves perceber que é muito raro obter uma comunicação a 100%. Não digo que não aconteça, mas é difícil. Apenas uma pessoa com um conhecimento vasto de comunicação e uma personalidade muito forte pode esperar transmitir uma grande parte de si mesma ou do que pretende dizer.

Talvez tenha havido momentos em que, ao falar contigo — e como já tenho prática, sinto-me focado e seguro —, o tenha feito bastante bem; mas houve alturas em que, ao fim de 20 minutos de conversa, senti um enfraquecimento. Sinto que já não estou a segurar o contacto com a mesma força do início, o que é de esperar: alguém entra e assume o controlo gradualmente. Por vezes é tão subtil que quase não percebes. O que importa é que acontece.

Esta fusão de comunicação ou de personalidade que ocorre nas sessões é perfeitamente compreensível, pois deves perceber que a laringe, ou o instrumento que usamos, tem um certo comprimento de onda de vibração. Este médium foi sintonizado ao longo de anos de desenvolvimento para se tornar um instrumento num determinado comprimento de onda. Consequentemente, temos de nos sintonizar e estar em harmonia com ele; é por isso que a harmonia é fundamental numa sessão.

Quando tens um grupo de pessoas em perfeita harmonia, que se reúnem há muito tempo, que se conhecem, se entendem e confiam umas nas outras, criam-se as condições ideais. Isso torna a nossa tarefa muito mais fácil, porque dispomos não só da energia física dos presentes, mas também da harmonia mental e do espírito cooperativo. Temos ali um manancial que podemos usar e, consequentemente, conseguimos aguentar-nos muito mais tempo do que num

grupo heterogéneo de pessoas reunidas ao acaso, onde cada uma tem a sua personalidade forte e os seus próprios desejos, "puxando" para si sem interesse pelos outros.

Por outras palavras, têm, talvez inconscientemente, um motivo egoísta, e é aí que o médium sente a tensão. Um médium é um indivíduo altamente sensibilizado, não apenas no temperamento, mas no sentido psíquico; possui essa qualidade que, ao longo do tempo, foi de tal forma apurada que pode ser usada como instrumento com grande sucesso. Mas, como todos os instrumentos sensíveis — mesmo os mecânicos no teu mundo —, se forem maltratados ou usados de forma grosseira por quem não os compreende, acabam por se avariar.

Se alguém não sabe cuidar de uma maquinaria delicada para garantir o seu bom funcionamento, ela acabará por quebrar-se. Esse é o problema dos nossos médiuns profissionais: o seu trabalho é espalhar a verdade, e esse é também o nosso trabalho.

Contudo, devem ser usados de forma correta. Devem ser tratados com cuidado e nutridos. Não estou a sugerir que alguém tenha o direito de controlar os pensamentos ou ações de outra pessoa. Cada um deve ter liberdade para desenvolver a sua personalidade e caráter. O que deve existir é um espírito cooperativo por parte do médium, que deve ter consciência da sua responsabilidade perante os outros e perante o trabalho que realiza. É uma tarefa tremenda e poucas pessoas conseguem satisfazer o que lhes é exigido. Quando alguém se desenvolveu após um grande esforço do nosso lado, tem direito à sua vida pessoal, mas tem também a obrigação de ser fiel a si mesmo, às pessoas que ajuda e, claro, a quem tanto fez por ele deste lado. Se o médium tiver a mentalidade correta, se estiver disposto a dedicar a vida ao serviço da humanidade e a cooperar, teremos um canal; quanto mais elevados forem os seus pensamentos e mais focado estiver nas coisas espirituais, melhor será o instrumento com que poderemos trabalhar. Temos grandes esperanças nisso.

D: Simplesmente, eu sei que houve desilusões e que têm ocorrido retrocessos e tudo o resto. Não estou a culpar ninguém por isso, porque eu seria a última pessoa a fazê-lo; sei que é preciso ser humano e que se deve, em certa medida, viver no mundo material e considerar as coisas materiais. Não se pode estar no vosso mundo e estar deste lado ao mesmo tempo. Nem se pode ser o tipo de pessoa que gostaríamos de ser, ou que desejaríamos ser, porque às vezes isso não é de todo possível. Mas a questão é que queremos uma cooperação completa, tanto quanto for humanamente possível. Não sei se tal pode ser alcançado, mas sei o que eles vos prometeram. Ouvi o que eles disseram: não tenho qualquer dúvida de que não há limites para o que se pode alcançar, desde que exista esta continuidade de amor, harmonia, espírito de cooperação e uma compreensão do que pode ser feito

pelo poder do espírito. Pois não há realmente limite algum quando existe harmonia completa e total cooperação entre o nosso mundo e o vosso. É tudo o que pedimos, nem mais, nem menos.

B: Oh, sim, todos nós percebemos isso.

D: Sei-o pela minha própria experiência desde que cheguei aqui. As pessoas que nos visitam são realmente maravilhosas. São pessoas extremamente nobres e com motivações elevadas. Têm tanto que desejam alcançar e que querem transmitir plenamente. Sabes, quando cheguei aqui, eu era muito diferente do que sou agora. Aprendi muito ao vir aqui, a ouvir e a conhecer estas pessoas. Estou a começar a apreciar realmente o que elas tentam fazer e o que procuram. Percebo que são verdadeiramente altruístas; dão muito de si para vir à Terra realizar este trabalho e ajudar — não só a ti, mas a qualquer pessoa que venha aqui em busca de auxílio, para além do vosso grupo habitual das sessões. Estive aqui muitas vezes quando vieram pessoas mergulhadas em grande tristeza e necessidade; vi a forma como deste lado se trabalhou para as ajudar, para lhes trazer os seus entes queridos e confortá-las, dando-lhes um novo sentido de vida. Foi uma revelação para mim, porque na verdade elas dão muito de si. Creio que ninguém percebe bem o quê.

Elas seriam as últimas a admiti-lo. É verdade que o tempo que dedicam a isto é insignificante em termos de tempo absoluto. Elas próprias o dizem. E eu não teria razão para o negar, mas parece-me que não é uma tarefa fácil. Sei, por experiência própria, que não é nada fácil. Depois de se ter visto e experienciado tudo aqui, de se ter vivido num mundo que é, em tantos aspetos, tão distante da Terra — onde tudo é muito mais belo, nobre e encantador —, regressar aos velhos hábitos, pensamentos e modos de vida terrenos... sentimos esse peso por algum tempo quando chegamos aí; não é fácil.

B: Eu sei. Mudaste muito, David.

D: Naquela altura, eu encarava as coisas de forma muito mais leviana, embora ainda mantenha o meu sentido de humor. O que acontece é que percebo que nunca pensava com profundidade. Não que eu fosse superficial por natureza, ou que fosse cruel e pensasse mal dos outros. Na verdade, era provavelmente alguém de espírito simples; vivia como queria, não pensava no amanhã e era bastante descontraído. Mas agora percebo que a vida é um assunto sério e não algo que se possa levar apenas dia após dia. E não me refiro apenas à vida do teu lado, mas à vida aqui também.

A vida é uma experiência que constitui um dom precioso; há tanto para assimilar, aprender e conhecer, tanto para experienciar de diversas formas.

Percebo agora, melhor do que nunca, que as situações difíceis são muitas vezes as mais importantes — e não as coisas simples e fáceis, nem os momentos felizes em que tudo corre bem. Esses momentos são naturais e gostamos deles, é humano; mas aprendemos muito mais com as reviravoltas da sorte, com as desilusões e com a compreensão que advém da tristeza e do sofrimento. Aprende-se muito mais do que se aprenderia se tivéssemos sempre tudo o que queremos, porque até essas coisas que julgamos importantes perdem o valor muito depressa; acabamos por descobrir que, afinal, não era bem aquilo que desejávamos, ou que não o queríamos tanto como pensávamos, e o resultado não foi o que esperávamos.

Na verdade, há tantas desilusões naquilo que desejamos, amamos e apreciamos, que descobri que é nas adversidades, na tristeza e nos contratempos que nos tornamos mais gentis, mais humanos, mais compreensivos, tolerantes e pacientes. Aprendemos todas as boas qualidades através da força de vontade perante os eventos adversos.

B: É a mais pura verdade. É através do sofrimento que se aprende.

D: Há um velho ditado que diz que "do mal vem o bem". Nós não sabemos realmente o que é o mal. O mal é, por vezes, mal interpretado: temos tendência a aplicar essa palavra a tudo o que vai contra os nossos desejos ou o nosso pensamento. Claro que existem coisas que são genuinamente más, por serem perversas e erradas, mas, ao mesmo tempo, muitas das coisas que desprezamos ou que nos angustiam — as coisas que tentamos evitar, se pudermos — são, estranhamente, as que mais nos ensinam. Eu aprendi um pouco.

B: Bom David, fico muito contente por ouvir isso.

D: Oh, já não sou exatamente a mesma pessoa.

B: Estás contente agora?

D: Suponho que, de certa forma, me sinto contente. "Contentamento" é uma palavra estranha para usar. Houve um tempo em que, na Terra, eu teria associado o contentamento à capacidade de fazer o que me apetecia, quando me sentia inclinado a isso e o podia custear; mas isso não é realmente ser-se contente, é quase o oposto, num certo sentido. O que sinto é que estou contente ao mesmo tempo que percebo que há ainda muito mais para experienciar e aprender; e estou ansioso por saber, ansioso por descobrir. De uma maneira estranha, suponho que estou contente e, ainda assim, descontente.

É um pouco como viver numa casa muito agradável que amas profundamente, que te traz grande alegria e felicidade; parece que tens ali tudo o

que desejas, mas há várias portas que estão trancadas e não tens a chave. E queres saber o que há lá dentro, ou perguntas-te o que estará por trás daquela porta. Gostarias de ter a chave para essa porta, mas não percebes que não podes atravessá-la; não podes abrir essa porta enquanto não fabricares a chave para o fazer.

Creio que a vida é assim: às vezes parece que tens tudo e, ao mesmo tempo, faltam-te coisas porque não as vês, não tens consciência delas. É apenas quando os teus olhos se abrem gradualmente que percebes que houve sempre coisas ali presentes que nunca tinhas notado que existiam; e não abres os olhos até que tu próprio te interesses por elas. Por outras palavras, tu tens em ti a chave para todas as portas. E essa chave é a sinceridade de propósitos e a compreensão de que fazes parte de um plano maior; e que, embora estejas sozinho, deves partilhar o que tens com os outros, percebendo que o que possuis não é realmente teu, mas apenas algo que te foi emprestado por uns tempos. Com isso podes aprender através da experiência, mas nenhuma experiência te satisfará plenamente, porque sabes que existem sempre outras coisas algures e tens de encontrar o caminho.

Por outras palavras, é uma luta eterna dentro de nós próprios pela expressão, uma luta pela realização e pela descoberta do caminho; e, quando o encontras, percorre-lo. Às vezes, embora saibas que estás no trilho certo, sentes que deves descansar um pouco para reunir forças e avançar. E sabes, a vida é cheia de interesse. Nunca deixa de interessar; independentemente do aspeto que consideres, há sempre algo de novo. Acontecem sempre coisas estranhas.

B: Ah, essa é a beleza da coisa.

D: É uma grande aventura e creio que esse é o segredo — olhar para a vida sob todos os aspetos, em qualquer esfera onde te encontres, seja na Terra ou aqui, seja qual for o nível, e apreciá-la, esforçando-te um pouco mais a cada dia para ganhar conhecimento e experiência. E isso é possível fazendo-o não apenas por ti, mas pelos outros. Aprenderás mais através dos outros e ajudando o próximo do que alguma vez aprenderias sentado de braços cruzados.

B: Sim, tens toda a razão, David. Que belo discurso.

D: Um pouco longo, asseguro-te. Talvez não tenha sido assim tão bom, mas, seja como for...

B: Exprimiste-te muito bem. Estou muito, muito satisfeito.

D: Aguardo sempre com expectativa as vossas reuniões. Sabes porquê? Porque sei que contigo posso ser eu próprio. Posso falar com naturalidade e abrir-

me. Na verdade, para ser sincero, sinto uma enorme satisfação ao vir falar contigo e sinto também, de forma estranha, que estou a aprender ao mesmo tempo.

B: Estás a aprender, de facto. Estou muito feliz por teres encontrado o teu caminho até aqui.

D: Mas não precisas de te preocupar. Sei que já te disseram isto muitas vezes e deves estar farto de ouvir o mesmo, mas sei que não tens motivos para te preocupares indevidamente com o futuro. Sei que haverá aqui uma receção fantástica para ti. Eu estarei lá.

B: Ficarei muito contente.

D: Tenho de ir agora, porque a energia está a enfraquecer. Foi um prazer falar contigo e sei que todos aqui — e isso inclui todos os teus entes queridos — te enviam o seu amor e a sua bênção. E tenho a certeza de que terás o teu companheiro de volta em breve. Adeus.

B: Adeus, David.

Mickey: Adeus!

O RELATO DO SR. JOHNSON

(1966)

Entre as inúmeras gravações de comunicação transcendental obtidas na presença do médium de "Voz Direta" Leslie Flint (1911-1994), destaca-se a conversa entre um certo "Sr. Johnson" e o grupo de assistentes. Este artigo apresenta trechos da transcrição da gravação original, realizada num gravador de bobinas em 1966. A comunicação inicia-se com uma breve troca de palavras com o guia de Flint, o irónico e inescrutável "Mickey". Depois, após algumas palavras de "Hilda", ouve-se pela primeira vez, aos 8:17, uma voz masculina sombria.

Sr. Johnson: "Bom dia. Devo admitir que esta é uma experiência bastante interessante. Não tenho certezas absolutas sobre isto. Compreendo que os senhores dedicaram muito estudo a este tipo de fenómenos. Soube, por intermédio de várias pessoas que se encontram aqui e que mo sugeriram, que eu gostaria de vir e de participar. Já cá estou há... oh, devem ser 63 anos...

O meu nome é Johnson. Eu vivia neste terraço (*Westbourne Terrace*). Já tiveram aqui uma jovem senhora? Pensei que ela pudesse ter tentado falar. Era

uma criada. Na verdade, costumávamos visitar esta casa. Eu e a minha mulher, há muitos anos, recuando bastante no tempo.

Naturalmente, todo este bairro mudou de forma irreconhecível. Já não parece o mesmo — degradou-se, lamento dizê-lo — suponho que agora seja 'moderno'."

Sobre a sua transição e a causa da morte:

Ao ser questionado sobre como partiu e qual foi a sua reação, o Sr. Johnson explicou:

"Ah, apanhei um resfriado forte. A minha saúde já se vinha a deteriorar há algum tempo. O peito era o meu principal problema — apanhei uma congestão muito má e creio que terá sido essa — se a memória não me falha — a causa da minha morte. Pneumonia. Ah, já foi há muito tempo. A Miriam está aqui comigo, caso a tenham conhecido — a minha mulher."

(Nota: Parte da conversa incide sobre a vida do casal enquanto entusiastas do teatro.)

Um dos assistentes perguntou-lhe novamente sobre as suas sensações ao passar para o "outro lado":

"Não creio que alguma vez tenha pensado muito na morte enquanto estava no vosso mundo. Era religioso no sentido de frequentar a igreja regularmente, mas não diria que era um bom cristão. Não fiquei surpreendido quando percebi que estava morto. Pelo contrário, acho que me pareceu algo muito natural."

O reencontro e a "Aldeia da Infância":

O Sr. Johnson foi recebido pelos pais e por um irmão mais novo, que tinham partido antes dele.

"Foi-me mostrada uma aldeia e, curiosamente, essa aldeia era, em tudo, idêntica à que conheci em criança. Eu costumava visitar um tio meu durante o verão; costumávamos ir para esse lugar...

E pareceu-me que, ao chegar aqui, essa aldeia era, para todos os efeitos, exatamente igual à que eu recordava. Na altura, tudo me pareceu muito real. Os meus familiares viviam numa casa idêntica à que tinham tido na Terra...

Passámos ali momentos tão felizes em crianças. Fiquei muito surpreendido por descobrir que esse lugar existia realmente aqui. Em todos os detalhes, tanto quanto a memória me permite aferir, era idêntico ao da minha infância.

A minha tia e o meu tio amavam tanto aquele lugar que, de certa forma — não sei bem como acontece, mas eles depositaram tanto de si naquela casa e ela significava tanto para eles —, quando aqui chegaram, obtiveram uma réplica exata."

A perceção do tempo e da idade:

Explicou que "a idade é puramente uma questão física e material" e que, na sua nova existência, as pessoas pareciam mais jovens:

"Regressaram aos seus anos de juventude e eu reconheci-os. Era como se, de uma forma estranha, embora fossem mais jovens, eu pudesse vê-los sob dois prismas: como eram agora e como tinham sido na Terra. É uma sensação extraordinária. É peculiar descrever a forma como estamos conscientes das coisas, das pessoas e de todos os incidentes que nos dizem respeito a nós e aos outros. E, no entanto, essas coisas podem ser alteradas e continuamos conscientes de cada detalhe. É como se, por vezes, pudéssemos viver não apenas no presente, mas também no passado, simultaneamente. E, até certo ponto, numa extensão do futuro. Como se explica isto? Não consigo imaginar — é simplesmente assim."

O novo lar e a ocupação:

O Sr. Johnson mencionou que, na Terra, foi um "estudioso dedicado" e viveu com "conforto financeiro". Sobre a sua nova residência:

"Esta casa que foi preparada para nós fora criada, presumivelmente, por um arquiteto do século XVIII que, ao chegar aqui, continuou a projetar e a criar várias propriedades e casas para as pessoas. Não necessariamente para pessoas que conhecia, mas porque amava desenhar e criar; ele conseguiu reunir em torno de si um grupo de indivíduos com os mesmos interesses. Estas casas eram depois atribuídas às pessoas quando chegavam. De alguma forma, o meu gosto e desejo por um certo tipo de habitação tornaram-se aparentes e esta casa foi-nos apresentada por algum tempo, até sentirmos necessidade de evoluir noutras direções. Fomos muito felizes ali, mas mudei-me recentemente para outro local."

Atualmente, o seu trabalho consiste em ajudar as "novas almas" a adaptarem-se à vida no novo plano. Referiu que a esposa e o filho também atuam como instrutores. Explicou ainda que não existem países nem conflitos nacionais, nem tão-pouco casamentos, embora existam pessoas que vivem em profunda devoção mútua.

Um mundo sem defeitos e a comunicação mental:

"Se me perguntassem como é o nosso mundo, diria que é uma réplica do vosso, mas sem os seus defeitos. Existem vastos continentes, planícies imensas, montanhas, lagos e grandes áreas dedicadas à vida e aos povos. Há um grande reino animal que convive com o reino humano, onde existe uma maior compreensão e sensibilidade para com os animais. Não há medo.

Há um desenvolvimento maior, inclusive entre os animais. Uma das coisas mais fantásticas que me aconteceu quando cheguei foi manter uma conversa — suponho que seja a única maneira de o dizer, embora soe a loucura — com um cão de estimação. Mas percebi que não se tratava de uma conversa no sentido normal, através do uso de órgãos vocais e da criação de sons e palavras. É uma conversa entre mentes, entre consciências; uma transmissão de pensamentos. Aprendi rapidamente que a fala, tal como a conhecemos, não é necessária aqui. Podemos comunicar totalmente através do pensamento. Não é obrigatório usar a laringe para falar, embora muita gente o faça. Não estou a sugerir que não falemos uns com os outros, nem que os grandes cantores não cantem e façam vibrar a atmosfera criando sons. Claro que o fazem.

É por isso que sabemos exatamente o que a outra pessoa está a sentir ou a pensar. Esta foi uma das coisas que me perturbou um pouco ao início, por não estar familiarizado e por ser algo estranho e até assustador: a perceção de que as pessoas sabiam exatamente o que eu estava a pensar. Cedo percebemos que já não podemos dizer uma coisa e sentir outra. Por outras palavras, nunca se consegue enganar ninguém. Não que eu quisesse enganar alguém, mas na Terra habituamo-nos a evitar problemas, por vezes omitindo o que pensamos lá no fundo. Aqui isso é impossível — não se pode ocultar a verdade nem esconder o nosso verdadeiro eu. Aqui, somos revelados como realmente somos. Já não se pode manter a velha fachada."

Viagem pelo pensamento e as "Escolas de Aprendizagem":

Questionado sobre os mares, indicou que viu grandes oceanos, embora admitisse que noutras esferas eles possam não existir. Sobre as viagens:

"Sim, pode viajar-se pelo pensamento. Podemos transportar-nos. Os nossos corpos tornam-se sólidos e reais para nós no nosso ambiente, embora não o sejam necessariamente para vós. A nossa comunicação convosco é puramente uma vibração mental."

Sobre a partilha de conhecimento e o ceticismo:

"Se as pessoas não fazem o esforço para descobrir algo — quer se trate deste assunto, o espiritualismo, ou de qualquer outro —, é a mesma velha história: é

preciso sair da zona de conforto, esforçar-se, dedicar tempo e refletir. É estúpido condenar algo de que nada se sabe e sobre o qual não se fez qualquer esforço de investigação."

Finalmente, descreveu as "escolas de aprendizagem":

"Estas escolas são muitas e variadas. Qualquer indivíduo pode estudar um assunto específico ou vários. Se quisermos recuar no tempo e estudar história, podemos experienciar tudo isso. Podemos frequentar aulas com grandes mestres que, através do pensamento, nos transportam temporariamente ao passado, para que possamos testemunhar e vivenciar acontecimentos de há séculos. Se alguém tiver interesse pelo período Romano ou Egípcio, pode ser transportado mentalmente por estas grandes almas. Tudo o que aconteceu ainda lá está. As pessoas assumem que o que aconteceu ontem deixou de existir, mas continua lá; tudo o que foi produzido por um estado mental que gerou uma reação material fica registado. É apenas uma questão de sintonizar o comprimento de onda vibratório correto para reentrar nesses momentos...

Mas devo ir-me embora. Adeus. Que Deus vos abençoe. Talvez um dia tenha o prazer de voltar. Adeus."

O RELATO DE HOPKINS: O AGRICULTOR

Hopkins: O meu nome provavelmente não vos diz nada, claro, e não há razão para que diga, pois não pertenço à categoria das pessoas famosas que costumam conhecer. Sei que, geralmente, nas vossas reuniões, aparece uma multidão de pessoas que, quando estavam na Terra, tinham a sua importância; bem, eu certamente não era assim. Não sei se deverei tomar muito do vosso tempo — não sei se isto é assim tão importante, percebem o que quero dizer?

Woods: Sim.

Hopkins: Naturalmente, os senhores gravam estas coisas e é sempre interessante quando alguém famoso ou conhecido vem dar uma palestra que desperte o interesse das pessoas, mais do que uma pessoa desconhecida como eu. Ainda assim, pensei que talvez pudesse ser útil de alguma forma. Não é que signifique muito, quero dizer, percebo que não há razão para eu... *(ininteligível)*... passei a melhor parte da minha vida na agricultura. Perguntei-me se isso poderia ter algum interesse?

Greene: Oh, muito.

Hopkins: Ocasionalmente... era sempre uma coisa ou outra comigo... Eu cá preferia dar um bom passeio num domingo a ir à igreja. Ir à igreja não era para mim. Conheci alguns aqui que, apesar de serem figuras importantes lá em baixo, eram exatamente o oposto aqui. Sabem, o mundo vê as coisas de uma maneira, mas deste lado as coisas são diferentes...

Woods: Sim.

Hopkins: Não importa o que os outros pensam; o que importa é o estado em que nos encontramos connosco próprios.

Woods: É muito interessante o que está a dizer.

Hopkins: Às vezes...

Greene: Sr. Hopkins?

Hopkins: Diga, minha querida?

Greene: Pode dar-nos uma ideia de como foi a sua partida?

Hopkins: Ah, sim, posso contar-vos isso num instante. Bem, sofri um esgotamento, um colapso, um ataque cardíaco ou algo do género. Na verdade, estava na ceifa. Senti-me um pouco estranho, pensei que fosse do sol e sentei-me à beira do caminho. Pelo que me lembro, senti-me sonolento e esquisito, e devo ter adormecido.

Mas, valha-me Deus, apanhei um choque tremendo. Acordei, ou pelo menos assim pensei, e o sol já se tinha posto. E ali estava eu — ou pelo menos o que parecia ser eu. Não conseguia perceber nada, estava tão intrigado. Simplesmente não sabia o que fazer. Tentei sacudir-me — se é que se pode fazer tal coisa — tentei acordar-me a mim próprio. Pensei: "Bem, isto é estranho, devo estar a sonhar". Tentei recuperar os sentidos. Tentei falar comigo mesmo para perceber o que se passava. Pensei que devia ser um sonho maluco. Não conseguia perceber a ponta de um corno.

Nunca me passou pela cabeça que estivesse morto. Enfim, perguntei-me o que faria a seguir. Não sabia. Acabei por me pôr a caminho, a pé, e segui pela estrada até ao médico. Pensei: "Talvez ele me possa ajudar. Talvez ele consiga resolver isto".

Cheguei ao consultório do médico e bati à porta, mas ninguém respondeu. Achei estranho ele não estar, porque era hora de consulta. Vi pessoas a entrar e a sair e pensei: "Não percebo, ninguém parece notar-me". Vi um ou dois velhos

amigos meus. Todos pareciam passar por mim sem me verem. Ninguém dizia nada. Achei aquilo muito esquisito.

Entretanto, estava eu a tentar perceber a situação, quando vi alguém a correr pela estrada como um louco em direção ao médico. Chegou lá apressado, passou por mim e pelos outros e, no momento seguinte, ouvi-os a falar de mim. Fiquei perplexo. Pensei: "Mas que problema é que esta gente tem? Eu estou aqui!". E ouvi-os dizer que eu estava morto!

O médico entrou no carro e seguiu pela estrada fora, e eu pensei: "Bem, eu não entendo isto da morte. Não posso estar morto. Estou aqui. Vejo o que se passa, ouço o que dizem. Como diabo posso estar morto?".

Depois pensei para comigo — isto é caricato — vi-me ali deitado. Não percebo, como é que podia ser? Quero dizer, ou se está morto e enterrado, ou se está no céu ou no inferno. Eu certamente não estava no céu nem no inferno. Estava ali, a ouvir o que eles diziam. E, gradualmente, suponho que comecei a cair em si: eu devia estar morto.

A seguir, oh, não sei... bem, vi-os pegarem no meu corpo e levarem-no. Levaram-me para a capela mortuária.

"Bem", pensei eu, "esta é a gota de água. Devo estar mesmo morto". Pensei que já tinha ouvido falar de pessoas que morriam, mas agora era a minha vez. Contudo, queria saber o que fazer a seguir. Ninguém parecia conhecer-me, querer-me ou ter algo a ver comigo e, no entanto, eu supunha que estava morto. Achei que o melhor seria ir falar com o pároco. Ele haveria de saber alguma coisa. Fui até à residência paroquial, esperei um pouco e vi-o entrar e sentar-se à secretária. Outra coisa que me pareceu estranha foi perceber, nessa altura, que nada era sólido. Se eu me sentasse numa cadeira — num certo sentido sentava-me, mas noutro não — não sentia peso nenhum debaixo de mim.

Vi o velho pastor; ele entrou, passou por mim, foi até à secretária e começou a escrever cartas e a tratar das suas coisas. Comecei a falar com ele e ele não me deu a mínima atenção. Pensei: "Bem, este é como os outros. Julguei que ele soubesse algo mais". Continuei a tocar-lhe no ombro e, a certa altura, ele virou-se, como se sentisse algo, e eu pensei: "Ora, finalmente estou a conseguir!", mas voltei a tocar-lhe e ele não ligou nenhuma. Depois levantou-se e encolheu os ombros, parecia estar com calafrios. Bem, não estava frio e era uma manhã bastante agradável. Não via razão para ele estar com frio. Enfim, ele não percebia que eu estava ali. Pensei que não ia chegar a lado nenhum daquela maneira.

A seguir, lembro-me de estarem a levar o meu corpo para o velho cemitério, dentro de uma caixa, para me enterrarem junto da "velha" — e de repente lembrei-me da Poll, a minha mulher. Pensei: "Isto é estranho. Se eu estou morto, devia estar com ela. Onde é que ela está?".

Estava eu ali a observar enquanto punham o meu corpo na cova — devo mencionar que não tive filhos e que os meus irmãos e irmãs já tinham morrido todos; eu era o último da família. Tinha uns primos que provavelmente tinham ido para o estrangeiro, mas ali não havia familiares nenhuns, apenas um ou dois velhos amigos. E, de repente, ocorreu-me novamente: onde estaria a minha mulher e por que razão não estava eu com ela?

Depois daquelas cerimónias todas, eu ia a caminhar atrás deles pelo trilho. E eis que, vindo na minha direção, aparece a minha mulher — mas não a minha mulher como eu a conhecera nos últimos anos de vida, mas sim como quando era rapariga. Estava linda, muito bonita. E com ela vinha um dos meus irmãos, que tinha morrido quando tinha uns dezassete ou dezoito anos. Um rapaz novo e simpático, de cabelo claro, uma lindeza. Ali vinham eles, a rir e a brincar, em direção a mim. Ah, senti uma coisa tão estranha! Pensei: "Bem, aqui estou eu e ali estão eles, por isso está tudo bem". Eles saberiam certamente o que fazer.

A minha mulher e o meu irmão fizeram uma grande festa ao verem-me, pedindo desculpa pelo atraso. Eu perguntei: "Atraso? Como é que vocês sabem do tempo e dessas coisas?". Eles responderam: "Nós sabíamos que não estavas muito bem, mas não fazíamos ideia de que virias assim tão de repente. Recebemos a mensagem, mas lamentamos não ter conseguido chegar mais depressa".

Achei aquilo curioso. Como é que eles sabiam? Claro, eu sabia que ia correr tudo bem, mas, no que me dizia respeito, sentia que estava a caminhar como antes, exceto que tudo era muito mais leve. Já não sentia peso no corpo, nem as dores que costumava ter.

Começaram a tentar explicar-me as coisas, mas não diziam demasiado, porque eu teria de passar por um período de adaptação e integração, para me ambientar. Eu disse: "Vocês falam em integrar-me. Onde é que nos integramos? Ninguém aqui parece querer saber de nós, ninguém nos nota".

Eles disseram: "Oh, está tudo bem. Não te preocupes com eles". Eu falei no pastor, perguntei se ele não podia ajudar.

Disseram-me: "Não queiras ir ter com ele. Ele é o último que deves consultar. Percebe menos disto do que os outros. Tu estás bem, vem connosco".

Eu disse: "Tudo bem, eu quero ir convosco, mas para onde vamos?".

Responderam: "Vamos levar-te para nossa casa".

"E onde é que fica?", perguntei eu.

"Oh, não te podemos dizer exatamente onde fica, mas levamos-te lá e depressa vais reconhecer a tua casa. Tudo ficará bem. Vais reconhecê-la imediatamente".

Eu retorqui: "Como é que posso reconhecê-la? Nunca lá estive".

E eles disseram: "Oh, estiveste, sim. Muitas vezes enquanto dormias. Na verdade, conheces a casa muito bem".

E comecei a pensar: "Bem, não sei, não me lembro". Eu costumava ter uns sonhos esquisitos. Uma ou duas vezes lembro-me de ter sonhado com um sítio lindo, com um jardim maravilhoso, onde estava o meu velho cão Rover, que tinha morrido há muitos anos. Lembro-me de pensar que era apenas um sonho.

Eles explicaram: "Não, não era um sonho, eras tu connosco enquanto dormias. Quando o teu corpo dormia, o teu espírito ficava livre e podias viajar e estar connosco, percebes?".

"Bem", disse eu, "tudo isso parece muito bem".

Depois perguntaram-me: "Não notas que estás diferente?".

Eu respondi: "Bem, sinto-me diferente. Não me sinto velho. Não sinto aquelas dores antigas que costumava ter".

"Já te viste ao espelho?", perguntaram.

Disse que não — nunca tinha pensado nisso. "Curiosamente, ainda não me vi".

"Pois bem, anda daí, vamos mostrar-te". Pensei que seria interessante ver-me. Pensei que poderia olhar-me num espelho, mas eles disseram: "Oh, não, nada de espelhos...".

Levaram-me para o que parecia ser um lugar belíssimo, com uma paisagem encantadora e casas lindíssimas. Mais para o campo do que para a cidade. Levaram-me para um campo muito bonito e era exatamente o mesmo sítio com que eu tinha sonhado — ou pensava ter sonhado. E ali estava eu, tal como aparecia

nos meus sonhos há uns anos. Lembro-me vividamente de uma vez ter acordado de manhã cedo com essa recordação e de ter pensado: "Que coisa estranha".

Mas era exatamente igual. Ali estava o meu velho cão, a correr e a abanar a cauda, a saltar de alegria. Pensei: "Bem, isto sim, é que é uma receção". Abri a porta, entrei e estava lá uma data de gente. Devia estar lá mais de uma dúzia de pessoas que eu conhecia. Outro irmão meu, uma irmã, os familiares da minha mulher... estavam todos lá, **surpreendidos** (pela minha chegada repentina) e felizes, a dar-me as boas-vindas e a fazerem uma festa. Contavam-me tudo sobre as suas vidas. Na verdade, era tal a algazarra, tanta conversa e falatório tudo ao mesmo tempo, e o cão a ladrar... era um verdadeiro lar. Tinham preparado um banquete à antiga para mim. Ficariam **surpreendidos**.

De repente, pensei para comigo: "Nunca imaginei que houvesse chávenas de chá por aqui e que a gente se sentasse a comer estas coisas!".

Hopkins: "Eles disseram-me: 'Oh, sim, no início é assim. Talvez não o esperasses, mas é algo a que estás habituado e nós gostamos que te sintas em casa. Providenciamos estas coisas para ti porque ajudam-te a ambientar-te. De qualquer forma, agora vais ficar bem. Tens a Poll, o cão e tens-nos a nós. Manteremos o contacto, viremos ver-te e ajudar-te-emos'."

"E, de repente, percebi que conseguia ver-me a mim próprio — sei que soa a estranho. Mas conseguia ver-me — não como costumava ver-me no espelho —, mas conseguia ver-me tal como sou, pela primeira vez. Estava consciente de mim mesmo como realmente era — não da minha aparência, mas de quem sou, da minha essência, percebem? Comecei a perceber que tudo está lá, dentro de nós. Não precisamos de procurar fora; está tudo lá dentro. Essa é a visão importante. A pessoa real que está no interior, não o que aparece no espelho, nem o que os amigos pensam de nós, mas o que realmente somos. Percebem?"

George Woods: Muito interessante.

Hopkins: "Oh, passei momentos muito bons, posso assegurar-vos. E disse a todos: 'Bem, isto é tão maravilhoso que nem sei o que dizer. Certamente não sei o que fazer'. E eles responderam: 'Bem, não digas nada, não faças nada por enquanto. Limita-te a relaxar, a divertir-te e a descansar. Deixa passar este choque da... passagem, como lhe chamas'."

"E eu disse: 'Bem, o que não entendo é como é que tudo isto é tão natural, tão real. Estão aqui todos vocês, todas as pessoas que amei, todos os que significaram tanto para mim na vida, todos à espera de me receber e de me ver feliz, tranquilo e contente'. E acrescentei: 'E no entanto, há todas aquelas pessoas

lá em baixo, as pessoas que conheci e que eu pensaria que saberiam pelo menos alguma coisa — particularmente o pastor'."

"Eu disse: 'Sei que não fui um bom paroquiano, não fui regular na igreja, nunca senti essa necessidade, mas ele parece não saber nada. Não parece capaz de dizer nada a ninguém, não parece capaz de confortar ninguém verdadeiramente. O que é que está errado?'."

"E eles responderam: 'Bem, não deves culpar o pobre do pastor. Ele faz o melhor que pode, dadas as circunstâncias talvez difíceis. Mas, como vês, eles simplesmente não pegaram na coisa pelo lado certo'. Então começaram a explicar-me que eles simplesmente fecham os olhos às realidades do espírito, tal como as conhecemos, e que ele está limitado à sua maneira estranha. Ele tem esta ideia bizarra de que apenas os chamados 'bons' serão chamados para o céu e que, eventualmente, regressarão à Terra para habitar nela em corpos físicos. Bem, isso fez-me rir."

"Eles disseram-me: 'Sabes, alguns deles, especialmente o teu pastor, acreditam mesmo que todos aqueles corpos no cemitério da igreja vão um dia abrir-se e sair todos cá para fora. Que todos os esqueletos vão ganhar carne e vão caminhar e herdar a Terra. Ele acredita mesmo nisso'."

"E eu respondi: 'Bem, eu nunca acreditei em tal coisa quando estava lá em baixo'. Quero dizer, não fazia sentido nenhum para mim. E eles disseram: 'Não, mas é o que ele prega. Claro que há muitos que têm uma visão mais aberta que a dele. Ele é do tipo antiquado. Muitos estão agora mais avançados, mas muito poucos sabem sobre a comunicação ou a vida após a morte propriamente dita. Aceitam o facto, ou a possibilidade da vida após a morte, mas não aceitam de todo esta comunicação'."

"Na verdade, um ou dois de nós fomos ao que chamamos de reuniões ou círculos e fizemos um contacto — passámos mensagens. Mas são muito raros, sabem? Há muito poucos médiuns com os quais se consiga realmente estabelecer contacto ou fazer algo de útil."

"Mas quanto à Igreja — bem, é uma pena, mas perderam a noção da realidade de tudo isto. Para eles, é algo que aconteceu há dois mil anos e, bem, nunca mais aconteceu desde então. Vivem no passado, não percebem o presente; e o futuro, na verdade, é a mesma coisa. Disseram-me que o tempo não é o que parece. Tudo é uma ilusão. Comecei a perceber isso depressa. O tempo é, na realidade, inexistente. E pensei: 'Bem, gostava de voltar e dizer umas palavras. Talvez pudesse contar algumas histórias e ajudar um pouco'."

"Então pensei: 'Bem, já cá estive várias vezes e sei que os senhores fazem estas gravações aqui. Tocam-nas para as pessoas'. Achei que seria do interesse de alguns. Afinal, todos temos uma história para contar, quer sejamos importantes e instruídos, ou não."

Greene: E o que faz agora? Como passa o seu tempo?

Hopkins: "Ah, tenho muitos interesses. Quando estava do vosso lado, nunca tive grandes oportunidades na vida. Tive de começar a trabalhar quando tinha uns doze anos. A apanhar ervilhas e todo o tipo de coisas, antes mesmo de ir para a escola. Claro que agora volto atrás... o quê? Há quarenta e tal anos que morri..."

Woods: E o que faz aí agora?

Hopkins: "Bem, interesso-me muito por cavalos. Sempre gostei muito de cavalos e de animais em particular. Temos pastagens encantadoras, campos belíssimos e não há matanças — mas quanto a montar, bem, é muito raro."

(A qualidade da gravação degrada-se aqui...)

Greene: Os animais têm um maior grau de consciência agora — esses com que lida? Eles entendem-no?

Hopkins: "Ah, sim. Quando se está na Terra, temos tendência a subestimar a inteligência deles. Eles são inteligentes, muitos animais que conhecemos. Claro que eu matei animais para comer, mas há tantas outras formas de alimento de que se pode comer e viver. De qualquer modo, não acho que seja bom comer a carne morta de animais. Não vejo que possa trazer qualquer benefício real a um ser humano. E, afinal de contas, acho que um animal tem tanto direito à vida como um homem."

"Percebam que acho difícil as pessoas compreenderem que o nosso mundo — pelo menos na vibração de vida em que habito — é muito real, muito natural. Aqui há beleza em todas as formas. Temos o campo, temos os lagos e os rios. Temos muita beleza de muitas maneiras diferentes. Temos flores, pássaros e tudo o que associam à natureza, exceto talvez o que se poderia chamar de formas de vida 'inferiores'. Nunca vi coisas como formigas, embora exista uma grande inteligência nas formigas do vosso lado, mas nunca as vi aqui. Nunca vi insetos, propriamente ditos."

"Vi pássaros lindos — pássaros extremamente belos. Mas, no que me toca, há certos aspetos da natureza, como vocês a entendem, que não parecem existir aqui. Se existem noutra esfera... bem, cheguei à conclusão de que existem todas

estas esferas diferentes ou estados de ser. E, à medida que se progride de uma para outra, coisas que antes eram vitais, importantes ou necessárias, vão desaparecendo gradualmente de acordo com as nossas necessidades e com a nossa compreensão."

"Coisas que eram importantes talvez numa fase da vida deixam de ser necessárias. Acho viável que, nas esferas superiores, certos aspetos da vida mudem de tal forma que dificilmente seriam reconhecíveis como 'vida' para alguns. Disseram-me — não o sei por experiência própria, mas foi-me dito — que, para as almas muito avançadas, não é necessário, de facto elas não sentem a necessidade de ter corpos... Claro que isso é algo que ainda não consigo conceber."

"Dizem que, quando nos tornamos muito avançados, deixamos de precisar de um corpo e deixamos de existir sob uma forma física. Claro que não entendo isso. Desconcerta-me. Mas, sem dúvida, se eu chegar a essa etapa, talvez compreenda."

"Vejam que só podemos entender e apreciar aquilo para que estamos preparados para receber. É por isso que, quando contam isto a muita gente e tocam estas gravações, alguns dizem: 'Ah, sim, parece muito interessante', e outros dizem: 'Que disparate!'. Mas é óbvio que o dirão. Porque há pessoas que se acham tão importantes, que estão tão amarradas às coisas materiais que não conseguem pensar além delas — estão de tal forma envolvidas em libras, xelins e pence. Se estão tão envolvidos em tudo o que pertence ao vosso lado da vida, não conseguem entender nada de natureza espiritual."

(A qualidade da gravação melhora aqui...)

"Tudo é um estado de espírito. O homem não é mais do que aquilo que pensa que é e o que é consigo mesmo. Quero dizer, o pensamento é a coisa predominante — toda a vida é a criação do pensamento. Se as pessoas pensassem no caminho certo, se se elevassem, se pensassem num nível superior — ficariam **surpreendidas** com a forma como as coisas mudariam nelas mesmas e nas suas vidas, e em como poderíamos chegar até elas. Nós ajudá-las-emos, iremos guiá-las e elevá-las. O pensamento é a chave. Tratem de o elevar, e então faremos realmente progresso. Bem, devo ir..."

Greene: Pode dizer-nos em que lugar de Sussex viveu, Sr. Hopkins? Lembra-se do nome da terra?

Woods: Ele já se foi.

Greene: Foi muito bom, não foi?

Woods: Foi excelente... Muito bom. Muito interessante.

Greene: Espero que esta gravação tenha ficado bem...

Mickey: Ele portou-se muito bem, não portou?

MENSAGEM DE ESTELLE ROBERTS

"Queremos mostrar-vos a realidade do Espírito, queremos demonstrar-vos a realidade do Espírito... Esta é a nossa tarefa, este é o nosso trabalho..."

9 de março de 1972

Roberts: Estelle...

Cook: Eu sabia que estavas aqui...

Roberts: Olá...

Cook: Olá.

Roberts: Ida...

Cook: Sim, querida.

Roberts: Louise...

Cook: Sim, querida...

Roberts: Agora estou muito mais calma.

Cook: Estás?

Roberts: Creio que consigo falar-te muito melhor do que há uns tempos.

Cook: Sim.

Roberts: Está aqui muita gente hoje. Muitos dos antigos trabalhadores — e guias... Sabes, às vezes visito o vosso pequeno círculo.

Cook: Sim, eu bem me parecia.

Roberts: Significa muito para nós.

Cook: Fico tão feliz por ouvir isso.

Roberts: Quem me dera que houvesse mais círculos como o vosso. Sabes, é o círculo — o círculo familiar — que é a espinha dorsal deste trabalho.

Cook: Com certeza.

Roberts: Gostava que as pessoas percebessem isso. Todos nós — a maioria de nós — sentámo-nos durante muitos anos em círculos familiares. É apenas no círculo familiar que se encontra a paz, a harmonia e a tranquilidade que tornam a comunicação uma realidade.

Cook: Sim. É verdade.

Roberts: Os médiuns podem nascer feitos — e invariavelmente assim é —, mas levam tempo a desenvolver-se e é preciso providenciar a atmosfera e as condições corretas. No entanto, eu sei que, no meu caso, nos primeiros anos nem sempre foi possível obter as condições ideais, mas, apesar de tudo, conseguimos e desenvolvemo-nos. Sabes, hoje em dia há uma tendência para as pessoas subirem ao palco antes de estarem prontas, antes de estarem desenvolvidas. Tão poucos parecem ter paciência para se sentarem num bom círculo — ou talvez encontrar um bom círculo seja hoje mais difícil do que costumava ser. Mas é uma tragédia.

Aqui deste lado, estamos ansiosos por fazer algo quanto a isso. Gostaria que houvesse alguma organização, como antigamente, que encorajasse as pessoas a formarem círculos e a reunirem-se de vez em quando para discutir todo este assunto de forma inteligente. Todos os grandes médiuns do passado, que foram tão dedicados, sentaram-se durante anos para desenvolver as suas faculdades. Não apareceram de repente. E são os guias que os desenvolvem — mais ninguém o pode fazer. Se eu não tivesse tido o *Red Cloud* (Nuvem Vermelha), e se outros médiuns não tivessem tido o seu guia ou auxiliar particular para os instruir e desenvolver, não teria havido a mediunidade que conhecemos.

Às vezes pergunto-me o que reserva o futuro para o Espiritismo. Sei que há, aqui e ali, alguns bons médiuns, mas há tantos medíocres...

Cook: Sim, há.

Roberts: ...o que causa muito dano ao movimento.

Cook: É verdade.

Roberts: De certa forma, nem sei porque te estou a dizer isto, pois tu já o compreendes. Mas sinto necessidade de chegar ao movimento, quero que todos saibam que eu não "fechei a porta". Continuo, por vezes, muito presente e ativa...

Cook: Que maravilha.

Roberts: ...tentando ajudar no que posso. Creio que nunca perderei o meu interesse. O que quero dizer com isto é que terei sempre o desejo de ajudar onde for possível. Gostaria muito de ajudar os jovens médiuns, de os encorajar. Mas sinto que hoje há uma falta gritante de boa mediunidade e creio que isso se deve, muitas vezes, ao facto de não haver muitas pessoas com a dedicação que nós tínhamos. Tivemos de travar batalhas que bem conheces. Não creio que as pessoas hoje percebam o que tivemos de aguentar e por onde passámos. Agora que a mediunidade se tornou um pouco mais respeitável e aceite, as pessoas não fazem ideia do que os pioneiros tiveram de enfrentar.

Mas, recorda-te: a base, o alicerce do verdadeiro Espiritismo, é o círculo familiar. Gostaria de ver mais interesse despertado no desenvolvimento da mediunidade na privacidade do lar. Não há dúvida de que o Espiritismo ganhou força através de pessoas que desenvolveram as suas faculdades em casa. Sei que os tempos são outros e talvez mais difíceis, mas creio que deve haver um retorno ao círculo familiar, onde as pessoas depositam fé e confiança nas almas que as visitam do nosso lado da vida; almas que as irão desenvolver e usar para que, após um período de treino no ambiente certo, possam sair e "espalhar o evangelho".

Hoje, a tendência parece-me ser outra: as pessoas sentam-se durante uns meses num círculo qualquer — que não é necessariamente um círculo familiar onde existe amor e harmonia —, mas sim em grupos heterogéneos onde todo o tipo de entidades pode entrar. E nem sempre entram as boas, lamento dizê-lo. Porque, a menos que estejas protegido e que cries as condições certas, estás a abrir a porta a problemas. Cook: Sim, sem dúvida.

Roberts: Isto perturba-me muito e sei que muitos dos guias deste lado estão muito preocupados. Sabes, nos velhos tempos, talvez não tivéssemos muita instrução, mas quando subíamos à plataforma não éramos nós que falávamos — os médiuns —, eram os guias que nos tomavam e falavam através de nós; e era esse o impacto que causávamos no público, era isso que importava. As pessoas podiam ouvir alguém fazer uma invocação num inglês não muito correto, no seu estado normal, mas depois de se sentarem e de se cantar um hino, quando se levantavam de novo em estado de transe, alguma alma maravilhosa proferia uma prece magnífica.

Lembro-me desses dias maravilhosos em que alguns médiuns eram — um pouco como eu — pessoas sem grande instrução; a vida era uma luta constante, a criar a família e a cumprir as tarefas da rotina diária. No entanto, o ponto central era que, quando nos desenvolvíamos, podíamos subir à plataforma sabendo que não seríamos nós, seriam os guias. E não importava se o médium não sabia orar bem ou se o seu inglês era pobre, desde que o guia proferisse uma prece e um ensinamento inspiradores e demonstrasse uma clarividência notável. Talvez isto soe a nostalgia, mas é a mais pura verdade. Cook: Sim.

Roberts: O mundo mudou, eu sei, mas esta tendência de as pessoas quererem o palco antes de estarem prontas, antes de os guias terem tido a oportunidade de as conhecer, é perigosa. Muitas vezes os guias nem sequer têm oportunidade de as desenvolver. Acho isto angustiante. Estou muito preocupada com o movimento atual. Sinto que, embora tenhamos ganho respeitabilidade e legitimidade, grande parte do verdadeiro espírito se perdeu. Quando recordo esses anos difíceis — e sei que isto se aplica a muitos dos médiuns pioneiros —, fico triste. Cook: Sim.

Roberts: Espero que não te importes que eu venha falar contigo... mas sinto que tenho uma mensagem para o Espiritismo. Quero imbuir as pessoas do espírito antigo. Quero falar aos jovens. Quero que percebam a enorme responsabilidade que será colocada sobre os seus ombros para dar continuidade ao trabalho excelente que iniciámos — nós semeámos a semente há muito tempo. E muitos de nós semearam sementes maravilhosas que trouxeram grandes bênçãos. Mas, sabes, é preciso haver sempre novos "jardineiros", novos "plantadores". E quero que os jovens percebam que, se desejam desenvolver-se, se querem ser médiuns, só há um lugar, na minha opinião, onde o podem fazer como deve ser: na privacidade, na quietude, na paz e na harmonia de um pequeno grupo de pessoas com afinidade, em casa. Não creio que possa ser feito de outra forma. Nós sentámo-nos durante anos. Todos os bons médiuns do passado trabalharam pacientemente durante anos. Não se apressaram a subir para um palco.

Alguns podem pensar que sou saudosista. De certa forma é verdade. Mas o amor que todos temos pelo trabalho — conhecendo as lutas, as desilusões e os desgostos que fazem parte do caminho — impele-me. Essas dificuldades são necessárias; temos de aprender as nossas lições. Não existe sucesso instantâneo. Parece-me que hoje todos querem ser médiuns de um momento para o outro; é como o "café instantâneo" — não têm tempo nem paciência para o preparar adequadamente e servi-lo. Querem tudo feito à pressa. Mas isso não ajuda ninguém, apenas dá má fama ao movimento.

Estão aqui comigo muitos dos antigos, velhos conhecidos e amigos meus. Muitos de nós vimos visitar-vos. Sinto que o vosso círculo é um exemplo; sinto que, se as pessoas tivessem a paciência e a perceção de que este é o único caminho

para servir e desenvolver algo que realmente valha a pena... Eu comecei no vosso círculo, mas a minha mensagem não é apenas para vós. É para todos os círculos. Quero que transmitas isto a outros. Quero que tentes publicar esta mensagem, porque sinto que temos um dever a cumprir.

Amo este trabalho, adoro sentir que, em certa medida, ainda posso servir, que ainda posso dar de mim, do meu amor e da minha sinceridade. Sabes, nós éramos dedicados. Lembro-me dos meus primeiros anos, os anos difíceis em Marylebone. Lembro-me desses anos formativos. Não foi fácil, mas aprendi o meu "ofício", se me permites a expressão, da maneira mais dura. Tive de aprender pela via difícil e tive de ser preparada para ser usada da forma correta. Poderia falar de tantas coisas e de tantas pessoas que todos conhecemos. Algumas, claro, que tu só conhecerás por ouvir dizer. Mas quando penso na dedicação de algumas dessas almas e olho para o movimento atual... não digo que não haja pessoas dedicadas, claro que as há e sei que se faz muito bem, mas não nos devemos esquecer de que o trabalho deve prosseguir da forma que foi planeado.

É algo grandioso curar os doentes e os que sofrem. É maravilhoso ser um curador dedicado, é um trabalho magnífico por si só. Mas nos velhos tempos, na *Red Cloud House*, todas as manifestações do poder do espírito eram demonstradas. No antigo Marylebone, onde praticamente comecei, recordo esses anos maravilhosos. Lembro-me das pessoas fantásticas que estavam associadas — quão dedicados éramos, como trabalhávamos juntos. Sei que o trabalho continua no SAGB e noutras organizações, todos a trabalhar arduamente, por vezes com grandes dificuldades. Mas o que mais anseio transmitir é a necessidade do círculo familiar.

Recentemente, a esposa de Zerdin juntou-se a nós. Era uma alma doce e eu conhecia-a muito bem, tal como conheci o Noah e o *Sceptre*, o seu guia. Lembro-me dos primeiros anos, quando ele começou o *Link*. O *Link* era uma organização maravilhosa, que encorajava as pessoas a formarem círculos em suas casas para desenvolverem a mediunidade. Tinham a oportunidade de corresponder com outros círculos e trocar informações para aprenderem uns com os outros. Encontravam-se ocasionalmente em Londres, em grandes reuniões, onde faziam demonstrações de mediunidade e ajudavam os novos médiuns a ganhar confiança. Foi algo fantástico. É muito triste que hoje não exista uma organização desse tipo.

(O áudio degrada-se aqui)

Sinto isto com muita força. Ajudei a fundar muitas coisas no passado, como provavelmente sabes. Sempre tentei ao máximo ajudar e encorajar os médiuns. Mas percebi então, e percebo agora, que só existe uma forma de desenvolver um

médium corretamente: na quietude, na privacidade e na paz de um grupo dedicado num círculo familiar.

Roberts: Quero que esta mensagem seja divulgada. Quero que as pessoas saibam que ainda estou a trabalhar pelo bem da causa, mas quero ver mais esforços no sentido de ajudar os médiuns a seguirem o caminho certo, pois essa é a única via. Quando se reúnem em grupo, num círculo, fazem-no pelo bem comum, não por motivos pessoais.

Cook: Com certeza.

Roberts: Reúnem-se para se ajudarem uns aos outros, para permitirem o desabrochar das faculdades do espírito, sejam elas quais forem...

Cook: Sejam quais forem.

Roberts: ... de qualquer forma que se possam manifestar. E sinto convictamente que, se as pessoas se sentassem juntas, em harmonia e amor, com a mente aberta para receber... Se ao menos entendessem que, aqui e ali, alguma alma será despertada e se desenvolverá naturalmente — pois não se pode forçar esse processo. Ninguém pode realmente "formar" um médium — um médium só pode ser desenvolvido pelo seu próprio guia. Ninguém na Terra tem esse poder.

É verdade que um indivíduo com conhecimento ou experiência pode ajudar até certo ponto. Mas a tarefa cabe aos guias, aos trabalhadores deste lado que são dedicados, que sabem o que estão a fazer, que conhecem o seu instrumento e as suas possibilidades, o potencial que essa pessoa possui, a melhor forma de ser utilizado, o tipo de faculdade que pode ser apurada e como deve ser canalizada. É no círculo familiar, meus queridos, que a verdadeira mediunidade se desenvolve. Foi assim no passado e continua a ser no presente. Quero que transmitam esta mensagem. Não quero que a guardem para vós.

Vós sois boas almas e reunis-vos em harmonia e com amor pelo bem comum. O vosso único intuito é servir; e é neste círculo, que eu fundei, que o serviço frutificará e se desenvolverá. Receberão o que prometemos há muito tempo, o que os guias vos prometeram — manifestações do poder do espírito, atuando de várias formas: em voz direta, em clarividência, em clariaudiência e noutros fenómenos. Isto leva tempo, exige paciência. Vós compreendeis isso.

Cook: Sim.

Roberts: Quero que entreguem a minha mensagem, para que outros possam ouvir e ser encorajados. Para que vejam no passado o espelho do presente — e

reconheçam o caminho certo que o movimento deve seguir, para uma expansão do trabalho no sentido mais nobre e elevado possível. Através da evolução gradual e do desenvolvimento da mediunidade na quietude e na paz do círculo familiar, onde a boa mediunidade pode florescer. Não pode ser apressado, não pode ser forçado, não pode ser ensinado. Só pode advir do desenvolvimento ao longo do tempo, em pleno amor e cooperação com aqueles que partilham a mesma sintonia, em ambos os lados da vida.

Publiquem a minha mensagem. Este é um momento em que ela é necessária. Continuarei a servir e a ajudar sempre que possível. Não venho hoje para dar uma mensagem de prova [identidade], pois tal não é necessário. Embora o faça, sem dúvida, de vez em quando, porque vos amo a ambos e porque nos conhecemos há muito tempo. E afeiçoei-me a vós, como costumava afeiçoar-me às pessoas, e soube que éreis sinceros e dedicados; e, porque fundei e abri o vosso círculo, sinto-me, em certo sentido, a mãe do vosso grupo...

Cook: Tu és.

Roberts: ... é por isso que falo convosco. Sei que haverá alguns que não aceitarão plenamente o que digo, mas não há alternativa. Não se pode dizer a verdade sem ferir suscetibilidades. A verdade deve ser encarada, seja qual for o custo.

Cook: Sim, querida.

Roberts: Sabes, olho para trás, para a minha vida, e vejo que talvez pudesse ter feito ainda mais. Mas fiz tudo o que estava ao meu alcance. Para mim, consolar os que choram, fortalecer os fracos, amparar os necessitados e socorrer os doentes e os que sofrem — realizar o trabalho que me foi confiado — e saber que servir é o melhor que um homem ou uma mulher pode fazer, entregando-se num serviço amoroso... isso é o único que importa.

Cook: Sim.

Roberts: Esquecermo-nos de nós próprios no serviço amoroso, trabalhar pelo bem comum, cumprir a tarefa para a qual fomos chamados pelo poder do espírito. Gostaria de vos poder dizer muito mais... quero apenas que saibam que continuo a servir.

Deem o meu amor à Sylvia, à Barbie e a todos os meus queridos amigos e colegas de trabalho. Continuem com o trabalho do espírito. Ergam bem alto a bandeira da verdade e saibam que atrás de vós está um batalhão de almas cujo único desejo é o serviço amoroso. Abençoo-vos, queridos amigos.

Cook: Deus te abençoe.

Roberts: Abençoo-vos. Adeus.

Cook: Obrigado, Estelle. Adeus.

Flint: Não foi encantador?

Cook: Foi um discurso maravilhoso.

O RELATO DO DR. FRANKE

DE DACHAU À LUZ

6 de abril de 1964

Dr. Franke: "...para vós. Estou muito satisfeito por vir."

Woods: "Nós é que estamos muito satisfeitos por ter vindo."

Dr. Franke: "É muito estranho, tudo isto."

Woods: "Sim."

Dr. Franke: "Não sei se será possível..."

Woods: "Oh, conseguimos ouvi-lo muito bem, amigo."

Dr. Franke: "Gostaria muito de conseguir falar."

Woods: "Estamos muito satisfeitos por estar a tentar."

Dr. Franke: "É curioso — curioso para mim. Não percebo muito disto. É difícil. Não sabia nada sobre isto quando estava no vosso mundo. É difícil, difícil, difícil saber como falar através desta caixa — desta coisa. É algo diferente. Não é como eu esperava... Alguns amigos trouxeram-me aqui. Amigos que têm sido úteis... que estão habituados a isto. Disseram-me que era possível. Estou muito

surpreendido. Venho e falo. É muito difícil. O meu nome... o meu nome é Franke. Franke. Na vossa língua, na Inglaterra, dizem Frank."

Woods / Greene: "Sim."

Dr. Franke: "Estou tão surpreendido. Estou tão surpreendido. Eu morri... morri na guerra — a guerra."

Woods: "Sim?"

Dr. Franke: "Estava no campo. No campo de concentração."

Woods: "Sim?"

Dr. Franke: "Dachau. Não é um bom lugar. Muita gente. Oh, terrível, terrível, terrível. Não sei... não sei..."

Woods: "Sim?"

Dr. Franke: "...se alguma vez cheguei a sair. Eu morri. Saí depois, depois de morrer. Mas estive muito tempo sem conseguir sair do campo. Não. Senti-me muito triste, muito triste. As pessoas tinham medo... medo... as condições eram terríveis. Eu era médico e tentavam obrigar-me a fazer coisas de que eu não gostava. No início, cuidava das pessoas e elas não estavam assim tão mal, mas depois não gostei de certas coisas que eles queriam — que queriam que eu fizesse. Então fui morto... assassinado. Sim. Aprendi um pouco de inglês no campo e já sabia um pouco antes da guerra. Miséria. Em todo o lado... naquele lugar, mesmo hoje, as condições são muito más, a atmosfera é horrível. Tanta miséria, tanta infelicidade, tanta crueldade acumulada, que o local ainda mantém uma vibração negativa e, em consequência, não é um sítio feliz."

"Durante muito tempo, muitas pessoas permanecem lá. Não compreendem totalmente que estão mortas. Muitas almas deste lado vêm em missão de resgate para ajudar, e embora isso seja bom e se preste muita assistência, muitos dos socorristas foram pessoas que também passaram por aquele campo em tempos idos. Aconteceram coisas terríveis, claro, mas apesar disso, aqui e ali, havia gente maravilhosa que fazia tanto pelos outros."

"Nem todos... nem todos os guardas, nem todos os que estavam no comando eram maus. Muitos eram, mas alguns tentavam ajudar um pouco, onde podiam, embora fosse muito difícil. Muitos tentavam escapar, mas era raríssimo. Poucos conseguiam fugir aqui e ali; era tudo muito mau, muito difícil. Ainda não domino bem o inglês, mas vou tentando..."

Woods: "Está a sair-se muito bem."

Greene: "Dr. Franke, como é que acabou por libertar-se dessa escravidão da Terra e...?"

Dr. Franke: "Ah, foi passado algum tempo. Soube, ao fim de algum tempo, que estava morto, mas, de certa forma, senti que era meu dever permanecer... como se diz? Ficar por perto, para ver se podia ajudar através do pensamento, da oração e do amor. Era tudo tão terrível, mas, eventualmente, fui aconselhado a abandonar aquela condição."

"Pois era muito penoso para mim. Dois amigos que conhecera há muito tempo, que tinham estado comigo na faculdade antes da guerra e que também tinham morrido, ajudaram-me. Trouxeram-me do vosso mundo para este mundo, onde me senti em casa... fui acolhido e comecei a ver as coisas sob prismas diferentes. Ganhei novas perspetivas sobre a vida. Aqui, comecei a compreender mais sobre a minha nova existência e aceitei-a gradualmente; comecei a ter uma mentalidade diferente, pensamentos diferentes. Pensamentos muito mais felizes e luminosos, porque estava fora da escuridão da Terra e daquele estado deprimente. Aqui era maravilhoso sentir-me jovem, livre e em forma. Poder ler novamente, livros; poder caminhar livremente ao ar livre, poder fazer as coisas que amava fazer na Terra antes de toda aquela coisa terrível acontecer."

"Muitos dos meus velhos amigos, e especialmente esses dois amigos que mencionei, levam-me a vários sítios, às universidades... onde estão os estudantes. Onde aprendem e estudam tudo o que lhes interessa, particularmente o que diz respeito a esta nova vida. Também conheci médicos. Levam-me a locais onde cuidamos de pessoas que vêm da Terra com a mente em condições terríveis, porque não conseguiram livrar-se dos velhos pensamentos e ideias. Estão alojadas num grande edifício, como um hospital ou enfermaria, e são cuidadas; mas é uma educação da mente. É a transformação do indivíduo: do antigo 'eu' material e infeliz num novo ser cheio de luz, alegria e felicidade."

"É nisto que baseio o meu trabalho. O meu verdadeiro trabalho atual é nestes grandes centros para onde são trazidas pessoas cujas mentes estão num estado de infelicidade e turbulência. Eu ajudo, como muitas outras almas aqui, a reintegrá-las ou reabilitá-las nesta nova forma de pensar, para que se libertem das velhas ideias e das coisas horríveis que ainda as prendem."

"Sabem, é muito difícil fazer com que as pessoas mudem de imediato. Às vezes é impossível, porque o facto de uma pessoa estar livre do corpo não significa que esteja imediatamente livre das velhas ideias e dos pensamentos que constituíram toda a sua vida. Um homem é o mesmo homem após a morte: na sua visão, nas suas ideias, na sua ideologia ou até na sua política. Em todos os aspetos mentais, ele é a mesma pessoa, porque embora o corpo esteja morto, a sua

realidade, a sua alma, toda a sua conceção da vida é o resultado das experiências mentais pelas quais passou."

"Assim, a mentalidade do indivíduo é o que sobrevive na forma astral ou espiritual, semelhante na aparência ao corpo antigo que foi importante na Terra. É a contrapartida do corpo que habitámos no vosso mundo. Mas é muito mais sensível e, assim que começamos a pensar em termos espirituais, a leveza surge e o peso desaparece. Os pensamentos mudam e nós mudamos em consequência."

"Neste 'hospital' — chamo-lhe assim, embora seja muito mais do que isso e nem sequer pareça um hospital — curamos as doenças da mente. Ajudamos as pessoas a esquecer muitas coisas que é melhor não recordar, coisas que as retêm e as tornam materialmente conscientes, retardando o seu progresso."

"Trabalhamos de forma semelhante aos vossos psicólogos, tentando traçar as causas que criam efeitos desagradáveis. Temos de conhecer as pessoas, entendê-las e conversar com elas. Temos de aprender exatamente o que é que está a travar o seu progresso. E há muitas razões diferentes pelas quais uma pessoa não se adapta de imediato à vida plena que aqui existe."

"Devem primeiro aprender a libertar-se dessas ideias ou fobias preconcebidas. Até as questões religiosas, que por vezes são muito fortes. Na verdade, por vezes as pessoas religiosas são as mais difíceis de tratar, porque muitas vezes julgam que estão certas e têm tantas certezas... São tão inflexíveis que não admitem o erro. Muitas vezes são as pessoas mais difíceis de ajudar."

"Mas estou a falar de casos especiais. A pessoa comum, com uma visão equilibrada, sem preconceitos fortes e cuja vida foi razoável — que não foi excessivamente cruel nem cometeu crimes graves que afetem o seu progresso — essas pessoas normais geralmente não têm grande dificuldade em ajustar-se rapidamente à nova vibração. Mas há muitos, claro, que chegam aqui de forma tão repentina que sofrem um grande choque e precisam de um tratamento especial."

"Casos de suicídio, de assassínio ou de quem morreu — como muitos de nós — nos campos de concentração, onde durante todo o tempo não houve senão tristeza, depressão e horror. Tudo isso era tão forte que a atmosfera do próprio local torna muito difícil para alguns o ajuste rápido. É difícil explicar tudo isto, mas se as pessoas percebessem que os pensamentos são poderosos e que o homem é aquilo que pensa — criando para si o seu próprio céu ou inferno através dos pensamentos — seria muito importante."

Woods: "Poderia contar-nos um pouco como é o seu mundo desse lado?"

Flint: *(Espirra)*

Dr. Franke: "O que foi isto?"

Flint: "Oh, peço desculpa..."

Dr. Franke: "Não sei..."

Woods: "... como é o seu mundo..."

Dr. Franke: "Creio que, se lhe contar a minha vida e as minhas experiências, poderão ser muito diferentes das dos outros, porque isto é tão complexo, tão vasto... oh, não se conseguem explicar estas coisas totalmente. O mundo do espírito é vastíssimo, tanto que nenhum de nós o consegue compreender na totalidade. Apenas vislumbramos o nosso próprio ambiente particular. A minha vida agora é feliz e adoro trabalhar entre as pessoas, especialmente aquelas que chegam a esta nova vida com tantas necessidades."

"Amo ministrar-lhes, ajudá-las e ensiná-las. Considero a minha felicidade cuidar daqueles que mais precisam. Trazer-lhes nova vida, nova iluminação e a compreensão do amor. Afastar o medo, que tantas vezes é fortíssimo nas mentes das pessoas, especialmente as que chegam aqui cheias de pavor. Sabem, é extraordinário como tantas pessoas têm medo. E muitas vezes esses medos são infundados, mas foram implantados por aqueles que têm convicções tão rígidas que fazem os outros temer onde deveriam ter fé e confiança."

"Não é bom ter medo da morte. Não é bom temer a Deus. Não é bom ter medo da vida. A vida é uma aventura. A vida aqui é uma aventura gloriosa pela qual todos devem ansiar. Todos faremos esta jornada para o que chamam de desconhecido. Claro que há muitos no vosso mundo para quem isto é desconhecido, mas não tem de ser assim. Porque aqueles que procuram encontrarão verdadeiramente, e aqueles que encontraram, mesmo que seja apenas um vislumbre de luz na escuridão do vosso mundo, podem tornar-se uma iluminação tão forte que afastará a escuridão do mundo inteiro."

"Nós vimos no vosso mundo o que pode ser feito por homens malvados. Podemos ver como um homem movido pelo poder e pela ânsia de domínio, cujo coração se afasta do bem e cuja mente deseja conquistar e subjugar os outros, pode trazer grande destruição e infelicidade. Vimos o poder maligno em movimento. Mas imaginem quanto mais poderia ser alcançado por homens bons, cujas mentes e corações estivessem cheios de amor pelos seus semelhantes: se todos se pudessem unir nesta verdade revelada, quão diferente seria o vosso mundo!"

"Precisamos de homens e mulheres que estejam preparados para se sacrificarem, se necessário, por amor e serviço à humanidade. Para mostrarem o caminho da justiça e da verdade; para mostrarem a saída da escuridão para a luz.

Precisamos, no vosso mundo, daqueles que atuem como instrumentos — que sejam verdadeiros canais da vontade e do poder de Deus e que guiem os que habitam na obscuridade das coisas materiais para o caminho da luz e da espiritualidade."

Woods: "Poderia dizer-nos algo sobre a sua vida — que tipo de mundo existe desse lado? Poderia descrevê-lo?"

Greene: "Pode descrever-nos a sua casa, Dr. Franke, por favor?"

Dr. Franke: "Tenho uma casa muito pequena, mas é o suficiente para mim. Não me preocupo com grandes luxos. Sou feliz com coisas simples e pessoas simples. Quando digo 'simples', não me refiro a pessoas sem instrução, no sentido pejorativo que alguns dão à palavra, mas sim simples nos seus desejos e no desapego às coisas materiais. Afinal de contas, embora vivamos num plano espiritual, a minha casa é, para mim, perfeitamente real.

É sólida, tão sólida como as vossas casas seriam; é pequena, mas bastante bonita. É o que poderiam chamar de uma pequena moradia rural. Tem apenas quatro divisões. É pequena como uma casa de campo. Tem um jardim muito atraente, pois amo a natureza, as flores e os pássaros que cantam nas árvores.

Não sei como esperar que as pessoas do vosso mundo compreendam isto. Quando falamos de uma casa que é material e que tem no seu interior coisas que esperaríamos encontrar num lar — para mim, são as coisas necessárias para o conforto, como cadeiras e objetos dessa natureza. Mas não precisamos de lareiras para nos aquecer. Não há estações do ano como as vossas. Não há frio intenso nem calor sufocante. Portanto, não precisamos de lume, pois não existe inverno. Ao mesmo tempo, há calor e há luz, embora não seja a luz do sol, pois não vejo o sol no sentido de olhar para o céu e ver um astro.

Aqui a iluminação é suave, gentil e belíssima. Ilumina o mundo em que existimos. E as flores que crescem, tanto quanto sei, não precisam de ser plantadas; estão lá permanentemente. Têm a sua própria beleza. Não precisam de ser nutridas ou cuidadas e nunca são cortadas para serem postas em jarras dentro de casa. Toda a natureza parece ser capaz de cuidar de si mesma. O homem não precisa de a cultivar, embora existam aqueles que o fazem por algum tempo, possivelmente por assumirem que é necessário cuidar dos seus jardins.

Mas é muito curioso, porque é como se os próprios pensamentos do homem pudessem criar o que para ele é melhor ou mais necessário. É por isso que, quando o vosso amigo me pede para descrever o meu mundo, descrevo-o como o conheço. No entanto, todos os que vos visitam descrevem exatamente o que experienciam. E a experiência de cada um pode ser muito diferente da de outro. Se conseguirem

perceber que este mundo é um lugar onde os pensamentos são tão poderosos que um homem pode criar para si — mesmo que inicialmente de forma inconsciente — o tipo de condições que lhe são mais adequadas.

É como se fosse uma lei natural: o homem entra na condição ou estado de ser que melhor se adapta a ele. Já expliquei que as mentes de algumas pessoas estão tão confusas e os seus pensamentos são tão negativos que precisam de ser assistidas. Os seus pensamentos precisam de ser mudados através dos bons pensamentos de quem possui conhecimento — e são levadas para locais específicos para esse fim. Mas a maioria das pessoas, ao entrar neste mundo, é normalmente recebida pelos seus entes queridos. São levadas para as casas dos seus familiares e tratadas como uma alma perdida que foi encontrada. É-lhes mostrado tudo, mas devem lembrar-se de que, mesmo que se mostrem certas coisas a uma alma recém-chegada, se ela não estiver preparada para ver, não as verá da mesma maneira. É difícil de explicar, mas nem todos conseguem compreender tudo imediatamente.

Têm talvez uma ideia vaga de certas coisas que ressoam no seu interior. Mas a iluminação plena, o conhecimento e a experiência não podem ser totalmente compreendidos de imediato. Devem aprender a 'purificar-se'. É como se tivessem de se libertar de muito do que julgavam ser importante. Por exemplo, alguém que fosse viciado na bebida acharia o início muito difícil. Devido à força do vício e ao impulso da mente, seria necessário, nos estágios iniciais, permitir que essas coisas existissem para essa pessoa. Mas é, num certo sentido, uma ilusão. A mente é criativa. Os pensamentos são poderosos. Se alguém sente que certas coisas são reais ou indispensáveis, elas sê-lo-ão para essa pessoa, mas não têm realidade fora da mente desse indivíduo.

É por isso que alguns nos 'hospitais' recebem as coisas que sentem falta. Em certos casos, permitimos que vivam a ilusão de que possuem algo que julgam necessário. Mas isso acabará por passar. Temos de ser muito tacteantes e agir com diplomacia, pois temos de conhecer bem cada caso. Estudamos o indivíduo e avaliamos o que ele é capaz de alcançar e qual a melhor forma de o ajudar.

Por vezes, temos de lhes fazer as vontades. Temos de lhes dar a impressão de que concordamos com eles em certas coisas, mas este é um processo lento. É o único caminho para ajudar as pessoas a integrarem-se, deixando-as assumir que o que pensam pode estar correto. Para elas, naquele estágio de evolução, está. Não podemos apressar a mudança.

Nem a morte apressa a mudança interior do homem. A morte transporta-nos de uma existência para outra, mas até que o próprio homem se permita ser afetado por essa mudança, a sua atitude mental irá prejudicar a sua perceção e aceitação. É por isso que indivíduos com convicções muito rígidas são os mais difíceis de

tratar. A pessoa que tem a certeza absoluta de que está certa e que a sua religião é o único caminho é extremamente difícil de ajudar.

Nada é pior do que o fanático, a pessoa cuja voz vibra com a certeza absoluta do que sabe. Se não fosse triste, às vezes seria até divertido. Mas temos de lidar com cada caso individualmente. Cada pessoa é uma alma à procura de luz, talvez sem o perceber. Todos esperam por algo — muitas vezes não sabem o quê, mas é na verdade a revelação da vida. É o conhecimento de que têm um caminho a trilhar. E nem sempre é um caminho fácil, mesmo deste lado. Não gostaria que ficassem com a impressão de que tudo aqui é maravilhoso ou exatamente como desejariam. Não pode ser assim, porque isso não seria benéfico. Aqui estamos num mundo de realidade.

Quando falo de um mundo de realidade, refiro-me a um mundo real, vital e vivo, onde as pessoas habitam em diferentes estados de ser, de acordo com o que se tornaram. Mas há que lembrar que, nos momentos iniciais da chegada, existe muitas vezes uma condição de ilusão. Não pode ser de outra forma. Há um período de transição, entre o vosso mundo e este, vivido sob uma ilusão de pensamento que tem de ser gradualmente alterada através do ensino.

É como as crianças que devem ser ensinadas a tornarem-se adultos. Precisam de cuidados, guia e educação. Uma criança tem muitas ilusões. À medida que cresce e se torna mais sábia, ela muda. Algumas ilusões de infância podem ser boas e permanecer; mas muitas são tolas e atrasam a evolução.

Greene: "Dr. Franke, como é o hospital onde trabalha? Como é por dentro? Pode descrevê-lo?"

Dr. Franke: "Oh, é como uma casa vastíssima. Como uma grande mansão no campo, com muitos quartos belamente decorados em cores e tons diferentes. Em alguns casos, há pessoas em camas, como numa enfermaria. Mas estes são invariavelmente os recém-chegados, que precisam de ser assistidos e que talvez nem tenham despertado para a nova vida. Estão ainda num estado de sono, não estão totalmente conscientes. Depois, há muitas salas onde se dão palestras e há muitos instrutores. Há salas onde as pessoas se sentam em cadeiras confortáveis, como num salão, e podem ler — e leem mesmo. Há livros para eles e até réplicas de revistas que vocês têm na Terra. Isto pode soar a estranho e as pessoas no vosso mundo rirão.

Mas existem, nestes planos mentais, reproduções criadas pela força do pensamento que se tornam uma realidade para o indivíduo recetivo. Quando as pessoas perceberem que nada é impossível para o pensamento, entenderão que ele pode criar tudo. Afinal, no vosso mundo, antes de criarem algo, a ideia está na

mente. Depois é posta em operação e criada a partir da substância, com o contributo de várias pessoas.

Aqui, essas coisas são criadas diretamente pela força do pensamento. Nas esferas mais avançadas, onde existe harmonia completa, tudo o que é criado é harmonioso; nada destoa e nada está fora de controlo. Tudo está em sintonia. Nada causa irritação ou preocupação. Tudo conduz à alegria e tem a sua base na realidade, porque a força do pensamento cria o objetivo real. Gostava de conseguir explicar melhor, mas é difícil."

Greene: "Diz que os quartos do hospital têm cores diferentes. Suponho que os pacientes sejam colocados em salas com cores que lhes sejam favoráveis, com as quais estejam em harmonia. Está correto?"

Dr. Franke: "Sim, a cor desempenha um papel fundamental para nós. A cor pode ser usada para acalmar um paciente que esteja mentalmente muito perturbado. Também usamos música e temos aqui composições maravilhosas. Em todas as salas soa música agradável e harmoniosa que ajuda o indivíduo a ajustar os seus pensamentos. Cor e música — temos todo o tipo de cores, muitas que não existem no vosso mundo. Há cores estranhas que eu nem conseguiria descrever. E não temos de ter apenas uma cor fixa. Pode haver dezenas de cores a fundirem-se umas nas outras numa só sala. Se visualizarem um arco-íris, terão uma ideia da beleza de um quarto. É tão harmonioso que nada choca.

Temos tecidos belíssimos. As pessoas usam vestes magníficas — túnicas, seria a melhor forma de as descrever. Mas, novamente, nas esferas iniciais, as pessoas usam muitas vezes roupas parecidas com as que usavam na Terra. Isso deve-se aos seus pensamentos; não se sentiriam felizes se fossem subitamente vestidas com uma túnica resplandecente. Sentir-se-iam deslocadas. Achariam ridículo. Por isso, usam roupas que lhes são familiares. Isso ajuda-as a sentirem-se normais.

Percebem o que temos de fazer? Temos de ser astutos. Temos de as levar a pensar de forma 'normal' para elas, antes de podermos mudar as suas perspetivas para aceitarem coisas mais avançadas. Temos de as tratar como crianças. Temos de desfazer todas as coisas erradas que os vossos professores lhes ensinaram. Essa é uma das nossas maiores dificuldades: desfazer o que foi feito do vosso lado e que criou tanta complicação. Os casos mais difíceis são os daqueles que têm ideias rígidas e inabaláveis.

Talvez da próxima vez que cá vier possamos falar novamente?"

Greene: "Muito obrigada."

Dr. Franke: "Não aguento mais tempo."

Greene: "Portou-se muito bem."

Woods: "Portou-se muito bem... e é muito gentil da sua parte ter vindo."

Dr. Franke: "Anseio por voltar. Vou aprendendo. Falarei melhor convosco."

Woods: "Sim."

Greene: "Esteve muito bem."

Dr. Franke: "Adeus. Tenho de ir."

Greene: "Muito obrigada."

Woods: "Muito obrigado, mesmo."

Mickey: "Adeus!"

GEORGE BRIGGS

DO DOGMA À REALIDADE

5 DE FEVEREIRO DE 1968
George Briggs: "Estou muito satisfeito por estar

aqui e poder falar convosco por alguns momentos, se me permitirem. Sinto-me um pouco como um intruso, pois não estou ligado ao vosso grupo, mas tenho estado presente nas vossas reuniões e senti o desejo de vir. Espero que não se importem. Gostaria que soubessem que estou muito interessado em tudo o que estão a fazer.

Conseguem ouvir-me? O meu nome é Briggs, George Briggs. Durante muitos anos, no vosso mundo, fui membro dos Cristadelfianos. Não tinha tempo para este tipo de coisas; na verdade, não tinha qualquer interesse no Espiritismo, como lhe chamam. Aliás, era terminantemente contra. Mas tenho sido muito abençoado desde que cheguei aqui; várias pessoas têm sido extremamente gentis e ajudaram-me imenso. Sempre pensei que o Espiritismo era algo mau, vindo do Diabo, mas agora sei que não é assim. É-me difícil explicar, mas sinto-me agora de forma muito diferente em relação a tudo. Gostaria muito de tentar, se puder, transmitir a minha crença e o meu conhecimento àqueles que estejam dispostos a ouvir. Sei agora que as religiões, embora importantes e com o seu papel na vida

dos homens, têm como fundamento comum esta perceção: a de que a vida continua e que a comunicação é um facto. Podemos voltar. Percebo agora que os médiuns, desde que sejam sinceros e abordem este assunto de forma espiritual, podem fazer um bem enorme à humanidade. Se as pessoas na Terra percebessem o impacto total disto — que a vida é contínua e que, sob certas condições, é possível comunicar —, isso faria toda a diferença e aboliria todas as barreiras criadas pelo preconceito, pela intolerância e pela ignorância."

Sobre o Reino de Deus e a Lei Natural

"O fundamento de todos os credos é a vida futura. Se assim não fosse, a religião não faria sentido. Na minha visão estreita, quando estava do vosso lado, acreditava sinceramente que apenas aqueles que aceitassem a minha fé herdariam o Reino de Deus. Sei agora que isso é uma falácia — todos os povos herdam o Reino de Deus, porque se trata de uma lei natural. Ninguém é barrado ou mantido de fora, pela simples razão de que, quando o homem morre, o seu espírito herda os planos espirituais que envolvem todo o vosso mundo terreno. É inevitável.

Ninguém é deixado de fora, e existem aqui inúmeras condições de vida. O homem herda o que lhe cabe de acordo com a sua natureza e com a sua evolução, ou falta dela, indo para uma condição ou lugar inferior conforme o caso. Por outras palavras, o homem recebe exatamente o que criou através da sua vida, da sua visão e do seu modo de viver. A religião, por si só, não salva ninguém. A religião, seja ela qual for, não torna necessariamente alguém uma pessoa melhor; isso só acontece quando o homem percebe que já é, em embrião, um ser espiritual. Ele possui todos os atributos e possibilidades dentro de si. Só quando o homem, ainda na Terra, desenvolve as suas faculdades e dons espirituais é que se torna consciente do poder do Espírito ao seu redor e da possibilidade de se ligar às forças do bem e àqueles que, deste lado, o querem ajudar, guiar e instruir. Agora compreendo que, nos primórdios da Igreja, homens e mulheres eram verdadeiramente inspirados pelo Espírito Santo."

A Experiência do "Paraíso dos Tolos"

"Quando estava do vosso lado, costumava falar sobre o poder do Espírito Santo; discutia estas coisas com amigos da minha congregação, mas nunca as entendi realmente. Agora entendo-as e sinto-me impelido a falar, na esperança de sensibilizar particularmente aqueles que partilham a fé que eu outrora tive, para que encontrem o verdadeiro caminho da harmonia e da progressão espiritual. Vocês têm tido muita sorte por conseguirem comunicar com tantas pessoas deste lado; na verdade, têm sido muito abençoados e recebido grande conforto e esclarecimento. Em consequência, esforçam-se por levar esta verdade a pessoas de todas as nacionalidades e estratos sociais. Percebo que é uma tarefa tremenda, mas sei que estão cercados por um poder que transcende a vossa compreensão terrena.

Vi o número de almas que vos acompanham nestas reuniões e quando viajam com as vossas máquinas para tocar estas gravações em grandes salas, onde as pessoas ouvem com atenção. Sei que, em alguns casos, houve discórdia por parte de pessoas que, como eu antigamente, não estavam dispostas a aceitar a verdade porque tinham a mente fechada. Estas são as pessoas mais difíceis de alcançar. Sei, por experiência própria, como é difícil chegar a alguém que tem a mente selada.

De facto, quando cheguei aqui, encontrei-me num ambiente que me pareceu muito satisfatório e feliz. Não desejava mudar nem avançar. Para mim, estava no Paraíso. Mas percebo agora que estava no 'Paraíso dos Tolos'. Estava numa condição de vida que eu próprio criara através da minha perspetiva, pois acreditara que apenas os que pensavam como eu encontrariam o Céu. Consequentemente, estava num lugar rodeado apenas por pessoas com a mesma mentalidade, que aceitavam o que eu julgava ser a verdade absoluta. Estávamos contentes com as nossas reuniões, os nossos hinos e as nossas orações. Falávamos do tempo em que seríamos trazidos de volta à Terra para sermos ressuscitados em corpos físicos, vivendo num paraíso terrestre. Mas tive sorte, pois comecei a sentir-me gradualmente desconfortável."

O Despertar da Curiosidade

"Não sei explicar bem como começou, pois admito que na altura estava satisfeito; mas, de alguma forma estranha, comecei a sentir que talvez algo não estivesse bem. Suponho que, ao fim de algum tempo num ambiente onde todos pensam e aceitam tudo da mesma forma, as coisas tornam-se repetitivas e monótonas. Comecei a perguntar-me se haveria outros mundos além daquele e foi essa curiosidade que me impulsionou. Gradualmente, tornei-me consciente de outros seres que não pertenciam à nossa seita nem à nossa fé. Esses seres tornaram-se visíveis para mim, não como visões, mas como pessoas reais, e comecei a captar os seus pensamentos. Era como se eles não falassem e, no entanto, eu ouvisse no meu íntimo o que tentavam transmitir-me. Ao início, fiquei muito preocupado.

Pensei que estava a ter ilusões ou que eram espíritos malignos a tentar afastar-me daquela que eu ainda considerava ser a única religião verdadeira. Fechava a minha mente e, quando o fazia, eles não me conseguiam alcançar. Mas a curiosidade acabou por vencer e comecei não só a ver essas entidades, mas a ouvir as suas vozes com clareza, falando à minha alma. Tentavam explicar-me que eu vivia num mundo de ilusão criado por mim mesmo, porque me recusava a aceitar a possibilidade de outros planos e outras verdades. Eventualmente, perguntaram-me se eu queria fazer a experiência de realizar uma 'viagem'. Ao início fiquei confuso; não conseguia imaginar como seria e se conseguiria voltar caso ficasse insatisfeito ou descobrisse que me estavam a enganar."

A Viagem com Bernard

"Estava perplexo, mas a curiosidade era tal que decidi arriscar e ver se havia verdade no que diziam. Fui acompanhado por uma alma chamada Bernard, que parecia ser o líder do grupo. Ele explicou-me o caminho enquanto atravessávamos campos vastíssimos e belíssimos. Caminhávamos — os nossos pés tocavam o chão —, mas não sentíamos cansaço nem esforço. Ouvi o que ele tinha para me dizer e ele explicou-me que, na Terra, tinha sido um padre católico romano. Isto causou-me logo uma grande apreensão, pois na nossa seita olhávamos para os católicos (tal como para os Espiritualistas) quase como filhos do Diabo. Ele tentou tranquilizar-me, explicando que ele fora tão católico como eu fora da minha fé, e que ambos estávamos errados; ambos mantínhamos crenças rígidas que estavam longe da verdade. Devíamos esquecer o que fomos e focar-nos no que poderíamos ser se abríssemos a mente para receber.

Com o tempo, ganhei confiança e percebi que ele já não era um padre católico, mas um homem de grande sinceridade. Ainda assim, sentia receio de estar a cometer um erro, pois o plano onde eu existia era feliz, apesar daquele descontentamento latente. Continuámos viagem e passámos por países vastos e grandes cidades que me pareceram fascinantes, pois pareciam representar todo o tipo de nações.

Havia lugares onde os edifícios sugeriam nacionalidades específicas. Passámos também por pequenas comunidades, como aldeias, onde as pessoas se vestiam de forma muito diferente e, nalgumas cidades, de modo totalmente distinto de tudo o que eu vira na Terra. Explicaram-me que eram grupos de pessoas que tinham atingido uma certa fase de evolução e estavam satisfeitos com o seu modo de vida, mas as suas mentes ainda estavam presas a séculos passados. Viviam e vestiam-se como se estivessem há trezentos ou quatrocentos anos na Terra; mas, eventualmente, começariam a procurar algo mais, seriam ajudados e poderiam então avançar para além da sua situação atual."

"E também, nos meus passeios, vi todo o tipo de animais, folhagem e paisagens extraordinárias. De repente, passava-se do que parecia ser uma bela paisagem campestre, como se vê na Inglaterra, para o que aparentava ser um vasto deserto. Para alguém que, como eu, nunca tinha estado num deserto, aquilo pareceu-me muito sombrio. Pensei: 'Meu Deus, terei de atravessar tudo isto?'. Suponho que tenha sido um reflexo da minha mente terrena, pois dei por mim a desejar o calor do sol; e então percebi que não havia sol, embora houvesse iluminação em todo o lado. Não havia escuridão, mas o estranho era que, apesar de haver luz, não existia uma fonte óbvia. Perguntei ao meu companheiro sobre isto e ele respondeu: 'Certamente já percebeste que aqui não temos sol; temos uma iluminação natural que emana das próprias esferas'.

Aquilo intrigou-me; não conseguia perceber como se obtinha luz das esferas. Recordo-me de que, na minha esfera anterior, tínhamos noite e dia. Ou seja, a escuridão descia e nós dormíamos, tal como fazíamos na Terra. Percebi que, à medida que avançávamos, a luz não se tornava mais intensa, mas adquiria um brilho indescritível; parecia não haver sombras. Conforme progredíamos e nos afastávamos da condição de vida onde eu existira, as mudanças não eram apenas na atmosfera — que é muito real para nós —, mas em muitos outros aspetos. No início, as alterações eram tão subtis que mal as notava, exceto talvez na arquitetura dos edifícios ou na forma como as pessoas se vestiam; eram mudanças finas às quais não prestei muita atenção. Mas quando cheguei a este vasto deserto, fiquei realmente apreensivo. Pensei: 'Isto é um pouco excessivo, parece-me imenso'. O meu amigo disse-me:

— 'Até onde a vista alcança, vês o deserto. Mas tem confiança. Levará pouco tempo a chegar à margem e, quando lá chegares, encontrarás grandes mudanças. Este é o teu grande teste: vieste até aqui comigo e esta é a tua oportunidade. Se sentires que desejas regressar, eu não posso impedir-te; mas se tiveres fé suficiente em ti mesmo para atravessar o deserto, encontrarás na outra extremidade tudo o que poderias desejar e colocarás os pés, pela primeira vez, no caminho da progressão espiritual. A decisão é tua. Não posso forçar-te'.

Refleti sobre aquilo. Pensei que já tinha vindo de tão longe, mas sentia que, se avançasse mais, nunca seria capaz de regressar sozinho através do deserto. Precisaria de companhia e da força que aquela pessoa parecia possuir e que eu ainda não sentia em mim. Foi um teste enorme à minha coragem e fé: avançar ou voltar para onde as condições e as pessoas me eram familiares. Mas algo dentro de mim deu-me força para dizer: 'Sim, irei contigo'. Assim que avancei, e conforme a minha confiança em mim mesmo se reforçava, pareceu que o deserto não tinha distância nenhuma; na verdade, percebo agora que foi um teste que me fora imposto. O deserto, num certo sentido, era uma ilusão; não existia realmente.

Foi-me apresentado como uma prova para ver se eu estava pronto para o novo ambiente e para a nova vida que me aguardavam. Era essencial que eu passasse por todos esses lugares, vendo povos diferentes nos seus variados contextos, para assimilar gradualmente o conhecimento de que existem outras esferas e outros povos distantes da minha antiga condição. O deserto era o teste para saber se eu estava realmente pronto para enfrentar esta aventura e esta grande oportunidade.

Se eu tivesse regressado, teria ficado na mesma posição de antes; mas, como avancei e assimilei novas experiências, percebi que se aquelas formas de vida existiam, deveria haver algo ainda maior à minha espera além do deserto. Naquele momento, soltei as minhas correntes e tornei-me livre. A ilusão do deserto dissipou-se e preparei-me para o que vinha a seguir. Pouco depois, avistei uma

cidade imensa. Sob a luz que sobre ela brilhava, parecia feita de madrepérola; todas as cores ali estavam presentes, suaves, radiantes e belíssimas.

Ao entrar, vi muitas pessoas a ladear as ruas — se é que se podem chamar ruas, pois eram vastas estradas, nada parecidas com as da Terra. Eram grandes vias que conduziam ao que me pareceu ser um edifício monumental, um palácio (hoje sei que não era um palácio). Era um lugar magnífico com uma cúpula enorme que brilhava e parecia ter vida própria. Percebo agora que, de facto, tinha vida, porque quando as estruturas são construídas nestas esferas através do pensamento e esforço coletivo, elas vivem e respiram, impregnadas pelo elemento humano positivo de quem as criou.

Nesse vasto edifício, encontrei um grande número de pessoas vestidas com túnicas de grande beleza e variadas cores. Pareciam fundir-se com o próprio edifício. Os seus rostos resplandeciam e os seus olhos tinham uma vitalidade que nunca vira antes. Carregavam grandes ramos de flores e cantavam; ouvia-se uma música de fundo magistral. Eu não o sabia, mas aquela era a receção para alguém que fora resgatado — alguém que fora retirado da escuridão da mente e trazido para a realidade da verdade do Espírito. Todas aquelas pessoas se tinham reunido apenas por uma pessoa. Fez-me lembrar a passagem das Escrituras sobre a alegria do pastor quando a ovelha perdida é encontrada e recolhida ao rebanho. Havia ali um espírito imenso de alegria e de amor. Uma camaradagem e compreensão tão grandes que encontrei a paz que agora desejo dar ao mundo inteiro.

Quero dizer a todos que não existem barreiras; não há barreira nenhuma para o homem assim que a sua mente se liberta, assim que ele é livre para pensar por si próprio e aceitar a verdade do Espírito, abrindo a porta da sua mente para que o poder do Espírito flua no seu interior.

Ao vosso redor estão estas almas que vêm com amor para vos abrir a porta, para aplainar o caminho e vos dar a visão e a oportunidade que elas próprias encontraram. Acreditem-me: aceitar esta oportunidade e a iluminação do Espírito enquanto ainda estão na Terra é a maior das bênçãos. Muitos têm de esperar, muitos têm de passar por vários graus e condições de vida aqui antes de atingirem este estágio de iluminação. Vós fostes abençoados, e a todos os que ouvem a minha voz, eu digo:

'Aceitem o poder do Espírito. Aceitem a palavra da Verdade. Aceitem aqueles que vos trazem o esclarecimento da mente e do espírito, que vêm mostrar-vos o caminho para que o possam trilhar. Eles ajudar-vos-ão nas dificuldades da vida e tornarão a vossa senda possível. Tende fé, tende bom coração e sabei que tudo está bem; Deus ama todos os Seus filhos e todos têm a sua oportunidade. Libertem-se das algemas que vos prendem e ouçam a voz do Espírito. Sabei que todos os grandes mestres e todas as grandes almas vêm por amor, para servir,

guiar, elevar e trazer-vos a paz que o mundo não vos pode dar. Que as minhas bênçãos fiquem com todos vós. Que Deus vos abençoe'."

O RELATO DE FREDERICK OLSEN
O DESLUMBRE DA NOVA VIDA

Data: 1967

Ohlson: Olá, George.

Woods: Olá!

Ohlson: Olá, Betty.

Greene: Olá. Quem fala?

Ohlson: Santo Deus, é o Ohlson.

Woods: Oh, Ohlson!

Greene: Olá, Sr. Ohlson.

Woods: Então, Sr. Ohlson...

Greene: Ora bem...

Ohlson: Então, como estão ambos?

Woods: Oh, muito bem.

Greene: Bem, obrigada.

Woods: E como lhe têm corrido as coisas?

Ohlson: Muito bem. Sem arrependimentos. Estou muito feliz. Não voltaria

atrás nem que me oferecessem todo o ouro do mundo!

Greene: (Risos)

Woods: Ora essa... (Risos)

Ohlson: Estou perfeitamente bem e perfeitamente feliz, e nem imaginam como é maravilhoso estar morto!

Flint: (Risos)

Woods: Bem, essa agora!

Ohlson: Eu nunca imaginei... Bem, vocês sabem que eu estava muito interessado em tudo isto e costumava ir às reuniões e às sessões...

Greene: Sim.

Woods: Eu sei que sim.

Greene: Eu já estive sentada convosco nesta sala antes.

Ohlson: Eu sei, foi há alguns anos. Meu Deus — as pessoas deviam considerar-se sortudas no dia em que batem as botas!

Flint e Assistentes: (Risos)

A Adaptação e as "Estações de Receção"

Woods: O que tem feito por esse lado, Sr. Ohlson?

Ohlson: Oh, não tenho feito nada em particular. Apenas... Suponho que seja tudo uma questão de adaptação e de tempo, mas sinto-me perfeitamente bem, perfeitamente feliz no meu novo modo de vida. Reencontrei toda a minha gente e muitos dos meus velhos amigos e companheiros.

Woods: Encontrou o Sr. Pell?

Ohlson: Sim, mas não me sinto particularmente inclinado a fazer nada por agora. Suponho que acabarei por fazer. Acho tudo isto tão estimulante, tão interessante. Sentir-me em forma e bem, ser capaz de me deslocar e interessar-me pelas coisas e pelas pessoas... Há tantos interesses, George. Ah, espera até vires para cá! Nem sei o que estás a fazer aí em baixo. Não sei o que te prende aí.

Woods: Bem, eu quero realizar muito trabalho.

Ohlson: Ah! Ainda deves demorar uns anitos, provavelmente.

Woods: Pois!

Greene: Sr. Ohlson, quais foram os seus sentimentos quando se viu aí pela primeira vez?

Ohlson: Bem, felizmente, eu já sabia um pouco sobre o assunto antes de chegar. Isso foi uma grande bênção e uma ajuda imensa; acreditem que foi. Oh, fiquei um pouco... suponho que todos fiquem, de início, um pouco abalados de certa forma. Acho que temos a nossa própria ideia das coisas e do que nos foi dito, mas... creio que a realidade de tudo isto, a naturalidade de tudo, foi o que mais me surpreendeu. Suponho que não deveria ter acontecido, mas aconteceu.

Greene: E em que tipo de condições se encontrou? Que tipo de lugar ou... sabe como é...?

Ohlson: Bem, tanto quanto me diz respeito, o lugar onde me encontrei era... creio que o mais aproximado que posso dizer é que parece uma zona rural: poderia ser em qualquer lado, num certo sentido. Refiro-me a árvores e pássaros, exatamente como se estivéssemos a acordar numa aldeia, embora, num sentido lato, não fosse uma aldeia. Percebi isso logo a seguir. Milhares e milhares de pessoas; muitos, muitos... suponho que lhes chamariam blocos de apartamentos... é a única forma de descrever; edifícios vastos que albergam milhares de pessoas. Soa um pouco a um bairro social, mas não tem nada a ver com isso, na realidade.

Greene: Não, continue.

Ohlson: Mas é muito bonito. Uma paisagem extremamente bela: uma espécie de ambiente florestal com paisagens magníficas por todo o lado. Até lagos. Era como se... bem, como se estivéssemos a acordar no campo no final do verão.

Greene: Encantador.

A Vida Comunitária e os Animais

Ohlson: Tudo era muito calmo e tranquilo e, no entanto, percebia-se que havia muita atividade, mas sem qualquer tipo de ruído. E os animais: parecia haver muitos, muitos animais. De facto, notei que havia muitos animais aqui, particularmente no que toca aos domésticos: gatos e outros animais de estimação

que as pessoas tiveram na Terra e que ainda mantêm aqui. Mas vivem em comunidades. Há casas separadas. Algumas pessoas têm habitações independentes, o que me parece ser o que acontece à maioria das pessoas passado algum tempo. Não acontece logo à chegada. Provavelmente há exceções.

Na verdade, percebi que este lugar onde cheguei era uma espécie de estação de receção — é a única forma de o dizer — porque é óbvio que muita gente, quando chega, precisa de ajuda, cuidado e atenção. Precisam de ser auxiliados a atravessar o que, para muitos, é uma situação ou um período difícil. Nem todos se adaptam logo, suponho. No início, quando alguns percebem que morreram e que estão separados de certas pessoas de quem eram próximos e das suas ideias da Terra; quando percebem que, embora possam regressar, raramente têm a oportunidade de conversar ou confortar quem amam, começam a notar que não são reconhecidos nem bem-vindos, e é claro que isso causa um grande sofrimento inicial — creio ser uma das maiores angústias. É por isso que existem estas estações de receção, onde há almas muito avançadas que sabem lidar com estes casos mais difíceis e que, consequentemente, os encaminham para uma nova forma de pensar.

Mas para algumas pessoas é muito difícil no início. É por isso que este conhecimento que vocês têm é uma grande ajuda, porque percebem rapidamente toda a situação e têm a vantagem de saber que podem estabelecer contacto. E esses entes queridos, se estiverem interessados (e invariavelmente estão), podem voltar e comunicar: "Estou bem, não se preocupem comigo, o jardim é lindo", esse género de coisas. Isso alegra-os, anima-nos e, claro, estabelecem-se provavelmente mais depressa do que a pessoa comum. Os casos mais complicados são os daqueles que têm convicções religiosas muito rígidas e perspetivas estreitas... oh, esses acham tudo muito mais difícil e, às vezes, dão bastante trabalho.

Cidades, Escolas e Interesses

Ohlson: Temos centros comunitários e as crianças são, naturalmente, uma das maiores alegrias. Vi tantas crianças a viver aqui com os seus familiares. Claro que, para muitas, os pais ainda estão na Terra, mas elas ficam ao cuidado de pessoas, geralmente familiares (como uma avó), se possível. Mas, se não houver um vínculo próximo, há sempre almas aqui que assumem essa responsabilidade. Temos escolas para elas onde aprendem todo o tipo de coisas: certas matérias que provavelmente aprenderiam na escola na Terra, mas muitas outras que são muito mais importantes.

Aqui a vida é completamente diferente e, no entanto, uma pessoa adapta-se como um peixe na água — ou pelo menos eu adaptei-me. Claro que outros não. Como disse, alguns acham muito difícil ao início. Mas sabem, existem grandes

cidades aqui. Não me refiro apenas ao lugar onde cheguei, que era mais do que uma aldeia. Existem cidades imensas e também comunidades de pessoas que, possivelmente devido à nacionalidade ou até à cor que tinham na Terra, mantêm o hábito de se juntarem. Geralmente é algo temporário. Creio ser um traço nacional que trazem consigo, mas que depressa se perde, e não há ressentimentos. Esses grupos vivem em comunidade mantendo os laços que tinham na Terra, mas isso acaba por desaparecer.

Oh, temos cidades vastíssimas e todo o género de interesses; grandes salas de aprendizagem e salas de música. Pode estudar-se qualquer assunto que nos atraia, principalmente no campo artístico, pois parece-me agora muito mais claro que a arte e as coisas da mente e do espírito são as que mais perduram. Certos dons ou habilidades que alguém possa ter tido podem ter sido muito úteis e maravilhosos no mundo material, mas aqui não têm grande valor porque essas coisas não são necessárias e não existem.

Um Mundo Real, mas não Material

Ohlson: Estão a ver, este é um mundo real, mas não é um mundo material. Portanto, não temos os mesmos aspetos que vocês têm na Terra. Não existem fábricas enormes, por exemplo. Não há caminhos-de-ferro nem estações e, graças a Deus, não há barulho, sujidade nem poluição.

Aqui o mundo é de uma beleza absoluta e há uma alegria no progresso; um sentimento de euforia que vem com a perceção de que estamos sempre a avançar. É algo muito subtil. Não temos plena consciência disso, mas sentimos que nada exige um esforço penoso. Tudo vem gradualmente. Há progresso em todos os sentidos. É obrigatório — não se pode evitar, está lá para nós. Depende do indivíduo, claro. Recebemos ajuda e encorajamento, mas a responsabilidade recai sobre cada um. E há a perceção de que é algo que se vai construindo; não é algo que se alcança e pronto, acabou. Há sempre algo novo, fresco, interessante, uma nova experiência, um novo lugar para ir, novas pessoas para visitar; novos recém-chegados da Terra — pessoas que conhecemos e amamos — ajudando-as a ambientarem-se e a interessarem-se por tudo o que há aqui.

A questão toda... é muito difícil. Percebo agora, melhor do que nunca, como é difícil transmitir conhecimento sobre este tipo de vida, que é tão distante da Terra em alguns aspetos. E, no entanto, é fundamental perceber a realidade desta vida. Não é um assunto insípido nem algo vago. É uma existência real e somos, à nossa maneira, tão físicos como vocês, embora não tenhamos um corpo físico como o vosso. Para quem olha, pode parecer o mesmo, mas não é; a constituição é diferente. Vivemos numa vibração que é muito distante da Terra, tudo é mais

rarefeito e tudo o que fazemos tem um significado e um propósito. No início, não se aprecia... ou melhor, aprecia-se mas não se entende. Agora, não só consigo compreender e apreciar, como vejo o propósito por trás de tantas coisas.

Quando olho para o vosso lado, penso: "Meu Deus! Como é que eu aguentei aquilo?". O vosso mundo parece-me... bem, como se houvesse uma atmosfera escura, sombria e enevoada e, claro, as correntes de pensamento que emanam do vosso mundo em massa são terríveis. Há toda essa agitação, ódio, amargura e malícia, juntamente com todos os outros problemas e complicações da vida. Espanta-me agora, ao olhar para trás... claro que não se conhece nada melhor quando se está na Terra, mas a velha vida parece-me algo tão remoto. Não gostaria de voltar a ela."

O RELATO DO REV. CHARLES DRAYTON THOMAS: A CIÊNCIA DO ESPÍRITO

Data: 1956

Presentes: Sr. George Woods e Sra. Betty Greene

Thomas: Bom dia.

Greene: Bom dia.

Woods: Bom dia.

Thomas: Bom dia. Conseguem ouvir-me?

Woods: Sim.

Greene: Sim, com clareza.

Thomas: Encantado por poder vir falar convosco. Não sei se me ouvem bem.

Woods: Ouço-o perfeitamente.

Thomas: Olá.

Woods: Olá.

Thomas: Olá, Sr. Woods, fala o Thomas.

Woods: Olá, Reverendo Drayton. É muita gentileza sua ter vindo.

Thomas: Bem, é um prazer poder falar com todos vocês novamente.

Woods: Sim.

Thomas: Parece que já passou muito tempo desde a última vez que falámos. Embora, na verdade, creio que não tenha passado assim tanto, se pensarmos bem. O tempo não tem valor para nós, exceto na medida em que ficamos conscientes de um certo tipo de tempo quando nos aproximamos de vós. Caso contrário, o tempo não significa nada. Bem, bem... (Pausa)

As Gravações e a Investigação Continuada

Woods: Bem, é muito bom que tenha vindo, de qualquer forma.

Thomas: Como vão as vossas gravações?

Woods: Oh, muito bem, muito bem.

Thomas: Ótimo.

Woods: Tenho todas as gravações feitas até à data. Vou fazer demonstrações para as pessoas.

Thomas: Tens algumas das minhas gravações?

Woods: Eu... bem, tenho tirado cópias. Creio que o Martin ficou com as originais.

Thomas: Oh, ficou? E o que está ele a fazer com elas?

Woods: Não sei o que ele está a fazer com elas agora. Mas eu tirei cópias de todas para mim.

Thomas: Entendo. Bem, espero que faças bom uso delas.

Woods: Oh sim, com certeza...

Thomas: Bem, o que podemos fazer hoje?

Woods: Bem, queríamos algo mais... sério. Quero dizer, algo que possamos dar às igrejas e que as pessoas possam ouvir em reuniões. Eu passo as gravações em diferentes sessões e gostaríamos... se pudesse, possivelmente...

Thomas: (Interrompendo) Bem, creio ser uma boa ideia se, quando fores a essas reuniões e passares as gravações, pedires depois ao público — aos membros da audiência — que sugiram algumas perguntas que gostariam de nos colocar.

Assim, da próxima vez que viermos aqui, podemos responder diretamente às suas questões.

Woods: Essa é uma excelente ideia, sim.

Greene: E o senhor pode respondê-las.

Woods: Sim. Reverendo Drayton Thomas, gostaria de saber se poderia descrever... ou sugerir... como foi o seu encontro consigo próprio quando passou desta vida para essa... a primeira experiência e... o que viu, não é?

A Transição: "Ir para Casa"

Thomas: Com certeza. Bem, como sabes, eu estava numa posição muito privilegiada, na medida em que já sabia um pouco sobre o assunto antes de partir. Não tinha escrúpulos nem medos sobre a transição. Na verdade, era para mim uma grande aventura pela qual ansiei durante muito tempo (poderia até dizer, durante muitíssimo tempo). Embora ainda estivesse ansioso, em alguns aspetos, por ficar na Terra para trabalhar mais e continuar a investigar, no fundo de mim desejava deixar o velho corpo para trás, vir para aqui, reencontrar todos os meus entes queridos e descobrir um pouco mais, em primeira mão, por assim dizer.

Mas, no que toca à minha primeira experiência, não foi — creio eu — nada de extraordinário. Foi natural. Foi como se tivesse ido dormir no vosso mundo e despertado neste. Não houve qualquer tipo de condição intermédia ou estágio, pelo menos de que eu estivesse consciente. Pareceu-me que simplesmente dei um passo para fora do corpo para este novo ambiente. Reencontrei, claro, muitos dos meus velhos conhecidos e amigos, mas as figuras centrais foram a minha esposa e a minha irmã.

Woods: Que bom.

Thomas: Foi extraordinário na medida em que me vi a caminhar em direção a uma casa muito, muito bonita e atraente, situada numa bela clareira com árvores. Vi essa casa ao longe. E lá estavam os meus familiares a vir ao meu encontro. Enquanto eu subia aquela avenida ladeada de árvores, eles desciam para me receber, quase a correr — pelo menos pareciam estar a correr para me cumprimentar. Na verdade, suponho que não estivessem a correr. Percebo agora, claro, que eles estavam, num certo sentido, a "flutuar". Mas eu não sentia peso, nem qualquer remorso. Era como se estivesse a chegar a casa. Foi a sensação mais extraordinária que tive: a de que estava finalmente na última etapa da viagem, a regressar a casa após uma longa jornada — que, como percebi, fora a minha vida na Terra. A minha jornada terrena fora, num certo sentido, muito longa, se contarmos o número de anos e experiências. A minha esposa tinha a aparência de

quando era muito jovem; estavam também a minha filha, a minha irmã e outras almas que conhecera em anos passados. Era como uma grande família feliz, uma reunião maravilhosa.

Levaram-me para aquela casa encantadora. Tinha um belo jardim à entrada da varanda. Sentámo-nos todos e foi como uma grande reunião de família. E sei que vos vai surpreender quando eu disser que a primeira coisa que fiz foi tomar uma chávena de chá.

Assistentes: (Risos)

Woods: Bem, essa agora!

Flint: Pois!

Thomas: Claro que percebo agora que isso não é essencial. Uma pessoa não sente necessariamente necessidade de comer ou beber como na Terra, mas houve uma espécie de reação mental — suponho eu — que me levou a querer um chá. Sei que muita gente, ao ouvir isto, provavelmente não acreditará ou achará extremamente difícil de entender, pensando que é algo demasiado rebuscado. Mas o ponto fundamental é que devemos lembrar-nos de que a vida aqui é tão natural para nós como a vossa é para vós; e quando uma pessoa chega aqui pela primeira vez, traz consigo muitas das suas impressões terrestres, pensamentos e desejos. Não mudamos instantaneamente. Não nos tornamos anjos de repente, de forma alguma; e eu senti que o meu desejo, após a minha pequena viagem, era tomar um chá — e tomei-o.

A Natureza e a Cura Vibracional

Woods: (Fala baixo)

Thomas: Queres perguntar-me como são as condições de vida aqui do ponto de vista do... ambiente natural, da natureza?

Woods: Sim.

Thomas: Bem, temos todas as condições concebíveis. Refiro--me a bosques, florestas, campos verdejantes, lagos, rios e até deserto. Isto pode parecer-vos estranho, mas, no entanto, tenho visto todo o tipo de formas de som ou vibração. Se estivéssemos a caminhar por um campo de flores — que, num certo sentido, é a forma correta de o descrever porque, embora as flores possam ser naturais e cultivadas como num jardim terrestre, cuidadas e dispostas num padrão, também crescem selvagens em vastas áreas de cores variadas. E podemos ouvir uma espécie de música suave que emana delas. Embora cada flor tenha provavelmente o seu próprio som vibracional, elas formam uma harmonia que parece provir de

imensas quantidades de flores diferentes. Nada destoa. Nada choca. Tudo aqui está em sintonia perfeita. E as flores emitem este belo tilintar — embora "tilintar" seja uma palavra um pouco oca, não encontro outra forma de o explicar. É um tipo de música muito suave, mas muito agradável de ouvir.

Muitas vezes, as pessoas que aqui chegam são levadas para estes jardins onde a natureza é exuberante. Isso ajuda-as a reajustarem-se à sua nova existência. De certa forma, isso retira-lhes o velho peso material que sentem ao chegar. São como que "embaladas" num estado de repouso — que não é propriamente dormir, mas sim um torpor onde começam gradualmente a sintonizar-se com o ambiente, deixando que o peso da Terra se desprenda delas.

Tudo na natureza aqui tem um propósito, não apenas visual, mas também terapêutico ou corporal — uma vez que os nossos corpos são tão reais para nós como os vossos para vós. Especialmente quando as pessoas trazem consigo velhas ideias, pensamentos e manias que as definiram na Terra; aqui, esses elementos naturais são usados para ajudá-las a sintonizarem-se com a nova vida, libertando-se dos velhos medos que as mantêm presas à Terra.

As Almas "Presas à Terra" (Earthbound)

Thomas: Infelizmente, muitas pessoas ficam presas à Terra por causa de velhas ideias e teorias. Tenho tido a oportunidade de integrar grupos de almas deste lado que descem à Terra para ajudar os chamados Earthbound. E há muitíssimas almas presas à Terra, infelizmente. Não são más, claro. Existem algumas exceções aqui e ali, mas a maioria são pessoas que ainda se agarram, por inclinação natural, aos velhos modos de vida. Tentamos libertá-las desses pensamentos que as agrilhoam tão fortemente à vibração terrena e trazemo-las para aqui para as tentar reabilitar. Não é fácil, mas é muito interessante.

Woods: Sim, muito interessante.

Greene: O que é que realmente prende as pessoas à Terra? É o facto de não quererem afastar-se do que conhecem?

Thomas: (Interrompendo) Bem, deves lembrar-te que, para o dizer de forma crua, o corpo físico é algo que mantém as pessoas numa base puramente material. Percebo agora, melhor do que nunca, que há pouquíssimas pessoas no vosso mundo que sejam espiritualmente inteligentes ou inclinadas. Não estou a sugerir que não haja um grande número de pessoas que se esforçam por desenvolver o seu lado espiritual, mas a maioria está tão imersa no material que só consegue visualizar e valorizar as coisas do corpo, o que é tangível. O corpo é o princípio e o fim de tudo para elas.

É extraordinário o número de pessoas que se prendem à Terra por afinidade. É como se obtivessem uma satisfação especial ao agarrarem-se a alguma alma na Terra que seja parecida com elas em temperamento. Sentem satisfação ao verem os outros fazer as coisas que outrora lhes davam prazer.

Refiro-me, por exemplo, a um homem que era um bebedor inveterado: muitas vezes, estas almas que aqui chegam com essa natureza agarram-se a pessoas na Terra com o mesmo vício. E muitas vezes, uma pessoa no vosso mundo que não é, por natureza, um alcoólico, mas que gosta de beber socialmente, pode ver-se assediada por alguém deste tipo e, antes que se dê conta, uma pessoa decente pode tornar-se um bêbedo habitual. O mesmo acontece com os chamados assassínios. Muitas das pessoas que cometem esses atos terríveis são influenciadas, ou mesmo possuídas, por almas deste lado — almas presas à Terra que se servem delas.

Greene: Acha muito difícil, então, tentar convencê-las...?

Thomas: Não é fácil. Algumas são mais fáceis de lidar do que outras. Não direi que seja impossível, porque não reconhecemos essa palavra, mas algumas são muito difíceis de tratar. E não te esqueças de que algumas estão presas à Terra há séculos, não apenas há uns anos.

Assombrações e a Memória da Atmosfera

Thomas: Lugares como Borley, que sempre me interessou imenso — não que o tenha estudado a fundo na Terra, mas interessava-me por todas as formas de fenómenos psíquicos —, esses lugares estão definitivamente assombrados por entidades que se agarram à Terra e que procuram satisfação. Curiosamente, quanto mais notoriedade obtêm, mais gostam. Descobri que sentem um prazer especial em atrair pessoas e em ser o centro das atenções.

Muitos desses locais, como a Torre de Londres, casas antigas e até lugares sem história aparente, estão assombrados por entidades que tiveram ligação ao local. Especialmente onde ocorreram atos violentos, essas entidades agarram-se. Mas não se deve confundir as coisas: existem locais onde não há qualquer assombração, mas onde certos momentos ficaram registados na "atmosfera". É possível que as pessoas no vosso mundo vejam, por breves segundos, a reprodução de um evento ocorrido há séculos, mas isso não significa que a pessoa esteja lá realmente.

Isto acontece porque o pensamento é predominante. A base de toda a vida é o pensamento, seja no vosso mundo ou neste. Se uma pessoa, por exemplo, faleceu em circunstâncias trágicas num determinado local, os seus últimos momentos impregnaram de tal forma a atmosfera que, em certas alturas, esse pensamento

pode reconstruir uma imagem do evento passado. Embora, como disse, existam lugares que estão mesmo assombrados pela entidade que lá viveu, há que distinguir isso desta "reprodução atmosférica" pela força do pensamento.

O pensamento é poderosíssimo e não morre nem se deteriora necessariamente, mesmo passados cem anos. O tempo é irrelevante. O pensamento pode impregnar a atmosfera. Dou-vos um exemplo: quando queres comprar uma casa, entras numa e dizes logo: "Oh, não gosto nada da atmosfera deste lugar. Há aqui qualquer coisa. A casa é bonita, mas eu não conseguiria viver aqui". Porquê? Pela simples razão de que estás a captar as condições de pensamento que ficaram impregnadas nas paredes pelas pessoas que lá viveram. Elas deixaram para trás o seu ambiente mental, que pode ser agradável ou desagradável."

MIKE FEARON
O TRABALHO DE RESGATE E O FUTURO DO MUNDO

Gravação 3 – 1959

Greene: Michael, o que tem feito ultimamente? Da última vez que nos visitou, deu-nos uma palestra muito interessante.

Fearon: Bem, tenho dedicado uma quantidade enorme de tempo ao trabalho de resgate. Isso agrada-me porque sinto que há uma grande necessidade de ajudar as pessoas, especialmente aquelas que chegam aqui de forma súbita e inesperada; é sempre um choque terrível.

Vejam, quando uma pessoa envelhece e atravessa um período de doença, vai-se libertando gradualmente da Terra e, de certa forma, a transição não é tão penosa. Mas alguém que morre subitamente, seja na guerra ou num acidente, sofre um impacto... é como saltar de uma vida para outra num instante. E, de uma maneira estranha, muitas dessas pessoas vivem em dois mundos ao mesmo tempo. Estão conscientes do novo mundo ao seu redor, mas permanecem muito presas ao mundo material, aos seus problemas e condições. É como se habitassem, temporariamente, dois planos em simultâneo. Isto não se aplica a todos os que morrem de repente, mas acontece a muitos; particularmente aos jovens.

O Choque da Juventude e a Atração Terrena

Percebam que, quer se tenha consciência disso ou não, à medida que envelhecemos — mesmo que a partida seja súbita — ocorre um ajuste interno. É algo tão subtil que não se consegue definir, mas creio haver na consciência uma perceção de que nos estamos a aproximar de outro mundo; isto, claro, se

acreditarmos noutro mundo. Muitos não acreditam. Mas nos jovens existe um sentimento de que lhes foi negada a vida; foram ceifados e, involuntária ou inconscientemente, revoltam-se contra isso.

Por vezes, encontramos pessoas numa posição estranha: agarram-se a eventos passados, a memórias, famílias, laços, interesses e passatempos. Ao mesmo tempo, vão-se tornando gradualmente conscientes de que algo terrível lhes aconteceu; vivem num mundo que ainda tem significado para elas, mas que já não possui solidez nem realidade. Tentam afastar-se, sem sequer o perceberem, mas a Terra exerce sobre elas uma atração muito forte, o que é comum quando se morre jovem e de forma abrupta.

É por isso que a tragédia da guerra é tão terrível. Se pudessem ver a nuvem negra sobre lugares como o Vietname ou o Biafra... o sentimento avassalador de milhares de almas que foram expulsas dos seus corpos inesperadamente. Ficam presas à Terra. Em alguns casos, simplesmente não percebem que morreram e continuam a agir como se estivessem vivas. Só quando notam que as pessoas com quem convivem não as entendem nem as percebem, é que compreendem que algo se passa. Surgem então reações estranhas, por vezes ressentimento, e tentam atrair atenção de formas nem sempre bem-sucedidas. Há quem se torne tão intenso que acaba por causar mais mal do que bem, sem o notar.

Obsessão e Influências Coletivas

Por vezes, certas almas presas à Terra não são necessariamente más por natureza, mas o seu estado mental produz um efeito em indivíduos encarnados que pode levar ao mal. Há muitas pessoas na Terra que, sem o saberem, estão sob a influência de entidades que agem de forma contrária à sua verdadeira natureza, especialmente se forem personalidades fracas. Alguns destes casos encontram-se em hospitais psiquiátricos, em situações de obsessão.

Nós, deste lado, que já progredimos um pouco, realizamos um trabalho enorme. Tentamos remover influências que são prejudiciais aos seres humanos. Existem grupos de almas cujo trabalho é atuar em hospitais psiquiátricos; outros, seres altamente evoluídos que estudaram a natureza humana, tentam influenciar líderes políticos — sem grande resultado, é certo, mas lutam constantemente para mudar o fluxo de pensamentos. Há sucessos isolados aqui e ali.

A Crise do Mundo Moderno e a "Revolução da Sanidade"

Estamos consternados com o estado do vosso mundo e com a forma como os jovens estão a agir. Esta nova sociedade é um reflexo fiel da era em que vivem e, francamente, isso preocupa-nos; sentimos que tudo aponta para um estado de

coisas que, mais cedo ou mais tarde, irá explodir. Não necessariamente através de uma guerra, mas noutros sentidos. Sentimos que esta "sociedade permissiva" caminha para o desastre. Haverá uma enorme reviravolta política, moral e espiritual; uma espécie de revolução mundial. Não me refiro a uma revolução nos moldes do passado, mas a uma tremenda agitação e fricção. Espero que não demore muito até que o pêndulo oscile de volta para a sanidade, porque o mundo está a ficar coletivamente doente.

A emanação áurica de muitos países, particularmente na Europa e na América, é tal que antevemos conflitos internos graves. Mesmo na Rússia, creio que haverá uma revolução profunda. Na América, o estado de coisas é quase inacreditável. Não prevejo uma guerra mundial clássica, mas sim revoltas internas nas nações, uma revolução nas formas de pensar e agir. Não creio que haja tanto derramamento de sangue global, embora ocorra em certas áreas.

O mundo parecerá dividido, não apenas entre nações, mas dentro de cada país. Isto é apenas o começo; não falo do futuro imediato, mas dos próximos anos. Haverá progressos espaciais tremendos, mas creio que as reações nessa direção não serão tão benéficas para o mundo como os governantes pensam.

A Lição da Natureza

O Homem sofrerá com os seus próprios erros. Aprenderá a lição pela via mais difícil. Se fizermos algo que prejudique a natureza e a raça humana, sofreremos as consequências. O Homem tem lutado contra as leis naturais e a natureza reagirá.

Haverá acontecimentos extraordinários. Digo isto com antecedência porque os sinais são claros: o Homem terá de reajustar o seu pensamento e o seu modo de vida. Virão situações muito difíceis que serão superadas eventualmente, mas temo pela maturidade das próximas gerações de crianças. Entraremos numa era em que, pessoalmente, eu não gostaria de viver. Milhões de nós tentam ajudar, mas o Homem tem de aprender que não pode ir além de um certo limite na perturbação dos elementos naturais.

JOCK, O ESCOCÊS (DAVID):
A ESSÊNCIA E A EVOLUÇÃO DA ALMA

Jock: "Conseguem ouvir o que eu digo?"

Rosie Creet: "Oh, agora é outra pessoa."

Sr. Rollingston: "Sim, é um escocês."

Rosie Creet: "Oh, escocês, é?"

Sr. Rollingston: "Sim, a voz dele mudou de repente."

Rosie Creet: "Sim, eu estou..."

Jock: "Olá, está tudo bem, assumo eu agora. O meu outro amigo ficou cansado, por isso achei que deveria continuar eu, pois estamos ambos na mesma vibração de pensamento e eu consigo transmitir facilmente as ideias dele."

Rosie Creet: "Oh, isso é interessante!"

Sr. Rollingston: "São mudanças muito elegantes."

Jock: "Olá, conseguem ouvir bem o que estou a dizer?"

Rosie Creet: "Sim."

Jock: "Ainda bem."

Sr. Rollingston: "Já cá esteve antes, não já?"

Jock: "Sim, muitas vezes no passado. Tenho estado perto do instrumento [o médium] há muitos anos."

Sr. Rollingston: "Pois tem, com certeza..."

Jock: "Sim, lembro-me de ti agora, meu rapaz (*my laddie*)."

Sr. Rollingston: "É isso mesmo..."

Rosie Creet: "Jock, oh, explique-me como é que isto acontece? Ele fica cansado ou algo do género?"

O Plano Mental e a Transmissão de Pensamento

Jock: "Não, mas têm de se lembrar que estamos todos a trabalhar juntos aqui, num plano mental. E na mente não existe o conceito de tempo. Embora seja difícil para vós perceberem isso, no vosso mundo físico o tempo conta; aqui, tudo é mental. Podemos transmitir, por assim dizer, todos os nossos pensamentos, e todos podemos tentar, e um pode assumir automaticamente o lugar do outro, ligando-nos todos uns aos outros."

Rosie Creet: "Oh, é a primeira vez que isto acontece..."

Jock: "Muito intrigante, sim. Há algumas coisas que ainda não sabem. Sim, tenho muitos trunfos na manga para vós. Sim, todo o tipo de experiências também. Creio que esta noite de sexta-feira vai ser das a sério! Bem, acho que vai ser algo mais do que podem imaginar, mas levará tempo, até atingirmos o plano mental certo e trabalharmos convosco em completa harmonia; sei que podemos fazer coisas maravilhosas."

Rosie Creet: "Oh, tenho a certeza que sim. Estamos absolutamente encantados."

A Individualidade e a Responsabilidade Pessoal

Jock: "Sabem, uma das coisas mais importantes é a perceção de que somos exatamente o que fizemos de nós próprios. Assim que aceitamos o facto de que somos o que criámos, percebemos que muitos dos nossos limites são impostos por nós; mas, sendo obra nossa, isso dá-nos a grande oportunidade de fazermos muito mais por nós mesmos. Muitas vezes ouvem-se as pessoas no vosso mundo dizer: 'Não sei... não percebo porque é que alguns conseguem isto e outros aquilo. Eu não tenho sorte nenhuma'. E, no entanto, esses outros parecem dar-se muito melhor. Eu sei que as coisas no vosso mundo parecem muito desiguais, mas há uma razão por trás de tudo.

O que têm de lembrar é que, embora sejam indivíduos — ou melhor, estejam a formar-se como indivíduos —, em grande medida estão a reagir segundo uma linha natural que é peculiar ao vosso 'eu' e que ninguém pode afetar. Embora pudessem ter nascido, digamos, em melhores circunstâncias (não há dúvida sobre isso), seguiriam ainda o mesmo tipo de estrada. Poderiam não ter feito as mesmas coisas, poderiam não ter tido o mesmo estatuto social, mas, fundamentalmente, teriam as mesmas intuições e o mesmo tipo de reações emocionais perante as pessoas e as circunstâncias. Seriam muito a mesma personalidade, embora a aparência externa fosse diferente devido às circunstâncias. O ponto principal é que vocês são o que são, aquilo em que se estão a tornar. Tornaram-se no que são pelos vossos pensamentos e ações anteriores."

A Vida como Força Fluídica

"Não tenham qualquer dúvida de que são indivíduos distintos, mas isso não significa que se possam dar ao luxo de negligenciar ou ignorar os outros ao vosso redor. Isso também não invalida o facto de serem, em certa medida, o resultado das circunstâncias dos vossos pais. Sabem que há um velho ditado que diz que 'os

pecados dos pais recaem sobre os filhos'; não é totalmente correto, mas há uma certa verdade nisso.

Assim, a vida é fluídica. A vida não é algo que começa no nascimento e termina na morte. A vida continua; a vida na sua essência. Quero que se lembrem de usar a palavra 'essência'. A vida na sua essência é uma força fluídica ou um poder que flui continuamente através do tempo e do espaço, sem princípio nem fim. Mas pode fluir, como deve acontecer eventualmente, para um organismo físico ou corpo. Esse corpo torna-se uma casa ou um invólucro, e essa pequena parte do indivíduo — o espírito individual — começa gradualmente a expressar-se, começa a fundir-se como uma personalidade; mas, na sua essência, continua a ser parte do todo. Não sei se conseguem acompanhar o que estou a tentar transmitir?"

Rosie Creet: "Sim."

Sr. Rollingston: "Sim, perfeitamente."

Jock: "Têm de se tornar uma personalidade. Têm de se tornar um caráter antes de poderem evoluir separadamente da essência."

Rosie Creet: "Sim."

Jock: "Embora a essência esteja lá. É como a pequena faísca que se transforma gradualmente numa chama imensa."

Rosie Creet: "Sim."

As Muitas Moradas da Alma

Jock: "O corpo físico é apenas o invólucro exterior por um período de tempo, no qual a alma é capaz de viver e de se expressar. Podem ter muitas casas, não necessariamente apenas na Terra, mas muitas casas deste lado — muitas casas etéricas, muitas casas psíquicas, se quiserem chamar-lhes assim. Passam por esferas e esferas, plano após plano, até se tornarem novamente parte do todo; mas com uma força e uma forma tais que se tornam uma essência vital tremenda, ao passo que anteriormente, nos estágios iniciais, eram meramente uma mancha no todo.

Tal como às vezes devem sentir que são apenas uma partícula no tempo no sentido material, nos estágios iniciais são apenas uma mancha na matéria espiritual ou no tempo espiritual. São simplesmente o menor grão de força espiritual ou de poder da alma. Mas, eventualmente, à medida que evoluem, evoluem e evoluem, expandem-se e tornam-se uma unidade. No entanto, para chegar a essa fase da

existência, para alcançar essa magnificência, têm de atravessar todo o tipo de condições e fases da vida. Entendem?"

Rosie Creet: "Sim."

A Aparição de Chopin: A Vibração como Música

Rosie Creet: "Agora, quem é? Ainda és tu, Jock?"

Frédéric Chopin: "Eu venho... tenho o prazer de vos falar. Oh, é um pouco difícil para mim, talvez, neste momento..."

Rosie Creet: "Chopin!"

Frédéric Chopin: "... conseguir exprimir-me tão claramente como os meus amigos. Só quero que saibam que eu também aqui estava e, bem, poderei dizer à minha maneira, mais tarde, as coisas que eram 'música' em mim."

Rosie Creet: "Oh, sim."

Frédéric Chopin: "... Porque a música é a base, num certo sentido, da vida; pois a vibração é vida, a vibração é música. A harmonia... é a própria essência..."

(Neste ponto, a fita termina abruptamente.)

SIR OLIVER LODGE:
A CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA

25 de abril de 1966

Lodge: "Não tenho a certeza se conseguem ouvir-me. Já passou um tempo considerável desde a última vez que fui capaz de falar. Fala o Lodge. Bom dia. Estou muito feliz por poder vir, ainda que por alguns minutos, mas devo dizer que, por ter estado tanto tempo sem falar, sinto-me um pouco destreinado.

Estou tremendamente interessado, como é natural, nos enormes avanços científicos que foram feitos do vosso lado em muitos campos diferentes. Nós, deste lado, temos trabalhado há muito tempo num método de ligação entre o vosso mundo e o nosso que, estou certo, acabará por ser aceite cientificamente. Esperamos, um dia, conseguir estabelecer a comunicação de uma forma tão científica que ninguém poderá duvidar da sua autenticidade e realidade.

Se iremos acabar completamente com os médiuns? Creio que o elemento humano será sempre necessário em algum ponto; não se pode prescindir dele, mesmo que venhamos a produzir instrumentos científicos que tornem a

comunicação possível entre os dois mundos. Estou convencido de que não seremos capazes de o fazer sem a ajuda, em alguma capacidade, de um médium. A única questão é que não será no mesmo sentido ou forma como é usado agora."

O Avanço Russo e a Instrumentação Científica

"Na Rússia, parece haver um grande interesse por este assunto, embora focado principalmente no aspeto científico. Alguns cientistas estão muito interessados na comunicação e já fazem experiências em certas linhas. É bem possível que seja da Rússia que venha a primeira indicação de uma comunicação verdadeiramente científica com o auxílio de instrumentos. Compreende-se ainda tão pouco sobre o nosso mundo... A comunicação e a mediunidade são, pela sua própria natureza, flutuantes e estamos sujeitos a todo o tipo de condições que ultrapassam a vossa compreensão.

A boa mediunidade é muito rara. Não é, de forma alguma, tão comum como era no meu tempo terreno. Parecia-nos, então, haver uma variedade de médiuns de todos os tipos, particularmente médiuns físicos poderosos, o que foi uma grande vantagem e nos permitiu realizar experiências e provar satisfatoriamente a sobrevivência. Pelo menos, tanto quanto me dizia respeito a mim e a muitos outros. Hoje, a mediunidade parece situar-se num nível mental. Isso tem o seu valor, mas não se presta tão bem à investigação científica."

A Transmissão de Pensamento como Frequência

"O meu principal interesse é o aspeto científico de todo este assunto. Embora fale convosco através de um médium, anseio pelo tempo em que será possível — aliás, temos a certeza de que será possível — através de instrumentos científicos e maquinaria, sintonizar uma taxa de vibração muito superior à do ouvido humano. Uma frequência tão única que terá de ser 'descomprimida', transformada e transferida para um som audível e para a fala humana. Afinal de contas, é exatamente isso que, de certa forma, se faz quando se comunica desta maneira particular: é a transmissão do pensamento para o som; a vibração da atmosfera e a criação — ou recriação — do som.

Temos um método no qual estamos agora a trabalhar, que sentimos poder vir a reproduzir vozes de pessoas (há muito consideradas 'mortas' pelo mundo) através de instrumentos científicos. O domínio deste método ainda não está completo. Alguns cientistas na Rússia, que estão a investigar certas linhas, vão tropeçar — talvez de forma acidental, enquanto procuram outra coisa — em todo este método com o qual estamos a tentar ajudar. A ideia deles é produzir instrumentos de comunicação em determinados comprimentos de onda e frequências vibratórias. Eles têm recebido pulsações e sons que estão muito além do alcance do som

terrestre, mas sabemos que, por enquanto, é acidental; eles ainda não têm consciência da nossa ajuda."

Exploração Espacial e a Mente de Massa

"A América também segue linhas semelhantes, mas creio que não estão tão avançados nesta ansiedade de descobrir o espaço exterior, de saber do que são feitos os planetas e quais as condições de vida neles. Eles não estão interessados, nem sequer conscientes, da possibilidade de o homem, que outrora viveu na Terra, viver agora em esferas na atmosfera e conseguir comunicar. Estão mais preocupados com mundos físicos. Mas vão descobrir, para sua surpresa, mundos de seres humanos que já habitaram a Terra e que continuam a viver num campo de atividade mais elevado.

Estamos a aproveitar ao máximo o que eles estão a fazer do vosso lado para podermos, cientificamente e em certa medida, provar a nossa identidade e a nossa realidade. Provar que realmente existimos após a morte física, que há um mundo onde milhões de almas de todas as nacionalidades continuam a evoluir e possuem uma inteligência superior. Isto é uma realidade viva.

No início, eles pensarão, sem dúvida, que estão em comunicação com inteligências de outros planetas, mas ficará claro para eles que essa inteligência provém de indivíduos e almas deste lado que tentam desesperadamente comunicar. Será uma revelação e esperamos que traga um maior entendimento entre os povos da Terra. Vemos a futilidade das condições que foram criadas através da ignorância e da intolerância. Estamos angustiados com as terríveis condições do vosso mundo e esperamos ansiosamente evitar uma catástrofe. Sentimos que, se conseguirmos estabelecer esta via científica de comunicação, impediremos o homem de caminhar para o abismo."

A Ciência como Bênção ou Arma

"A ciência, corretamente utilizada, é uma bênção. Muito do que é dado ao homem através da ciência poderia significar um modo de vida melhor e mais feliz. Mas poucos a veem assim; muitas vezes olham para ela como uma arma de defesa ou de guerra. Isto é um facto terrível: em vez de ser usada para o bem, é frequentemente usada para a destruição. Já o vimos no passado e queremos evitá-lo no futuro.

O tempo não está longe em que a comunicação terá um aspeto puramente científico. Não haverá dúvidas e será universalmente aceite. Então talvez vejamos o verdadeiro começo da Fraternidade do Homem. Veremos as velhas barreiras

derrubadas — barreiras de religião e política que o homem construiu ao longo de séculos.

É para nós algo surpreendente observar a Rússia, que há menos de cinquenta anos era uma das nações mais atrasadas e que se tornou agora uma das nações líderes a nível científico. Falo puramente do ponto de vista científico e do seu incrível progresso; pessoas que há meio século não sabiam ler nem escrever e que agora alcançaram avanços fantásticos. É na Rússia que esperamos ver os primeiros sinais desta comunicação científica. Os russos têm tentado penetrar o véu há muito tempo, experimentando cientificamente com a força e o poder do pensamento. Estão muito avançados a esse nível."

Sobre Discos Voadores e a Vibração da Terra
Sobre a Vida noutros Planetas e o Contacto

(Em resposta à pergunta do Sr. Woods)

Lodge: "Com certeza que existem outros planetas cujos habitantes se esforçam por estabelecer contacto. Sentem curiosidade e interesse pelo vosso mundo, tal como alguns dos vossos cientistas se interessam pelos deles. É evidente que se dizem muitos disparates sobre este assunto, mas existem, de facto, entidades e almas de outros planetas a tentar romper a barreira de forma científica. Estão, em vários aspetos, numa posição muito mais avançada, mas sentem-se profundamente apreensivos.

Não pensem que essas almas desconhecem a 'mentalidade de massa' da Terra. Elas têm todos os motivos para suspeitar das intenções dos povos terrenos que, durante gerações, viveram para a guerra e utilizaram os avanços científicos para a destruição. Existe uma grande apreensão noutros planetas devido à vossa atitude mental. Eles não podem evitar a emanação da mente coletiva do vosso mundo, que atravessa as condições etéricas. Se pudessem ver as vibrações etéricas em redor da Terra, compreenderiam por que razão existe este receio em várias esferas e planetas."

A "Névoa" Mental da Humanidade

"Mesmo nós, que comunicamos convosco, temos plena consciência dessa força etérica, poderosíssima e pesada, que envolve o vosso mundo, alimentada constantemente por milhões de mentes e pensamentos que não são bons. É como uma névoa, uma atmosfera terrível. O vosso mundo vive mergulhado no medo; estais constantemente à beira de um precipício. O

homem não percebe o mal que fez a si próprio ao construir um arsenal de destruição tão vasto.

O sentido de fraternidade foi relegado para segundo plano. As igrejas nada fazem. Aliam-se aos governos e ao lado da força; fingem ser pacifistas, mas estão longe de o ser. Dizem seguir o Príncipe da Paz, mas negam-no nos seus pensamentos e nas suas ações ao apoiarem o poder bélico. Porque é que a Igreja não se levanta como um corpo único para denunciar este horror que o homem edificou? Esta situação intolerável é provocada e mantida pelo medo."

Sobre o Sentimento Espiritual dos "Discos Voadores"

(Intervenção da Sra. Greene)

Lodge: "Com certeza. É perfeitamente verdade que se sinta esse bem-estar espiritual, porque as motivações e os desejos das almas de outros planetas ou esferas que tentam ligar-se ao vosso mundo são para o bem. Estão genuinamente preocupadas com o bem-estar da humanidade. Mas nós vemos todos os perigos. Vemos como vocês se preparam para o pior, não só fisicamente, mas também mentalmente.

O homem causou danos terríveis no passado e agora possui armas capazes de aniquilar tudo. Bastaria um pequeno erro. O recente incidente em Espanha [o acidente nuclear de Palomares] deveria servir de prova às pessoas sobre o perigo terrível sob o qual vivem hoje. Para mim, é assustador e quase inacreditável que pessoas com inteligência e capacidade de raciocínio, particularmente aquelas que professam crenças e desejos espirituais, se permitam ficar sentadas sem nada fazer. É um estado de coisas extraordinário, mas não posso demorar-me mais.

Que Deus vos abençoe. Agora devo ir. Adeus."

MAISEY WILMOT:

A MENINA QUE AMADURECEU NO ESPÍRITO

Esta sessão contém as mensagens de uma jovem chamada Maisey Wilmot, que faleceu aos 12 anos de idade. Inicialmente, ela demonstra alguma dificuldade em falar, mas gradualmente habitua-se à laringe artificial e acaba por conversar de forma fluida e prolongada. Maisey revela o desejo de se tornar uma "guia" (ou controlo), tal como o Mickey, o guia de Leslie Flint, referindo que os bons médiuns são muito escassos no mundo.

A Reversão à Personalidade Infantil

Maisey explica que o processo de comunicação é, para ela, uma experiência invulgar. Embora tenha amadurecido e avançado para planos superiores durante os 50 anos que passaram desde a sua transição, ao regressar à vibração do plano terrestre para comunicar, assume automaticamente a personalidade e a mentalidade da menina de 12 anos que era quando morreu.

A Visão de Jesus e a Percepção Mental

Um dos assistentes pergunta-lhe se ela se encontrou com alguém como Jesus ao atravessar. Ela exclama prontamente: "Oh, não!", mas de seguida fala sobre Jesus com total naturalidade. Maisey diz que nunca falou diretamente com Ele, mas que O conhece e tem plena consciência da Sua presença.

Descreve a Sua aparência segundo as impressões que recebe: "Ele é alto, magro e agradável, com cabelo muito escuro, comprido e ondulado. Tem um rosto muito doce e uns olhos castanhos profundos e adoráveis, bem afastados; tem maçãs do rosto salientes e não usa barba nem bigode." Explica que as almas avançadas recebem estas imagens como impressões mentais, de forma semelhante a alguém que vê um filme. Afirma que "viu" Jesus, mas não com os olhos físicos, e que O sentiu através de uma faculdade que transcende os sentidos. "Toda a vida é uma questão mental", afirma.

Memórias da Infância e da Família

Maisey recorda a sua infância e o interesse que tinha em recortar imagens de livros e revistas para colá-las num biombo, descrevendo-o como um amontoado de retalhos. Fala dos seus dois irmãos: um morreu antes dela e recebeu-a na vida após a morte; o outro partiu mais tarde.

Conta que, em criança, sempre pensou que voltaria à Terra após a morte. Atualmente, procura um médium no plano terrestre com o qual possa trabalhar e cooperar. Recorda os seus cães e o balanço que tinha no quintal. Questionada pelos assistentes sobre se a sua casa ainda existirá, responde que não sabe, pois já não a visita há muito tempo. Descreve uma loja perto da sua residência, que era uma casa grande, onde a família tinha dois criados.

A Vida no "Outro Lado" e Travessuras de Menina

Afirma não ter quaisquer objeções ao facto de estar morta, pois o pai, a mãe e os irmãos já se encontram com ela. Diz mesmo que "estar morto é, na realidade, muito bonito". Explica que a sua saúde na Terra era muito delicada, razão pela qual os pais não a puderam enviar para um internato. Define-se como uma "maria-rapaz" (*tomboy*) e recorda que tinha uma governanta que era uma verdadeira **"cara de vinagre"**. Gostava de trepar às árvores e recorda, divertida, o choque que apanhou um dia quando, do cimo de uma árvore, viu um homem nu através de uma janela.

O Funcionamento da Laringe Artificial

A comunicação parece ser muito fácil para ela. Diz que não tem problemas em falar e que não se sente **nervosa nem tensa**. A pedido de um dos presentes, descreve o dispositivo através do qual fala — a "caixa de voz" (laringe artificial). Diz que é "uma coisa engraçada", semelhante a uma caixa ou a uma máscara, e que se "move em direção a ela", embora não entenda tecnicamente como funciona.

Afirma conseguir ver os assistentes e dirige-se a uma senhora sentada "na ponta do sofá". Diz-lhe que o marido desta, já em espírito, está de pé ao seu lado. Maisey revela que o marido a acompanhou durante um período de doença e que sabe que foi um tempo muito difícil. Menciona ainda a presença de dois gatos e da mãe da assistente.

Símbolos e Preferências Espirituais

Num momento curioso, Maisey descreve o marido dessa senhora a segurar um cartão de S. Valentim sobre a cabeça da esposa, notando que tem um coração perfurado. Com a franqueza de uma criança, observa que acha aquilo "um tanto ou quanto **revoltante**", confessando que nunca gostou de imagens de corações trespassados por setas.

Conclui dizendo que nunca gostou das representações de Jesus na cruz, preferindo muito mais as imagens da Sua ressurreição.

MAURICE CHEVALIER

DO CAFÉ DE PARIS ÀS ESFERAS DE LUZ

(Resumo das sessões entre 1972 e 1984)

Maurice Chevalier (1888-1972), o imensamente popular ator e cantor francês, cujo sotaque encantou multidões em todo o mundo com temas como "Louise", "Mimi" e "Valentine", é um exemplo notável de como a personalidade e a voz se mantêm após a morte, apesar das variações na qualidade da laringe artificial usada para comunicar.

O Choque Inicial e a Confusão (1972)

Na sua primeira gravação, realizada apenas uma ou duas semanas após o seu falecimento, Chevalier sentia-se muito confuso. Não compreendia como tinha chegado ali e não tinha plena consciência de que tinha partido. É um relato cru da desorientação que muitos sentem quando a transição é recente.

A Adaptação e o Reencontro (1975)

Anos mais tarde, numa segunda e terceira sessões, Chevalier surge muito mais calmo e "feliz por estar vivo", sem as dores físicas que o atormentavam no final da vida. Menciona que Tyrone Power está com ele e traz uma mulher que profere apenas a palavra *"Chanson"* (canção). Explica que, embora muitos queiram falar, gerir o mecanismo da voz é uma tarefa difícil.

A Realidade da Vibração e o Trabalho de Auxílio (1982-1984)

Em sessões posteriores, Chevalier mostra-se enérgico e cheio de vida. Explica que a solidez da matéria é uma ilusão: sentamo-nos numa cadeira e sentimo-la sólida apenas porque vibramos em harmonia com ela.

Revela que dedica parte do seu tempo a descer a esferas inferiores para ajudar almas que, tal como ele no início, não sabem que morreram e pensam estar presas num sonho. Refere que a pessoa real continua a viver após deixar a "casca" física e que, embora no início nos apeguemos a ideias materiais, a libertação total da memória antiga permite-nos ascender a níveis mais elevados.

O Episódio do Café e a Frustração do "Invisível"

Chevalier descreve com humor e vivacidade a sua frustração logo após a morte. Conta que se sentou num café em Paris e tentou chamar a atenção de um casal que estava na mesa ao lado. Gritou, pontapeou as mesas e as cadeiras, e chegou mesmo a dar um pontapé na perna do homem, mas ninguém notou a sua presença.

Sentia-se **muito zangado** porque ninguém lhe prestava atenção. Conta que andava de elevador, "para cima e para baixo", e que chegou a soprar no pescoço de uma senhora; ela apenas comentou: "Oh, que brisa fria!", sem imaginar que era ele.

A Comunicação Mental e o Poder do Pensamento

Chevalier explica que, quando pensamos neles, enviamos impressões que eles recebem de imediato, permitindo-lhes estar connosco mentalmente. O tempo, afirma, é uma ilusão. O reino do espírito contém muitos mundos que coexistem na nossa atmosfera terrestre.

Conclui a sua última intervenção em 1984 com uma mensagem de unidade: no plano espiritual, todos acabam por compreender que fazemos parte da mesma criação e que estamos todos unidos pelo amor, a força que supera todos os obstáculos.

O SR. OHLSON "BATE AS BOTAS"

B. Greene: Olá. Quem fala?

Espírito: Santo Deus! É o Ohlson aqui!

S.G. Woods: Oh, Sr. Ohlson.

B.G.: Olá, Sr. Ohlson.

Ohlson: Como estão ambos?

S.G.W.: Oh, muito bem.

B.G.: Vou bem, obrigada.

S.G.W.: E como lhe têm corrido as coisas?

Ohlson: Muito bem. Não me arrependo de nada; estou muito feliz. Não voltaria atrás nem que me oferecessem todo o ouro do mundo. Estou perfeitamente bem, perfeitamente feliz, e nem imaginam como é maravilhoso estar morto!

S.G.W.: Bem, essa agora!

Ohlson: Eu nunca imaginei — bem, sabem que eu estava muito interessado em tudo isto e costumava frequentar as reuniões...

B.G.: Eu cheguei a estar sentada convosco nesta sala.

Ohlson: Eu sei, foi há alguns anos! Meu Deus, as pessoas deviam considerar-se sortudas no dia em que batem as botas!

B.G.: E em que tipo de condições se encontra? Que tipo de lugar é esse?

A Estação de Receção e a Adaptação

Ohlson: Bem, no que me diz respeito, o lugar onde me encontrei — o mais próximo que consigo descrever — é como um local no campo; num certo sentido, poderia ser em qualquer lado. Refiro-me a árvores e pássaros, como se estivéssemos a acordar numa aldeia rural. Percebi logo a seguir que havia milhares e milhares de pessoas. Muitos vivem no que chamariam de blocos de apartamentos — edifícios vastos que albergam milhares de pessoas. Soa um pouco a um grande bairro social, mas na realidade não tem nada a ver com isso.

Creio que este lugar onde cheguei primeiro era uma espécie de estação de receção — é a única forma de o descrever — porque é óbvio que muita gente, quando chega, precisa de ajuda e atenção. Precisam de ser auxiliados a fazer a travessia; é um período difícil. Ao início, não aceitam bem a perceção de que estão separados das pessoas de quem eram próximos e das suas ideias da Terra. Quando percebem que, embora possam regressar, raramente têm a oportunidade de conversar ou confortar quem amam, começam a notar que não são reconhecidos nem bem-vindos.

Claro que isso causa um grande sofrimento inicial. É por isso que existem estas estações de receção, com almas avançadas que sabem lidar com estes casos difíceis e, consequentemente, encaminham-nos para uma nova forma de pensar. Creio que os casos mais complicados são os daqueles que têm convicções religiosas muito rígidas e perspetivas estreitas.

Crianças, Cidades e a Vida Comunitária

Ohlson: Temos centros comunitários e as crianças são, naturalmente, uma das maiores alegrias. Vi tantas crianças a viver aqui com os seus familiares. Claro que os pais de muitas delas ainda estão na Terra, mas elas ficam ao cuidado de familiares, como uma avó, por exemplo. Se não houver laços estreitos, há sempre almas aqui que assumem essa responsabilidade. Temos escolas para elas, onde aprendem todo o tipo de matérias, muitas delas bem mais importantes do que as que aprenderam na escola na Terra.

Existem aqui cidades vastíssimas, mas também comunidades de pessoas que, devido à nacionalidade que tinham na Terra, ou possivelmente devido à cor da pele, mantêm o hábito de se juntarem. Geralmente, isso é algo temporário para a maioria.

Temos grandes salas de aprendizagem e de música. Pode estudar-se qualquer assunto que nos atraia, principalmente no campo artístico. Percebo agora, muito melhor do que antes, que a arte e as coisas da mente e do espírito são as que mais perduram.

Um Mundo Real, Porém, não Material

Ohlson: Estão a ver, este é um mundo real, mas não é um mundo material. Portanto, não temos os aspetos materiais que vocês têm na Terra. Não existem fábricas enormes, por exemplo. Não há caminhos-de-ferro nem estações e, graças a Deus, não há barulho, sujidade nem poluição.

Aqui o mundo é de uma beleza absoluta e há a alegria do progresso em tudo; aquele sentimento que vem com a perceção de que estamos sempre a avançar. Há sempre algo novo, algo mais interessante, uma nova experiência, um novo lugar para ir, novas pessoas para visitar; novos recém-chegados da Terra. Pessoas que conhecemos e amamos, ajudando-as a ambientarem-se e a interessarem-se por tudo o que há aqui.

Isto não é um assunto vago nem uma existência sem substância. É uma existência real e somos, à nossa maneira, tão físicos como vocês. No entanto, não temos um corpo físico como o vosso. Para quem olha de fora, pode parecer o mesmo, mas não é; a constituição é diferente. Vivemos numa vibração que é muito distante da Terra; tudo é mais rarefeito e tudo o que fazemos tem um significado e um propósito.

O vosso mundo parece-me... bem, como se houvesse uma atmosfera nebulosa, escura e sombria. As forças de pensamento que emanam do vosso mundo em massa são terríveis. Há toda essa agitação, ódio, amargura e malícia. Não gostaria de voltar a ele.

A Comunicação e o Tempo

Ohlson: Esta é uma transmissão do meu pensamento através desta laringe artificial — chamem-lhe o que quiserem — que o converte em som. É criada artificialmente porque, embora possamos falar e comunicar aqui através do esforço vocal, aprendemos muito depressa que a melhor forma de comunicação é o processo mental.

Este é um mundo de realidade mental que, pelo próprio poder que o gera, cria o que poderiam chamar de uma condição física ou uma representação pictórica das coisas. Quanto mais evoluímos mental e espiritualmente, mais

conscientes nos tornamos de outros lugares, paisagens e pessoas. É apenas uma questão de sintonizar a fonte.

B.G.: Sr. Ohlson, como passa o seu tempo agora?

Ohlson: Tempo, tempo, tempo! Bem, nós não temos consciência do tempo. O tempo não significa nada para nós. Ao voltarmos para junto de vós, ficamos conscientes do tempo até certo ponto. As pessoas dizem: "Ah, tenho a certeza de que o fulano virá falar porque é o aniversário dele". Bem, nós não nos importamos minimamente com aniversários. Na verdade, provavelmente nem nos lembraríamos da data se não fosse o facto de captarmos o pensamento de quem nos ama na Terra.

(George e Betty trocaram mais algumas impressões com o seu antigo amigo. Após meia hora, a energia dissipou-se e tiveram de se despedir. Ohlson não voltou a comunicar na sala de Leslie Flint. Quem sabe se não se terão já reencontrado no Plano Espiritual!)

MARY IVAN
O DESPERTAR NA ENFERMARIA ESPIRITUAL

Mary Ivan, uma escocesa, descreveu a sua morte da seguinte forma:

Sra. Greene: "Mary, como é que se encontrou? Em que tipo de condições...?"

Mary Ivan: "Oh, acordei num lugar que parecia um hospital. Pensei: 'O que é isto?', porque eu estava na minha própria casa, estava doente, na minha cama e tudo, com uma enfermeira a cuidar de mim.

Lembro-me de acordar aqui numa espécie de enfermaria, num hospital, mas muito agradável, muito limpo, e tudo parecia tão fresco e arejado. Achei estranho. Tinha a certeza de que estava em casa, na minha cama, e de repente dou por mim

num hospital; pensei que devesse ter ficado inconsciente e que me tivessem trazido para aqui. Não me passou pela cabeça que estivesse morta.

Passado um pouco, comecei a ver outras almas por ali e havia uma menina doce ao meu lado, noutra cama; uma criança loira, lindíssima, que estava ali sentada a conversar. Ela mostrou-me uma ou duas coisas que tinha, um carro, alguns livros e outros objetos, e perguntou-me: 'Não é bom estar aqui? Estou tão feliz'.

Eu respondi: 'Sim, é muito agradável, mas o que é que tu tens?'. Ela disse: 'Oh, eu tenho difteria'. Eu retorqui: 'Bem, não pareces nada ter difteria; estás fresca como uma alface, com as bochechas rosadas e um ar muito alegre'.

Não conseguia acreditar que houvesse algo de errado com aquela menina. Perguntei-lhe: 'Bem, há quanto tempo estás aqui?'. Ela respondeu: 'Cheguei agora mesmo. Mas estou muito feliz'. Eu disse: 'Pois, percebe-se'.

Entretanto, vi a minha irmã vir na minha direção e fiquei tão surpreendida porque, como sabem, eu tinha uma irmã que morreu muito jovem, quando eu tinha cerca de doze anos. Chamávamos-lhe Kate. Pensei: 'Isto é impossível, a Kate não pode estar aqui, a Kate está morta'.

Mas lá estava ela; aproximou-se de mim com um braçado enorme de flores. Eram flores lindíssimas, frescas e ainda com o orvalho. Ela disse: 'Toma, trouxe-te isto; estamos tão felizes por teres vindo. A mãe vem aí daqui a pouco, e o pai também'. 'Não', disse eu, 'isso não é possível. Como é que vocês entraram aqui? Tu não estás aqui, tu estás morta'. Ela respondeu: 'Não sejas boba, eu estou morta, sim, e tu também'. Eu perguntei: 'O que queres dizer com eu estar morta?'. Ela reafirmou: 'Tu estás morta'. Eu disse: 'Não, não pode ser. Eu sinto-me muito viva, estou num hospital, mas como é que tu entraste? Alguém te viu passar pela porta?'. Ela respondeu: 'Sim, todos me viram entrar, porque aqui estão todos mortos'. Eu disse: 'Não entendo nada disto'.

E a menina, sentada na cama ao lado, ficou a olhar para mim e disse: 'Pois, é verdade. Estamos mortos? E esta senhora...', disse ela referindo-se à minha irmã, '...ela também está mesmo morta?'. Eu respondi: 'Bem, ela é a minha irmã e está morta. E se ela está morta, então nós também devemos estar, mas sentimos-nos vivas!'."

DR. CHARLES MARSHALL:

PERSONALIDADES, "CASCAS" E A MENTE DO MÉDIUM

Data: Quinta-feira, 13 de março de 1958

Assistente: Rose Creet Médium: Leslie Flint

Marshall: É preciso ser uma pessoa muito invulgar para conseguir sentar-se e não pensar em nada.

Creet: Peço perdão?

Marshall: Como é que se consegue isso, Rose? Ser capaz de se sentar e não pensar em nada?

Creet / Flint: *(Risos)*

Creet: Bem, eu conheço o médium muito, muito bem, e não quero que a mente dele seja perturbada durante uma sessão. Foi por isso que lhe pedi isso. *(Risos)*

Marshall: Bem, imagino que ninguém gostaria que a sua mente fosse perturbada com o que quer que fosse, em momento algum.

Creet: É bem verdade, mas isso é impossível.

Marshall: Entendo. Bem, passemos a outro assunto.

Creet: Há algo que lhe queria perguntar, querido Doutor, e que me tem intrigado bastante...

Marshall: Diga lá.

Creet: Quando o Akhenaton comunicou na última sessão, a voz dele era totalmente diferente de quando veio pela primeira vez, naquela altura em que tomou posse do médium.

Marshall: Quando diz que "tomou posse", quer dizer que o médium estava em transe?

Creet: Sim.

Marshall: Bem, isso pode explicar o facto.

Creet: Estava precisamente a pensar nisso. Mas por que razão haveria de explicar?

A Influência do Médium na Voz

Marshall: Bem, o ponto central é que, quando um médium é utilizado... a sua própria ideia das coisas, por assim dizer, ou a sua própria impressão, acaba por inibir ou afetar, de uma forma estranha, a entidade que comunica. Por exemplo, se a mente consciente ou subconsciente do médium julgar que determinada pessoa deveria ter um certo tipo de sotaque, a entidade que está a comunicar adotará provavelmente esse sotaque de forma automática, ou parecerá assumi-lo. Por outro lado, quando o médium é completamente excluído dos fenómenos [como na voz direta independente], há muito mais probabilidade de o indivíduo em contacto conseguir vir de forma mais natural e falar com uma voz próxima daquela que usaria na Terra, ou daquela que usa aqui quando fala.

Creet: Percebo.

Marshall: O que é preciso entender claramente é que a voz ouvida é sempre uma reprodução artificial. Nunca se deve esperar que a voz seja necessariamente a voz exata que a pessoa tinha na Terra; muito depende do grau de mediunidade e da mentalidade do médium. O médium que consegue desligar-se completamente dos fenómenos tem mais probabilidades de produzir não só provas mais impressionantes, mas também de reproduzir fielmente a voz da entidade. Afinal de contas, toda a comunicação é um processo mental; é o pensamento convertido em som.

A Ligação entre o Guia e o Médium

Marshall: Quando se ouve uma voz com as suas próprias peculiaridades, tom e qualidade distintos, usando talvez expressões que eram familiares a essa pessoa na Terra... ou seja, quando um personagem vem deste lado com a sua própria personalidade vincada, pode-se ter a certeza de que se está a captar uma grande percentagem do espírito comunicante. Mas nunca se deve esquecer que haverá sempre, nalgum ponto, um traço da personalidade do médium.

Por exemplo, ouvi-a dizer ao Mickey: "oh, por favor, Mamoose" ou algo do género, o que indica que a Rose tem consciência, ainda que subconsciente, da interferência da mediunidade. Há uma ligação vastíssima, obviamente, entre alguém como o Mickey e o médium. O Mickey é um "guia" (controlo) que está sempre por perto, capaz de se afirmar e de usar o poder do instrumento de forma mais eficaz, o que cria essa ligação estreita. O médium e o Mickey são quase inseparáveis.

Creet: Sim, eu sei disso, querido Doutor. Estava apenas a pensar...

Marshall: Mas isso não significa que a entidade que conhecem como Mickey não seja um indivíduo distinto e separado. É apenas uma ligação tão forte entre os dois que, para alguém como a Rose, que já se sentou inúmeras vezes, se torna difícil distinguir qual é qual.

Akhenaton e Frédéric Chopin: As Várias Vidas

Creet: Sim, e a palavra "fluídico" é muito expressiva.

Marshall: Sim. É preciso ter em mente que estes fenómenos são, num certo sentido, algo fluídico. Como disse antes, é duvidoso que se consiga eliminar completamente a influência do médium em certas ocasiões.

Creet: Mas o Senhor parece estar sempre nitidamente separado do médium.
Marshall: Sim, claro, porque eu afirmo-me. Verá que qualquer alma deste lado que tenha uma personalidade assertiva consegue resultados muito melhores. É por isso que o seu amigo Frédéric se sai tão bem.

Creet: O quê? Frédéric quem?

Marshall: Disse que o seu amigo Frédéric se sai muito bem. Ele pode assumir a forma que quiser.

Creet: Eu sei. Perguntava-me se haveria algum tipo de...

Marshall: Na verdade, creio que ele teria sido um ator brilhante.

Creet: Sabe... ele preocupa-me, querido Doutor.

Marshall: Não vejo por que razão se deve preocupar, minha querida.

Creet: Porque ele...

Marshall: Olhe, serei muito sincero consigo: não vale a pena andar com rodeios, a Rose é demasiado perspicaz... Há algum tempo, eu disse-lhe para não vir tantas vezes, pois achei que não seria bom para si, para a sua tensão arterial e saúde geral. Mas ele tem vindo várias vezes sob disfarces diferentes.

Creet: Eu bem me parecia!

Flint: *(Riso)*

Creet: Tenho pensado nisso... e este Akhenaton...

Marshall: Repare: se aparece uma entidade que se intitula Akhenaton, ou outra que se chama Jock, a Rose aceita-as. Mas o que não percebe é que se trata de uma personalidade extra do Frédéric.

Creet: Mas eu duvidei muito deste Akhenaton...

Marshall: Bem, tem razões para isso. O que talvez não perceba é que o Frédéric é uma das almas mais antigas. Ele teve tantas encarnações e é uma personalidade tão desenvolvida... é uma pessoa extraordinária que teve inúmeras existências, e o Akhenaton foi uma das suas vidas anteriores.

Creet: Foi?

Marshall: Sim... e essa é uma das razões... Sabe, a Rose, há dez ou cinco anos, não teria aceite o Frédéric por nada deste mundo. Se alguém lhe tivesse dito na altura que aquele era o Frédéric Chopin, a Rose teria duvidado imenso. Teria ouvido com interesse, mas não acreditaria numa palavra.

O Uso de "Cascas" e Personalidades Anteriores

Marshall: O Frédéric apresentou-se sob diferentes disfarces em momentos distintos, até que a Rose estivesse pronta para a revelação completa. Estamos a começar a perceber que podemos, conforme desejarmos, assumir velhas "cascas" ou personalidades antigas. Os teosofistas têm razão quando falam de "cascas astrais". Podemos recriar e trazer de volta uma vida ou personalidade anterior. Fazemo-lo por vezes com um bom motivo: não queremos que uma pessoa na

Terra duvide de nós, queremos dar-lhe convicção e ajudá-la. Por isso, nas fases iniciais, quando queremos interessar alguém, voltamos como uma entidade anterior, talvez menos famosa ou menos interessante, para que o assistente não tenha tantas dúvidas.

No caso do Frédéric... ele teve de esperar o momento certo. Ele veio até si e preparou o caminho até que a Rose estivesse recetiva. E nestes últimos meses, ele tem-se divertido imenso — não me importo de lho dizer — vindo visitar-vos sob nomes diferentes.

Creet: *(Risos)* Mas diga-me que outros nomes, querido Doutor? Ilumine-me.

Marshall: Bem, além de Akhenaton... ele também tem vindo sob o disfarce daquele escocês.

Creet: Não o David?

Marshall: Ficaria muito surpreendida, minha querida.

Creet: O David? A sério?

Marshall: Sim.

Creet: O David?

Marshall: E ele ainda se aproveita da situação comigo, que diabo!

Creet: O quê? Quem?

Marshall: Digo que sim, e sinto-me irritado comigo mesmo por o admitir.

Creet: Ele aproveita-se de si?

Marshall: Bem, não se lembra das coisas que ele lhe disse?

Creet: Ah, sim!

Marshall: Sobre mim?

Flint / Creet: *(Risos audíveis)*

Creet: Mas o David era uma personalidade própria; ele falava da noiva que ficou na Terra e de como foi morto na guerra e tudo o resto.

Marshall: O ponto é que houve duas entidades que lhe falaram e que se diziam chamar Jock. Uma é a pessoa real, a outra é o disfarce.

Creet: Uma é a pessoa nova?

Marshall: Não, não, não. Oh, valha-me Deus!

Creet: Sim?

Marshall: Uma é o David.

Creet: O David?

Marshall: Sim, o Jock.

Creet: O Jock?

Marshall: Sim. Um rapaz escocês que é, definitivamente, quem diz ser. Ou seja, ele tem uma mulher na Terra por quem estava apaixonado e de quem era noivo. O outro... é o Frédéric.

Creet: O Jock?

Marshall: Sim.

Creet: Oh.

Marshall: Ainda está intrigada, não está?

Creet: Sim.

Marshall: Oh, paciência.

Creet: Não importa, deixe lá.

A Saúde de Rose e os Disfarces de Chopin

Marshall: Ah, mas é muito importante que saiba. Porque há uns meses — já lá vai algum tempo, talvez seis meses — eu andava muito preocupado com a sua saúde. Achei que a sua tensão arterial era um problema sério devido à agitação das sessões e eu... eu admito, disse ao Frédéric e a outros, mas particularmente ao Frédéric, que seria sensato ele não comunicar tanto, porque a Rose ficava muito excitada, muito entusiasmada. E, desde então, ele não tem vindo com tanta frequência. Tem havido longos períodos em que temos feito experiências, é

verdade, mas noutras ocasiões ele falou consigo sob esse pseudónimo, sob esse disfarce, percebe?

Creet: Sim...

Marshall: Mas não fique aborrecida com isso...

Creet: Não, não estou aborrecida. Mas espere até eu o apanhar como Frédéric Chopin. Vai ver uma coisa.

Marshall: Ora, eu não quero que se zangue...

Creet: Escute, Doutor, estou tão habituada a ouvir o Frédéric que já não me exalto. Fico mais entusiasmada com as coisas que me dizem, das quais não tenho conhecimento e que me interessam, do que propriamente com a chegada do Frédéric.

Marshall: Sim, tudo bem, tudo bem... Mas, ainda assim, a Rose está muito melhor... e o bom tempo está a chegar, vai sentir-se melhor consigo própria e voltaremos ao nosso ritmo. Temos estado muito ocupados com experiências e não queremos desperdiçar energia e tempo com conversas banais. Por isso, além dessa questão de nos preocuparmos com a sua saúde... o que quero dizer é que não deve estar aborrecida ou irritada com o Frédéric.

Creet: Oh não, não estou aborrecida. Eu estou...

Marshall: Ele estava apenas a tentar agradar-lhe à sua maneira, que talvez, do seu ponto de vista, não fosse a mais correta. Mas é verdade que ele teve muitas encarnações e pode assumir várias personalidades, como aliás acontece com muitos de nós. Podemos explorar recursos que estão por todo o lado ao nosso redor e recapturar, se desejarmos, memórias do passado, podendo apresentar-nos de uma forma diferente se acharmos essencial ou se isso lhe puder ser útil. Algumas das nossas outras encarnações, quando lhe são relatadas como uma lição prática, por assim dizer, podem ser de grande utilidade. Há, claro, uma pequena confusão na sua mente sobre o David, porque o David é uma entidade separada e não é o Frédéric; mas houve uma ocasião em que o Frédéric se fez passar por esse escocês.

Creet: O Jock?

Marshall: Sim. Portanto, há essa diferença, percebe?

Creet: De qualquer forma, obrigada por me dizer, querido Doutor.

Marshall: Agora provavelmente vou ter problemas com ele por ter contado.

Creet: Não, não, eu não direi uma palavra. Vou apenas "puxar-lhe a orelha" quando ele voltar. Espero que ele não esteja por perto agora?

Marshall: Bem, não haveria problema se estivesse. Afinal de contas, ele compreende que a Rose agora já sabe.

Creet: Mas então... aquele Akhenaton, era ele?

Marshall: Veja bem, Rose, vamos recapitular isto desde o início...

Creet: Eu só queria ter a certeza disso...

A Preparação do Caminho

Marshall: Quando a Rose se abriu para esta verdade, leu muitos livros, procurou conhecimento, experimentou a escrita automática e por aí fora... e foram-lhe apresentados vários indivíduos... e eram indivíduos distintos, que a Rose passou a conhecer e a amar pelas suas qualidades. Mas, nessa altura, o Frédéric tentou manifestar-se e a Rose recusou...

Creet: Sim, é bem verdade.

Marshall: ... e, em consequência disso, ele percebeu que, para estabelecer contacto consigo, teria de preparar o caminho. Era demasiado cedo. Então, no período intermédio, ele visitou-a para a guiar, instruir e, no geral, preparar o terreno para si próprio... para quando pudesse finalmente apresentar-se como ele mesmo.

Creet: E fê-lo de forma belíssima, querido Doutor.

Marshall: E agora que já têm esses contactos e que a Rose já o aceita como Frédéric, a culminação de tudo isto ainda está para vir... Queremos muito que entenda isto: a culminação de todo o conhecimento e experiência que foi construído para si e consigo logo se manifestará. É nisso que estamos a trabalhar agora.

Creet: Entendo.

Marshall: Compreende, não compreende?

Creet: Sim, agora compreendo, querido Doutor. Mas aquele Akhenaton estava a intrigar-me; eu tinha o pressentimento de que era ele. *(Risos)* Muito obrigada por me esclarecer.

Marshall: Tenho de ir, minha querida. Lamento, mas tenho de ir.

Creet: Com certeza. Dê o meu amor ao Akhenaton!

Marshall: Assim farei. A minha bênção e o meu amor para si.

Creet: Mas, querido Doutor? *(Limpando a garganta)* Ele foi mesmo o Akhenaton?

Marshall: Foi.

Creet: Foi mesmo? Oh.

Marshall: Isso deve explicar muitas coisas. Pois o Akhenaton viveu séculos antes do seu tempo; era uma alma mentalmente muito avançada.

Creet: Oh. Entendo.

O Encerramento com o Mickey

Creet: Oh, valha-me Deus. Quando eu chegar aí, espero que haja muitas conversas, porque tenho muito para perguntar...

Mickey: Haverá muitas oportunidades para fazeres as perguntas que quiseres.

Creet: Mickey, querido Mickey?

Mickey: Diz lá.

Creet: Porque é que não me contas estas coisas?

Mickey: Bem, é muito difícil.

Creet: Tu sabias?

Mickey: Sim, eu sabia, mas... bem, eu estava apenas a tentar ajudar. Achei que, se desse com a língua nos dentes, ia arranjar problemas...

Creet: Bem, acabei por descobrir sozinha.

Mickey: Pois, creio que o Doutor sabia do que estava a falar e ele apenas quis... *(Tossindo)* ... oh, não sei, mas a questão é: para quê preocupares-te com isso? Creet: Não me estou a preocupar... mas gosto de ter as coisas bem explicadas, percebes? É interessante para mim, porque continuo intrigada, mas... Mickey: Mas, com certeza, uma estrada em linha reta é muito aborrecida! Uma que nos obriga a dar umas voltas é muito mais interessante...

Creet: Mas ele é um maroto, Mickey...

Mickey: Claro que é, mas tu também és!

Flint / Creet: *(Risos audíveis)*

Creet: O que é que ele está a fazer comigo? Podes dizer-me?

Mickey: Ele está a tentar ajudar-te... a dar-te informações e provas, e a guiar-te no caminho do progresso espiritual e mental. Mas, claro, isso tem de ser feito da forma correta, não da forma que tu pensas.

Creet: Percebo.

Mickey: Tu queres saber tudo de uma vez, de armas e bagagens!

Creet: Sim. Entendo.

Mickey: Tens de receber as coisas aos poucos... Além disso, pensa na diversão que é resolver o quebra-cabeças; vais encaixando as peças e começas a ver a imagem completa.

Creet / Flint: *(Risos)* Mickey: Adeusinho!

Creet: Adeus, querido.

Flint: Adeus.

ELIZABETH FRY

A AUSÊNCIA DE LÍDERES NO ALÉM

Em 29 de abril de 1963, manifestou-se na sala de sessões de Leslie Flint uma voz que afirmava ser a de Elizabeth Fry (1780-1845), a corajosa Quaker recordada pela sua luta na reforma das terríveis condições das prisões britânicas. Elizabeth

Fry é uma figura de tal importância histórica que a sua efígie chegou a figurar na nota de £5 do Reino Unido, em reconhecimento ao seu papel como a maior reformadora penal da Europa.

Elizabeth Fry: "O que estou a tentar dizer é que não existem líderes propriamente ditos. Temos uma organização que é subtil e, ao mesmo tempo, natural, porque aqui ninguém dá ordens no sentido que vocês conhecem. Temos grupos de almas que realizam tarefas específicas, mas todos percebemos automaticamente, no nosso íntimo, qual é a nossa parte e que trabalho temos de fazer; compreendemos que estamos todos entrelaçados. Creio que todos temos uma consciência profunda desta unidade de espírito.

Aqui, ninguém se glorifica por ser um líder, ao passo que no vosso mundo, nas organizações religiosas e políticas, existe essa glorificação do indivíduo. A primeira coisa que uma pessoa deve aprender, se quiser progredir deste lado, é perder a ideia da autoimportância. Quem realmente progrediu deste lado nunca, jamais, dá essa impressão, porque não faz parte da sua natureza parecer, ou querer parecer, importante.

Tudo o que falamos, tudo o que fazemos, é feito com base no amor pleno e na harmonia uns com os outros. Ninguém quer substituir ninguém. Toda a nossa influência é para o bem e através do amor; portanto, não temos uma organização formal como a vossa. Não reconhecemos líderes no sentido em que vocês o fazem."

STEPHEN WARD

29 de Agosto de 1963

"Eu admito que fui um tolo."

Esta é a primeira comunicação bem-sucedida de Stephen Ward - registada apenas algumas semanas após a sua morte. Ele comunica com dificuldade no início, até que a sua voz se torna mais forte. Falando com Rose Creet nesta primeira gravação curta mas fascinante, Stephen revela os sentimentos que tem em torno dos eventos que levaram à sua morte.

Flint: [Esta sessão foi gravada] na quinta-feira, 29 de Agosto. Leslie Flint médio.

Ward: Boa noite.

Creet: Sim? Olá? Alguém está a tentar falar...

Ward: Sim, muito. É muito estranho.

Creet: Sim?

Ward: Olá? Olá? Olá? Olá?

Creet: Viva?

Ward: Boa noite.

Creet: Boa noite para si.

Ward: Boa noite.

Creet: Sim?

Ward: Não sei se vou conseguir falar muito bem.

Creet: Oh, eu consigo ouvi-lo...

Ward: É tudo muito novo, muito novo.

Creet: O quê?

Ward: Isto tudo é muito novo para mim.

Creet: Muito novo?

Ward : Eu não entendo...

Creet: Sim?

Ward: ...muito sobre isto.

Creet: Não, mas se você...

Ward: mas eu... fui trazido aqui.

Creet: Ah, sim?

Ward: Fui trazido aqui por... [*suspiro*]

Creet: Pelo doutor Marshall?

Ward: Sim, esse é o nome dele.

Creet: Ah, sim?

Ward: Muito gentilmente...

Creet: O quê?

Ward: ...trouxe-me aqui. [*suspiro*]

Creet: Sim? Experimente falar.

Ward: Como tudo é estranho. Que estranho.

Creet: Que estranho, hein. Sim, mas você acostuma-se. É novo para você agora.

Ward: Eu muito...

Creet: Sim?

Ward: [*suspiro*] Lamento muito...

Creet: Sim?

Ward: As circunstâncias da minha morte.

Creet: Eu sei quem é!

Ward: Eu...

Creet: Sim?

Ward: Eu...

Creet: Eu sei. Eu acho que é...

Ward: Eu não tinha intenção...

Creet: Pois.

Ward: Eu não tinha intenção...

Creet: Pois, oh...

Ward: Eu brinquei com a ideia...

Creet: Ah, eu entendo...

Ward: Mas eu realmente não pretendia...

Creet: Não. Mas não está muito mais feliz?

Ward: Eu não entendo isto, mas falaram-me sobre este tipo de coisa. Eu tinha ouvido falar sobre isso, é claro. Mas uma vez, muitos anos atrás, tive uma espécie de experiência, mas não sei bem se a pessoa era médium, se era adivinha ou o quê.

Creet: Bem, você...

Ward: Mas, mm, isto tudo é muito estranho, sabe.

Creet: Vai ser muito estranho. É estranho para todos.

Ward: Tantas pessoas estiveram a...

Creet: Então...

Ward: ... pensar em mim de várias maneiras; bem, mau e equivocadamente...

Creet: Eu, não consegui entender.

Ward: Sinto muito, mas não posso dizer muito...

Creet: Tudo bem, nunca...

Ward: ...Talvez eu conseguisse...

Creet: É...

Ward: ...noutra hora, mas...

Creet: Sim.

Ward: ...é tão extraordinário poder falar desta maneira. Eu... eu nunca acreditei em tudo isto. Eu... eu tinha algumas ideias vagas sobre isto, mas...

Creet: Sim.

Ward: ...é tudo tão extraordinário. Eu, eu, eu, eu...

Creet: Sim?

Ward: Eu percebo que é um pouco tarde...

Creet: Oh não, nunca é tarde demais. Stephen Ward, não é? É você Stephen?

Ward : Sim. Como soube? Eu não disse quem era.

Creet: Eu sei que não, não. Mas você já esteve em...

Ward: Isto tudo é tão extraordinário...

Creet: [*riso*]

Ward: Eu quis, caso fosse possível, estabelecer contato com as pessoas, mas...

Creet: Pois.

Ward: ...claro, que tenho...

Creet: De qualquer forma, isso... olhe...

Ward: ...a minha consciência limpa.

Creet: Tenho certeza que sim. Eu sempre...

Ward: Admito... Admito que fui um tolo.

Creet: Pois.

Ward: Mas não mais tolo do que muitos outros homens na minha posição.

Creet: Embora você não fosse...

Ward: Claro...

Creet: Você fez muito bem.

Ward: ...tentei fazer o que pude, mas em certas coisas de que fui... fui acusado, não era verdade...

Creet: Pois.

Ward: ...e diversas coisas que... que eram verdade e eu fiz certas coisas por ter sido atormentado no sentido de as fazer, para ajudar...

Creet: Sim.

Ward: ...e não gostava de recusar. Mas, claro que cometi os meus erros, quem não... quem não os comete? Mas, muito do lixo sobre o qual eles falaram e publicaram é, é, é inteiramente falso. Eu, eu, eu, estou bastante certo de que fui usado.

Creet: Pois.

Ward: Em mais que uma maneira. Eu não culpo ninguém. Eu não tenho qualquer ressentimento. Eu, eu, eu...

Creet: Você nunca...

Ward: ... Eu não guardo rancor de ninguém.

Creet: Não.

Ward: Mas acho que deveria ter enfrentado - aguentado.

Creet: Sim. Você gostava de ter aguentado?

Ward: Eu deveria ter resistido, mas estou bem agora. Mas talvez...

Creet: Ah, de qualquer forma...

Ward: ...mas talvez eu possa vir um destes dias e falar consigo sobre isso.

Creet: Eu adoraria, uh... Doutor...

Ward: O Dr. Marshall e diversos outros amigos aqui foram muito gentis comigo, pelo que preciso tentar falar consigo de novo. Eu sinto que há uma grande simpatia...

Creet: Sim.

Ward: Mas quero agradecer, não só a si, mas a todos quantos me dirigiram pensamentos e orações. Eles ajudaram. Muito obrigado. Voltarei a falar consigo, se puder, numa noite destas, quando estiver mais acostumado a este tipo de coisa. Adeus.

Creet: Oh, por favor... por favor, faça isso. Adeus.

Dr. Marshall: Achei que seria do seu interesse. Tenho tentado convencê-lo a vir e acho que isso também o ajudará. Ele está muito mais... muito mais estável agora.

Creet: Ah, está?

Marshall: E se ele vier falar de vez em quando, isso poderá ser uma grande ajuda para ele. Vou esforçar-me por o trazer...

Creet: Ah, sim, por favor, deixe-o vir, meu caro doutor.

INÁCIO

20 de Maio de 1968

"A morte é apenas uma porta pela qual todos nós passamos."

Falando a princípio num estilo quase Bíblico, Inácio fala da sua fuga dos confins do seu mosteiro aos 63 anos de idade, para estabelecer sua própria missão espiritual. Lá, ele foi inspirado por espíritos antigos para ensinar um novo sistema de crenças, que irritou a fé Católica Romana estabelecida. Inácio e os seus seguidores foram perseguidos, alguns foram mortos ou presos e a sua nova igreja foi destruída. Embora a sua identidade exacta seja incerta, as suas palavras sugerem uma semelhança com a figura histórica Inácio de Antioquia, que foi levado a Roma por soldados para ser morto por leões numa arena pública, por causa das suas crenças.

Mickey: [Como têm] passado, bem?

Greene: Sim, adorável Mickey.

Woods: Sim, obrigado Mickey.

Mickey: Óptimo.

Woods: Estamos muito bem.

Mickey: Como correm as vossas gravações?

Woods: Ah, muito bem. Nós estivemos toda a semana nisto.

Greene: Temos enviado muitas, Mickey.

Mickey: Ah sim?

Woods: Sim, eles responderam do Canadá, a dizer que as têm reproduzido para as pessoas e...

Greene: Estão muito satisfeitos com elas.

Woods:... eles estão muito satisfeitos com elas.

Mickey: Bem, isso é interessante.
Woods: É.

Mickey: Como estão a fazer um bom trabalho, porquê preocupar-se?

Woods: Não. Continuaremos a enviá-las... um senhor veio pela manhã... ontem de manhã para escutar, uh... umas gravações. Estou a reproduzir algumas para ele também. Ele está a reproduzi-las, uh... tocá-las para muita gente.

Greene: Não sabemos se o lote da África do Sul já recebeu as suas gravações. Esperamos que as tenham recebido. [Tosse]

Greene: Não tanto quanto gostaríamos, Mickey. [Som de tráfego a passar]

Inácio: Vocês conseguem ouvir?

Madeiras: Sim. Nós ouvimos muito bem.

Greene: Ouvi muito bem, obrigado.

Woods: Obrigado por ter vindo.

Inácio: Devem ter mesmo muita paciência...

Woods: Sim?

Inácio:... pois o que nós deste lado nos esforçamos por fazer não é fácil e o método que se usa é difícil.
Woods: Pois.

Inácio: Muitas vezes pensei que, se fosse possível comungar convosco, o quanto eu gostaria de transmitir as coisas que são verdadeiramente do espírito. Vocês foram enormemente abençoados, por terem recebido uma visão do reino do espírito e a manifestação do poder do espírito.

Mesmo assim, muito não pode ser revelado. As palavras da carne não conseguem transmitir a visão do espírito. Aquilo que desejamos dar-lhes é limitado pelo próprio facto e condição das coisas Terrenas. Mas em breve, é o desejo de muitos de nós aprender a superar as limitações da carne e expor o caminho da iluminação e da verdade, que muitos que buscam verdadeiramente encontrarão. Quando eu, há séculos atrás, andei e estive na vossa Terra, tinha sempre a minha mente aberta para receber. E, no entanto, deparei-me com muitas barreiras causadas pela tolice e pela ignorância. Embora eu me tenha esforçado na minha própria luz e maneira por descobrir mais sobre a vontade de Deus, o caminho não foi fácil.

Havia muitos ao meu redor e à minha volta, como eu, e ainda assim eram-nos aplicadas muitas pressões. Estávamos presos aos ensinamentos da Igreja e apegamo-nos de tal maneira que foi difícil. Por conseguinte, na privacidade da própria cela, só então alguém poderia abrir o coração e a mente às coisas do espírito, na sua plenitude. O ritual que tínhamos de seguir, por mais rígido que fosse, deixava-nos pouco tempo para podermos comungar no que você diriam à ‘maneira do espírito’. E, no entanto, as nossas vidas, dedicadas à veneração e à oração, tornaram possível uma quietude mental e a recepção de coisas espirituais. Mas não era até que podermos retirar-nos para a privacidade da nossa própria cela que poderíamos esperar ter a verdadeira manifestação do poder do espírito.

Há anos e anos atrás - há muito, muito tempo atrás - houve uma ordem fraterna de homens que se reunia para podermos buscar e encontrar a verdade. Mas antes disso, éramos limitados pela Igreja e pelos seus ensinamentos, pela regra e método rígidos há muito estabelecidos. Eu próprio tive a visão e a manifestação do espírito e senti-me cada vez mais ‘encurralado’ pela Igreja a ponto de achar difícil transmitir o meu novo conhecimento e verdade aos meus irmãos. Em consequência, aos sessenta e três anos, decidi - embora isso implicasse na morte - assumir tal tarefa e tal risco.

Saí e parti a meio da noite, para longe daqueles que tinham sido meus companheiros durante tanto tempo. Percebi que, ao fazer isso, estava a romper com os meus votos. E eu estava a expor-me, por assim dizer, a todo tipo de dificuldade e perseguição no mundo exterior. Pois se eu tivesse sido descoberto, isso significaria a morte. Porquanto romper os votos e deixar, como eu deixei, o mosteiro em que passei tantos anos, implicava num grande perigo. Mas percebi que para mim era coisa essencial seguir pelo mundo, buscar para mim uma

oportunidade de transmitir os meus ensinamentos novos que eu encontrara. Na verdade, fui instruído numa meditação na minha cela - a minha alma foi removida da Terra - no sentido de fazer o que fiz.

Levei muito tempo a tomar essa decisão e saí a meio da noite, e a coberto da escuridão para a luz - para a luz do pensamento material e da vida diária, muito distante do meu antigo ambiente. Mas não ousei, durante vários dias, dar-me a conhecer por forma nenhuma. Eu sabia que se pregasse ou me tornasse visível, na área em que o mosteiro estava situado, certamente seria levado a tribunal e condenado à morte. Então viajei muitos, muitos quilómetros, sob o manto da escuridão, até chegar à parte norte do país - muito longe do meu antigo lar. E lá estabeleci uma missão.

Aí abri... a minha boca, para que me ouvissem derramar a palavra do espírito. Pois fui usado e controlado, como vocês diriam na vossa linguagem moderna, por almas que estavam nos reinos espirituais por muitos séculos. E transmiti os ensinamentos do Cristo vivo e a realidade do espírito e o poder do espírito e da sua manifestação. E viajei de lugar em lugar; a curar os enfermos e a transmitir os ensinamentos da vida eterna, e não fui molestado. E muitos foram os que vieram e se reuniram ao meu redor. E reunimos diversas almas que se tornaram seguidores e irmãos. E nós prosseguimos e começamos a construir um pequeno lugar para nós. E construímos, aí, uma casa dedicada ao espírito.

Não estávamos apegados ou ligados à Igreja. E, em consequência, trouxemos sobre nós a ira da Igreja. E fomos perseguidos, mas mesmo assim continuamos. E embora fôssemos injuriados, não estávamos excessivamente preocupados. E muitos da área em que construímos a nossa igreja vieram até nós para os ensinarmos e curarmos e entraram numa nova forma de comunicação, numa nova compreensão das leis do mundo vindouro.

O poder do espírito manifestou-se fortemente entre nós e juntos constituíamos uma irmandade - de tal maneira que estou convencido de que, se pudéssemos ter continuado, teríamos finalmente trazido de volta à Igreja o que há tanto tempo se perdeu. Mas depois da minha morte, embora tenha durante um tempo continuado, foram... foram decretadas novas leis e surgiu um novo Papa, cujos decretos eram severos e duros. E o que havíamos construído foi demolido e os povos dali dispersaram-se. Alguns foram condenados à morte e outros foram presos. E aquilo que havia começado, com tanta fé, tinha-se perdido para sempre.

Mas foi, conforme o vejo agora ao olhar para trás, a ressurreição, por assim dizer, da Igreja. Mas não teve permissão para prosseguir. O poder da Igreja ortodoxa do meu tempo era forte e, consequentemente, devido a nos termos

tornado num corpo mais forte - não mais forte que a Igreja, mas por nos termos tornado fortes em nós próprios, pela nossa fé e pelo nosso conhecimento.

Mas, por termos sido capazes de realizar muitas das coisas que Jesus disse que deveríamos fazer em seu nome, vimos, em consequência, as nossas vidas tornadas intoleráveis. Essa sempre foi a verdade, é claro; que aqueles que se destacassem das trevas do materialismo, e abrissem seus corações para o Deus vivo e manifestassem o poder do Espírito Santo dessa forma na Terra, deveriam ir contra a autoridade - o poder material da religião ortodoxa. E sempre foi assim. Embora grandes homens possam surgir e praticar grandes obras, invariavelmente, tem sido provado repetidas vezes que a luz que eles trazem; embora brilhe, com o tempo é reduzida pelas forças materiais.

Mas eu vejo-os a uma luz semelhante: a tentar trazer esclarecimento à escuridão do vosso mundo, a manifestar o poder do espírito, a produzir e a distribuir por todas as partes do vosso globo. Isso opera um enorme bem e abre os olhos de muitos. Mas a Igreja ortodoxa e o seu poder são grandes e reprimem e dificultam-lhes a tarefa. Mas mesmo assim, saibam do seguinte: que vocês estão a esforçar-se e a fazer essas coisas [para] que outros possam ver essa luz, que há tanto tempo tem sido diminuída no vosso mundo, mas que não se apagará. Será verdadeiramente uma luz na escuridão para muitos e eles serão abençoados e conformidade.

Mas ao longo da história vocês encontrarão almas daquelas que estão em busca da verdade, e que em enorme dificuldade e adversidade, se esforçam e se empenham e realizam, mas percebem que os poderes do vosso mundo são muitos - particularmente aqueles que têm motivos para se ressentir daquilo que vocês fazem. O seu poder pode ser, no sentido material, grande. Mas o poder do espírito, em si, é maior e pode realizar muitas coisas. Não desanimem, pois. Mas saibam que aquilo que vocês fazem constitui realmente uma grande obra e muitos, em consequência, encontram alegria e paz [e] tranquilidade de espírito. E eles encontram para si uma nova vida e uma nova compreensão e uma nova força surge. Vocês são verdadeiramente abençoados.

O meu nome, por si só, pode significar pouco ou nada para vós. Eu fui conhecido como Inácio. Mas, hum... isso não lhes dirá nada. Há séculos, naquele país que vocês chamam de Itália, o poder da Igreja era grande, forte e poderoso e estava intimamente ligado ao Estado e, de facto, às casas e corpos reinantes em diferentes partes do país - que apoiavam a Igreja para os seus próprios fins e a Igreja apoiava esses homens de posição e grau nobre, para sua própria vantagem e avanço.

Para aqueles que eram simples e sinceros na sua simplicidade, que não buscavam a carne, mas o espírito [e] para aqueles como eu - não foi fácil produzir verdade, contra o poder da Igreja e dos apoiantes da Igreja. E, no entanto, posso dizer - apesar da minha idade, apesar dos muitos problemas e dificuldades, e apesar de todos os conflitos da época em que vivi - nós conseguimos. E muitos foram abençoados e muitos viram a luz e muitos desenvolveram aquelas faculdades espirituais das quais tantas vezes falávamos.

E eles, por sua vez, fizeram muito para ajudar os outros. Embora o nosso poder não devesse, porventura, durar; serviu, no seu devido tempo e lugar, a um propósito e muitos foram abençoados, como já disse, em conformidade. E muitos dos filhos que viriam a nascer numa geração futura, ao recordar aquelas coisas que haviam testemunhado, também, a seu modo e à sua própria maneira e no seu próprio tempo, saíram igualmente, como peregrinos no caminho da vida, a viajar por muitos países.

Embora tenhamos formado um corpo, embora tenhamos formado o que vocês chamariam de igreja - não uma igreja talvez no sentido em que vocês entendem o significado de igreja no vosso tempo, mas um grupo de homens sinceros e unidos, com afeição e fraternidade pela revelação de espírito - embora tenhamos perdido o material que havíamos construído, a mensagem da verdade prosseguiu. E assim eu penso, ao olhar de volta no tempo, que não é nos prédio, não é no edifício, não é na igreja nem no templo, não é na estrutura - não é nisso que o nosso poder e a nossa força residem - mas é nas estradas e nos atalhos, como nos foi dito pelo Mestre, que encontramos a nossa verdadeira igreja, a nossa verdadeira missão.

Não procuramos estar unidos no sentido material, mas verdadeiramente no sentido espiritual; irmãos em Cristo, irmãos na luz da revelação, pelo poder do Espírito Santo, a mensagem prossegue em frente. E aqueles que trilham o caminho diário, e fazem o que bem podem fazer com a força que lhes é dado fazer, alcançam muito no seu próprio tempo. Por isso, não desesperem. Embora pareça difícil e por vezes pouco promissor, aqui e ali vocês semeiam as sementes da retidão e da verdade, da luz [e] do esclarecimento. Vocês semeiam a semente da sabedoria, para que os homens possam ver, conhecer e compreender as realidades da vida.

A morte é apenas um portal pelo qual todos nós passamos. Mas se passarmos por esse portal chamado morte com percepção e compreensão, quando virmos que em nós próprios conquistamos muito antes de chegarmos a esse portal, então com efeito poderemos atravessá-lo e entrar na vida mais plena, com uma maior realização e compreensão, e prontidão. Essa é a razão, o propósito e o significado da nossa vinda, para que possamos preparar todos e cada um - de modo que toda a

alma que ouve a voz do espírito e de modo que a semente que é lançada à terra possa florescer em modo coração humano, e todos estejam, de facto, prontos para entrar e participar disso.

Em verdade, semear nas vossas vidas as sementes do bem, certamente essa é a razão, o propósito e o sentido da vida. Mesmo que vocês percam e percam muito materialmente, o que vocês ganham espiritualmente será mais do que uma compensação. É verdadeiramente a recompensa que vem. E quando chegar a hora de vocês entrarem no reino do espírito, poderá ser-lhes verdadeiramente dito, 'muito bem, meu verdadeiro e fiel servo.' Isso é tudo que importa.

Como eu sei muito bem, assim como muitos outros milhares, que não importa o que vocês recebam da carne e o que vocês alcançam no caminho material, mas o que vocês fizeram e alcançaram espiritualmente para os outros - através do esclarecimento daqueles que residem nas trevas, para que eles vejam a luz do espírito e sejam abençoados por ela.

Quando eu soube de vós, como eu tenho feito através de outros, quando eu percebi que vocês lutam e se esforçam, muitas vezes contra grandes dificuldades e ainda consegue muito, mais do que vocês jamais poderão suspeitar, é claro, pois vocês nem sempre pode saber e ver e perceber os resultados que foram produzidos pelos vossos esforços... você passam a verdade, você passam a tocha do conhecimento e outros levam-na por diante.

Isso não termina quando vocês terminam materialmente. De facto, haverá muitos outros que prosseguirão de onde vocês tiverem parado. Mas, em verdade, quando vocês terminarem a vossa tarefa, vocês verão e conhecerão com maior clareza. Virão uma visão e um conhecimento, que ainda lhes é negado. Essa será a vossa recompensa.

Não tenham dúvidas, nem receios. Tenham plena confiança no poder que os move e no poder que está ao vosso redor e que está sobre vós, e nos servos carinhosos que vêm com alegria nos seus corações ajudá-los. Não deixaremos de lutar pela humanidade e pelos que vocês fazem. Embora lhes possa parecer coisa pouca a vós, é maior do que vocês imaginam no efeito que tem. Somos todos peregrinos, somos todos instrutores, de certa forma. E alcançamos o que nos propusemos fazer, talvez nem sempre na plenitude da intenção e propósito que temos no coração, mas fazemos o que podemos fazer, conforme as circunstâncias permitem.

Mas percebam isto, meus filhos: que o que vocês fizeram constitui realmente uma grande obra. E o que ainda está por vir é ainda maior, e que em cada passo que vocês dão, vocês não estão sozinhos, mas são apoiados, estão cercados e são

sustentados por inúmeras almas cujo amor é grande e poderoso e, em consequência, vocês são verdadeiramente abençoados. Avancem nessa luta contra as coisas materiais com a percepção de que o poder do espírito os sustenta, os fortalece e os eleva. E que vocês são verdadeiramente, por assim dizer, os porta-vozes do espírito vivo. Essa é a vossa alegria e a nossa felicidade também. Juntos somos fortes e nada nos pode atingir.

Isso dá-me uma grande alegria, porque sou apenas uma, de facto, entre muitas, muitas almas. Muitas almas, de facto, que participam desta comunhão convosco, que os amam e trabalham convosco - talvez invisíveis, mas ainda assim fortemente convosco. Não nos preocupamos necessariamente com o nosso nome e posição, como pode ter sido ou foi. Alguns de nós, de facto, prefeririam que vocês não tivessem conhecimento das nossas existências materiais, porque é melhor assim. É a nossa mensagem que importa, aquilo que temos para lhes dar - a verdade viva, as palavras que não podem morrer, porque a sua realidade de espírito as torna indestrutíveis. Estas são as coisas que importam.

Somos apenas servos de almas superiores, somos os portadores de boas-novas. Estas coisas que lhes damos, essas são as realidades que vivem e ninguém pode destruir. Nós somos os portadores da mensagem. Vocês também são os portadores da mensagem - vocês enviam a mensagem do espírito onde puderem, para todos os que quiserem ouvir. Esta é a vossa tarefa e é uma tarefa que lhes traz grande alegria e satisfação. Verdadeiramente, somos abençoados juntos na nossa força e no nosso amor.

Dá-me uma grande felicidade, uma grande alegria vir até vós. E muitos são os que vêm comigo também, abençoá-los. Em verdade meus filhos, estamos a servir e a fazer a vontade do Altíssimo. Não temos motivos para dúvidas, receios nem arrependimento. Alcançamos à nossa maneira, por menor que lhes possa parecer a vós, mais do que vocês imaginam. Muitos, de facto, têm motivos para abençoar os esforços que são feitos. O meu amor e a minha paz estejam convosco, sempre. Adeus meus filhos.

Woods: Muito obrigado.
Greene: Muito, muito obrigado por esta conversa adorável.

Woods: Muito obrigado.

Mickey: [Num sussurro] Este é um do grupo que vem até vós. O nome dele é Inácio.

Flint: [Funga e tosse]

Greene: Obrigado, Mickey.

Woods: Obrigado, Mickey - muito obrigado, Mickey.

Mickey: Sabem, acho que vocês nunca poderão perceber, nem qualquer um pode, aliás, quem estão realmente imersos, como vocês poderão dizer, neste trabalho, a quantidade de pessoas que se interessam. Quero dizer, é natural quando vocês estão sentados em círculo e estão a desenvolver-se ou trabalham como médiuns, vocês conhece, um certo número de pessoas e associam-se a elas, percebem que a razão e o propósito do que vocês têm que fazer e é muito importante para vós e se esforçam e por vezes desanimam e tudo o mais, mas mesmo assim vocês prosseguem...

A questão é que há milhares de pessoas realmente. Porque, hum, embora vocês possam conhecer, digamos, meia dúzia, mas podem apostar pela vossa vida que eles representam justo centenas e centenas de outros, que, por várias razões não são dadas a conhecer, que trabalham por trás dos bastidores e transmitem as suas mensagens e pensamentos e... por outras palavras, eles servem a todos os níveis, sabem.

Greene: Pois?

Mickey: De qualquer forma... vocês continuem com o bom trabalho, hein?

Woods/Greene: Sim!

Mickey: Mantenham o queixo erguido e não caia na depressão George, você ainda tem alguns anos pela frente, sabe!

Woods: Ah, eu sei. Eu, uh... tudo que eu quero é fazer o trabalho.

Mickey: Sim e, hum... cuide da sua dieta. Tchau tchau!

Greene: Tchau Mickey.

Flint: Adeus!

Greene: Muito, muito obrigado...

Woods: Obrigado.

Flint: Cuide da sua dieta? Você está de dieta?